PAZ E TERRA FICÇÃO

13ª Edição

ZEN E A ARTE DA MANUTENÇÃO DE MOTOCICLETAS

UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE VALORES

ROBERT M. PIRSIG

UM DOS DEZ MELHORES LIVROS DA DÉCADA · TIME MAGAZINE

ZEN E A ARTE DA MANUTENÇÃO DE MOTOCICLETAS

(Uma investigação sobre valores)

Robert M. Pirsig

Tradução de
Celina Cardim Cavalcanti

“O verdadeiro veículo que conduzimos é um veículo chamado ‘nós mesmos’.”

“O estudo da arte da manutenção de motocicletas é realmente um estudo em miniatura da arte de auto-racionalização. Reparando uma motocicleta, trabalhando bem, com cuidado, tornamo-nos parte de um processo cujo fim é alcançar uma íntima paz de espírito. A motocicleta é principalmente um fenômeno mental.”

Robert M. Pirsig

Para minha família

O que é bom, Fedro,
E o que não é bom —
Será preciso pedir a alguém que nos ensine isso?

PRIMEIRA PARTE

Capítulo 1

Pelo meu relógio, sem soltar o punho esquerdo do guidom da motocicleta, vejo que são oito e meia da manhã. O vento, embora estejamos a noventa por hora, é morno e úmido. Se às oito e meia o tempo já está assim abafado e quente, imagine como não estará à tarde...

O vento traz um cheiro acre dos pântanos que margeiam a es-trada. Estamos numa região das Planícies Centrais com milhares de charcos onde é permitida a caça aos patos, e rumamos para noroeste, de Minneapolis para as Dakotas. Nesta rodovia antiga, de duas pistas, o movimento diminuiu bastante desde que inauguraram ao lado uma auto-estrada de quatro pistas, há vários anos. Quando passamos por um pântano, o ar refresca um pouco; depois, torna subitamente a esquentar.

É bom viajar novamente pelo interior. Esta é uma espécie de terra de ninguém, sem notoriedade alguma, e é justamente isso que atrai nela. Ao longo dessas estradas velhas, a gente se descontrai. E seguimos aos solavancos pelo concreto desnivelado, entre rabos-de-gato e trechos de campinas, mais rabos-de-gato e capim do brejo. De vez em quando, aparece uma certa extensão de água; se a gente olhar com atenção, consegue ver os patos selvagens, perto dos rabos-de-ga¬to. E as tartarugas também... Um melro de asas vermelhas!

Dou uma palmada no joelho de Chris e aponto para o pássaro.

— Que é? — berra ele.

— Um melro!

Ele diz alguma coisa que não entendo.

— O quê? — berro eu.

Ele me agarra a parte de trás do capacete e grita:

— Eu já vi uma porção desses bichos, pai!

— Ah! — respondo eu. Depois abano a cabeça. Aos onze anos, a gente não fica muito impressionado com os melros.

Para isso, é preciso ser mais velho. Os melros estão ligados a recordações minhas, que ele não tem. As manhãs frias do passado, quando o capim do brejo ficava castanho e os rabos-de-gato ondeavam, soprados pelo noroeste. O odor penetrante vinha, naquele tempo, da lama revolvida pelas botas de cano longo, enquanto nos posicionávamos, esperando o sol nascer e a temporada de caça aos patos começar. Ou então, os invernos, em que os pântanos ficavam congelados e sem vida, e eu caminhava sobre o gelo e a neve, entre rabos-de-gato mortos, vendo só céu cinzento, frio e morte. Nessa estação os melros sumiam. Mas agora, em junho, eles voltam, e tudo está mais vivo do que nunca, cada metro quadrado do pântano zunindo, cricrilando, zumbindo e chilreando, uma comunidade inteira, composta de milhões de seres vivos, vivendo suas vidas numa espécie de harmonia benfazeja.

Quando a gente passa as férias viajando de moto, vê as coisas de um jeito completamente diferente. De carro a gente está sempre confinada, e como já estamos acostumados, nem notamos que tudo que vemos pela janela não passa de mais um programa de televisão. Sentimo-nos como um espectador, a paisagem fica passando monotonamente na tela, fora do nosso alcance.

Já na motocicleta, não há limites. Fica-se inteiramente em contato com a paisagem. A gente *faz parte* da cena, não fica mais só assis¬tindo, e a sensação de estar presente é esmagadora. Aquele concreto zunindo a uns quinze centímetros da sola dos pés é real, é o chão onde se pisa, está bem ali, tão indistinto devido à velocidade que nem se pode fixar a vista nele; e, no entanto, para tocá-lo basta esticar o pé. A gente nunca se desliga daquilo que está acontecendo.

Chris e eu estamos viajando para Montana com um casal de amigos, que vão mais adiante. E pode ser que ainda cheguemos mais longe. Os planos são propositalmente vagos; queremos mais viajar do que chegar a algum destino. Afinal, estamos de férias. Preferimos vias secundárias. As melhores são as estradas pavimentadas municipais; depois, vêm as rodovias federais. As piores são as vias expressas. Queremos aproveitar o tempo, mas no momento concentramo-nos mais no “aproveitar” do que no “tempo”. Com esta mudança de ên¬fase muda também toda a perspectiva. As estradas sinuosas e íngre¬mes são mais longas em termos de tempo, mas bem mais agradáveis de percorrer numa moto, onde

a gente se inclina nas curvas, do que de carro, onde se é jogado de um lado para o outro dentro de um compartimento. As estradas menos movimentadas, além de mais agradáveis, são também mais seguras. As melhores estradas são aquelas sem drive-ins nem anúncios, onde se vêem arvores, pastos, pomares e capinzais que chegam até a beira do acostamento, onde crianças acenam quando a gente passa, onde as pessoas espiam das varandas para ver quem é, onde a gente pára para pedir uma orientação ou uma informação e a resposta geralmente é mais longa do que se espera, onde as pessoas perguntam de onde você vem e há quanto tempo está viajando.

Foi há alguns anos que minha mulher, eu e meus amigos começamos a compreender essas estradas. Entrávamos por elas de vez em quando, para variar um pouco, ou para alcançar outra via principal. Ao fazê-lo, gozávamos a paisagem magnífica e saíamos com uma sensação de relaxamento e prazer. Fizemos isso vezes sem conta, até percebermos o óbvio: essas estradas eram mesmo diferentes das principais. A personalidade e o ritmo de vida das pessoas que ali moravam eram completamente diferentes. São seres que não têm objetivos rígidos. Não estão ocupados demais para serem gentis. Sabem tudo sobre o "aqui" e o "agora" das coisas. Foram os outros, os que se mudaram para a cidade anos atrás e seus filhos perdidos que quase se esqueceram disto tudo. A descoberta foi um verdadeiro achado.

Fico pensando por que levamos tanto tempo para compreender. Víamos tudo, e no entanto, nada víamos. Ou melhor, estávamos acostumados a não ver, orientados para crer que a verdadeira atividade é a metropolitana e que tudo isto era apenas uma roça sem graça. Coisa intrigante. A verdade batendo à nossa porta, e a gente respondendo: "Vá andando, estou em busca da verdade." E aí ela vai embora. Realmente incrível.

Mas, ao alcançar a compreensão, decidimos que nada nos faria deixar estas estradas, fins de semana, tardes, férias. Passamos a ser verdadeiros aficionados dos passeios de moto em estradas secundárias e descobrimos nessas viagens que havia muita coisa para aprender.

Aprendemos, por exemplo, a localizar as estradas boas no mapa. Se a linha for sinuosa, é boa. Significa que há morros. Se a linha parece representar a rota principal de uma cidadezinha para uma cidade maior, a estrada não serve. As melhores geralmente são aquelas que ligam localidades sem grande importância, varian-

tes de uma via que corta caminho. Se você estiver saindo de uma cidade grande na direção noroeste, nunca siga a estrada durante muito tempo. Saia e comece a dar voltas, indo para o norte, depois para o leste, voltando a seguir para o norte; logo você se achará numa via secundária, usada apenas pelos habitantes do lugar.

O mais importante é aprender a não se perder. Como as estradas só são utilizadas pelos habitantes do local, que as conhecem a olho, ninguém reclama da falta de sinalização nos entroncamentos. E, mui¬tas vezes, não há mesmo sinalização; quando há, é só uma placa, ge-ralmente pequena e escondida no meio do mato. Os cartazistas de estradas municipais raramente repetem as placas. Se você não vir aquela plaquinha no meio do mato, o problema é seu — eles não têm nada com isso. Ademais, acaba-se percebendo que essas estradas não são corretamente representadas nos mapas rodoviários. Volta e meia você descobre que a sua estrada municipal leva a uma estradinha de duas trilhas, depois de uma trilha só, que acaba dando num posto ou no quintal de um fazendeiro.

Viajamos, portanto, mais na base da intuição e da dedução a partir dos indícios que encontramos. Levo no bolso uma bússola, es-pecialmente para os dias nublados, quando a gente não se pode orientar pelo sol; mantenho também um mapa montado numa arma¬ção especial sobre o tanque de gasolina, de modo a poder acompa¬nhar o número de quilômetros percorridos desde o último entron¬camento e identificar as referências. Munidos destes instrumentos, sem nenhum impulso de "chegar a algum lugar", tudo vai bem, te¬mos o país inteiro à nossa frente.

Nos fins de semana prolongados viajamos horas seguidas nessas estradas, sem ver nenhum outro veículo, e ao cruzar uma rodovia federal observamos a longa fila de carros engarrafados até a linha do horizonte. Dentro dos carros, rostos carrancudos. E crianças ber¬rando no banco traseiro. Fico querendo encontrar um jeito de lhes dizer alguma coisa, mas eles estão de cara fechada, parecem apressa¬dos, e não dá...

Já vi esses pântanos milhares de vezes, mas toda vez que os vejo eles me parecem novos. Não é certo chamá-los de benfazejos. A gente pode até dizer que eles são cruéis e insensíveis — e são mesmo — , mas a realidade deles supera as conclusões apressadas. Puxa! Um bando enorme de melros de asa vermelha alçando vôo dos ninhos entre os rabos-de-gato, assustados pelo barulho do nosso motor! Dou outra palmada no joelho de Chris... E aí me lembro que ele já viu os melros.

— Que foi? — grita ele de novo.

— Nada!

— Que é, hein?!

— Só estava vendo se você continuava aí — berro eu, silen¬ciando a seguir.

A menos que você goste de gritar, não vai poder conversar enquanto anda de moto. Em vez disso, passa o tempo tomando consciência das coisas e refletindo sobre elas: o panorama, os sons, o tempo, recordações, a moto, a região onde está. A gente pensa nas coisas com muita calma e vagar, sem pressa, sem aquela sensação de estar perdendo tempo.

Eu gostaria mesmo era de usar o tempo que temos para falar sobre umas coisas que me ocorreram. Andamos sempre correndo tanto que não temos muitas oportunidades para conversar. Daí aquela eterna superficialidade do cotidiano, aquela monotonia que faz com que, anos mais tarde, se fique imaginando o que foi feito do tempo, chateados porque tudo já passou. Como temos algum tempo agora, e sabemos disso, eu gostaria de me aprofundar em aspectos que me parecem importantes.

O que tenho em mente é uma espécie de chautauqua — é o único nome que tenho para isso — , à semelhança dos espetáculos itinerantes realizados no interior de tendas, as chautauquas, que atra¬vessavam os Estados Unidos, este mesmo país onde hoje vivemos. As chautauquas eram séries de palestras populares, muito em voga no século passado e em princípios deste século, que visavam edificar, divertir, aprimorar o raciocínio e fornecer cultura e informação ao espectador. Com o advento do rádio, do cinema e da televisão, que são meios de comunicação mais rápidos, as chautauquas foram extintas; só que, a meu ver, a troca não foi muito vantajosa. Talvez por causa desses progressos, a corrente da consciência nacional flui agora com maior velocidade e é mais caudalosa; entretanto, parece estar ficando cada vez menos profunda. Os velhos canais não conseguem mais contê-la e ela, na sua busca de novos caminhos, semeia a devas¬tação e a ruína ao longo de suas margens. Nesta chautauqua eu gosta¬ria não de eliminar os novos canais de consciência, mas simplesmente de aprofundar os canais antigos, que ficaram entupidos do lodo formado pelos escombros das idéias rançosas e dos chavões. “Quais são as novidades?” é a eterna pergunta, interessante e abrangente; mas, se só perguntarmos isso, obteremos uma série interminável de banali¬dades e

modismos, o lodo do futuro. Eu prefiro me preocupar em perguntar: “o que é melhor?” É um questionamento mais profundo do que abrangente, cujas respostas tendem a lançar o lodo correnteza abaixo. Houve épocas na história da humanidade em que os canais de pensamento eram muito superficiais, mas não havia remédio. Nada de novo acontecia, e o “melhor” era apenas uma questão de dogma.

Hoje não é mais assim. Agora, a corrente de nossa consciência comum parece estar obliterando suas próprias margens, perdendo a direção e o propósito principal, inundando baixios, isolando planaltos, sem outro objetivo senão o de realimentar-se prodigamente. Parece-me necessário aprofundar os canais.

John Sutherland e sua esposa, bem à frente de outros viajantes, entraram num local próprio para piqueniques à beira da estrada. É hora de descansar. Enquanto levo minha moto para perto da deles, Sylvia retira o capacete e sacode os cabelos, libertando-os, e John põe sua BMW sobre o descanso central. Ficamos em silêncio. Já via¬jamos juntos tantas vezes, que só de olhar um já sabe como o outro o está se sentindo. Agora estamos quietos, observando o local.

A esta hora da manhã os bancos para piquenique estão vazios. O lugar é todo nosso. John atravessa o capim em direção a uma bomba de ferro e começa a puxar água, para matar a sede. Chris vagueia entre as árvores, por trás de um banco de relva, em direção a um i córrego. Eu fico só apreciando o lugar.

Pouco depois, Sylvia vem sentar-se no banco de madeira. Estica as pernas devagar, uma de cada vez, sem erguer a vista. Quando fica assim, quieta durante muito tempo, é porque está melancólica. Faço um comentário a respeito, e ela me olha, tornando depois a fitar o chão.

— Foram todas aquelas pessoas naqueles carros, que vinham pela pista de descida — diz ela. — O primeiro parecia tão triste... O segundo também, o terceiro, o quarto, todos eles eram iguais!

— Eles estão só indo para o trabalho.

Ela é observadora, mas as coisas também não são tão terríveis assim.

— Trabalho, sabe como é — repito eu. — Segunda de manhã, aquele sono. Quem é que vai para o trabalho sorrindo na segunda-feira?

— É que eles pareciam tão perdidos... — diz ela. — Como se

estivessem mortos. Aquela fila parecia até um cortejo fúnebre. — E então descansa ambos os pés no chão.

Eu entendo o que ela quer dizer, mas é lógico que isso não leva a nada. A gente trabalha para viver; é o que eles estão fazendo.

— Eu estive observando os pântanos — comento. Após uma pausa, ela ergue os olhos e pergunta:

— O que você viu?

— Um bando inteiro de melros de asa vermelha. Eles levantaram vôo de repente, quando nós passamos.

— Ah!

— Gostei de ver aquilo outra vez. Os melros me fazem lembrar de uma coisa, sabe?

Ela reflete por um instante e, depois, tendo ao fundo o verde-escuro das árvores, dá um sorriso. Ela compreende uma linguagem especial que nada tem a ver com o que a gente está dizendo. É como se fosse uma filha.

— É. Eles são lindos — concorda ela.

— Procure prestar mais atenção neles.

— Está bem.

John aparece e verifica a carga da motocicleta. Ajeita algumas cordas, depois abre o alforje e começa a vasculhá-lo, colocando várias coisas no chão.

— Se precisar de corda, é só pedir — oferece ele. — Puxa, eu acho que aqui tem cinco vezes mais troços do que devia ter.

— Não estou precisando ainda — respondo.

— Fósforos? — diz ele, ainda remexendo no alforje. — Bronzeador, pentes, cordão de sapato... *Cordão de sapato*?! Que é que isso está fazendo aqui?

— Ah, não, *de novo*, não — implora Sylvia. Os dois trocam um olhar inexpressivo e depois olham para mim.

— Os cordões podem rebentar a qualquer momento — declaro, solenemente. Eles sorriem, mas não um para o outro.

Chris surge dentro em pouco; já é hora de partir. Enquanto ele se apronta e monta, John leva a moto dele até a estrada, e Sylvia se despede com um aceno. Entramos de novo na pista. Lá vão eles, já bem longe de nós.

A chautauqua que idealizei para esta viagem foi inspirada nesses dois, há muitos meses, e talvez, embora eu não tenha certeza, esteja ligada a um certo desentendimento oculto entre eles.

Creio que o desentendimento é comum em qualquer casamento, mas o caso deles parece ser mais grave. Pelo menos, para mim.

Não se trata de incompatibilidade de gênios; é algo diferente, pelo que não se pode culpar qualquer dos dois. Só que nenhum deles procura resolver o problema, e eu, por minha vez, não tenho solu¬ção, só umas idéias.

Elas surgiram com o que parecia ser uma pequena diferença de opiniões entre mim e John, num assunto sem maior importância: até que ponto alguém deve cuidar da manutenção da sua motocicleta. Parece-me natural e normal fazer uso dos pequenos estojos de fer-ramentas e manuais de instrução que vêm com a máquina, regulando-a e ajustando-a eu mesmo. John, porém, não concorda. Prefere entregar a moto a um mecânico competente, para que a regulagem seja bem feita. São pontos de vista bastante generalizados, e essa pequena diferença nunca teria aumentado de proporções se não viajássemos tanto juntos, parando nos bares de beira de estrada do interior para beber cerveja e conversar sobre o que nos vem à ca¬beça. Em geral, o que nos vem à cabeça é o que estivemos pensando na meia hora ou nos quarenta e cinco minutos que se passaram desde a última vez em que nos falamos. Quando conversamos sobre estra¬das, condições climáticas, gente, recordações ou notícias, a conversa se torna naturalmente agradável. Mas quando eu penso no desem¬penho da motocicleta e trago o assunto à baila, a conversa empaca, não progride mais. Ficamos quietos, interrompendo a seqüência da conversação. É como se fôssemos dois velhos amigos, um católico e outro protestante, tomando cerveja, gozando a vida, e de repente começássemos a falar sobre o controle da natalidade. Um gelo total.

E quando se descobre uma coisa dessas, é como se descobrisse um dente sem obturação. A gente nunca esquece o assunto. Põe-se a investigar, a desencavar, a revolver, a pensar sobre ele, não para dis-trair, mas porque ele não sai mais da cabeça. E quanto mais eu penso e remexo nesse negócio de manutenção das motos, mais irritado fica o John, o que, por sua vez, aumenta ainda mais a minha vontade de investigar o caso. Não de propósito, para aborrecê-lo, mas porque aquela irritação me parece um sinal de algo mais profundo, algo oculto, que não se percebe de imediato.

Quando se fala sobre controle de natalidade, o que faz com que a conversa esfrie não é uma questão de nascerem mais ou menos be¬bês. Isso é só aparente. Por baixo está um conflito de fé, um

choque entre o planejamento social empírico e a fé na autoridade de Deus, revelada pelos ensinamentos da Igreja Católica. Você pode apresen¬tar as vantagens da paternidade planejada até se acabar, que não vai adiantar nada, porque o seu oponente não parte do pressuposto de que tudo que seja prático em termos sociais é automaticamente bom. A bondade, para ele, provém de outras origens, que ele valoriza tanto quanto a conveniência social, ou até mais.

Com o John é a mesma coisa. Eu poderia provar o valor prático e a importância da manutenção das motocicletas até ficar rouco, que ele não se impressionaria. É só eu tocar nisso, que seus olhos ficam completamente vidrados, e ele ou muda de assunto ou olha para o outro lado. Simplesmente não quer falar a respeito.

Sylvia o apóia incondicionalmente. Aliás, ela é até mais dog¬mática do que ele. Quando está tranqüila, replica: "Eu acho que não é nada disso." Quando não, exclama: "Que besteira!" Eles não querem entender. Nem querem ouvir falar no assunto. E quanto mais eu tento compreender o que me faz gostar tanto de mecânica, e o que os faz odiá-la tanto, mais difícil se torna a coisa. A razão fundamental dessa diferença de opiniões, em princípio pequena, parece estar loca¬lizada num nível muito mais profundo.

Falta de capacidade da parte deles, não é. Os dois são bem inteligentes. Poderiam aprender a regular uma moto em uma hora e meia, se quisessem, e assim poupar tempo, dinheiro e preocupação. E eles sabem disso. Ou talvez não saibam, sei lá. Nunca os encosto contra a parede. E melhor deixar tudo como está.

Mas eu me lembro que uma vez, em frente a um bar em Savage, no estado de Minnesota, num dia de calor infernal, quase me traí. Ficamos no bar mais ou menos uma hora, e quando saímos as motos estavam tão quentes que quase nem se podia sentar nelas. Eu ligo a minha, e quando estou prontinho para sair, vejo o John acionando repetidamente o pedal do kick. O fedor de gasolina é tão forte que dir-se-ia estarmos ao lado de uma refinaria. Eu digo isso a ele, achando que é suficiente para informá-lo de que o motor está afo¬gado.

— Também estou sentindo o cheiro — confirma ele, conti¬nuando a quicar. E fica ali, quicando, quicando, saltando e quicando, e eu sem saber mais o que dizer. Por fim, ei-lo todo esbaforido, com a cara pingando suor, sem poder tentar mais nem uma vez. Sugiro então que retire as velas para que elas sequem e os cilindros arejem, enquanto a gente toma outra cerveja.

Ah, meu Deus! E não é que ele não queria se dar a todo aque-

le trabalho?!

— Mas que trabalho?

— Ah, tirar as ferramentas, essas coisas todas. A máquina não tem razão nenhuma para não pegar. E novinha em folha, eu sigo as instruções ao pé da letra. Veja, está com o afogador aberto, como eles recomendam.

— Afogador aberto?

— É o que recomendam as instruções.

— Isso a gente faz quando o motor está frio!

— Mas estivemos no bar uma meia hora, pelo menos — justi¬fica ele.

Aquilo mexeu comigo.

— John, hoje está quente. O motor leva mais tempo para es¬friar mesmo num dia gelado.

Ele coça a cabeça.

— Bom, mas por que não avisam isso no manual? — Fecha o afogador, e a moto pega na segunda tentativa. — É, acho que era isso mesmo — reconhece, alegremente.

No dia seguinte, a gente ainda ali por perto, aconteceu a mesma coisa. Dessa vez resolvi não dizer nada, e quando minha esposa veio me pedir para ajudar o John abanei a cabeça, dizendo que ele não ia querer ajuda, a menos que sentisse mesmo necessidade. Aí, sentamo-nos na sombra e esperamos.

Percebi que estava sendo super educado com a Sylvia enquanto quicava, sinal de que estava furioso. Ela observava com uma expressão aflita. Se John tivesse feito ao menos uma pergunta, eu estaria lá num segundo para examinar o caso; mas ele não disse nada. A moto levou uns quinze minutos para pegar.

Mais tarde, quando novamente paramos para tomar cerveja, em Lake Minnetonka, todos estavam conversando, menos ele. Percebi que John tinha algum problema, mesmo depois de todo aquele tempo. Para desenrolar a meada, provavelmente, afinal desembuchou:

— Sabe, quando a moto não pega desse jeito, eu fico pra morrer. Fico simplesmente desvairado. — Parece que essa declaração o aliviou, e ele prosseguiu: — Acho que tinha só essa máquina na loja, esse abacaxi. Não sabiam o que fazer dela, se devolviam pro fabricante ou vendiam pro ferro-velho, ou... Aí, na última hora, apareço eu, com oitocentos paus no bolso, e resolvo o problema.

Repeti minha cantilena sobre a manutenção, e ele faz o maior esforço para escutar. Às vezes, até que se esforça bastante. Mas aí

voltou o bloqueio, e ele foi até o bar pedir outra rodada para todos. O assunto estava encerrado.

Ele não é teimoso, nem bitolado, nem indolente, nem estúpido. Não havia uma explicação imediata. E a coisa ficou em suspenso, uma espécie de mistério que a gente desiste de decifrar porque não vê sentido em ficar procurando uma resposta que não existe.

Ocorreu-me que talvez o errado fosse eu, mas depois descar¬tei também essa hipótese. A maioria dos motociclistas de turismo sabe ajustar suas respectivas máquinas. Os motoristas geralmente não gostam de mexer no motor do seu veículo, mas em qualquer cidade, por menor que seja, existe uma oficina com elevadores sofisticados, ferramentas especiais e equipamento de diagnóstico que a média dos proprietários de automóveis não pode comprar. E o motor dos carros é muito mais complexo e impenetrável do que o das motocicletas; por isso, é mais lógico que se conheça o motor de uma moto. Para a moto do John, porém, uma BMW-R60, eu aposto que não existe um mecânico sequer daqui até Salt Lake City. Se os platinados ou as velas queimarem, ele está perdido. Eu sei que John não tem platina¬dos sobressalentes. Aliás, nem sabe o que é um platinado! Se a máquina quebrar no oeste da Dakota do Sul ou de Montana, não imagino o que vai fazer. Talvez venda a moto para os índios. Agora, eu sei o que ele está fazendo: está evitando cuidadosamente pensar no assunto. A BMW é famosa por não apresentar problemas mecânicos na estrada, e é com isso que ele está contando.

Eu poderia ter pensado que essa maneira de agir do John e da Sylvia se relacionava apenas com as motocicletas, mas mais tarde descobri que incluía outras coisas... Certa manhã, na cozinha deles, enquanto esperava que se aprontassem para uma de nossas viagens, percebi que a torneira da pia estava pingando, e me lembrei que já a vira pingando da última vez que tinha ido lá, e que, aliás, já vinha pingando há um bom tempo. Falei com o John, que disse ter tentado consertá-la, trocando a arruela, sem obter qualquer resultado. E ficou nisso. Subentendia-se que o assunto terminava ali. Se a gente tenta consertar uma torneira, e o conserto não dá certo, é porque nosso destino é viver de torneira quebrada.

Comecei a imaginar se eles não se incomodavam com aquele pinga-pinga, semana após semana, ano após ano; mas como não percebi nenhum sinal de irritação nem de preocupação, concluí que simplesmente não se importavam com coisas como o vazamento de torneiras. Tem gente que não se importa com isso.

Não me lembro o que me fez mudar de opinião... Alguma intui-ção, uma descoberta, certo dia, talvez uma leve alteração no humor de Sylvia quando os pingos faziam muito barulho enquanto ela ten¬tava falar. A voz dela é muito suave. Um belo dia, procurava elevar a voz acima do ruído da torneira, e aí chegaram as crianças, interrompendo-a. Sylvia descontrolou-se e gritou com as crianças. Tive a impressão de que aquela raiva toda contra os garotos não teria sido tão grande se a torneira não estivesse pingando enquanto ela tentava falar. Explodira ante a combinação do ruído do vazamento com a algazarra das crianças. O que me causou espanto na ocasião foi que ela evitou pôr a culpa na torneira. Mas não estava ignorando aquela torneira, isso não! Estava era reprimindo a raiva que sentia. Na verdade, aquele pinga-pinga irritante a deixava furibunda! No en¬tanto, por alguma razão, ela não conseguia admitir a importância desse fato.

Por que alguém reprimiria a raiva contra uma torneira quebrada?

Senti então que aquilo combinava com a história da manutenção das motocicletas; aí acendeu-se na minha cabeça uma daquelas lampadazinhas, e eu exclamei: “Aaaahhhhh!”

Não se trata da manutenção das motocicletas, nem das torneiras. É a tecnologia como um todo que eles não aceitam. Então todas as peças se encaixaram nos seus devidos lugares, e eu entendi tudo. A irritação de Sylvia com um amigo que achava a programação de computadores um trabalho “criativo”. Os desenhos, pinturas e fotos sem qualquer vestígio de tecnologia. É claro que Sylvia não ia demonstrar a raiva que sentia da torneira, pensei. A gente sempre reprime uma raiva momentânea contra coisas que detesta de maneira pro¬funda e incondicional. É claro que o John vai se esquivar sempre que surgir o assunto do conserto das motos, mesmo que isso obviamente o faça sofrer. É tudo tecnologia. É claro, notório, cristalino! Quando a gente percebe, fica bem mais simples. Fugir da tecnologia para o interior, em busca do sol e do ar fresco é a principal razão pela qual viajam de moto. Creio que mencioná-la exatamente no lugar onde eles pensam que finalmente escaparam da tecnologia literalmente os paralisa. Eis porque a conversa sempre se interrompe e esfria quando se toca no assunto.

Outras coisas também se encaixaram. De vez em quando eles falam, com palavras sentidas, tão poucas quanto possível, sobre “isso”, ou “isso tudo que está aí”, em frases como: “A gente simplesmente não pode escapar disso.” E se eu perguntar “de quê”, a

resposta será: "dessa coisa toda", "dessa máquina toda", ou então, "do sistema".

Sylvia certa vez se defendeu assim: "Bom, você sabe como lidar com isso", resposta que me deixou tão cheio de mim na época, que me senti constrangido de perguntar o que era "isso", permanecendo, portanto, um pouco intrigado. Pensei que fosse algo mais misterioso do que a tecnologia. Agora vejo, entretanto, que "isso" é principal¬mente, senão inteiramente, a tecnologia. Tal resposta, porém, não me pareceu satisfatória. "Isso" é uma espécie de força que dá origem à tecnologia, algo indefinido, mas desumano, mecânico, sem vida, um monstro cego, uma força mortal. Algo hediondo de que eles tentam fugir, sabendo que é inevitável. Estou pintando o quadro com cores um tanto sombrias, mas, de uma maneira menos enfática e definida, a tecnologia é assim. Existem os que a compreendem e a controlam, mas esses são tecnólogos, que descrevem suas funções numa linguagem desumana. Ficam citando partes e relações entre elementos desconhecidos, que nunca fazem sentido, não importa quantas vezes já se tenha ouvido falar neles. E essas coisas, esse monstro, continuam devorando a terra e poluindo o ar e os lagos; não há como fazê-las recuar, nem como escapar a elas.

Não é difícil assumir tal posição. E só entrar na zona industrial de uma cidade grande, que se poderá contemplar a tecnologia, nua e crua, cercada por altas cercas de arame farpado, portões trancados, avisos de ENTRADA PROIBIDA, além dos quais se divisam, envolvidas pelo ar poluído, estranhas formas de metal e tijolos, de propósito desconhecido, cujos donos jamais serão vistos. Não sabemos para que servem, nem por que estão ali, e ninguém sabe informar. Portanto, sentimo-nos alienados, exilados numa terra estranha. Aqueles que possuem e compreendem aquelas coisas não nos querem por perto. Essa tecnologia toda, de certo modo, faz a gente se sentir um estrangeiro na nossa própria terra. Até a sua forma, aparência e mistério convidam-nos a bater em retirada. Sabemos que há uma explicação em algum lugar, e que, sem dúvida, a humanidade tira algum proveito disso tudo, mas só vemos os cartazes PROIBIDO ENTRAR, PROPRIEDADE PARTICULAR, e nada que sirva às pessoas; pelo contrário, vemos pessoas, pequenas como formigas, servindo a essas formas misteriosas e incompreensíveis. E aí a gente pensa: "Se eu fizesse parte de tudo isso, se eu não fosse um estranho, seria apenas outra formiga servindo a essas formas." E assim, resta um sentimento de hostilidade, que creio ser o que se manifesta na maneira de pensar de meus amigos;

não há outra explicação. Qualquer coisa que se relacione a válvulas, eixos ou chaves faz parte da¬quele mundo desumanizado que eles querem esquecer e do qual não querem fazer parte.

Nesse caso, eles têm companhia. Não resta dúvida de que seguiram seus instintos naturais, não tentaram imitar ninguém. Muitos ou¬tros, porém, também estão seguindo seus instintos naturais, sem imitar ninguém, e os sentimentos de várias pessoas se coadunam nesse particular, de modo que, quando observados de um ponto de vista coletivo, como o da imprensa, parecem constituir um movimento de massas, um movimento antitecnológico, toda uma esquerda antitecnológica emergente, assomando sabe-se lá de onde, e dizendo: "Parem com a tecnologia! Levem-na para outro lugar! Tirem-na daqui!" Esse movimento é ainda contido por um tênue fio de lógica, a lembrança de que sem fábricas não há empregos nem padrão de vida. Existem, contudo, forças humanas mais fortes que a lógica; sempre existiram, e se se tornarem mais intensas nesse ódio à tecnologia, o fio poderá partir-se.

Inventaram e continuam a inventar clichês e estereótipos como beatnik ou hippie para designar os antitecnólogos, os oposicionistas do sistema. Todavia, não se transformam indivíduos em massas simplesmente criando uma expressão massificadora. John e Sylvia não pertencem a uma massa, assim como a maioria daqueles que seguem o mesmo caminho. Eles parecem revoltar-se justamente contra a massificação. E como sentem que a tecnologia tem muito a ver com as forças que estão tentando massificá-los, não gostam disso. Até agora, em geral, essa resistência tem sido passiva: fuga para as áreas rurais, quando possível, e coisas parecidas. No entanto, não precisa¬riam ser tão passivos assim.

Não concordo com eles em relação à manutenção das motos, não porque não simpatize com seus sentimentos a respeito da tecnologia. Acho apenas que essa fuga e esse ódio à tecnologia são contraprodu-centes. O Buda, a Divindade, mora tão confortavelmente nos circui¬tos de um computador digital ou nas engrenagens de uma transmissão de motocicleta quanto no pico de uma montanha ou nas pétalas de uma flor. Pensar de outra maneira é aviltar o Buda — o que significa aviltar-se a si mesmo. Eis o que desejo explicar nesta chautauqua.

Embora já não haja mais pântanos, o ar está tão úmido que a gente pode olhar diretamente para o disco amarelo do sol, como se houvesse fumaça ou poluição na atmosfera. Só que agora estamos

atravessando campos verdes. As casas das fazendas são limpas, brancas, diferentes. E não há fumaça, nem poluição.

Robet Pirsig e Chris

Capitulo 2

A estrada serpeia, subindo cada vez mais. Paramos para descansar e almoçar, conversamos um pouquinho, e depois reencetamos nossa longa viagem. Por causa do cansaço que principia à tarde, devido à agitação do primeiro dia, viajamos num ritmo equilibrado, nem lento, nem rápido.

Somos atingidos por um vento lateral de sudoeste, e a moto pa-rece inclinar-se sozinha a cada rajada, para neutralizar a força dele. Há pouco comecei a sentir algo peculiar em relação a esta estrada, uma apreensão, como se estivéssemos sendo seguidos ou observados. Mas à nossa frente não há nenhum carro, e pelo espelho retrovisor só vejo John e Sylvia, lá bem longe.

Ainda não chegamos às Dakotas, mas as amplas campinas mostram que estamos próximos delas. Alguns prados estão azulados, cobertos de flores do linho, que ondulam vagarosamente, como a superfície de um oceano. Os morros agora são maiores, dominando tudo, exceto o céu, que parece mais aberto. Quase não se podem ver os sítios e fazendas a distância. A terra está começando a se alargar.

Não há um limite nítido entre as Planícies Centrais e as Grandes Planícies. A mudança é gradativa, e nos pega desprevenidos; é como se a gente estivesse saindo de um porto embatido pelas ondas, notasse que elas se haviam elevado bastante, e olhando para trás não divisasse mais a costa. Aqui há menos árvores, e subitamente percebo que as que existem não são nativas. Foram trazidas e plantadas em fileiras ao redor das casas e entre os campos de cultivo para quebrar o vento. Onde não há árvores, porém, também não há vegetação rasteira, nem brotos — apenas capim, às vezes entremeado de flores silvestres e mato, mas geralmente apenas capim.

Pressinto que nenhum de nós compreende exatamente o que

será viajar durante quatro dias de verão através destas campinas. A gente se lembra de ter visto, de carro, uma planura e um grande vazio estendendo-se até onde a vista alcança. É extremamente monótono e maçante dirigir assim, durante horas, sem chegar a lugar nenhum, imaginando quanto tempo vai durar a travessia, sem uma curva na estrada, sem qualquer alteração na topografia, que continua igual até a linha do horizonte.

John teve medo de que Sylvia não fosse agüentar tanto desconforto e resolvera mandá-la de avião para Billings, que já fica em Montana; mas Sylvia e eu o fizemos mudar de idéia. Eu lhe disse que o desconforto físico é importante apenas quando estamos indispostos. Aí a gente põe a culpa em qualquer coisa que incomode. Mas se a pessoa estiver disposta, o desconforto não importa muito. Aliás, considerando a disposição e os sentimentos de Sylvia, é difícil imaginá-la reclamando.

Além disso, chegar às Rochosas de avião era como enquadrá-las num dado contexto, vê-las como um bonito cenário; ao passo que atingi-las após uma árdua jornada através das pradarias significaria vê-las de outra forma, como uma meta, uma terra prometida. Se John, Chris e eu chegássemos com esse sentimento e Sylvia chegasse achando as Rochosas "agradáveis" e "bonitas", a desarmonia resultante seria pior do que a que porventura proviesse do calor e da monotonia das Dakotas. De qualquer maneira, eu gosto de conversar com a Sylvia, e assim havia também motivos pessoais em jogo

Ao ver estes campos, digo-lhe mentalmente: "Está vendo? Está vendo?" E acho que ela vê mesmo. Espero que mais tarde ela veja e sinta algo nestas pradarias que já desisti de descrever aos outros; algo existe aqui por causa da ausência de todas as outras coisas. Às vezes, Sylvia parece tão deprimida pela monotonia e pelo tédio da sua vida citadina, que talvez veja nestes capinzais intermináveis e ventos incessantes algo que surge vez por outra, quando aceitamos a monotonia e o tédio. Essa coisa está aqui, mas não sei que nome devo dar a ela.

Agora vejo no horizonte outra coisa que, creio, os outros não estão vendo. Ao longe, na direção sudoeste — só dá para ver do alto desta colina — há uma orla escura no céu. Aí vem temporal. Talvez fosse isso o que me preocupava, fiquei tentando tirar a idéia da cabeça, mas sabia que com essa umidade e esse vento, era muito provável a chuva. É o maior azar pegar mau tempo assim logo no primeiro dia, mas, como eu já havia dito, de moto a gente toma par-

te na cena, não fica só assistindo, e é natural que as tempestades contracenem conosco.

Se fossem só nuvens de trovoada e rajadas de vento intermitentes, poderíamos tentar contorná-las, mas o que eu via era diferente. Aquela longa faixa escura, sem cirros, ali adiante, deve ser uma frente fria. As frentes frias são violentas, principalmente quando vêm de sudoeste. Muitas vezes contêm tornados. A sua chegada, o melhor é procurar abrigo e deixá-las amainarem. Não duram muito, e é bom viajar com o tempo fresco que as sucede.

As frentes quentes são piores. Podem durar dois dias seguidos. Lembro-me que, certa vez, há alguns anos, Chris e eu estávamos viajando para o Canadá e fomos apanhados, depois de uns duzentos quilômetros, por uma frente quente, sobre a qual já nos tinham prevenido, mas que não conhecíamos. Foi uma experiência triste e estúpida.

Viajávamos numa pequena motocicleta de 6,5 H.P., sobrecarregada de todo tipo de bagagem, menos de bom senso. A máquina só dava 70km/h, no máximo, contra um vento frontal moderado. Não prestava para viagens. Chegamos a um grande lago nos North Woods na primeira noite e acampamos em meio a temporais que vararam a madrugada. Esqueci-me de cavar uma vala em torno da tenda. Resultado: por volta de duas da madrugada começou a entrar um aguaceiro danado, que ensopou os dois sacos de dormir. De manhã estávamos encharcados, deprimidos e mortos de sono, mas eu achei que a gente podia continuar, porque certamente a chuva cessaria breve. Ledo engano. Lá pelas dez o céu estava tão escuro que todos os carros trafegavam de faróis acesos. E foi aí que despencou a tempestade.

Estávamos usando as capas que nos haviam servido de tenda na noite anterior. Elas agora inflavam-se como velas, diminuindo nossa velocidade máxima para 50km/h. A estrada estava coberta por uma camada de cinco centímetros de água. Caíam raios por todos os lados. Lembro-me de um rosto de mulher que nos olhou assustado da janela de um automóvel, imaginando que diabo estávamos fazendo numa moto com aquele tempo. Acho que eu não ia conseguir explicar a ela.

A moto começou a andar a 35km/h, depois a 30. Aí pôs-se a engasgar, a estourar e a cuspir e a espocar, até que, movendo-nos a apenas uns oito ou sete quilômetros por hora, conseguimos encontrar um velho posto de gasolina em ruínas, perto de uma área desmatada, e paramos ali.

Naquela época eu, como o John, ainda não me interessava em aprender a cuidar da motocicleta. Lembro-me de ter protegido o tanque de gasolina da chuva com a minha capa, segurando-a por cima da cabeça, e de ter balançado a moto entre as pernas. Pareceu-me ouvir o barulho de gasolina agitando-se dentro do tanque. Examinei as velas, os platinados e o carburador, e chutei o kick até cansar.

Entramos no posto, que era também uma mistura de cervejaria e restaurante, e comemos churrasco. Depois saí e tentei de novo, e Chris ficou fazendo perguntas que começaram a me irritar, porque ele não parecia perceber a gravidade da situação. Finalmente, vi que não adiantava, desisti, e a raiva desapareceu. Expliquei a Chris, com o maior cuidado, que não íamos mais viajar. Não íamos mais tirar férias de moto. Chris sugeriu-me que checasse a gasolina (coisa que eu já tinha feito) e procurasse um mecânico. Só que ali não havia mecânicos, apenas pinheiros decepados, matagal e chuva.

Sentei-me com ele no capim à beira do acostamento, desanimado, e fiquei olhando as árvores e o mato. Respondi pacientemente a todas as perguntas de Chris e logo elas passaram a ser menos freqüentes. Ele finalmente compreendeu que a nossa viagem de moto havia mesmo terminado e começou a chorar. Acho que tinha uns oito anos.

Pegamos carona para nossa cidade, alugamos um reboque, que engatamos ao carro, e viemos buscar a motocicleta. Depois retomamos a viagem, só que de carro. Mas não foi a mesma coisa. Não nos divertimos muito.

Certa tarde, duas semanas após o término das férias, depois do trabalho, removi o carburador para ver o que havia de errado, mas estava tudo perfeito. Então abri a torneira do tanque para tirar um pouco de gasolina a fim de limpar a graxa, antes de recolocar o carburador. Não saiu uma única gota. O tanque estava vazio. Nem pude acreditar. Até hoje mal consigo aceitar isso.

Já me censurei milhares de vezes por aquela asneira e acho que ainda não consegui me perdoar. É claro que o ruído que eu ouvira era o da gasolina do tanque de reserva, que nem pensei em abrir. Não verifiquei com cuidado, porque presumi que a chuva danificara o motor. Naquele momento, não entendia como tais deduções apressadas podem ser tolas. Agora, viajamos num máquina de 28 H.P., cuja manutenção levo muito a sério.

John me ultrapassa de repente, sinalizando com a palma da

mão virada para baixo; quer que paremos. Diminuindo a velocidade, procuramos um lugar para entrar no cascalho do acostamento. A borda do concreto é afiada, o cascalho, solto; eu não estou gostando nada dessa manobra.

Chris pergunta:

— Por que a gente está parando?

— Acho que perdemos a nossa entrada — informa o John. Olho para trás, mas não vejo nada.

— Não vejo nenhuma placa.

John abana a cabeça:

— Tinha uma ali do tamanho de um elefante.

— É mesmo?

Sylvia e John confirmam com a cabeça.

Ele se inclina, examina o meu mapa, aponta o local da entrada e o elevado da via expressa, que fica depois dela.

— Já passamos por este elevado — mostra ele. E eu percebo que ele está certo. Situação mais embaraçosa.

— Voltamos, ou continuamos? — pergunto.

Ele reflete um pouco.

— Bom, acho que não há motivo para voltarmos. Está bem. Vamos em frente. A gente vai acabar dando lá, de qualquer maneira.

E agora, acompanhando-os de perto, fico pensando por que eu teria feito uma coisa daquelas. Nem chegara a ver o tal viaduto. E agora mesmo me esqueci de avisar sobre a tempestade. As coisas estão ficando meio esquisitas.

A massa de nuvens de tempestade está maior, mas não se aproxima tão depressa quanto pensei. Não é bom sinal. Quando elas vêm rápido, passam logo. Quando vêm assim devagar, podem segurar a gente por um bocado de tempo.

Tiro uma das luvas com os dentes e apalpo um dos lados da tampa de alumínio do motor. A temperatura está boa. Está muito quente para eu deixar a mão ali, mas não a ponto de me queimar. Tudo bem.

Um motor refrigerado a ar, como o meu, pode “colar” em conseqüência de um superaquecimento. Esta máquina já passou por isso... aliás, umas três vezes. Eu a examino de tempo em tempo, do mesmo modo que examinaria um paciente que tivesse sofrido um ataque cardíaco, mesmo que parecesse curado.

A “colagem” ocorre quando os pistões se expandem por superaquecimento; eles se tornam grandes demais para que as paredes

dos cilindros os possam conter, emperram lá dentro, e às vezes até aderem nos cilindros, travando o motor e a roda traseira, fazendo o veículo derrapar. Da primeira vez que a minha moto engrimpou assim, minha cabeça foi projetada além da roda dianteira e o meu garupa quase montou nas minhas costas. Chegando aos cinqüenta, os pistões se soltaram e a moto começou a correr novamente, mas eu saí da estrada e parei para verificar qual era o defeito. Meu acompanhante só conseguiu dizer: "Mas pra que é que você fez aquilo?" Dei de ombros, tão intrigado quanto ele, e fiquei ali, parado, só olhando para a motocicleta, os carros tirando um fino. O motor estava tão quente que o ar tremulava ao seu redor; podíamos sentir o calor que emanava. Encostei nele um dedo molhado e o metal chiou feito ferro pelando. Voltamos para casa devagar, ouvindo um ruído diferente, umas lambadas que indicavam que os pistões não se ajustavam mais nos cilindros. Eu ia ter que mandá-la para a revisão.

Levei-a a uma oficina porque achei que o problema não tinha importância bastante para que eu me desse ao trabalho de conhecer todas aquelas engrenagens complicadas, e de comprar peças e ferramentas especiais. Isso toma um tempão, e como eu podia arranjar alguém que fizesse o trabalho em menos tempo... Enfim, tive uma reação parecida com a do John.

A oficina pareceu-me diferente. Os mecânicos, que no princípio eu acreditava serem todos veteranos especializados, agora assemelhavam-se a crianças. Havia um rádio ligado a todo volume, e eles diziam tolices, brincavam e conversavam, sem me darem atenção. O mecânico que finalmente veio me atender foi logo dizendo, mal ouviu a batucada do motor: "Ah, são os tuchos!"

Tuchos?! Eu devia ter calculado o que me esperava.

Duas semanas depois paguei a conta de 140 dólares, testei a motocicleta a várias velocidades baixas, para amaciá-la, e depois de completar 1.600 quilômetros comecei a correr. Ao atingir os cento e vinte, ela "colou" de novo, só melhorando a cinqüenta por hora, como antes. Quando eu trouxe a moto à oficina, eles me acusaram de não ter amaciado a máquina adequadamente. Depois de muita discussão, resolveram examiná-la de novo. Fizeram outra revisão, e desta vez levaram-na para um teste de alta velocidade na estrada.

Aí ela engrimpou com eles.

Após a terceira revisão, dois meses depois, trocaram os cilindros, aumentaram o diâmetro das agulhas do carburador, atrasa-

ram o ponto, para que o motor funcionasse com o mínimo de calor possível, e me aconselharam a não correr demais.

A máquina estava toda suja de graxa, e não pegava. Descobri que tinham deixado as velas frouxas; apertei-as, dei a partida, e então comecei mesmo a ouvir um barulho nos tuchos, que não estavam bem ajustados. Reclamei a um dos rapazes, que trouxe uma chave de boca ajustável, colocou as tampas de alumínio sobre os tuchos sem o menor cuidado, girando-as rapidamente. Resultado: estragou as duas.

— Espero ter outras tampas dessas no estoque — disse ele.

Concordei com a cabeça.

Ele trouxe um martelo e uma talhadeira, e começou a bater nas tampas para afrouxá-las. A talhadeira perfurou a tampa, e vi que ele estava metendo a ferramenta bem no cabeçote do motor. No golpe seguinte, acertou o cabeçote em cheio, quebrando um pedaço de duas das aletas de resfriamento.

— Pare, por favor — disse eu, educadamente, já me sentindo como num pesadelo. — Traga-me as tampas novas, que eu levo a máquina assim mesmo.

Saí dali o mais rápido possível, estrada afora, com os tuchos batucando, sem tampas, e a moto ainda lambuzada de graxa; aí senti uma vibração estranha quando passava dos trinta. Encostei no meio-fio e descobri que faltavam dois dos quatro parafusos de sustentação do motor, e também a porca do terceiro. O motor estava preso por apenas um parafuso. Faltava também o tensor da correia do tucho superior, o que significava que, de qualquer modo, teria sido inútil tentar ajustar os tuchos. Um verdadeiro pesadelo.

Eu nunca mencionei ao John a possibilidade de que a sua BMW venha a cair nas mãos dessa gente. Talvez eu devesse conversar com ele a respeito.

Descobri por que o motor fundia umas semanas depois, esperando que acontecesse outra vez. O defeito era um pinozinho de 25 centavos, no sistema interno de lubrificação, que fora degolado, impedindo que o óleo chegasse ao cabeçote do motor nas altas velocidades.

Volto então a pensar no porquê de tudo isso, e essa pergunta transformou-se no principal motivo para a apresentação desta chautauqua. Por que teriam eles matado o serviço daquele jeito? Eles não estavam fugindo da tecnologia, como o John e a Sylvia. Pelo contrário, eram os próprios tecnólogos. Propunham-se a realizar um serviço, e saía aquele verdadeiro desastre. Não havia qual-

quer motivo pessoal. Não havia qualquer razão aparente para aquilo. Aí tentei lembrar-me daquela oficina, daquele lugar horrível, procurando diagnosticar as causas.

O rádio era uma das pistas. Ninguém pode se concentrar no que está fazendo e ouvir rádio ao mesmo tempo. Talvez não achassem que era preciso concentração para fazer aquele trabalho; só precisavam ficar manuseando chaves. Girar chaves ouvindo rádio é bem mais agradável.

A velocidade do trabalho era outra pista. Eles espalhavam coisas por todos os lados porque estavam com pressa, e nem olhavam onde as estavam atirando. Agiam assim para ganhar mais, mas deviam parar para pensar que assim o serviço leva mais tempo para ser acabado ou então fica mal feito.

A principal pista, porém, me pareceu ser a expressão deles. Era difícil explicar. Eram bem humorados, amigáveis, amáveis — e neutros. Meros expectadores. Tinha-se a impressão de que estavam ali por acaso e que alguém lhes havia metido uma chave nas mãos. Não se sentiam identificados com o trabalho. Não diziam: "Eu sou mecânico." Às cinco da tarde, ou no momento em que terminassem a jornada de oito horas, eles paravam e não pensavam mais no serviço. Tentavam não pensar no serviço até mesmo durante o trabalho. A sua maneira, estavam fazendo o mesmo que John e Sylvia: conviviam com a tecnologia sem realmente se envolverem com ela. Ou antes, estavam envolvidos, mas, no fundo, longe dela, ausentes, afastados. Trabalhavam com a tecnologia, mas não a ponto de se importarem com ela.

Aqueles mecânicos não viram o pino degolado; mas, obviamente, fora também um mecânico que o degolara, montando a tampa lateral de maneira errada. Lembrei-me de que o proprietário anterior havia dito que um mecânico achara a tampa difícil de ser colocada. Era por isso. O manual da moto mencionava aquela possibilidade, mas ele, como os outros, estava com pressa demais, ou então não teve o necessário cuidado.

Enquanto trabalhava, pensei que esse mesmo descuido surgia nos manuais para computadores digitais que eu estava revisando. Eu escrevo e reviso manuais técnicos durante os outros onze meses do ano, e sei que eles estão repletos de erros, ambigüidades, omissões e dados tão distorcidos que a gente tem que ler as instruções seis vezes antes de entender alguma coisa. O que pela primeira vez me chamou a atenção foi que esses manuais concordavam com a atitude passiva por mim presenciada na oficina. Eram ma-

nuais para espectadores, feitos de acordo com eles. Em cada linha está implícita a idéia de que "esta máquina está isolada no espaço e no tempo de tudo o que existe no universo. Ela não se relaciona com você, e você não se relaciona com ela, a não ser quando liga certos comutadores, mantém os níveis de voltagem, verifica se há falhas no funcionamento...", e assim por diante. Esse é o problema. Os mecânicos assumiram em relação à moto uma postura que não difere em nada da assumida pelo manual, ou por mim em relação à máquina quando a levei à oficina. Somos todos espectadores. Ocorreu-me também que não existe manual que trate da verdadeira questão da manutenção das motocicletas, o aspecto mais importante de todos. A preocupação com o que se faz é considerada sem importância, ou então simplesmente subentendida.

Creio que nesta viagem devemos perceber e investigar um pouco este detalhe, para ver se aquela estranha separação entre o ser e o fazer humanos pode fornecer algumas pistas para descobrirmos que diabo aconteceu de errado neste nosso século. Não pretendo apressar essa análise. A pressa é um dos vícios de nossos dias. Quando a gente resolve apressar alguma coisa é porque não se interessa mais por ela e quer mudar de atividade. Eu quero chegar lá devagarinho, mas cuidadosa e detalhadamente, comportando-me da mesma maneira que antes de encontrar aquele pino quebrado. Eu só consegui encontrá-lo devido ao cuidado com que o procurei.

Percebo de repente que a terra transformou-se num plano euclidiano. Não há mais colinas, nem mesmo uma saliência no terreno. Isso quer dizer que entramos no Red River Valley. Logo chegaremos as Dakotas.

Chris, Sylvia e John

Capítulo 3

Ao sairmos do Red River Valley, as nuvens de tempestade, que já toldavam o céu, estão quase nos alcançando.

John e eu analisamos a situação em Breckenridge e resolvemos continuar até não podermos mais.

Ela está bem próxima, agora. O sol desapareceu, sopra um vento frio, e uma muralha composta de várias nuanças cinzentas assoma à nossa volta.

Parece enorme, dominadora. A pradaria aqui é ampla, mas sobre ela a grandeza dessa sinistra massa cinzenta pronta para despencar é assustadora. Viajamos agora à sua mercê. Não sabemos quando e onde ela nos alcançará. Tudo que podemos fazer é vê-la aproximar-se cada vez mais.

A cidade que víamos antes, alguns pequenos edifícios e uma caixa d'água, desapareceu por trás de uma muralha cinza-chumbo. Ela logo nos alcançará. Não vejo cidade nenhuma à nossa frente; vamos ter simplesmente que enfrentá-la.

Alcançando a moto de John, gesticulo, mandando-o correr mais. Ele assente e acelera. Deixo-o passar um pouco à frente, depois atinjo a mesma velocidade. O motor reage às mil maravilhas — cem, cento e vinte, cento e trinta... Agora estamos mesmo sentindo o vento, e eu abaixo a cabeça para diminuir a resistência... Cento e quarenta. A agulha do velocímetro oscila para diante e para trás, mas o tacômetro registra exatamente 9.000 rpm. Chegamos perto dos cento e cinqüenta... Mantemos essa velocidade... E vamos em frente. Estamos indo depressa demais para que eu possa fixar a vista no acostamento. Acendo o farol, como medida de segurança. De qualquer maneira, vou precisar dele. Está ficando muito escuro.

Zunindo através da planície imensa, sem ver carro nenhum, quase nenhuma árvore, rodamos, no entanto, numa estrada nive-

lada e vazia, o motor emitindo um som "compacto" de alta rotação, o que significa que ele está a toda força. A escuridão aumenta cada vez mais.

Um relâmpago e um ribombar de trovão seguidos. Assusto-me e Chris aperta a cabeça contra minhas costas. Lá vêm as primeiras gotas de chuva... Nesta velocidade, parecem até agulhas. Outro clarão — BUM! Tudo se ilumina ao redor... De repente, na luminosidade do próximo relâmpago, vejo aquela fazenda... Aquele moinho... Meu Deus, ele esteve aqui!... Aplico o freio... Esta é a estrada dele!... Uma cerca e algumas árvores... A velocidade cai para cem por hora, depois para noventa e cinco, depois para noventa, e fica assim.

— Por que é que a gente está diminuindo? — grita Chris.

— Estamos indo depressa demais!

— Não estamos, não!

Eu balanço a cabeça, afirmativamente.

A casa e a caixa d'água já passaram, e então surgem um pequeno sulco de drenagem e uma estrada que cruza a rodovia, indo perder-se no horizonte... Sim, é isso mesmo, penso eu. É exatamente isso.

— Eles já estão longe! — berra Chris. — Corre mais! Abano a cabeça, energicamente.

— Por que não?

— Não é seguro!

— Eles sumiram!

— Eles esperam.

— Corre mais!

— Não! — Continuo a abanar a cabeça. É apenas um pressentimento. Quando a gente está na moto deve confiar nos pressentimentos; é melhor ficarmos a noventa.

A primeira pancada começa agora, mas vejo adiante as luzes de uma cidadezinha... Eu já sabia que ela estava ali.

Quando chegamos, encontramos John e Sylvia sob a primeira árvore à beira da estrada, esperando por nós.

— Que é que houve?

— A gente diminuiu um pouco.

— Disso eu sei. Tiveram algum problema?

— Não. Vamos sair dessa chuva.

John diz que há um motel do outro lado da cidade, mas eu lhe digo que se virarmos à direita, perto de uma fileira de choupos que fica uns quarteirões adiante, encontraremos um motel melhor.

Entramos à direita ao chegarmos aos choupos e, depois de alguns quarteirões, divisamos um pequeno motel. Na portaria, John olha em volta, observando:

— Bom, este lugarzinho. Quando foi que você esteve por aqui?

— Não me lembro — respondo eu.

— Então, como é que você sabia que ele existia?

— Palpite.

Ele olha para Sylvia e balança a cabeça.

Sylvia andou me observando durante algum tempo, em silêncio. Ao perceber que minhas mãos tremem ao assinar o livro, ela comenta:

— Você está horrivelmente pálido. Aquele relâmpago o assustou?

— Não.

— Parece até que viu fantasma.

John e Chris me olham, e eu lhes volto as costas, dirigindome à porta. Ainda está caindo água, mas damos uma carreira sob a chuva até os quartos. A carga das motos está protegida; vamos esperar a tempestade passar para retirá-la.

A chuva passa, o céu clareia um pouco, mas do pátio do motel vejo que, por trás dos choupos, uma outra escuridão, a da noite, se avizinha. Caminhamos até a cidade, jantamos, e, na volta, eu começo a sentir o cansaço do dia. Descansamos, quase imóveis, nas cadeiras metálicas do pátio, bebericando sem pressa meio litro de uísque, com soda trazida por John do refrigerador do motel. A bebida desce devagar e suavemente. Uma fresca brisa noturna remexe as folhas dos choupos que margeiam a estrada.

Chris fica imaginando o que faremos a seguir. Esse garoto é incansável. Está todo agitado devido à experiência nova de estar no motel, e quer que cantemos juntos, como os garotos faziam no acampamento.

— A gente não sabe muitas músicas — desculpa-se John.

— Então vamos contar histórias — resolve Chris. Pára um instante para pensar. — Vocês conhecem alguma boa história de fantasma? De noite, todos os caras do nosso alojamento contavam histórias de fantasma.

— Conta você uma pra gente — pede John.

E ele conta mesmo. Até que é divertido ouvir essas histórias.

Tem umas que eu não ouço desde que tinha a idade dele. Ao ouvir isso, Chris pede que eu conte algumas de minhas histórias,

mas não consigo me lembrar de nenhuma.

Após uma pausa, ele pergunta:

— Você acredita em fantasma?

— Não — respondo.

— Por que não?

— Porque eles são *an-ti-ci-en-tí-fi-cos.*

O modo como declaro isso faz John sorrir.

— Eles não contêm matéria — continuo — e nem energia; portanto, de acordo com as leis da ciência, só existem na cabeça da gente.

O uísque, o cansaço e o vento batendo nas árvores começam a transtornar meus pensamentos.

Naturalmente — acrescento —as leis da ciência também não contem matéria nem energia, e, portanto, também só existem na nossa cabeça. É melhor assumir uma atitude inteiramente científica e recusar-se a acreditar tanto nos fantasmas quanto nas leis da ciência. Assim, a gente não corre o perigo de errar. O único problema é que a gente fica sem ter muito em que acreditar, mas isso também é científico.

— Eu não estou entendendo — replica Chris.

— Eu só estava brincando.

Chris fica frustrado quando falo assim, mas acho que não chega a se ofender.

— Um dos caras do acampamento da A.C.M. disse que acredita em fantasma.

— Ele estava só gozando você.

— Não estava, não. Ele disse que quando as pessoas não são enterradas direito, os espíritos delas voltam para assombrar a gente. Ele acredita nisso pra valer.

— Estava zombando de você — repito.

— Como ele se chama? — pergunta Sylvia?

— Tom Urso Branco.

John e eu nos entreolhamos com a mesma idéia na cabeça.

— Ah, ele é índio! — exclama John. Caio na gargalhada, dizendo:

— Acho que vou ter de voltar um pouco no tempo. Eu estava pensando nos fantasmas europeus.

— E não é tudo a mesma coisa?

John solta uma sonora risada.

— Agora ele pegou você!

Penso um pouco antes de responder:

— Bom, os índios às vezes vêem as coisas de um jeito diferente, que não penso ser completamente errado. A ciência não faz parte da tradição indígena.

— O Tom disse que a mãe e o pai dele mandaram ele deixar de acreditar nessas coisas, mas a avó cochichou que era mesmo verdade, e aí ele continuou acreditando.

Chris olha para mim, com uma expressão suplicante. Às vezes ele realmente quer saber mais. Ser engraçadinho não é o que se espera de um bom pai.

— Claro — digo então. — Eu também acredito em fantasmas. Agora, John e Sylvia é que me lançam um olhar meio esquisito.

Percebendo que não vai ser fácil sair dessa, preparo-me para dar uma longa explicação.

— É perfeitamente natural considerar ignorantes os europeus ou os índios que acreditavam em fantasmas. O ponto de vista científico eliminou qualquer outro ponto de vista, de maneira que todos parecem primitivos. Portanto, se hoje alguém falar em fantasmas ou espíritos é tachado de ignorante ou até de maluco. É praticamente impossível imaginar um mundo onde possam existir fantasmas de verdade.

John concorda com um gesto de cabeça, e eu prossigo.

— Na minha opinião, o homem de hoje não é intelectualmente superior ao antigo. Os quocientes de inteligência não mudaram tanto assim. Aqueles índios e as pessoas da Idade Média eram tão inteligentes como nós, só que viviam num contexto completamente diverso do nosso. Nesse contexto intelectual, os fantasmas e os espíritos são tão plausíveis quanto os átomos, as partículas, os fótons e os quanta para o homem de hoje. Nesse sentido, eu acredito em fantasmas. O homem de hoje também tem seus fantasmas e espíritos, não é?

— E quais são?

— Bom, as leis da física e da lógica... Os sistemas numéricos... O princípio de substituição algébrica. São os nossos fantasmas. Só que a gente tem uma fé tão grande neles, que eles parecem reais.

— Para mim, eles são bem reais — contesta John.

— Não estou entendendo nada — reclama Chris.

— Pois bem. Por exemplo, parece perfeitamente natural pressupor que a gravidade e a lei da gravidade existiam antes que Isaac Newton as descobrisse. Pareceria loucura pensar que até o século XVII não existia gravidade.

— Claro.

— Então, qual a origem dessa lei? Teria ela sempre existido?

John franze o cenho, imaginando onde quero chegar.

— O que tenho em mente — digo eu — é a idéia de que antes que a terra se formasse, antes que o sol e as estrelas surgissem, antes que qualquer outra coisa fosse criada, a lei da gravidade já existia.

— E óbvio.

— Mesmo assim, parada ali, sem massa nem energia próprias, sem estar na cabeça de ninguém, porque ninguém existia, nem situada no espaço, porque também não havia espaço, parada ali no nada, ela ainda existia?

Agora John já não tem mais tanta certeza.

— Se a lei da gravidade já existisse, eu francamente não saberia quais as condições que as coisas deveriam atender para não existirem. Parece-me que a lei da gravidade passou por todos os testes possíveis de inexistência. Não se pode imaginar sequer uma propriedade de inexistência que não se aplique à lei da gravidade. Nem tampouco uma propriedade de existência que se aplique a ela. Ainda assim, todo mundo acha natural acreditar que ela já existia.

— É, acho que eu tenho de pensar melhor sobre o assunto — reconhece John.

— Bom, calculo que se você pensar bastante, depois de dar umas quinhentas mil voltas vai chegar a uma única conclusão possível, inteligente e racional: a lei da gravidade, e até mesmo a própria gravidade não existiam antes de Isaac Newton. Não existe conclusão mais coerente. E isso quer dizer — prossigo, antes que ele me interrompa — isso quer dizer que a lei da gravidade existe apenas nas nossas cabeças! É um fantasma! Ficamos derrubando os fantasmas dos outros, dando uma de arrogantes e presunçosos, mas somos tão ignorantes, primitivos e supersticiosos quanto eles.

— Então, por que é que todo mundo acredita na lei da gravidade?

— Hipnose em massa. Disfarçada sob uma forma bastante ortodoxa, chamada “educação”.

— Quer dizer que você acha que o professor hipnotiza as crianças para elas acreditarem na lei da gravidade?

— Claro.

— Mas isso é ridículo.

— Já ouviu falar na importância do contato visual em sala

de aula? Qualquer educador enfatiza isso, mas ninguém explica o porquê dessa importância.

John balança a cabeça e me serve mais uísque. Depois cobre a boca com uma das mãos, dirigindo a Sylvia um aparte irônico:

— Puxa, ele parecia tão normal o tempo todo...

— Esta é a primeira coisa normal que eu digo desde há muitas semanas. A maior parte do tempo passo fingindo que aderi à loucura do século vinte, assim como vocês, só para não chamar a atenção. Mas eu repito que nós acreditamos que a essência das palavras de Sir Isaac Newton estava boiando no nada bilhões de anos antes que ele nascesse, e que ele, milagrosamente, descobriu essas palavras. Achamos que elas sempre existiram, mesmo não se aplicando a coisa nenhuma. Quando, finalmente, surgiu o nosso mundo, elas se aplicaram a ele. Aliás, foram essas próprias palavras que formaram o mundo. Ora, John, isso é ridículo.

— O problema — prossigo eu —, a contradição que intrigou os cientistas foi a da razão. A mente não tem matéria nem energia, mas não se pode negar sua predominância sobre tudo o que faz a ciência. A lógica está na mente. Os números são produtos puramente mentais. Eu não me perturbo quando os cientistas dizem que os fantasmas existem apenas na nossa imaginação. É esse apenas que me intriga. A ciência também reside apenas nas nossas mentes, só que isso não a transforma numa coisa prejudicial. O mesmo acontece com os fantasmas.

Eles ficam olhando para mim, e eu continuo:

— As leis da natureza foram inventadas pelos homens, assim como os fantasmas. As leis da lógica e da matemática também foram inventadas pelos homens, assim como os fantasmas. Tudo que existe foi inventado pelos homens, inclusive a idéia de que não foi. O mundo não existe sob nenhuma forma fora da imaginação humana. Tudo são fantasmas, e na antigüidade o mundo era até considerado uma ilusão, este mesmo bendito mundo em que vivemos. É governado por fantasmas. O que vemos é mostrado por esses fantasmas, Moisés, Cristo, Buda, Platão, Descartes, Rousseau, Jefferson, Lincoln, e assim por diante. Isaac Newton é um ótimo fantasma. Dos melhores. O nosso senso comum nada mais é que a voz de milhares e milhares desses fantasmas vindos do passado. Fantasmas e mais fantasmas. Fantasmas procurando um lugar entre os viventes.

John parece por demais imerso em seus pensamentos para falar. Mas Sylvia está agitada.

— De onde foi que você tirou essas idéias?

Quase chego a responder, mas acabo não dizendo nada. Acho que já cheguei aos limites, e que até já passei deles; está na hora de parar.

Após uma pausa, John diz:

— Vai ser bom ver as montanhas novamente.

— É, vai sim — concordo eu. — Vamos tomar mais um para comemorar.

Ao terminar, recolhemo-nos aos nossos quartos.

Noto que Chris está escovando os dentes, e deixo-o deitar-se depois que ele me promete que vai tomar um banho de manhã. Impondo minha autoridade, consigo ficar com a cama perto da janela. Apagadas as luzes, ele me pede:

— Agora me conta uma história de fantasma.

— Mas eu acabei de contar uma lá fora.

— Eu quero uma história de verdade.

— Aquela foi a história de fantasma mais verdadeira que você jamais ouviu.

— Não, você sabe o que eu quero dizer. Eu quero uma daquelas outras.

Tento lembrar-me de alguma história tradicional.

— Eu sabia muitas quando era garoto, Chris, mas já esqueci tudo. Agora é hora de dormir. Temos que acordar bem cedo amanhã.

O silêncio só é quebrado pelo ruído do vento que passa através das telas das janelas do motel. Pensar naquele vento varrendo os campos abertos em direção a nós me tranqüiliza e me embala.

O vento aumenta e diminui, aumenta, sibila e diminui outra vez... vindo de muito longe.

— Você já conheceu algum fantasma? — pergunta Chris.

Eu estava quase pegando no sono.

— Chris, uma vez conheci um sujeito que passou a vida inteira perseguindo um fantasma, e foi pura perda de tempo. Portanto, vê se dorme.

Percebo o meu erro tarde demais.

— Ele encontrou o fantasma?

— Encontrou, sim, Chris.

Torço para que ele fique só escutando o vento e pare de fazer perguntas.

— E aí, o que ele fez?

— Acabou com o fantasma.

— E depois?

— Depois se transformou num fantasma também. — Não sei por que me veio a idéia de que isso faria com que Chris resolvesse dormir, mas ele não dorme, e eu vou ficando cada vez mais acordado.

— Qual é nome dele?

— Você não conhece.

— Mas qual é?

— Não interessa.

— Bom, mas qual é?

— O nome dele, Chris, uma vez que tanto faz, é Fedro. Você não conhece esse nome.

— Você viu ele andando de moto na chuva?

— Por que está me perguntando isso?

— A Sylvia achou que você tinha visto um fantasma.

— Era só força de expressão.

— Papai...

— É melhor que essa seja sua última pergunta, Chris, senão eu vou me zangar.

— Eu só ia dizer que você fala de um jeito tão diferente das outras pessoas...

— Eu sei disso, Chris. É um problema. Agora, durma.

— Boa noite, pai.

— Boa noite.

Meia hora depois, ele já está ressonando, e o vento continua mais forte do que nunca; eu estou completamente acordado. Lá fora, na escuridão — este vento frio atravessando a estrada e bulindo nas árvores, as folhas deixando passar raios de luar — não há dúvida: Fedro contemplou tudo isso. O que ele estava fazendo aqui, eu não faço a menor idéia. Por que ele veio para esses lados, eu provavelmente nunca saberei. Mas ele esteve aqui, nos levou àquela estrada desconhecida, acompanhou-nos o tempo todo. Não há escapatória.

Gostaria de poder afirmar que não sei por que ele veio, mas infelizmente devo confessar que sei. As idéias que eu estava expondo sobre a ciência e os fantasmas, até aquela idéia que eu tive de tarde, sobre manutenção e tecnologia — não são idéias minhas. Aliás, faz anos que eu não tenho nenhuma idéia nova. Roubei-as de Fedro. E ele está me vigiando. É por isso que ele está aqui.

Depois desta confissão, espero que ele me deixe dormir em paz.

Coitado do Chris. “Você conhece alguma história de fantasma?” Eu poderia ter contado uma tão terrível que só de pensar nela me apavoro.

Estou precisando mesmo é de um bom sono.

Sylvia Chris e John

Capítulo 4

Toda chautauqua deve incluir a certa altura uma lista de itens que valem a pena ser guardados em algum lugar seguro, para atender a necessidades e inspirações futuras. Simples detalhes. E agora, enquanto os outros ainda estão roncando e desperdiçando este lindo sol matinal... Bem... Para aproveitar o tempo...

Apresento aqui minha lista de utilidades a serem levadas na sua próxima viagem de moto através das Dakotas.

Acordei de madrugada. Chris ainda dormia a sono solto. Fiquei rolando na cama para ver se dormia mais um pouco, mas ouvi um galo cantar e aí me lembrei de que estamos de férias, e que não vale a pena ficar dormindo. Através da parede dá para ouvir o John roncando no seu quarto... A menos que seja a Sylvia... Não, está alto demais. Que raio de ronco, parece até uma serra elétrica!

Estou tão cansado de esquecer coisas em viagens como esta, que fiz uma lista a ser arquivada em casa, para conferir a bagagem na hora de partir.

A maioria dos itens é simples e não precisa ser explicada. Alguns são específicos das motocicletas e requerem certa explicação. Outros são mais específicos e precisam de um esclarecimento maior. A relação divide-se em quatro partes: Vestuário, Objetos Pessoais, Equipamento para Cozinha e Acampamento, e Acessórios da Motocicleta.

A primeira parte, o Vestuário, é simples:

1. Duas mudas de roupa de baixo.

2. Roupa de baixo de inverno.

3. Um conjunto de camisa e calça para cada um. Eu uso uniformes de faxineiro comprados em lojas do Exército. São baratos, duráveis e escondem a sujeira. Antes, havia um item denominado “roupa de cerimônia”, mas na frente o John escreveu a lápis: “smoking”. Eu só tinha pensado numa roupa que a gente quisesse

usar quando não estivesse num posto de gasolina.

4. Um suéter e um blusão para cada um.

5. Luvas. As luvas de couro sem forro são melhores, porque evitam queimaduras de sol, absorvem o suor e mantêm as mãos frias. Se você for fazer uma viagem de apenas uma ou duas horas, tais detalhes não são importantes, mas se for passar dias na estrada, adquirem uma importância capital.

6. Botas de motociclista.

7. Macacões de chuva.

8. Capacete e viseira.

9. Visor. Eu só uso na chuva, porque me dá claustrofobia. E bom para proteger o rosto das gotas que, em alta velocidade, picam a gente feito agulhas.

10. Óculos. Não gosto dos pára-brisas porque eles também limitam a gente. Meus óculos são ingleses, de vidro laminado, muito bons. O vento entra por trás dos óculos escuros, e os óculos plásticos ficam muito riscados, atrapalhando a visão.

A próxima lista é a de Objetos Pessoais:

Pentes. Carteira. Canivete. Bloco de anotações. Caneta. Cigarros e fósforos. Lanterna. Sabão e saboneteira plástica. Escova de dente e pasta. Tesoura. Aspirina para dor de cabeça. Repelente de insetos. Desodorante (depois de um dia quente na motocicleta, seus amigos íntimos não vão precisar avisá-lo). Óleo bronzeador (de moto, a gente só sente que o sol está queimando quando pára, e aí é tarde demais. Passe o óleo nas partes expostas desde manhã cedo). Band-Aid. Papel higiênico. Esfregão (que pode ir num estojo plástico, para não passar umidade para as outras coisas). Toalha.

Livros. Não conheço nenhum motociclista que leve livros. Tomam um bocado de espaço, mas mesmo assim trago três, com algumas folhas soltas de papel entre as páginas, para fazer anotações:

1. O manual da moto.

2. Um guia prático contendo todas as informações técnicas que não consigo guardar de cor. E o Chilton's Motorcycle Troubleshooting Guide, escrito por Occe Rich e vendido pela Sears Roebuck.

3. Um exemplar do Walden, de Thoreau... que Chris não conhece, e que pode ser lido umas cem vezes, sem cansar. Sempre procuro escolher um livro difícil demais para ele e lê-lo como tema para debate; não faço a menor questão de ler sem interrupção. Leio uma linha ou duas, espero Chris despejar sua habitual avalanche

de perguntas, respondo-as, depois leio outras duas frases. É uma boa forma de ler os clássicos. Eles provavelmente são escritos assim também. Às vezes, passamos uma tarde inteira lendo e conversando, baseados em apenas duas ou três páginas. Era assim que se liam os livros no século passado... quando as chautauquas estavam em moda. Se a gente não experimentar, nunca vai saber como é bom.

Chris ainda está dormindo, completamente descontraído, sem um traço sequer da tensão que lhe é peculiar. Acho que ainda não é hora de acordá-lo.

O Equipamento para Acampamento inclui:

1. Dois sacos de dormir.

2. Duas capas e um forro, que se transformam em tenda e também protegem a bagagem da chuva durante a viagem.

3. Corda.

4. Mapas do Levantamento Geodésico dos Estados Unidos, cobrindo a área em que pretendemos fazer escaladas.

5. Facão de mato.

6. Bússola.

7. Cantil. Não consegui encontrar o meu de jeito nenhum na hora de sair. Acho que os meninos devem tê-lo perdido por aí.

8. Duas marmitas do Exército, contendo faca, garfo e colher.

9. Um fogão de campanha, contendo uma lata média de combustível. Comprei-o a título de experiência, mas ainda não o usei. Quando chove, ou quando a gente, ao subir uma montanha, passa do limite da vegetação lenhosa, é um problema.

10. Algumas latas de alumínio com tampa de enroscar, para guardar banha, sal, manteiga, farinha e açúcar, compradas numa loja de mantimentos para alpinistas, há alguns anos.

11. BomBril, para limpeza.

12. Duas mochilas com armação de alumínio.

Acessórios da Motocicleta: A moto já vem equipada com um estojo-padrão de ferramentas, que fica guardado sob o assento. Acrescente-se o seguinte:

Uma chave de boca aberta, grande e ajustável. Martelo de mecânico. Talhadeira. Punção. Um par de espátulas de pneu. Estojo com material de borracheiro. Bomba de bicicleta. Uma lata de spray de bissulfeto de molibdênio, para a corrente (essa substância tem um tremendo poder de penetração no interior de cada rolete, que é onde interessa lubrificar, e a superioridade do bissulfeto de molibdênio em matéria de lubrificação é bem conhecida. Entre-

tanto, assim que ele secar, deve-se adicionar o velho óleo 30, que é muito bom). Chave de impacto. Lima de triângulo. Calibrador. Lâmpada de testes.

As peças sobressalentes incluem:

Velas. Cabos do acelerador, embreagem e freios. Platinados, fusíveis, lâmpadas para o farol e lanterna, elo da corrente com trava, contrapinos, arame. Corrente de reserva (trago uma velha, que substituí quando já estava meio gasta, e que dá para levar a moto a uma oficina especializada caso a nova se rompa).

E só. Nada de cordões de sapato.

Naturalmente, a essa altura, todos estarão imaginando em que tipo de reboque eu levo essa coisarada toda. O fato é que não fica tão volumoso como parece.

Creio que essas figuras que me acompanham dormirão o dia inteiro se eu deixar. O céu lá fora está limpo e brilhante. É uma vergonha desperdiçar assim um dia como este.

Finalmente me aproximo de Chris e lhe dou uma sacudidela. Ele arregala os olhos de repente, sentando-se como um raio, todo esticadinho, sem entender nada.

— Hora do banho — anuncio.

Depois, vou para fora. O ar é revigorante. Aliás — meu Deus! — aqui fora está é frio. Bato à porta dos Sutherlands, com força.

— Hãããã — diz a voz sonolenta de John, do outro lado. — Mmmmmmm. Hãããããã.

Parece até outono. As motos estão cobertas de orvalho. Hoje não vai chover. Mas como está frio! Deve estar fazendo menos de dez graus.

Enquanto espero, verifico o nível do óleo do motor e os pneus, os parafusos e a tensão da corrente. Encontrando uma pequena folga, retiro o estojo de ferramentas e faço o ajuste necessário. Estou começando a ficar com vontade de partir.

Faço Chris vestir roupas bem quentes, e agora, já prontos, pegando a estrada, sentimos como está frio. Em poucos minutos todo o calor dos agasalhos é dissipado pelo vento e violentos arrepios me percorrem o corpo. Estimulante...

Deve esquentar assim que o sol subir um pouco. Daqui a meia hora estaremos em Ellendale, onde vamos parar para o café da manhã. Hoje vamos cobrir uma boa distância nestas estradas sem curvas.

Se não estivesse fazendo um frio danado, nossa viagem seria simplesmente magnífica. O sol baixo da madrugada bate numa

espécie de geada sobre os campos; parece-me ser apenas orvalho, é uma névoa cintilante. As sombras da madrugada, estendendo-se pela planície, fazem-na parecer menos plana do que ontem. São seis e meia pelo meu relógio. A luva velha da mão esquerda parece estar coberta de geada, mas creio que é apenas a umidade que restou da chuva de ontem. Boas, essas luvinhas surradas. Agora elas estão tão duras de frio que eu quase não posso esticar os dedos.

Ontem falei sobre a importância das coisas. Eu dou importância a essas velhas e emboloradas luvas de motociclista. Sorrio enquanto elas cortam a brisa, uma de cada lado, lembrando que estão aí há tantos anos e são tão batidas, estão tão usadas e puídas, que têm até um quê de engraçado. Ficaram sujas de óleo, suor, poeira e insetos esborrachados, e agora, quando as estendo sobre a mesa, mesmo quando não está frio, elas não ficam estendidas. Têm um passado próprio. Custam só três dólares e já foram remendadas tantas vezes que está ficando impossível consertá-las; mesmo assim, passo um bocado de tempo tentando fazê-lo, com toda a paciência, porque não posso imaginar um novo par no lugar delas. Isso não é prático, mas a conveniência não é tudo — em matéria de luvas ou de qualquer outra coisa.

Reservo um pouco desses mesmos sentimentos para a própria motocicleta. Com mais de 43.000km rodados, ela já está com uma quilometragem bastante alta, está ficando velha, embora haja muitas outras bem mais velhas rodando por aí. Mas através desses quilômetros, e creio que a maioria dos motociclistas concordará comigo, começa-se a adquirir, em relação a uma determinada máquina, certos sentimentos que pertencem só a ela e a nenhuma outra. Um amigo meu, dono de uma motocicleta da mesma marca, do mesmo modelo e ano que a minha, pediu que eu consertasse a máquina dele, e quando eu fiz um teste com ela após o conserto, foi difícil acreditar que ambas as motos tivessem vindo da mesma fábrica. Podia-se notar que ela havia adquirido seu próprio ritmo, seu próprio modo de correr e seu próprio som, completamente diferentes dos da minha motocicleta. Não piores, mas diferentes.

Creio que a isso se pode chamar personalidade. Cada máquina tem sua personalidade exclusiva e peculiar, que provavelmente poderia ser definida como a soma total intuitiva de tudo que a gente sabe e sente sobre ela. Essa personalidade está em constante mudança, em geral para pior, mas às vezes, surpreendentemente, para melhor, constituindo o verdadeiro objeto da manutenção das motocicletas. As máquinas novas são, de início, simpáticas desco-

nhecidas e, dependendo do tratamento recebido, transformam-se rapidamente em rezingões malcriados ou até mesmo em aleijões; ou então, tornam-se amigas sadias, dóceis e resistentes. Esta aqui, apesar do tratamento assassino que recebeu das mãos daqueles mecânicos de uma figa, parece ter-se recobrado e, com o passar do tempo, necessita cada vez de menos consertos.

E chegamos a Ellendale!

Uma caixa d'água e edifícios entre arvoredos, brilhando à luz matinal. Só agora é que parei de tremer. São sete e quinze.

Mais alguns minutos e estacionamos ao lado de uns velhos edifícios de tijolos. Volto-me para John e Sylvia, que estacionaram atrás de nós.

— Puxa, como estava frio!

Eles só me lançam um olhar vidrado.

— Revigorante, não?

Não há resposta.

Espero que eles terminem de ajeitar as coisas, e vejo que John tenta desamarrar toda a bagagem. Está atrapalhado com o nó. Então desiste, e vamos todos para o restaurante.

Faço nova tentativa de comunicação. Caminho de costas à frente deles em direção ao restaurante, sentindo-me meio eufórico por causa da corrida, torcendo as mãos e dando risadas.

— Sylvia! Fale comigo!

Nem um sorriso.

Acho que se sentiram mesmo congelados.

Eles pedem o café sem erguer os olhos. Após o café, finalmente pergunto:

— E agora?

John diz devagar, com todo o cuidado:

— Só vamos sair daqui quando o tempo esquentar.

O tom fatal de sua voz, que me lembra a fala de um xerife de faroeste ao pôr-do-sol, me faz crer que é uma decisão irrevogável.

Assim, John, Sylvia e Chris ficam sentados, bem aquecidos, no vestíbulo do hotel vizinho ao restaurante, enquanto eu saio para dar uma volta.

Acho que eles estão com um pouco de raiva de mim, por tê-los feito acordar tão cedo e viajar nesse frio. Quando se anda junto com outras pessoas, fatalmente surgem pequenas diferenças de comportamento. Por falar nisso, não me lembro de ter andado de moto com eles antes de uma ou duas da tarde, embora eu ache que o melhor horário para andar de motocicleta é o da manhã.

A cidade é limpa e agradável, diferente daquela em que passamos a noite. Há várias pessoas nas ruas, umas abrindo as lojas e dando bom-dia, conversando e comentando sobre o frio. Dois termômetros que ficam na sombra marcam 5,5 e 7,7°C. Um termômetro no sol mostra 18°C.

Depois de uns quarteirões, a rua principal vira uma trilha dupla, acidentada e lamacenta, que adentra um campo, passando ao lado de um barracão pré-fabricado repleto de máquinas e ferramentas agrícolas. Um homem me olha desconfiado, lá do meio do campo, provavelmente imaginando o que estou fazendo ali, enquanto examino o barracão. Retorno pela mesma rua, encontro um banco gelado e me sento, olhando para a moto. Não há nada para fazer.

Estava mesmo frio, mas não a esse ponto. Fico imaginando como é que o John e a Sylvia tinham conseguido suportar os invernos de Minnesota. Aqui existe uma incoerência flagrante, quase óbvia demais para ser mencionada. Se não suportam o desconforto nem a tecnologia, vão ter que chegar a um meio-termo. Eles dependem da tecnologia e, ao mesmo tempo, a rejeitam. Tenho certeza de que percebem isso, e que essa percepção contribui para o seu descontentamento com as coisas. A tese deles não tem lógica; estão só expondo a situação como ela é. Mas agora vejo três fazendeiros entrando na cidade, dobrando a esquina numa camioneta novinha em folha. Aposto que a coisa com eles funciona exatamente ao contrário. Os fazendeiros vão mostrar a todo mundo aquela camioneta e o trator e a nova máquina de lavar, vão adquirir as ferramentas necessárias para consertar essas máquinas se elas enguiçarem, e vão saber usar as ferramentas. Eles valorizam a tecnologia. Logo eles, que são os que menos precisam dela. Se toda a tecnologia desaparecesse amanhã, essas pessoas saberiam como se arranjar. Seria difícil, mas elas sobreviveriam. John, Sylvia, Chris e eu morreríamos em uma semana. As críticas à tecnologia não passam de uma tremenda ingratidão.

Só que é um beco sem saída. Se a gente disser a um mal-agradecido que ele é ingrato, só vai lhe dar um nome, não vai resolver nada.

Meia hora depois, o termômetro ao lado do hotel marca 11,5°C. No refeitório principal do hotel encontro os três sozinhos. Parecem impacientes. Pelas suas expressões, estão mais animados, e John diz, otimista:

— Vou vestir tudo o que é roupa que eu trouxe, e aí a gente

vai se dar bem.

Ele sai em direção às motocicletas, e, ao voltar, anuncia:

— Puxa, eu não queria desmanchar aquela droga toda, mas não estou nem um pouco a fim de enfrentar outra viagem nas mesmas condições.

Depois, informa que o banheiro dos homens está um gelo, e, já que não há ninguém no refeitório, passa atrás de uma mesa ao fundo daquela em que eu e Sylvia estamos conversando. Suspendendo a conversa com ela, ergo os olhos e vejo o John, metido num conjunto azul-claro de ceroulas e camiseta de inverno, com um largo e afetado sorriso no rosto, por estar assim tão ridículo. Olho por um momento para os óculos que ele deixou sobre a mesa, e depois digo a Sylvia:

— Puxa, não faz nem um minuto a gente estava conversando com o Clark Kent... Olha aqui os óculos dele... E agora, de repente... Lois, será que...

E John anuncia, a alta voz:

— SUPERFROUXO!

A seguir, desliza sobre o assoalho encerado do vestíbulo como um patinador, dá um salto mortal e volta, sempre deslizando. Erguendo um braço acima da cabeça, agacha-se, como se estivesse prestes a alçar vôo.

— Pronto, aqui vou eu!

Depois sacode a cabeça, tristemente.

— Cara, eu não queria arrebentar esse teto tão bonitinho, mas a minha visão de raios X está me dizendo que tem alguém em apuros.

Chris está soltando risadinhas.

— Todo mundo aqui vai ficar em apuros, se você não vestir alguma coisa — aparteia Sylvia.

John solta uma gargalhada.

— Já pensaram? Eu, o "exibicionista de Ellendale!"

Dá mais uma voltas, com um andar empavonado, depois começa a vestir-se.

— Ah, não, nada disso, eles não iam fazer uma coisa dessas. O Superfrouxo se entende com a polícia. Eles sabem quem está do lado da lei, da ordem, da justiça, da decência e da igualdade.

Quando pegamos a estrada novamente, ainda está bem fresco, embora não como antes. Passamos por algumas localidades e, pouco a pouco, quase imperceptivelmente, o sol volta a esquentar, aquecendo também meus sentimentos. A sensação de desânimo

desaparece por completo; o vento e o sol agora são bem-vindos, tornando tudo mais real. Tudo isso está acontecendo, e eu o sinto no calor do sol, na estrada, nos verdes campos cultivados e no vento que bate no meu rosto. Logo, tudo se transforma em calor, vento, velocidade e sol estrada afora. Os últimos frescores da manhã esvaem-se no ar aquecido. Vento, e mais sol, e mais estrada bem pavimentada.

Como este verão é verde e fresco!

Há margaridas brancas e douradas no capinzal diante de uma velha cerca de arame, um pasto com algumas vacas e, lá longe, uma pequena elevação sobre a qual brilha alguma coisa dourada. É difícil distinguir o que seja. E não é necessário.

Quando a estrada ascende um pouco, o ruído do motor fica mais forte. Ao chegarmos ao alto, vemos uma nova paisagem estendendo-se à nossa frente, a estrada desce, e o ruído do motor diminui outra vez. Pradaria. Tranqüila e isolada.

Mais tarde, ao pararmos, Sylvia, com os olhos lacrimejando por causa do vento, abre os braços, dizendo:

— Que bonito! Tudo tão deserto!

Mostro a Chris como improvisar um leito, estendendo o blusão no chão e usando uma camisa de reserva como travesseiro. Está sem sono, mas eu o mando deitar-se, porque precisa de repouso. Cubro-o com o meu blusão para aquecê-lo mais. John pega a câmera e, após um instante, comenta:

— Este é o pior cenário do mundo para fotografar. A lente precisaria ter pelo menos 360°. Depois de observar esta amplidão, olhando pela lente pouca coisa se pode ver. E só a gente colocar uma moldura, que estraga tudo.

— Acho que é isso o que não se consegue ver de automóvel — comento eu.

— Uma vez, quando eu tinha uns dez anos — diz Sylvia — paramos assim à beira da estrada e gastei metade de um filme tirando fotos. E quando ficaram prontas, eu chorei. Não tinha saído nada.

— Quando é que a gente vai embora? — pergunta Chris.

— Por que a pressa? — retruco eu.

— Eu só quero continuar.

— Lá na frente não tem nada melhor do que aqui.

Ele olha o chão em silêncio, franzindo a testa.

— A gente vai passar a noite acampado?

Os Sutherlands me olham de um jeito apreensivo.

— Vai? — insiste ele.

— Depois a gente vê — respondo.

— Por que depois?

— Porque agora eu não sei.

— Por que não sabe?

— Bom, agora não sei dizer por que é que eu não sei.

John dá de ombros mostrando que, por ele, tudo bem.

— Este não é um local muito bom para se acampar. Não tem árvores, nem água. — Mas, de repente, acrescento: — Está bem, hoje a gente vai acampar.

Já havíamos conversado sobre isso.

Assim, avançamos pela estrada deserta. Não quero possuir essas pradarias, nem fotografá-las, nem modificá-las, nem parar, nem continuar. Estamos só viajando por uma estrada deserta.

Capítulo 5

Desaparecida a planura da pradaria, a terra começa a ondular-se de leve. Há cada vez menos cercas, e o verde fica mais pálido. Tudo indica que estamos chegando às Altas Planícies.

Paramos em Hague para encher o tanque e perguntamos se há algum modo de cruzar o rio Missouri entre Bismarck e Mobridge. O empregado do posto não sabe. Como agora está fazendo calor, John e Sylvia vão tirar as roupas de baixo quentes. Mudo o óleo da moto e lubrifico a corrente. Chris observa tudo o que faço, porém com um pouco de impaciência. Mau sinal.

—Meus olhos estão doendo — resmunga ele.

— De quê?

— Do vento.

— A gente compra uns óculos para você.

Entramos todos num bar para tomar café e comer pãezinhos. Tudo para nós é diferente, exceto nós mesmos, e ficamos mais olhando em volta do que palestrando, procurando ouvir trechos das conversas de pessoas que parecem conhecer-se mutuamente e que olham para nós, porque nós somos novos ali. Depois, num outro trecho da rua, adquiro um termômetro para guardar no alforje e uns óculos plásticos de proteção para o Chris.

O homem da loja também não conhece nenhum atalho para atravessar o Missouri. John e eu examinamos o mapa. Eu esperava que encontrássemos alguma linha de balsas não oficial, ou uma ponte para pedestres, ou coisa parecida, naquele trecho de cento e quarenta quilômetros, mas é claro que não há nada, porque do outro lado não existe muita coisa que valha a pena ver. Lá é tudo reserva indígena. Resolvemos, então, ir para o sul, até Mobridge, e atravessar o rio ali.

A estrada para o sul é péssima. Uma pista estreita, toda rachada e esburacada; pegamos um vento frontal horrível, o sol ba-

tendo de frente, e umas carretas enormes na pista de descida. Por causa dos morros, a estrada é uma verdadeira montanha-russa, freando as carretas na subida e acelerando-as na descida. As curvas limitam ainda mais nossa visibilidade, e por isso, cada vez que temos que ultrapassar uma carreta, ficamos apavorados. A primeira que surgiu me pregou um tremendo susto, pois eu estava desprevenido. Agora agüento firme e me preparo para elas. Não há perigo. Só um impacto que percorre os nervos da gente. O tempo começa a ficar mais quente e seco.

Ao pararmos em Herreid, John desaparece para tomar uma bebida, enquanto Sylvia, Chris e eu procuramos uma sombra num parque para descansar. Mas o lugar não é acolhedor. Alguma coisa mudou, eu não sei bem o quê. As ruas desta cidade são muito mais largas do que o necessário, e há uma nuvem de poeira pairando no ar. Espalhados entre os edifícios, vêem-se terrenos baldios tomados pelo mato. Os armazéns metálicos de equipamentos e a caixa d'água são semelhantes aos das outras cidades pelas quais passamos, mas ficam mais dispersos. Tudo aqui é mais abandonado, monótono e situado de maneira meio aleatória. Agora ninguém mais se preocupa em manter tudo organizado e arrumadinho. A terra já não vale nada. Estamos numa cidade do Oeste.

Almoçamos hambúrgueres e Ovomaltine numa lanchonete em Mobridge, enfrentamos o tráfego pesado da rua principal e depois avistamos, ao pé do morro, o rio Missouri. É esquisito ver aquela água toda correndo entre margens cobertas de capim que quase não recebem água nenhuma. Volto-me e lanço um olhar a Chris, que, no entanto, parece não estar muito interessado no assunto.

Descemos o morro e, com um solavanco, entramos na ponte e a atravessamos, olhando o rio através dos intervalos entre as vigas que passam ritmicamente.

Ao chegarmos à margem oposta, iniciamos longa subida rumo a uma região diferente.

Já não restam mais cercas. Não há arbustos, nem árvores. A curvatura dos morros é tão extensa que a moto de John parece uma formiguinha perdida no meio daquela ondulação verde. Acima da ondulação, afloramentos rochosos debruçam-se no alto, do pico dos penhascos.

Aqui existe uma ordem natural. Se esta terra fosse abandonada, teria uma aparência gasta e maltrapilha, com remanescentes de velhos alicerces de concreto, de arame e de placas pintadas de

metal aparecendo, e mato crescido nos lugares onde o relvado fora interrompido para dar lugar a qualquer tentativa de ocupação da terra. No entanto, não se vê nada disso. Não é que o lugar seja bem preservado; é que nunca ninguém o tocou. Está do jeito que sempre deve ter sido. Terras de reserva.

Não há nenhum simpático mecânico de motocicletas além daquelas montanhas, e eu fico imaginando se estamos prontos para enfrentar isso. Se acontecer alguma coisa agora, vamos ficar enrascados mesmo.

Verifico a temperatura do motor, tocando-o com a mão. Felizmente, está baixa. Passo para o ponto morto e deixo a moto descer na banguela por um momento, para ouvir-lhe o som em baixa rotação. Ouvindo um ruído engraçado, repito a manobra. O penhasco à nossa frente me devolve um eco que permanece depois que eu paro de acelerar. Engraçado. Repito a manobra umas duas ou três vezes. Chris pergunta o que há, e eu digo para ele prestar atenção no eco. Ele não responde nada.

Este velho motor tem um som peculiar, como se houvesse um monte de moedas soltas chacoalhando dentro dele. Parece horrível, mas é apenas o ruído normal que fazem as válvulas. Uma vez acostumada com ele, a gente automaticamente percebe qualquer diferença. Se não se distingue nada, é porque está tudo bem.

Tentei fazer com que John se interessasse pelo ruído uma vez, mas em vão. Ele só conseguia escutar um barulho, e só via a moto e eu segurando ferramentas lambuzadas de graxa, mais nada. Não adiantou.

De fato, ele não entendia o que estava acontecendo e não estava interessado o suficiente para descobrir. Ele se interessa mais em ver como as coisas são do que em saber o que elas significam. O fato de ele encarar as coisas desse modo é muito importante. Levei muito tempo para perceber a diferença, e é importante para esta chautauqua que eu a explique bem.

Fiquei tão frustrado porque ele se recusava até mesmo a pensar em qualquer assunto de mecânica, que resolvi procurar um meio de lhe fornecer alguma pista que o orientasse, mas não sabia por onde começar.

Achei melhor esperar até que acontecesse algo errado com a moto dele; aí eu lhe mostraria como fazer. Só que fiz papel de bobo, porque não percebi que ele encarava as coisas de outra maneira.

O guidom da moto dele estava frouxo. Não muito, dizia, só deslizava um pouquinho quando ele se apoiava na barra com mui-

ta força. Avisei-o para não apertar as porcas com a chave de boca ajustável, porque era capaz de estragar o cromo e dar origem a pequenos pontos de ferrugem. Ele concordou em usar meu jogo de chaves de estria métrica.

Quando ele trouxe a motocicleta, peguei minhas ferramentas, mas notei que o deslizamento não ia parar com um simples ajuste, porque as extremidades dos anéis estavam bem unidas.

— Você vai ter que pôr um calço nesses anéis — disse eu.

— O que é um calço?

— É uma tira fina e lisa de metal. E só enrolá-la no guidom sob o anel, assim, que ela aumenta o anel, de modo que você possa apertá-lo novamente. Esses calços são usados para ajustar as mais diversas máquinas.

— Ah! — disse ele. Estava começando a se interessar. — Legal. Onde é que a gente compra isso?

— Não precisa comprar, aqui já tem um — respondi, exultante, erguendo uma lata de cerveja.

Ele levou uns instantes para entender.

— Espere aí. Essa lata ?

— Claro. É o melhor material para calços que há no mundo. Parecia-me uma solução muito inteligente. Afinal, eu o estava poupando de ir até onde Judas perdeu as botas para comprar um punhado de calços. Era economizar tempo e dinheiro.

Surpreendentemente, porém, ele não percebeu a minha intenção. Aliás, assumiu uma atitude de notório desprezo em relação ao assunto. Num instante tirou o corpo fora, inventou mil desculpas e, antes que eu pudesse perceber qual era a sua verdadeira intenção, havíamos decidido deixar o guidom como estava.

Pelo que sei, o guidom continua frouxo. Acho que na época ele chegou até a se ofender. Eu tivera a audácia de sugerir que ele consertasse a sua BMW de oitocentos dólares, o orgulho de meio século de tecnologia alemã, com uma tira de lata de cerveja!

Ach, du lieber

Desde então, conversamos muito pouco sobre manutenção de motocicletas. Aliás, pensando bem, não conversamos.

E só insistir no assunto, que de repente a gente descobre que já se zangou, sem nem saber por quê.

Devo acrescentar, a título de explicação, que o alumínio das latas de cerveja é tão maleável e aderente quanto possível, para um metal. É perfeito para o uso em questão. O alumínio não se oxida no tempo úmido — ou melhor, já vem com uma fina camada de

óxido que impede um maior grau de oxidação, o que também vem a calhar.

Em outras palavras, qualquer mecânico alemão que se preze, com meio século de qualidade nas costas, concluiria que essa solução era perfeita para aquele caso específico.

Por um instante pensei que eu deveria era ter disfarçado, ido até a bancada, tirado um calço da lata de cerveja, apagado a tinta e voltado, dizendo ao John que estávamos com sorte, aquele era o último que eu tinha, vindo diretamente da Alemanha. Aposto que teria funcionado. Um calço especial do estoque particular do barão Alfred Krupp, adquirido à custa de grande sacrifício. Aí o John teria ficado completamente abestalhado com o calço.

Aquela idéia do calço particular do barão Krupp me satisfez por um tempo, mas depois se esvaiu, pois eu percebi que era só uma fantasia tola em busca de vingança. Cresceu em seu lugar o velho sentimento de que já falei, uma sensação de que há algo maior por trás disso tudo. Às vezes, investigando pequenas incoerências, chega-se a grandes descobertas. Eu sentia que o problema era muito complexo para que eu o abordasse sem mais aquela, mas, em vez de esquecer, resolvi, como de costume, investigar as causas e os efeitos para ver quais os fatores que poderiam levar a um impasse entre a visão de John sobre aquele calço e a minha. Isso acontece toda hora, quando se trabalha com mecânica. Um impasse. A gente senta e fica de olhar parado, pensando, procurando aleatoriamente novas informações, vai embora, volta, e depois de algum tempo os fatores não detectados começam a surgir.

Primeiro, o que surgiu de uma forma ainda indefinida, e depois mais nítida, foi a explicação de que eu tinha encarado aquele calço de maneira intelectual, racional, na qual o que importava eram as características físicas e químicas do metal. John o encarou de um modo imediato e intuitivo, bem emocional. Eu avaliei a lata em termos de forma subjacente. Ele, em termos de aparência superficial. Eu via o que o calço significava. Ele, o que o calço era. Eis como cheguei a essa distinção. E quando a gente vê o calço só como ele é, a coisa fica mesmo deprimente. Quem é que gostaria de ver uma linda máquina de precisão consertada com um pedaço de lata velha?

Acho que me esqueci de mencionar que o John é músico, um baterista, toca em conjuntos da cidade inteira e ganha um bom dinheiro com isso. Acho que ele encara tudo da mesma forma que a bateria — ou seja, ele nem pensa sobre as coisas. Ele só faz. E isso

aí. Ele reagiu ao calço de lata de cerveja da mesma maneira que reagiria se alguém arrastasse o ritmo enquanto ele estivesse tocando. Ficou chocado com aquilo, e pronto. Não quis mais nem saber.

De início, tal diferença parecia insignificante, mas depois foi crescendo, crescendo, até que comecei a perceber por que eu não havia notado nada. Há coisas que a gente não nota porque são muito pequenas para serem vistas. Mas há outras que a gente não vê porque são imensas. Estávamos ambos olhando para a mesma coisa, falando sobre a mesma coisa, só que ele estava olhando, vendo, falando, pensando a partir de uma dimensão completamente diferente.

A verdade é que ele se importa com a tecnologia. Só que nessa outra dimensão ele fica todo atrapalhado e acaba por rejeitá-la. Ele não consegue lidar com a tecnologia. Bem que tenta, mas sem raciocinar antes, e só se enrola, se enrola, e de tanto se enrolar acaba desistindo e amaldiçoando todas aquelas porcas e parafusos para não pensar mais nelas. Não quer, ou não consegue acreditar que exista algo neste mundo que possa ser encarado de um modo não emocional.

É essa a dimensão em que ele se encontra. A dimensão do emocional. Eu estou sendo horrivelmente careta, com essa conversa toda de mecânica. Mecânica é feita de peças, relações, análises, sínteses e deduções abstratas, que estão em outro lugar, que parece ser este, mas que está situado a milhões de quilômetros daqui. Essa é que é a verdade. Ele está nessa defasagem entre dimensões, subjacente à maior parte das transformações culturais ocorridas nos anos 60, creio eu, e ainda presente no processo de readaptação de nossa visão nacional das coisas como um todo. Um dos resultados desse redimensionamento foi o "conflito de gerações". Dele também surgiram as denominações beat e hip. Agora, parece óbvio que essa dimensão não é uma moda passageira que vai durar só um ano ou dois. Veio para ficar, porque é uma forma muito séria e importante de encarar o mundo, e que parece ser incompatível com a razão, quando na verdade não é. Chegamos agora à raiz do problema.

Minhas pernas começam a doer, de tão duras. Levanto uma de cada vez, e viro o pé para a esquerda e para a direita o máximo possível, a fim de esticar a perna. Isso alivia um pouco, mas aí os outros músculos ficam cansados de tanto sustentar a perna esticada.

Na verdade, o conflito de que tratamos ocorre entre diferentes perspectivas da realidade. O mundo, tal como a gente o vê, aqui e agora, é a realidade, não importa o que os cientistas afirmem que ele seja. É assim que o John vê o mundo. Mas o mundo revelado pelas descobertas científicas também é real, independente de sua aparência, e as pessoas da dimensão de John vão ter que fazer mais do que ignorá-lo, se quiserem preservar a visão de realidade que possuem. É o que o John vai descobrir no dia em que queimarem os platinados dele.

Eis a verdadeira razão pela qual ele se perturbou naquele dia, quando não conseguiu ligar o motor. Aquilo fez um belo buraco em seu jeito emocional de encarar as coisas, e ele não quis enfrentar o problema que parecia ameaçar todo o seu modo de viver. De certa maneira, ele experimentou o mesmo tipo de raiva que os cientistas sentem, ou pelo menos sentiam, da arte abstrata. Aquilo também não combinava com o modo de vida deles.

Na verdade, existem duas realidades, uma da aparência artística imediata e outra da explicação científica subjacente; elas não coincidem, são incompatíveis, não têm quase nada em comum. É uma situação bastante complicada. Constitui, aliás, um problema de certa gravidade.

Numa das retas desta estrada longa e desolada divisamos uma mercearia solitária. No interior dela, lá num canto, encontramos uns caixotes onde nos sentamos para tomar umas latas de cerveja.

Estou me sentindo cansado e com dor nas costas. Aproximo o meu caixote de uma viga, para poder me recostar.

Pela expressão do seu rosto, Chris está mesmo entrando numa pior. Foi um dia duro e longo. Eu disse a Sylvia, ainda em Minnesota que a gente poderia esperar uma depressão como esta no segundo ou no terceiro dia, e agora ela vem aí. Minnesota — quando foi mesmo que saímos de lá?

Uma mulher completamente embriagada está comprando cerveja para algum homem que deve estar esperando no carro em frente à loja. Ela não consegue escolher a marca da cerveja, e a esposa do merceeiro, que está atendendo, começa a ficar furiosa. A mulher continua a hesitar, mas aí nos vê, acena para nós, e pergunta se somos os donos das motos. Respondemos que sim, com um gesto de cabeça. Aí ela pede para dar uma volta de moto. Eu tiro o corpo fora, e deixo o John se entender com ela.

Ele gentilmente lhe diz que não, mas ela fica insistindo e lhe oferece um dólar pelo passeio. Digo umas piadas sem graça, que só servem para aumentar a depressão. Saímos, voltando aos morros acastanhados e ao calor.

Ao chegarmos a Lemmon, estamos moídos pelo cansaço. Ouvimos falar que existe uma área de acampamento mais para o sul. John quer acampar num parque no centro da cidade, sugestão que nos soa bastante estranha e aborrece tremendamente ao Chris.

Estou mais cansado do que nunca, e os outros também. Mesmo assim, nos arrastamos até um supermercado, compramos todos os mantimentos que nos ocorrem e, com alguma dificuldade, arrumamos os pacotes sobre as motocicletas. O sol agora está muito baixo, e já começa a escurecer. Dentro de uma hora será noite. Parece que não estamos mais nem nos mexendo. Será que vamos desanimar agora?

— Vamos embora, Chris — chamo eu.

— Pare de gritar comigo. Eu já estou pronto.

Saímos de Lemmon por uma estrada municipal, exaustos, dirigindo durante um tempo aparentemente interminável, porque o sol continua acima da linha do horizonte. O acampamento está deserto. Ainda bem. Só que nos resta apenas meia hora de luz solar e já não temos mais forças. Isso é que é o pior.

Tento desfazer a bagagem o mais rápido possível, mas estou tão morto de cansaço que jogo tudo à margem da estrada, sem perceber como o lugar é ruim. Só depois é que noto o soprar de um vento muito forte. E um vento das Altas Planícies. Esta é uma área semidesértica; tudo está queimado e seco, exceto um lago, uma represa enorme situada numa parte mais baixa do terreno. O vento sopra do horizonte, cruza a represa e nos atinge em rajadas fortes. Já está bem fresco. Vejo uns pinheiros raquíticos, distantes da estrada uns vinte metros, e digo a Chris para levar as coisas para lá.

Ele não obedece. Sai vagueando em direção à represa. Acabo carregando tudo sozinho.

O sol se põe.

John apanha um pouco de lenha, mas as achas são grandes demais e as lufadas de vento não deixam o fogo pegar. E preciso rachar a madeira para que as lascas se inflamem. Volto aos pinheiros raquíticos para procurar o facão de mato, mas já está tão escuro que não consigo encontrá-lo. Preciso da lanterna. Começo a procurar, mas também está escuro demais para encontrá-la.

Volto, ligo a moto e a levo para perto de onde está a bagagem, iluminando o local com o farol para ver se localizo a lanterna. Levo algum tempo para perceber que eu não queria a lanterna, queria o facão, que está bem debaixo do meu nariz. Quando, finalmente, retorno, o John já conseguiu fazer o fogo pegar. Usando o facão, racho alguns dos pedaços maiores de madeira.

Chris reaparece... com a lanterna na mão.

— Quando é que a gente vai comer?

— Nós já estamos cuidando disso. Deixe a lanterna aqui — ordeno.

Ele torna a desaparecer, levando a lanterna.

O vento sopra o fogo com tanta força que as labaredas não alcançam a carne. Tentamos improvisar um quebra-vento com grandes pedras encontradas na estrada, mas está muito escuro e não conseguimos ver o que está por ali. Trazemos as motocicletas para perto e iluminamos o local com as luzes dos faróis, colocados um em frente ao outro. Luz mais esquisita. As cinzas incandescentes, subindo do fogo, assumem um intenso brilho branco ao atravessarem o cone de luz, para depois serem levadas pelo vento.

De repente... BUM! Uma tremenda explosão atrás de nós. Depois, as risadas espremidas do Chris.

Sylvia está zangada.

— Achei uma bombinhas — diz ele.

Contenho-me a tempo, dizendo, secamente:

— É hora de comer.

— Primeiro me arranja uns fósforos.

— Sente-se e coma.

— Me dá os fósforos primeiro.

— Sente-se e coma!

Ele se acomoda e eu tento cortar a carne com a minha faca de rancho, mas está dura demais e resolvo usar uma faca de caça. A luz do farol da moto incide diretamente sobre mim, de modo que não posso enxergar onde caiu a faca de rancho quando a devolvi à marmita.

Chris reclama que não consegue cortar a carne também, e eu lhe dou a minha faca. Ao esticar-se para pegá-la, ele derruba toda a comida sobre a lona.

Ninguém diz palavra.

Não fiquei chateado porque ele derramou a comida. Estou zangado porque agora vamos ter que viajar com essa lona toda engordurada.

— Tem mais? — pede ele.

— Coma assim mesmo — digo eu. — Caiu em cima da lona.

— A lona está muito suja.

— Bom, só tem isso aí.

Uma onda de depressão desce sobre nós. Tudo que eu quero agora é descansar. Mas Chris está contrariado, e eu estou só esperando ele fazer uma daquelas lindas cenas de costume. Dito e feito. Num instante começa a ranhetice.

— Isso está horrível.

— É, Chris, está meio duro.

— Tudo está horrível. Este acampamento é horrível.

— A idéia foi sua — intromete-se Sylvia. — Foi você quem quis acampar.

Ela não devia ter dito isso. Mas como ia adivinhar? É só fisgar a isca que ele lança outra, depois outra, e mais outra, até que a gente acaba batendo nele, que é o que ele realmente quer.

— Não me importo.

— Pois devia.

— Mas eu não me importo.

A situação está se tornando insustentável. Sylvia e John olham para mim, mas eu finjo que não é comigo. Infelizmente, não posso fazer nada agora. Uma discussão só irá piorar as coisas.

— Eu não estou com fome — diz Chris. Não há resposta.

— Minha barriga está doendo.

Então ele mesmo evita a catástrofe, voltando-se e desaparecendo na escuridão.

Acabamos de comer. Ajudo Sylvia na arrumação e depois nos sentamos juntos por uns instantes. Desligamos os faróis, para não gastar as baterias, e também porque a luz deles não é nada bonita. O vento parou um pouco; o fogo irradia uma luz fraca. Instantes depois, meus olhos já se acostumaram à escuridão. A comida e a raiva tiraram um pouco o meu sono. Chris não voltou.

— Você acha que ele está mesmo só querendo castigar a gente? — pergunta Sylvia.

— Acho — respondo — , embora esse termo não me pareça o mais correto. — Depois de refletir um pouco, acrescento: — Esse é um termo de psicologia infantil, contexto com o qual não tenho afinidade. Digamos que ele está um saco.

John ri um pouco.

— Seja lá como for, o jantar estava bom. Só fico chateado por ele ter agido daquela maneira — eu digo.

— Tudo bem — diz John. — Eu só fiquei preocupado porque não comeu nada.

— Isso não vai machucá-lo.

— Você não acha que ele pode se perder por aí?

— Não; se se perder, dá uns berros.

Agora que ele se foi, e estamos aqui sem nada para fazer, tomo uma consciência maior do espaço que nos rodeia. Não se ouve um só ruído. Pradaria mais deserta...

Sylvia volta ao assunto.

— Você acha que ele sente mesmo dor de barriga?

— Sente — digo eu, de maneira meio dogmática. Não gosto de ver que o assunto está rendendo, mas eles merecem receber uma explicação melhor do que a que lhes dei.

— Tenho certeza de que ele sente dor — acabo dizendo. — Já foi examinado uma meia dúzia de vezes por causa disso. Certa vez teve uma crise tão forte que nós pensamos que fosse apendicite. Eu me lembro que a gente estava no norte, de férias. Eu tinha acabado de terminar a redação de uma proposta de uma firma de engenharia para um contrato de cinco milhões de dólares, que quase acabou comigo. A gente fica completamente à parte do mundo. Tempo curto e paciência esgotada, e seiscentas páginas de dados para entregar em uma semana; eu já estava a ponto de matar uns três, e aí achei melhor passar uns dias na floresta.

Não consigo me lembrar em que região estávamos. Eu, com a cabeça cheia de dados de engenharia, e o Chris ali, gritando o tempo todo. A gente nem podia tocar nele, e então vi que ia ter que levá-lo correndo para o hospital, que eu nem me lembro onde era. Ora, os médicos não descobriram nada.

— Nada?

— Não. Mas já aconteceu outras vezes.

— Eles não fazem a menor idéia? — pergunta Sylvia.

— No começo deste ano eles acharam que eram sintomas iniciais de uma doença mental.

— O quê?! — exclama John.

Está muito escuro e não consigo enxergar as fisionomias de meus amigos, nem o contorno dos morros. Tento ouvir algum som a distância, mas é inútil. Não sabendo o que responder, mergulho no silêncio.

Com algum esforço consigo ver as estrelas lá no alto, mas a fogueira à nossa frente torna difícil enxergá-las. A escuridão à nossa volta é profunda e densa. Meu cigarro já queimou até o filtro

e eu o atiro fora.

— Eu não sabia — diz a voz de Sylvia. Sumiram todos os resquícios de raiva. — Ficamos imaginando por que você trouxe o Chris em vez da sua esposa. Ainda bem que você nos contou.

John empurra algumas achas não queimadas para o fogo.

— Por que será que ele ficou assim? — pergunta Sylvia.

A voz de John produz um som áspero, como se estivesse querendo encerrar o assunto, mas eu respondo:

— Não sei. As causas não combinam com os efeitos. As causas e efeitos são conseqüências do raciocínio. A doença mental é anterior ao raciocínio. — Isso não faz muito sentido para eles, tenho certeza. Também não faz muito sentido para mim. Estou cansado demais para refletir sobre o assunto e resolvo desistir.

— O que pensam os psiquiatras?

— Nada. Desisti deles.

— Desistiu?

— É.

— Mas será que isso é bom?

— Não sei. Não consigo encontrar nenhuma razão plausível para dizer que não é bom. É apenas um bloqueio mental meu. Penso sobre o caso, avalio todas as causas possíveis, planejo marcar outra consulta, chego a procurar o número do telefone; de repente baixa o bloqueio, e é como se uma porta se fechasse dentro da minha cabeça.

— Isso não parece direito.

— Todo mundo pensa assim. Acho que eu não posso me defender para sempre.

— Mas por quê? — pergunta Sylvia.

— Não sei por quê... E que... Não sei... Eles não são afins. — Palavra surpreendente, penso comigo mesmo. Nunca a usei antes. Não são afins. Parece fala de caipira. Não têm afinidade. Mesma raiz. Afeto, a idéia é parecida... Não sentem afeição por ele, não são afins... Essa é que é a sensação.

Palavra antiga, tão antiga que já está quase esquecida. Que transformação através dos séculos! Agora, qualquer um pode ser “afetuoso”. E espera-se que todos sejam amáveis. Só que há muito tempo atrás era uma coisa inata, não podia ser mudada. Agora é, na maior parte do tempo, uma atitude fingida, como a dos professores no primeiro dia de aula. Mas o que sabem realmente sobre a afeição aqueles que não são afins?

Isso fica rodando na minha cabeça.. Em inglês, afeição, kind-

ness... afim, kin... Mein Kind... já é outra língua, e quer dizer "meu filho". Mein Kind... "Wer reitet so spat durch Nacht und Wind? Es ist der Vater mit seinem Kind."

Sensação mais estranha, a que esses versos me trazem.

— No que está pensando? — pergunta Sylvia.

— Num antigo poema de Goethe. Deve ter uns duzentos anos. Tive que decorá-lo há muito tempo atrás. Não sei por que me lembrei dele agora, a não ser... — A sensação estranha volta.

— Que é que ele diz?

Tento recordar-me.

— Fala de um homem que anda a cavalo pela praia à noite, contra o vento. É um pai, que leva o filho apertado nos braços. Ele pergunta por que o filho parece tão pálido, e o menino responde: "Pai, você não está vendo o fantasma?" O pai tenta convencer o garoto de que ele só estava vendo uma faixa de neblina ao longo da praia e ouvindo o vento a sacudir as folhas. Mas o filho insiste que é um fantasma, e o pai cavalga ainda mais rápido noite adentro.

— E como termina?

— Mal... o garoto morre. O fantasma vence.

O vento atiça os carvões, que irradiam mais luz, e eu vejo a expressão assustada de Sylvia.

— Mas isso foi em outro lugar, em outra época. Aqui é a vida que triunfa, os fantasmas não fazem sentido. É no que acredito. Eu também acredito em tudo isto — e lanço um olhar à pradaria escura —, embora não tenha ainda certeza do que significa... Não tenho me sentido muito seguro ultimamente. Talvez seja essa a razão por que falo tanto...

A luz das brasas vai se extinguindo pouco a pouco. Fumamos os últimos cigarros. Chris está perdido na escuridão, em algum lugar, mas não pretendo me embrenhar no mato atrás dele. John trata de ficar calado, Sylvia também está silenciosa, e subitamente nos isolamos, fechamo-nos em nossos mundos, sem nos comunicarmos. Apagamos a fogueira, e vamos nos enfiar nos sacos de dormir, ao pé dos pinheiros.

Descubro que nosso pequeno refúgio no meio dos pinheiros raquíticos também é o refúgio de milhões de mosquitos que vêm da represa. O repelente não adianta nada. Eu me encolho no fundo do saco, deixando só um buraquinho para respirar. Quando Chris reaparece, já estou quase pegando no sono.

— Tem uma duna enorme ali embaixo — informa ele, esmagando as agulhas de pinheiro ao caminhar.

— É. Agora vá dormir.

— Você devia ver. Você vem comigo amanhã ver a duna?

— Não vamos ter tempo para isso.

— Posso brincar lá amanhã de manhã?

— Pode.

Ele faz um barulho enorme para se despir e entrar no saco. Agora está deitado. Depois começa a se virar. Em seguida fica quieto, depois se remexe mais um pouco. Então chama:

— Pai!

— Que é?

— Como era quando você era criança?

— Chris, quer fazer o favor de dormir!? — A paciência da gente tem limites.

Mais tarde ouço Chris fungar bruscamente, como se estivesse chorando. Embora exausto, não consigo dormir. Talvez eu devesse dizer algumas palavras de consolo. Ele estava tentando ser gentil. Mas as palavras não vêm, não sei por quê. As palavras de consolo são para os estranhos, para os hospitalizados, não para os afins. Ele não precisa, nem está buscando pequenos curativos emocionais dessa espécie. Eu não sei o que ele procura, nem do que precisa.

Uma lua cheia surge vagarosamente no horizonte, além do pinhal, e pela trajetória lenta daquele paciente disco luminoso vou contando hora após hora de sono intermitente. Cansaço demais. A lua, sonhos estranhos zumbidos de mosquitos e fragmentos esquisitos de lembranças se aglutinam e se misturam, num cenário fantástico, em que a lua brilha apesar da neblina, e eu monto um cavalo, com Chris na garupa, e o cavalo salta um regato na areia em direção ao oceano, lá adiante. Aí a cena se esvanece de repente e depois reaparece.

E na neblina surge uma silhueta, que desaparece quando olho diretamente para ela, mas ressurge no canto do olho quando desvio o olhar. Estou a ponto de dizer alguma coisa, de chamar aquele vulto, chego quase a reconhecê-lo, mas não o faço, porque reconhecê-lo por meio de qualquer gesto ou ação significa emprestar-lhe uma concretude que ele não pode ter. Mas essa silhueta eu conheço, embora não dê a perceber. É o Fedro.

Espírito demoníaco. Louco. Vindo de um mundo onde não há vida nem morte.

A silhueta desaparece; contenho o pânico devagar... com firmeza... sem pressa... deixando-o assentar... sem crer nem descrer.

Mas os cabelos da minha nuca se arrepiam devagarinho. Estará ele chamando o Chris? Será possível?

John e Sylvia

Capítulo 6

São nove horas no meu relógio. Já está quente demais para ficar dormindo. Olhando para fora do saco, vejo que o sol brilha alto no céu. O ar está claro e seco.

Ergo-me com os olhos inchados, sentindo dores nas juntas

Minha boca está muito seca, meus lábios, gretados, meu rosto e minhas mãos cobertos de picadas de mosquitos. Ainda por cima, sinto que a pele, queimada pelo sol da manhã anterior, está ardendo.

Além dos pinheiros só há capim queimado e montes de areia misturada com terra, tão brilhantes que de olhar para eles dói a vista. O calor, o silêncio, os morros despidos de vegetação criam uma intensa sensação de amplitude.

Não há um pingo de umidade no céu. Hoje o dia vai ser escaldante.

Afasto-me do pinhal, enveredo por um caminho de areia estéril entre tufos de capim e fico a contemplar o panorama por um longo tempo, imerso em pensamentos.

Resolvi que na chautauqua de hoje vou começar a investigar o mundo de Fedro. A princípio, minha intenção era apenas reafirmar algumas das idéias dele, relativas à tecnologia e aos valores humanos, sem referir-me a ele como pessoa, mas o tipo de pensamento e as recordações que ocorreram ontem à noite me indicaram que o caminho não é bem esse. Omitir Fedro agora seria como fugir de algo que deve ser enfrentado.

Durante a madrugada, aquilo que Chris disse sobre a avó do amigo índio voltou-me à memória, esclarecendo algumas coisas. Ela dissera que os fantasmas reaparecem quando a pessoa não foi bem enterrada. É verdade. Ele nunca foi bem enterrado, e é exatamente essa a raiz do problema.

Mais tarde, ao me voltar, vejo John, já de pé, olhando-me sem

entender nada. Ele ainda não está bem acordado, está andando à toa, em círculos, para organizar os pensamentos. Logo depois, Sylvia também se levanta, com o olho esquerdo inchado. Pergunto-lhe o que aconteceu e ela responde que foram os mosquitos. Começo a recolher as coisas para carregar a moto, e John faz o mesmo.

Depois de terminarmos, acendemos uma fogueira, enquanto Sylvia desembrulha pacotes de bacon, ovos e pão para o café da manhã.

Ao ficar pronta a comida, vou acordar o Chris, mas ele não quer levantar. Chamo-o novamente, e outra vez ele se recusa. Agarrando o fundo do saco de dormir, dou-lhe uma violenta sacudidela; ele sai rolando e fica a piscar no meio das agulhas de pinheiro. Enquanto ele se recobra, enrolo o saco.

Ofendido, vem comer, e depois da primeira mordida diz que está sem fome e com dor de barriga. Aponto para o lago lá embaixo, tão estranho no meio daquele deserto, mas ele não demonstra qualquer sinal de interesse. Apenas repete as queixas. Faço ouvidos de mercador, e John e Sylvia também não tomam conhecimento. Graças a Deus que eu lhes expliquei qual era a situação. Senão, podia ter surgido até um desentendimento feio entre nós.

Terminamos o café em silêncio, e, por incrível que pareça, estou me sentindo tranqüilo. Talvez seja por causa da decisão que tomei com relação a Fedro. Mas pode ser também porque estamos cerca de trezentos metros acima da represa e avistamos além dela uma região típica do Oeste americano. Morros pelados, sem vivalma, em silêncio total. Esses lugares têm o dom de nos reanimar um pouco, fazendo-nos crer que tudo vai melhorar.

Ao recolocar as coisas que faltam no bagageiro da moto, constato, surpreso, que o pneu traseiro está totalmente careca. Deve ter sido o excesso de velocidade, o peso da carga e o calor de ontem. Além disso, a corrente está com uma folga e apanho as ferramentas para ajustá-la. Aí, solto um resmungo.

— Que é que há? — pergunta John.

— A rosca do parafuso da corrente espanou. Retiro o parafuso de ajuste, examinando as roscas.

— A culpa é minha, porque uma vez tentei fazer o ajuste sem afrouxar a porca do eixo. O parafuso está perfeito — digo, mostrando-o a John. — Parece que foi a rosca do quadro que espanou.

John olha fixamente para a roda durante muito tempo.

— Será que você consegue levá-la até a cidade?

— Claro que sim. Eu posso até seguir viagem com ela assim

mesmo. Só que agora vai ficar difícil ajustar a corrente.

Ele observa cuidadosamente enquanto desenrosco a porca do eixo traseiro até ela se destacar um pouco, dou-lhe umas marteladas laterais para corrigir a folga da corrente, depois aperto a porca com toda a força, para evitar que o eixo escorregue para diante mais tarde, e coloco o contrapino, que não afeta o aperto dos rolamentos, ao contrário do que acontece nos automóveis.

— Como é que você descobriu que tinha de fazer isso? — pergunta John.

— É só raciocinar um bocadinho.

— Eu não saberia por onde começar — comenta ele.

É esse o problema: por onde começar, pensei com meus botões. Para chegar ao John, a gente precisa regredir cada vez mais, e quanto se regride, mais é preciso regredir, até que o que parecia ser um pequeno problema de comunicação se transforma numa profunda especulação filosófica. Deve ser esta a razão da chautauqua.

Coloco o estojo de ferramentas no lugar e fecho as tampas laterais, pensando que, apesar de tudo, vale a pena tentar entender o John.

Voltamos à estrada, e o ar seco esfria ao secar o leve suor nascido daquele trabalho com a corrente. Agora estou me sentindo bem. Porém, depois que o suor seca, começo a sentir calor. Já deve estar fazendo quase trinta graus.

Nesta estrada não há movimento, estamos à vontade. E é um bom dia para viajar.

Quero começar a me desincumbir de uma certa tarefa, afirmando que existiu uma pessoa, não muito longe daqui, que queria dizer alguma coisa, e disse, mas ninguém acreditou nela nem a compreendeu. Ele ficou esquecido. Por motivos que depois se esclarecerão, eu preferiria que ele continuasse esquecido, mas não há remédio. Vou ter que reabrir o caso.

Eu não conheço toda a história dele. E nem ninguém a conhece, exceto o próprio Fedro, mas agora ele não pode mais falar. Entretanto, a partir de escritos seus, de depoimentos alheios e de lembranças minhas, talvez seja possível traçar um esboço de suas idéias. Uma vez que os temas principais desta chautauqua foram inspirados por ele, não haverá nenhum desvio flagrante, apenas um maior desenvolvimento, que poderá tornar a chautauqua mais compreensível do que se ela fosse apresentada de maneira pura-

mente abstrata. Estas explicações não visam defendê-lo, nem louvá-lo, mas enterrá-lo... para sempre.

Lá em Minnesota, ao atravessarmos os pântanos, falei um pouco sobre as "formas" da tecnologia, a "força mortal" da qual os Sutherlands parecem estar fugindo. Agora, tomando uma direção diametralmente oposta à dos Sutherlands, penetrarei no âmago dessa mesma força mortal. Ao fazê-lo, estaremos adentrando o mundo de Fedro, o único mundo que ele conheceu, no qual se compreende tudo a partir da forma subjacente.

O mundo da forma subjacente é um objeto curioso de análise, pois já é, por si só, um modo de discussão. A gente pode analisar as coisas em função de sua aparência imediata ou em função de sua forma subjacente, e ao tentar analisar essas modalidades de análise envolvemo-nos no que se poderia denominar problema de base. A base a partir da qual se vão analisar essas modalidades é, nada mais nada menos, que as próprias modalidades em questão.

Eu estava analisando o mundo de Fedro, o mundo da forma subjacente, ou, pelo menos, o aspecto denominado tecnologia, de um ponto de vista externo. Agora creio que é hora de falar desse aspecto do seu ponto de vista particular. Quero falar sobre a forma subjacente do próprio mundo da forma subjacente.

Para isso, é necessário estabelecer de imediato uma dicotomia. Mas para poder utilizá-la de forma honesta, devo voltar atrás e dizer o que ela é e o que significa, o que já constitui uma longa história. É uma parte desse problema de exploração do passado. Mas neste momento eu gostaria apenas de utilizar a dicotomia, deixando as explicações para mais tarde. Quero afirmar que existem duas formas de compreensão do mundo: a romântica e a clássica. Em termos de verdade última, tal dicotomia não tem grande significado, mas revela-se bastante autêntica quando se opera dentro da modalidade clássica utilizada para descobrir ou criar o mundo da forma subjacente. Definirei a seguir os termos clássico e romântico no sentido utilizado por Fedro.

A compreensão clássica vê o mundo acima de tudo como a própria forma subjacente. A compreensão romântica o vê, antes de mais nada, em termos de aparências imediatas. Se a gente mostrar a um romântico um motor, uma planta ou um esquema de eletrônica, ele certamente não se interessará muito. Essas coisas não o atraem, porque o que ele está vendo é a superfície. Relações maçantes e complicadas de nomes, linhas e números. Nada de interessante. Mas se a gente mostrar a mesma planta ou esquema, ou

fizer a mesma descrição a um clássico, ele ficará fascinado, porque ele vê sob aquelas linhas, formas e símbolos toda uma riqueza de formas subjacentes.

A modalidade romântica baseia-se, acima de tudo, na inspiração, na imaginação, na criatividade e na intuição. Predominam os sentimentos, ao invés dos fatos. A arte que se opõe à ciência é geralmente romântica. Ela não funciona em termos de razão, nem obedece a leis. Funciona na base do sentimento, da intuição e do senso de estética. Nas culturas nórdicas, o romantismo é geralmente associado à feminilidade, mas tal associação é meramente fortuita.

A modalidade clássica, entretanto, parte da razão e obedece a normas — que são, por sua vez, formas subjacentes de pensamento e comportamento. Nas culturas européias é uma modalidade predominantemente masculina. E principalmente por isso que as áreas da ciência, direito e medicina não atraem as mulheres. Embora as viagens de moto sejam românticas, a manutenção das motos é puramente clássica. A sujeira, a graxa necessárias ao domínio sobre a forma subjacente lhes emprestam tão pouco fascínio, que as mulheres nem querem saber dela.

Embora geralmente haja fealdade superficial na modalidade clássica de compreensão, tal fealdade não lhe é inerente. Existe uma estética clássica, que não chama a atenção dos românticos por ser muito sutil. O estilo clássico é direto, objetivo, simplificado, seco, econômico e cuidadosamente dimensionado. Não visa inspirar emocionalmente, mas organizar o que está confuso e conhecer o que é desconhecido. Não é um estilo esteticamente livre e espontâneo. Sua estética é controlada. Tudo nele está sob controle. Mede-se o seu valor em função da habilidade com que se mantém esse controle.

Para os românticos, essa modalidade clássica parece, muitas vezes, maçante, feia e esquisita, como a própria manutenção das motocicletas. Tudo o que se faz envolve peças, componentes, relações. Nada é concebido sem ter passado pelo computador pelo menos uma dúzia de vezes. Tudo tem que ser medido e provado. É um estilo sufocante, pesado, completamente sem graça. Uma força mortal.

Em compensação, os clássicos também têm seus preconceitos em relação ao estilo romântico. É frívolo, irracional, extravagante, instável, interessando-se predominantemente pela procura do prazer. Superficial. Sem conteúdo. Os românticos são geralmen-

te parasitas, não podem consigo mesmos, um autêntico peso morto nas costas da sociedade. Agora essas linhas de conflito devem estar se tornando bastante familiares.

É essa a raiz do problema. As pessoas tendem a pensar e a sentir exclusivamente de acordo com uma dessas modalidades, e ao fazê-lo tendem a interpretar mal e a subestimar o significado da outra modalidade. Como ninguém está disposto a renunciar ao seu modo de enxergar a realidade, que eu saiba, até hoje ninguém conseguiu conciliar essas duas verdades ou modalidades. Não existe um ponto de união entre as duas visões da realidade.

Por isso, nos últimos tempos, observou-se uma enorme ruptura entre a cultura clássica e a contracultura romântica — dois mundos cada vez mais isolados um do outro e detestados um pelo outro, todos especulando sobre o futuro, se será sempre assim mesmo, uma casa dividida em dois lados antagônicos. No fundo, ninguém quer isso — apesar do que os antagonistas, do outro lado, possam estar pensando.

O que Fedro pensava e dizia era importante nesse contexto. Mas ninguém o ouviu naquela época; a princípio, consideraram-no excêntrico, depois, indesejável, depois, meio biruta, e, por fim, completamente maluco. Provavelmente ele era mesmo louco, mas a maior parte dos escritos de sua autoria correspondentes àquela época indica que o que o estava enlouquecendo era essa atitude de hostilidade em relação a ele. Os comportamentos diferentes provocam nas outras pessoas uma estranheza que tende a piorar os ditos comportamentos, e aí piora a estranheza, num processo de realimentação, até atingir alguma espécie de desenlace. Fedro, por exemplo, foi preso por ordem judicial e afastado do convívio com a sociedade.

Noto que chegamos ao retorno à esquerda, para entrarmos na rodovia US-12; John parou para encher o tanque Paro ao lado dele.

O termômetro ao lado da porta do posto marca 33°C.

— Hoje vai ser outro dia daqueles de lascar — comento.

Depois de encher os tanques, atravessamos a rua e tomamos café num restaurante. Chris, naturalmente, está com fome.

Digo-lhe que já esperava por isso, e que, de agora em diante, ou ele come junto conosco, ou então fica sem comer. Falo não num tom zangado, mas calmo, sem me alterar. Ele não gosta, mas agora está vendo como vai ser.

Capto o rápido olhar aliviado de Sylvia. Naturalmente ela pensou que esse problema ia render.

Ao sairmos, depois do café, o calor está tão forte que voltamos para a estrada o mais rápido possível. Sinto de novo um frescor no começo, mas logo volta o calor. O sol faz com que o capim queimado e a areia brilhem tanto, que eu sou obrigado a espremer os olhos para evitar o reflexo. Esta US-12 é uma estrada velha e bem ruinzinha. O concreto gretado está remendado com asfalto, e cheio de ressaltos. As placas indicam desvios adiante. De vez em quando se vêem dos dois lados velhos galpões, cabanas e bancas de beira de estrada, que se foram acumulando com o passar dos anos. O tráfego está pesado. É um alívio pensar no mundo racional, analítico e clássico de Fedro.

0 tipo de raciocínio dele é utilizado desde tempos imemoriais para evitar o tédio e a depressão do ambiente onde se vive. O que é difícil entender é que, uma vez utilizada para escapar a tudo isso, tal ruga se tenha revelado tão eficaz que agora os românticos queiram fugir é dela. O que torna este mundo tão difícil de entender claramente não é a sua peculiaridade, mas a familiaridade que temos com ele. A familiaridade também pode fazer com que deixemos de discernir as coisas.

A maneira de Fedro compreender o mundo produz um tipo de descrição que pode ser chamada de analítica. Eis um outro nome da base clássica, a partir da qual se estudam as coisas em termos de forma subjacente. Fedro era uma pessoa completamente clássica. Para explicar melhor o que isso significa, quero agora analisar a própria abordagem analítica de Fedro. Para começar, darei um exemplo bem desenvolvido do que seja uma abordagem analítica, e depois dissecarei o termo em si. A motocicleta é um tema perfeito, pois foi inventada por intelectos clássicos. Prestem atenção.

Uma motocicleta pode ser dividida para fins de análise clássica racional em termos dos sistemas que a compõem e em termos das funções desses sistemas.

Em termos dos sistemas componentes, a primeira divisão mostrará duas partes: força e deslocamento.

A parte de força pode ser dividida em motor e sistema de distribuição. Primeiro analisaremos o motor.

O motor consiste numa estrutura contendo uma linha de propulsão, um sistema de admissão e saída de ar e combustível, um sistema de ignição, um sistema de realimentação e um sistema

de lubrificação.

A linha de propulsão consiste nos cilindros, pistões, bielas, eixo de manivelas e volante.

O sistema de combustível compreende o tanque e o filtro de gasolina, o filtro de ar, o carburador, as válvulas e o escapamento.

O sistema de ignição compreende o alternador, o retificador, a bateria, a bobina de alta voltagem e as velas de ignição.

O sistema de realimentação consiste em corrente de comando, eixo do comando de válvulas, tuchos e distribuidor.

O sistema de lubrificação consiste na bomba de óleo e em canais que envolvem a estrutura do motor para distribuir o lubrificante.

O sistema de transmissão, que acompanha o motor, consiste na embreagem, na transmissão e na corrente.

O conjunto de deslocamento, que acompanha o conjunto de força, é constituído por um quadro, incluindo pedaleiras, assento e pára-lamas; guidom; suspensão dianteira e traseira; rodas; alavancas e cabos de controle; faróis; buzina; velocímetro e odômetro.

Eis uma motocicleta, dividida de acordo com seus componentes. Querendo saber para que servem eles, é necessário dividi-los segundo suas funções de deslocamento especiais, controladas pelo operador.

As funções de deslocamento normais podem dividir-se em funções durante o ciclo de admissão, funções durante o ciclo de compressão, funções durante o ciclo de explosão e funções durante o ciclo de descarga.

E assim por diante. Eu poderia continuar, mostrando a seqüência apropriada das funções em cada um desses ciclos, depois analisando as funções controladas, de modo a obter uma descrição bastante resumida da forma subjacente de uma motocicleta. Seria uma explicação bastante sucinta e rudimentar, como costumam ser tais descrições. Quase todos os componentes mencionados podem ser subdivididos indefinidamente. Eu já li um livro de engenharia só sobre platinados, que são apenas uma parte pequena, porém vital, do distribuidor. Há outros tipos de motores, diferentes do motor Otto monocilíndrico que descrevi: motores bicilíndricos, motores multicilíndricos, motores diesel, motores Wankel — mas este exemplo já é suficiente.

Tal descrição esgotará o “o quê” da motocicleta em termos de componentes, e o “como”, em termos de funcionamento. Depois, seria preciso analisar o “onde”, com a ajuda de uma ilustração, e o

"por quê", explicitando-se os princípios que levaram a essa determinada disposição das partes. Meu propósito, porém, não é fazer uma análise completa da motocicleta. É fornecer um ponto de partida, um exemplo de uma modalidade de compreensão do mundo que se tornará, por sua vez, um objeto de análise.

Certamente, não se perceberá a princípio nada de errado nessa descrição. Parece ter saído de algum manual básico sobre o assunto, ou da primeira aula de um curso de treinamento para profissionais. Só se percebem as peculiaridades ao se transformar essas modalidades de discurso num objeto de discurso. Aí se podem observar certas coisas.

A primeira coisa que podemos observar nessa descrição é tão óbvia que a gente vai ter que deixá-la de lado, senão não será mais possível continuar a análise. E que é um discurso chato como o diabo. Patati patatá, patatá, patati, carburador, relação de engrenagem, compressão, patati, patatá, pistão, velas, admissão, patatá, patati, etc. e tal. É a face romântica da modalidade clássica. Chata, feia e complicada. Poucos são os românticos que passam disso.

Mas se pudermos deixar de lado esse aspecto mais óbvio, perceberemos outras coisas, antes invisíveis.

Em primeiro lugar, a motocicleta assim descrita é quase impossível de ser compreendida, a menos que já se conheça o seu funcionamento. As impressões superficiais imediatas, essenciais para o entendimento inicial, são eliminadas. Só resta a forma subjacente.

Em segundo lugar, não há observador. A descrição não diz que para ver o pistão é necessário retirar a cabeça do cilindro. "Você" não está incluído na descrição. Até o "operador" é uma espécie de robô despersonalizado, que desempenha uma função da máquina de maneira completamente mecânica. Nessa descrição não há sujeitos reais. Apenas objetos independentes do observador.

Em terceiro lugar, vem a ausência total de palavras como bom, mau e seus sinônimos. Em parte alguma se expressa julgamentos de valor — expressa-se exclusivamente fatos.

Em quarto lugar, há uma faca atuando nessa descrição. Uma faca moral, um bisturi intelectual tão rápido e afiado que às vezes não se pode vê-lo agir. Parece que todas essas peças estão ali, sendo denominadas de acordo com sua existência. Mas elas podem receber nomes completamente diferentes, de acordo com os cortes que a faca fizer.

Por exemplo, o mecanismo de realimentação, que inclui o

eixo de comando de válvulas e a corrente de transmissão, tuchos e distribuidor, existe apenas devido a um corte peculiar dessa faca analítica. Se a gente fosse a uma loja de peças para motocicletas e pedisse um sistema de realimentação, eles não iam entender patavina do que a geste está dizendo. Eles não dividem a moto como eu. Não há dois fabricantes que a dividam exatamente da mesma maneira, e todo mecânico conhece o problema de não conseguir determinada peça porque o fabricante a considera parte de outro sistema.

É importante perceber essa faca como ela é, e não se iludir, achando as motocicletas, ou quaisquer outros objetos são do modo que são porque a faca fez aquele corte determinado. O importante é concentrar-se na faca em si. Mais tarde mostrarei como a capacidade de manejar essa faca criativamente e com eficácia pode trazer soluções para a ruptura entre classicismo e romantismo.

Fedro era mestre na arte de manejá-la, dominando-a com perfeição. Com um simples golpe do pensamento analítico, dividiu o mundo em partes a seu bel-prazer, dividiu as partes e as partes das partes, cada vez mais, até reduzi-lo ao que ele queria que fosse. Até mesmo o emprego especial dos termos "clássico" e "romântico" é um exemplo de sua destreza no manejo dessa faca.

Contudo, se Fedro só tivesse habilidade analítica, eu nem estaria falando nele, muito pelo contrário. Mas não devo silenciar, porque é importante dizer que ele usou essa habilidade de um modo curioso e ao mesmo tempo significativo. Ninguém jamais se deu conta disso, acho que nem ele mesmo, e, a menos que eu me engane, ele utilizou essa faca não como um assassino, mas como um mau cirurgião. Talvez não haja diferença entre estes termos. Ele, porém, notou que estava acontecendo algo mórbido e doentio, e começou a fazer cortes profundos, cada vez mais profundos, até chegar à raiz do mal. Ele estava em busca de alguma coisa, o que é importante. Estava em busca de algo, e usou a faca porque era o único instrumento que possuía. Mas ele se entusiasmou tanto, e foi tão longe, que acabou se transformando na única vítima.

Capítulo 7

Está fazendo calor em toda parte. Não posso mais ignorá-lo. O ar parece o bafo de uma caldeira, de tão quente. Meus olhos, protegidos pelos óculos, estão frescos perto do resto do rosto. Minhas mãos estão frias, mas as luvas mostram grandes manchas negras de suor nas costas, orladas por uma linha branca de sal seco.

Lá adiante, na estrada, um corvo bica uma carcaça, e levanta vôo vagarosamente ao nos aproximarmos. Parece que a carcaça é de um lagarto, seco e grudado no asfalto.

No horizonte surge a imagem de um grupo de edifícios, tremeluzindo ligeiramente. Consultando o mapa, deduzo que é a cidade de Bowman. Penso em água gelada e ar condicionado.

Não há ninguém na rua e nas calçadas de Bowman, embora haja muitos carros estacionados. Todas as pessoas estão dentro de casa. Enfiamos as motos numa área de estacionamento de esquina, fazendo uma curva fechada, com a frente delas voltada para o lado da rua, para facilitar a saída. Um senhor idoso e solitário, usando chapéu de abas largas, observa enquanto armamos os descansos das motos e tiramos capacetes e óculos.

— Muito calor? — pergunta ele, inexpressivo.

— Deus me livre! — diz John, balançando a cabeça.

O rosto do homem, sombreado pela aba do chapéu, torna-se quase sorridente.

— Quantos graus está fazendo? — pergunta John.

— Trinta e nove, pelo menos da última vez que olhei o termômetro. Hoje devemos chegar aos quarenta.

Ele pergunta de onde viemos e, ao respondermos, faz um gesto de aprovação com a cabeça.

— Vieram de longe — comenta.

Depois indaga sobre as motos.

A cerveja e o ar condicionado nos esperam, mas nós não va-

mos embora. Ficamos ali, naquele sol de 39 graus, falando com aquele homem. É um fazendeiro aposentado, diz que essas terras se prestam muito à criação de gado, e que ele, há uns anos atrás, tinha uma motocicleta Henderson. Agrada-me saber que quer falar sobre a sua Henderson debaixo deste sol escaldante. Conversamos um pouco sobre ela, enquanto John, Sylvia e Chris ficam cada vez mais impacientes. Quando nos despedimos, por fim, continua sem mostrar qualquer expressão, mas sentimos que foi sincero. Ele se afasta, com uma espécie de vagarosa dignidade, sob aquele sol abrasador.

No restaurante, tento tecer comentários sobre o episódio, mas ninguém se interessa. John e Sylvia parecem nem estar presentes. Ficam sentados, absorvendo o ar condicionado sem mover um dedo. A garçonete chega para anotar os pedidos, o que os acorda por um momento, mas como eles ainda não decidiram o que pedir, ela se afasta.

— Acho que não quero sair mais daqui — confessa Sylvia.

Volta-me à cabeça a imagem do velho de chapéu de abas largas.

— Imagine só como era isto aqui antes do ar condicionado.

— Estou imaginando.

— Com as estradas quentes desse jeito e esse meu pneu careca, a gente não deve andar a mais de 95 por hora — eu digo.

Eles não respondem.

Chris, porém, parece ter recobrado sua disposição normal. Está alerta, de olho em tudo. Assim que a comida chega, cai em cima do prato, e, antes que possamos terminar, já está pedindo mais. Faço novo pedido, e esperamos que Chris acabe de comer.

Quilômetros depois, o calor continua implacável. Para esse reflexo nem os óculos escuros, nem os protetores bastam. Seria necessária uma máscara de soldador.

As Altas Planícies fragmentam-se, e surgem morros desbotados e desbarrancados. Tudo está de um vivo castanho esbranquiçado. Não se vê sequer uma folha de capim. Só hastes de plantas, pedras e areia. É um alívio olhar para o preto do asfalto, e por isso eu fixo a vista nele, observando como aquele borrão passa zunindo sob meus pés. Ao olhar para o lado, constato que o cano de descarga da esquerda adquiriu um tom de azul mais forte do que nunca. Cuspo na ponta dos dedos enluvados e, ao tocar o cano, noto que está fervendo. Mau sinal.

Agora, é importante tentar aceitar as circunstâncias, sem lu-

tar contra elas mentalmente... Manter um controle mental...

É melhor voltar a falar sobre a faca de Fedro. Isso vai ajudar a esclarecer algumas das coisas sobre as quais conversamos.

Todos usam essa faca para dividir o mundo em partes, construindo uma estrutura. Durante todo o tempo, estamos cientes dos milhões de coisas que nos rodeiam — essas formas em transformação, esses morros ardentes, o som do motor, a tensão do acelerador, cada pedra, cada planta e estaca e destroço à margem da estrada — percebemos essas coisas, mas não tomamos realmente consciência delas, a menos que vejamos algo que nos chame a atenção ou que elas nos revelem algo que estamos predispostos a ver. Não nos seria possível tomar consciência dessas coisas e lembrar de todas elas, porque nossa mente ficaria tão sobrecarregada de detalhes inúteis que não poderíamos mais nem pensar. A partir dessa percepção, precisamos selecionar, e aquilo que selecionamos e denominamos consciência nunca coincide com a percepção, pois o processo de seleção a transforma. Retiramos um punhado de areia da infindável paisagem da percepção que nos rodeia e achamos que esse bocado de areia é o mundo.

Depois que nos apoderamos desse punhado de areia, o mundo do qual tomamos consciência, começa a funcionar um certo processo de discriminação. É a tal faca. Dividimos a areia em várias partes. Isso, aquilo. Aqui, ali. Preto, branco. Antes, depois. A discriminação é a divisão do universo consciente em diversas partes.

O punhado de areia parece uniforme à primeira vista, mas quanto mais olhamos para ele, mais variado ele nos parece. Cada grão de areia é diferente do outro. Não há dois grãos iguais. Alguns se assemelham em dados aspectos, e assim podemos formar montinhos menores com base nessas semelhanças e diferenças. Os grãos de mesma tonalidade, um monte; mesmo tamanho, outro monte; mesma forma, outro monte; ou variações semelhantes dentro da mesma forma fazem outro monte, sendo graus de opacidade diferente amontoados em pilhas distintas. E daí por diante. Parece que esse processo de subdivisão e classificação vai terminar a qualquer momento, mas não; ele continua e continua, interminavelmente.

A visão clássica preocupa-se com os montinhos, os critérios de sua seleção e a correlação entre eles. A visão romântica preocupa-se com o monte de areia como um todo, antes da seleção. Am-

bas as maneiras de ver o mundo são válidas, embora incompatíveis entre si.

Torna-se no entanto cada vez mais necessário descobrir uma maneira de encarar o mundo que não violente nenhuma das duas formas de conhecimento e que as funda numa só. Tal visão de mundo não desprezaria a seleção dos grãos de areia, nem a contemplação do monte de areia em si. Em vez disso, tentaria dirigir a atenção para a interminável planície de onde foi retirada a areia. Eis o que Fedro, o mau cirurgião, estava tentando fazer.

Para entender o seu intuito, é preciso entender que existe um fator que faz parte da paisagem, é inerente a ela, inseparável dela: a separação da areia em montículos. Ver a paisagem sem ver essa figura é o mesmo que não ver a paisagem. Rejeitar a parte do Buda relacionada à análise das motocicletas é omitir o Buda.

Existe uma eterna pergunta clássica que busca saber em que parte da motocicleta, em que grão de areia dos montículos reside o Buda. É claro que quem faz esta pergunta está indo na direção errada, pois o Buda está em toda parte. Sobre o Buda que existe independentemente de qualquer pensamento analítico muito já foi dito — talvez até demais, segundo alguns, que rejeitariam qualquer tentativa de prolongar o debate. Entretanto, nada foi dito sobre o Buda que reside no pensamento analítico e que orienta esse pensamento, e há razões históricas para tal omissão. A história, porém, continua, e assim talvez não faça mal, e até seja interessante acrescentar à nossa herança histórica mais dados sobre este assunto específico.

Quando se aplica o pensamento analítico, ou seja, a faca à experiência, sempre se perde algo. Pode-se perceber isso nitidamente na arte. Lembro-me de uma experiência pela qual passou Mark Twain: depois de ter adquirido o controle do conhecimento analítico necessário para pilotar barcos no Mississipi, ele descobriu que o rio havia perdido todo o seu encanto. Sempre se perde alguma coisa. Mas, como menos se percebe nas artes, algo também se cria. E em vez de insistir no que se perde, é importante ver também o que se cria e encarar o processo como um ciclo eterno de vida e morte, que não é bom, nem mau, apenas é.

Passamos por uma cidade chamada Marmath, mas John não pára nem para descansar, e, assim, vamos em frente. Enfrentamos mais bafo de caldeira ao cruzarmos uma região desértica, e entramos no estado de Montana, conforme anuncia uma placa à beira da estrada.

Sylvia sacode os braços para cima e para baixo, e eu buzino em resposta; mas, ao ler a placa, não sinto a menor alegria. O que Sylvia diz me causa uma súbita tensão interna que não existe para ela e o marido. Eles não sabem que estamos chegando à região onde Fedro morava.

Essa conversa toda sobre compreensão clássica e romântica deve estar parecendo uma maneira indireta de descrevê-lo, mas para chegar a Fedro esta via indireta é a única possível. Descrevê-lo fisicamente ou apresentar uma biografia seria limitar-se a uma superficialidade enganadora. E abordá-lo de maneira direta seria muito arriscado.

Ele era um demente. Quando olhamos diretamente para um louco, só conseguimos ver um reflexo do nosso próprio conhecimento de que ele é louco, o que significa que, na verdade, não o estamos vendo. Para vê-lo é necessário ver o que ele viu, e para tentar ver as visões de um louco é melhor tomar uma via indireta. Senão, as nossas próprias idéias bloqueiam o caminho. Só existe um caminho que eu considero viável para conhecermos Fedro, e ainda temos muito que caminhar.

Não enveredei por todas essas análises, definições e hierarquizações à toa, mas para lançar os fundamentos para um melhor entendimento da direção que Fedro tomou.

Naquela noite eu disse a Chris que Fedro passara a vida inteira perseguindo um fantasma. É verdade. Era o fantasma inerente à tecnologia, a toda a ciência moderna, a todo o pensamento ocidental. O fantasma da própria racionalidade. Contei a Chris que ele tinha encontrado o fantasma e que o havia destruído. Creio que, num sentido figurado, isso é verdade. O que desejo revelar, à medida que prosseguimos, são algumas das coisas que ele descobriu. Agora os tempos são outros, e pode ser que alguém encontre nestas idéias alguma validade. Naquela época, ninguém via o fantasma perseguido por Fedro, mas creio que hoje cada vez mais pessoas o vêem ou entrevêem nos maus momentos, um fantasma que se denomina racionalidade, mas cuja aparência é de incoerência e falta de significado, fazendo com que a mais normal das ações cotidianas pareça meio despropositada, devido à sua total irrelevância em relação ao restante das coisas. Esse é o fantasma dos pressupostos normais de cada dia, que declaram que o objetivo final da vida, que é sobreviver, não pode ser alcançado, mas continua a ser o objetivo final, de qualquer maneira, e assim os grandes homens continuam a curar as doenças para que as pessoas possam viver por mais

tempo. Só os loucos questionam isso. A gente vive mais para poder viver mais ainda. Não há outro objetivo. É o que diz o fantasma.

Em Baker, onde paramos, os termômetros estão marcando 42°C, à sombra. Tiro as luvas e, encostando a mão no tanque de gasolina, verifico que o metal está tão quente que mal posso tocá-lo. O motor produz barulhinhos sinistros devido ao superaquecimento. Mau sinal. O pneu traseiro está careca até demais, e ao tocá-lo noto que está quase tão quente quanto o tanque de gasolina.

— Vamos ter de andar mais devagar — anuncio aos outros.

— Quê?

— Acho que a gente não deve passar dos 80.

John e Sylvia entreolham-se. Nota-se que já trocaram comentários sobre minha vagarosidade. Eles parecem não agüentar mais.

— A gente só quer chegar lá mais depressa — justifica-se John. Os dois se afastam, rumo ao restaurante.

A corrente está quente e seca. Vasculho a bolsa esquerda do alforje, à procura de uma lata de lubrificante e, encontrando-a, ligo o motor e borrifo a substância sobre a corrente em movimento. Ela está ainda tão quente que o solvente se evapora quase que na mesma hora. Depois, espalho um pouco de óleo sobre ela, deixo-a funcionar por uns segundos e desligo o motor. Chris me espera, pacientemente, e juntos rumamos para o restaurante.

— Acho que você disse que a grande depressão chegaria no segundo dia — diz Sylvia, ao nos aproximarmos da mesa deles.

— No segundo ou no terceiro — replico.

— Ou no quarto ou quinto?

— É, pode ser.

Ela e John entreolham-se da mesma maneira que antes. Parecem estar dizendo: "Três é demais." Pode ser que eles queiram ir na frente e esperar por nós em alguma cidade mais adiante. Eu mesmo teria sugerido isso, não fosse o fato de que se eles forem depressa demais, não vão nos esperar em cidade nenhuma. Vão ficar é na estrada mesmo.

— Eu não sei como essa gente agüenta este calor! — desabafa Sylvia.

— É uma região agreste — retruco, meio irritado. — Eles sabiam que era difícil antes de chegarem, e já estavam preparados para enfrentar o que viesse.

Em seguida, acrescento:

— Quem reclama dificulta as coisas para os outros. Essa gente é persistente. Sabe como tocar para a frente.

John e Sylvia não falam muito. John termina logo de beber sua Coca-Cola e vai tomar um trago num bar próximo. Saio para dar outra olhada na bagagem e descubro que a carga mais recente está apertada demais. Puxo as cordas e refaço o nó.

Chris mostra que num termômetro ao sol a coluna de mercúrio subiu até a marca de 49°C.

Antes mesmo de sairmos da cidade, eu já começo a suar. O período inicial de frescor e secagem do suor não dura agora nem mais meio minuto.

O calor nos castiga. Mesmo usando óculos escuros tenho que apertar os olhos até se transformarem em fendas. Só se vê areia escaldante e céu claro, tão brilhante que mal se pode olhar. Tudo ficou branco de tão quente. Um verdadeiro inferno.

John está correndo cada vez mais. Resolvo não acompanhá-lo. Baixo a velocidade para noventa por hora. Neste calor não se pode correr com pneus de borracha a cento e vinte, a menos que se queira arranjar encrenca. Se um pneu estoura nessa reta, acabou-se.

Acho que eles interpretaram o que eu disse como uma reprimenda, mas não era essa a minha intenção. O calor está me fazendo tanto mal quanto a eles, só que não adianta ficar remoendo isso. Enquanto eu pensava e falava sobre Fedro, eles devem ter passado o dia pensando em como a situação está ruim. É isso que está esgotando os dois. O pensamento.

Sobre Fedro como pessoa, pode-se dizer o seguinte: Ele era profundo conhecedor da lógica, o sistema do sistema clássico, que descreve as normas e procedimentos do pensamento sistemático através dos quais se pode estruturar e correlacionar o pensamento analítico. Era tão rápido na análise lógica, que o seu Q.I., que é em essência um registro da habilidade de manipulação analítica, era de 170, o que acontece apenas com uma dentre cinqüenta mil pessoas.

Era metódico, mas dizer que ele pensava e agia como uma máquina seria interpretar mal a natureza do seu pensamento. Não era como o movimento maciço e coordenado de pistões, rodas e engrenagens. Ao contrário, podia ser comparado a um raio laser, um único pincel luminoso contendo tamanha quantidade de energia concentrada que, se disparado em direção à lua, seu reflexo poderá

ser visto da Terra. Fedro não tentou usar seu brilhantismo para iluminar o mundo. Ele buscou um determinado alvo longínquo, mirou e acertou na mosca. E pronto. Parece que o que me resta é mostrar a todos esse alvo que ele atingiu.

Era muito solitário, devido à inteligência que possuía. Não me consta que tivesse amigos íntimos. Sempre viajava sozinho. Era solitário até mesmo quando em companhia de outras pessoas. Os outros às vezes percebiam isso, sentiam-se rejeitados, e passavam a não gostar dele. Mas Fedro não se importava.

Quem mais sofria eram a mulher e a família. A mulher diz que quem tentava romper aquela barreira de reserva encontrava um verdadeiro vazio. Tenho a impressão de que eles precisavam de alguma espécie de carinho que Fedro nunca lhes deu.

Ninguém o conhecia a fundo. Certamente era o que ele queria, e assim foi. Talvez fosse tão solitário por causa da sua inteligência. Talvez fosse o contrário. De qualquer modo, inteligência e solidão sempre estiveram juntas. Uma fantástica inteligência solitária.

Só que isto ainda não é suficiente, pois junto com a imagem do raio laser poder-se-ia ter a idéia de que Fedro era completamente frio e insensível. Não é verdade. Na pista do que denominei o fantasma da racionalidade, ele era um caçador fanático.

Agora me veio à memória uma cena nas montanhas: o sol passou meia hora escondido atrás da montanha, a penumbra antecipada emprestando às árvores e até mesmo às pedras tons escurecidos de azul, cinza e marrom. Fedro já estava sem comer havia três dias. Suas provisões tinham acabado, mas ele estava em profunda meditação, procurando entender coisas, sem vontade de voltar. Ele sabia que estava relativamente próximo de uma estrada; não havia pressa.

Enquanto descia a trilha na obscuridade, percebeu um movimento, e depois viu um animal semelhante a um cão aproximar-se pela trilha, um enorme cão pastor, ou um animal parecido com um cão esquimó; pôs-se então a imaginar o que estaria fazendo aquele bicho naquela escuridão àquela hora da tarde. Ele não gostava de cachorro, mas aquele animal se comportava de uma forma que o atraía. O animal parecia estar observando-o e julgando-o. Fedro e o animal olharam-se diretamente nos olhos por muito tempo, e Fedro sentiu, por um momento, uma espécie de identificação. Depois, o cão desapareceu.

Só mais tarde ele descobriu que era um lobo selvagem, e a lembrança desse incidente permaneceu em sua memória por mui-

to tempo. Acho que permaneceu porque, de certo modo, ele tinha visto uma imagem de si próprio.

Uma foto mostra uma imagem física na qual o tempo é estático, e o espelho mostra uma imagem em que o tempo é dinâmico, mas creio que o que ele viu nas montanhas foi um tipo completamente diverso de imagem, que não era físico nem cronológico. Em todo o caso, era uma imagem, por isso ele se sentiu identificado com ela. Ela me volta nitidamente à memória neste momento, porque ontem à noite eu a vi como o rosto do próprio Fedro.

Como aquele lobo da montanha, ele tinha um tipo de coragem animal. Avançava sem medir as conseqüências, o que às vezes espantava os outros. Hoje até eu me espanto ao fazer uma avaliação disso. Ele raramente se desviava para a direita ou para a esquerda. Isso eu descobri. Mas essa coragem não provinha de nenhum ideal sublime de auto-sacrifício; apenas da intensidade da sua procura. Assim, nada havia nela de nobre.

Penso que ele buscava o fantasma da racionalidade com o objetivo de vingar-se, pois sentia que ele mesmo era completamente determinado por esse fantasma. Assim, queria livrar-se de sua própria imagem. Queria destruí-la, porque o fantasma era ele mesmo; queria livrar-se das correntes de sua própria identidade. Essa liberdade foi conseguida, só que de uma forma bastante estranha.

Esta descrição pode estar parecendo um pouco anticonvencional, mas a parte menos convencional ainda está para vir. Diz respeito à relação entre mim e Fedro. Isso foi mantido em segredo e omitido até agora; contudo, precisa ser revelado.

Comecei a descobrir que Fedro existia tirando conclusões a partir de uma estranha sucessão de acontecimentos ocorrida há vários anos. Uma sexta-feira fui trabalhar e, contente por ter adiantado bastante o serviço antes do fim de semana, fui a uma festa na mesma noite; depois de conversar bastante e bem alto, e de abusar das bebidas, entrei num aposento retirado para tirar uma soneca.

Ao despertar, descobri que havia dormido a noite inteira, porque já era dia, e pensei: “Meu Deus, eu nem sei o nome dos anfitriões!” Fiquei imaginando que tipo de constrangimento isso poderia trazer. O quarto era diferente daquele em que eu me deitara na noite anterior, mas quando entrei estava escuro e, de qualquer maneira, eu devia estar tão bêbado que não via mais nada.

Levantando-me, observei que haviam trocado as minhas roupas. Não eram as que eu usava na noite anterior. Saí do quarto, e, para meu espanto, o que vi não foram as salas e quartos de uma

casa, mas um comprido corredor.

Enquanto percorria o corredor, tive a impressão de que estava sendo vigiado. Fui abordado umas três vezes por estranhos, que me perguntaram como eu me sentia. Pensando que se referiam à minha bebedeira, respondi que nem tivera ressaca. Ouvindo isso, um deles pôs-se a rir, mas logo se conteve.

Num dos quartos, no final do corredor, vi uma mesa ao redor da qual se movimentavam muitas pessoas, fazendo qualquer coisa. Sentei-me por ali, na esperança de que não me notassem até que eu pudesse compreender o que estava havendo. Logo se aproximou uma mulher vestida de branco, perguntando-me se eu sabia o nome dela. Eu li o nome num crachá que estava preso na blusa que ela vestia. Ela não percebeu isso e, com uma expressão admirada, afastou-se rapidamente.

Ao retornar, trouxe consigo um homem, que olhou diretamente para mim, sentou-se a meu lado e me perguntou se eu sabia o nome dele. Eu respondi, tão surpreso quanto estavam por eu saber o nome deles.

— Ainda é muito cedo para ele reagir desta maneira — disse o homem.

— Isso aqui está parecendo um hospital — disse eu. Eles confirmaram.

— Como foi que eu vim parar aqui? — perguntei, pensando naquela farra de sexta à noite. O homem não respondeu e a mulher baixou os olhos; não consegui muitas explicações.

Levei mais de uma semana para deduzir, a partir dos fatos que me cercavam, que tudo que havia acontecido antes de eu acordar era sonho, e tudo que acontecera depois era realidade. Eu só podia fazer essa distinção a partir do acúmulo cada vez maior de novos acontecimentos que pareciam desmentir a bebedeira. Surgiam coisas pequenas, como a porta trancada, através da qual eu não me lembrava de ter olhado nunca. E um pedaço de papel do tribunal de sucessões, informando que uma certa pessoa fora internada por ter sido considerada louca. Seria eu?

Finalmente, me explicaram que "você agora tem uma nova personalidade", o que para mim foi o mesmo que nada. Fiquei mais intrigado do que nunca, porque não tinha consciência alguma de uma personalidade antiga. Se eles tivessem dito: "Você é uma nova personalidade", a coisa teria ficado bem mais clara. Aí, tudo faria sentido. Eles haviam cometido o erro de achar que personalidade é algo que se possui, como as roupas que se usa. No entanto, se a

personalidade for destruída, o que restará? Carne e ossos. Talvez um conjunto de dados estatísticos, mas não uma pessoa. Os ossos, a carne e os dados estatísticos é que revestem a personalidade, não o contrário.

Mas, quem era a antiga personalidade que eles haviam conhecido, da qual presumiam que eu fosse uma continuação?

Esta foi minha primeira suspeita com relação à existência de Fedro, há muitos anos atrás. Com o passar dos dias, semanas e anos, fui aprendendo cada vez mais sobre ele.

Ele havia morrido. Fora destruído por ordem do tribunal, por meio de descargas de corrente alternada de alta voltagem, aplicadas nos hemisférios cerebrais. Submeteram-no a 28 aplicações consecutivas de 800 miliampères, com duração de 0,5 a 1,5 segundo, processo conhecido como “aniquilação por choque eletroconvulsivo”. Uma personalidade fora inteiramente destruída sem deixar vestígios, através de um processo impecável, que a partir de então definiu o tipo de relação entre mim e ele. Eu jamais o conheci. Nem conhecerei.

E, no entanto, de quando em vez surgem estranhos fragmentos de lembranças, que se combinam e coadunam com esta estrada, os penhascos do deserto e a areia escaldante que nos cercam, e por esta bizarra combinação sei que ele já viu tudo isto. É claro que sim. E ao perceber essas súbitas coincidências de visão, e recordar algum estranho pensamento cuja origem desconheço, não estou sendo clarividente, nem médium espírita, que recebe mensagens do além. Eu vejo as coisas com os meus próprios olhos e também com os dele. Os meus olhos já pertenceram a ele.

Estes OLHOS!!! É isso que me apavora. Estas mãos enluvadas que agora vejo, guiando a moto pela estrada, já pertenceram a ele! E se vocês puderam compreender a sensação que isso me causa, poderão também entender o verdadeiro medo — o medo de saber que não há como escapar.

Entramos numa garganta rasa. Logo surge a parada de beira de estrada que eu estava esperando. Alguns bancos, um prédio pequeno e algumas arvorezinhas, com mangueiras irrigando suas raízes. Puxa vida, o John já está do outro lado, pronto para voltar à estrada.

Finjo que não veio e paro ao lado do prédio. Chris salta e colocamos a moto sobre o descanso. O calor sobe do motor como se ele estivesse em chamas, emanando ondas que distorcem a ima-

gem das coisas ao seu redor. Pelo canto do olho vejo que a outra moto está voltando. Ao chegarem, os dois me olham de um modo belicoso.

Sylvia diz:

— É que nós estamos... com raiva!

Dou de ombros e vou até o bebedouro.

John diz:

— Onde é que está aquela disposição de que você nos falou?

Lanço-lhe um olhar rápido e percebo que ele está mesmo zangado.

— Bem que eu achei que vocês iam levar aquilo a sério — digo, voltando-me depois. Ao provar a água, sinto que é salobra, parece água com sabão, mas continuo bebendo.

John entra no prédio para molhar a camisa. Verifico o nível do óleo. A tampa do filtro de óleo está tão quente que chega a queimar meus dedos enluvados. O motor não perdeu muito óleo. O pneu traseiro está bem mais baixo, mas mesmo assim ainda serve. A corrente está com boa tensão, mas meio seca, e eu a lubrifico novamente, por via das dúvidas. Os parafusos vitais estão bem apertados. John chega perto de mim, pingando água, e diz:

— Agora você vai na frente, que nós o seguimos.

— Eu não vou correr — advirto.

— Tudo bem — responde ele. — A gente agüenta.

Então eu vou adiante, e prosseguimos a baixa velocidade. A estrada da garganta não continua reta, como o trecho que já enfrentamos, conforme eu esperava, mas começa a subir em ziguezague. Surpresa.

A estrada ora serpeia um pouco, ora se afasta da direção na qual devíamos estar seguindo, voltando depois. Logo começa a subir gradualmente, e depois um pouco mais. Ficamos andando em ângulos, através de gargantas profundas e estreitas, depois subimos ainda, cada vez mais alto.

Surgem alguns arbustos, a seguir uns arvoredos. A estrada sobe ainda mais; aparecem primeiro touceiras de capim, depois pastos cercados.

Surge também uma nuvem no céu. Chuva, quem sabe? Os pastos precisam de chuva. E estes prados têm flores. É engraçado como tudo mudou. No mapa não aparece nada disso. E a consciência da lembrança também desapareceu. Fedro não deve ter vindo para estes lados. O problema é que não havia outra estrada. Esquisito. E a estrada continua a subir.

O sol ruma para a nuvem, que agora aumentou até atingir o horizonte acima de nós, onde há árvores, pinheiros, e de onde chega um vento que traz o perfume dos pinhais. As flores da campina inclinam-se ao vento, a moto também, e, de repente, já estamos nos sentindo mais frescos.

Olho para Chris e vejo que ele está sorrindo. Eu também ensaio um sorriso.

Aí despenca a chuva sobre a estrada, arrancando um cheiro forte da terra que já havia esperado tanto, e a poeira à beira da estrada fica salpicada com as primeiras gotas d'água.

É tudo tão novo! Estamos precisando tanto dessa nova chuva! Minhas roupas estão molhadas, meus óculos salpicados de água, começo a sentir calafrios deliciosos. A nuvem descobre o sol e a floresta de pinheiros e os pequenos prados brilham novamente, as gotículas cintilando na luz.

Ao chegarmos ao topo já estamos secos, mas refrescados, e estacionamos para admirar a vista. Um amplo vale e um grande rio estendem-se a nosso pés.

— Acho que chegamos — diz John.

Sylvia e Chris entram na campina, caminham entre as flores e sob os pinheiros, através dos quais vejo o lado mais distante do vale, ao longe, lá embaixo.

Agora sou um pioneiro, contemplando a terra prometida.

John, Chris e Pirsig

SEGUNDA PARTE

Capítulo 8

São umas dez horas da manhã. Estou sentado ao lado da motocicleta, na beira de uma calçada fresca e sombreada, atrás de um hotel que encontramos em Miles City, no estado de Montana. Sylvia está com Chris numa lavanderia automática, lavando as nossas roupas. John saiu em busca de uma pala para seu capacete. Disse que tinha visto uma numa oficina mecânica ao entrar na cidade, ontem. E eu estou pensando em regular um pouquinho o motor.

Agora estou ótimo. Chegamos à tarde e pusemos nosso sono em dia. Foi bom termos parado. Estávamos tão tontos de cansaço que nem sabíamos a que ponto chegara nossa exaustão. Quando John tentou fazer o registro no hotel, nem conseguiu lembrar do meu nome. A moça da portaria perguntou se éramos os donos daquelas motocicletas incríveis que via pela janela, e nós dois rimos tanto que ela ficou imaginando o que teria dito de errado. Era só o riso estúpido da canseira. Estávamos mais do que satisfeitos de ter estacionado as máquinas e de poder usar as pernas, para variar.

E os banhos! Numa linda banheira de ferro esmaltado, com pés em forma de pata de leão, sobre o piso de mármore, só esperando pela gente. A água era tão leve que parecia que eu nunca mais ia terminar de me enxaguar. Depois passeamos pelas ruas principais, sentindo-nos como se fôssemos uma família.

Ajustei esta máquina tantas vezes que já virou até ritual. Não preciso mais pensar muito sobre o modo como vou proceder. Basta procurar alguma coisa diferente. Pelo ruído do motor parece que há um tucho frouxo, mas como pode ser algo pior, vou regulá-lo agora e ver se o defeito desaparece. O ajuste dos tuchos deve ser feito quando o motor está frio; portanto, é preciso mexer neles no mesmo lugar em que estacionou a motocicleta na noite anterior. Eis por que me encontro numa beira de calçada sombreada atrás

de um hotel em Miles City, Montana. Neste momento o ar está fresco aqui na sombra, e assim ficará durante mais ou menos uma hora, até que o sol ultrapasse os ramos das árvores, o que é bom para trabalhar nas motos. É importante que essas máquinas não sejam ajustadas sob a luz direta do sol ou no fim do dia, quando já estamos com a cabeça cansada, porque mesmo que você já tenha feito aquilo umas cem vezes, deve estar alerta e atento.

Nem todos compreendem que a manutenção das motocicletas é uma operação completamente racional. A maioria das pessoas pensa que é uma questão de "queda" ou de "afinidade pelas máquinas". Estão certas, mas essa "queda" é quase inteiramente um processo racional, e a maioria dos problemas são causados por ataques de burrice, falhas no uso apropriado do raciocínio. A motocicleta funciona inteiramente de acordo com leis racionais, e o estudo da arte da manutenção das motocicletas é, no fundo, um estudo em miniatura da arte da própria racionalidade. Ontem eu disse que Fedro procurava o fantasma da racionalidade, que foi o que causou a sua loucura, mas para explicar isso é essencial atermo-nos a exemplos concretos de racionalidade, para não nos perdermos em generalidades incompreensíveis. O discurso sobre a racionalidade pode tornar-se muito confuso se nele não se incluírem os elementos dos quais ela trata.

Coloquemo-nos no limite entre clássicos e românticos: de um lado, vemos a moto do ponto de vista de sua aparência superficial — forma importante de encará-la — e do outro lado podemos começar a vê-la como um mecânico a vê; em termos de forma subjacente — uma forma também bastante importante de ver as coisas. Por exemplo, estas ferramentas — esta chave de boca — têm uma certa beleza romântica inerente, mas foi criada para desempenhar funções essencialmente clássicas. Destina-se a transformar a forma subjacente da máquina.

A porcelana desta primeira vela está muito escura. Trata-se de uma coisa ruim, tanto do ponto de vista clássico quanto do romântico, porque significa que no cilindro entra gasolina demais e pouco ar. As moléculas de carbono da gasolina não estão encontrando oxigênio suficiente com o qual se devem combinar, e estão se acumulando na vela. Quando eu entrei na cidade ontem, a marcha lenta estava um pouco acelerada demais, o que indica o mesmo problema.

Para ver se é só aquele cilindro que está rico, eu verifico o outro. Estão na mesma situação. Sacando dum canivete, afino a

ponta de um graveto retirado da sarjeta para limpar as velas, imaginando por que a mistura está rica. Não podem ser as bielas, nem as válvulas. E os carburadores raramente necessitam de regulagem. Os injetores principais aumentados enriquecem a mistura a alta velocidade, mas as velas estavam bem mais limpas antes, e os injetores eram os mesmos. Mistério. Você está sempre cercado de mistérios. Só que se a gente tentar resolver todos os mistérios que nos cercam, nunca consertará a máquina. Como não consigo encontrar logo a resposta, deixo a pergunta em suspenso.

O primeiro tucho está em ordem, não precisa ser ajustado, e eu passo para o seguinte. O sol ainda vai demorar muito para brilhar sobre estas árvores... Quando estou fazendo isso, sinto-me como se estivesse na igreja. O calibrador é uma espécie de ícone sagrado, e estou realizando com ele um rito religioso. É membro de um conjunto denominado "instrumentos de precisão", que tem um profundo significado no sentido clássico.

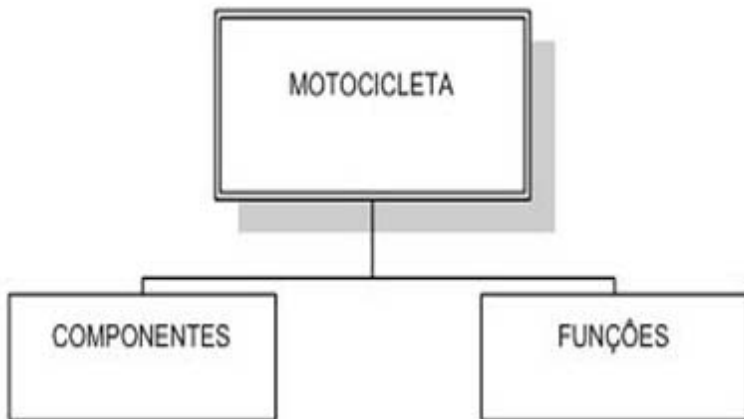
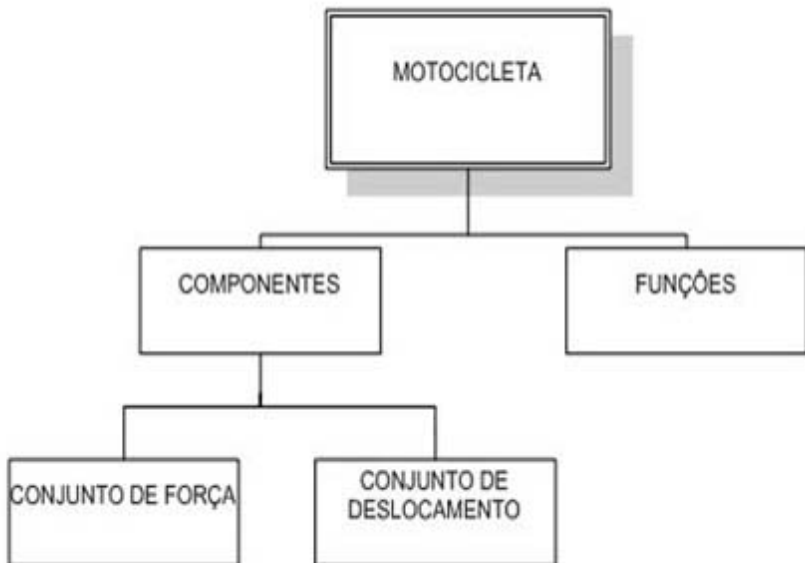
Numa motocicleta, esta precisão não se mantém por razões românticas ou perfeccionistas. As incríveis forças do calor e da pressão da explosão no interior do motor só podem ser controladas através do tipo de precisão fornecida por estes instrumentos. A cada explosão, a biela atua sobre o virabrequim, com uma pressão de muitas toneladas por centímetro quadrado. Se a biela e o virabrequim se encaixarem perfeitamente, a força da explosão será transferida suavemente, e o metal será capaz de suportá-la. Mas se o ajuste estiver frouxo, mesmo que a folga seja de apenas alguns milésimos de centímetro, a força será transmitida bruscamente, como uma martelada; a biela, a bronzina e o virabrequim logo sofrerão danos consideráveis, o que causa um barulho muito semelhante ao de tuchos frouxos. Eis por que estou fazendo esta checagem. Se houver alguma biela solta, e se eu tentar subir a serra sem uma revisão, o barulho vai aumentar cada vez mais até a biela se soltar completamente, atingindo o virabrequim em movimento e inutilizando o motor. Às vezes as bielas quebradas rebentam o cárter e despejam o óleo todo na estrada. Aí só o que resta é começar a andar a pé.

Mas tudo isso pode ser evitado pelo ajuste com precisão de milésimos de centímetro proporcionado pelos instrumentos de precisão, e é aí que reside sua beleza clássica — não no que você vê, mas no que eles significam — , do que são capazes em matéria de controle da forma subjacente.

O segundo tucho está seguro. Vou ao lado oposto da máqui-

na, para examinar o outro cilindro.

Os instrumentos de precisão destinam-se a atingir uma regularidade dimensional cuja perfeição é impossível alcançar. Não há peça de motocicleta que seja completamente perfeita, nem jamais haverá. Mas quando a gente se aproxima dessa perfeição tanto quanto permitem esses instrumentos, acontecem coisas notáveis, e saímos voando pelo campo, impulsionados por uma força que poderia ser chamada de mágica, se não fosse tão completamente racional em todos os aspectos. É a compreensão desta idéia racional e intelectual que se faz necessária. John, ao olhar para a motocicleta, vê várias formas de metal, e tem sentimentos negativos em relação a isso — e aí rejeita tudo. Eu olho para as formas metálicas agora, e vejo idéias. Ele acha que estou trabalhando com peças, quando estou trabalhando com conceitos.

Eu estava me referindo a esses conceitos ontem, ao dizer que uma motocicleta pode ser dividida de acordo com seus componentes e com suas funções. Ao fazer esta afirmação, automaticamente criei o seguinte diagrama hierárquico:

E ao dizer que os componentes podem ser subdivididos em conjunto de força e conjunto de deslocamento, surgem imediatamente as seguintes subdivisões:

Note-se que o número de subdivisões e de entradas vai aumentando até que se obtém uma verdadeira árvore. Em suma, enquanto dividia a motocicleta em partes cada vez maiores, eu estava construindo uma estrutura.

Tal estrutura de idéias é formalmente chamada hierarquia, e desde a antigüidade tem sido fundamental no conhecimento ocidental. Reinos, impérios, igrejas e exércitos foram hierarquizados. As empresas modernas também são assim organizadas. Os índices das obras de referência também são organizados desse modo, exatamente como os aparelhos mecânicos, os programas de computador, todo o conhecimento científico e tecnológico — tanto que, em algumas áreas, como na da biologia, a hierarquização, expressa na classificação filo-ordem-classe-gênero-espécie, é algo quase sagrado.

O item "motocicleta" contém as divisões "componentes" e "funções". O item "componentes" contém os subitens "conjunto de força" e "conjunto de deslocamento", e assim por diante. Há muitos outros tipos de estruturas, produzidas por outros operadores, tais como "causa", que produz longas estruturas em cadeia do tipo "A causa B, que causa C, que causa D", e por aí afora. Tal estrutura

corresponderia à da descrição de uma moto em termos de suas funções. Os termos "existe", "é igual a" e "implica em" produzem estruturas diversas. Essas estruturas normalmente se inter-relacionam de maneiras e formas tão complexas e numerosas que ninguém pode entender mais do que uma pequena parte delas durante a sua vida. A denominação geral dessas estruturas, o gênero do qual a hierarquia de inclusão e a estrutura de causação são apenas espécies, é o sistema. A motocicleta é um sistema. Um sistema real.

Chamar certas instituições governamentais e culturais de "sistema" é correto, uma vez que essas organizações se baseiam nas mesmas relações conceituais estruturais que as motocicletas. São sustentadas por relações estruturais, mesmo depois de haverem perdido qualquer outro significado ou objetivo. As pessoas chegam a uma fábrica e realizam um serviço completamente isento de significado das oito às cinco, sem questionamentos, porque a estrutura o exige. Não há vilões, "intermediários", que querem que eles levem vidas sem sentido; é que a estrutura, o sistema o exige, e ninguém quer se dar ao trabalho formidável de modificar a estrutura só porque ela não faz sentido.

Entretanto, destruir uma fábrica, revoltar-se contra um governo, ou recusar-se a consertar uma motocicleta porque ela é um sistema é o mesmo que atacar os efeitos ao invés das causas. E enquanto se atacarem os efeitos ao invés das causas, não haverá mudança nenhuma. O verdadeiro sistema é o nosso próprio modelo atual de pensamento sistemático, a própria racionalidade. Se destruirmos uma fábrica, sem aniquilar a racionalidade que a produziu, essa racionalidade simplesmente produzirá outra fábrica igual. Se uma revolução derrubar um governo sistemático, mas conservar os padrões sistemáticos de pensamento que o produziram, tais padrões se repetirão no governo seguinte. Fala-se tanto sobre o sistema, e tão pouco se entende a seu respeito.

A motocicleta é isso, um sistema de idéias moldado em aço. Nela não há peças nem formas que não sejam fruto do pensamento de alguém... O terceiro tucho também está em ordem. Só resta mais um. E melhor que seja esse... Percebi que aqueles que nunca trabalharam com aço têm dificuldade de enxergar que a motocicleta é, antes de mais nada, um fenômeno mental. Eles associam o metal a determinas formas — canos, bielas, travas, ferramentas, peças — todas fixas e invioláveis, encaradas como essencialmente físicas. Mas para quem trabalha com mecânica, caldeiraria, forja ou soldagem, o "aço" não tem forma alguma. O aço pode tomar

qualquer forma, se se tem alguma habilidade, e qualquer forma, menos a que se deseja, se não se tiver habilidade. As formas, como a deste tucho, são o resultado do trabalho com o aço. O aço tem tanta forma própria quanto essa velha camada de sujeira que há sobre o motor. Essas formas surgem todas da cabeça de alguém. E muito importante perceber isso. O aço? Diabo, o aço também saiu da cabeça de alguém! Ele não existe na natureza. Qualquer homem da Idade do Bronze poderia confirmar isso. A natureza tem um potencial para criar o aço. Mais nada. Mas o que é potencial? Isso também saiu da cabeça de alguém!... Fantasmas!

Era a isso que Fedro se referia ao dizer que tudo são fantasmas. Parecerá loucura se for proclamado aos quatro ventos sem uma referência específica, como um motor, por exemplo. Mas, se apresentado juntamente com provas específicas e concretas, o toque de insanidade tende a desaparecer e percebe-se que ele pode estar querendo dizer alguma coisa importante.

O último tucho está muito frouxo, como eu esperava. Eu o ajusto, verifico o tempo do motor, e constato que está bom, e que os platinados não estão gastos. Continuando, aparafuso as tampas das válvulas, recoloco as velas e ligo o motor.

O ruído dos tuchos desapareceu, o que não quer dizer nada enquanto o óleo está frio. Deixo o motor em baixa rotação, enquanto guardo as ferramentas, depois subo na máquina e a levo a uma oficina da qual um outro motociclista me falou ontem à noite, para comprar um elo tensor da corrente e um novo protetor de borracha para a pedaleira. Os pés de Chris devem ficar se mexendo o tempo todo. Os protetores dele vivem gastos.

Já andei dois quarteirões e ainda não ouvi nenhum ruído nos tuchos. A coisa está melhorando; acho que não vai voltar mais o barulho. Mesmo assim, não posso tirar conclusão nenhuma sem ter percorrido pelo menos uns cinqüenta quilômetros. Até lá, e nesse instante, o sol está brilhando, o ar está fresco, minhas idéias estão em ordem, temos o dia inteiro pela frente, estamos quase na serra, e o dia está aí para ser aproveitado. E esse ar leve que faz a gente se sentir assim. A gente sempre se sente assim quando começa a subir as montanhas.

A altitude! E por isso que o motor está com aquele problema de mistura rica. Nós agora estamos a 750m de altura. É melhor colocar injetores convencionais no carburador. Só leva alguns minutos. E também fazer a regulagem. Ainda vamos subir muito mais do que isso.

Encontro a Oficina do Bill à sombra de algumas árvores, mas o Bill não está. Um passante me informa que talvez esteja pescando, e a loja ali, escancarada. Nós estamos mesmo no Oeste. Ninguém abandonaria sua oficina assim em Chicago ou Nova Iorque.

Ao entrar, percebo que o Bill é um mecânico da escola da "memória fotográfica". Tudo está jogado por todos os lados. Chaves de boca, chaves de fenda, peças usadas, motos velhas, peças novas, motos novas, folhetos de propaganda, tubos internos, tudo tão misturado e amontoado que não dá para ver nem as bancadas. Eu não conseguiria trabalhar nestas condições, mas só porque não tenho memória fotográfica. O Bill certamente chega e tira qualquer ferramenta do meio desta balbúrdia sem ter nem que se lembrar onde ela está. Eu já vi mecânicos assim. Dá nervoso só de olhar, mas eles fazem o serviço tão bem, e às vezes até mais rápido do que os outros. Porém, se a gente puxar uma das ferramentas um pouquinho para a esquerda, ele vai passar dias procurando por ela.

Bill chega, sorrindo de alguma coisa. É claro, ele tem as agulhas que eu preciso, e sabe exatamente onde estão. Eu só vou ter que esperar um minutinho. Ele tem que fechar um negócio lá nos fundos, referente a umas peças Harley. Eu o acompanho até um barracão nos fundos e vejo que ele está vendendo uma moto Harley todinha desmontada, menos o quadro, que o freguês já tem. Está vendendo tudo por 125 dólares. Nada mau.

Na volta, comento:

— Até terminar de montar aquilo tudo, ele vai estar conhecendo alguma coisa sobre motocicletas.

Bill solta uma risada.

— E essa é também a melhor maneira de aprender.

Ele tem as agulhas e o protetor, mas não o elo tensor da corrente. Mando colocar o protetor e as agulhas, faço a devida regulagem, e depois retorno ao hotel.

Quando chego, Sylvia, John e Chris estão acabando de descer as escadas com a bagagem. Pelas fisionomias, estão se sentindo tão bem quanto eu. Descemos a rua principal e, num restaurante, pedimos uns bifes para o almoço.

— Esta cidade é ótima! — comenta John. — Realmente incrível! É uma surpresa ver que ainda existem cidades assim, com bares freqüentados por boiadeiros, botas de montaria, fivelas de cinto feitas de dólares de prata, calças Lee, tudo isso... e ao vivo! Não é só coisa da Câmara de Comércio para atrair turistas... Naquele bar da esquina, hoje de manhã, me trataram como se eu tivesse morado

aqui a vida inteira.

Pedimos uma rodada de cerveja. Pela marca de ferradura na parede, percebe-se que estamos na zona de distribuição da cerveja Olympia, e pedimos essa mesmo.

— Eles devem ter pensado que eu era algum rancheiro. Um velho que estava lá começou a dizer que não ia deixar nada para os demônios dos filhos dele. Gostei de ouvir isso. O rancho ia ficar para as meninas, porque os desgraçados gastavam até o último centavo no Suzie's. — John solta uma gargalhada. — Ele se dizia arrependido de ter criado aqueles capetas, e assim por diante. Eu pensei que esse tipo de coisa tinha desaparecido há uns trinta anos, mas vejo que ainda existe.

A garçonete chega com os bifes, que atacamos imediatamente. Aquele trabalho na moto me deu uma fome miserável.

— Há outra coisa que deve interessar a você — acrescenta John. — No bar estavam falando sobre Bozeman, o lugar para onde estamos indo. Disseram que o governador tinha uma lista de cinqüenta professores radicais que iam ser despedidos da escola. E de repente, morreu num desastre de avião.

— Mas isso já foi há muito tempo — retruco eu. Os bifes estavam muito bons.

— Eu não sabia que existiam tantos radicais neste Estado.

— Neste Estado existe todo tipo de pessoas — respondo. — Isso foi apenas uma jogada política da direita.

John se serve de mais sal, depois continua:

— Um colunista de Washington publicou isso ontem; por isso é que todos estavam comentando. O reitor da escola confirmou tudo.

— Publicaram a lista?

— Sei lá. Você conhecia alguém?

— Se eram cinqüenta nomes, o meu devia estar no meio.

Os dois me olham meio surpresos. Na verdade, não sei muito a respeito desse episódio. É claro que era ele, e, sentindo-me um pouco falso por causa disso, explico que ser "radical" em Montana é um pouco diferente de ser radical em outro lugar.

— A esposa do presidente dos Estados Unidos foi expulsa dessa mesma faculdade porque era "muito contestadora".

— Quem?

— Eleanor Roosevelt.

— Cruzes! — ri John. — Deve ter sido incrível!

Eles "querem saber mais coisas, mas é difícil falar mais. Aí,

me lembro de algo:

— Numa situação dessas, um genuíno radical está no seu ambiente perfeito. Pode fazer quase qualquer coisa e levar a melhor, porque seus oponentes já fizeram papel de bobos. Podem dizer qualquer besteira, que os caras vão fazer parecer uma maravilha.

Na saída, passamos por um parque municipal que notei ontem à noite e que produz uma visão mnemônica. Só a lembrança de ter fitado as copas das árvores. Ele havia dormido naquele banco de parque uma noite, no caminho para Bozeman. Por isso é que não reconheci a floresta ontem. Ele tinha passado por lá à noite, rumo à faculdade, em Bozeman.

Capítulo 9

Agora estamos atravessando a parte do parque Yellowstone que fica no estado de Montana. A paisagem varia das artemísias do Oeste aos milharais do Meio-Oeste, e depois volta às artemísias, dependendo da área irrigada pelo rio. Às vezes atravessamos penhascos que nos levam para além da área irrigada, mas na maior parte do tempo viajamos ao longo do rio. Passamos por uma placa que traz informações sobre Lewis e Clark. Um deles passou por aqui numa excursão secundária, vindo da Passagem Noroeste.

Som agradável. Adequado a uma chautauqua. Estamos também numa espécie de Passagem Noroeste. Atravessamos mais campos, mais deserto, e assim termina o dia.

Agora gostaria de prosseguir na caçada àquele fantasma que Fedro perseguia — a racionalidade em si, aquele fantasma monótono, complicado e clássico da forma subjacente.

Hoje de manhã falei sobre as hierarquias de pensamento — o sistema. Agora quero falar sobre os métodos de orientação dentro dessas mesmas hierarquias — a lógica.

Existem dois tipos de raciocínio lógico, o indutivo e o dedutivo. As inferências indutivas começam com o exame da máquina e permitem chegar a conclusões gerais. Por exemplo, se a motocicleta falha ao passar sobre alguma saliência, depois passa por cima de outra saliência e falha, depois falha de novo ao passar por uma terceira saliência, correndo normalmente num longo trecho liso e reto de estrada, e depois falha ao passar sobre uma quarta saliência, chega-se à conclusão lógica de que a falha é causada pelas irregularidades da estrada. É o raciocínio indutivo: o raciocínio a partir das experiências particulares, visando às verdades gerais.

Com as inferências dedutivas, o processo é inverso. Começamos com o conhecimento geral e prevemos uma observação es-

pecífica. Por exemplo, se consultando a hierarquia dos elementos da máquina o mecânico sabe que a buzina é alimentada exclusivamente pela eletricidade fornecida pela bateria, ele poderá logicamente deduzir que, se a bateria se esgotar, a buzina não funcionará. É o raciocínio dedutivo.

Problemas complicados demais para serem resolvidos pelo senso comum são solucionados através de longas séries de inferências indutivas e dedutivas que vão e vêm, seguindo trajetórias complexas entre a máquina observada e a hierarquia mental da máquina encontrada nos manuais. A formalização do programa adequado para esta trama de inferências é o método científico.

Na verdade, nunca vi um problema de manutenção tão sério que requeresse a aplicação total do método científico formal. Os problemas de conserto não são tão difíceis assim. Ao tentar criar uma imagem do método científico formal, penso num enorme trator, um buldôzer imenso — vagaroso, monótono, pesadão, que dá trabalho para manejar, mas que é invencível. Leva duas vezes, cinco vezes, quem sabe até uma dúzia de vezes mais tempo do que as técnicas da mecânica informal, mas a gente sabe que no fim vai resolver tudo. Não há problema de detecção de defeitos da moto que resista ao método científico. Quando o problema é daqueles duros de roer, e a gente já tentou tudo, arrancou os cabelos e não adiantou nada, pois dessa vez a natureza resolveu bancar a difícil, a gente diz: "muito bem, dona natureza, cansei de ser bonzinho", e sapeca-lhe o método científico.

Para isso, deve-se possuir um caderno de laboratório. Anota-se tudo formalmente, de modo que a gente saiba onde está, onde estava, para onde está indo e para onde quer ir. No trabalho científico e na eletrônica é necessário fazer isso, porque senão os problemas ficam tão complicados que a gente se perde, se confunde, esquece o que sabe e o que não sabe, e termina desistindo. Na manutenção das motocicletas, as coisas não são tão intrincadas assim, mas quando começa a confusão é melhor não deixá-la aumentar; deve-se proceder de maneira formal e exata. Às vezes, só anotando os problemas, a gente já percebe qual é a sua verdadeira natureza.

Os enunciados lógicos anotados no caderno dividem-se em seis categorias: (1) exposição do problema; (2) hipóteses sobre a causa do problema; (3) experiências destinadas a testar cada hipótese; (4) resultados previstos das experiências; (5) resultados observados, e (6) conclusões a partir dos resultados das experiências.

Não há diferença entre esta e a organização de muitos cadernos de laboratório de colégios e faculdades, mas o objetivo aqui não é mais apenas manter os alunos ocupados. Agora, se as anotações não forem exatas, a orientação correta do raciocínio ficará comprometida.

O objetivo real do método científico é certificar-se de que a natureza não nos enganou, fazendo-nos pensar que sabemos algo que realmente não sabemos. Todo mecânico, cientista ou técnico já passou tantas vezes por isso, que está sempre de sobreaviso. Essa é a razão principal pela qual tantos dados científicos e mecânicos parecem tão monótonos e cautelosos. Se a gente se descuidar, ou começar a romantizar os dados científicos, enfeitando as coisas aqui e ali, logo a natureza vai fazer a gente de bobo. É o que acontece muitas vezes, mesmo quando não se lhe dá nenhuma oportunidade. Deve-se ser extremamente cuidadoso e extremamente lógico ao lidar com a natureza: é só escorregar no raciocínio, que o edifício científico inteiro desmorona. Uma dedução equivocada sobre a máquina pode deixar-nos confusos indefinidamente.

Na primeira parte do método científico formal, que é a exposição do problema, o principal é aprender a afirmar apenas aquilo de que se tem certeza. É muito melhor começar da seguinte forma: "Problema a resolver: por que a motocicleta não funciona?" — que parece idiota, mas está correta — , do que começar assim: "Problema a resolver: por que o sistema elétrico falhou?" — uma vez que não se sabe se o problema é no sistema elétrico. Deve-se anunciar o seguinte: "Problema a resolver: o que há de errado com a motocicleta?", e depois colocar como cabeçalho da segunda parte: "Hipótese n.° 1: o problema é no sistema elétrico." Elaboram-se tantas hipóteses quantas for possível, depois criam-se experiências para testar tais hipóteses, com o propósito de verificar quais são as verdadeiras e quais as falsas.

Esta abordagem cuidadosa às perguntas iniciais impede-nos de enveredar por uma rota inteiramente errada, que resultaria em semanas de trabalho desnecessário, ou até em um impasse total. É por isso que as perguntas científicas geralmente parecem idiotas. São feitas para evitar que ocorram erros idiotas, mais tarde.

Os românticos pensam que a terceira parte do método científico formal, chamada fase de experimentação, é a essência da própria ciência, por que é a única parte que tem uma aparência visível. Eles vêem montes de tubos de ensaio e aparelhos esquisitos, e pessoas correndo para lá e para cá, fazendo descobertas. Não vêem a

experiência como parte de um processo intelectual maior, e assim vivem confundindo experimentação com demonstração. Um cara que esteja realizando um verdadeiro espetáculo de ciência, com um equipamento tipo Frankenstein, no valor de 50.000 dólares, não estará fazendo ciência se souber de antemão qual será o resultado do seu trabalho. Por outro lado, o mecânico de motos que toca a buzina para ver se a bateria funciona, esse está realizando informalmente uma verdadeira experiência científica. Está testando uma hipótese ao consultar a natureza. O cientista de seriado de TV que murmura tristemente: “A experiência foi um fracasso, não conseguimos alcançar os resultados previstos”, está precisando urgentemente de um novo roteirista. Uma experiência nunca fracassa apenas porque deixa de alcançar os resultados previstos. Uma experiência só é um fracasso quando também deixa de testar adequadamente a hipótese em questão, quando os dados que ela produz não provam nada, de maneira alguma.

Então, é preciso aprender a utilizar experiências que testam apenas a hipótese em questão, nada mais, nada menos. Se a buzina tocar e o mecânico concluir que o sistema elétrico inteiro está funcionando, estará em palpos de aranha, porque tirou uma conclusão ilógica. A buzina que funciona apenas mostra que a buzina e a bateria estão perfeitas. Para planejar uma experiência adequada, ele tem que direcionar o pensamento para as relações de causalidade entre os elementos do sistema, encontradas na hierarquia. A buzina não faz a moto andar. Nem a bateria, a não ser de um modo bastante indireto. O ponto em que o sistema elétrico atua diretamente sobre o motor são as velas; se a gente não testar as velas, que ficam na saída do sistema elétrico, nunca vai saber se a falha é elétrica ou não.

Para testá-las adequadamente, o mecânico deve retirar a vela e encostá-la no motor, de modo que se feche o circuito junto à base da vela, acionar o kick, e esperar que a vela solte uma centelha azulada. Se isso não acontecer, ele pode chegar a uma das seguintes conclusões: (a) há uma falha elétrica; (b) a experiência foi mal feita. Se ele for tarimbado, tentará mais algumas vezes, procurando fazer a vela funcionar de todas as maneiras que souber. Se não conseguir, poderá concluir que a hipótese (a) é correta, existe uma falha elétrica, e aí termina a experiência. Ele provou que a hipótese está correta.

Na fase final das conclusões, deve-se cuidar para não enunciar nada além do que a experiência provou. Ela não provou que,

uma vez consertado o sistema elétrico, a moto vai funcionar. Pode haver outros problemas. Mas o mecânico sabe que a moto não vai andar se o sistema elétrico não estiver funcionando, e então faz a seguinte pergunta formal: “Problema a resolver: o que há de errado com o sistema elétrico?”

Depois, levanta hipóteses para este problema e as testa. Fazendo as perguntas certas, escolhendo os testes adequados, e tirando as conclusões pertinentes, o mecânico abre caminho, descendo cada vez mais pelos escalões da hierarquia da motocicleta, até encontrar a causa ou causas exatas e específicas do defeito, que serão posteriormente eliminadas, de modo a eliminar também o problema.

Um observador leigo verá apenas o trabalho físico, e terá certamente a impressão de que o trabalho mecânico é principalmente físico. Na verdade, a atividade física é a parte menor e mais fácil daquilo que o mecânico faz. A parte predominante do trabalho de mecânica consiste na observação cuidadosa e no raciocínio preciso. É por isso que os mecânicos às vezes parecem taciturnos e isolados quando realizam experiências. Não gostam que a gente fale com eles, porque estão concentrados em imagens mentais, hierarquias; na verdade, não estão vendo nem a gente, nem a motocicleta física. Eles usam a experiência como parte de um programa para expandir sua hierarquia de conhecimento sobre a motocicleta defeituosa, e a comparam à hierarquia correta na sua cabeça. Estão olhando para a forma subjacente.

Um carro puxando um trailer, que vem na nossa direção, está fazendo uma ultrapassagem, mas encontra dificuldade para voltar à sua pista. Eu pisco meu farol para ter certeza de que ele está nos vendo. Ele está, mas não consegue voltar à pista. O acostamento é estreito e todo ondulado. Vamos ser cuspidos fora da estrada, se entrarmos nele. Aperto o freio, buzino, pisco os faróis. Meus Deus, ele entrou em pânico e está vindo em direção ao nosso acostamento! Eu fico firme, na beirinha da estrada. AI VEM ELE! No último minuto, ele entra na pista, tirando um fino na gente.

Uma caixa de papelão adeja e rola na estrada à nossa frente e nós a observamos durante muito tempo antes de a alcançarmos. Deve ter caído de algum caminhão.

Só agora chega a tremedeira. Se estivéssemos de carro, teríamos capotado. Ou então, despencado precipício abaixo.

Saímos da estrada num lugarejo típico do interior de Iowa.

O milho está alto nas redondezas, sente-se um forte cheiro de fertilizante. Afastamo-nos das motos estacionadas e entramos num enorme salão de refeições, com teto alto. Para acompanhar a cerveja, peço, desta vez, todos os tipos de aperitivos que eles têm, e comemos um ajantarado de amendoins, pipocas, pretzels, batatas fritas, anchova seca, peixe defumado, com um mundo de espinhas finíssimas, salgadinhos variados, salaminho, pasta de presunto, baconzitos e biscoitos de gergelim com um sabor diferente, que não consigo identificar.

— Eu ainda estou com as pernas moles — comenta Sylvia. Ela mentalizara a nossa moto no lugar daquela caixa de papelão, rolando sem rumo pela pista.

Capítulo 10

Lá fora, no vale, o céu está novamente limitado pelos penhascos dos dois lados do rio, agora mais próximos entre si e mais próximos de nós do que hoje de manhã. O vale está se estreitando à medida que nos aproximamos da nascente do rio.

Estamos também numa espécie de fase inicial dos temas que venho analisando, onde se pode, finalmente, começar a falar sobre o rompimento de Fedro com o pensamento racional, em busca do fantasma da própria racionalidade.

Ele havia lido certa vez um texto cujas palavras repetiu tantas vezes para si mesmo, que ainda hoje me recordo delas. Começa assim:

No templo da ciência há muitas moradas... E em verdade muitos são os que as habitam, assim como são variados os motivos que os levaram até lá.

Muitos se voltam para a ciência pela agradável sensação de terem uma capacidade intelectual superior; a ciência é seu divertimento especial, ao qual se dedicam para viver experiências intensas e satisfazer sua ambição. Outros habitantes do templo oferecem o fruto do seu raciocínio neste altar por motivos unicamente utilitários. Se um anjo do Senhor viesse expulsar todos os que pertencem a estas duas categorias, o templo ficaria consideravelmente mais vazio, embora ainda restassem alguns homens, tanto do presente quanto do passado... Se os tipos que acabamos de expulsar fossem os únicos existentes, o templo nem sequer teria existido, da mesma forma como não pode existir um bosque constituído apenas de trepadeiras... Aqueles que gozam das boas graças do anjo... são tipos um tanto estranhos, calados, solitários, na verdade menos parecidos uns com os outros do que os anfitriões dos rejeitados.

O que os trouxe para o templo foi... não se pode responder

facilmente... a fuga do cotidiano, da sua dolorosa rudeza e irremediável monotonia, fuga dos grilhões dos desejos inconstantes. As personalidades delicadamente constituídas anseiam por escapar do ambiente apertado e barulhento em que se encontram, refugiando-se no silêncio das altas montanhas, onde a vista corre livremente através do ar ainda puro e alegremente acompanha os tranqüilizadores contornos aparentemente eternos.

Este é um trecho de um discurso que um jovem cientista alemão chamado Albert Einstein fez em 1918.

Fedro terminara o primeiro ano de ciências na universidade com 15 anos de idade. Já havia decidido dedicar-se à área da bioquímica, pretendendo especializar-se no estudo da fronteira entre o mundo orgânico e o inorgânico, conhecido hoje como biologia molecular. Não encarava essa carreira como um meio de promoção pessoal. Ainda era muito jovem: seria, digamos, uma espécie de ideal nobre.

O estado de espírito que permite a um homem fazer este tipo de trabalho é semelhante ao do fiel em oração ou ao do amante enamorado. A atividade diária provém não de uma intenção ou plano deliberado, mas diretamente do coração.

Se Fedro se tivesse envolvido com a ciência por ambição ou por propósitos utilitários, nunca lhe teria ocorrido questionar a natureza de uma hipótese científica enquanto entidade em si mesma. Mas ele questionou e não ficou satisfeito com as respostas.

A formação de hipóteses é a fase mais misteriosa do método científico. De onde elas vêm, ninguém sabe. A pessoa está sentada num lugar qualquer, pensando na vida, e de repente — zás! — passa a entender uma coisa que não entendia antes. Até ser testada, a hipótese não é verdadeira, mas ela não provém de experiências. Origina-se em outro lugar. Disse Einstein:

O homem tenta elaborar para si mesmo, do modo que melhor lhe pareça, uma descrição simplificada e inteligível do mundo. Depois, tenta até certo ponto substituir o mundo da experiência por esse universo por ele construído, para poder dominar toda a natureza... Ele faz desse universo e da sua construção o centro de sua vida emocional, para encontrar, assim, a paz e a serenidade que não consegue dentro dos limites a ele impostos pelo turbilhão da experiência pessoal. O objetivo último a ser atingido é chegar àquelas leis elementares universais a partir das quais o universo foi construído através de pura dedução. Não há um caminho lógico que conduza até essas leis; apenas a intuição, baseada no conhecimento afetivo

da experiência, pode conduzir a elas...

Intuição? Afetividade? Palavras estranhas para descrever a origem do conhecimento científico.

Alguém que fosse menos cientista que Einstein teria dito: "Mas o conhecimento científico vem da natureza. É a natureza que fornece as hipóteses." Einstein, porém, sabia que não é assim. A natureza só fornece dados experimentais.

Alguém menos inteligente poderia ter aparteado: "Muito bem, então é o homem que faz as hipóteses." Mas Einstein também não concordava com isso. "Ninguém que tenha estudado o assunto a fundo negará que na prática apenas o mundo dos fenômenos determina o sistema teórico, apesar de não existir ponte teórica nenhuma entre os fenômenos e seus princípios teóricos."

O rompimento de Fedro com o sistema lógico ocorreu quando, em conseqüência de algumas experiências de laboratório, ele se interessou pelas hipóteses como entidades em si mesmas. Ele já havia percebido várias vezes, no seu trabalho de laboratório, que o que poderia parecer a parte mais difícil do trabalho científico, a criação das hipóteses, era sempre a mais fácil. O simples ato de anotar formalmente tudo, com a maior precisão e clareza possíveis, já parecia sugerir as hipóteses. Enquanto testava a primeira hipótese pelo método experimental, vinha-lhe à mente um verdadeiro enxame de novas hipóteses, e, ao testá-las, criava outras, e enquanto ele testava essas outras, surgiam mais, até que ficou bastante claro que enquanto ele continuasse testando as hipóteses e eliminando-as ou confirmando-as, o número delas não diminuiria. Pelo contrário, o número aumentava à medida que ele prosseguia.

No começo, ele achava aquilo divertido. Inventou até uma lei gozadora, no estilo das Leis de Parkinson, segundo a qual "o número de hipóteses racionais que podem explicar qualquer fenômeno dado é infinito." Agradava-lhe que suas hipóteses jamais se esgotassem. Mesmo quando suas experiências pareciam não ter mais saída, de jeito nenhum, ele sabia que era só sentar-se e remexer um pouco as idéias por algum tempo, que certamente surgiria outra hipótese. E sempre dava certo. Foi só meses após ter criado essa lei que ele começou a ter algumas dúvidas sobre a graça ou utilidade que ela teria.

Se fosse verdadeira, a lei não detectaria uma simples escorregadela no raciocínio científico. Seria completamente niilista, uma catastrófica refutação lógica da validade geral de todo o método científico!

Se o propósito do método científico é selecionar uma dentre inúmeras hipóteses, e se o número de hipóteses cresce tão rápido que o método científico não pode controlá-las, fica claro que nunca se poderão testar todas as hipóteses; os resultados de qualquer experiência serão, portanto, incompletos, e o método científico inteiro deixa de alcançar o objetivo de estabelecer um saber comprovado.

Einstein comentou, a respeito, que "a evolução mostrou que a qualquer momento há sempre uma hipótese que sempre se destaca, por ser nitidamente superior às outras", e ficou por aí. Mas para Fedro, tal resposta não era ainda satisfatória. A frase "a qualquer momento" causou-lhe profundo impacto. Será que Einstein acreditava que a verdade era uma função do tempo? Afirmar isso seria o mesmo que arrasar o pressuposto mais básico de toda a ciência.

E, no entanto, isto se observa em toda a história da ciência, que é nitidamente uma sucessão de explicações sempre novas e mutáveis sobre os mesmos velhos fatos. Os períodos de vigência de cada hipótese pareciam completamente aleatórios. Fedro não conseguiu encontrar nenhuma seqüência lógica. Algumas verdades científicas pareciam durar séculos a fio, outras, menos de um ano. As verdades científicas não eram dogmas. Não eram eternas. Eram entidades temporais quantitativas e podiam ser estudadas como qualquer outra coisa.

Estudando as verdades científicas, ele começou a perturbar-se ainda mais, ao constatar qual seria a causa dessa condição temporal. Parecia que os períodos de duração das verdades científicas eram uma função inversa da intensidade da atividade científica. Assim, as verdades científicas do século XX pareciam ter um período de vida bem mais curto do que as do século passado, porque a atividade científica agora é bem maior. Se no próximo século a atividade científica decuplicar, a expectativa de vida de qualquer verdade científica deverá cair para aproximadamente um décimo da atual. O que encurta o período de sobrevivência das verdades existentes é o volume de hipóteses oferecidas para substituí-las. Quanto mais hipóteses, menor o tempo de vida da verdade. E o que parece estar fazendo com que cresça o número de hipóteses nas últimas décadas é nada mais nada menos que o próprio método científico. Quanto mais se olha, mais se vê. Em vez de selecionar uma verdade dentre uma quantidade de hipóteses, aumenta-se essa quantidade. Logicamente, isso significa que, ao se tentar alcançar a verdade imutável através da aplicação do método cientí-

fico, não se realiza qualquer progresso. Pelo contrário, passamos a distanciar-nos dessa verdade! É a aplicação do método científico que está causando a transformação das verdades!

Aquilo que Fedro observou a nível pessoal era um fenômeno bastante característico da história da ciência, omitido durante anos. Os resultados previstos da pesquisa científica e os resultados reais estão diametralmente opostos neste ponto, e ninguém parece prestar muita atenção a este fato. O objetivo do método científico é selecionar uma dada verdade dentre muitas verdades hipotéticas. A ciência consiste essencialmente nisso. Historicamente, porém, a ciência fez exatamente o contrário: através de um acúmulo descomunal de fatos, dados, teorias e hipóteses, é ela mesma quem está levando a humanidade das verdades únicas e absolutas para as verdades múltiplas e relativas. O principal gerador do caos social, da indecisão do pensamento e valores que o conhecimento racional se destina a eliminar é nada mais nada menos que a própria ciência. O que Fedro percebeu no isolamento de seu trabalho de laboratório há anos atrás é percebido agora em todas as partes do mundo tecnológico. Anticiência produzida cientificamente. Um verdadeiro caos.

Agora podemos regredir um pouco e ver por que é importante falar sobre esta pessoa em relação a tudo que foi dito antes com respeito à divisão entre as realidades clássica e romântica, e a incompatibilidade entre elas. Ao contrário da multidão de românticos revoltados com as transformações caóticas impostas ao espírito humano pela ciência e pela tecnologia, Fedro, com sua cabeça clássica, educado no método científico, foi capaz de fazer mais do que ficar torcendo as mãos de aflição, ou fugir, ou amaldiçoar a situação toda, sem buscar qualquer solução.

Conforme já mencionei, ele, no final, apresentou soluções; só que o problema era tão profundo, tão imenso e complexo, que ninguém de fato compreendeu a gravidade daquilo que ele estava solucionando, e assim não foram capazes de entender o que ele disse.

A razão da atual crise social, segundo ele, é um defeito genético da razão. E até esse defeito ser detectado, as crises continuarão a existir. Nossas atuais modalidades de racionalidade não estão conduzindo a sociedade a um mundo melhor. Estão afastando-a cada vez mais desse mundo ideal. Tais modalidades estão em voga desde o Renascimento, e continuarão a existir enquanto houver necessidade de se conseguir comida, abrigo e roupa. Só que agora,

quando para um enorme número de pessoas tais interesses não são mais prioritários, toda aquela estrutura racional, herdada da Antigüidade, já não é mais adequada, e começa a ser encarada como realmente é — emocionalmente falsa, esteticamente inexpressiva e espiritualmente vazia. Hoje em dia as coisas estão nesse pé, e assim vão continuar por muito tempo.

Tenho uma imagem mental de uma crise social duradoura e irada, cuja real profundidade ninguém entende, e para a qual não se apresentam soluções. Vejo pessoas como John e Sylvia vivendo perdidos e alienados de toda a estrutura racional da vida civilizada, buscando soluções fora da estrutura, sem encontrar uma saída que realmente os satisfaça durante muito tempo. E depois vejo Fedro, fazendo suas abstrações solitárias, isolado no laboratório — começando de um ponto completamente diferente, e seguindo a direção oposta. O que estou tentando fazer é reunir as duas visões. E a variação é tão grande, que às vezes pareço me perder um pouco.

Fedro não conseguia encontrar ninguém interessado nesse fenômeno que tanto o desconcertava. Todos aqueles com quem falava pareciam estar dizendo: "Sabemos que o método científico é valido; por que deveríamos questioná-lo?"

Fedro não entendia essa postura, nem sabia o que fazer com ela, e como não estudava ciências por motivos pessoais nem utilitários, ela o bloqueou completamente. Era como se estivesse contemplando aquela tranqüila paisagem montanhosa descrita por Einstein, e de repente surgisse entre as montanhas uma fissura, um abismo, simplesmente do nada. Penosamente, vagarosamente, para explicar essa fissura ele teve que admitir que as montanhas, que pareciam ser eternas, poderiam talvez ser outra coisa... talvez apenas frutos de sua própria imaginação. Tal conclusão fez com que ele interrompesse por completo as atividades acadêmicas.

E foi assim que Fedro, que aos 15 anos de idade terminara o primeiro ano, foi expulso aos 17 da universidade, reprovado por notas baixas. As causas oficiais foram: imaturidade e desatenção nos estudos.

Ninguém poderia fazer nada para evitar ou corrigir o erro. A universidade não poderia tê-lo mantido sem romper completamente com os padrões estabelecidos.

Meio atordoado, Fedro iniciou uma série de divagações que o levaram a uma órbita bastante afastada do raciocínio. Mas finalmente retornou, pelo caminho que ora seguimos, às portas da mesma universidade. Amanhã tentarei retomar este caminho.

Em Laurel, finalmente as montanhas diante dos nossos olhos, paramos para pernoite. A brisa da tarde é agora fresca. Embora o sol se deva ter posto por trás das montanhas há uma hora, ainda existe bastante luz se infiltrando do horizonte.

Sylvia, John, Chris e eu subimos a rua principal na penumbra que se intensifica, sentindo a presença da serra, embora o assunto da conversa seja outro. Sinto-me feliz por estar aqui, e, também, ao mesmo tempo, um pouco triste. As vezes a jornada é melhor do que a chegada.

Chris, John e Sylvia

Capítulo 11

Acordo pensando se eu sei que estamos perto das colinas pelas recordações que me ocorrem ou porque o ar está diferente. Estamos num lindo quarto de hotel, todo revestido de madeira escura, sobre a qual se vêem manchas de sol formadas pela luz que entra pelas frestas da persiana. Mas mesmo com a persiana abaixada, posso sentir que as montanhas estão próximas. O aposento está repleto de ar serrano, um ar fresco, úmido, quase perfumado. Uma inspiração profunda e uma preparação para a próxima inspiração, depois para a outra; a cada inalação sinto-me um pouco mais preparado, até que, finalmente, salto da cama, enrolo a persiana e deixo entrar toda a luz solar — esplêndida, fresca, fulgurante, nítida e clara.

Sinto uma necessidade súbita de sacudir o Chris para que ele acorde e veja tudo isto, mas por afeto, ou talvez até por respeito, deixo-o dormir mais um pouco enquanto, munido de um aparelho de barbear e sabão dirijo-me ao banheiro dos hóspedes, que fica no fim de um comprido corredor revestido da mesma madeira escura, as tábuas rangendo sob os meus pés. No lavatório, a água quente está soltando vapor e borbulhando dentro do encanamento; a princípio, ela vem quente demais para que eu possa usá-la, mas depois fica agradável, ao ser misturada com água fria.

Pela janela refletida no espelho vejo que há uma varanda lá atrás, para a qual me dirijo, ao terminar. Está no mesmo nível da copa das árvores em torno do hotel, que parecem estar reagindo ao ar matinal da mesma maneira que eu. Os ramos e as folhas se movem a cada leve brisa, como se a aguardassem, como se fosse algo que esperavam há muito tempo.

Logo Chris se levanta e Sylvia sai do quarto, dizendo que ela e John já tomaram café e que ele está dando uma volta lá fora. Depois acrescenta que descerá conosco para nos fazer companhia

no café.

Esta manhã estamos adorando tudo, conversando sobre coisas boas pela rua matinal e ensolarada, rumo ao restaurante. Os ovos, os bolinhos quentes e o café estão divinos. Sylvia e Chris conversam num tom íntimo sobre a escola, companheiros e coisas pessoais de Chris, e eu fico escutando, a contemplar pela ampla janela do restaurante a fachada da loja em frente. E tudo tão diferente daquela noite solitária em Dakota do Sul... Além dos edifícios ficam as montanhas e os campos nevados.

Sylvia comenta que John conversou com alguém sobre outro caminho para Bozeman, ao sul, atravessando o parque Yellowstone.

— Sul? Passando por Red Lodge?

— Acho que sim.

Lembro-me de repente dos campos nevados no verão.

— Aquela estrada sobe além do limite da vegetação.

— Qual é o problema?

— A gente vai sentir um frio danado. — Na minha imaginação surgimos nós, viajando nas motocicletas, através dos campos de neve. — Mas vai ser um tremendo barato!

Ao nos encontrarmos com John, combinamos tudo. Logo, depois de uma passagem inferior, encontramo-nos numa pista sinuosa de asfalto, correndo através dos campos, em direção às montanhas na frente. É uma estrada que Fedro sempre usava, e por isso as lembranças coincidem em todos os lugares. A alta e escura cordilheira de Absaroka assoma diante de nós.

Estamos seguindo um regato, rumo à nascente. A água que nele corre provavelmente era neve há menos de uma hora atrás. O córrego e a estrada passam por campos verdes e rochosos, cada um mais elevado que o anterior. Tudo está tão vivo sob este sol... Sombras escuras, luz cintilante. Um céu de azul intenso. O sol brilha quente ao bater sobre nós, mas ao passarmos sob as árvores que margeiam a estrada, sentimos frio, de repente.

Ficamos apostando corrida com um pequeno Porsche azul pelo caminho, nós buzinando ao passarmos por ele, e ele buzinando ao passar por nós, várias vezes, através dos campos com faias e pelo verde intenso da relva e dos arbustos da serra. Tudo me traz recordações.

Ele passava por aqui para ir às montanhas acampar longe da estrada por uns quatro ou cinco dias; depois voltava para renovar

as provisões e subia novamente. Sentia uma necessidade quase fisiológica de estar nestas campinas. O curso de suas abstrações tornara-se tão longo e envolvente que ele tinha que ficar em lugares como este, amplos e silenciosos, para se concentrar. Era como se horas de paciente elaboração corressem o perigo de ser abaladas pela menor distração gerada por outro pensamento ou outra obrigação. O pensamento dele já não era como o de outras pessoas, mesmo então, antes de ele ser declarado louco. Ele estava num nível em que tudo mudava e se transformava, no qual os valores e verdades institucionalizados haviam sido eliminados e já nada restava além do seu próprio espírito para impulsioná-lo. Seu fracasso precoce o havia redimido de qualquer obrigação de pensar de acordo com qualquer linha institucionalizada e seus pensamentos já haviam alcançado um grau de independência que poucas pessoas atingem. Ele sentia que instituições como a escola, a igreja, o governo e organizações políticas de toda espécie tendiam a dirigir o pensamento para fins, em vez de para a verdade, para a perpetuação de suas próprias funções e para o controle dos indivíduos subordinados a essas funções. Ele passou a encarar o fracasso como um rompimento feliz, uma fuga casual de uma armadilha preparada para ele, e dali em diante manteve-se prevenido contra as armadilhas das verdades institucionais. A princípio não encarava nem entendia as coisas dessa forma; só foi descobrir isso mais tarde. Agora, eu já estou me desviando do assunto. Isso aconteceu muito tempo depois.

No início, as verdades que Fedro buscava eram as laterais, não as verdades frontais da ciência, para as quais apontava a disciplina, mas o tipo de verdade que se vê lateralmente, com o rabo do olho. No laboratório, quando a experiência toda vai por água abaixo, tudo dá errado, ou fica indefinido, ou tão distorcido, em virtude dos resultados inesperados, que não se pode distinguir onde principiam e onde terminam as coisas, a gente começa a olhar lateralmente. Esta palavra ele usou mais tarde para descrever a ampliação de conhecimentos que não se dirige para a frente, como uma flecha comum, mas que se expande para os lados, como uma flecha que aumenta à medida que corta os ares, ou como o arqueiro que, depois de ter acertado na mosca e ganho o prêmio, descobre que sua cabeça está deitada no travesseiro e o sol está surgindo na janela. O saber lateral é o conhecimento que vem de uma direção que nem é tida como direção, até que o próprio conhecimento a indique. As verdades laterais apontam as falhas dos axiomas e

postulados subjacentes ao sistema individual criado para se atingir a verdade.

Para todos os efeitos, Fedro estava apenas divagando. Aliás, ele estava mesmo divagando. Divagar é o que a gente faz quando olha para uma verdade lateral. Ele não podia seguir nenhum método conhecido de procedimento para alcançar seu objetivo, porque, antes de mais nada, eram esses métodos e procedimentos que estavam completamente distorcidos. Então, ele passou a divagar. Era tudo o que podia fazer.

Tal divagação fez com que ele se alistasse no Exército, que o enviou para a Coréia. Existe uma lembrança em que uma muralha, vista da proa de um navio, brilhava esplêndida, como os portões do Paraíso, num porto coberto pelo nevoeiro. Fedro deve ter dado grande importância a essa lembrança e pensado nela muitas vezes, porque embora ela não combine com mais nada, é tão nítida que até eu já a evoquei muitas vezes. Parece simbolizar algo muito importante, um momento decisivo.

Suas cartas da Coréia são inteiramente diferentes das anteriores, indicando o mesmo momento decisivo. Elas literalmente vibram de emoção. Ele escreve páginas e páginas sobre os mínimos detalhes das coisas que vê: mercados, lojas com portas de vidro deslizantes, telhados de ardósia, estradas, cabanas de palha, tudo. As vezes cheio de entusiasmo, outras vezes deprimido, outras revoltado, e outras até irônico, ele é como uma pessoa ou criatura que encontrou a saída de uma jaula na qual nem percebera que estava encerrado, e que agora perambula avidamente pelos campos, a devorar tudo com os olhos.

Mais tarde, travou conhecimento com operários coreanos que falavam um pouco de inglês, mas que queriam saber mais, para poderem habilitar-se como tradutores. Fedro lhes dava aulas após o serviço e eles, em troca, levavam-no em longas caminhadas através dos montes nos fins de semana, para conhecer suas casas e amigos, e transmitiam-lhe o estilo de vida e o pensamento de uma cultura diferente.

Ele está sentado ao lado de uma trilha numa belíssima encosta varrida pelos ventos, que domina o mar Amarelo. O arroz, no campo abaixo da trilha, está bem crescido e acastanhado. Seus amigos contemplam o mar junto a ele, avistando ilhas muito distantes da costa. Almoçam ao ar livre, conversando entre si e com Fedro sobre os ideogramas e a relação entre eles e o mundo. Fedro comenta como é surpreendente o fato de que tudo que existe no

universo possa ser representado pelos 26 caracteres com os quais eles vêm trabalhando. Os amigos sacodem a cabeça afirmativamente, sorrindo, e comem os alimentos retirados das latas, dizendo alegremente que não.

Ele fica intrigado com o aceno afirmativo e a resposta negativa, e repete a afirmação. Novamente o gesto afirmativo e a resposta negativa. Aqui termina a lembrança, mas ele a recorda muitas vezes, assim como a da muralha.

A última lembrança nítida sobre aquela região é a do interior do compartimento de um navio de transporte de tropas. Ele está voltando para seu país. O compartimento está vazio e abandonado. Ele está sozinho, deitado numa cama feita de lona presa a uma moldura de aço, lembrando uma rede elástica. Há cinco dessas camas em cada coluna, coluna após coluna, ocupando todo o compartimento, agora vazio.

Este é o compartimento dianteiro do navio, e as lonas das outras redes levantam-se e caem, acompanhando as ânsias de vômito que castigam Fedro. Ele olha para tudo e ouve o estrondo das ondas contra as chapas de metal que o cercam, percebendo que, afora estes sinais, nada indica que todo o compartimento primeiro sobe e depois despenca, onda após onda. Ele fica a imaginar se não seria isso o que está dificultando a sua concentração na leitura, mas logo nota que não é: é que o livro é muito difícil. É um texto sobre filosofia oriental, o livro mais difícil que ele já leu na vida. Sente-se feliz por estar só e entediado nesse compartimento de tropas, pois de outro modo ele jamais conseguiria se dedicar àquela leitura.

O livro afirma que há na existência humana um componente teórico essencialmente ocidental (que corresponderia ao passado de laboratório de Fedro) e um componente estético, que se percebe de maneira mais forte no Oriente (que se relacionava ao passado coreano de Fedro), e esses componentes pareciam jamais se encontrar. Os termos “teórico” e “estético” correspondem ao que Fedro mais tarde chamou de modalidades clássica e romântica da realidade, e provavelmente influenciaram a criação destes termos muito mais do que Fedro poderia imaginar. A diferença é que a realidade clássica é essencialmente teórica, embora tenha uma estética própria, e a realidade romântica é essencialmente estética, embora tenha uma teoria própria. A divisão em teórico e estético ocorre dentro de cada modalidade. A divisão em clássico e romântico ocorre entre mundos separados. O livro de filosofia, chamado O encontro do Ocidente com o Oriente, de autoria de F.S.C. Northrop, defende a

idéia de que o "contínuo estético indiferenciado", do qual se origina o teórico, é mais conhecido.

Fedro não entendeu bem, mas depois de chegar a Seattle e dar baixa no Exército, ficou sentado por duas semanas no quarto do hotel, comendo maçãs, pensando, comendo mais maçãs, pensando mais um pouco, e depois de tanto pensar e meditar, voltou à universidade para estudar filosofia. Seu desvio terminara. Agora ele estava realmente buscando alguma coisa.

Chega uma súbita rajada lateral de vento frio, pesada de tanto perfume de pinheiro, e depois chegam mais rajadas, à medida que nos aproximamos de Red Lodge, fazendo-me tremer de frio.

Em Red Lodge, a estrada já está quase no sopé das montanhas. A ameaçadora massa escura mais adiante domina até mesmo os telhados dos edifícios dos dois lados da rua principal. Estacionando as motos, retiramos da bagagem as roupas de inverno. Passamos por algumas lojas de material para esqui, a caminho do restaurante, onde pendem nas paredes posters da estrada que nos conduzirá ao alto. E subiremos cada vez mais.alto, numa das mais elevadas rodovias do mundo. Estou um pouco nervoso com isso, mas percebo que não faz sentido ficar assim, e tento aliviar-me, conversando com os outros sobre a estrada. Não há risco de despencar de lá, nem perigo para a motocicleta. Só que me lembro de alguns lugares de onde se pode atirar uma pedra que cairá milhares de metros até atingir o solo, e associo a imagem da pedra com a de um motociclista na sua máquina.

Depois do café, vestimos os agasalhos, arrumamos a bagagem e logo chegamos à primeira das muitas curvas em cotovelo existentes na encosta da montanha.

O asfalto da estrada é muito mais largo e seguro do que o de que me recordo. De motocicleta, a gente sempre arranja espaço para se colocar. John e Sylvia entram nas curvas fechadas lá adiante e depois voltam, mais acima, de frente para nós, a sorrir. Logo fazemos a curva e os vemos novamente pelas costas. Depois eles entram em outro cotovelo e os vemos de novo lá em cima, dando risadas. E tão difícil na imaginação da gente, e tão fácil na prática...

Já falei sobre a divagação de Fedro, que terminou com a matrícula no departamento de filosofia. Ele considerava a filosofia o mais alto escalão de toda a hierarquia do conhecimento. Os filóso-

fos crêem tanto nisso que entre eles a idéia já é quase um lugar-comum. Mas para Fedro foi uma revelação. Ele descobriu que a ciência, que ele antes considerava ser a totalidade do mundo do saber, é apenas um ramo da filosofia, que é muito maior e muito mais geral. As perguntas que ele havia feito sobre as hipóteses infinitas não interessavam à ciência porque elas não eram científicas. A ciência não pode estudar o método científico sem cair num círculo vicioso que destruiria a validade de suas respostas. As perguntas feitas por Fedro situavam-se num nível mais alto que o da ciência. E assim, Fedro encontrou na filosofia uma continuação natural da pergunta que o havia aproximado da ciência: "O que significa isso? Qual é o objetivo disso tudo?"

Paramos no acostamento para tirar umas fotografias, só para documentar a viagem, provando que estivemos aqui, e depois seguimos uma pequena trilha que nos conduz à borda de um penhasco. De lá, mal podemos ver uma motocicleta que passa na estrada quase que diretamente abaixo de nós. Agasalhamo-nos mais para combater melhor o frio, e continuamos a subir.

Já não há mais árvores de folhas grandes. Só restam pinheiros miúdos, muitos deles de formas retorcidas e atarracadas.

Depois, até esses pinheiros atarracados desaparecem inteiramente, e surgem as pradarias alpinas. Não há mais nenhuma árvore, apenas um compacto relvado, coberto de pequenas e intensas manchas róseas, azuis e brancas — flores silvestres, espalhadas por toda parte! Somente elas, a relva, os musgos e os liquens podem sobreviver aqui. Chegamos às terras altas, acima do limite das florestas.

Olho para trás, para ver o desfiladeiro pela última vez. E como olhar para o fundo do oceano. As pessoas passam a vida inteira lá embaixo, sem fazer a mínima idéia do que aqui existe.

A estrada faz uma curva, afastando-nos do desfiladeiro, e conduzindo-nos aos campos nevados.

O motor solta violentas descargas por falta de oxigênio e fica ameaçando parar, mas não pára. Logo nos encontramos em meio a montes de neve velha, com a aparência que a neve tem no início da primavera, depois de um degelo. Por toda parte vêem-se pequenos córregos que descem até poças de lama cheias de musgo, e depois, mais abaixo, até a relva de uma semana, alcançando as florezinhas silvestres, aquelas cor-de-rosa, azuis, amarelas e brancas, que parecem espocar das trevas, cintilando ao sol. Todos os lugares estão

cobertos delas! Pequenos alfinetes feitos de luz colorida atiram-se na minha direção, vindos de um fundo verde-escuro e preto. Céu escuro agora, e tempo frio. Exceto onde bate o sol. Meus braços, minhas pernas e meu blusão estão quentes do lado do sol, mas do outro lado, que está mergulhado nas sombras, sinto muito frio.

Os campos de neve ficam pesados, com montes íngremes despontando onde passaram os removedores de neve. Os montes atingem, a princípio, um metro e meio, depois um metro e oitenta, depois três metros e meio. Passamos agora entre paredes uniformes e iguais entre si, quase um túnel de neve. Ao fim do túnel reencontramos o céu escuro e, ao sairmos, percebemos que atingimos o cume das montanhas.

Mais além fica uma região diferente. Abaixo vêem-se lagos de montanha, pinhais e campos de neve. Acima, além de tudo isto, cadeias montanhosas por todo o horizonte, cobertas de neve. São as serras.

Estacionamos a moto num mirante onde alguns turistas estão tirando fotos e admiramos a vista, olhando de vez em quando uns para os outros. John retira a máquina fotográfica do alforje da BMW. Eu apanho o estojo de ferramentas da minha bagagem e, abrindo-o sobre o assento, empunho a chave de fenda; ligo o motor e ajusto os carburadores com a chave até o som da marcha lenta mudar de ruim, que era como estava, para razoavelmente bom. Estou impressionado porque a moto explodiu, tossiu, engasgou e marrou subida acima, dando todos os sinais de que ia parar, mas sem parar nunca. Não ajustei completamente os carburadores só por curiosidade, para ver como eles vão reagir a essa altitude de três mil e tantos metros. Estou deixando que eles trabalhem com mistura rica e produzam esse barulho feio, porque vamos descer um pouco, rumo ao parque Yellowstone. E se os carburadores não estiverem com uma mistura relativamente rica, ficarão muito pobres mais tarde, o que é perigoso, pois isso causa superaquecimento.

As explosões continuam ainda violentas na descida do pico, com o motor em segunda. Mas o barulho diminui à medida que alcançamos altitudes mais baixas. As florestas voltam. Passamos agora entre rochas e lagos, e árvores, entrando em curvas lindas.

Quero falar sobre outro tipo de altitudes, agora no mundo do pensamento que, de certo modo, pelo menos para mim, parecem assemelhar-se a estas e produzem sentimentos parecidos aos de

agora. São os cumes do pensamento.

Se todo o conhecimento humano, tudo que se conhece, é considerado uma imensa estrutura hierárquica, então os cumes do pensamento encontram-se na extremidade mais alta dessa estrutura, nas considerações mais gerais e mais abstratas de todas.

Poucos são os que viajam por aqui. Não há vantagens concretas em tal jornada, porém, como nos cumes do mundo material, em que agora estamos, existe o gozo da austera beleza das montanhas, que para alguns compensa os percalços da escalada.

Nos cumes do pensamento é preciso adaptar-se ao ar rarefeito da incerteza, à incrível magnitude das perguntas que surgem, e às respostas sugeridas para tais perguntas. O arco se alarga mais, e mais, e mais ainda, para muito além do que a mente é capaz de alcançar, e a gente tem até medo de se aproximar, com medo de se perder por ali, sem nunca mais poder voltar.

O que é a verdade, e como podemos saber quando a possuímos?... Como é exatamente que conhecemos as coisas? Existirá um "eu", uma "alma" que conhece, ou será essa alma apenas um conjunto de células que coordena os sentidos?... Estaria a realidade sofrendo constantes mudanças fundamentais, ou seria ela fixa e permanente?... Quando se fala que algo significa outra coisa, o que significa isso?

Muitas trilhas já abertas nestas altas montanhas permaneceram esquecidas desde o início dos tempos, e embora as respostas trazidas por tais sendas tenham bases para se firmarem e se universalizarem, as diversas civilizações escolheram sendas diferentes, e assim possuímos várias respostas para as mesmas perguntas, todas podendo ser consideradas verdadeiras em seu próprio contexto. Mesmo dentro de uma mesma civilização freqüentemente se fecham velhos caminhos e se abrem caminhos novos.

As vezes se afirma que, na verdade, não há progresso; que uma civilização que trucida milhões de pessoas na guerra, que polui a terra e os oceanos com quantidades cada vez maiores de dejetos, que destrói a dignidade dos indivíduos, submetendo-os à força a uma vida mecanizada, dificilmente poderia ser considerada um progresso em relação à existência mais simples do homem primitivo, que vivia da caça, da coleta e da agricultura. Mas este argumento, embora seja atraente do ponto de vista romântico, não convence. As tribos primitivas davam às pessoas muito menos liberdades individuais do que a sociedade moderna. As guerras da Antigüidade eram travadas com justificativas morais bem mais fra-

cas do que as das guerras modernas. Uma tecnologia que produz dejetos pode encontrar, como está encontrando, maneiras de se desfazer deles sem prejudicar o meio ambiente. E as descrições didáticas do homem primitivo omitem, às vezes, algumas das desvantagens de sua vida: a dor, a doença, a fome, o trabalho árduo necessário à simples sobrevivência. A trajetória a partir daquela existência rústica e angustiante até a vida moderna pode ser descrita em poucas palavras como progresso, e o único agente desse progresso é, obviamente, a própria razão.

Pode-se notar que tanto os processos formais quanto os informais de elaboração de hipótese, experiência, conclusão, repetidos século após século, com novos dados, construíram as hierarquias de pensamento que eliminaram a maior parte dos inimigos do homem primitivo. Até certo ponto, a condenação da racionalidade por parte dos românticos deriva dessa mesma eficácia da racionalidade em tirar os homens de sua condição primitiva. A racionalidade é um agente tão poderoso e açambarcador para o homem civilizado, que quase eliminou todas as outras opções e passou a dominar o próprio homem. E esta a origem das queixas.

Fedro errava por estes cumes, de início sem destino, seguindo todas as veredas, todas as trilhas já seguidas, percebendo, de vez em quando, que parecia estar fazendo algum progresso, mas sem enxergar nada à sua frente que lhe indicasse o caminho a tomar.

Através das montanhosas controvérsias sobre a realidade e o saber, haviam passado grandes figuras da civilização, algumas das quais, como Sócrates, Aristóteles, Newton, Einstein, eram quase universalmente conhecidas. A maioria dessas figuras, entretanto, era quase desconhecida. Ele ficou fascinado pelo pensamento desses homens e pela sua maneira de raciocinar em geral. Seguia suas trilhas cuidadosamente, até que lhe parecessem estar esfriando, e então as abandonava. Nessa época, seu desempenho acadêmico era apenas regular, mas não porque ele estivesse deixando de trabalhar ou de pensar. Estava raciocinando intensamente, e quanto mais intensamente se penetra nos cumes da mente, menor é a velocidade com que se avança. Fedro fazia uma leitura científica, não apenas literária, dos textos que o interessavam, avaliando o significado de cada frase, anotando dúvidas e perguntas que deveriam ser resolvidas mais tarde; tenho uma mala cheia desses cadernos de anotações.

O mais surpreendente é que quase tudo que ele disse anos mais tarde está contido nesses cadernos. É frustrante perceber

como ele na época não tinha a menor consciência da importância do que estava dizendo. É como ver uma pessoa manusear, uma por uma, todas as peças de um quebra-cabeças cuja solução a gente conhece, e sentir vontade de dizer: "Olha, essa peça se encaixa nessa, e essa outra se encaixa aqui", e não poder fazê-lo. E assim ele vagueia cegamente, trilha após trilha, juntando peça após peça e imaginando o que fazer com elas, e a gente cerrando os dentes quando ele toma o caminho errado, aliviando-se quando ele volta, mesmo que desanimado. "Não se preocupe", é o que sentimos vontade de lhe dizer. "Vá em frente!"

Mas ele é um estudante tão abominável, que só deve passar de ano graças à boa vontade de seus professores. Tem preconceitos contra todos os filósofos que estuda. Está sempre se intrometendo e impondo seus próprios pontos de vista sobre o tema de estudo. Nunca fica em posição neutra. E sempre parcial. Quer que os filósofos sigam um determinado caminho e fica possesso quando eles não seguem.

Vem-me agora à lembrança um fragmento de memória em que ele, sentado numa sala, às três ou quatro da manhã, está lendo o conhecido livro Crítica da razão pura de Immanuel Kant; está estudando o texto como faz um jogador de xadrez com as aberturas dos mestres de torneio, tentando testar a linha de desenvolvimento com base na sua própria perícia e opinião, e procurando contradições e incongruências.

Fedro é uma pessoa estranha, se comparada aos seus contemporâneos do Meio-Oeste; mas, estudando Kant, ele nos parece menos estranho. Ele sente por esse filósofo alemão do século XVIII um respeito que provém não da afinidade de pensamento, mas da admiração pelo formidável embasamento lógico com que Kant sustenta sua posição. Kant sempre é notavelmente metódico, persistente, regular e meticuloso na escalada daquela alta montanha nevada do pensamento, no que diz respeito ao que existe na mente e o que existe fora dela. O cume por ele alcançado é, dentre os dos modernos montanhistas, um dos mais altos; e agora quero ampliar esta descrição de Kant, mostrando um pouco de seu pensamento e da opinião de Fedro sobre ele, para dar uma idéia mais clara de como são os cumes do pensamento, e também preparar o caminho para a compreensão das idéias de Fedro.

A solução de todo aquele problema da compreensão romântica e clássica ocorreu a Fedro pela primeira vez nesses elevados recessos do pensamento, e, a menos que se entenda a relação entre

eles e o restante da existência, o significado e a importância dos níveis inferiores daquilo que ele disse serão desvalorizados ou mal compreendidos.

Para acompanhar o raciocínio de Kant é preciso familiarizar-se com as idéias do filósofo escocês David Hume. Hume havia sugerido que se as regras de dedução e indução lógicas a partir da experiência fossem seguidas rigorosamente, com o propósito de estabelecer a verdadeira natureza do mundo, poderíamos chegar a determinadas conclusões. Seu raciocínio se desenvolvia de modo a responder à seguinte pergunta: imaginemos uma criança que nasça destituída de todos os sentidos: sem visão, sem audição, sem tato, sem olfato, sem paladar — sem nada. Ela não tem meio algum de estabelecer contato com o mundo exterior. Suponhamos que essa criança seja alimentada por via intravenosa e assistida de todos os modos, de forma que sobreviva até os 18 anos de idade. Aí então vem a pergunta: teria essa pessoa de 18 anos pensamentos próprios? Se assim for, de onde viriam eles? De que maneira os teria adquirido?

Hume responderia que o rapaz não tem pensamento nenhum, e ao dar tal resposta ter-se-ia definido como um empirista, alguém que pensa que todo conhecimento deriva exclusivamente da experiência sensível. O método experimental científico não passa de empirismo meticulosamente controlado. O senso comum moderno é também um tipo de empirismo, uma vez que a esmagadora maioria das pessoas concordaria com Hume, embora em outras culturas e outras épocas a maioria pudesse ter discordado.

O primeiro problema do empirismo, se o levarmos a sério, consiste na natureza da "substância". Se todo nosso conhecimento provém de dados sensoriais, o que é exatamente essa substância que supostamente fornece os dados sensoriais? Se tentarmos imaginar o que é essa substância, à parte do que se percebe, descobriremos que não estamos pensando em absolutamente nada.

Se todo o saber provém das impressões sensoriais, e se não existe impressão sensorial da substância propriamente dita, conseqüentemente não há conhecimento da substância. Ela é apenas algo que imaginamos. Está só nas nossas mentes. A idéia de que existe algo lá fora emitindo propriedades que apreendemos é apenas outra das opiniões do senso comum, semelhante à impressão que as crianças têm de que a terra é chata, e de que as paralelas jamais vão se encontrar.

Em segundo lugar, se partirmos da premissa de que todo o

nosso conhecimento é adquirido através dos sentidos, precisaremos perguntar de quais dados sensoriais provém nosso conhecimento da causação. Em outras palavras, qual é a base científica empírica da causação em si?

A resposta de Hume é: "Nenhuma." Não há provas que indiquem a existência da causação do ponto de vista sensorial. Como a substância, ela é apenas algo que imaginamos quando uma coisa se sucede a outra com freqüência. Não existe concretamente no mundo da experiência. Se aceitarmos a premissa de que adquirimos todo o conhecimento através dos sentidos, segundo Hume, concluiremos, logicamente, que tanto a "natureza" quanto as "leis da natureza" são frutos da nossa imaginação.

Esta idéia de que o mundo inteiro está contido na nossa mente poderia ser rejeitada como absurda, se Hume a houvesse lançado por pura especulação. Mas ele construiu a idéia com tal rigor que praticamente fechou a questão.

Era necessário refutar a posição de Hume, mas infelizmente ele havia chegado àquelas conclusões de um modo tal que parecia impossível refutá-las sem abandonar a razão empírica propriamente dita, e enveredar por algum tipo de raciocínio pré-empírico medieval. Kant não fez isso. Assim, segundo o próprio Kant, foi Hume que o "despertou da letargia dogmática" e o motivou a escrever aquele que é hoje considerado um dos maiores tratados filosóficos já produzidos, a Crítica da razão pura, que muitas vezes já serviu de tema para cursos monográficos.

Kant tenta preservar o empirismo científico, salvando-o das conseqüências de sua própria lógica autodevoradora. Ele começa seguindo o caminho aberto por Hume. "Não há dúvida de que todo saber começa com a experiência", diz Kant, desviando-se, porém, do caminho ao negar que todos os componentes do saber derivam dos sentidos no momento em que se recebem os dados sensoriais. "Mas embora todo conhecimento comece com a experiência, não se pode deduzir que ele provenha da experiência."

A princípio, parece que ele está catando minúcias, mas não é nada disso. Em conseqüência desta diferença, Kant contorna o abismo do solipsismo a que conduz o caminho de Hume e prossegue trilhando uma vereda própria, inteiramente nova e desconhecida.

Kant diz que existem certos aspectos da realidade que não são diretamente fornecidos pelos dados sensoriais. Ele os chama de a priori.

Como exemplo de conhecimento apriorístico, pode-se citar o "tempo". Não se pode ver o tempo. Também não se pode ouvi-lo, cheirá-lo, prová-lo, nem tocá-lo. Ele não está presente nos dados sensoriais quando estes são percebidos. O tempo é o que Kant chama de uma "intuição", que a mente precisa fornecer ao receber os dados dos sentidos.

O mesmo acontece com o espaço. A menos que apliquemos os conceitos de espaço e tempo às impressões recebidas, não conseguiremos compreender o mundo, que será como uma massa caleidoscópica de cores, formas, ruídos, cheiros, dores, gostos, sem qualquer significado. Percebemos os objetos de uma determinada maneira porque aplicamos a eles intuições apriorísticas de espaço e tempo, mas não porque os criamos com a nossa imaginação, como defenderiam os filósofos idealistas puros. As formas do espaço e do tempo são aplicadas aos dados assim que eles são recebidos do objeto que os emite. Os conceitos apriorísticos nascem da natureza humana, de modo que nem são causados pelo objeto percebido, nem o criam, mas fornecem uma espécie de filtro por onde passam os dados sensoriais que recebemos. Ao piscarmos os olhos, nossos dados sensoriais nos informam que o mundo desapareceu. Mas essa informação é filtrada e não atinge nosso consciente, porque possuímos em nossas mentes um a priori que diz que o mundo tem continuidade. O que entendemos como realidade é uma síntese contínua de elementos provenientes de uma hierarquia fixa de conceitos apriorísticos e dos dados sensoriais sempre em mutação.

Paremos por aqui, e apliquemos alguns dos conceitos kantianos a esta estranha máquina, esta invenção que nos está conduzindo através do espaço e do tempo. Vejamos como é nossa relação atual com ela, à luz das idéias de Kant.

Hume dissera, com efeito, que tudo que eu sei sobre esta motocicleta adquiri através dos sentidos. Isso é óbvio. Não há outro jeito. Se eu disser que ela é feita de metal e de outras substâncias, ele vai perguntar o que é metal. Se eu responder que é uma substância dura, brilhante e fria, que deforma sem se romper ao ser golpeada com um objeto feito de substância mais dura, Hume dirá que tudo isso são imagens, sons e sensações táteis. Não há substância. E quererá saber como é o metal sem essas propriedades. Aí, claro, vou ficar num beco sem saída.

Mas, se não existe substância, o que dizer dos dados sensoriais que recebemos? Se eu virar a cabeça para a esquerda e olhar para os punhos do guidom, a roda dianteira, a armação do mapa e

o tanque de gasolina, obterei uma determinada disposição de dados sensoriais. Se eu virar um pouquinho a cabeça para a direita, a disposição dos dados vai ficar ligeiramente diferente. As duas visões diferem. Os ângulos das superfícies planas e curvas do metal também diferem. A luz solar incide sobre elas de maneira diferente. Se não há base lógica para o conceito de substância, então não há base lógica para concluir que foi a mesma motocicleta que produziu essas duas disposições de dados.

Chegamos, pois, a um verdadeiro impasse intelectual. Nossa razão, que devia tornar as coisas mais inteligíveis, parece estar tornando-as menos inteligíveis; e quando a razão deixa de cumprir com o seu dever dessa maneira, é necessário mudar alguma coisa na estrutura da nossa própria razão.

Kant vem em nosso auxílio, dizendo que o fato de não haver maneira de se perceber diretamente uma "motocicleta", independentemente das cores e formas que uma motocicleta produz, não prova que não existe aqui motocicleta. Existe na nossa imaginação uma motocicleta apriorística, cronológica e espacialmente contínua, capaz de mudar de aparência quando a observamos de ângulos diferentes, e que não é refutada pelos dados sensoriais que recebemos.

A motocicleta de Hume, aquela que não faz sentido, surgirá se nosso paciente hipotético, aquele desprovido de sentidos, receber, por um segundo que seja, os dados sensoriais de uma motocicleta, sendo, depois, destituído novamente dos sentidos. Creio que nesse caso ele teria na mente a motocicleta de Hume, o que não lhe forneceria qualquer prova da existência de conceitos tais como o de causação.

No entanto, como diz Kant, não somos assim. Temos em nossas cabeças uma verdadeira motocicleta apriorística, de cuja existência não podemos duvidar e cuja realidade pode ser provada a qualquer momento.

Essa motocicleta apriorística vem sendo construída nas nossas mentes há muitos anos, a partir de incríveis quantidades de dados sensoriais, e está em constante transformação à medida que entram novos dados. Algumas mudanças nessa minha motocicleta apriorística são muito rápidas e transitórias, como sua posição em relação à estrada, que estou controlando e corrigindo todo o tempo enquanto entramos nas curvas. Se a informação não contiver valor significativo, eu a descarto, porque há outros dados que devem ser acompanhados. Outras mudanças neste a priori são mais vagaro-

sas: por exemplo, o esvaziamento do tanque de gasolina, o desgaste dos pneus, o afrouxamento das porcas e parafusos, a alteração do intervalo entre a sapata e o tambor do freio. Outros aspectos da motocicleta mudam tão devagar que parecem ser permanentes — a pintura, a armação das rodas, os cabos de controle — e, no entanto, estão sofrendo constantes transformações. Finalmente, se levarmos em conta períodos de tempo bastante longos, até o quadro está mudando ligeiramente, devido aos impactos sofridos na estrada, às oscilações de temperatura, e às forças de fadiga interna próprias dos metais.

Essa motocicleta apriorística é uma máquina e tanto. Se a gente ficar sem pensar nela uma porção de tempo, vai acabar percebendo que, na verdade, ela é que é importante. Os dados sensoriais confirmam sua existência, mas não são a motocicleta em si. A motocicleta que acredito, de maneira apriorística, existir de forma objetiva é como o dinheiro que deposito no banco. Se for ao banco e pedir para ver o meu dinheiro, eles vão me olhar de um jeito esquisito. Eles não guardam o "meu dinheiro" em nenhuma gavetinha que possam abrir, para que eu o veja. "Meu dinheiro" é apenas uma gravação em fita magnética, guardada na memória de um computador. Eu me satisfaço com isso porque creio que se precisar de alguma coisa que o dinheiro possa me proporcionar, o banco proverá os meios de obtê-la através do sistema de cheques. Do mesmo modo, mesmo que eu nunca tenha percebido com meus sentidos algo que possa ser chamado "substância", estou satisfeito com a capacidade que os dados sensoriais têm de atingir os objetivos supostamente atribuídos à substância, e por saber que haverá uma continuidade da coincidência entre os dados sensoriais e a motocicleta apriorística na minha mente. Para efeito de conveniência, digo que tenho dinheiro no banco, e por conveniência digo que a minha moto é constituída por substâncias. A maior parte do livro de Kant trata da forma de aquisição desse conhecimento apriorístico e da sua aplicação.

Kant chamou sua tese de que nossos pensamentos apriorísticos são independentes dos dados sensoriais e filtram aquilo que vemos de uma "revolução copernicana". Referia-se, naturalmente, à declaração de que a terra gira em torno do sol, feita por Nicolau Copérnico. Em conseqüência dessa revolução nada mudou, e, ao mesmo tempo, mudou tudo. Ou melhor, em termos kantianos, o mundo objetivo que produz nossos dados sensoriais não mudou, mas o conceito apriorístico que tínhamos dele mudou radicalmen-

te. O efeito foi assombroso. Foi a aceitação da revolução copernicana que distinguiu o homem moderno de seus antecessores medievais.

Copérnico simplesmente contrapôs ao conceito apriorístico vigente de que a terra era chata e fixa no espaço, um outro conceito apriorístico do mundo, o de que ele é esférico e gira em torno do sol, mostrando depois que ambos os conceitos apriorísticos coincidiam com os dados sensoriais existentes.

Kant notou que tinha feito o mesmo com a metafísica. Se presumirmos que os conceitos apriorísticos internos são independentes do que vemos, e que, na verdade, filtram aquilo que percebemos, estaremos dando uma reviravolta no velho conceito aristotélico de que o cientista é um observador passivo, uma tabula rasa. Kant e seus milhões de discípulos sustentaram que, em virtude de tal inversão, foi obtida uma compreensão mais satisfatória do processo de conhecimento.

Falei sobre este exemplo mais detalhadamente, em parte para dar uma amostra de como são as montanhas de que já tratei, mas principalmente a título de introdução às realizações posteriores de Fedro. Ele também realizou uma inversão copernicana e, em virtude dela, produziu uma solução para a separação entre os mundos do entendimento clássico e romântico. E, ao que me parece, em conseqüência desta nova revolução, será possível obter um entendimento muito maior sobre a natureza do nosso mundo.

No início a metafísica de Kant entusiasmou Fedro, mas depois ele acabou se cansando dela, sem saber bem por quê. Pensou bastante e calculou que talvez fosse por causa da experiência no Oriente. Ele se sentira como que liberto de uma prisão intelectual, e o raciocínio de Kant fazia parte daquela prisão. Ao ler a estética de Kant ficou desapontado, chegando até a irritar-se. Aquelas idéias sobre o "belo" lhe pareciam feias, de uma fealdade tão profunda e penetrante que ele não sabia como começar a criticá-las, e nem como contorná-las. Pareciam estar tão entranhadas no tecido do mundo kantiano que não se podia fugir delas. Não era a feiúra do século dezoito, nem a feiúra da técnica. Todos os filósofos que ele lia sofriam dela. Até a universidade que ele freqüentava recendia a essa feiúra. Ela estava entranhada em tudo, nas salas de aula, nos livros. Até nele mesmo, e ele não sabia nem como nem por quê. A feiúra estava na razão em si e parecia não haver escapatória.

Capítulo 12

Em Cooke City, John e Sylvia parecem estar mais felizes do que eu me lembro de tê-los visto há anos. Abocanhamos alegremente nossos sanduíches de churrasco. Estou feliz por ouvir e ver todas aquelas manifestações de euforia, mas não comento muito, fico só comendo.

Pela janela panorâmica vêem-se enormes pinheiros do outro lado da estrada. Muitos carros passam abaixo deles a caminho do parque. Agora já nos afastamos bastante dos bosques. Aqui está mais quente, mas encoberto às vezes por uma pesada nuvem, pronta para se desmanchar em chuva.

Creio que se eu fosse romancista em vez de conferencista de chautauqua, tentaria "desenvolver as personagens" de John e Sylvia e Chris, com cenas movimentados que também mostrariam significados ocultos do Zen, e talvez da Arte, ou até mesmo da Manutenção das Motocicletas. Seria um romance e tanto, mas por alguma razão eu não me sinto disposto a escrevê-lo. Eles são meus amigos, não personagens, e a própria Sylvia já disse certa vez: "Eu não gosto de ser tratada como uma coisa!" Portanto, não vou entrar em detalhes sobre muitos fatos que sabemos uns dos outros. Não porque existam fatos negativos, mas porque não há nisso nenhum interesse para a chautauqua. É assim que a gente deve agir em relação aos amigos.

Ao mesmo tempo, creio que a partir da chautauqua se pode entender por que, para eles, eu devo parecer sempre distante e reservado. De vez em quando eles perguntam coisas para ver se me arrancam uma declaração sobre em que raio de pensamentos eu fico imerso. Mas se eu fosse revelar o que realmente me passa pela cabeça — por exemplo, a premissa apriorística sobre a continuidade de uma motocicleta de um segundo para o outro —, e isso não

resultasse em qualquer benefício para a construção da chautauqua, eles só ficariam estupefatos e começariam a imaginar o que há de errado. Eu realmente estou interessado nessa continuidade e no modo como falamos e pensamos sobre ela, e por isso tendo a me ausentar do clima normal do almoço, o que gera a impressão de isolamento. É um verdadeiro problema.

É um problema do nosso tempo. O espectro do conhecimento humano é hoje em dia tão grande que somos todos especialistas, e a distância entre as especializações aumentou tanto que qualquer pessoa que pretenda movimentar-se livremente entre elas precisa quase que isolar-se das outras. A situação do almoço, do "aqui e agora", também é uma especialização.

Chris parece compreender meu isolamento melhor do que eles, talvez porque já esteja mais acostumado, e, por força do nosso relacionamento é ele o mais afetado. No rosto dele noto às vezes um ar de preocupação ou, no mínimo, de ansiedade; ponho-me a imaginar qual seria a razão, e então descubro que estou zangado. Se eu não tivesse notado a expressão dele, pode ser que nem percebesse. Outras vezes, ele começa a correr e a pular por todo canto, e eu fico imaginando por que seria, e aí descubro que estou de bom humor. Agora vejo que ele está um pouco nervoso, respondendo a uma pergunta que John havia evidentemente dirigido a mim. E sobre as pessoas que visitaremos amanhã, os De Weeses.

Sem saber qual tinha sido a pergunta, acrescento: — Ele é pintor. Ensina artes na faculdade, é um impressionista abstrato.

Eles perguntam como o conheci, e sou obrigado a responder que não me lembro, o que é um pouco evasivo. Não me lembro de nada acerca de DeWeese, exceto detalhes contidos em pequenas lembranças. Ele e a esposa eram, obviamente, amigos dos amigos de Fedro, e foi assim que ele os conheceu.

John e Sylvia ficam imaginando o que um redator de engenharia como eu teria em comum com um pintor abstrato. Acabo repetindo que não sei. Procuro nos arquivos da memória algo que me dê a resposta, mas nada me ocorre.

Suas personalidades certamente eram diferentes. Enquanto as fotos do rosto de Fedro naquela época mostravam alheamento e agressão — um membro do departamento dele, meio de brincadeira, havia classificado aquela expressão como "subversiva" —, algumas fotos de DeWeese, da mesma época, mostram um rosto bastante passivo, quase sereno, exceto pela ligeira expressão de dúvida.

Na minha memória há um filme sobre um espião da Primei-

ra Guerra Mundial, que estudou o comportamento de um oficial alemão capturado (idêntico a ele), por meio de um espelho de face transparente. Estudou-o durante meses, até saber imitar cada gesto e variação da fala. Depois assumiu a personalidade do oficial fugido para infiltrar-se no comando do exército alemão. Lembro-me da tensão e da emoção da cena em que ele enfrenta o primeiro teste, com os amigos íntimos do oficial, para ver se eles descobririam a trama. Agora estou me sentindo assim em relação a DeWeese, que naturalmente pensará que eu sou a mesma pessoa que ele conhece.

Lá fora, uma leve neblina umedeceu as motocicletas. Retiro o visor do alforje, adaptando-o ao capacete. Logo entraremos no parque Yellowstone.

A estrada à nossa frente está encoberta pela neblina. Parece que uma nuvem penetrou no vale, que na verdade não é um vale, parece um desfiladeiro.

Eu não sei o quanto DeWeese o conhecia, e que lembranças espera que eu guarde. Já passei por essa situação com outras pessoas e geralmente consegui disfarçar nos momentos críticos. A cada vez adquiri novos conhecimentos sobre Fedro, que ajudaram muito nas representações subseqüentes e que, através dos anos, forneceram a quantidade de dados que venho revelando.

Pelas lembranças que guardo, Fedro admirava DeWeese porque não conseguia compreendê-lo. Para Fedro, que quando não entendia uma coisa desenvolvia um incrível interesse por ela, as posições de DeWeese eram fascinantes. Pareciam todas trocadas. Quando Fedro abordava assuntos muito sérios, DeWeese punha-se a rir, como se tivesse ouvido a piada mais interessante da sua vida. Outras vezes, Fedro dizia alguma coisa que pensava ser muito engraçada e DeWeese olhava-o de um jeito intrigado, ou o levava a sério.

Por exemplo, lembro-me de uma certa mesa de jantar, cuja folha de madeira estava se soltando nas bordas, e que fora consertada por Fedro. Para segurar a folha no lugar enquanto a cola secava, ele enrolou um novelo inteiro de barbante em torno da mesa, dando várias voltas.

Ao ver aquilo, DeWeese perguntou do que se tratava.

— É a minha mais recente escultura — brincou Fedro. — Causa impacto, não?

Em vez de rir, DeWeese olhou para ele espantado, examinou demoradamente a “escultura” e depois perguntou:

— Onde você aprendeu tudo isso?

Por um instante, Fedro achou que ele tinha topado a brincadeira, mas ele estava falando sério.

De outra feita, Fedro estava preocupado com o mau desempenho de alguns alunos. Caminhando para casa ao lado de DeWeese, à sombra das árvores, ele tocou no assunto, e DeWeese perguntou por que ele levava a coisa em termos tão pessoais.

— Eu também fico pensando nisso — respondeu Fedro, acrescentando num tom intrigado: — Acho que deve ser porque todo professor tende a dar notas melhores aos alunos que mais se parecem com ele... Se a nossa caligrafia é toda certinha, tendemos a considerar isso mais importante no aluno do que se não for. Se a gente usa palavras rebuscadas, vai gostar dos alunos que também falam assim.

— Claro. Qual é o problema? — perguntou DeWeese.

— Bom, é que acontece uma coisa meio ridícula — disse Fedro. — Os alunos que eu mais aprecio, aqueles com os quais realmente me identifico, estão todos se dando mal!

Ao ouvir isso, DeWeese começou a rir sem conseguir parar, e Fedro sentiu-se meio ofendido. Havia encarado o assunto como um fenômeno científico que poderia oferecer pistas para uma nova compreensão das coisas, e DeWeese achara graça.

A princípio, pensou que DeWeese estivesse apenas rindo do insulto não intencional que ele tinha feito a si mesmo. Mas não devia ser isso, porque DeWeese não era um gozador. Mais tarde, Fedro entendeu que era um riso filosófico, porque os melhores alunos sempre se dão mal, e todo bom professor sabe disso. Era um riso que eliminava as tensões diante de situações irremediáveis, e para Fedro teria sido bom rir também, porque naquela época levava as coisas muito a sério.

Tais respostas enigmáticas de DeWeese davam a Fedro a impressão de que o amigo tinha acesso a algum tipo de campo desconhecido de compreensão. DeWeese parecia estar sempre escamoteando alguma coisa. Estava escondendo algo, e Fedro não conseguia nem imaginar o que fosse.

Depois vem uma lembrança bastante nítida do dia em que Fedro descobriu que DeWeese também sentia a mesma coisa em relação a ele.

No ateliê de DeWeese havia um interruptor que não funciona-

va, e DeWeese perguntou a Fedro se ele sabia qual era o problema, com um sorriso meio tímido, meio intrigado, como o de um mecenas ao dirigir-se a um pintor, um mecenas que, envergonhado de mostrar como sabe pouco, sorri na expectativa de aprender mais. Ao contrário dos Sutherlands, que detestam a tecnologia. DeWeese estava tão afastado dela que não se sentia ameaçado. Aliás, era até um fã inveterado da tecnologia, um mecenas das tecnologias. Não as compreendia bem, mas sabia o que lhe agradava, e sempre lhe agradava aprender mais.

Ele pensava que o problema se localizava no fio próximo à lâmpada, porque quando se tocava no interruptor a luz se apagava. Se o problema fosse no interruptor, DeWeese calculava que se passaria um lapso de tempo antes que a luz se apagasse. Fedro não contestou a hipótese; foi a uma loja de ferragens do outro lado da rua, comprou um interruptor novo e instalou-o em poucos minutos. Logicamente ele funcionou às mil maravilhas, o que deixou DeWeese bastante surpreso e desapontado.

— Como você sabia que o problema era no interruptor?

— Porque a luz piscou quando eu balancei a alavanca.

— Bom, mas isso não poderia ter influído no fio?

— Não.

O jeito confiante de Fedro irritou DeWeese, que começou a discutir com ele.

— Como é que você sabe tudo isso?

— Estava na cara.

— Então por que é que eu não vi isso?

— A gente tem que entender um pouco da coisa.

— Ah, então não estava tão na cara assim, é ou não é?

DeWeese sempre discutia as coisas de uma perspectiva estranha, que tornava a réplica impossível. Foi essa perspectiva que deu a Fedro a impressão de que DeWeese estava escondendo algo. Fedro só conseguiu descobrir qual era essa perspectiva quando já estava para sair de Bozeman, usando sua própria maneira analítica e metódica de estudar as coisas.

Paramos à entrada do parque e pagamos o ingresso a um homem de chapéu de pele de urso cinzento. Recebemos em troca um bilhete válido para um período de 24 horas. Mais adiante, vejo um turista nos filmando; a seguir, ele sorri. Está de calção, deixando ver as pernas brancas e os pés metidos em meias soquetes e sapatos. Sua esposa, que observa a cena com um ar de aprovação,

tem pernas iguaiszinhas às dele. Ao passarmos, acenamos para o casal, que retribui o cumprimento. Esse momento ficará registrado em filme durante anos.

Fedro, sem saber por quê, desprezava este parque. Talvez porque não o houvesse descoberto por si mesmo, talvez não. A razão era outra. Era aquele jeito de guia de turismo dos guardas florestais. A expressão de freqüentadores de zoológico dos turistas aborrecia-o ainda mais. Aquilo era tão diferente das montanhas próximas... Parecia um gigantesco museu, com espécimes cuidadosamente maquiados, para dar a ilusão de realidade, mas cuidadosamente isolados, para que as crianças não os estragassem. Assim que entravam, influenciadas pelo clima do parque, as pessoas ficavam educadas, calorosas, num fingimento recíproco. Morando a uns 160km dali, ele viera ao parque apenas uma ou duas vezes.

Bom, mas agora já estamos nos desviando do assunto. Houve um salto de pelo menos uns dez anos. Ele não passou de Immanuel Kant para Bozeman, Montana. Durante grande parte desses dez anos ele morou na índia, estudando filosofia oriental na Universidade Hindu de Benares.

Que eu saiba, não aprendeu nenhum segredo por lá. Foi um período de exposição e nada mais. Ele ouvia palestras de filósofos, visitava líderes religiosos, absorvendo tudo e meditando; depois apreendia mais coisas e refletia mais, e foi só. Pelas cartas pode-se perceber uma quantidade incrível de contradições, divergências e exceções a todas as regras que ele formulava para o que via. Ingressara como cientista empírico e saíra cientista empírico, sem saber muito mais do que sabia ao chegar. Entretanto, vira muita coisa e adquirira uma espécie de imagem latente que reapareceu mais tarde, junto com outras imagens latentes.

Algumas dessas latências merecem um resumo, porque serão importantes mais tarde. Ele se conscientizou de que as diferenças doutrinárias entre o hinduísmo, o budismo e o taoísmo não são, em nenhum aspecto, tão significativas quanto as diferenças correspondentes entre o cristianismo, o islamismo e o judaísmo. Não se travam guerras religiosas a pretexto dessas diferenças, porque não se considera que o discurso sobre a realidade seja a realidade em si.

Em todas as religiões orientais atribui-se grande valor à doutrina sânscrita do Tat tvam asi, ou seja, 'Tu és aquilo", segundo a qual não há divisão entre tudo que pensamos ser e tudo que pen-

samos perceber. Para se tornar um iluminado é necessário compreender inteiramente essa ausência de divisão.

A lógica pressupõe a separação entre sujeito e objeto; portanto, ela não constitui a sabedoria última. Pode-se eliminar melhor a ilusão de que o sujeito e o objeto estão separados através da paralisação da atividade física, mental e emocional. Para isto, existem muitas disciplinas. Uma das mais importantes é a dhyana sânscrita, palavra que os chineses pronunciam "Chan", e os japoneses, "Zen". Fedro nunca fez experiências de meditação porque isso para ele não tinha sentido. Durante todo o tempo em que esteve na Índia, o que fazia sentido para ele era o que mostrava coerência lógica, e ele não encontrava nenhuma razão convincente para abandonar essa idéia. Creio que este foi um ponto a favor dele.

Mas aconteceu que, um belo dia, na sala de aula, quando o professor de filosofia estava fazendo uma alegre exposição sobre a natureza ilusória do mundo pela quinta vez, mais ou menos, Fedro levantou a mão e perguntou secamente se as bombas atômicas lançadas sobre Hiroxima e Nagasáqui seriam consideradas uma ilusão. O professor sorriu e respondeu que sim. Foi aí que terminou o diálogo.

Podia ser que nas tradições filosóficas hindus aquela resposta estivesse correta, mas para Fedro e para todos os que lêem jornal regularmente e se preocupam com assuntos como o massacre de seres humanos, tal resposta era irremediavelmente absurda. Ele saiu da sala, da Índia, e desistiu.

Voltou ao Meio-Oeste, adquiriu um grau técnico em jornalismo, casou-se, morou em Nevada e no México, viveu de bicos, trabalhou como jornalista, como escritor de divulgação científica e como redator de propaganda industrial. Teve dois filhos, comprou uma fazenda, um cavalo e dois carros, e começou a adquirir o peso da meia-idade. Desistira da caçada ao fantasma da razão. É muitíssimo importante entender isto. Ele desistira.

Por isso, a vida lhe era aparentemente confortável. Trabalhava com certa intensidade, dava-se bem com todos, e, apesar dos momentos fortuitos de vazio interior que se revelavam em alguns contos que publicou, seus dias transcorriam normalmente.

Não se conhece ao certo o que o impeliu para estas montanhas. Sua esposa também parece não saber, mas creio que seriam talvez alguns daqueles sentimentos íntimos de fracasso e a esperança de que a solidão das alturas o levasse a reencontrar a pista perdida. Ele agora estava bem mais amadurecido, como se o aban-

dono das metas que perseguia o tivesse levado, de certa maneira, a um envelhecimento precoce.

Saímos do parque na altura de Gardiner, onde não parece chover muito, porque sobre as montanhas só se vêem capim e artemísias à luz do crepúsculo. Resolvemos passar a noite aqui.

A cidade está localizada nas duas altas barrancas de um rio que corre sobre pedras claras e lisas. As metades da cidade são ligadas por uma ponte, que atravessamos. Do outro lado há um motel, no qual pretendemos ficar, com as luzes já acesas. Mesmo à claridade artificial vinda das janelas, consigo ver que as cabanas foram cuidadosamente cercadas de flores e tomo cuidado para não pisar nelas.

Percebo outras coisas na cabana e mostro-as ao Chris. As janelas, de guilhotina, são balanceadas. As portas fecham-se com firmeza. As esquadrias, tanto das portas como das janelas, são muito bem encaixadas. Não há nada de artístico nisto, apenas tudo está bem feito. E algo me diz que foi obra de uma só pessoa.

Ao voltarmos ao motel, depois do jantar no restaurante, encontramos um casal idoso sentado num jardinzinho em frente à portaria, gozando a brisa noturna. O homem confirma que foi ele quem construiu as cabanas com as próprias mãos e está tão contente por alguém ter observado isso que sua esposa, ao notar sua satisfação, convida-nos a sentar com eles.

Conversamos sem pressa. Esta é a entrada mais antiga do parque. No tempo em que era usada ainda não existiam automóveis. Os dois falam sobre as mudanças ocorridas com o passar dos anos, acrescentando outra dimensão ao que nos cerca, e tudo fica uma coisa muito bonita — esta cidade, este casal, e os anos que se passaram aqui. Sylvia pousa a mão no braço de John. Eu capto o som do rio que corre pelas pedras abaixo e o perfume do vento noturno. A senhora, que conhece todos os perfumes, diz que é madressilva; ficamos silenciosos por um momento, e vou sentindo uma gostosa sonolência. Quando resolvemos nos recolher, Chris já está quase dormindo

Capítulo 13

John e Sylvia comem bolinhos quentes e bebem café, ainda no clima da noite anterior, mas eu estou encontrando certa dificuldade em engolir a comida.

Hoje chegaremos à escola, o lugar onde aconteceu uma incrível variedade de coisas, e já estou ficando nervoso.

Lembro-me de ter lido certa vez alguma coisa sobre uma escavação arqueológica no Oriente Próximo; o texto falava da sensação dos arqueólogos ao abrirem aquelas tumbas esquecidas, pela primeira vez em milhares de anos. Agora estou me sentindo um verdadeiro arqueólogo.

As artemísias espalhadas ao longo das gargantas no caminho de Livingston são iguais ao tipo das que são vistas pelos caminhos que levam ao México.

A luz matinal é a mesma de ontem, só que um pouco mais quente e suave, porque estamos novamente a uma altitude menor.

Nada de anormal.

É só essa sensação arqueológica de que há algo oculto na tranqüilidade dos arredores. É um lugar mal-assombrado.

Estou sem vontade nenhuma de ir lá. Seria melhor virar as costas e voltar.

Apenas tensão, eu acho.

Isso combina com uma das lembranças de Fedro. Em muitas manhãs ele se sentia tão tenso que vomitava tudo que ingerira antes da primeira aula. Detestava ficar falando diante dos alunos. Sofria de um verdadeiro pânico de entrar em cena, embora nunca transmitisse a impressão de estar com medo, mas sim a de fazer tudo com incrível intensidade. Alguns estudantes haviam dito à esposa dele que parecia até haver eletricidade no ar. Era só ele pôr

os pés na sala de aula, que todos os olhos se fixavam na sua figura, seguindo-o até a frente da classe. As conversas cessavam e se estabelecia o silêncio, mesmo que ainda faltassem vários minutos para o início da aula. Os olhos dos alunos ficavam grudados nele durante todo o curso da aula.

Ele passou logo a ser muito comentado, tornou-se uma figura controvertida. A maioria dos alunos fugia das suas turmas como o diabo da cruz, de tanto comentário que já tinha ouvido.

A escola era o que se podia chamar eufemisticamente de "faculdade de ensino". Numa faculdade assim, a gente ensina, ensina e ensina, sem tempo para pesquisa, para reflexão, para participação em programas externos. Só ensino, ensino, ensino, até ficar de cabeça cheia, sem ter mais um pingo de criatividade e virar autômato, repetindo as mesmas chatices para bandos intermináveis de alunos inocentes, que não conseguem entender por que somos tão monótonos e perdem o respeito e espalham boatos sobre nós pela comunidade. A gente ensina, ensina, ensina, porque esta é uma maneira bem inteligente de administrar uma faculdade sem gastar muito e dando a impressão de estar proporcionando uma educação genuína.

Apesar disso, Fedro chamava a escola por um nome que não fazia muito sentido, e que aliás soava até meio ridículo, em vista da realidade. Mas o nome significava muito para ele, e por isso ele o conservou, sentindo, antes de sair da escola, que o havia fincado em algumas cabeças com força suficiente para nelas ficar cravado. O nome era "Igreja da Razão", e muitas pessoas o aceitariam melhor se entendessem o que queria dizer.

O estado de Montana nessa época fora assaltado por uma praga de políticos direitistas radicais como aquela que atingiu Dallas, Texas, imediatamente antes do assassinato do presidente Kennedy. Um professor da Universidade de Montana, em Missoula, conhecido pelo país inteiro, foi proibido de falar no campus sob a alegação de que isso poderia "causar tumultos". Os professores foram avisados de que todo pronunciamento público deveria ser censurado pelo departamento de relações públicas da faculdade antes de ser feito.

Destruíram-se os padrões acadêmicos. A Assembléia Legislativa havia proibido a escola de rejeitar qualquer aluno acima de 21 anos, tivesse um diploma de segundo grau ou não. Agora, a Assembléia havia sancionado uma lei multando a faculdade em 8.000 dólares por aluno que ficasse reprovado, o que era praticamente

uma ordem para aprová-los todos.

O governador recém-eleito estava tentando demitir o diretor da faculdade por razões pessoais e políticas. O diretor não era apenas inimigo pessoal, era um democrata, e o governador não era um republicano qualquer. O cabo eleitoral dele era também coordenador estadual da John Birch Society, uma organização de extrema direita. Esse governador foi o tal que divulgou a lista de cinqüenta subversivos da qual tomamos conhecimento há alguns dias.

Como parte da vingança, as contribuições para os fundos da faculdade também estavam sendo cortadas. O diretor repassara uma parte considerável dos cortes para o departamento de inglês, do qual Fedro fazia parte, cujos membros se haviam manifestado bastante em matéria de liberdades acadêmicas.

Fedro deixara de reclamar e havia começado a agir. Passou a corresponder-se com a Associação de Credenciamento Regional do Nordeste, procurando saber se poderiam ajudar a evitar essas violações aos requisitos para o credenciamento da faculdade. Além dessa correspondência particular, fizera um apelo público em favor de uma investigação da situação geral da escola.

A essa altura, alguns alunos, numa das aulas, perguntaram a Fedro, em tom rancoroso, se suas tentativas de barrar o credenciamento significavam que ele estava tentando impedi-los de estudar.

Fedro respondeu que não.

Então um dos alunos, obviamente partidário do governador, disse com voz agressiva que a Assembléia evitaria que a escola perdesse o reconhecimento.

Fedro perguntou como faria isso.

O aluno respondeu que pediriam proteção policial.

Fedro refletiu sobre essa resposta por alguns segundos, e aí percebeu que o aluno não tinha a menor noção do que era reconhecimento.

Naquela noite, ao preparar a aula expositiva do dia seguinte, ele redigiu uma justificativa do que estava fazendo. Foi o discurso sobre a Igreja da Razão, que, ao contrário das anotações resumidas de costume, era bastante longo e cuidadosamente elaborado.

O discurso começa referindo-se a uma notícia sobre um prédio de igreja rural que tinha sobre a entrada principal um luminoso de marca de cerveja. O prédio fora vendido, e estava sendo usado como bar. E de supor que, a essa altura, a turma começasse a rir. As farras da faculdade eram famosas, e a metáfora mais ou menos

correspondia. O artigo dizia que os provisores receberam algumas reclamações por causa disso. Era uma igreja católica, e o padre encarregado de responder às críticas parecia bastante irritado com o que estava acontecendo. Para ele, o fato mostrava que as pessoas ignoravam o que fosse uma igreja. Pensavam que tijolos, tábuas e vidro constituíam uma igreja? Ou o formato do telhado? Aquilo era um exemplo do mesmo materialismo desprezado pela Igreja, disfarçado em piedade. O prédio em questão não era mais um lugar santo. Perdera o caráter sagrado, e pronto. O anúncio de cerveja estava à porta de um bar, não de uma igreja. Aqueles que não conheciam a diferença estavam simplesmente mostrando o que eram.

Fedro declarou então que existia o mesmo tipo de confusão com relação à universidade. E por isso era difícil compreender a perda do reconhecimento. A verdadeira universidade não é um objeto material. Não é um conjunto de edifícios que pode ser defendido pela polícia. Quando uma faculdade perdia o reconhecimento, não vinha ninguém fechar a escola. Não havia penalidades legais, multas, nem mandados de prisão. As aulas não terminavam. Tudo continuava como antes. Os alunos recebiam a mesma educação que receberiam se a escola continuasse sendo reconhecida. Só que haveria aceitação oficial de uma situação já existente. Era algo parecido com a excomunhão. A verdadeira universidade, que nenhuma assembléia poderia influenciar, e que nunca poderia ser identificada como qualquer disposição de tijolos, tábuas e vidro, simplesmente declararia que este não é mais um “lugar santo”. A verdadeira universidade deixaria este local, e só sobrariam os tijolos, os livros e as manifestações materiais.

Os estudantes devem ter ficado perplexos ao ouvir tais idéias, e creio que Fedro deve ter-se calado por um bom tempo, para que elas fossem absorvidas, talvez esperando por uma pergunta do tipo: “E o que acha você que é a verdadeira universidade?”

Em suas anotações encontra-se a seguinte resposta:

“A verdadeira universidade não se localiza num lugar específico. Não tem propriedades, não paga salários, não recebe taxas materiais. A verdadeira universidade é um estado de espírito. É a grande herança do pensamento racional que nos foi legada ao correr dos séculos e que não tem lugar específico para ficar. É um estado de espírito que se renova através dos séculos, graças a um grupo de pessoas que ostentam tradicionalmente o título de professor, título esse que, no fundo, também não faz parte da universidade. A verdadeira universidade é nada mais nada menos que o

corpo contínuo da razão em si.

Além desse estado de espírito, a razão , existe uma entidade legal que, infelizmente, atende pelo mesmo nome, mas que é muito diferente. Esta é uma empresa sem fins lucrativos, uma filial do estado, com endereço específico. Possui propriedades, pode pagar salários, receber dinheiro e reagir também a pressões do legislativo.

Porém, esta segunda universidade, a empresa legal, não pode ensinar, não pode gerar novos conhecimentos, nem avaliar idéias. Não é a verdadeira universidade. É apenas o prédio da igreja, o cenário, o local onde se criaram condições favoráveis para que a verdadeira Igreja exista.

As pessoas que não enxergam essa diferença ficam sempre confusas, pensando que controlar o prédio da igreja é o mesmo que controlar a Igreja. Eles vêem os professores como empregados da segunda universidade que deveriam deixar a razão de lado quando lhes fosse solicitado e obedecer ordens sem objeções. Exatamente como os empregados de outros tipos de empresa.

Enxergam a segunda universidade, não a primeira."

Lembro-me de que ao ler isto pela primeira vez fiz comentários sobre a alta técnica analítica ali apresentada. Ele evitou dividir a universidade por áreas ou departamentos e trabalhar com os resultados de tal análise. Evitou também a tradicional divisão em corpo docente, discente e administrativo. Quando se realiza essa divisão, resulta uma série de aspectos monótonos que realmente não trazem mais informações do que as que se pode obter no boletim oficial da escola. Fedro dividiu a universidade em "Igreja" e "localização", e, uma vez feita essa cisão, a mesma instituição monótona e imponderável que aparece no boletim é percebida, de súbito, com uma clareza antes inexistente. Com base nessa divisão ele encontrou explicações para alguns aspectos intrigantes mas normais da vida universitária.

Após as explicações, voltou à analogia com a igreja católica. Os cidadãos que construíram aquela igreja e por ela pagaram, provavelmente pensavam estar servindo à comunidade. Um bom sermão poderia dar aos paroquianos a disposição certa para enfrentar a semana. O catecismo ajudaria as crianças a crescerem da maneira correta. O padre que reza a missa e dirige a catequese compreende tais objetivos, e normalmente age de acordo com eles, mas também entende que os seus objetivos principais não são servir à comunidade. Ele visa, acima de tudo, servir a Deus. Normalmente, não há conflito, mas, de vez em quando, insinua-se um, quando os

provedores se opõem aos sermões do sacerdote e ameaçam reduzir as contribuições. Coisas como essas acontecem.

Um verdadeiro padre, numa situação assim, deve agir como se nunca tivesse ouvido as ameaças. Seu principal propósito não é servir à comunidade, mas a Deus.

O objetivo principal da Igreja da Razão é sempre o velho objetivo socrático de buscar a verdade, em suas formas em constante mutação, conforme é revelada pelo processo da racionalidade. Tudo o mais deve subordinar-se a isso. Normalmente, tal objetivo não entra em choque com o intuito local de edificar a comunidade, mas às vezes ocorrem certos conflitos, como no caso do próprio Sócrates. É quando os curadores e legisladores que contribuíram com grandes quantidades de dinheiro e tempo para construir a sede da universidade se opõem às aulas ou pronunciamentos dos professores. Passam então a pressionar a administração, ameaçando cortar as verbas se os professores não disserem o que eles querem ouvir. Coisas como essas também acontecem.

Em tais situações, os verdadeiros sacerdotes devem agir como se nem tivessem ouvido as ameaças. Seu objetivo principal nunca é servir à comunidade, acima de tudo. Seu objetivo principal é servir, através da razão, à busca da verdade.

Era isso que ele entendia como Igreja da Razão. Não há dúvida de que este conceito estava firmemente enraizado nele. Ele era considerado um tipo agitador, mas nunca foi censurado na proporção da agitação que produzia. O que o preservava da ira de todos os que o cercavam era, além de sua firme resolução de negar qualquer apoio aos inimigos da faculdade, a invejosa compreensão de que toda a turbulência por ele promovida obedecia, em última instância, a um mandato do qual aqueles que o criticavam jamais se libertariam: o mandato de divulgar verdades racionais.

As anotações apresentam quase todas as razões pelas quais Fedro agia da maneira como agiu, mas deixam uma coisa sem explicação: a intensidade fanática com que o fazia. Pode-se acreditar na verdade e no processo racional utilizado para descobri-la, e na resistência contra as assembléias legislativas, mas por que consumir-se assim, dia após dia, por causa disso?

As explicações psicológicas apresentadas não me convenceram. O pânico de entrar em cena não pode ter sustentado este tipo de esforço meses a fio. Nenhuma outra explicação me parece correta, como, por exemplo, a de que estava tentando redimir-se pelo seu fracasso anterior. Ele considerava sua expulsão da universida-

de como um mistério, não como um fracasso; não se encontraram quaisquer provas em contrário. Minha explicação foi elaborada a partir da discrepância entre sua falta de fé na razão científica em laboratório e o fanatismo expresso no discurso da Igreja da Razão. Foi pensando nessa discrepância, certo dia, que subitamente percebi que não havia discrepância alguma. Ele estava assim nessa dedicação fanática justamente porque não acreditava na razão.

A gente nunca se dedica a um assunto em que se sinta perfeitamente seguro. Ninguém fica por aí a gritar feito doido que o sol vai nascer amanhã. Todos sabem que o sol vai nascer. As pessoas que se dedicam fanaticamente a credos políticos e religiosos, ou a outros tipos de dogmas ou objetivos, nunca estão inteiramente seguras desses dogmas.

Pode-se citar aqui a militância dos jesuítas, que ele fazia lembrar um pouco. As origens históricas do zelo da Companhia de Jesus não se localizam na força da Igreja Católica, mas na fraqueza dela frente à Reforma Protestante. Era a falta de fé na razão que fazia de Fedro um professor tão fanático. Isso faz mais sentido. E torna os acontecimentos subseqüentes mais compreensíveis.

Provavelmente era por isso que ele sentia uma afinidade tão grande por tantos maus alunos de fundo de sala, cujas expressões de desprezo refletiam exatamente o mesmo sentimento que Fedro tinha em relação ao processo racional e intelectual como um todo. A única diferença era que eles desprezavam o processo porque não o compreendiam. Ele próprio estava cheio de desprezo, mas por compreendê-lo. Como não o compreendiam, eles não tinham remédio senão repetir a matéria e lembrar-se disso com amargura durante o resto de suas vidas. Fedro, por sua vez, sentia-se fanaticamente obrigado a fazer algo a respeito. Eis por que seu discurso sobre a Igreja da Razão fora tão cuidadosamente preparado. Estava dizendo a seus alunos que era preciso crer na razão, porque nada existe além dela. Só que ele mesmo não possuía tal fé.

É necessário lembrar que estávamos nos anos 50, não na década de 70. Naquela época, os beatniks e os primeiros hippies estavam começando a protestar contra o "sistema" e a intelectualidade "careta" que o apoiava, mas quase ninguém suspeitava a que profundidade chegaria esse questionamento da estrutura. E lá estava Fedro, defendendo fanaticamente uma instituição, a Igreja da Razão, a qual ninguém, pelo menos certamente ninguém em Bozeman, Montana, tinha razão para pôr em dúvida. Um Loyola anterior à Reforma. Um militante afirmando a todos que o sol nasceria

no dia seguinte, quando ninguém estava preocupado com isso. Era apenas com ele mesmo que todos se preocupavam.

Mas agora, tendo a nos separar a mais agitada década do século, uma década em que a razão foi muito mais atacada e agredida do que qualquer um na década de 50 poderia jamais sonhar, creio que nesta chautauqua, baseada nas descobertas de Fedro, poderemos entender melhor o que ele dizia... sobre uma solução para tudo isso... Se ao menos fosse verdade... Faltam tantos pedaços, que não há meios de saber.

Talvez seja por isso que eu me sinto como um arqueólogo e fico assim nervoso. Tenho só essas lembranças e depoimentos soltos, e me ponho a imaginar, à medida que nos aproximamos, se não é melhor deixar alguns túmulos em paz.

De repente, me lembro de Chris, atrás de mim, e fico imaginando o que ele saberá, do que se lembrará.

Chegamos a um cruzamento onde a estrada do parque desemboca na rodovia leste-oeste; paramos e entramos na rodovia. Daqui prosseguimos, passando por um pequeno desfiladeiro, e entramos em Bozeman. A estrada agora começa a subir, dirigindo-se para oeste, e subitamente fico ansioso para ver o que nos aguarda.

Capítulo 14

Saindo do desfiladeiro, passamos por uma pequena planície verdejante. Podemos ver ao sul montanhas cobertas de pinhais, ainda com neve do último inverno nos picos. Em todas as outras direções vêem-se montanhas mais baixas, mais distantes, mas também nítidas e claras. Este cenário de cartão postal traz vagas lembranças, ainda indefinidas. A rodovia interestadual em que estamos não devia existir naquela época.

A declaração "é melhor a jornada do que a chegada" volta à minha mente e lá permanece. A gente estava viajando, e agora vai chegar. Sempre que atinjo um objetivo temporário, como este, entro num período de depressão, até encontrar outro objetivo. John e Sylvia vão voltar dentro de um ou dois dias, e eu e Chris precisaremos decidir o que vamos fazer em seguida. Tudo vai ter que ser reorganizado.

A rua principal da cidade parece-me vagamente familiar, mas agora eu me sinto como um turista, e os luminosos das lojas foram feitos para mim, o turista, não para aqueles que aqui vivem. As pessoas se movimentam rapidamente demais, e bem separadas uma das outras. É uma dessas cidadezinhas com população de 15 a 30 mil habitantes, que não é mais um povoado, nem chega a ser uma cidade — fica no meio.

Almoçamos num restaurante de paredes de vidro, que não me traz qualquer recordação. Parece ter sido construído depois que Fedro saiu daqui; e sinto em relação a ele a mesma falta de identificação que senti na rua principal.

Procuro o número do telefone de Robert DeWeese numa lista, mas não o encontro. Peço informação à telefonista, mas ela diz que nem sabe de quem se trata. Não posso acreditar! Será que os DeWeese só existiam na cabeça dele? A informação da telefonista produz um sentimento de pânico momentâneo, mas aí me lembro

da resposta deles à carta que lhes enviei avisando que vínhamos. Pessoas imaginárias não respondem cartas.

John sugere que eu ligue para o departamento de artes, ou então para algum amigo. Depois de um cigarro e um café, acalmo-me o suficiente para fazer o que John sugeriu, e descubro como chegar à casa de DeWeese. Não é a tecnologia que nos amedronta. O que nos amedronta é o que ela faz com o relacionamento entre as pessoas — por exemplo, entre telefonista e usuário.

Atravessamos os 15 quilômetros de vale que separam a cidade das montanhas em estradas de terra, que passam por campos de alfafa bem verdinha, pronta para ser ceifada. A plantação é tão cerrada que deve ser difícil caminhar entre os pés de alfafa. Os campos espraiam-se ao redor e sobem um pouco no sopé das montanhas, onde surge repentinamente o verde bem mais escuro dos pinhais. Deve ser ali que moram os DeWeeses. No limite entre o verde claro e o escuro. O vento traz os aromas do gado e do feno verdinho, recém-cortado. A certa altura, passamos por uma massa de ar frio recendendo a pinho, que depois se aquece. Luz solar, pastos, e montanhas avultando à nossa frente.

Ao chegarmos aos pinhais, a camada de cascalho da estrada fica bastante espessa; reduzimos para primeira, a 15km/hora, eu com os dois pés fora das pedaleiras para empurrar a moto para cima, caso ela afunde no cascalho e comece a se enterrar. Depois de uma curva penetramos de repente nos pinhais, numa garganta profunda e estreita nas montanhas, e ali, logo à margem da estrada, avistamos um casarão cinzento, com uma enorme escultura abstrata em ferro presa a uma das paredes. À sombra da escultura, sentado numa cadeira encostada na parede e rodeado por várias pessoas está o próprio DeWeese, com uma lata de cerveja na mão, acenando para nós. Parece saído de uma das antigas fotografias de Fedro.

Estou tão ocupado em evitar que a motocicleta afunde no cascalho que não posso tirar as mãos dos punhos, e aceno com uma das pernas, em resposta. A imagem viva de DeWeese sorri para nós, enquanto estacionamos.

— Então, você nos encontrou — diz ele. Sorriso calmo. Olhar alegre.

— Quanto tempo, hein? — digo eu. Também me sinto feliz, embora seja estranho ver aquela imagem assim de repente, se movendo e falando.

Descemos das motocicletas, retiramos os capacetes e as lu-

vas, e aí percebo que o terraço sobre o qual estão ele e seus convidados está inacabado, e ainda não foi coberto. DeWeese nos olha de um ponto onde a plataforma fica apenas alguns metros acima do nosso lado da estrada, mas o desfiladeiro é tão íngreme que, do outro lado, o solo desce até uns quinze metros abaixo do nível do terraço. O córrego fica uns quinze metros mais abaixo, distante da casa, correndo entre árvores e relva crescida, onde um cavalo, semi-oculto pelas árvores, pasta compenetrado. Agora, para ver o céu temos que olhar para o alto. A nossa volta, a floresta verde-escura que víamos à medida que nos aproximávamos.

— Mas isto aqui é lindo! — exclama Sylvia.

A imagem viva de DeWeese sorri para ela, lá de cima.

— Obrigado, que bom que você gostou — diz ele, num tom de quem sabe gozar o momento presente, totalmente calmo. Percebo então que, embora este seja DeWeese em carne e osso, é também uma pessoa nova, que está se renovando continuamente, e que vou ter que conhecer outra vez.

Subimos à plataforma. Há espaços entre as tábuas que a formam, à maneira de grelha, através dos quais se vê o chão. Com um tom de quem não sabe muito bem como fazer e um sorriso, DeWeese nos apresenta a todos, mas os nomes me entram por um ouvido e saem pelo outro. Nunca consigo me lembrar de nomes. Seus convidados são um professor de artes da escola, que usa óculos de aro de tartaruga, e a esposa dele, que sorri, timidamente. Devem ser novos.

Conversamos um pouco; DeWeese passa a maior parte da palestra explicando quem eu sou, e de repente, da esquina onde o terraço dobra para os fundos da casa, surge Gennie DeWeese com uma bandeja de latas de cerveja. Ela também é pintora, e, conforme percebo instantaneamente, uma boa entendedora. Todos já estão sorrindo com a observação feita por ela de que agarrar uma lata de cerveja em vez de apertar-lhe a mão constitui uma economia artística. E ela continua, dizendo:

— Acabaram de chegar uns vizinhos trazendo trutas para o jantar. Fiquei contentíssima! Tento encontrar alguma coisa para dizer, mas acabo apenas assentindo. Sentamo-nos, eu no sol, de onde é difícil distinguir os detalhes do outro lado do terraço, que está na sombra.

Olhando para mim, DeWeese parece a ponto de comentar algo sobre minha aparência, que sem dúvida é muito diferente daquela fisionomia da qual ele se recorda; mas em vez disso ele se

volta para John e pergunta-lhe sobre a viagem.

John explica que foi ótima, e que ele e Sylvia precisavam disso há anos.

Sylvia confirma.

— Estar assim, ao ar livre, no meio desse espaço todo — diz ela.

— Aqui em Montana existe muito espaço — comenta DeWeese, meio pensativo. Começa, então, a conversar com John e o professor de artes sobre as diferenças entre Montana e Minnesota.

O cavalo pasta tranqüilamente lá embaixo, a água do regato falseando por detrás. Agora os outros estão conversando sobre as terras de DeWeese neste desfiladeiro, há quanto tempo ele mora aqui, e como é o ensino de artes na faculdade. John tem para esse tipo de conversa sem compromisso um talento especial que eu nunca tive, e fico só na escuta.

Pouco depois, o calor do sol já aumentou tanto, que eu tiro o suéter e abro a camisa. E para não ficar franzindo os olhos, coloco uns óculos escuros. Assim está melhor, mas os óculos me impedem de ver bem os rostos na penumbra, e eu fico me sentindo meio isolado, visualmente, de tudo, menos do sol e das encostas ensolaradas do desfiladeiro. Penso em retirar a bagagem das motos, mas resolvo não falar nisso. Eles sabem que vamos ficar. Algo me diz que é preferível deixar as coisas acontecerem naturalmente. É melhor descansarmos primeiro e depois descarregar. Para que a pressa? A cerveja e o sol começam a me aquecer o cérebro, que parece estar virando marshmallow. É uma sensação agradável.

Não sei quanto tempo depois, ouço John fazer alguns comentários sobre "o nosso astro de cinema aqui", e percebo que ele está falando de mim e dos meus óculos escuros. Olhando por cima deles para a sombra, vejo que DeWeese, John e o professor sorriem para mim. Devem querer que eu participe da conversa; estão falando dos problemas da viagem.

— Eles querem saber o que acontece quando a moto enguiça — explica John.

Então eu conto aquela história do motor que enguiçou no meio da tempestade, que é boa, mas meio inadequada, conforme vou percebendo enquanto falo, atendendo à solicitação de John. As últimas palavras, sobre a falta de gasolina, produzem o gemido que eu esperava.

— E olha que eu ainda mandei ele verificar — acrescenta Chris.

DeWeese e Gennie tecem comentários sobre o tamanho de Chris, que fica tímido e meio corado. Eles lhe perguntam pela mãe e pelo irmão, e ambos respondemos às perguntas da melhor maneira possível.

No fim, não agüentando mais o calor do sol, puxo a minha cadeira para a sombra. A sensação de derretimento passa naquele frescor súbito, e depois de alguns minutos sou obrigado a abotoar a camisa outra vez. Gennie, notando isso, observa:

— Quando o sol se esconde atrás da serra é que fica frio de verdade.

A distância entre o sol e a crista das montanhas é agora bem pequena. Eu diria que, embora estejamos apenas no meio da tarde, temos só mais meia hora de sol direto. John pergunta como ficam as montanhas no inverno, e conversa com DeWeese e o professor de artes sobre o assunto, e sobre os passeios na neve das montanhas. Eu poderia ficar aqui sentado para sempre.

Sylvia, Gennie e a esposa do professor discutem sobre a casa, e logo Gennie convida as outras para entrarem.

Meus pensamentos vagueiam, e passa-me pela cabeça aquele comentário de que Chris cresceu depressa, renovando a sensação de que sou um arqueólogo descobrindo túmulos. Só ouvi falar indiretamente da época em que Chris morava aqui, e no entanto, para eles, parece que foi embora ontem. Vivemos em dimensões temporais completamente diferentes.

A palestra agora é sobre arte, música e teatro contemporâneos, e fico bobo de ver como John consegue manter o pé. Eu não estou exatamente interessado nesse tipo de novidade, e ele provavelmente sabe; é por isso que nunca conversa sobre o assunto comigo. É o contrário do problema da manutenção das motocicletas. Será que os meus olhos agora ficaram tão vidrados quanto ficam os dele quando falo sobre bielas e pistões?

Mas o que DeWeese e ele realmente têm em comum é o interesse por mim e por Chris, o que agora está virando uma idéia fixa meio esquisita, desde aquele comentário sobre o artista de cinema. O leve tom sarcástico com que John se refere ao seu velho companheiro de cervejas e viagens está esfriando um pouco DeWeese, que procura defender-me discretamente. Isso parece aumentar o sarcasmo de John cada vez mais, e, sentindo o clima, os dois passam a abordar um assunto a respeito do qual ambos concordam; depois, põem-se a falar de mim novamente, mas a insistência de John torna a exacerbar-se, e eles mudam para um assunto mais

agradável.

— De qualquer forma — diz John — esta figura nos disse que a gente ia ter uma enorme decepção quando chegasse aqui. Até agora não senti nem o cheiro dessa decepção!

Começo a rir. Minha intenção era não fazê-lo esperar muito deste lugar. DeWeese sorri também. Mas então, John me diz:

— Cara, você devia estar louco, doido mesmo de pedra para sair de um lugar destes. Não importa como era a faculdade, podia ser o que fosse!

Percebo que DeWeese o observa com um olhar surpreso. Depois, zangado. Em resposta ao olhar que DeWeese me lança, faço um gesto de quem não se importa. Chegamos a uma espécie de impasse e não sei como contorná-lo.

— Este lugar é lindo — digo, mansamente. DeWeese retruca, em tom defensivo:

— Se você passasse uns tempos aqui, ia mudar de idéia. O professor assente, concordando.

O impasse gera um silêncio impossível de ser remediado. John não disse nada de indelicado. Ele é uma das pessoas mais delicadas que conheço. O que ele sabe e eu sei, mas DeWeese não sabe, é que a pessoa a que eles se referem não é mais a mesma. É apenas uma outra pessoa de classe média e de meia-idade. Preocupado principalmente com Chris e com nenhuma outra coisa em especial.

Mas o que DeWeese e eu sabemos e os Sutherlands não sabem, é que aqui morou uma pessoa que ardia em criatividade, cheia de idéias jamais concebidas anteriormente. Então aconteceram coisas inexplicáveis e imprevistas, cuja razão nem eu nem DeWeese conhecemos. A causa deste impasse, deste mal-estar, é que DeWeese acha que é essa pessoa que está aqui agora. E eu não tenho como desmentir.

Por um breve momento, lá do alto da montanha, o sol faz passar os seus raios através das ramagens, e um halo de luz difusa desce, crescendo até envolver tudo num clarão súbito, inclusive a mim.

— Ele viu demais — comento eu, ainda pensando no impasse, mas DeWeese me olha intrigado, e John nem está me escutando; percebo tarde demais que a conversa já havia terminado. A distância ouve-se um pássaro solitário a piar, plangente.

Agora, de repente, o sol se oculta atrás da montanha; o desfiladeiro imerge na penumbra.

Penso com os meus botões como foi esquisito ter falado aquilo. Não se fazem comentários desse tipo; a gente sai do hospital sabendo que não deve falar essas coisas.

Gennie aparece acompanhada por Sylvia e sugere que descarreguemos a bagagem. Concordamos, e ela nos leva até os quartos. Vejo que minha cama tem um acolchoado bem pesado, para proteger-me do frio da noite. O quarto é muito bonito.

Trago toda a nossa bagagem em três viagens entre a casa e a motocicleta. Depois vou ao quarto do Chris ver se ele precisa de ajuda para desfazer os pacotes, mas ele está feliz, sentindo-se crescido, e não precisa de mim.

Olhando para ele, pergunto:

— Como é, está gostando?

— É legal, mas não é como você me disse que era ontem à noite.

— Quando?

— Antes da gente ir dormir. Na cabana.

Eu não sei do que ele está falando.

— Você disse que era um lugar solitário — acrescenta ele.

— Mas por que eu ia dizer isso?

— E eu vou saber?

Minha pergunta o decepciona, e resolvo deixar o assunto de lado. Deve ter sido algum sonho que ele teve.

Ao descermos para a sala de estar, sinto o aroma da truta, fritando na cozinha. DeWeese, do outro lado da sala, está inclinado frente à lareira, de fósforo na mão, ateando fogo a uns jornais que colocou sob as achas. Nós o observamos por alguns instantes.

— Usamos esta lareira durante o verão inteiro — comenta ele.

— O frio me pegou de surpresa — comento eu.

Chris diz que também está com frio. Peço-lhe para ir buscar o suéter dele e o meu.

— É o vento noturno — explica DeWeese. — Sopra desfiladeiro abaixo, vindo dos picos, onde está mesmo frio.

O fogo solta uma súbita labareda, depois se apaga, depois torna a pegar, por causa de uma corrente de ar instável. Deve estar ventando muito, penso eu, e olho para fora, pelas enormes janelas de uma das paredes da sala. Do outro lado do desfiladeiro vejo, na penumbra, o movimento brusco das árvores.

— Mas é claro — continua DeWeese —, você sabe como é frio lá em cima. Costumava ficar lá o tempo todo.

— É, isso me traz recordações.

Agora me vem à mente uma única lembrança de ventos noturnos soprando ao redor de uma fogueira de acampamento, menor do que a que nos aquece, e protegida do vento pela rocha, porque não havia árvores por perto. Junto ao fogo, as panelas e mochilas, para ajudar a protegê-lo contra o vento, e um cantil cheio de água feita de neve derretida. A água tinha de ser recolhida cedo, porque acima do nível das florestas a neve pára de derreter quando o sol baixa.

— Você mudou um bocado — diz DeWeese, examinando-me com cuidado. Por sua expressão parece estar imaginando se este será um tema proibido ou não, e, ao me observar, chega à conclusão de que é. Depois acrescenta: — Acho que todos nós mudamos.

— Eu não sou mais a mesma pessoa — respondo, o que parece fazê-lo relaxar. Se ele conhecesse a verdade, ficaria muito menos à vontade. — Aconteceram muitas coisas — prossigo — e outras surgiram e de repente se tornou importante esclarecer alguns pontos, dentro da minha cabeça pelo menos, e é por isso que estou aqui.

Ele me olha, esperando ouvir mais, mas o professor de artes e a esposa surgem ao lado da lareira, e nós cortamos o assunto.

— Pelo som do vento, vem aí uma tempestade — observa o professor.

— Acho que não — responde DeWeese.

Chris volta com os suéteres e pergunta se no desfiladeiro tem fantasma.

DeWeese o fita, com ar divertido.

— Não, só tem lobos.

Depois de pensar um pouco, Chris pergunta:

— O que é que eles fazem?

— Criam problema para os fazendeiros — responde DeWeese, franzindo a testa. Matam os bezerros e os carneiros.

— Eles perseguem gente?

— Que eu saiba, não — diz DeWeese, mas depois, vendo que Chris ficou desapontado, acrescenta: — Mas pode ser que eles persigam.

Durante o jantar, a truta é acompanhada por copos de Chalés da Califórnia. Comemos espalhados pela sala de estar, sentados em poltronas e sofás. Uma das paredes desta sala é inteiramente composta de janelas que se abrem para o desfiladeiro; mas como agora é noite, o vidro reflete apenas a luz da lareira. O calor do fogo combina com o calor íntimo causado em nós pelo vinho e pelo pei-

xe. Não conversamos, apenas soltamos murmúrios de aprovação.

Sylvia, em voz baixa, diz a John para observar os grandes potes e vasos que decoram a sala.

— Já vi — responde ele. — São incríveis.

— Foram feitos pelo Peter Voulkas — informa Sylvia.

— Não diga! Tem certeza?

— Ele foi aluno do professor DeWeese.

— Cruzes! Eu quase que chutei um deles!

DeWeese solta uma risada.

Mais tarde, John murmura certas palavras algumas vezes, ergue a vista e declara:

— Isto aqui é suficiente... A gente não precisa de mais nada... Agora a gente pode voltar e passar mais oito anos no número 2649 da Avenida Colfax.

— Não vamos falar nisso agora — interrompe Sylvia, com tristeza.

John me olha por uns instantes.

— Creio que quem tem amigos que podem nos proporcionar uma noite como esta não deve ser completamente mau. — E balançando a cabeça, sério, continua: — Vou ter que retirar tudo que pensava a seu respeito.

— Tudo?!

— Alguma coisa, pelo menos.

DeWeese e o professor sorriem; uma parte do impasse se dilui.

Após o jantar, chegam Jack e Wylla Barsness. Mais imagens ao vivo. Jack está fichado nos arquivos do túmulo como um bom sujeito, escritor e professor de inglês da faculdade. Depois deles, chega um escultor do norte do estado, que cria ovelhas para viver. Pela maneira como DeWeese me apresenta, ele não devia ser meu conhecido antes.

DeWeese diz que está tentando convencer o escultor a entrar para o corpo docente da faculdade, e eu retruco que vou tentar dissuadi-lo, sentando-me ao lado dele. Mas a conversa não rende muito, porque o escultor é incrivelmente sério e desconfiado, decerto porque eu não sou artista. Ele age como se eu fosse um detetive tentando arrancar-lhe alguma confissão, e só começa a se abrir quando lhe digo que faço muita soldagem de metais. A manutenção de motocicletas abre portas estranhas. Ele diz que trabalha com solda por algumas das mesmas razões que eu. Depois de adquirir a técnica de soldagem, a gente sente que possui um tremendo po-

der e controle sobre o metal. Pode-se fazer qualquer coisa. Ele me mostra fotos de objetos que ele moldou, e nelas há lindos pássaros e outros animais, com uma textura fluida na superfície do metal que eu nunca vi igual.

Mais tarde, troco de lugar e converso com Jack e Wylla. Jack vai embora, chefiar um departamento de inglês em Boise, Idaho. Sua posição em relação ao departamento daqui, apesar de discreta, parece ser negativa. Na certa é mesmo negativa, senão ele não estaria saindo. Agora tenho a impressão de que ele era um escritor de ficção que dava aulas de inglês, não um estudioso metódico que ensinava o idioma. No departamento havia um constante debate entre os partidários dessas duas tendências, que, de certo modo, originou, ou pelo menos acelerou bastante o desenvolvimento daquelas idéias de Fedro, das quais ninguém tinha ouvido falar, e Jack apoiava Fedro, porque, embora não soubesse bem do que ele estava falando, percebia que era alguma coisa com que um escritor poderia conviver mais facilmente do que com a análise lingüística. Esta divisão é antiga, como aquela entre arte e história da arte. Alguém faz alguma coisa, outro fala como se faz essa coisa, e a explicação nunca parece corresponder ao modo como ela realmente é feita.

DeWeese aproxima-se com um folheto de instruções para montagem de uma churrasqueira, a fim de que eu as avalie, na qualidade de escritor técnico profissional. Ele passou uma tarde inteira tentando montar aquele negócio, e depois resolveu mandar as instruções para o inferno.

Ao lê-las, porém, noto que são instruções comuns, e não consigo encontrar nada de errado. É claro que não posso dizer isso, e fico procurando algum detalhe para criticar. Só se pode verificar se uma lista de instruções é perfeita testando-a na prática; mas de súbito percebo que a organização do folheto força a pessoa que está lendo a ficar virando as páginas para ver as ilustrações — o que é bastante errado. Critico essa falha ferozmente, e DeWeese me incentiva. Chris pega o folheto para ver o que eu quis dizer.

Mas enquanto estou metendo o malho no folheto e descrevendo alguns dos problemas de interpretação que a má remissão pode produzir, sinto que não foi por isso que DeWeese teve dificuldade em compreender o folheto. Foi aquela falta de lisura e continuidade que o confundiu. Ele não consegue entender coisas apresentadas no estilo feio, fragmentário e grotesco da redação técnica e mecânica. A ciência lida com pedaços, partes e peças de coisas, tomando

a continuidade como pressuposto, e DeWeese trabalha apenas com a continuidade das coisas, tomando como pressuposto os pedaços, as partes e as peças. O que ele realmente quer que eu xingue é a falta de continuidade artística, para a qual os engenheiros não ligam a mínima. Isso se encaixa no problema da divisão romântico-clássico, assim como tudo que diz respeito à tecnologia.

Nesse meio tempo, Chris, de posse do folheto, dobra as páginas de uma maneira que eu não havia percebido, para que as ilustrações fiquem ao lado do texto correspondente. Olho para aquilo duas vezes, depois uma terceira, sentindo-me como aqueles personagens de desenho animado que acabaram de ultrapassar a beira de um precipício, mas ainda não caíram porque ainda não se deram conta da entalada em que estão metidos. Balanço a cabeça, todos silenciam, aí percebo que estou em apuros e todos riem por um bom tempo, enquanto dou tapinhas na cabeça de Chris, à medida que despenco precipício abaixo. Ao cessarem as risadas, começo:

— Bem, de qualquer forma... E o riso recomeça.

— O que eu queria dizer — declaro, afinal — é que lá em casa eu tenho um manual de instruções que abre largos horizontes para o aprimoramento de redação técnica. Começa assim: “A montagem de uma bicicleta japonesa exige uma grande paz de espírito.”

Mais risadas, mas Sylvia, Gennie e o escultor me olham interessados.

— Está aí, uma boa instrução — comenta o escultor. Gennie concorda, balançando a cabeça.

— Foi mais ou menos por isso que eu a guardei — digo. — A princípio, por causa de umas lembranças que eu tinha de bicicletas que montei e, obviamente, por causa dos preconceitos contra a indústria japonesa. Mas há grande sabedoria nessa frase.

John me lança um olhar apreensivo. Eu olho para ele, igualmente apreensivo. Nós dois rimos.

— Vai começar a aula — brinca ele.

— A paz de espírito não é uma coisa superficial — explico. — É tudo. É produzida pela boa manutenção e destruída pela manutenção descuidada. O que chamamos de praticabilidade de uma máquina é apenas a objetivação dessa paz de espírito na máquina. O teste final é sempre nossa própria serenidade. Se, ao começarmos e prosseguirmos o trabalho não conservamos essa serenidade, transmitiremos nossos problemas pessoais à própria máquina.

Eles ficam me olhando, pensativos.

— Esta é uma idéia não convencional, mas pode ser justifi-

cada pela razão convencional. O objeto material em questão, seja uma bicicleta ou uma churrasqueira, não é certo nem errado. Moléculas são moléculas. Não seguem códigos de ética, a não ser os que lhes são dados pelos homens. O teste da máquina consiste na satisfação que ela nos proporciona. Não há outro. Se a máquina produz tranqüilidade, ela está certa. Se nos perturba, está errada, e será preciso mexer na máquina, ou no nosso modo de pensar. O teste da máquina é sempre a nossa cabeça. Não existe outro.

DeWeese intervém:

— E se a máquina estiver com defeito e eu estiver tranqüilo? Risos.

— Isso é uma contradição — respondo. — Se você não se importa mesmo, é porque você não sabe que a máquina está com defeito. Essa idéia jamais lhe ocorrerá. O simples ato de dizer que a máquina está com defeito já denota preocupação.

— O mais comum — prossigo — é nós nos sentirmos intranqüilos mesmo que ela funcione bem, e creio que é esse o caso. Sendo assim, se a gente está preocupada, é porque a máquina não está boa. Isso significa que ainda não foi perfeitamente examinada. Em qualquer altura da produção, uma máquina que não foi revisada é um produto inferior e não pode ser usada nem que esteja em perfeito estado. A sua preocupação com a churrasqueira quer dizer a mesma coisa. Você não conseguiu a paz de espírito que procurava porque achou este folheto muito complicado, e não entendeu bem as instruções.

— Bom, então que modificações devem ser feitas no folheto para que eu alcance essa paz de espírito?

— Para isso são necessários mais detalhes, que não existem aqui. É muito profundo. As instruções da churrasqueira começam e terminam falando da máquina. Mas o tipo de abordagem a que me refiro não é tão limitado. O que nos enerva nessa espécie de instruções é que elas pressupõem que só existe uma maneira de montar a churrasqueira: a deles. E isso anula toda a criatividade. Na verdade, há centenas de modos de se montar uma churrasqueira, e quando eles fazem a gente seguir apenas um, sem mostrar o problema por inteiro, torna-se difícil seguir as instruções sem erro. Perde-se o gosto pelo trabalho. Além disso, é bem provável que o modo deles não seja o melhor.

— Mas as instruções vieram da fábrica — diz John.

— Eu sou da fábrica também — respondo — e sei como essas instruções são feitas. A gente sai pela linha de montagem com um

gravador na mão e o capataz manda falar com o cara que está menos ocupado, o sujeito mais imbecil da turma, e o que ele disser são as instruções. Outro sujeito teria dito coisa muito diferente, e talvez melhor, mas agora os outros estão muito ocupados.

Todos parecem surpresos.

— Eu sabia! — diz DeWeese.

— É a regra — prossigo. — Nenhum redator pode lhe fazer frente. A tecnologia pressupõe que só existe uma maneira correta de fazer as coisas. Assim, é natural que as instruções comecem e terminem na churrasqueira. Mas se a gente puder escolher entre um número infinito de maneiras de montá-la, a relação entre nós e a máquina, e a relação entre nós, a máquina e o resto do mundo precisa ser levada em consideração, porque a escolha de uma dentre muitas opções, a arte do trabalho, depende tanto da nossa cabeça e espírito quanto do material da máquina. Eis por que a paz de espírito é necessária.

— Na verdade, a idéia não é tão estranha assim — continuo. — É só olhar para um aprendiz ou para um mau artesão, e depois comparar a expressão deles com a de um artesão cujo trabalho você sabe que é excelente, que se percebe a diferença. O artesão nunca segue uma única linha de instruções. Enquanto trabalha, vai tomando suas decisões. Por isso, ficará concentrado e atento ao que está fazendo, mesmo que não esteja deliberadamente resolvido a fazê-lo. Seus movimentos estão em harmonia com os da máquina. Ele não está seguindo nenhum conjunto de instruções escritas, porque a própria natureza do material com que está lidando determina os pensamentos e ações, que, dialeticamente, transformam o material trabalhado. O material e seus pensamentos estão numa transformação conjunta e contínua, que só cessará quando ele estiver tranqüilo, e o trabalho, terminado.

— Parece até arte — comenta o professor.

— Bom, isso é arte — respondo. — O divórcio entre arte e tecnologia não é uma coisa natural. Mas ocorreu há tanto tempo que, para encontrar suas origens é preciso ser um pouco arqueólogo. A montagem de churrasqueiras é, no fundo, um ramo perdido da escultura, tão separado de suas raízes por séculos de equívocos lógicos, que a simples associação entre ambos nos soa ridícula.

Eles não parecem estar convencidos de que eu esteja falando sério.

— Você quer dizer então — intervém DeWeese — que enquanto eu estava montando a churrasqueira, na verdade fazia uma escul-

tura?

— Exatamente.

Ele reflete um pouco, sorrindo cada vez mais.

— Puxa, se eu soubesse... — completa, e todos começam a rir.

Chris reclama que não entendeu o que eu disse.

— Tudo bem, Chris. A gente também não — diz Jack Barsness. Mais risos.

— Eu fico só com a escultura normal — diz o escultor.

— E eu fico com a pintura — declara DeWeese.

— E eu com a minha bateria — acrescenta John.

Chris pergunta:

— E você, com o que é que fica, pai?

— Com meus revólveres, rapaz, meus revólveres — respondo eu. — Essa é a lei do Oeste!

Estouram gargalhadas, e todos parecem ter esquecido aquele meu discurso. Quando a gente está com uma chautauqua na cabeça, não consegue deixar de impô-la a pobres vítimas inocentes.

As pessoas formam rodinhas, e eu passo o resto da festa conversando com Jack e Wylla sobre os progressos do departamento de inglês.

Mas depois da reunião, quando os Sutherlands e Chris já se recolheram, DeWeese relembra o meu discurso.

— Interessante, aquilo que você falou sobre as instruções da churrasqueira — observa ele, sério.

— Parece que você já vem pensando nisso há muito tempo — acrescenta Gennie, num tom também sério.

— Eu venho pensando sobre os conceitos subjacentes a esse assunto há vinte anos.

Atrás da poltrona em frente, as fagulhas sobem pela chaminé, sugadas pelo vento, que agora está mais forte do que antes. Continuo falando, mais para mim mesmo:

— A gente olha para onde está indo, depois para onde está, e as coisas nunca fazem sentido, mas quando se olha para trás, para o caminho que percorreu, tudo começa a se encaixar. Se fizermos uma projeção dessa configuração, às vezes aparecem coisas novas. Todo esse discurso sobre tecnologia e arte faz parte de uma configuração que parece ter origens na minha própria vida. Representa uma transcendência de algo que eu creio que muitas pessoas podem estar tentando transcender.

— E o que é?

— Bom, o problema não se limita à relação entre arte e tecnologia. É uma espécie de incompatibilidade entre razão e sentimento. O problema é que a tecnologia não se relaciona de modo concreto com os assuntos do coração e do espírito. E por isso faz coisas feias e cegas sem querer, e fica com má fama. Antes, as pessoas não ligavam muito para isso, porque se preocupavam mais com a comida, o vestuário e o abrigo para todos, matérias que a tecnologia nos proporcionou. Mas agora que isso está assegurado, a feiúra vem sendo cada vez mais percebida, e as pessoas estão se perguntando por que têm de ficar passando por todo esse sofrimento espiritual e estético para satisfazer necessidades materiais. Ultimamente, esse questionamento assumiu as proporções de uma crise nacional — campanhas ecológicas, comunas e estilos de vida natural, e assim por diante.

DeWeese e Gennie já sabem disso há tanto tempo que se dispensam comentar, e eu continuo.

— O que deduzo a partir de minhas experiências de vida é que a crise tem origem na incompatibilidade entre a situação e as formas de pensar atuais. Ela não pode ser resolvida em termos racionais, porque a fonte do problema está na própria racionalidade. Os que buscam as soluções estão agindo a nível pessoal, abandonando totalmente a racionalidade "careta" e deixando-se guiar pelos sentimentos. Como os meus amigos, o John e a Sylvia. E milhões de outros. E mesmo assim essa solução não parece ser a mais adequada. Portanto, creio que o que estou tentando dizer é que o problema não vai se resolver pelo abandono da racionalidade, mas pela expansão da natureza da racionalidade, para que ela possa apresentar alguma solução.

— Acho que não estou entendendo — diz Gennie.

— Bom, é uma operação auxiliar. Parece-se com o tipo de impasse a que chegou Isaac Newton, ao tentar resolver problemas de velocidades instantâneas de mudança. Na época dele não fazia sentido conceber transformações que ocorressem em tempo zero. No entanto, em matemática, é quase imprescindível trabalhar com outros valores nulos, tais como os pontos no espaço e no tempo, que ninguém considerava sem sentido, embora não houvesse diferença básica entre tais conceitos e os de Newton. Assim, para resolver a questão, Newton disse: "Muito bem, então vamos pressupor que a mudança instantânea existe, e tentar encontrar meios de determinar a sua natureza na prática." Como resultado, surgiu o ramo da matemática denominado cálculo, usado hoje por qualquer

engenheiro. Newton criou um novo tipo de raciocínio. Ele aumentou o campo de ação do raciocínio, para que pudesse lidar com transformações infinitesimais, e creio que agora é preciso expandi-lo mais para que consiga lidar com a feiúra da tecnologia. O problema é que esse alargamento tem que ser feito nas raízes, não nos ramos, e é por isso que é difícil compreender essa necessidade.

— Estamos vivendo uma época ingrata, e para mim essa confusão é causada pela obsolescência das formas tradicionais de pensamento, que não conseguem abranger as novas experiências. Já ouvi falar que a verdadeira aprendizagem começa com os impasses, onde, ao invés de simplesmente aumentar os ramos, é preciso parar e desviar-se lateralmente até descobrir algo que nos permita expandir as raízes do que já se conhece. Todo mundo sabe disso. Penso que acontece a mesma coisa com civilizações inteiras quando é necessário aumentar as bases.

— Ao estudarmos os últimos três mil anos, percebemos, um pouco tarde demais, nítidos padrões e cadeias de causa e efeito que constituíram a situação atual. Mas se recorrermos às fontes, à literatura de qualquer época específica, descobriremos que tais causas nunca se evidenciaram na época em que agiam. Durante os períodos de expansão das raízes, as coisas sempre pareceram tão confusas, bagunçadas e sem sentido como agora. A Renascença inteira surgiu da confusão causada pelo descobrimento do Novo Mundo, realizado por Cristóvão Colombo. Aquilo apenas acordou as pessoas. A concepção da época, de que a terra era chata, baseada no Velho e Novo Testamentos, jamais previra uma coisa daquelas. E, no entanto, as pessoas não podiam negar aquilo! O único jeito de assimilar a idéia foi abandonar por completo a perspectiva medieval e começar uma nova expansão do raciocínio.

— Colombo transformou-se num estereótipo didático tão forte que é quase impossível imaginá-lo como ser humano vivo. Mas se nos esforçarmos por não deixar que nossos conhecimentos atuais sobre as conseqüências da viagem de Colombo nos influenciem, e nos colocarmos no lugar dele, talvez possamos começar a perceber que a exploração da Lua deve parecer uma reunião de comadres, comparada ao que ele empreendeu. A exploração da Lua não implica em qualquer alargamento das raízes do pensamento. Não há razões para duvidar de que as formas existentes de pensamento são adequadas para lidar com esses avanços. Na verdade, elas são uma ramificação do que Colombo fez. Uma exploração completamente nova, que estaria para nós como as descobertas de Colombo

para o seu século, teria que seguir uma direção completamente inusitada.

— Por exemplo?

— Por exemplo, teria que adentrar os universos ultra-racionais. Acho que a razão moderna é semelhante àquela concepção medieval da terra chata. Se a gente se arriscar muito além das fronteiras, corre o perigo de cair no abismo da loucura. E as pessoas morrem de medo disso. Acho que o medo da loucura é comparável ao medo que as pessoas sentiam de despencar de cima da terra. Ou ao medo dos hereges. Há uma analogia patente entre essas duas coisas.

— Acontece que a cada ano que passa a nossa velha terra chata da razão convencional se torna mais inadequada para lidar com nossas experiências, e isso está gerando um estado de grande confusão. Em conseqüência, cada vez mais pessoas ingressam em áreas irracionais do pensamento — ocultismo, misticismo, experiências com drogas e coisas semelhantes — porque sentem que a razão clássica já não sabe lidar com fatos que elas sabem ser reais.

— O que, exatamente, você entende por razão clássica?

— É a razão analítica, a razão dialética. Razão que, às vezes, na universidade, é considerada o único meio possível de compreensão. Na verdade, você nunca teve que entendê-la. Ela sempre foi inteiramente falha em relação à arte abstrata. A arte não representativa é uma das experiências radicais de que eu estou falando. Alguns a condenam, porque ela não faz "sentido". Mas o que está realmente errado não é a arte, é o "sentido", o "sentido" clássico, que não pode captar a arte abstrata. As pessoas ficam procurando expansões da lógica que abranjam as conquistas artísticas mais recentes, mas as respostas não se encontram nesses prolongamentos, e sim nas raízes.

Uma ventania furiosa sopra agora, vindo do alto da montanha.

— Os próprios gregos antigos — prossigo eu — , os inventores da razão clássica, não a usavam para prever o futuro. Faziam as previsões de acordo com o barulho do vento. Agora isso parece loucura. Mas como poderiam ser loucos os inventores da razão?

DeWeese aperta os olhos.

— Como é que eles previam o futuro pelo vento?

— Não sei, talvez do mesmo modo pelo qual um pintor prevê o futuro de uma pintura ao olhar para a tela. E todo o nosso sistema de conhecimento deriva daquilo que eles conseguiram. Ainda esta-

mos para entender os métodos que produziram tais resultados.

Reflito por alguns instantes, e depois pergunto:

— Da última vez que estive aqui, falei muito sobre a Igreja da Razão?

— É, você falou muito sobre isso.

— Eu já lhe falei de um sujeito chamado Fedro?

— Não.

— Quem era? — pergunta Gennie:

— Um grego antigo... Um retórico... Um "professor de redação" da sua época. Era um dos que estavam presentes quando a razão foi inventada.

— Acho que você nunca nos falou sobre isso.

— É que nunca foi necessário. Os retóricos da Grécia antiga foram os primeiros professores na história do mundo ocidental. Platão os condenou, em sua obra, a papéis que interessavam a ele, e uma vez que deles só conhecemos o que Platão nos transmite, eles são especiais, porque foram condenados pela história sem terem podido defender-se. A Igreja da Razão, da qual lhes falei, foi fundada sobre os túmulos desses retóricos, e hoje em dia são esses túmulos que a sustentam. Quando escavamos seus alicerces, encontramos apenas fantasmas.

Olhando para o relógio de pulso, vejo que são mais de duas horas da manhã.

— É uma história bem comprida — comento.

— Você devia escrever essas coisas — diz Gennie.

Concordo com um gesto de cabeça.

— Estou pensando em escrever uma série de palestras — uma espécie de chautauqua. Estive tentando compô-las na minha cabeça enquanto viajávamos... Provavelmente é por isso que pareço estar tão preparado para falar sobre o assunto: É tanta coisa, tudo tão difícil quanto viajar a pé através destas montanhas.

— O problema — prossigo — é que as palestras sempre parecem transmitir verdades definitivas, e as coisas não são sempre assim. As pessoas deviam entender que elas não passam de discursos isolados, localizados no tempo e no espaço, e inseridos num determinado conjunto de circunstâncias. São apenas isso, nada mais. Mas não se pode dizê-lo numa palestra.

— De qualquer maneira, você devia escrever tudo — diz Gennie. — Sem perfeccionismos.

— Acho que sim — concordo eu.

— Isso tem alguma coisa a ver com o trabalho que você vinha

desenvolvendo sobre a “Qualidade”?

— Está diretamente relacionado a ele — respondo.

Então me lembro de algo e olho para DeWeese.

— Não foi você que me aconselhou a esquecer esse assunto?

— Eu disse que ninguém havia conseguido realizar o que você estava pretendendo.

— Você acha que é possível?

— Não sei. Quem sabe? — Ele está mesmo interessado. — A maioria das pessoas mostra-se atualmente mais receptiva. Sobretudo as mais moças. Elas estão realmente prestando atenção, não apenas a você, mas em você. Em você. É muito diferente.

O vento que desce dos campos de neve das montanhas uiva durante muito tempo ao redor da casa. O som fica cada vez mais alto e mais agudo, como se o vento quisesse arrancar a casa dos alicerces e reduzir-nos a pó, deixando o desfiladeiro como era antes; mas a casa agüenta firme e o vento diminui novamente, derrotado. Depois retorna, simulando soprar fracamente contra a parede mais afastada, e a seguir castiga violentamente as paredes próximas.

— Costumo ficar ouvindo o vento — digo, acrescentando em seguida: — Acho que quando os Sutherlands forem embora, eu e Chris vamos escalar as montanhas até chegarmos ao local de onde esse vento vem. Creio que está na hora do Chris ter uma visão panorâmica desta região.

— Vocês podem começar a subir daqui — sugere DeWeese — e seguir em direção ao desfiladeiro. Há um trecho de 120 quilômetros sem estradas.

— Então é de onde vamos começar — decido.

No meu quarto, no andar de cima, fico satisfeito ao ver aquele acolchoado grosso outra vez. Agora está bem frio, vou precisar dele. Dispo-me rapidamente e me enfio debaixo do acolchoado, lá no fundo, até encontrar um lugar bem quentinho, e reflito durante muito tempo sobre os campos de neve, os ventos e Cristóvão Colombo.

Gennie DeWeese

Capítulo 15

John, Sylvia, Chris e eu passamos dois dias vagabundeando, conversando e passeando numa velha cidade mineira. Agora, John e Sylvia têm que voltar para casa. Estamos passando pelo desfiladeiro, na direção de Bozeman, juntos pela última vez.

Lá da frente, Sylvia lança um terceiro olhar para trás, naturalmente para ver se estamos bem. Ela passou os dois últimos dias muito calada. Ontem captei no seu olhar um quê de apreensão, quase de medo. Ela se preocupa muito comigo e com o Chris.

Tomamos uma última rodada de cerveja num bar de Bozeman, e eu converso com John sobre os melhores caminhos de volta. Depois dizemos as coisas de costume, como "a viagem foi boa", "logo a gente se vê", e de repente fica muito triste ter de falar assim — como se fôssemos simples conhecidos.

Na rua, Sylvia volta-se para mim e para Chris, faz uma pausa, e depois fala:

— Vocês vão ficar bem. Não precisam se preocupar.

— Claro — respondo. Percebo de novo o olhar aflito.

John já ligou a moto, e está esperando por ela.

— Eu acredito em você — acrescento.

Voltando-se, ela monta na motocicleta e fica esperando com John uma oportunidade de entrar na corrente de tráfego.

— Até logo! — grito eu.

Ela nos olha novamente, desta vez sem qualquer expressão. John finalmente entra na pista e Sylvia acena para nós, como nos filmes. A moto desaparece logo, no meio do tráfego pesado de veículos que vão sair do estado. Eu fico ali observando o movimento durante muito tempo.

Então, eu e Chris nos entreolhamos. Ele permanece em silêncio.

Passamos a manhã sentados primeiro num banco de parque,

onde se lê “Reservado para pessoas idosas”, depois almoçamos, e a seguir fomos a um posto de gasolina para trocar o pneu e substituir o tensor da correia. O elo precisa ser ajustado à máquina, e nós damos uma volta enquanto esperamos, afastando-nos da rua principal. Chegamos a uma igreja e sentamo-nos no gramado à sua frente. Chris deita-se na grama e cobre os olhos com o blusão.

— Está cansado? — pergunto.

— Não.

Na direção da crista da serra sobem ondas de calor, fazendo as imagens tremelicarem. Um inseto de asas transparentes, fugindo do calor, pousa num talo de grama ao lado do pé de Chris. Observo-o enquanto ele dobra as asas, sentindo-me cada vez mais sonolento. Deito-me para tirar uma soneca, mas não consigo. Em vez do sono, sobrevém uma inquietação. Eu me levanto.

— Vamos dar uma volta — chamo.

— Onde?

— Para os lados da escola.

— Tá bom.

Caminhamos sob árvores frondosas por calçadas bem cuidadas, passando em frente a casas elegantes. As alamedas me trazem muitas lembranças surpreendentes. Tudo me traz recordações. Ele caminhou muitas vezes por aqui. Aulas. Preparava-as à moda peripatética, usando estas ruas como sua Academia.

A matéria que ele viera ensinar era Retórica, composição, o ABC. Devia dar alguns cursos avançados de redação técnica, e tinha algumas turmas de inglês para calouros.

— Você se lembra desta rua? — pergunto a Chris. Olhando ao redor, ele responde:

— A gente costumava passar por aqui de carro, procurando você.

Ele aponta para o outro lado da rua.

— Eu me lembro daquela casa de telhado engraçado... Quem visse você primeiro, ganhava cinco centavos. E aí a gente parava e botava você no banco de trás do carro, e você nem falava com a gente.

— É que naquela época eu tinha que raciocinar um bocado.

— Foi o que a mamãe disse.

Ele estava de fato pensando demais. A pesada carga horária prejudicava-o muito, mas o pior era que ele, daquele seu jeito analítico e exato, compreendia que a matéria que ensinava sem dúvida

pertencia à área mais indefinida, antianalítica e amorfa de toda a Igreja da Razão. Era por isso que pensava tanto. Para uma cabeça assim metódica e acostumada ao trabalho de laboratório, a retórica é um caso perdido, um mar dos Sargaços, um pântano de lógica estagnada.

Na maioria dos cursos de redação oferecidos no primeiro ano da faculdade, espera-se que se leiam artigos ou contos, que se debata como o escritor fez determinadas coisinhas para obter certos efeitozinhos, e, depois, que os alunos escrevam um artigo ou conto parecido, para ver se conseguem fazer aquelas mesmas coisinhas. Ele experimentou isso milhares de vezes, mas nunca obteve resultados satisfatórios. Os alunos raramente conseguiam, com essa imitação proposital, produzir algo que sequer lembrasse os modelos que lhes haviam sido apresentados. Aliás, as composições chegavam até a piorar. Toda regra que ele tentava descobrir e apreender honestamente, junto com os alunos, parecia estar tão cheia de exceções, contradições, restrições e confusões, que ele se arrependia até de tê-la descoberto.

Sempre havia um aluno para perguntar como a regra se aplicaria em determinadas circunstâncias. Fedro então podia escolher entre tentar embromá-lo com uma explicação qualquer, ou ser humilde e dizer o que realmente pensava. E o que ele realmente pensava era que a regra era descoberta no texto depois do texto pronto. Era uma regra post hoc, posterior ao fato, ao invés de pré-factual. E foi aí que ele se convenceu de que todos os escritores que os alunos eram estimulados a imitar escreviam sem a ajuda de regras, colocando no papel o que lhes parecesse correto; depois é que voltavam para ver se aquilo ainda lhes parecia bom, e corrigiam o que não agradava. Alguns aparentemente escreviam baseados em normas, porque o texto dava essa impressão. Tinham um certo caldo, como já dizia Gertrude Stein, mas que não derramava. Como é que se vai ensinar algo que não é premeditado? Parecia impossível. Fedro passou a ler os textos, a comentá-los de maneira informal, esperando que os alunos aproveitassem o curso com esse método. Mas continuou insatisfeito.

Lá está ela. Fico nervoso, com um aperto no estômago, enquanto nos aproximamos.

— Você se lembra deste prédio?

— Era aqui que você dava aula. Por que é que a gente está vindo para cá?

— Não sei... Eu só queria revê-lo.

Não parece haver muitas pessoas por aqui. É natural. Estamos nas férias de verão. Enormes e estranhos frontões elevam-se acima das paredes de tijolos marrom-escuros. É um prédio muito bonito. O único que realmente merece estar aqui. Uma velha escadaria de pedra leva à porta de entrada, degraus gastos pelos milhares de pés que já os pisaram.

— Por que a gente vai entrar?

— Psiu. Fique quieto, agora.

Empurro a grande e pesada porta, e entro. Lá dentro há mais escadas gastas, de madeira. Elas rangem sob o nosso peso, e têm um cheiro de algo que vem sendo varrido e encerado há um século. No meio do caminho, paro para escutar. Não se ouve um único som.

— Por que é que a gente veio aqui? — murmura Chris.

Balanço a cabeça, em desaprovação. Ouço um carro passar lá fora.

— Eu não gosto daqui. Dá medo — sussurra Chris.

— Então saia — sugiro eu.

— Só se você sair também.

— Depois eu vou.

— Não, vem agora. — Ele me olha e vê que eu vou ficar. Está com uma cara tão assustada que quase mudo de idéia, mas de repente ele muda de expressão, volta-se e desce as escadas correndo, fugindo para fora antes que eu possa alcançá-lo.

A grande e pesada porta fecha-se lá embaixo e fico completamente sozinho. Procuro ouvir algum som... Da voz de quem?... Da dele?... Fico escutando por muito tempo...

As tábuas do soalho produzem um rangido lúgubre enquanto ando pelo corredor, acompanhadas por um pensamento também lúgubre, de que é o próprio Fedro. Aqui a realidade é ele; eu é que sou o fantasma. Vejo a mão dele pousar por um momento sobre uma das maçanetas da porta de uma sala, depois torcer a maçaneta devagar. A porta se abre.

A sala está aguardando, exatamente igual ao que era, como se o próprio Fedro estivesse aqui. Ele está aqui. Está consciente de tudo o que vejo. Tudo salta, vibrando de recordações.

Os longos quadros verde-escuros, colocados em paredes opostas, estão descascados, precisando de conserto, exatamente como antes. O giz, nunca em pedaços maiores do que tocos, ainda está aqui na canaleta. Na parede contígua à do quadro ficam as janelas, pelas quais se vêem as montanhas que ele contemplava,

perdido em reflexões, nos dias de aula prática, enquanto os alunos escreviam. Ele se sentava ao lado do aquecedor com um toco de giz na mão e ficava parado, olhando as montanhas, interrompido apenas por alunos que perguntavam: "A gente tem que...?" Aí ele se voltava, respondia à pergunta e sentia uma harmonia que jamais sentira antes. Naquele lugar, ele era aceito — tal como era. Um lugar inteiramente receptivo — todos o ouviam. Ele se entregava àquilo de corpo e alma. Não era uma sala só, eram milhares de salas, transformando-se diariamente, junto com as tempestades, nevascas, formatos das nuvens sobre a serra, junto com cada aula, e até com cada aluno. Não havia duas horas iguais, e ele nunca sabia o que podia acontecer na hora seguinte...

Já perdi a noção do tempo, e agora ouço no saguão um ranger de passos, que vai ficando cada vez mais alto, até parar atrás da porta da sala. A maçaneta gira. A porta se abre, e surge uma mulher.

A expressão do rosto dela é agressiva, como se ela pretendesse surpreender alguém em flagrante. Deve estar perto dos trinta e não é muito bonita.

— Eu pensei que tinha visto alguém entrar — diz ela. — Eu pensei...

Parece perplexa.

Entrando na sala, aproxima-se de mim. Depois de me olhar mais de perto, perde a expressão zangada e fica espantada, atônita.

— Meu Deus! É o senhor mesmo!

Não consigo reconhecê-la. Não me recordo de nada. Ela me chama pelo nome, e eu confirmo com a cabeça, sou eu mesmo.

— O senhor voltou.

Abano a cabeça.

— Só por uns minutos.

Ela continua me olhando, até que começo a me sentir constrangido. Dando-se conta disso, finalmente pergunta:

— Posso sentar aqui um pouco ? — O jeito tímido com que ela faz esse pedido indica que provavelmente foi aluna dele.

Ela senta-se numa das carteiras da primeira fila. Sua mão, sem aliança, está tremendo. Eu realmente sou um fantasma. Agora é ela quem está embaraçada.

— Quanto tempo vai ficar aqui? Não, eu já perguntei isso...

— Vou ficar uns dias com Bob DeWeese e depois sigo para o Oeste. Tive de passar algum tempo na cidade e resolvi dar uma

olhada na faculdade.

— Ah... Ainda bem que o senhor veio... Mudou tudo... Todos nós mudamos... tanto, desde que o senhor foi embora...

Outra pausa embaraçosa.

— Nós soubemos que o senhor fora internado.

— Fui.

Outra pausa constrangedora. Ela não insiste no assunto, sinal de que provavelmente sabe por que fui internado. Hesita um pouco mais, procurando algo para dizer. Isto está ficando difícil de suportar.

— Onde o senhor está lecionando?

— Não leciono mais. Eu parei.

Ela não consegue acreditar.

— Parou? — Franzindo a testa, olha-me novamente, como se quisesse confirmar que está falando com a pessoa certa. — O senhor não pode fazer isso!

— Posso, sim.

Ela sacode a cabeça, incrédula.

— O senhor, não!

— Sim.

— Mas, por quê?

— Foi uma fase que passou. Estou fazendo outro tipo de trabalho.

Fico imaginando quem será ela; pela expressão, está tão desconcertada quanto eu.

— Mas isso é... — ela se interrompe. Depois tenta de novo: — O senhor está completamente... — mas também não consegue completar a segunda frase.

A palavra que falta é "louco". Mas ela se conteve nas duas tentativas. Percebendo algo, morde os lábios e assume uma expressão mortificada. Eu gostaria de dizer alguma coisa, mas não sei por onde começar.

Quando estou a ponto de dizer-lhe que não a conheço, ela se levanta e diz:

— Preciso ir andando.

Acho que ela notou que não me lembro dela.

Vai até a porta, despede-se de maneira rápida e indiferente, e enquanto a porta se fecha seus passos se afastam rapidamente, quase correndo saguão abaixo.

A porta de entrada do edifício se fecha e a sala fica silenciosa como antes; a única diferença é uma espécie de redemoinho psí-

quico que ela deixou atrás de si, e que transformou inteiramente a sala. Agora, ela só contém os ecos da presença da moça; o que eu vim ver aqui desapareceu.

Bom, penso eu, levantando-me, foi ótimo ter visitado esta sala, mas acho que não quero mais vê-la. É melhor consertar motocicletas, e há uma lá fora esperando por mim.

Na saída, abro outra porta, movido por um impulso, e na parede da sala vejo algo que me faz correr um arrepio pela espinha.

É um quadro. Não me recordo dele, mas agora sei que foi ele quem o comprou e o pendurou aqui. E de repente descubro que não é uma pintura, é a reprodução de uma pintura, que ele mandou buscar em Nova Iorque e da qual DeWeese não gostou, porque era uma reprodução, e as reproduções só copiam a arte, não são artísticas, distinção que Fedro não reconhecia na época. Mas a reprodução, do quadro de Feininger "Igreja das Minorias", atraía-o de uma maneira independente da arte com que o tema, uma espécie de catedral gótica, criada a partir de linhas, planos, cores e tons semi-abstratos, parecia refletir a idéia que ele fazia da Igreja da Razão; foi por isso que ele a pendurou aqui. Agora me lembro de tudo. Esta era a sala dele. Que descoberta! Era esta sala que eu estava procurando!

Ao entrar, começa a cair sobre mim uma avalancha de lembranças, desencadeada pelo choque de ter visto a reprodução. A luz que bate sobre o quadro vem de uma mísera e apertada janelinha, na parede contígua, pela qual ele contemplava o vale e o maciço de Madison, e observava a chegada das tempestades. Foi enquanto olhava para este vale que está diante de mim... que começou tudo aquilo, aquela loucura, exatamente aqui! Neste mesmo lugar!

E aquela é a porta que dá para a sala de Sarah. Sarah! Agora estou me lembrando! Ela passava apressada, com o regador na mão, entre aquelas duas portas, vindo do corredor para sua sala, e dizia: "Espero que você esteja ensinando Qualidade aos seus alunos." Dizia isso numa voz afetada e monótona, de veterana que está para se aposentar e que agora ia regar suas plantas. Foi aí que tudo começou. Foi esse o cristal semeado.

Cristal semeado. Agora me ocorre uma forte lembrança. O laboratório. Química orgânica. Ele estava trabalhando com uma solução extremamente supersaturada, quando aconteceu uma coisa parecida.

Solução supersaturada é aquela que ultrapassou o ponto de saturação, no qual não ocorre mais dissolução do soluto. Isso pode

acontecer devido à propriedade segundo a qual o ponto de saturação se eleva com o aumento da temperatura. Às vezes, ao dissolver-se a substância em alta temperatura, esfriando-a posteriormente não ocorre a cristalização, porque as moléculas não têm uma base onde comecem a se agrupar. Torna-se necessária uma espécie de estopim, um cristal inicial, um grão de poeira, ou até um súbito arranhão ou pancadinha no frasco que contém a solução.

Ele foi até a torneira para esfriar a solução, mas antes de chegar viu surgir diante de seus olhos uma rede de cristalização que depois cresceu rapidamente para todos os lados até preencher o frasco inteiro. Ele viu a rede crescer. Onde antes havia apenas um líquido transparente, agora existia uma massa tão sólida que ele podia até virar o frasco de boca para baixo sem que nada caísse.

Foi só ouvir aquela simples frase: "Espero que você esteja ensinando Qualidade aos seus alunos", que em questão de alguns meses uma enorme, intrincada, e altamente organizada rede de pensamento se cristalizou, como num passe de mágica.

Eu não sei o que ele respondeu ao ouvir aquela frase. Provavelmente nada. Ela passava por trás da cadeira dele várias vezes por dia, entrando e saindo da sua sala. As vezes, parava para pedir desculpas pela interrupção, às vezes para contar alguma novidade, e ele até já se acostumara a essas coisas, que se haviam tornado parte da rotina do trabalho. Eu sei que ela passou outra vez por ali e perguntou: "Você está mesmo ensinando Qualidade este semestre?" e ele, com um aceno de cabeça, voltou-se por um momento e respondeu: "Sem dúvida!", e aí ela foi embora. Ele estava preparando uma aula naquela hora, e atravessava um estado de profunda depressão.

O problema era que o texto que usava era um dos mais racionais que existiam sobre técnica de redação, mas ele não estava satisfeito. Além disso, mantinha contato com os autores, que pertenciam ao departamento. Embora lhes tivesse feito perguntas, tivesse ouvido explicações, discutido e concordado com eles de modo racional, ainda não estava satisfeito.

O texto partia do pressuposto de que, para ser ensinada a nível universitário, a técnica de redação precisava ser concebida como um ramo da lógica, não como uma arte mística. Colocava ênfase no domínio dos fundamentos racionais da comunicação, com o objetivo de compreender a redação de textos. Forneciam-se noções básicas de lógica, recorria-se à teoria básica do behaviorismo, e, a partir disso, desenvolvia-se o estudo da composição de textos.

No primeiro ano, Fedro tivera de contentar-se com esse esquema. Sentia que havia algo de errado com ele, mas que o erro não estava em aplicar a lógica à retórica. O erro estava no velho fantasma dos seus sonhos: na própria racionalidade. Para ele, o problema era o mesmo que o vinha perturbando há tantos anos, sem que houvesse até então encontrado resposta. Ele simplesmente sentia que nenhum escritor jamais aprendera a escrever seguindo aquele método quadrado, calculista, objetivo e sistemático. No entanto, aquela era a única lógica disponível, e sair fora dela significaria agir de forma irracional. Como naquela Igreja da Razão a única regra que ele tinha obrigação de cumprir era a de ser lógico, não havia remédio senão deixar as coisas como estavam.

Alguns dias depois, quando passava novamente, Sarah parou e cumprimentou-o:

— Estou gostando de ver que você está ensinando Qualidade aos seus alunos este semestre! Hoje em dia, quase ninguém mais faz isso.

— Bom, eu estou fazendo — respondeu ele. — Não há dúvida que não abro mão disso.

— Ótimo! — respondeu ela, e foi saindo.

Ele voltou às suas anotações, mas logo seus pensamentos foram interrompidos pela lembrança daquela observação curiosa. De que raio de coisa, afinal, ela estava falando? Qualidade? Claro que ele estava ensinando Qualidade. Quem é que não ensina? E prosseguiu com as anotações.

Outro aspecto que o angustiava era a retórica normativa, já ultrapassada para todos os efeitos, mas que na verdade ainda era possível sentir. Aquela história de passar pito no aluno porque ele erra todas as referências, grafia correta, pontuação correta, gramática correta. Centenas de regras cheias de frescura, feitas para gente também fresca. É impossível lembrar essas bobagens todas e ao mesmo tempo concentrar-se no tema sobre o qual se está tentando escrever. Eram regras de etiqueta, que provinham não de um senso de bondade, decência, humanidade, mas de um desejo egoísta de aparentar fidalguia. As damas e os cavalheiros tinham boas maneiras à mesa, falavam e escreviam corretamente. Era isso que identificava as pessoas de classe alta.

Em Montana, porém, o efeito era completamente oposto. Quem agia assim era logo classificado como um nova-iorquino metido a besta. No departamento, dava-se muito pouca ênfase à retórica normativa, mas Fedro, assim como os outros professores,

ao justificar correções de fundo normativo, limitava-se a dizer que eram "exigências da faculdade".

Logo o fio do pensamento foi novamente interrompido. Qualidade? Havia naquela pergunta um quê de irritante, quase enraivecedor. Ele refletiu sobre o caso, tornou a refletir, depois olhou pela janela, depois pensou mais um pouquinho. Qualidade?

Quatro horas mais tarde, ainda estava lá, os pés apoiados no parapeito da janela, contemplando o céu escuro da noite. Tocou o telefone; era a esposa, querendo saber o que tinha acontecido. Respondeu que já estava indo, mas logo esqueceu disso e de tudo o mais. Foi só às três da manhã que ele, exausto, reconheceu que não havia encontrado pista nenhuma para definir Qualidade. Então, pegou sua pasta e foi para casa.

A maioria das pessoas teria esquecido o assunto naquele instante, ou o teria deixado em suspenso, porque não chegava a conclusão nenhuma, e tinha mais o que fazer. Mas ele estava tão desanimado com a sua incapacidade de ensinar aquilo em que acreditava, que nem se importou com o que quer que tivesse mais a fazer; e ao acordar, na manhã seguinte, deu de cara com a Qualidade outra vez. Dormira somente três horas, estava muito cansado e sabia que não seria capaz de dar aula expositiva naquele dia; além disso, nem tinha completado suas anotações. Pelo que escreveu no quadro: "Faça uma composição de 350 palavras respondendo à seguinte questão: O que significa qualidade no pensamento e na expressão?" Depois, sentou-se ao lado do aquecedor, enquanto os alunos trabalhavam, e ficou refletindo, ele também, sobre qualidade.

Ao fim da aula ninguém tinha terminado, e ele permitiu que levassem o trabalho para casa. A próxima aula só teria lugar dali a dois dias, o que lhe daria uma folga para pensar um pouco mais no assunto. Nesse espaço de tempo viu alguns dos alunos andando de uma sala para outra, no intervalo das aulas, cumprimentou-os com a cabeça, e eles retribuíram com olhares de raiva e de medo. Deduziu que estavam encontrando tanta dificuldade quanto ele.

Qualidade... a gente sabe o que é, e, ao mesmo tempo, não sabe. Isso é contraditório. Mas algumas coisas são melhores do que outras, ou seja, têm mais qualidade. Porém, se a gente tenta definir qualidade, isolando-a das coisas que a possuem, então puf! — já não há o que falar. Se, no entanto, não se pode definir Qualidade, como sabemos o que ela é, ou como sabemos que ela existe? Se ninguém sabe o que é, então, para todos os efeitos, não existe.

Mas acontece que, para todos os efeitos, ela existe. Senão, em que se basear iam as notas? Por que as pessoas pagariam fortunas por algumas coisas, jogando outras no lixo? Naturalmente, algumas coisas são melhores que outras... Mas o que é “ser melhor”? E aí a gente começa a dar voltas que não acabam mais, fazendo girar rodas mentais sem encontrar um ponto de apoio que nos possibilite a arrancada para a viagem. Que diabo é Qualidade? O que é?

TERCEIRA PARTE

Capítulo 16

Depois de uma boa noite de sono, Chris e eu enchemos as mochilas com o maior cuidado, e já estamos subindo pela encosta há uma hora. Aqui no fundo do desfiladeiro a floresta é formada quase que exclusivamente por pinheiros, com alguns choupos e arbustos de folhas largas. De vez em quando, a trilha leva a uma clareira forrada de relva e iluminada pelo sol, à beira do regato do desfiladeiro, mas em seguida penetra novamente na densa sombra dos pinhais. O chão da trilha está coberto de uma camada fofa e úmida de agulhas de pinheiro. O silêncio é completo.

Montanhas como esta, e histórias de viajantes que as escalam, encontram-se tanto na literatura Zen, como nos mitos das mais importantes religiões. A alegoria da montanha física, que representa a escalada espiritual que a alma deve empreender para alcançar seu objetivo é estabelecida de maneira fácil e natural. A maioria das pessoas, como aquelas que moram no vale lá embaixo, ficam contemplando as montanhas espirituais a vida inteira, mas nunca se resolvem a escalá-las, contentando-se em ouvir as peripécias que lhes contam os que lá estiveram; assim, evitam as agruras da subida. Outros viajam acompanhados por guias experientes, que conhecem as rotas mais propícias e menos perigosas para atingir o destino desejado. Poucas dessas pessoas logram êxito, mas às vezes, com força de vontade, sorte e motivação, algumas conseguem chegar ao cume e, uma vez lá, têm o privilégio de descobrir que não há um único caminho nem um número fixo de rotas. Existem tantos caminhos quantas são as almas.

Agora, quero falar sobre a maneira como Fedro explorou o significado do termo Qualidade, exploração que ele encarava como um caminho através das montanhas espirituais. Conforme pude descobrir, houve duas fases distintas.

Na primeira etapa, ele não tentou criar uma definição rígida e sistemática daquilo a que se referia. Foi uma fase divertida, gratificante e criativa, que durou a maior parte do tempo em que ele lecionou na Escola situada lá embaixo, no vale às nossas costas.

A segunda etapa surgiu em conseqüência de críticas intelectuais normais sobre a falta de definição daquilo a que ele se referia. Nesta etapa, ele construiu definições rígidas e sistemáticas de Qualidade, e elaborou uma enorme estrutura hierárquica de pensamento para defendê-las. Teve que, literalmente, mover céus e terras para chegar a esse grau de conhecimento sistemático, e, ao terminar, sentiu que havia criado, para a existência e a nossa consciência sobre ela, uma explicação melhor do que qualquer outra anteriormente apresentada.

Se fosse mesmo um novo caminho nas montanhas, este era, certamente, um caminho bastante necessário. Há mais de três séculos que as velhas trilhas conhecidas do Ocidente vêm sendo solapadas e quase destruídas pela erosão e pelas mudanças naturais nas formas da montanha, efetuadas pela verdade científica. Os primeiros alpinistas abriram veredas em chão firme, acessíveis o bastante para atraírem a todos, mas hoje os caminhos ocidentais estão quase todos interditados, devido à rigidez dogmática frente às transformações. A maioria das pessoas reagiria de maneira hostil se alguém pusesse em dúvida o significado literal das palavras de Moisés ou de Jesus Cristo, mas a verdade é que se Jesus ou Moisés aparecessem hoje, incógnitos, trazendo a mesma mensagem que transmitiram há milênios, seriam considerados débeis mentais. Não porque o que Jesus ou Moisés disseram fosse errado, ou a sociedade contemporânea esteja errada, mas simplesmente porque o caminho que eles escolheram para revelar aos outros perdeu a importância e o sentido. Não é razoável falar em “céu lá em cima”, quando a consciência da era espacial se pergunta: “Onde fica o lado de cima?” Contudo, se as velhas trilhas tendem, devido à rigidez da sua linguagem, a perder seu significado prático e a praticamente se fecharem, isso não quer dizer que a montanha deixou de existir. Ela existe, e existirá enquanto houver consciência.

A segunda etapa metafísica de Fedro foi um desastre completo. Antes que lhe aplicassem os eletrodos na cabeça, ele já havia perdido todos os bens materiais: dinheiro, propriedades, filhos, até mesmo os seus direitos de cidadão haviam sido cassados, por ordem judicial. Só restou aquele seu sonho maluco e solitário da Qualidade, o mapa de um caminho nas montanhas, pelo qual ha-

via sacrificado tudo. Depois que passou pelo tratamento de eletrochoques, porém, até isso perdeu.

Nem eu, nem ninguém, jamais saberá tudo que ele pensava naquele tempo; só restam fragmentos: destroços, anotações esparsas que, apesar de reunidas, deixam ainda enormes lacunas.

Ao encontrar os primeiros, fragmentos, eu me senti como um camponês perto dos subúrbios de Atenas, por exemplo, que, involuntariamente, e sem se admirar muito, encontra, ao arar o solo, pedras cobertas de estranhos caracteres. Eu sabia que aquilo fazia parte de uma antiga estrutura geral, mas estava muito além da minha compreensão. A princípio, procurei esquecer as anotações, nem ligava para elas, porque sabia que aquelas pedras haviam causado uma espécie de problema que eu devia evitar. Mas, mesmo assim, na época percebi que eles faziam parte de uma enorme estrutura de pensamento que, no fundo, fiquei curioso para conhecer.

Mais tarde, depois que adquiri mais confiança na minha imunidade aos sofrimentos dele, passei a interessar-me por esses destroços de uma maneira mais positiva, e pus-me a anotar as lembranças desordenadamente, sem me importar com a forma, à medida que elas me ocorriam. Muitos desses enunciados aleatórios foram fornecidos por amigos. Agora possuo milhares deles, e embora apenas uma pequena parte possa ser incluída nesta chautauqua, ela foi nitidamente baseada nesses fragmentos.

Provavelmente, isso está longe de ser o que Fedro pensava. Ao tentar recompor toda uma estrutura através da dedução baseada em fragmentos, fatalmente cometerei incoerências e erros, pelos quais devo me desculpar. Em muitos casos, os fragmentos são ambíguos, podendo-se chegar a várias conclusões diferentes. Se houver algo errado, é mais do que provável que o erro não esteja no pensamento de Fedro, mas na minha interpretação, sendo possível chegar-se, mais tarde, a uma recriação melhor.

Ouve-se o ruflar de asas de uma perdiz, que desaparece entre as árvores.

— Você viu? — pergunta Chris.

— Vi — respondo.

— O que era?

— Uma perdiz.

— Como é que você sabe?

— Elas se balançam, como essa, para trás e para a frente enquanto voam — respondo. Não tenho certeza, mas acho que é isso

mesmo. — Elas, além disso, voam baixo.

— Ah! — diz Chris; e continuamos a escalada. Os ramos dos pinheiros coam os raios de sol, originando um efeito semelhante ao da luz que penetra pelos vitrais de uma catedral.

Hoje quero falar sobre a primeira etapa da jornada de Fedro em direção à Qualidade, a etapa náo-metafísica, que será mais agradável. É bom começar as jornadas de forma agradável, mesmo sabendo que muitas vezes elas terminam de modo bem diferente. Usando as anotações de aula dele como referência, pretendo reconstituir a maneira pela qual o conceito de Qualidade influenciou suas aulas de retórica. A segunda etapa, a metafísica, foi frágil e especulativa, mas esta primeira, na qual ele simplesmente ensinava composição, foi, de acordo com as lembranças, sólida e pragmática, e provavelmente merece ser avaliada com base nos seus próprios méritos, independentemente da segunda fase.

Fedro fez um sem-número de experiências. Estava preocupado com os alunos que não tinham nada a dizer. Primeiro pensou que fosse pura preguiça, mas depois descobriu que não era. E que eles simplesmente não tinham a mínima idéia do que iam dizer.

Um desses alunos, uma garota de óculos de lentes grossas, queria escrever uma redação de quinhentas palavras sobre os Estados Unidos. Ele já se habituara ao mal-estar que sentia ao ouvir coisas como essa, e sugeriu, sem qualquer censura, que ela limitasse o assunto à cidade de Bozeman.

Mas ela não conseguiu entregar a redação na data prevista, e ficou muito perturbada. Apesar de ter feito inúmeras tentativas, simplesmente não descobrira nada que merecesse ser dito.

Ele já havia conversado sobre ela com os professores de quem ela fora aluna, e todos confirmaram a opinião que Fedro tinha a seu respeito. Muito compenetrada, respeitava a disciplina e se esforçava, mas era profundamente apática. Não tinha um pingo de criatividade. Os olhos que se viam através daquelas lentes grossas eram olhos de escravo. Ela não estava tentando embromar Fedro: realmente não conseguia imaginar coisa nenhuma para escrever, e perturbava-se com sua incapacidade de fazer os deveres.

Aquilo o desnorteou. Agora, ele é que não conseguia encontrar nada para dizer. Depois de uma pausa, sugeriu uma solução curiosa:

— Procure então limitar-se a descrever a rua principal de Bozeman. — Foi uma inspiração súbita.

Ela assentiu, obedientemente, e saiu. Mas pouco antes da próxima aula, voltou completamente desesperada, desfeita em lágrimas, num desespero que obviamente já ocultava há muito tempo. Não conseguira escrever uma única linha, e não entendia por que, se não conseguia escrever nada sobre a cidade de Bozeman, seria capaz de escrever algo sobre uma rua só. Ele ficou furioso.

— Você não está olhando para as coisas!

Lembrou-se, então, que fora expulso da universidade por ter coisas demais a dizer. Para cada fato há uma infinidade de hipóteses. Quanto mais se olha, mais se vê. Na verdade, ela não estava olhando para nada, e não conseguia entender isso.

Então ele ordenou-lhe, irritado:

— Limite-se a descrever a fachada de um edifício da rua principal de Bozeman. O Teatro Lírico. Comece a partir do primeiro tijolo à esquerda, de cima para baixo.

Os olhos dela se arregalaram por trás das grossas lentes.

Na aula seguinte, ela apareceu com uma expressão intrigada e entregou uma composição de cinco mil palavras sobre a fachada do Teatro Lírico, na rua principal de Bozeman, Montana.

— Sentei-me naquela lanchonete em frente ao Teatro Lírico e comecei a escrever sobre o primeiro tijolo, depois sobre o segundo, e lá pelo terceiro tijolo começaram a aparecer mil idéias, e eu não acabava mais de escrever. Pensaram que eu estava biruta, e começaram a me gozar. Mas está tudo aí. Eu não consigo entender como foi.

Nem ele conseguia, mas durante longos passeios pelas ruas da cidade, pensando sobre aquilo, concluiu que ela, com certeza, fora vítima do mesmo bloqueio que o havia paralisado no primeiro dia de magistério. Ela estava paralisada porque tentava repetir coisas que já escutara, exatamente como ele, que no primeiro dia de aula tentara repetir coisas que já tinha resolvido dizer. Ela não conseguia escrever sobre Bozeman porque não se lembrava de nenhum texto sobre o assunto que valesse a pena repetir. Por incrível que pareça, não percebia que podia ver as coisas de uma maneira diferente e sua, como havia escrito, sem se preocupar, acima de tudo, com o que já se dissera antes. A limitação do assunto a um tijolo só destruiu o bloqueio, porque agora era óbvio que ela tinha que fazer uma observação direta e original.

Ele continuou com as experiências. Numa determinada aula, fez cada aluno descrever, durante uma hora, a parte posterior do seu respectivo polegar. No começo da aula, todos lhe lançaram

olhares zombeteiros, mas cumpriram a tarefa, e ninguém se queixou de não ter nada para dizer.

Na outra aula, em vez do polegar, ele usou uma moeda. E todos escreveram durante uma hora sobre o assunto. O mesmo ocorreu em outras aulas. Alguns alunos perguntaram: "A gente tem de escrever sobre os dois lados?" Uma vez tendo tomado a decisão de ver diretamente por si próprios, eles perceberam que não havia limites para o que podiam escrever. Aquele exercício visava também fortalecer a autoconfiança, porque o que escreviam, embora parecesse comum, era, no entanto, algo que partia deles, não uma imitação de texto alheio. Nas aulas em que ele aplicou o exercício da moeda, os alunos ficaram menos recalcitrantes e mais interessados.

Depois dessas experiências, ele chegou à conclusão de que a imitação era um mal que precisava ser extirpado antes de ser iniciado o ensino da própria redação. A imitação parecia desenvolver-se a partir de estímulos externos. As crianças pequenas não imitam os outros. Ao que tudo indica, esse impulso surge mais tarde, provavelmente em conseqüência da própria educação escolar.

Isso parecia estar correto, e quanto mais ele refletia, mais correto lhe parecia. As escolas nos ensinam a imitar. Se a gente não imita o que o professor quer, ganha nota baixa. É claro que na faculdade o processo é mais sofisticado; é necessário imitar o professor de modo a convencê-lo de que não se está fazendo imitação, mas sim assimilando a essência dos conhecimentos transmitidos e aplicando-os na elaboração de pensamentos individuais. Assim, ganha-se o conceito A. A originalidade, por outro lado, pode garantir qualquer nota, desde A até F. O sistema de avaliação por notas impedia a espontaneidade dos alunos.

Ele conversou sobre essa idéia com um vizinho seu, professor de Psicologia, extremamente criativo, que lhe respondeu:

— É isso mesmo. Quando for eliminado todo esse sistema de avaliação por notas e conceitos, teremos uma educação genuína.

Fedro refletiu sobre essa resposta, e quando, semanas depois, uma das melhores alunas não conseguiu encontrar um tema para o trabalho final, ele lhe sugeriu a frase do psicólogo como tópico. A princípio, ela não gostou, mas, de qualquer maneira, resolveu aceitar a sugestão.

Dentro de uma semana ela já conversava com todo mundo sobre o assunto, e duas semanas depois havia elaborado um excelente trabalho. No entanto, a turma em que ela o apresentou não

tivera o mesmo prazo de duas semanas para pensar no assunto, e não gostou nada daquela idéia de eliminar as notas e os conceitos. Mas isso não a fez desanimar. Defendeu a idéia com o fervor dos santos de outrora.

Implorou que os outros alunos prestassem atenção, para que pudessem compreender que tudo quanto dizia era certo.

— Eu não estou dizendo isso para ele — declarou a moça, lançando um olhar a Fedro — , mas para vocês!

O tom fervoroso e suplicante dela o impressionou muito, considerando-se que nos exames vestibulares ela fora classificada entre os dez primeiros colocados da sala. No semestre seguinte, ao ensinar "redação persuasiva", escolheu o mesmo tema como "amostra", um trecho de redação persuasiva escrito por ele mesmo, dia após dia, na frente da turma e com o auxílio dos alunos.

Usou a amostra para evitar expor princípios de redação a respeito dos quais tinha profundas dúvidas. Achava que, mostrando à turma o processo de elaboração das sentenças, com todas as dúvidas, impasses e correções, conseguiria descrever mais honestamente o que era a redação, do que se passasse o tempo das aulas catando errinhos nas composições dos alunos e comparando-as com as obras dos grandes mestres. Desta vez, ele desenvolveu a idéia de que todo o sistema de notas e conceitos poderia ser eliminado, e, para que os estudantes se sentissem realmente integrados no clima das idéias que ouviam, ele segurou as notas até o fim do semestre.

Agora pode-se ver a neve aparecendo logo acima do topo da serra. No entanto, para se chegar lá, são necessários vários dias de caminhada. As rochas abaixo dos cumes são íngremes demais para serem escaladas sem equipamento de alpinismo, especialmente com as cargas pesadas que levamos. E o Chris é novo demais para enfrentar aquele negócio de se pendurar em cordas sustentadas por pitões. Vamos ter de atravessar a crista coberta de florestas da qual nos aproximamos agora, entrar por outra garganta, atravessá-la todinha e depois voltar, subindo até o alto. Deve levar três dias, se entrarmos firmemente decididos. Se formos mais devagar, talvez uns quatro. Se não aparecermos dentro de nove dias, DeWeese vai começar a nos procurar.

Sentamo-nos para descansar, escorados numa árvore para não cairmos de costas devido ao peso das mochilas. Logo procuro o facão de mato que estava sobre a minha mochila e o entrego ao

Chris.

— Está vendo aqueles choupos? Aqueles bem eretos? Ali na borda? — pergunto eu, apontando a direção. — Corte-os uns trinta centímetros acima do solo.

— Por quê?

— Vamos precisar; servirão de apoio na escalada e de mastros para as tendas.

Chris pega o facão, começa a levantar-se, mas logo senta-se novamente.

— Corta você — diz ele.

Apanho o facão, vou até a borda e corto as varas. Corto-as sem dificuldade, de um golpe só, exceto pela última casca do tronco, que arranco com o gancho do facão. Nas pedras a gente vai precisar de varas para se equilibrar, e os pinheiros de lá não servem para improvisar bengalas. Estes são os últimos choupos que estamos vendo. Entretanto, começo a me preocupar com a indisposição de Chris para o trabalho. Isso não é bom sinal quando se está escalando uma montanha.

Depois de um breve repouso, continuamos. Vamos levar algum tempo para nos acostumarmos ao peso da carga. A reação ao peso é negativa. Mas, à medida que prosseguimos, vamos nos acostumando...

Aquela idéia de abolir a avaliação por notas ou conceitos desorientou a maior parte dos alunos, produzindo uma reação negativa, pois parecia, em princípio, querer destruir todo o sistema universitário. Uma das alunas expôs esse receio de maneira bastante objetiva e franca:

— Claro que o senhor não pode eliminar as notas. Afinal de contas, é por elas que estamos aqui.

Ela dizia a pura verdade. A idéia de que a maior parte dos estudantes vai para a universidade só para se educar, sem pensar em notas e conceitos é uma mentira inocente, que a maioria das pessoas prefere não admitir. Uma vez na vida, outra na morte, aparecem alunos que pretendem adquirir conhecimentos, mas a rotina e a natureza mecânica da instituição logo os transformam em seres menos idealistas.

A amostra era um argumento a favor da idéia de que a eliminação das notas e conceitos acabaria com essa hipocrisia toda. Em vez de lidar com generalidades, lidava com a trajetória específica de um estudante imaginário que representava, aproximadamente, os

alunos da turma, um estudante condicionado a trabalhar em função de notas, em vez de em função do conhecimento que as notas supostamente representam.

Tal estudante, segundo a amostra, viria à primeira aula, receberia a primeira lição, e faria o dever só por desencargo de consciência. Provavelmente, aconteceria o mesmo na segunda, na terceira aula; aos poucos, porém, cansar-se-ia do curso e, uma vez que a vida acadêmica não é sua única vida, a pressão exercida por outros deveres e interesses criaria circunstâncias nas quais ele simplesmente não conseguiria entregar mais nenhum trabalho.

Como não haveria qualquer sistema de atribuição de notas ou de conceitos, ele não sofreria qualquer penalidade. Os debates seguintes, porém, nos quais estaria subentendido que ele tivesse feito o trabalho, poderiam ficar mais difíceis de serem entendidos. E essa dificuldade, por sua vez, diminuiria o interesse do aluno a ponto de fazê-lo desistir de entregar o próximo trabalho, que ele consideraria bastante puxado. Ainda assim, não seria punido.

Logo, passaria a entender cada vez menos os assuntos em debate e prestaria cada vez menos atenção às aulas. No fim, percebendo que não estava aprendendo grande coisa, deixaria de estudar e, sentindo-se culpado por isso, desistiria de freqüentar a escola. E não seria punido por isso, também.

Mas, o que aconteceu? O estudante, sem qualquer ressentimento de ambas as partes, reprovou-se a si mesmo. Ótimo! Era isso que devia acontecer. Ele não viera à escola para aprender, não tinha nada o que fazer ali. Pouparam-se boas quantidades de dinheiro e energia, e ele não ficou marcado com o estigma da reprovação pelo resto da vida. Não ocorreu nada de irreversível.

O maior problema do estudante em questão era a mentalidade servil que lhe fora incutida, anos a fio, pela atribuição de notas segundo um sistema de recompensa e castigo, uma mentalidade de mula, que se exprimia da seguinte maneira: “Se você não me açoitar, eu não trabalho.” Ele não recebera açoites. Portanto, não trabalhara. E a carroça da civilização, que ele estava sendo treinado para puxar, teria que gemer estrada afora mais devagar, sem contar com ele.

No entanto, isso é trágico apenas se a gente pensar que a carroça da civilização, o “sistema”, é impulsionado só por mulas. Este é um ponto de vista que defende a mediocridade, a profissionalização e a especialização. Não é o ponto de vista da Igreja da Razão.

Esta Igreja crê que a civilização, ou o “sistema” ou a “socieda-

de", ou seja lá que nome lhe for dado, será melhor servida não por mulas, mas por homens livres. O objetivo da eliminação das notas e conceitos não é castigar as mulas, nem eliminá-las também, mas criar um ambiente no qual elas possam transformar-se em seres humanos livres.

O estudante hipotético, ainda na fase de mula, ficaria desorientado por algum tempo. Receberia outro tipo de educação, tão válida quanto a que havia abandonado, naquela que se denomina "escola das cabeçadas". Em vez de perder tempo e dinheiro bancando a mula de alta classe, teria de arranjar um emprego de mula de baixa categoria, talvez de mecânico. Na verdade, o status dele se elevaria. Pelo menos, estaria dando sua contribuição à sociedade. Talvez passasse a vida inteira fazendo isso. Talvez tivesse encontrado sua verdadeira vocação. Mas não necessariamente.

Dentro de algum tempo — seis meses, talvez — poderia ter início uma transformação. Ele ficaria cada vez menos satisfeito com aquele trabalho monótono e rotineiro de oficina. Sua criatividade, reprimida pelo excesso de teoria e de notas na faculdade, viria agora à tona, desperta pelo dia-a-dia da oficina. Milhares de horas de defeitos mecânicos fariam com que ele se interessasse mais pelo planejamento das máquinas. Passaria a querer projetar suas próprias máquinas. Começaria a ambicionar um trabalho mais gratificante. Tentaria modificar alguns motores, e, sendo bem sucedido, procuraria obter novos êxitos; contudo, sentir-se-ia tolhido por não possuir as bases teóricas necessárias. Descobriria que, embora antes se sentisse burro por não se interessar pela teoria, encontrara um ramo da teoria que respeitava bastante, o da engenharia mecânica.

Voltaria então à nossa escola sem notas e sem conceitos, motivado não mais pela avaliação, mas pela sede de saber. Não precisaria de estímulos externos para aprender. O estímulo viria de dentro. Ele seria livre, dispensando uma disciplina que o controlasse. Aliás, se os professores que lhe coubessem brincassem em serviço, ele é que os controlaria, fazendo perguntas agressivas. Tinha vindo aprender alguma coisa, e era melhor que os professores ensinassem direito.

Uma vez adquirida, tal motivação torna-se uma força poderosa e o nosso estudante, na nossa universidade sem notas, passaria a não se conformar com os dados comuns sobre engenharia. Começaria a se interessar pela física e pela matemática, ao notar que precisava delas. Logo cogitaria em aprender metalurgia e engenha-

ria elétrica. E, no processo de amadurecimento intelectual proporcionado por estes estudos abstratos, ele provavelmente adentraria outras áreas teóricas indiretamente relacionadas à mecânica, que nessa altura se haviam tornado parte de um objetivo novo e mais amplo. Esse objetivo não seria a imitação da educação universitária contemporânea disfarçada e oculta pelas notas e conceitos, que dão a impressão de que alguma coisa está sendo produzida, quando, na verdade, quase nada está acontecendo. Tal objetivo seria uma realização concreta.

Assim era a amostra de Fedro, aquela idéia desprestigiada: nela trabalhou durante todo o semestre, elaborando-a e modificando-a, justificando-a e defendendo-a. Durante todo o período, os alunos receberam seus trabalhos cheios de comentários, mas sem notas, embora Fedro as estivesse lançando na pauta.

Conforme afirmei antes, a princípio quase todos ficaram meio desorientados. A maioria provavelmente imaginou que havia caído nas garras de um idealista, que achava que a eliminação das notas os tornaria mais felizes e esforçados, quando na verdade era óbvio que sem notas ninguém mais ia estudar. Muitos dos alunos que haviam recebido A nos semestres anteriores ficaram despeitados e irritados, mas em virtude da autodisciplina adquirida, continuaram a entregar os trabalhos. Os estudantes de notas B e C+ deixaram de entregar os primeiros trabalhos, ou entregaram coisas mal feitas. Muitos dos C- e D nem mais apareciam na sala de aula. Nessa altura, um outro professor perguntou a Fedro como iria reagir àquele desinteresse.

— Vou dar tempo a eles — foi a resposta.

De início, a turma estranhou aquela ampla compreensão, depois ficou desconfiada. Alguns puseram-se a fazer perguntas irônicas. Mas as respostas eram sempre compreensivas, e as aulas expositivas continuaram como antes, sem notas.

Logo começou a acontecer um fenômeno previsto. Pela terceira ou quarta semana, alguns dos melhores alunos começaram a ficar nervosos, a apresentar composições esplêndidas e a ficar sapeando depois da aula, tentando ver se conseguiam alguma pista sobre o seu desempenho. Os alunos B e C+ começaram a perceber isso, passaram a trabalhar um pouco mais e a elevar a qualidade de suas redações ao nível normal. Os C-, D e futuros F começaram a aparecer em sala, só para ver o que estava acontecendo.

Em meados do período aconteceu um fenômeno ainda mais esperado. Os alunos nota A se acalmaram e começaram a parti-

cipar ativamente na aula, com uma boa vontade pouco comum numa turma avaliada por notas. Os alunos B e C ficaram apavorados e começaram a apresentar trabalhos que pareciam ter sido cuidadosamente elaborados. Os alunos D e F passaram a entregar trabalhos razoáveis.

Nas últimas semanas do semestre, época em que normalmente todo mundo já sabe qual vai ser a sua nota e assiste à aula meio adormecido, Fedro estava obtendo um grau de participação na sala de aula que mereceu a atenção dos outros professores. Os alunos B e C juntaram-se aos alunos A em debates abertos, espontâneos e amistosos, que faziam a aula parecer uma festa animada. Apenas os alunos D e F ficavam inativos, congelados nas carteiras, completamente apavorados.

O fenômeno do relaxamento das tensões e do estabelecimento da camaradagem foi explicado mais tarde por dois alunos da seguinte maneira:

— Muitos de nós nos reunimos fora de sala para tentar bolar um meio de acabar com esse sistema. Então, todo mundo resolveu que a melhor solução era imaginar que a gente ia ser reprovado, e ir em frente, fazendo o máximo que podia. Aí começamos a nos acalmar. Se não fosse isso, a gente endoidava.

Os dois acrescentaram que, depois de se acostumarem, a situação passou a não parecer tão ruim e eles ficaram mais interessados nos assuntos; mas não fora fácil acostumar-se com o novo sistema.

Ao final do semestre, os estudantes tinham de escrever um trabalho que avaliasse o sistema. Na época, nenhum deles sabia qual ia ser a sua nota. Cinqüenta e quatro por cento dos alunos eram contra o sistema. Trinta e sete por cento eram a favor, e nove por cento eram neutros.

Em termos democráticos, o sistema não agradava. A maioria dos estudantes, sem dúvida, queria saber as notas ao longo do período. Mas quando Fedro anunciou os resultados, de acordo com a pauta — notas que não se distanciavam das previstas nas aulas anteriores e nos testes de nivelamento — a coisa mudou de figura. Dois terços dos alunos nota A eram a favor do sistema, assim como metade dos alunos B e C. E os alunos D e F condenaram-no por unanimidade.

Este resultado surpreendente confirmava um palpite que Fedro já tinha há muito tempo: os estudantes melhores e mais compenetrados eram os que menos interesse tinham em receber notas,

provavelmente porque estavam mais interessados no assunto do curso, enquanto os estudantes preguiçosos e apáticos eram os que mais se interessavam pelas notas, provavelmente porque por elas inteiravam-se sobre se dava para passar.

Segundo DeWeese, seguindo diretamente para o sul, só encontraremos florestas e neve por cento e vinte quilômetros, sem ver estrada nenhuma, embora haja estradas a leste e a oeste. Organizei as coisas de modo a ficarmos por perto de uma estrada — para o caso de a situação ficar preta no segundo dia e termos que voltar correndo para casa. Chris não sabe disso; seu senso de aventura, adquirido nos acampamentos da A.C.M., sofreria um duro golpe se eu lhe contasse. Mas depois de várias viagens às montanhas, esse espírito de aventura diminui, e é melhor tomar certas precauções para não correr risco. Esta área tem muitos perigos em potencial. E só falsear o pé uma vez, torcer o tornozelo, e a gente logo percebe como está longe da civilização.

Este desfiladeiro tão alto em que estamos não parece ser muito freqüentado. Depois de mais uma hora de caminhada, descobrimos que a trilha praticamente desaparecera.

De acordo com as anotações, Fedro achou boa a experiência de reter as notas, mas não a considerou cientificamente válida. Numa experiência real, eliminam-se todas as causas possíveis e imagináveis, menos uma, e depois verificam-se as conseqüências da variação daquela causa. Numa sala de aula não se pode fazer isso. O conhecimento dos alunos, suas opiniões, as opiniões do professor, tudo isso sofre transformações de todos os tipos, incontroláveis e, na maior parte das vezes, imperceptíveis. Ademais, no caso em questão, o observador também é uma das causas, e não pode avaliar suas conseqüências sem alterá-las. Fedro, portanto, não tentou tirar nenhuma conclusão definitiva sobre aquilo tudo. Simplesmente continuou a fazer o que queria.

Passou desta experiência para a investigação sobre a Qualidade devido a um aspecto bastante assustador da avaliação, revelado pela retenção das notas. As notas, no fundo, encobrem o mau professor. Ele pode enrolar os alunos durante o semestre inteiro, dar as notas com base num teste sem qualquer sentido, e deixar a impressão de que alguns alunos aprenderam e outros, não. Mas se as notas forem eliminadas, a turma será obrigada a questionar diariamente a natureza da aprendizagem. As perguntas “O que

está sendo transmitido?", "Qual é o objetivo?", "Como as aulas e os trabalhos contribuem para atingirmos este objetivo?", tornam-se ameaçadoras. A eliminação das notas deixa de imediato um imenso e alarmante vazio.

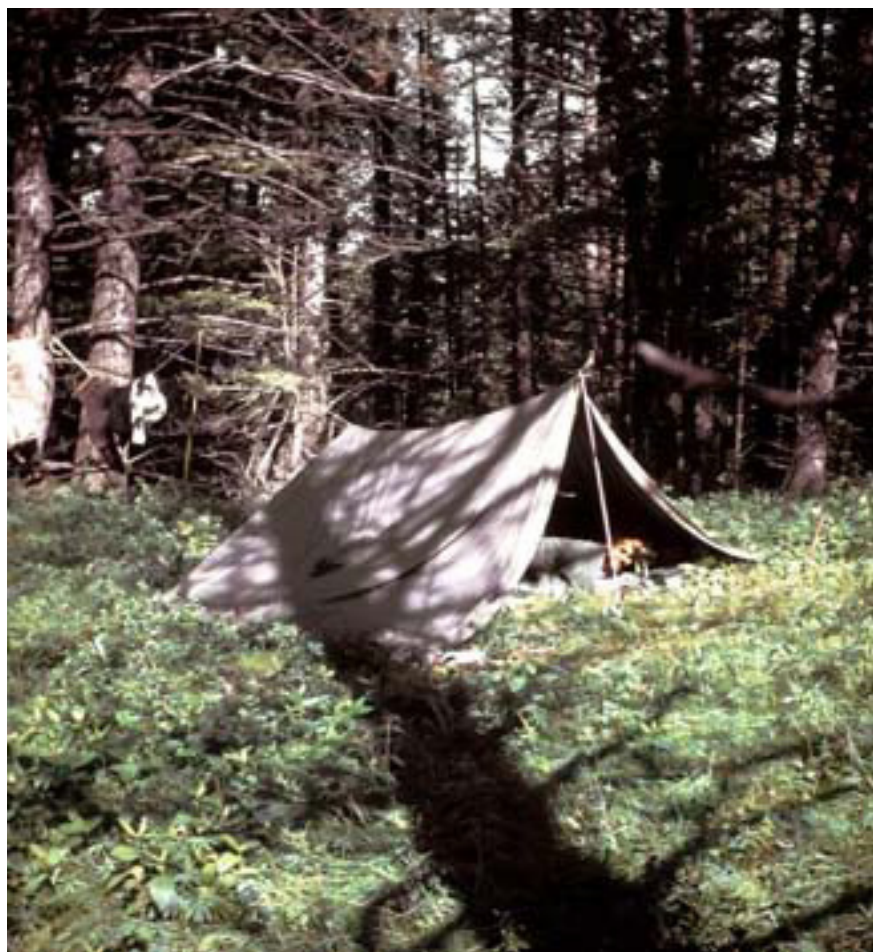
Afinal de contas, o que Fedro estava pretendendo fazer? Esta pergunta se impunha cada vez mais, à medida que ele prosseguia. A resposta que no início lhe parecia correta agora tinha cada vez menos sentido. Ele queria que os alunos desenvolvessem sua criatividade, tomassem suas próprias decisões quanto ao que era um boa redação, em vez de ficarem sempre perguntando isso a ele. O objetivo real da suspensão de notas era obrigar os alunos a fazerem uma análise introspectiva, a procurarem dentro de si a resposta certa.

Só que agora isso não fazia mais sentido. Se eles já sabiam o que era bom e o que era mau, não havia mais nem necessidade de freqüentarem as aulas. O fato de serem alunos significava que ainda não sabiam distinguir o bom do mau. Seu papel, como professor, era ensinar-lhes qual era a diferença. Aquelas idéias todas de criatividade individual e de expressão na sala de aula na verdade opunham-se radicalmente à própria idéia da Universidade.

Para muitos estudantes, a retenção das notas criou uma situação kafkiana: eles sentiam que seriam punidos por deixarem de fazer alguma coisa que ninguém lhes dizia o que era. Olhavam para si mesmos, não viam nada, e também nada viam ao olhar para Fedro. Então ficavam ali, indefesos, sem saberem o que fazer. Houve até uma jovem que sofreu um colapso nervoso. Não se pode eliminar as notas e deixar que as pessoas fiquem mergulhadas no vazio, sem objetivos. E necessário fornecer à turma um propósito que preencha esse vazio. E isso ele não estava fazendo.

Ele não conseguia. Não conseguia encontrar nenhum modo possível de lhes fornecer um objetivo sem cair na armadilha do magistério autoritário e didático. Mas como colocar no quadro-negro o misterioso objetivo íntimo de cada indivíduo criativo?

No trimestre seguinte, ele desistiu daquilo tudo e voltou à avaliação comum, desanimado, confuso, achando que estava certo, mas que, por alguma razão estranha, havia fracassado. Quando numa turma despontavam a espontaneidade, a individualidade e trabalhos bons e originais, tudo ocorria apesar do ensino, não por causa dele. Parece que isso fazia sentido. Ele estava a ponto de desistir de tudo. Ensinar aquela mesmice tradicional para estudantes chateados não era o que mais queria na vida.

Ele ouvira falar que o Reed College, no estado de Oregon, retinha as notas até a graduação; esteve lá durante as férias de verão, mas descobriu que o corpo docente estava dividido quanto à validade da retenção, e que não havia ninguém completamente satisfeito com o sistema. Passou o resto do verão deprimido e apático. Acampou algum tempo com a esposa nessas montanhas. Ela lhe perguntava por que se mantinha assim tão quieto o tempo todo, mas ele não sabia como explicar. Ele simplesmente parou. Ficou esperando por aquele cristal semeado de pensamentos que solidificaria tudo de uma só feita.

acampando nas montanhas

Capítulo 17

As coisas estão piorando com o Chris. Ele andou um pouco bem à minha frente, mas agora sentou-se sob uma árvore para descansar. Não quer olhar para mim; por isso é que acho que ele não está bem.

Sento-me a seu lado. Ele está com uma expressão distante, o rosto corado, aparentemente exausto. Ficamos sentados, a ouvir o zunir do vento passando pelos pinheiros.

Sei que ele vai acabar se levantando e continuando, mas ele não sabe, e está com medo de enfrentar a possibilidade criada pelos seus temores: a de que não consiga escalar montanha nenhuma. Lembro-me de uma coisa que Fedro escreveu sobre estas montanhas, e repito-a para Chris:

— Há anos atrás — conto a ele — sua mãe e eu estávamos na floresta, não muito longe daqui, acampados perto de um lago, ao lado do qual havia um pântano.

Ele não ergue a vista, mas está escutando.

— Lá pelo nascer do sol, a gente ouviu um barulho de pedras despencando, e pensamos que fosse um bicho; só que os bichos não costumam fazer um estardalhaço desses. Depois ouvi um som de algo chapinhando no lodo do pântano. Aí a gente acordou mesmo. Saí devagarinho do saco de dormir, tirei o revólver do meu blusão e me agachei ao lado de uma árvore.

Chris não está pensando mais nos problemas dele.

— Aquela coisa continuava a chapinhar... Achei que podia ser um bando de turistas dando uma volta a cavalo — mas àquela hora?...

E lá vinha o troço, chapinhando! Depois ouvi um pesado estrondo de cascos batendo na terra... Não podia ser um cavalo!... E outro estrondo! E um senhor ESTRONDO! E ali, na luz fraca e cinzenta da madrugada, vindo na minha direção, pela lama do pân-

tano, estava o maior alce que já vi na minha vida. Os chifres dele deviam ter uns dois metros de largura. Depois do urso cinzento, é o animal mais perigoso das montanhas. E, segundo alguns, o mais perigoso. O brilho voltou aos olhos de Chris.

— CATAPUM! Engatilhei o revólver, achando que um 38 Special não ia fazer grande estrago num alce. CATAPUM! Ele não me viu! CATAPUM! Eu não podia sair do caminho. A sua mãe estava no saco de dormir, bem na mira dele. CATAPUM! Mas que MONSTRO! CATAPUM! Está só a dez metros de distância. CATAPUM!... CATAPUM!... CATAPUM!... Aí ele pára, a TRÊS METROS DE MIM, e me vê... Estou mirando entre os olhos dele... Ficamos imóveis.

Volto-me para tirar um pedaço de queijo da minha mochila.

— E aí, o que aconteceu?

— Espere até que eu corte um pedaço deste queijo.

Pego a faca de caça e seguro o queijo pela embalagem, para não tocá-lo. Tiro um naco grande e entrego ao Chris. Ele agarra o queijo.

— E aí, o que aconteceu?

Eu espero até ele morder o queijo.

— Aquele alce ficou olhando para mim durante uns cinco segundos. Depois olhou para a sua mãe, deitada ali no chão. Depois tornou a olhar para mim e para o revólver que estava com o cano praticamente encostado na ponta daquele grande focinho arredondado. E aí deu um sorriso e foi embora, devagarinho.

— Ah — faz o Chris. Parece que ficou desapontado.

— Normalmente, ao serem desafiados assim, eles atacam — completo eu. — Mas ele achou a manhã tão bonita, e, além disso, nós tínhamos chegado primeiro. Para que criar problemas? Foi por isso que ele sorriu.

— Eles sabem sorrir?

— Não, mas ele parecia estar sorrindo. Coloco o queijo de lado e acrescento:

— Mais tarde, no mesmo dia, nós dois estávamos saltando de penedo em penedo, encosta abaixo. Quando eu estava para pisar numa enorme pedra marrom, ela se destacou da encosta e despencou no meio do bosque. Era o mesmo alce... Acho que aquele alce ficou cheio de ver a nossa cara naquele dia.

Ajudo Chris a levantar-se.

— Você estava indo depressa demais — aviso eu. — Agora a encosta fica cada vez mais íngreme, e temos que andar mais devagar. Se você for assim depressa, vai ficar sem fôlego, e quando a gente

perde o fôlego, fica tonto. E isso faz a gente desanimar e achar que não vai conseguir. Portanto, trate de ir com mais calma.

— Vou ficar atrás de você — resolve ele.

— Está bem.

Afastamo-nos do regato que estávamos seguindo, e começamos a subir a encosta do desfiladeiro na parte em que o ângulo de inclinação é menor.

Deve-se escalar montanhas com o mínimo desperdício possível de energia e sem desejo de chegar a algum lugar. Nossa natureza é que deve determinar a velocidade da escalada. Se a gente estiver impaciente, pode-se apertar o passo. Se ficar sem fôlego, convém ir com mais calma. A montanha deve ser escalada num equilíbrio entre a disposição e o cansaço. Aí, quando a gente não estiver mais pensando no que vai encontrar, cada passo será não um meio para alcançar um fim, mas um acontecimento em si mesmo. Esta folha tem bordas recortadas. Esta pedra parece que está solta. Deste lugar não se pode ver bem a neve, embora estejamos mais próximos dela. São coisas que vamos percebendo, de um modo ou de outro. Viver somente para alcançar um objetivo futuro é mesquinho A vida floresce nas encostas da montanha, não nos cumes. Aqui é que nascem os seres vivos.

Mas é claro que sem o cume, as encostas não existiriam. É o cume que define as encostas. Portanto, nós prosseguimos... Ainda temos muito que andar... Nada de pressa... Um passo depois do outro... Divertindo-nos com uma chautauqua. Meditar é tão mais interessante do que ver televisão! É uma pena que as pessoas não meditem mais. Provavelmente acreditam que aquilo que ouvem não tem importância, mas geralmente tem.

Tenho arquivada na memória uma comprida lembrança relacionada à aula posterior àquela em que Fedro passou para casa o trabalho sobre a Qualidade. O clima estava insuportável. Quase todos se sentiam tão frustrados e irritados quanto ele, em relação à pergunta.

— Como é que a gente vai saber o que é Qualidade? — perguntavam. — É o senhor que tem de explicar isso para a gente!

Então ele lhes confessou que também não sabia, e que gostaria muito de saber. Havia-lhes dado aquele tema na esperança de que alguém lhe fornecesse uma boa resposta.

Aquilo foi a gota d’água. A sala foi sacudida por um clamor de indignação. Pouco antes de terminar a zoeira, outro professor

enfiou a cabeça pela porta para ver o que estava acontecendo.

— Está tudo bem — respondeu Fedro. — É que nós deparamos com um problema genuíno, e é difícil recuperar-se deste impacto. Ao ouvir isso, alguns alunos ficaram intrigados e o barulho, aos poucos, amainou.

Então ele aproveitou a oportunidade para retomar rapidamente o tema “Corrupção e decadência na Igreja da Razão”. Aquela indignação dos alunos porque alguém estava tentando se utilizar deles para descobrir a verdade era um indício de tal corrupção. A gente era obrigada a fingir que estava buscando a verdade, a imitar essa busca. Buscá-la a sério era uma exigência abominável.

A verdade é que ele realmente queria saber o que os alunos achavam, não para lhes atribuir uma nota, mas para conhecer sua opinião.

Eles pareciam meio confusos.

— Fiquei em cima disso a noite toda — disse um deles.

— Quase chorei de tanta raiva — falou uma garota que sentava perto da janela.

— O senhor devia ter avisado a gente — disse um terceiro.

— Como é que eu podia avisar — replicou ele — se eu nem sabia qual ia ser a reação de vocês?

Alguns dos encafifados lançaram-lhe um olhar que refletia um início de entendimento. Ele não estava brincando. Queria mesmo saber o que achavam.

Que figura mais esquisita!

Aí, alguém perguntou:

— E o senhor, o que é que pensa?

— Não sei — respondeu ele.

— Mas o que é que o senhor acha? Depois de uma longa pausa, ele disse:

— Acho que a Qualidade existe, mas que quando a gente tenta defini-la, a coisa fica muito complicada. É impossível.

Murmúrios de aprovação.

— Por que isso acontece, eu não sei dizer. Achei que teria alguma idéia lendo os trabalhos de vocês. Eu simplesmente não sei.

Desta vez, a turma ficou em silêncio.

Naquele dia, em outras aulas, houve protestos parecidos, mas vários alunos de cada turma arriscaram respostas livres, que lhe mostraram que a primeira aula fora debatida na hora do almoço.

Alguns dias depois, ele apresentou uma definição de sua autoria, que escreveu no quadro-negro, para ser transmitida à

posteridade. Rezava assim: “Qualidade é uma característica do pensamento e da expressão, reconhecida por um processo não-intelectual. Por serem as definições um produto do pensamento rígido e formal, não se pode definir Qualidade.”

Ninguém comentou o fato de que essa “definição” era, na verdade, uma recusa em definir a Qualidade. Os alunos não possuíam base formal suficiente para perceber que tal afirmação era, sob o aspecto formal, inteiramente ilógica. Se não se pode definir alguma coisa, não se possui nenhum meio formal e racional de saber que ela existe. E nem se pode dizer exatamente a ninguém o que ela é. No fundo, não existe diferença formal entre a incapacidade de definir algo e a ignorância. Quando eu digo: “A Qualidade não pode ser definida”, estou dizendo que “não sei nada a respeito da Qualidade”.

Felizmente, os alunos não sabiam disso. Se eles levantassem tais objeções, ele não seria capaz de respondê-las, na época.

Mas depois, sob a definição, ele acrescentou: “Porém, mesmo que a Qualidade seja indefinível, sabemos o que ela é!”

E aí recomeçaram os protestos.

— Ah, mas não sabemos, mesmo!

— Sabem, sim.

— Não, não, sabemos coisa nenhuma!

— Claro que sabem! — insistiu ele, começando a apresentar alguns exemplos que havia preparado para provar seu ponto de vista.

Ele havia selecionado dois exemplos de composição feita em sala. A primeira era uma coisa completamente incoerente, toda desconexa, cheia de idéias interessantes, mas que não formavam estrutura alguma. A segunda era uma redação tão formidável, que o próprio autor se havia admirado de como conseguira sair-se tão bem. Fedro leu as duas, depois pediu aos alunos que achassem a primeira redação melhor para levantarem as mãos. Somente dois braços se ergueram. Depois, ele perguntou quantos gostavam mais da segunda. Vinte e oito mãos se levantaram.

— Aquilo que fez com que a maioria esmagadora desta turma votasse na segunda redação é o que eu entendo por Qualidade. Portanto, vocês sabem o que ela é.

Fez-se um longo silêncio após essa conclusão, e Fedro deixou que os alunos refletissem sobre o assunto.

Ele sabia que aquilo, em termos intelectuais, era um verdadeiro ultraje. Ele não estava mais ensinando, estava doutrinando

os alunos. Havia criado uma entidade imaginária, definido essa entidade indefinível, convencido os alunos, contra a vontade, de que eles a conheciam, e demonstrado isso tudo segundo uma técnica tão confusa em termos lógicos quanto o próprio termo. Ele só tinha podido prosseguir porque a refutação lógica exigia mais talento do que possuía qualquer daqueles estudantes. Nos dias que se seguiram, ele instigou os alunos a apresentarem objeções à definição; mas ninguém dizia nada. Então, ele continuou a improvisar.

Para reforçar a idéia de que eles já sabiam o que era Qualidade, passou a ler sempre quatro redações em sala, e a pedir que os estudantes votassem nelas, segundo o nível estimado de Qualidade contido em cada uma. Ele também votava. Recolhia as cédulas, computava os votos no quadro-negro, e tirava a média das classificações, para obter a opinião geral da turma. Depois, apresentava sua classificação particular, que quase sempre coincidia com a da média da classe. As diferenças ocorriam porque às vezes dois trabalhos podiam ter níveis de Qualidade parecidos.

De início, as turmas ficaram motivadas com esse exercício, mas com o passar do tempo, enjoaram. Era óbvio o que ele entendia por Qualidade. Também era óbvio que eles sabiam o que era; assim, foram perdendo o interesse. Agora, eles perguntavam: “Muito bem, a gente já sabe o que é Qualidade. Como é que se adquire isso?”

Finalmente, os textos-padrão começaram a funcionar. Os princípios neles expostos não eram mais regras a serem refutadas, nem leis imutáveis, mas apenas técnicas, truques para produzir o que de fato importava e existia independentemente das técnicas: a Qualidade. Aquilo que começara como um desafio à retórica tradicional havia se convertido numa bela introdução à retórica.

Ele escolheu aspectos da Qualidade, tais como unidade, vivacidade, autoridade, economia, sensibilidade, clareza, ênfase, fluência, suspense, brilho, precisão, proporção, profundidade, e assim por diante, definindo-os de maneira tão deficiente quanto definira Qualidade, mas demonstrando sua existência pelo mesmo método pragmático. Ele mostrou como o aspecto da Qualidade denominado unidade, a coerência de uma história, podia ser melhorada com uma técnica chamada plano geral. A autoridade de um argumento poderia ser beneficiada através de uma técnica chamada nota de rodapé, que fornece uma fonte autorizada. Os planos e as notas de rodapé são artifícios ensinados em todos os cursos de composição para calouros, mas agora, como métodos de melhorar a Qualidade,

eles tinham um objetivo. Se um aluno entregasse um punhado de referências mal feitas, ou um plano mal organizado, que mostrasse que ele estava apenas se desincumbindo de uma obrigação, poderia ser alertado de que, embora seu trabalho correspondesse literalmente ao que fora pedido, certamente não atingia o objetivo da Qualidade, e era, portanto, imprestável.

Agora, respondendo à eterna pergunta: “Como é que se faz isso?”, que o havia frustrado a ponto de fazê-lo pensar em demitir-se, ele podia responder: “Não interessa! Contanto que o resultado seja bom...!” Mas o aluno relutante poderia então perguntar na aula: “Como é que a gente vai saber se está bom?” Porém, antes que ele abrisse a boca, perceberia que a resposta já havia sido dada. Geralmente, outro aluno respondia: “É só olhar, que você vê.” Se ele respondesse que não concordava, lhe diriam que ele podia ver, sim, que Fedro havia provado que sim. O aluno, afinal, ficava completamente comprometido a fazer julgamentos de qualidade por si mesmo. E somente isso, nada mais, é que o ensinava a escrever.

Até então, Fedro fora obrigado pelo sistema acadêmico a dizer o que queria, mesmo sabendo que isso forçava os estudantes a se adaptarem a formas artificiais que lhes destruíam a criatividade. Os alunos que utilizaram as regras por ele deduzidas ficaram condenados por sua incapacidade de serem criativos ou de produzirem trabalhos que refletissem seus próprios padrões individuais de qualidade.

Agora, era diferente. Invertendo a regra básica de que tudo o que for ensinado deve primeiro ser definido, ele encontrara uma saída. Não indicou nenhum princípio, nenhuma regra de bem escrever, nenhuma teoria — em vez disso, indicou algo tão concreto que não podia ser negado. O vazio criado pela retenção das notas foi subitamente preenchido pela meta positiva da Qualidade, e aí tudo se encaixou nos seus devidos lugares. Alunos atônitos apareciam na sala dele, dizendo: “Antes, eu simplesmente detestava inglês. Agora, passo a maior parte do tempo estudando-o!” Não foram só um ou dois, foram vários. Aquele conceito de Qualidade era maravilhoso. Funcionava mesmo. Era aquele objetivo misterioso, individual, íntimo de cada ser criativo, expresso, enfim, no quadro-negro.

Volto-me para ver como está o Chris. Pela cara, está cansado.

— Como você está? — pergunto, então.

— Bem responde ele, num tom de desafio.

— Podemos parar e acampar onde você quiser — sugiro eu. Ele me lança um olhar furioso, e eu silencio. Logo ele passa por mim e começa a subir a encosta na minha frente. Parece deslocar-se com muito esforço. Prosseguimos.

Fedro chegou a esse ponto na definição de Qualidade porque se recusava de propósito a fugir da experiência imediata da sala de aula. Aquela frase de Cromwell: "Ninguém sobe mais alto do que aquele que não sabe para onde vai", era perfeita para o caso. Fedro não sabia para onde estava indo. Só sabia que o conceito funcionava.

Dentro de algum tempo, porém, ele começou a imaginar por que o conceito funcionava, especialmente considerando-se que era algo irracional. Por que é que um método irracional funcionaria onde todos os métodos racionais falhavam? Dentro dele crescia rapidamente a sensação de que ele não havia deparado com um truquezinho qualquer. Era uma coisa muito maior. Ele só não sabia o quanto.

Foi aí que começou o processo de cristalização a que me refiro. Na época, os outros se perguntavam por que ele estava assim tão entusiasmado com o conceito de "qualidade". Só que eles estavam vendo apenas a palavra em seu contexto retórico. Não conheciam o desespero com que Fedro antes se preocupava com questões abstratas da própria existência e como desistira dessa busca, sentindo-se derrotado.

Se qualquer outra pessoa tivesse perguntado o que era Qualidade, esta seria apenas mais uma pergunta. Mas quando ele fez tal indagação, devido ao seu passado, ela se espraiou como as ondas, em várias direções simultâneas, constituindo uma estrutura não hierárquica, mas concêntrica. A Qualidade estava no centro, gerando as ondas. A medida que essas ondas de pensamento se expandiam, ele sem dúvida esperava que cada onda banhasse algum tipo de padrão contemporâneo de pensamento, de modo que ele obtivesse uma espécie de relacionamento integrado com tais estruturas lógicas. Mas as ondas só chegaram a essa praia no final, se é que chegaram mesmo. Ele só percebeu a expansão cada vez maior das ondas de cristalização. Agora, tentarei acompanhar essas ondas, entrando na segunda fase da pesquisa de Fedro sobre a Qualidade, da melhor maneira possível.

Olhando para o alto, vejo que todos os movimentos de Chris traduzem cansaço e irritação. Ele tropeça nas coisas, e não desvia os galhos para não se arranhar.

Estou desapontado com isso. Acho que parte da culpa se deve ao acampamento da A.C.M., onde esteve por duas semanas, antes de iniciarmos a viagem. Pelo que ele me disse, transformaram as atividades recreativas ao ar livre em verdadeiras provas de resistência e virilidade. Chris começou num grupo que eles faziam questão de classificar vergonhosamente como o grupo do pecado original. Depois, deram-lhe a oportunidade de provar que era bom, através de uma longa série de testes — natação, preparação de laços, e vários outros. Ele mencionou uma dúzia de modalidades diferentes, mas eu esqueci do resto.

É claro que tendo objetivos egocêntricos a atingir, os garotos do acampamento mostravam muito mais entusiasmo e colaboração. Mas esse tipo de motivação, é, no fundo, prejudicial. Qualquer realização que vise à autoglorificação fatalmente termina em tragédia. Agora estamos pagando o preço. Se tentarmos escalar uma montanha para provar que somos os maiores, quase nunca conseguimos. E se conseguirmos, a vitória será insípida. Para sustentá-la é necessário provarmos nossa força vezes sem conta, de muitas maneiras, e depois muitas outras vezes, impulsionados para sempre por uma falsa imagem, assombrados pelo medo de que tal imagem não seja verdadeira e que alguém descubra isso. Este é um caminho errado.

Na Índia, Fedro escreveu uma carta sobre uma peregrinação feita por ele, em companhia de um guru e seus seguidores, ao monte Kailas, onde fica a nascente do Ganges e a morada do deus Siva, no alto do Himalaia. Ele não chegou até a montanha. Desistiu no quarto dia, exausto, e a peregrinação prosseguiu sem ele. Para justificar-se, disse que tinha força física, mas que só isso não bastava. Tinha também a motivação intelectual, mas isso também não era suficiente. Ele não achava que tinha sido arrogante, mas que estava fazendo a peregrinação para enriquecer sua própria experiência, para aumentar seus conhecimentos. Estava tentando usar a montanha e a peregrinação para atender a objetivos individuais. Para ele, a entidade visada era ele mesmo, não a peregrinação nem a montanha; ele não estava preparado para enfrentar aquela experiência. Deduziu que os outros peregrinos, que chegaram ao destino, provavelmente captaram a santidade da montanha de maneira tão intensa que cada passo era um ato de adoração, um ato de sub-

missão àquela santidade. A santidade da montanha infundida nos seus espíritos permitia-lhes suportar a jornada com muito mais facilidade do que ele, que era fisicamente mais forte.

Aparentemente, não há qualquer diferença entre a escalada egocêntrica e a escalada desprendida. Ambos os tipos de alpinistas avançam colocando um pé na frente do outro. Ambos inspiram e expiram à mesma velocidade. Ambos param quando estão cansados. Ambos prosseguem depois de descansar. Mas como são diferentes! O alpinista egocêntrico é como um instrumento descalibrado. Está sempre atrasado ou adiantado na caminhada. Corre o risco de deixar de ver a beleza dos raios de sol passando através das copas das árvores. Ele prossegue mesmo cansado, a passos trôpegos. Descansa nas horas erradas. Fica olhando para cima, para ver o que o aguarda, mesmo quando já sabe o que existe adiante, porque já olhou para lá há apenas um segundo. Vai muito depressa, ou muito devagar em relação às condições reais e, ao falar, fala sempre sobre outro lugar e outras coisas. Está aqui, e, ao mesmo tempo, não está. Rejeita o presente, não se conforma com ele, quer prosseguir, mas, ao atingir o ponto desejado, fica tão insatisfeito quanto está agora, porque o lugar antes distante se transformou no "aqui", no lugar presente. Aquilo que ele procura, aquilo que ele deseja, está ao redor dele, mas ele não aceita, justamente porque está ali pertinho. Cada passo requer um tremendo esforço, tanto físico quanto espiritual, porque ele imagina que o seu objetivo é externo e distante. Parece que é esse o problema do Chris.

Capítulo 18

Existe um ramo da filosofia que trata especialmente da definição de Qualidade, conhecido como estética. E a pergunta feita pela estética: “O que é o belo?”, remonta à antigüidade. Entretanto, quando Fedro estudava filosofia, esse ramo repugnava-lhe bastante. Ele quase foi reprovado no único curso de estética, e escreveu vários trabalhos criticando violentamente o professor e os textos. Ele detestava, abominava tudo aquilo.

Ele não reagia assim por causa de algum esteta em particular. Todos eles o enojavam. Não havia idéia que o violentasse tanto quanto a de que a Qualidade devia subordinar-se a qualquer ponto de vista. O processo intelectual estava escravizando a Qualidade, prostituindo-a. Creio que era isso que o irritava.

Ele dizia num de seus trabalhos: “Esses estetas pensam que o seu objeto de estudo é um bombom recheado com hortelã-pimenta que eles têm o direito de abocanhar, uma iguaria que deve ser devorada, um prato que deve ser trinchado, fisgado e saboreado naco por naco, com os elogios do costume; só que eu sinto vontade de vomitar. Eles estão se banqueteando com os restos putrefatos de algo que mataram há muito tempo...”

Agora, na primeira fase do processo de cristalização, ele via que, se a Qualidade fosse indefinível por definição, o campo inteiro da estética desapareceria, ficaria completamente desprivilegiado... Estaria perdido. Ao recusar-se a definir Qualidade, ele a havia excluído do processo analítico. Se não se pode definir Qualidade, não há modo de subordiná-la a qualquer regra lógica. Os estetas não poderiam dizer mais nada. Aquilo a que se dedicavam, a definição da Qualidade, teria desaparecido.

Ele vibrou ao pensar tudo isso. Era como descobrir a cura do câncer. Não haveria mais tentativas de definir a arte. Estavam eliminadas aquelas maravilhosas escolas de crítica, compostas por

especialistas, com o objetivo de determinar racionalmente quais tinham sido os erros e os acertos de cada artista. Nenhum daqueles sabichões poderia abrir mais a boca. Aquela não era só uma idéia interessante. Era um perfeito sonho.

Acho que a princípio ninguém percebeu qual era a intenção de Fedro. Viam um intelectual transmitindo uma mensagem que tinha todos os inconvenientes de parecer uma análise racional de uma situação de ensino. Não perceberam que ele tinha um objetivo completamente diverso daqueles a que eles estavam acostumados. Ele não desenvolvia uma análise racional, e sim bloqueava-a. Estava voltando o método racional contra si mesmo, usando-o para desacreditar o raciocínio lógico, em defesa de um conceito irracional, uma entidade indefinível, denominada Qualidade.

Ele escreveu: "(1) Todo professor de redação sabe o que é qualidade (quem não souber, trate de fingir que sabe, senão poderá passar por incompetente). (2) Todo professor que acha que a qualidade na redação pode e deve ser definida antes de ser ensinada, deve prosseguir e defini-la. (3) Aqueles que sentem que a qualidade da redação existe, mas não pode ser definida, e que, no entanto, deve ser ensinada, pode aproveitar-se do seguinte método de ensino da qualidade pura na redação, sem precisar defini-la."

A seguir, expunha alguns dos métodos de comparação que havia desenvolvido em sala de aula.

Creio que ele realmente esperava que alguém o desafiasse, apresentando alguma definição de Qualidade. Mas não apareceu ninguém.

Entretanto, aquele pequeno parêntesis sobre a incompetência causou certa inquietação no departamento. Afinal de contas, ele era o mais novo dos professores, e não se esperava que ditasse regras a serem seguidas pelos professores mais experientes.

O seu direito de dizer o que quisesse foi defendido, e os professores mais antigos pareceram ter apreciado aquela autonomia intelectual, dando-lhe apoio à maneira da Igreja. Mas, ao contrário da concepção de muitos inimigos das liberdades acadêmicas, a Igreja nunca permitiria que o professor saísse tagarelando tudo que lhe desse na veneta, sem qualquer justificativa. A Igreja defende a idéia de que só se deve prestar contas ao Deus da Razão, não aos ídolos políticos. O fato de que ele estava insultando as pessoas não influía na verdade ou na falsidade da sua mensagem, e ele não podia ser punido eticamente por isso. Porém, se desse qualquer mostra de estar sendo irracional, eles o arrasariam eticamente com

o maior prazer. Fedro podia fazer o que quisesse, contanto que se justificasse em termos racionais.

Mas como diabo se justifica em termos racionais a recusa de definir algo? As definições constituem a base da lógica. Não se pode raciocinar sem definições. Ele podia evitar a reação por enquanto, com estratégias supostamente dialéticas e insultos sobre competência e incompetência, mas, mais cedo ou mais tarde, teria que apresentar algo mais concreto. A tentativa de fazê-lo levou a uma cristalização geral, que ultrapassou os limites da retórica e entrou nos domínios da filosofia.

Chris volta-se e me olha, angustiado. Estou só esperando. Antes de partirmos, já havia indícios de que isso ia acontecer. Quando DeWeese disse a um vizinho que eu estava acostumado às escaladas, Chris mostrou grande admiração. Estava estampado nos olhos dele. Logo ele vai se esgotar, e aí a gente pode armar o acampamento.

Epa! Lá vai ele. Caiu. E não quer levantar-se. Foi um tombo bem delicado, e não parece ter sido acidental. Agora ele está me olhando com um jeito rancoroso e dolorido, à espera de que eu o repreenda. Sem dizer nada, sento-me a seu lado e noto que ele já está a ponto de desistir.

— Bom — digo eu — , a gente pode parar aqui, continuar ou voltar. O que você prefere?

— Tanto faz — responde ele. — Eu não quero...

— Não quer o quê?

— Tanto faz! — grita ele, nervoso.

— Muito bem, então a gente vai continuar — resolvo eu, calmamente. Agora eu o peguei.

— Não estou gostando desta viagem — confessa ele. — Está muito chata. Eu pensei que ia gostar.

A raiva me pega desprevenido.

— Pode ser — replico. — Só que você não devia ter feito essa má-criação.

Ele se levanta, com um lampejo de temor nos olhos.

Prosseguimos.

O céu acima da outra encosta do desfiladeiro mostra-se nublado, e o vento que sopra os pinheiros à nossa volta ficou frio e ameaçador.

Pelo menos, o frio torna mais fácil a caminhada...

Eu estava falando sobre a primeira onda de cristalização, fora da retórica, resultante da recusa de Fedro em definir Qualidade. Ele teve que se perguntar: "Se a Qualidade é indefinível, como se pode provar sua existência?"

A resposta, ele a encontrou numa velha escola filosófica denominada realismo. "Diz-se que uma coisa existe", afirmou ele, "quando um determinado mundo não funciona normalmente sem ela. Se pudermos demonstrar que um mundo sem Qualidade funciona de modo anormal, então provaremos que a Qualidade existe, haja ou não uma definição para ela." Daqui por diante, ele pôs-se a subtrair a Qualidade do mundo análogo ao que conhecemos.

As primeiras vítimas dessa subtração, segundo Fedro, seriam as belas-artes. Se não se pode distinguir o bom do mau nas artes, elas automaticamente desaparecem. Não há motivo para colocar um quadro na parede quando a parede nua parece tão boa quanto ele. Não há motivo para ouvir uma sinfonia se o ruído dos arranhões do disco ou a vibração da vitrola já nos satisfazem.

Depois, desapareceria a poesia, porque raramente faz sentido, e não tem nenhum valor prático. E, estranhamente, desapareceria também a comédia. Ninguém mais entenderia as piadas, porque a diferença entre o humor e o não-humor é pura Qualidade.

A seguir, desapareceriam os esportes. Futebol, basebol, jogos de todos os tipos. As contagens não significariam mais nada, seriam apenas estatísticas sem sentido, como o número de pedregulhos que há num monte de cascalho. Quem é que iria assistir aos jogos? Quem é que ia jogar?

O próximo passo foi extrair a Qualidade do mercado, e predizer as mudanças que ocorreriam. Uma vez que a qualidade dos sabores desaparecesse, os supermercados venderiam apenas cereais básicos, como arroz, milho, soja, farinha de trigo; quem sabe, também carne não classificada, leite para as criancinhas desmamadas e vitaminas e sais minerais, para sanar as deficiências de tais substâncias no organismo. Desapareceriam também as bebidas alcoólicas, o chá o café e o fumo, da mesma forma que os filmes, bailes, divertimentos e festas. Todos nós andaríamos de ônibus e usaríamos sapatos do serviço de Intendência.

A maioria de nós ficaria desempregada, mas certamente por pouco tempo, até sermos remanejados para serviços básicos sem Qualidade. As ciências e a tecnologia aplicadas sofreriam mudanças drásticas, mas a ciência pura, a matemática, a filosofia e, principalmente, a lógica, não passariam por qualquer transformação.

Fedro achou esta última idéia sobremodo interessante. As conquistas puramente intelectuais eram as que menos sofriam com a eliminação da Qualidade. Se a Qualidade desaparecesse, apenas a lógica não mudaria. Coisa mais estranha. Por que seria?

Ele não fazia idéia, mas sabia que, retirando a Qualidade do mundo conhecido, descobriria que esse termo encerrava um grau de importância do qual ele nem sequer desconfiava. O mundo podia funcionar sem Qualidade, mas a vida seria tão monótona que dificilmente poderíamos enfrentá-la. Aliás, nem valeria a pena viver. A expressão valer a pena é uma expressão de Qualidade. A vida consistiria em viver sem quaisquer valores ou objetivos.

Depois de avaliar a que distância essa linha de pensamento o tinha levado, Fedro concluiu que havia provado sua hipótese. Uma vez que o mundo obviamente não funciona de maneira normal ao subtrair-se a Qualidade, ela existe, com ou sem definição.

Depois de evocar essa visão de um mundo sem Qualidade, ele logo percebeu a semelhança entre tal mundo e várias concepções sociais sobre as quais havia lido. Lembrou-se da antiga Esparta, da Rússia comunista, e dos países satélites, da China comunista, do Admirável mundo novo de Aldous Huxley e do 1984, de George Orwell. Lembrou-se também de conhecidos seus que até defenderiam esse mundo sem Qualidade. Os mesmos que tentavam convencê-lo a parar de fumar. Queriam que ele lhes desse razões lógicas para seu hábito de fumar, e ele não tinha nenhuma; então agiam de um modo orgulhoso, como se ele tivesse perdido o prestígio, ou coisa parecida. Tinham que ter razões, planos e soluções para tudo. Eram seus afins, que agora ele atacava. E passou muito tempo procurando um nome adequado para exprimir o que os caracterizava, para que pudesse lidar com esse mundo sem Qualidade.

Era um mundo acima de tudo intelectual, mas o fundamental não era apenas a inteligência. Era uma certa visão básica de mundo, uma visão presumível de que o mundo funcionava de acordo com leis — as leis da lógica — e que, para se aperfeiçoar, o homem deveria principalmente descobrir estas leis e a maneira como elas se aplicariam à satisfação dos seus próprios desejos. Ele olhou de soslaio para essa visão de mundo sem Qualidade por um momento, reuniu mais detalhes, refletiu sobre aquilo, a seguir espiou outra vez, meditou mais um pouco, e depois, finalmente, retornou ao ponto de partida.

Caretice pura.

Eis o que parecia. Aquela era a expressão. Caretice. Quando se suprime a qualidade, o mundo inteiro fica careta. A ausência da Qualidade é a essência da caretice.

Lembro-me então de alguns amigos artistas, com os quais havia certa vez viajado pelos Estados Unidos. Eram negros que viviam se queixando justamente daquela ausência de Qualidade a que ele se referia. Careta. Era assim que a chamavam. Muito tempo antes que os meios de comunicação se apossassem do termo e o incorporassem à linguagem dos brancos, eles já chamavam todo aquele intelectualismo de careta, e não queriam saber dele. E como Fedro era o protótipo daquela caretice de que eles estavam falando, houve uma incrível quantidade de desentendimentos nas conversas e nas atitudes durante a viagem. Quanto mais ele os instigava a definirem o que estavam dizendo, mais vagos eles se tornavam. Agora, naquela defesa da Qualidade, ele parecia estar sendo tão vago quanto eles, embora aquilo de que ele estava falando fosse tão consistente, claro e concreto quanto qualquer entidade racionalmente definida com que ele já houvesse lidado.

Qualidade. Então era sobre isso que eles estavam falando o tempo todo. “Cara, quer fazer o favor de sacar o assunto?”, dissera um deles. “Vê se pára com essas suas lindas perguntinhas de meia-tigela! Se você ficar perguntando o que é a coisa o tempo todo, nunca vai ter tempo para descobrir.” Será que a Qualidade era aquilo?

A onda de cristalização continuou avançando. Ele agora via dois mundos ao mesmo tempo. Do lado intelectual, careta, ele percebia que a Qualidade era um termo de clivagem. Aquilo que procuram todos os analistas intelectuais. É só pegar o bisturi analítico, encostar a ponta diretamente no termo Qualidade e espetá-lo não com força, mas com bastante delicadeza, e o mundo inteiro se divide em dois — o avançado e o careta, o clássico e o romântico, o tecnológico e o humanista — um corte bastante nítido. Sem lascas nem resíduos. Não há minúcias que poderiam estar em qualquer dos mundos. Esse corte não requeria habilidade e sim sorte. Por vezes, os melhores analistas, ao trabalharem com as mais óbvias linhas de clivagem, conseguem obter apenas um monte de poeira. No entanto, ali estava a Qualidade: uma fissura minúscula, quase imperceptível, uma linha ilógica na nossa concepção do universo; bastava alargá-la e o universo inteiro se dividia, de maneira tão exata que era quase inacreditável. Ele gostaria que Kant tivesse visto. Kant teria apreciado. Aquele mestre da lapidação intelectual.

Ele ia ver. O segredo estava em não definir Qualidade.

Fedro então escreveu, começando a suspeitar que estava metido numa estranha espécie de suicídio intelectual: “A caretice pode ser definida de modo sucinto, porém suficiente, como a incapacidade de perceber a qualidade antes que ela seja intelectualmente definida, isto é, antes de dividi-la em palavras... Provamos que a qualidade existe, embora seja indefinível. Pode-se comprovar empiricamente essa existência numa sala de aula, e pode-se também demonstrá-la logicamente, mostrando-se que sem qualidade o mundo não pode existir conforme o conhecemos. O que nos resta analisar não é a qualidade, mas aquele curioso conjunto de costumes intelectuais denominado ‘caretice’, que às vezes nos impede de enxergar a qualidade no mundo.”

Foi assim que ele revidou ao ataque. O objeto a ser analisado, o paciente a ser examinado não era mais a Qualidade, mas a própria análise. A Qualidade estava sadia e em plena forma. A análise, entretanto, parecia ter algum problema que a impedia de enxergar o óbvio.

Olho para trás e vejo que Chris está muito longe.

— Anda! — grito eu.

Ele não responde.

— Vamos, vem logo! — insisto.

Aí, vejo-o cair de lado, sentando-se na encosta. Solto minha mochila e desço até onde ele está. A inclinação é tão acentuada que sou obrigado a enterrar os pés no chão, virados de lado. Ao chegar, noto que ele está chorando.

— Torci o tornozelo — diz ele, sem olhar para mim.

É natural que o alpinista egocêntrico, tendo uma auto-imagem a proteger, minta para defendê-la. Só que ver isso é revoltante e me sinto envergonhado por estar deixando acontecer esse tipo de coisa. Agora, a minha vontade de prosseguir começa a solapar-se devido às lágrimas de Chris, e eu me deixo contagiar por aquele sentimento íntimo de desânimo. Sento-me, rumino o assunto por alguns instantes e depois, sem desistir, agarro a mochila dele e lhe digo:

— Vou levar as mochilas por etapas. Primeiro, levo esta até onde está a minha. Aí você pára e fica me esperando, tomando conta da sua mochila, enquanto eu pego a minha e subo mais um pouco. Depois, eu volto para pegar a sua. Assim você pode descansar bastante. Vamos levar mais tempo, mas acabamos chegando lá.

Só que eu tomei essa decisão cedo demais. Ainda há na minha voz resquícios de raiva e desagrado, e ele, ao percebê-lo, fica envergonhado. Irrita-se, mas não diz nada, com medo de ter que carregar a mochila outra vez. Só franze a testa e finge que não me vê enquanto eu carrego as mochilas. Eu me livro do rancor de ter que fazer isso ao notar que, na verdade, não estou tendo mais trabalho do que se as coisas fossem diferentes. Dá mais trabalho para alcançar o topo da montanha, mas esse não é o objetivo principal. Em termos de objetivo real, ou seja, aproveitar bem os minutos, um após o outro, dá tudo no mesmo; aliás, assim é até melhor. Subimos devagar, e a raiva desaparece.

Durante a hora seguinte, escalamos vagarosamente, eu levando as mochilas uma de cada vez, até descobrir a fonte de um córrego. Mando Chris descer para apanhar água numa panela, e ele obedece. Ao voltar, pergunta:

— Por que é que a gente parou aqui? Vamos continuar!

— É que a gente é capaz de levar muito tempo para encontrar outro córrego, Chris; e além disso, estou cansado.

— Por que é que você está tão cansado?

Se ele pretende me provocar, está conseguindo.

— Estou cansado, Chris, porque estou carregando as duas mochilas. Se você estiver com pressa, pode pegar a sua e subir na frente, que eu logo alcanço você.

Ele me olha com outro lampejo de medo, depois senta-se.

Eu não estou gostando disto — diz ele, quase chorando. — Estou detestando! Estou arrependido de ter vindo. Por que é que a gente veio para cá? — E abre o maior berreiro.

— Você também está fazendo eu me arrepender. É melhor a gente almoçar.

— Eu não quero nada. Estou com dor de barriga.

— Como queira.

Ele se afasta um pouco, arranca um talo de capim e fica mordendo. Depois cobre o rosto com as mãos. Sirvo meu almoço e tiro uma pestana.

Ao acordar, vejo que ele ainda está chorando. Não podemos ir a nenhum lugar. Não podemos fazer nada, a não ser enfrentar a situação. Só que eu não sei bem que situação é essa.

— Chris — chamo eu, afinal. Não há resposta.

— Chris — repito.

Ele se recusa a responder. Mas afinal exclama, em tom de desafio:

— Que é?!

— Eu só queria dizer que você não precisa provar nada para mim. Está entendendo?

No rosto dele surge um verdadeiro lampejo de terror. Ele vira a cabeça para o outro lado, bruscamente.

— Você entende o que eu quero dizer, não entende?

Ele continua olhando para o outro lado, quieto. O vento geme pelos pinhais.

Eu simplesmente não sei. Simplesmente não sei o que é isso. Não é só egocentrismo da A.C.M. o que o perturba dessa maneira. Alguma coisa o está enervando, e então parece até o fim do mundo. Quando ele tenta fazer alguma coisa e não consegue fazer direito, ou ele explode ou se debulha em lágrimas.

Deito-me novamente na relva para descansar mais um pouco. Talvez seja essa falta de solução o que nos está desanimando. Não quero prosseguir porque creio que não vou encontrar nenhuma resposta lá adiante. Mas para trás também não vou encontrar qualquer solução. Ficamos só nessa divagação. É isso que estamos fazendo, divagando, à espera de alguma coisa.

Mais tarde, ouço-o rondando a mochila. Rolando sobre mim mesmo, dou de cara com seu olhar feroz.

— Cadê o queijo? — O tom ainda é de desafio.

Só que eu não vou entrar nessa.

— Sirva-se. Eu é que não vou bancar o garçom.

Vasculhando a mochila, ele encontra um pedaço de queijo e algumas bolachas de água e sal. Passo-lhe a faca de caça para cortar o queijo.

— Sabe o que vou fazer, Chris? Vou colocar tudo que for pesado na minha mochila, e as coisas leves na sua. Assim não precisarei mais ficar subindo e descendo com as mochilas.

Ele concorda e melhora de humor. Parece que isso adiantou alguma coisa para ele.

Agora a minha mochila deve estar pesando uns dezoito ou vinte quilos, e depois de alguns instantes de escalada atinjo um ritmo estável de mais ou menos uma respiração a cada passo.

Assim chegamos a uma rampa acentuada, e o ritmo passa a ser de duas respirações por passada. Numa determinada ribanceira, chego a respirar quatro vezes por passada. Dou passadas largas, quase verticais, agarrando-me às raízes e aos ramos das árvores. Estou me sentindo burro, porque devia ter imaginado algum meio de evitar esse talude. As varas de choupo se tornam úteis, e

Chris se distrai usando a dele. As mochilas aumentam o peso da parte superior do corpo, e as varas impedem que se caia de costas. Primeiro a gente firma um pé, depois a bengala, depois sobe, GIRANDO, apoiado na bengala, respira três vezes, depois firma o outro pé, a bengala, depois GIRA o corpo...

Não sei se ainda tenho assunto para a chautauqua de hoje. Minha cabeça fica enevoada a essa hora da tarde... Talvez eu consiga pelo menos fazer um resumo, e depois encerro a sessão.

Há muito tempo, quando começamos esta estranha viagem, comentei que John e Sylvia pareciam estar fugindo de alguma misteriosa força mortal que, segundo eles, era personificada pela tecnologia: disse também que nessa fuga eles tinham muita companhia. Depois observei que mesmo algumas das pessoas envolvidas com a tecnologia pareciam estar evitando-a. A razão básica desse comportamento seria a de que eles a encaravam de um ponto de vista emocional, preocupando-se com a aparência imediata das coisas, ao passo que eu me preocupava com a forma subjacente. Chamei de romântico o estilo de John, e o meu chamei de clássico. Na gíria dos anos sessenta, o estilo dele seria "ligado" e o meu, "careta". Depois, começamos a penetrar nesse mundo careta, para ver o que o fazia funcionar. Debateram-se dados, classificações, hierarquias, causa e efeito, análise, e, no meio disso tudo, mencionou-se um punhado de areia, o mundo do qual temos consciência, tirado da infindável paisagem da consciência que nos cerca. Eu disse que esse punhado de areia é trabalhado por um processo de discriminação, e dividido em partes. A compreensão clássica, careta, se encarrega de formar os montículos de areia, de determinar a natureza dos grãos e a base de seleção e de correlação.

A recusa de Fedro em definir Qualidade, em termos da mesma analogia, foi uma tentativa para romper as cadeias do método de entendimento clássico, que seleciona os grãos de areia, e de encontrar um ponto comum entre o mundo clássico e o mundo romântico. A Qualidade, o termo de clivagem entre "ligados" e "caretas", parecia ser esse ponto em comum. Era usado em ambos os mundos. Ambos sabiam o que era Qualidade. Só que os românticos deixavam a Qualidade em paz, apreciando-a pelo que ela era, e os clássicos tentavam transformá-la num conjunto de tijolos intelectuais, para outros propósitos. Agora que a Qualidade era indefinível, a mentalidade clássica seria forçada a encará-la do mesmo modo que os românticos, sem distorções causadas pelas estrutu-

ras lógicas.

Estou fazendo uma promoção incrível dessa diferença entre clássico e romântico, mas Fedro não fez isso. Ele não estava realmente interessado em qualquer espécie de fusão entre as diferenças desses dois mundos. Estava atrás de outra coisa — daquele seu fantasma. Ao perseguir esse fantasma, ele avançou, obtendo significados cada vez mais amplos da Qualidade, que o impulsionaram cada vez mais para diante, rumo ao seu fim. A diferença entre nós dois é que eu não pretendo chegar a esse fim. Tudo que ele fez foi passar por essa região e desbravá-la. Eu pretendo instalar-me nela, cultivá-la, e ver se consigo produzir alguma coisa.

Creio que o referente de um termo que pode dividir um mundo em avançado e careta, clássico e romântico, tecnológico e humanista, é uma entidade que pode também reunir os pedaços de um mundo já dividido nestas categorias. O conhecimento profundo acerca da Qualidade não serve simplesmente aos propósitos do sistema, nem o combate, nem propõe meios de fuga. Um conhecimento profundo sobre Qualidade domina o sistema, doma-o, e o faz trabalhar em nosso benefício, permitindo-nos ficar completamente livres para decidirmos nossos próprios destinos.

Agora que já subimos bastante por uma das paredes do desfiladeiro, podemos virar-nos e contemplar a vista do outro lado. Lá é tão alto quanto aqui — um tapete de pinheiros verde-escuros, subindo uma alta ribanceira. Podemos avaliar nosso progresso projetando em direção ao pinhal um plano horizontal imaginário.

Acho que isso é tudo que eu tinha a dizer sobre a Qualidade por hoje, graças a Deus. Não me importo de falar sobre a Qualidade: o problema é que a explicação clássica sobre ela não é a Qualidade. A Qualidade é apenas o centro em torno do qual uma grande estrutura intelectual está se reorganizando.

Paramos para descansar, e para olhar a vista. O humor de Chris parece estar bem melhor, mas tenho medo de que seja aquele problema do egocentrismo outra vez.

— Olha como a gente já está alto — diz ele.

— Ainda temos muito que subir.

Mais tarde, Chris começa a gritar para ouvir o eco da sua voz, e a atirar pedras lá embaixo, para ver onde elas caem. Ele está começando a ficar até meio atrevido, e eu aumento o ritmo da caminhada até respirar a uma velocidade bem grande, por volta de uma vez e meia mais rápido do que antes. Assim ele fica mais sério,

e continuamos a subir.

Lá pelas três da tarde, minha pernas começam a ficar bambas: está na hora de parar. Eu não estou lá em muito boa forma. Se a gente continuar, mesmo sentindo essa lassidão, os músculos começam a se distender, e no dia seguinte é uma desgraça.

Chegamos a um lugar plano, uma grande plataforma saliente na encosta da montanha. Digo a Chris que por hoje chega. Ele parece satisfeito e animado: talvez eu tenha conseguido alguma coisa dele, afinal.

Estou pronto para tirar um cochilo, mas o desfiladeiro está coberto de nuvens de chuva. Não podemos ver o fundo da garganta nem a crista das montanhas do lado oposto.

Retiro as partes da tenda de dentro das mochilas, as capas do Exército, e adapto-as uma à outra. Depois amarro uma corda entre as duas varas e apoio a tenda sobre elas. A seguir, corto uns ramos de arbusto com o facão, fincando-os no chão, para servirem de estacas: e finalmente cavo uma vala pequena em torno da tenda com as costas do facão, para drenar a água da chuva. Mal terminamos de colocar as coisas na tenda, cai a primeira pancada.

Chris está entusiasmado com a chuva. Deitados de costas sobre os sacos de dormir, observamos a chuva caindo lá fora e ouvimos o ruído que ela faz ao bater na tenda. A floresta está com um aspecto enevoado. Ficamos os dois absortos, vendo as folhas dos arbustos tremerem sob o impacto das gotas, e tremendo um pouco também ao ouvirmos o estrondo do trovão. Sentimo-nos felizes por estar secos, enquanto tudo à nossa volta vai se encharcando.

Momentos depois, procuro na minha mochila a brochura de Thoreau, encontro-a e faço algum esforço ao lê-la para Chris, à luz cinza da chuva. Creio ter dito antes que já fizemos isso com outros livros difíceis, que normalmente ele não entenderia. Eu leio uma frase, ele faz uma série de perguntas sobre ela, e quando se dá por contente, passo para a frase seguinte.

Ficamos debatendo Thoreau durante algum tempo, mas depois de meia hora eu vejo, para minha surpresa e decepção, que Thoreau não está fazendo sucesso. Chris parece inquieto, e eu também. A estrutura da linguagem não é adequada para estas florestas de montanha. Pelo menos, é isso que eu sinto. O livro parece enfadonho e hermético, algo que eu nunca julguei que Thoreau fosse, mas agora é assim que nos sentimos. Ele fala de circunstâncias diferentes, sobre uma outra época, denunciando apenas os males da civilização, sem apontar soluções. Não está se dirigindo a gente

como nós. Com relutância, coloco o livro de lado: ficamos silenciosos e pensativos. Agora só existimos Chris, eu, a floresta e a chuva. Não há mais livros que nos possam guiar.

As panelas que deixamos lá fora começam a se encher de água da chuva, e depois, tendo recolhido o suficiente, reunimos as águas todas numa caçarola, colocamos alguns cubos de caldo de galinha e aquecemos num pequeno fogão de campanha. Saboreamos aquele caldo com o mesmo prazer com que saborearíamos qualquer comida ou bebida depois de uma difícil escalada.

— Eu gosto mais de acampar com você do que com os Sutherlands — fala Chris.

— A situação agora é diferente — respondo.

Ao terminarmos o caldo, pego uma lata de feijoada e despejo na caçarola vazia. Leva bastante tempo para esquentar, mas nós não temos pressa.

— Que cheiro gostoso! — exclama Chris.

A chuva parou, e agora apenas uma ou outra gota cai sobre a tenda.

— Acho que amanhã vai fazer sol — comento.

Passamos a caçarola de feijoada de um lado para. o outro, comendo de lados opostos.

— Pai, o que é que você fica pensando o tempo todo? Você está sempre pensando!

— Ahhh... Um monte de coisas.

— Que coisas?

— Ah, na chuva, nos problemas que podemos ter, e nas coisas em geral.

— Mas que coisas?

— Ah, por exemplo, como é que vai ser quando você crescer.

Ele fica interessado.

— E como é que vai ser?

Mas eu percebo um ligeiro lampejo de vaidade nos olhos dele quando ele faz a pergunta, e por isso lhe dou uma resposta indireta.

— Não sei. Fico só pensando.

— Você acha que a gente vai chegar no alto do desfiladeiro amanhã?

— Ah, claro, já estamos chegando lá.

— De manhã?

— Acho que sim.

Depois, ele adormece, e um úmido vento noturno desce da

crista da serra, uivando entre os pinheiros. As silhuetas das copas balançam levemente, curvando-se para um lado e para outro, depois suspiram, curvam-se e se endireitam outra vez, inquietas, movidas por forças a que têm de se submeter. O vento solta um dos lados da tenda, que fica tremulando. Levanto-me e prendo-o no chão. Caminho um pouco sobre a relva úmida e fofa da plataforma, mas logo retorno à tenda e fico esperando o sono chegar.

Capítulo 19

Um tapete de agulhas de pinheiro, iluminado pelo sol, vagarosamente me indica onde estou e acaba de dissipar meu sonho.

Nele, eu estava de pé, numa sala toda branca, olhando para uma porta de vidro. Do outro lado estavam Chris, seu irmão e sua mãe. Chris acenava para mim e o irmão sorria, mas a mãe estava com os olhos cheios d'água. Aí notei que o sorriso de Chris era fixo e artificial, e que, na verdade, ele estava aterrorizado.

Aproximei-me da porta e o sorriso dele ficou mais franco. Ele fez sinal para que eu a abrisse. Quando estava a ponto de fazê-lo, desisti. O medo voltou ao rosto dele, mas dei-lhe as costas e me afastei.

É um sonho que já tive várias vezes. O significado dele é óbvio e combina com algumas coisas que eu pensei ontem à noite. Ele está tentando se relacionar comigo e tem medo de nunca conseguir. Aqui em cima, as coisas estão começando a se esclarecer.

Por trás da coberta da tenda, uma tênue névoa de evaporação sobe das agulhas de pinheiro espalhadas pelo chão. O ar está úmido e fresco, e, tomando cuidado para não acordar o Chris, esgueiro-me para fora, espicho o corpo e espreguiço-me.

Minhas pernas e costas estão duras, mas não doloridas. Faço um pouco de ginástica para relaxar os músculos, e depois dou uma corrida da plataforma até os pinheiros. Assim me sinto melhor.

Esta manhã, o perfume dos pinhais está intenso e úmido. Agachando-me, contemplo a névoa matinal que cobre o desfiladeiro abaixo de nós.

Depois retorno à tenda e ouço um ruído indicando que Chris já acordou. Ao espiar para dentro, vejo-o olhar ao redor, sem dizer nada. Ele demora para acordar, e vai levar pelo menos cinco minutos para aquecer os miolos a ponto de poder dizer alguma coisa. Agora está apertando os olhos, devido à claridade.

— Bom dia — cumprimento.

Não há resposta. Dos pinheiros despencam ainda algumas gotas de chuva.

— Dormiu bem?

— Não.

— Mas isso é péssimo.

— Como você conseguiu levantar assim cedo? — pergunta ele.

— Já é tarde.

— Que horas são?

— Nove.

— Aposto que quando a gente foi dormir já eram mais de três horas da manhã.

Três da manhã? Se ele ficou acordado esse tempo todo, hoje vai se sentir um caco.

— Bom, eu dormi — garanto eu. Ele me olha de modo estranho.

— Mas foi você que não me deixou dormir!

— Eu?!

— Você ficou falando.

— Enquanto dormia, naturalmente.

— Não, sobre a montanha!

Há alguma coisa errada.

— Eu nem sei que montanha é essa, Chris.

— Bom, você ficou falando nela a noite inteira. Disse que lá do pico a gente via tudo. E disse que ia encontrar comigo lá em cima.

Acho que ele andou sonhando.

— Como é que eu posso encontrar com você lá em cima, se já estou com você?

— Sei lá. Foi você que disse isso. — Ele parece confuso. — Parecia que você estava bêbado, ou coisa assim.

Ele ainda está sonolento. É melhor deixá-lo despertar em paz. Mas estou com sede e me lembro de ter deixado o cantil em casa, pensando que encontraríamos bastante água durante a jornada. Que imbecil! Agora só podemos tomar café depois de escalarmos a crista do desfiladeiro e descermos o suficiente, pela encosta do outro lado, para encontrar alguma fonte.

— E melhor a gente pegar tudo e ir em frente — digo. — Vamos procurar água para o café. — Lá fora já está quente, e esta tarde provavelmente vai fazer calor.

Desarmo a tenda sem dificuldade, constatando, satisfeito,

que está tudo bem seco. Em meia hora já estamos prontos. Se não fosse pela relva amassada e pela terra revolvida, pareceria até que ninguém esteve aqui.

Ainda temos muito que subir, mas ao entrarmos na trilha descobrimos que hoje está mais fácil do que ontem. Estamos chegando à parte arredondada superior da crista, e a inclinação já não é tão acentuada. Parece que os pinheiros aqui nunca foram cortados. O chão da floresta não recebe luz direta, e não há nenhum arbusto. Só um tapete macio de agulhas de pinheiro, cobrindo um terreno desobstruído, espaçoso, fácil de escalar...

É hora de continuar com a chautauqua e falar da segunda onda de cristalização, a metafísica.

Ela foi causada pelos rodeios desesperados que Fedro descreveu em torno da questão da Qualidade quando a equipe dos professores de inglês da Escola Superior de Bozeman, tendo descoberto que era um bando de caretas, lhe dirigiu uma pergunta bastante razoável: "Essa 'qualidade' indefinível a que o senhor se refere existe nos objetos que observamos, ou é subjetiva, existindo apenas no observador?" Era uma pergunta simples e bastante natural. Eles não tinham pressa em conhecer a resposta.

Ah. Não tinham pressa. É que a pergunta era um golpe decisivo, um nocaute, um verdadeiro swing, um nó nas tripas, do tipo que bota qualquer um na lona.

Pois se a Qualidade existir nos objetos, então será necessário explicar exatamente por que ela não pode ser detectada por instrumentos científicos. Será preciso indicar instrumentos que a possam detectar, ou recorrer à explicação de que os instrumentos não a detectam porque todo esse conceito de Qualidade, com todo o respeito, é uma tremenda besteira.

Por outro lado, se a Qualidade for subjetiva, existindo apenas no observador, então o tão decantado termo "qualidade" seria apenas um nome sofisticado para qualquer coisa de que a gente goste.

A equipe de professores do departamento de inglês da faculdade do estado de Montana havia apresentado a Fedro um antigo construto lógico conhecido como dilema. O "dilema", que em grego quer dizer "duas premissas", foi comparado à carranca de um touro enfurecido e pronto para o ataque.

Se ele partisse da premissa de que a Qualidade era objetiva, seria ferido por um dos chifres desse touro. Se partisse da outra

premissa, a de que a Qualidade era subjetiva, o touro o atingiria com o outro chifre. A Qualidade tinha que ser objetiva ou subjetiva: logo, ele estava liquidado, fosse qual fosse a resposta.

Ele observou que vários dos professores passaram a lhe dirigir sorrisos complacentes.

No entanto, devido à prática que tinha em matéria de lógica, Fedro sabia que para cada dilema há não apenas duas, mas três refutações clássicas. E como ele também conhecia outras alternativas bem menos clássicas, retribuía os sorrisos. Podia escolher o chifre esquerdo do touro, e refutar a idéia de que a qualidade implicasse na detecção científica. Podia também escolher o chifre direito e refutar a idéia de que a subjetividade engloba "tudo que a gente preferir". Ou então podia escolher uma situação intermediária e negar que subjetividade e objetividade fossem as únicas alternativas. Ele certamente experimentou as três estratégias.

Além dessas três refutações lógicas clássicas, existem algumas refutações ilógicas e "retóricas". Sendo um retórico, Fedro podia muito bem lançar mão delas.

Pode-se atirar areia nos olhos do touro. Ele já tinha feito isso, ao dizer que a incapacidade de reconhecer a Qualidade constituía prova de incompetência. Existe uma antiga regra lógica segundo a qual a competência do orador não invalida a veracidade do seu discurso. Portanto, falar em incompetência era o mesmo que atirar areia nos olhos do touro. O maior idiota do mundo pode vir dizer que o sol está brilhando, que isso não vai fazer com que ele se apague. Sócrates, o antigo inimigo da argumentação retórica, acabaria com essa refutação de Fedro, dizendo: "Muito bem, eu aceito a premissa de que sou incompetente em matéria de Qualidade. Agora, faça o favor de mostrar a este velho incompetente o que é Qualidade. Do contrário, como poderei aprimorar meus conhecimentos?" Depois deixaria Fedro se virar por alguns minutos, achatando-o a seguir com perguntas que provariam que Fedro também não sabia o que era Qualidade — portanto, pelos próprios padrões dele, era um incompetente.

Pode-se tentar embalar o touro com uma canção de ninar. Fedro poderia ter dito aos que o questionavam que a resposta para tal dilema estava além de suas humildes possibilidades, mas o fato de ele não encontrar uma resposta não constituía prova lógica de que não houvesse solução. Será que eles, que eram mais experientes, não poderiam ajudá-lo a encontrá-la? Só que era um pouco tarde para esse tipo de cantilena. Eles simplesmente responde-

riam: “Não, nós somos caretas demais. E é melhor você manter o programa em dia até encontrar a solução, porque senão vamos reprovar esses seus alunos atrapalhados quando os pegarmos no semestre que vem.”

A terceira alternativa retórica para aquele dilema, a melhor delas, na minha opinião, seria recusar-se a entrar na arena. Fedro poderia simplesmente ter replicado: “A tentativa de classificar a Qualidade como objetiva ou subjetiva é uma tentativa de definição. Eu já disse que a Qualidade é indefinível.” E ficava por isso mesmo. Creio até que foi DeWeese que o aconselhou a tomar tal atitude, na época.

Por que ele resolveu não seguir esse conselho e deu uma resposta lógica e dialética ao dilema, em vez de enveredar pelo caminho fácil do misticismo, eu não sei. Mas posso imaginar. Antes de mais nada, ele sentia que a Igreja da Razão estava em peso na arena, e que quando alguém tirava o corpo fora de uma disputa lógica, estava se colocando além de qualquer debate acadêmico. O misticismo filosófico, a idéia de que a verdade é indefinível e só pode ser conhecida por meios irracionais, existe desde os primórdios da civilização. Ele é a base da experiência Zen. Mas não é uma disciplina acadêmica. A Academia, a Igreja da Razão, só se preocupa com aquilo que pode ser definido. O lugar do místico é no mosteiro, não na universidade. A universidade é um local onde se busca compreender as coisas.

Acho que a segunda razão pela qual ele decidiu entrar na arena foi uma razão egocêntrica. Ele sabia que era um lógico e dialético brilhante, sentia orgulho disso e encarava o dilema em questão como um desafio à sua perícia. Agora me ocorre que talvez tenha sido esse resquício de vaidade que deu origem a todos os problemas dele.

Vejo um veado passar uns duzentos metros acima de nós, entre os pinheiros. Tento mostrá-lo ao Chris, mas quando ele olha, o animal já desapareceu.

A primeira alternativa do dilema de Fedro era: “Se a Qualidade existe nos objetos, por que os instrumentos de precisão não podem detectá-la?”

Esta alternativa era bem maldosa. Desde o início, ele percebeu como era fatal. Se ele se considerasse um supercientista que podia enxergar nos objetos uma Qualidade que nenhum outro cientista

podia detectar, estaria apenas provando ser maluco, idiota, ou as duas coisas ao mesmo tempo. No mundo de hoje, as idéias incompatíveis com o conhecimento científico não vão muito longe.

Ele se lembrou de Locke, segundo o qual todo objeto, científico ou não, só é passível de ser conhecido em termos de suas qualidades. Esta verdade irrefutável parecia indicar que os cientistas não conseguem detectar a Qualidade nos objetos porque eles só conseguem detectar Qualidade. O "objeto" em si é um construto deduzido a partir das qualidades. Caso fosse válida, tal resposta certamente destruiria a primeira alternativa do dilema, o que, por um instante, deixou Fedro bastante entusiasmado.

Mas depois ele descobriu que estava enganado. A Qualidade que ele e os alunos haviam detectado na sala de aula era completamente diferente das qualidades de cor, calor ou dureza que se observavam no laboratório. Aquelas propriedades físicas eram todas mensuráveis por instrumentos. A Qualidade dele — "superioridade", "valor", "virtude" — não era uma propriedade física e não podia ser medida. Ele fora derrotado pela ambigüidade do termo. Ficou imaginando o porquê daquela ambigüidade, resolveu investigar mais tarde a etimologia da palavra qualidade, e depois pôs a idéia de lado. A primeira alternativa ainda estava intacta.

Então concentrou-se no outro chifre do touro, que parecia mais promissor em matéria de refutação. Ele pensou: "Então a Qualidade é apenas qualquer coisa de que a gente gosta?" Que afirmativa irritante! Então os grandes artistas da história — Rafael, Beethoven, Miguel Ângelo — estavam só produzindo o que os outros gostavam? Não tinham outro objetivo senão o de excitar os sentidos até o delírio? Seria isso? Que coisa mais irritante. E o mais irritante era que Fedro não conseguia descobrir nenhuma maneira lógica imediata de rebater aquilo. Portanto, estudou aquela proposição atentamente, do mesmo modo que estudava seus alvos antes de atirar contra eles.

De repente, encontrou o que queria. Sacou da faca e extraiu a palavra que estava fazendo aquela afirmação parecer tão irritante. Era a palavra "apenas". Por que a qualidade devia ser apenas o que a gente gosta? Por que é que aquilo de que a gente gosta tem que ser diminuído por esse "apenas"? O que significava esse "apenas", no caso? Assim separado, para fins de análise, o "apenas" realmente não significava droga nenhuma. Era um termo de conotações pejorativas, que não trazia qualquer contribuição lógica ao significado da frase. Ora, uma vez retirada tal palavra, a afirmação ficava

assim: “Qualidade é o que a gente gosta.” Mudava completamente o significado. Ela se tornava um simples provérbio.

Fedro então pôs-se a imaginar por que aquela afirmação o havia irritado tanto, afinal de contas. Parecia tão natural... Por que tinha levado tanto tempo para entender que ela queria dizer: “O que a gente gosta é ruim, ou, na melhor das hipóteses, inconseqüente”? O que estaria por trás dessa idéia presunçosa de que o que nos agrada é mau, ou, no mínimo, irrelevante em comparação a outras coisas? Aquilo parecia ser a quintessência da caretice que ele combatia. As criancinhas eram ensinadas a não fazer “apenas o que queriam”, mas... mas o quê?... É claro! O que os outros queriam. Que outros? Os pais, professores, supervisores, policiais, juízes, oficiais, reis, ditadores. Todas as autoridades. Quando a gente é ensinada a desprezar aquilo de que gosta, torna-se um serviçal muito mais obediente — um escravo dócil. Quando se aprende a não fazer “apenas o que a gente gosta”, o Sistema passa a nos adorar.

Mas suponhamos que a gente faça o que gosta. Será que por isso se entende que vamos começar a tomar picos de heroína, assaltar bancos e violentar velhinhas? Quem nos aconselha a não fazer “o que nos dá na telha” possui também pressupostos bastante curiosos sobre aquilo de que é possível gostar. Pessoas assim parecem não perceber que podemos não querer assaltar bancos porque pesamos as conseqüências e resolvemos que não nos agrada. Elas não vêem que os bancos foram criados por serem “só o que as pessoas querem”, ou seja, fornecedores de crédito. Fedro pôs-se a pensar como essa condenação do que as pessoas gostam se teria transformado numa objeção assim tão natural.

Logo notou que ali havia muito mais coisas do que ele podia imaginar. Quando as pessoas dizem: “não faça só o que você quer”, elas não estão apenas exigindo obediência à autoridade. A expressão significa também uma outra coisa.

Essa “outra coisa” desembocava num vasto campo do ideário clássico científico, segundo o qual o gosto das pessoas não importa, porque se compõe de emoções irracionais e íntimas. Ele estudou esse argumento durante muito tempo, depois dividiu-o com a faca em dois subgrupos, que denominou materialismo científico e formalismo clássico. A seguir afirmou que os dois se encontravam freqüentemente associados num mesmo indivíduo, mas que logicamente eram coisas diferentes.

O materialismo científico, mais comum entre os leigos aman-

tes da ciência do que entre os verdadeiros cientistas, sustenta que só é real o que é composto de matéria e energia, e mensurável por instrumentos científicos. O resto é irreal, ou, na melhor das hipóteses, irrelevante. O "gosto" é imensurável, sendo, portanto, irreal. Pode ser tanto um fato como uma alucinação. Em matéria de gosto, não há diferença entre essas duas coisas. O único objetivo do método científico é fazer distinções válidas entre o que é falso e o que é verdadeiro na natureza, eliminando da pesquisa os fatores subjetivos e imaginários, de modo a obter uma descrição objetiva e fiel da realidade. Para eles, dizer que a Qualidade é subjetiva era o mesmo que dizer que ela é imaginária, e que pode ser desprezada em qualquer reflexão sobre a realidade.

Por outro lado, existe o formalismo clássico, segundo o qual aquilo que não puder ser compreendido sob o aspecto intelectual é definitivamente incompreensível. Neste caso, a Qualidade é irrelevante, porque é uma intelecção emocional, destituída de elementos racionais intelectuais.

Destas duas origens do epíteto "apenas", a primeira, o materialismo científico, era sem dúvida a mais fácil de ser esfrangalhada, segundo Fedro. Esse tipo de ciência, conforme aprendera em experiências acadêmicas anteriores, era completamente ingênuo. De inicio, ele usou o método reductio ad absurdum. Tal modalidade de argumentação baseia-se no fato de que, se as conclusões inevitáveis tiradas de um conjunto de premissas forem absurdas, logicamente pelo menos uma das premissas que produziu tais conclusões será absurda. Fedro passou então a examinar o resultado da premissa de que as coisas não compostas de massa ou energia são falsas ou irrelevantes.

Começou pelo número zero. O zero, originalmente um algarismo hindu, foi introduzido no Ocidente pelos árabes, durante a Idade Média; os gregos e os romanos não o conheciam. Mas por que isso? Será que a natureza havia escondido o zero tão bem, que aqueles milhões de gregos e romanos não conseguiram encontrá-lo? Geralmente se pensa que o zero está bem debaixo do nariz de todo mundo, ali na cara. Fedro demonstrou que era absurdo tentar retirar o zero de qualquer forma composta de massa-energia, e depois perguntou, retoricamente, se isso significava que o número zero era "anticientífico". Se fosse, será que os computadores digitais, que funcionam exclusivamente na base dois, com os algarismos 1 e 0, teriam de usar, dali em diante, só o 1, para fins científicos? É óbvio que tal idéia é absurda.

Ele então prosseguiu, examinando outros conceitos científicos, um por um, mostrando que eles certamente não existiriam sem considerações subjetivas. Arrematou com a lei da gravidade, aquele exemplo que eu dei a John, Sylvia e Chris na primeira noite da viagem. Se a subjetividade for eliminada por ser irrelevante, dizia ele, todo o conhecimento científico terá que ser também eliminado.

Entretanto, tal refutação do materialismo científico parecia levá-lo ao campo do idealismo — Berkeley, Hume, Kant, Fichte, Schelling, Hegel, Bradley, Bosanquet — todos excelentes companheiros, lógicos até a medula, mas tão difíceis de serem entendidos na linguagem cotidiana que chegavam até a ser um estorvo, em vez de um auxílio na defesa da Qualidade. O argumento de que o mundo era só pensamento pode parecer uma posição lógica, plausível, mas certamente não agradava no sentido retórico. Era monótono demais, e muito difícil para um curso de redação do primeiro ano. Artificial demais.

A essa altura, aquele chifre subjetivo do touro parecia quase tão insípido quanto o objetivo. E os argumentos do formalismo clássico, ao serem examinados, revelaram ser capazes de agravar a situação. Eram poderosos demais, não podiam ser refutados a partir de impulsos emocionais imediatos, sem que toda a estrutura lógica fosse levada em consideração.

Os pais costumam dizer aos filhos: "Não torre a mesada comprando chiclete (impulso emocional imediato), porque senão você vai querer torrar o dinheiro em outra coisa mais tarde (estrutura lógica vista em conjunto). Os adultos dizem entre si: "Esta fábrica de papel solta um cheiro horroroso, apesar de todos os controles (emoções imediatas), mas, sem ela, a economia desta cidade inteira iria por água abaixo (estrutura lógica). Em termos daquela nossa velha dicotomia, no fundo o que está sendo dito é: "Não baseie suas decisões na aparência superficial, romântica, sem levar em consideração a forma subjacente clássica." Com isso, ele estava de acordo.

Os formalistas clássicos, ao lançarem a objeção de que "Qualidade é só aquilo de que a gente gosta", queriam dizer que essa "qualidade" subjetiva, indefinida, que ele ensinava era apenas um atrativo superficial romântico. Está certo que as votações em sala de aula determinavam se as redações apresentavam algum atrativo imediato, mas será que a Qualidade era isso? Será que ela era apenas uma coisa visível, ou será que era algo mais sutil, que não

podia ser captado de imediato?

Quanto mais estudava esse argumento, mais terrível ele parecia. Poderia simplesmente arrasar com sua tese.

Era assim ameaçador porque parecia responder a uma pergunta muitas vezes surgida na sala de aula, que ele sempre tivera que responder de modo um tanto casuístico: “Se todo mundo sabe o que é Qualidade, por que há tanta discordância em relação a ela?”

A resposta casuística tinha sido que embora a Qualidade pura fosse a mesma para todos, os objetos em que se acreditava residir a Qualidade variavam de pessoa para pessoa. Como para ele a Qualidade era indefinível, não havia jeito de refutar essa resposta, mas ele sabia, e sabia que os alunos sabiam, que havia algo de podre naquilo. Não respondia à pergunta feita.

Agora, havia uma outra explicação: as pessoas discordavam sobre a Qualidade porque algumas só trabalhavam com as emoções imediatas, enquanto outras utilizavam todo o seu conhecimento. Ele sabia que, se posto em votação entre os professores de inglês, este último argumento, que defendia a autoridade deles, seria aprovado por unanimidade.

Mas tal idéia era completamente devastadora. Em vez de uma Qualidade única, uniforme, surgiam agora duas qualidades: uma romântica, essencialmente visual, que era a dos alunos, e uma clássica, o conhecimento total, que era a dos professores. Uma ligada e uma careta. A caretice não era a ausência de Qualidade; era a Qualidade clássica. Ser ligado não era apenas saber perceber a Qualidade; era perceber a Qualidade romântica. O corte ligado/careta, por ele descoberto, permanecia de pé, mas a Qualidade não parecia mais estar de um só lado desse corte, como ele antes imaginava. Ao contrário, a própria Qualidade dividira-se em duas partes, uma de cada lado da linha de clivagem. Aquela sua Qualidade simples, bela, certinha e indefinível estava começando a ficar complexa.

Ele não estava gostando nada daquilo. O termo clivagem, que iria unificar os modos romântico e clássico de encarar o mundo, dividira-se em duas partes e não poderia mais servir de elemento de integração. Caíra num moedor de carne analítico. Aquela faca da subjetividade e objetividade havia dividido a Qualidade ao meio, e retirado sua funcionalidade. Para salvá-la, ele teria de evitar que a faca a atingisse.

E, na verdade, a Qualidade de que ele falava não era a Quali-

dade clássica, nem a romântica. Estava acima delas. Meu Deus, ela também não era subjetiva, nem objetiva. Estava além do alcance destas duas categorias. Na verdade, todo esse dilema da subjetividade e objetividade, mente e matéria, em relação à Qualidade, era injusto. Aquele problema do relacionamento entre a mente e a matéria era um impasse filosófico que já durava há séculos. Eles estavam só jogando esse impasse para cima da Qualidade, para ver se ela afundava. Como podia ele dizer se a Qualidade estava na matéria ou na mente, se a própria lógica não distinguia de forma clara a mente da matéria?

Portanto, ele rejeitou a primeira alternativa do dilema. A Qualidade não é objetiva, porque não reside no mundo material.

Rejeitou também a segunda: a Qualidade não é subjetiva. Não reside apenas na mente.

Resumindo: Fedro, seguindo um caminho que, segundo seu conhecimento, jamais fora tomado antes na história do pensamento ocidental, ficou com a posição intermediária do dilema. A Qualidade não estava na mente, nem na matéria. Era uma terceira entidade, independente de uma e de outra.

A partir daquele dia, enquanto passava pelos corredores e pelas escadarias do Montana Hall, Fedro cantarolava consigo mesmo, bem baixinho, sem cessar: “Santa, santa, santíssima Trindade!”

E há uma lembrança tênue, bem fraca, talvez até errada, talvez algo que eu mesmo imaginei, segundo a qual ele deixou toda aquela estrutura de pensamento assentar durante várias semanas, sem levá-la adiante.

Chris berra:

— Quando a gente vai chegar no cume?

— Acho que ainda estamos muito longe — respondo.

— Vamos ver muita coisa de lá?

— Acho que sim. Quando você vir o azul do céu entre as árvores, é sinal de que estamos chegando. Enquanto não conseguirmos enxergar o céu, vamos ter de andar bastante. Quando a gente estiver contornando o cume, veremos a luz entre os ramos das árvores.

A chuva de ontem ensopou este tapete fofo de agulhas, de modo a tornar confortável a caminhada. Às vezes, quando estas encostas ficam muito secas, a gente pode até escorregar, e tem que fincar os pés de lado na terra, para não cair.

— Não é bacana esta floresta sem vegetação rasteira? — per-

gunto ao Chris.

— Por que é que não há plantas menores?

— Acho que as árvores desta floresta nunca foram cortadas. Quando ninguém mexe nas florestas, durante séculos, as árvores impedem que a luz chegue ao solo, e aí os arbustos e plantas rasteiras não podem nascer.

— Parece um parque! — exclama Chris. — A gente pode ver tudo. — Ele parece estar bem mais animado do que ontem. Acho que vai colaborar, daqui por diante. O silêncio destas florestas melhora qualquer um.

O mundo agora, segundo Fedro, compunha-se de três elementos: mente, matéria e Qualidade. O fato de que ele não havia estabelecido relação entre eles não o preocupou no começo. Se a relação entre mente e matéria ainda não tinha sido resolvida até aquele momento, por que é que ele, ao cabo de algumas semanas, havia de apresentar uma resposta definitiva sobre a Qualidade? Não havia pressa. Colocou a questão numa espécie de prateleira mental onde guardava todas as questões para as quais não tivesse resposta imediata. Sabia que, mais cedo ou mais tarde, teria de estabelecer as relações entre os membros daquela trindade metafísica. Mas estava tranqüilo. Era tão bom ter se livrado dos chifres daquele touro, que ele simplesmente se descontraiu e curtiu o descanso enquanto pôde.

Depois, resolveu examinar o problema com mais cuidado. Embora a trindade metafísica, uma tripla realidade, não pudesse ser refutada por meios lógicos, tais trindades são bastante incomuns e nada populares. O metafísico normalmente busca ou um monismo, como Deus, que explica a natureza do mundo como manifestação de uma entidade única, ou pesquisa um dualismo, tal como espírito/matéria, que a explica como fruto de duas entidades, ou a considera pluralista, explicando-a como uma manifestação de um número indefinido de coisas. O número três, entretanto, parece estranho. Certamente, alguém iria perguntar: “Por que três? Qual é a relação entre esses elementos?” E como já tinha descansado bastante, Fedro interessou-se também em investigar esse relacionamento.

Notou que, embora normalmente se associe a Qualidade aos objetos, às vezes ocorriam sensações de Qualidade na ausência de qualquer objeto. Por isso é que ele a princípio havia julgado que a Qualidade fosse subjetiva. Mas a satisfação subjetiva também não

era Qualidade. A Qualidade faz diminuir a subjetividade. Faz com que saiamos de nós mesmos, com que tomemos consciência do mundo que nos rodeia. A Qualidade se opõe à subjetividade.

Eu não sei dizer quantos pensamentos lhe passaram pela cabeça antes de ele chegar a essa conclusão, mas no fim ele descobriu que a Qualidade não podia relacionar-se isoladamente com o sujeito, nem com o objeto; encontrava-se justamente na relação entre sujeito e objeto. Era o ponto de encontro entre sujeito e objeto.

Estava ficando quente.

A Qualidade não é uma coisa. É um evento.

Mais quente ainda.

É o evento no qual o sujeito toma consciência do objeto.

E como sem objetos não podem existir sujeitos — porque são os objetos que fazem com que o sujeito tome consciência de si mesmo — a Qualidade é o evento que torna possível a inter-relação sujeito-objeto!

Chicote queimado!

Agora ele sabia que ia conseguir.

Isso significa que a Qualidade não é apenas o resultado de um encontro entre sujeito e objeto. A própria existência do sujeito e do objeto é deduzida a partir do evento da Qualidade. O evento da Qualidade é a causa dos sujeitos e dos objetos, que, por puro engano, são considerados a causa da Qualidade!

Agora, sim, ele havia cravado as unhas na garganta daquele maldito dilema, que continha em seu bojo uma pressuposição maldosa, para a qual não havia justificativa lógica: a de que a Qualidade era o efeito dos sujeitos e dos objetos. Era coisa nenhuma! Então, ele sacou a faca.

"O sol da Qualidade", escreveu ele, "não gira em torno dos sujeitos e objetos de nossa existência. Não fica iluminando-os passivamente, e não se subordina a eles. Foi esse sol que os criou. Eles é que estão subordinados à Qualidade!"

Quando terminou de escrever isso, Fedro sentiu que havia chegado a alturas intelectuais que ele inconscientemente buscara como um louco durante muito tempo.

— Olha o céu azul! — grita Chris.

Acima de nós vê-se uma estreita faixa azul entre os troncos dos pinheiros.

Apressamos o passo. As nesgas de azul além das árvores

tornam-se cada vez maiores, e logo reparamos que os pinheiros vão escasseando, até dar lugar à clareira que fica no cume. A uns cinqüenta metros do topo, eu grito:

— Vamos!

E começo a correr lá para cima, com todas as forças que ainda me restam.

Apesar de eu dar tudo que tenho, Chris leva vantagem e passa por mim, dando risada. Com o peso da carga, e àquela altitude, não vamos marcar nenhum recorde, estamos só arremetendo para o alto com toda a energia que temos.

Chris chega primeiro, quando eu ainda mal consegui sair da floresta. Ele levanta os braços e grita:

— Ganhei!

— Egocêntrico!

Estou tão esbaforido ao chegar, que não consigo dizer nada. Simplesmente atiramos as mochilas ao chão e deitamos nas pedras. O sol secou a superfície do solo, mas por baixo ainda há lama da chuva de ontem. Abaixo de nós, a quilômetros de distância das encostas arborizadas e dos campos, fica o vale Gallatin, numa de cujas extremidades está a cidade de Bozeman. Um gafanhoto salta sobre a rocha e vai cair bem longe de nós, no meio das árvores.

— Conseguimos! — exclama Chris, todo satisfeito. Eu, ainda ofegante demais para responder, tiro as botas e as meias encharcadas de suor e deixo-as secar sobre uma pedra. Fico olhando pensativamente o vapor que o sol faz emanar delas.

Capítulo 20

Acabei dormindo, claro. O sol está quente. Meu relógio marca meio-dia e pouco. Olhando por sobre a rocha em que estou recostado, vejo Chris do outro lado, dormindo a sono solto. Bem acima dele termina a floresta, e o tom cinzento das rochas nuas se encontra com as manchas de neve. Poderíamos escalar o dorso daquela crista à nossa frente, mas correríamos perigo ao nos aproximarmos do cume. Contemplo o pico da montanha por alguns instantes. O que foi mesmo que Chris disse ontem à noite? Que eu o veria no pico da montanha... Não... Que nós nos encontraríamos no pico da montanha.

Como é que eu poderia encontrá-lo no alto da montanha, se eu já estava com ele? Tem algo de podre nessa história. Ele disse que eu tinha falado outra coisa na outra noite: que aqui era um lugar solitário. Isso contradiz a minha opinião real. Eu não acho as montanhas solitárias coisa nenhuma.

Ouvindo o barulho de pedras que despencam, volto-me para um dos lados da montanha. Tudo calmo. Completamente parado.

Não foi nada. A gente ouve o som de deslizamentos o tempo todo.

Porém, às vezes, eles não são tão pequenos. As avalanchas começam com pequenos deslizamentos como esses... Se a gente estiver acima ou ao lado deles, é até interessante observá-los. Mas se estiver embaixo — então, não há escapatória. Só se pode ficar esperando as pedras caírem.

Dizemos coisas esquisitas durante o sono, mas por que eu diria ao Chris que ia encontrá-lo. E por que ele pensou que eu estava acordado? Aqui há alguma coisa muito errada, gerando uma sensação muito desagradável, mas não consigo descobrir o que é. Primeiro a gente sente as coisas; depois é que vai saber a razão.

Ouvindo Chris se mexer, volto-me e vejo que ele está olhando

em volta.

— Onde a gente está?

— No alto da crista.

— Ah — diz ele, sorrindo.

Desembrulho um almoço composto de queijo suíço, salaminho e bolachas, cortando o queijo e o salaminho em fatias finas, com todo o cuidado. Este silêncio ajuda a fazer as coisas direito.

— Vamos construir uma cabana aqui — sugere Chris.

— Ahhh — resmungo eu. — E subir isso tudo todos os dias?

— Claro — provoca ele. — Não foi tão difícil assim.

Ele já nem se lembra mais de ontem. Dou-lhe um pedaço de queijo e algumas bolachas.

— No que é que você tanto pensa? — pergunta ele.

— Em milhões de coisas.

— Por exemplo?

— A maioria delas não ia fazer o menor sentido para você.

— Como o quê?

— Como a razão pela qual eu disse a você que a gente ia se encontrar no pico da montanha.

— Ah — diz ele, baixando os olhos.

— Você disse que eu parecia bêbado.

— Não, bêbado não — nega ele, ainda de olhos fitos no chão. O jeito dele me faz imaginar de novo se ele está mesmo dizendo a verdade.

— Como, então? Ele não responde.

— Como, então, Chris?

— Só diferente!

— Como?

— Bom, eu não sei! — Ele torna a me fitar, com um lampejo de temor nos olhos. — Como você costumava ser há muito tempo atrás.

— Quando?

— Quando a gente morava aqui.

Procuro não demonstrar qualquer emoção, levanto-me cuidadosamente e vou virar as meias que estão sobre a rocha. Elas já secaram há muito tempo. Ao retornar com elas, Chris ainda está olhando para mim. Então digo, num tom natural:

— Eu não sabia que estava diferente assim.

Não há resposta.

Calço as meias e depois enfio as botas.

— Estou com sede — fala ele.

— Deve ter água um pouco mais abaixo — digo eu, levantando-me. Contemplo a neve por alguns instantes, e depois chamo: — Vamos lá?

Ele balança a cabeça, e nós pegamos as mochilas.

Enquanto caminhamos pelo cume em direção ao início de uma ravina, ouvimos outro estralejar de pedras despencando, bem mais alto do que o primeiro. Olho para cima, para ver de onde vem o som. Nada.

— Que foi? — pergunta Chris.

— Um deslizamento.

Ficamos em silêncio por uns momentos, escutando.

— Será que tem alguém lá em cima? — pergunta Chris.

— Não, acho que é só a neve derretida que está soltando as pedras. Quando fica assim quente no começo do verão, a gente ouve um monte de pequenos deslizamentos. As vezes, até grandes. E o desgaste natural das montanhas.

— Eu não sabia que as montanhas se gastam.

— Gastam, não. Desgastam. Ficam arredondadas e suaves. Estas montanhas são novas, ainda.

Por todo lado, exceto no pico, as encostas das montanhas, estão cobertas do verde-escuro da floresta. As florestas ao longe parecem uma capa de veludo.

— Olhando para essas montanhas, a gente até pensa que elas são serenas e eternas, mas elas estão sofrendo transformações o tempo todo, às vezes até violentas. Abaixo de nós, no fundo da terra, neste exato momento, existem forças que podiam partir esta montanha ao meio.

— Será?

— Será o quê?

— Que elas conseguem partir a montanha inteira?

— Conseguem — respondo. Depois me lembro: — Perto daqui, dezenove pessoas morreram soterradas sob milhões de toneladas de pedra. Todos se espantaram de saber que só havia dezenove mortos.

— Como foi isso?

— Eram uns turistas do Leste, que estavam passando a noite num acampamento. Durante a noite, as forças subterrâneas se libertaram, e, na manhã seguinte, quando o socorro viu o que tinha acontecido, só fizeram abanar a cabeça. Nem tentaram desenterrar os corpos. De que adiantava cavar centenas de metros de rochas para resgatar corpos que iam ter que ser enterrados novamente?

Aí, eles deixaram por isso mesmo. Os turistas estão lá até hoje.

— Como é que sabiam que eram dezenove?

— É que os parentes e vizinhos deles informaram que eles não tinham voltado.

Chris fica olhando fixamente para o cume da montanha.

— Ninguém avisou para eles tomarem cuidado?

— Não sei.

— Mas você acha que sim?

— Talvez.

Caminhamos para o lugar onde a crista forma uma dobra, que indica o início de uma ravina pela qual podemos descer até encontrar água. Começo a descer a ribanceira, pisando enviesado.

Ouço mais pedras despencando lá em cima, e sinto um pavor súbito.

— Chris — chamo.

— Que é?

— Sabe o que eu acho?

— O quê?

— Acho que seria bom a gente deixar para escalar o cume dessa montanha noutra ocasião.

Ele silencia, depois pergunta:

— Por quê?

— Estou com um mau pressentimento.

Ele fica quieto por muito tempo, mas depois insiste.

— Que pressentimento?

— Bom, eu só acho que a gente pode ser pego de surpresa por alguma tempestade, deslizamento ou coisa assim, e aí vamos ficar numa encrenca danada.

Ele continua quieto. Pela expressão, está bastante desapontado. Acho que ele pensa que estou escondendo alguma coisa.

— Pense um pouco sobre isso — recomendo — e depois que a gente encontrar água e almoçar a gente resolve.

Continuamos descendo.

— Combinado? — insisto.

Ele finalmente concorda, num tom neutro.

A descida agora é fácil, mas percebo que logo vai ficar mais íngreme. Ainda estamos sob o céu aberto e ensolarado.

Eu não sei o que pensar dessas minhas misteriosas conversas noturnas com o Chris; só acho que não são nada boas. Nem para mim, nem para ele. Parece que toda a tensão resultante desta viagem, destes acampamentos, da chautauqua e de todos estes

lugares antigos me fez mal, e isso se faz notar à noite. Quero mais é me safar daqui o mais depressa possível.

Acho também que para o Chris esta minha atitude não lembra os velhos tempos. Ultimamente, eu me apavoro com muita facilidade, e não tenho vergonha de reconhecer isso. Ele nunca se apavora com nada. Nunca. É por isso que eu estou vivo e ele, não. Se ele estiver lá em cima, uma entidade psíquica, um fantasma, um Doppelganger, esperando por nós, sabe-se lá com que intenções... Bom, então vai ter que esperar sentado. Por bastante tempo.

O raio deste lugar depois de algum tempo está ficando muito lúgubre. Eu quero é descer o mais rápido possível, para bem longe daqui.

Para o Oceano Pacífico. Parece razoável. Para onde as ondas se deslocam lentamente, com um marulhar intenso, e não há perigo de queda, porque a gente já está embaixo.

Entramos na floresta novamente. Fico aliviado ao ver que os ramos escondem o topo da montanha.

Acho que já percorremos o caminho de Fedro até onde foi possível dentro dos limites desta chautauqua. Agora, quero deixar esta trilha. Já dei a ele todo o crédito devido pelo que ele pensou, escreveu e disse. Agora, quero desenvolver por conta própria algumas das idéias que ele deixou de investigar. O título desta chautauqua é “O Zen e a arte da manutenção de motocicletas”, e não “O Zen e a arte do alpinismo”. As motocicletas não podem escalar montanhas e, na minha opinião, lá também não se encontra muito Zen. O Zen é o “espírito do vale”, não o das montanhas. Nelas, só se pode encontrar o Zen que nós próprios levamos para lá. Vamos sair daqui.

— É bom estar descendo, não é? — pergunto. Silêncio total.

Desconfio que estamos tendo um pequeno desentendimento.

Se a gente subir ao alto de uma montanha, só vai conseguir receber enormes tábuas de pedra, contendo um grupo de leis.

Foi mais ou menos isso que aconteceu com ele.

Acabou pensando que era um Messias, o infeliz.

Comigo não, meu chapa. O trabalho é muito, a paga, pouca. Vamos embora. Vamos...

Dentro em pouco, já estou galopando encosta abaixo feito um idiota — ga-lope, ga-lope, ga-lope — , até que ouço o Chris gritando:

— VAI MAIS DEVAGAR!

Ele está a uns duzentos metros de distância, atrás das árvo-

res. Diminuo o passo, mas logo percebo que ele está molengando de propósito. Com certeza está decepcionado.

Acho que eu deveria, nesta chautauqua, indicar apenas resumidamente a direção tomada por Fedro, sem fazer comentários a respeito, e depois apresentar minhas idéias. Creiam-me, quando se encara o mundo não como uma dualidade de matéria e espírito, mas como uma trindade composta de mente, matéria e qualidade, a arte da manutenção de motocicletas e outras artes assumem uma dimensão que jamais possuíram. O espectro da tecnologia de que os Sutherlands estão fugindo transforma-se não num mal, mas em algo positivo e interessante. E demonstrar isso será uma tarefa divertida e demorada.

Mas antes, para me livrar daquele outro espectro, devo dizer certas coisas.

Talvez ele tivesse seguido o caminho que estou para tomar, se aquela segunda onda de cristalização, a onda metafísica, tivesse dado nas praias para onde a estou dirigindo, isto é, no mundo de hoje. Creio que a metafísica é positiva na medida em que aprimora a vida cotidiana; senão, nem vale a pena dedicar-se a ela. Infelizmente, a onda dele não chegou à praia. Transformou-se numa terceira onda mística de cristalização da qual ele jamais conseguiu se recuperar.

Especulando sobre a relação entre Qualidade, mente e matéria, ele deduziu que a Qualidade é que dava origem à mente e à matéria. Tal inversão copernicana da relação entre a Qualidade e o mundo objetivo poderia parecer misteriosa, caso não fosse bem explicada. Mas ele não tinha intenção de conservar o mistério. Queria apenas dizer que na fronteira do tempo, antes do processo de discriminação de um objeto, deve existir uma consciência de natureza irracional que ele denominava consciência de Qualidade. Só se pode estar consciente de ter visto uma árvore depois que a árvore foi vista. E entre o instante da visão e o da consciência deve existir um lapso de tempo. Podemos ter a impressão de que esse lapso não merece a mínima importância. Mas não há absolutamente nada que justifique a idéia de que esse intervalo é irrelevante.

O passado existe apenas em nossa memória, o futuro, apenas em nossos planos. O presente é a única realidade que temos. A árvore que captamos racionalmente, por causa daquele pequeno lapso de tempo, está sempre no passado, e, portanto, é sempre irreal. Qualquer objeto concebido em termos intelectuais está sem-

pre no passado, sendo, portanto, irreal. A realidade situa-se no momento da visão, antes que se inicie o processo de intelectualização. Não existe nenhuma outra realidade. Tal realidade pré-intelectual era o que Fedro considerava à verdadeira Qualidade. Como todas as coisas intelectualmente identificáveis deveriam surgir a partir dessa realidade intelectual, a Qualidade é a mãe, a origem de todos os sujeitos e objetos.

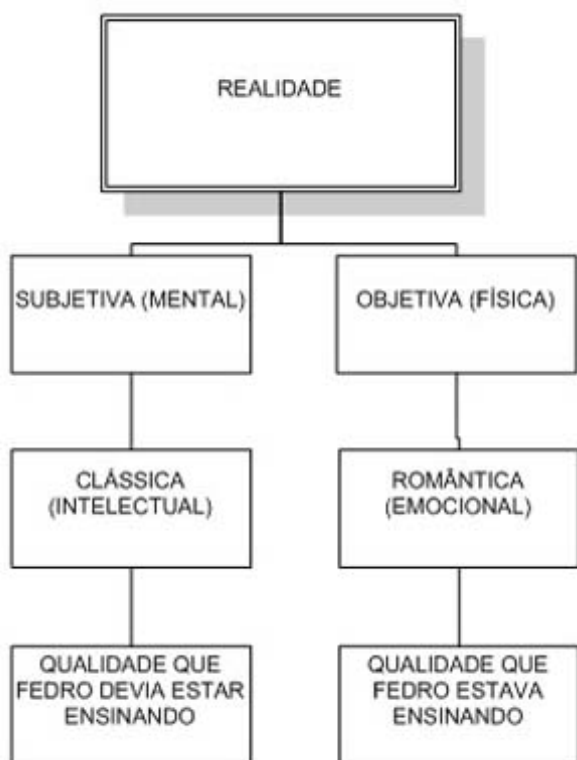
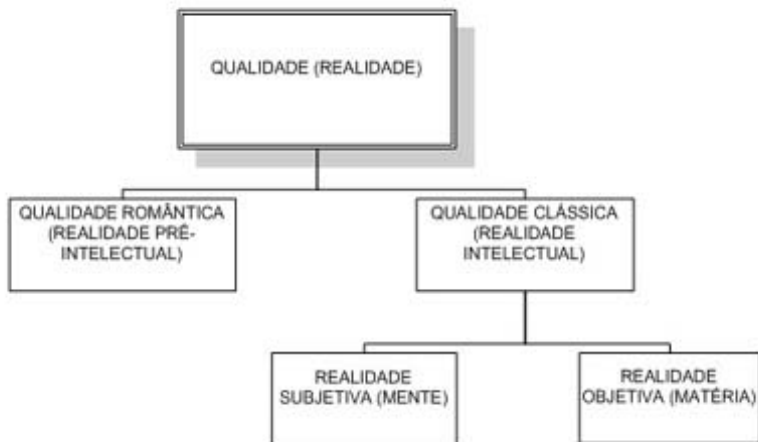
Ele achava que os intelectuais eram os que geralmente sentiam mais dificuldade na percepção dessa Qualidade, justamente porque racionalizavam tudo num piscar de olhos. Quem percebe mais facilmente a Qualidade são as crianças, as pessoas humildes e "sem instrução", porque não têm nenhuma predisposição a adquirir cultura intelectual, e nem qualquer prática de formalização que incuta neles tal cultura de forma mais profunda. Por isso era a caretice uma doença tipicamente intelectual. Ele achava que fora imunizado contra essa doença por acaso, ou que ela se havia atenuado pelo seu fracasso na universidade. Daquela época em diante, ele passou a não sentir qualquer identificação imediata com a intelectualidade, e a encarar com simpatia as doutrinas antiintelectuais.

Dizia Fedro que os caretas, em virtude dos preconceitos que possuem em relação à intelectualidade, consideram a Qualidade, a realidade pré-intelectual, algo sem importância, um simples período de transição passiva entre a realidade objetiva e a percepção subjetiva dessa realidade. Por causa desses preconceitos, não procuram descobrir se essa realidade coincide com a concepção que fazem dela.

E ela não coincide mesmo. Ao ouvir o som daquela Qualidade, ao ver aquela muralha coreana, aquela realidade não racionalizada em sua forma pura, sentimos a necessidade de deixar de lado as palavras, que, afinal, percebemos estarem sempre numa outra dimensão.

Munido dessa nova trindade inter-relacionada em termos cronológicos, ele percebeu que agora aquela divisão em Qualidade clássica e romântica, que havia ameaçado destruir sua linha de raciocínio, perdera a razão de ser. Eles não podiam mais destruir a Qualidade. Fedro podia agora sentar-se e destruir, com toda a calma, os argumentos deles. A Qualidade romântica relacionava-se às impressões instantâneas. A Qualidade careta sempre subentendia incontáveis considerações, que tomavam algum tempo. A Qualidade romântica era o presente, o aqui e o agora. A Qualidade clássica

sempre lidava com algo que transcendesse o presente. A relação entre presente, passado e futuro era sempre levada em conta. Se acharmos que o passado e o futuro estão contidos no presente, agimos no sentido emocional e vivemos só o presente. Por que esquentar a cabeça, se a motocicleta está funcionando? Mas se a gente considera o presente como um mero instante entre o passado e o futuro, apenas um momento passageiro, então passa a ser de má qualidade essa negação do passado e do futuro. A motocicleta agora está funcionando, mas qual foi a última vez que se verificou o nível de óleo? Para os românticos isso é um exagero, mas para os clássicos é prudência.

Agora, temos dois tipos diferentes de Qualidade, que não dividiram a Qualidade em si. Eram apenas dois aspectos cronológicos diferentes da Qualidade, um, curto, e o outro, longo. A hierarquia metafísica proposta pelos professores do departamento era a seguinte:

E Fedro respondeu com a seguinte hierarquia:

A Qualidade que ele estava ensinando não era apenas parte da realidade; era a realidade integral.

Ele então dispôs-se a responder, levando em conta a idéia da trindade, à pergunta que antes sempre tivera que responder em termos retóricos: "Por que é que cada um percebe a Qualidade de um jeito?" Agora ele afirmava que "a Qualidade não tem forma nem formato, é indescritível. Ver formas e formatos já é intelectualizar. A Qualidade é independente de qualquer formato ou forma. Os formatos, nomes e formas que atribuímos à Qualidade dependem dela apenas em parte. Dependem também das imagens apriorísticas que temos registradas na memória. Procuramos sempre encontrar, no evento da Qualidade uma correspondência em relação a experiências já vividas. Se não o fizéssemos, não seríamos capazes de agir. Construímos a linguagem com base nesses paralelos. Construímos toda a cultura com base nesses paralelos".

As pessoas enxergam a Qualidade de modos diferentes porque a abordam segundo conjuntos diferentes de correspondências. Ele então forneceu exemplos lingüísticos, mostrando que, para nós, os sons das letras hindis da, da e dha parecem idênticos, porque não possuímos correspondências que nos permitam perceber

tais diferenças. Do mesmo modo, a maior parte dos falantes do idioma hindi não consegue distinguir entre os sons dos itens da e the, porque não estão preparados para isso. Os índios consideram a aparição de fantasmas uma coisa natural, mas a lei da gravidade os assusta para valer.

É por isso, segundo Fedro, que há um certo consenso entre os vários alunos de redação com relação à Qualidade das composições. Todos eles provêm de um meio cultural relativamente homogêneo, e possuem nível de instrução semelhante. Mas se os alunos fossem todos estrangeiros, ou se Fedro resolvesse apresentar-lhes vários poemas medievais estranhos ao âmbito dos conhecimentos deles, então, provavelmente, já não haveria mais consenso.

De certo modo, dizia Fedro, é a escolha da Qualidade que define o aluno. As pessoas têm opiniões diferentes sobre a Qualidade, não porque a Qualidade seja diferente, mas porque as pessoas trazem bagagens existenciais diferentes. Ele especulou que duas pessoas que tivessem correspondências apriorísticas absolutamente iguais fariam julgamentos de Qualidade sempre idênticos entre si. Entretanto, não tendo como prová-lo, ficou só na especulação.

Redigiu a seguinte resposta aos seus colegas de departamento:

“Qualquer explicação filosófica sobre a Qualidade será tanto falsa quanto verdadeira, justamente por ser uma explicação filosófica. O processo de explicação filosófica é analítico, consiste em dividir as coisas em sujeitos e predicados. O que entendo (aliás, o que todos entendem) por Qualidade não pode ser analisado desta maneira, não porque a Qualidade seja misteriosa, mas porque é muito simples, imediata e direta.

“A correspondência intelectual imediata da Qualidade pura, que pode ser entendida por aqueles que vivem numa cultura como a nossa, é a seguinte: ‘A Qualidade é a reação de um organismo ao seu ambiente’ (ele usou este exemplo porque os seus principais antagonistas pareciam estar querendo colocar a questão em termos comportamentais). Se colocarmos uma ameba numa lâmina com água e pingarmos ao seu lado uma gota de ácido sulfúrico diluído, suponho que a ameba fugirá do ácido. Se pudesse falar, essa ameba, sem conhecer nada a respeito de ácido sulfúrico, diria: ‘Este é um ambiente de má Qualidade.’ Se ela tivesse um sistema nervoso, reagiria de maneira muito mais complexa para superar a má Qualidade do ambiente. Buscaria correspondências, isto é, imagens e símbolos recolhidos nas experiências anteriores, para definir a na-

tureza desagradável do seu novo ambiente, e assim 'compreendê-lo'.

"Por sermos organismos mais avançados, altamente complexos, reagimos ao nosso ambiente inventando as correspondências mais mirabolantes. Inventamos a terra e os céus, as árvores, as pedras, os oceanos, os deuses, a música, as artes, a linguagem, a filosofia, a engenharia, a civilização e a ciência. Passamos a chamar essas correspondências de realidades, e elas são mesmo a realidade. Hipnotizamos nossos filhos em nome da verdade, fazendo-os acreditar que a realidade é essa. E mandamos aqueles que não aceitam essas correspondências para o hospício. Mas é a Qualidade que nos faz criar todas essas correspondências. A Qualidade é o estímulo constante que nos é imposto pelo meio ambiente para que criemos todo o mundo em que vivemos, nos mínimos detalhes.

"Ora, tomar esse evento que nos fez criar o mundo e incluí-lo no mundo que criamos é nitidamente impossível. E por isso que não se pode definir a Qualidade. Qualquer tentativa de definição só conseguirá abranger uma pequena parte da Qualidade como um todo."

Esta lembrança é para mim mais forte do que as outras, talvez porque seja a mais importante de todas. Ao escrever isso, ele sentiu um certo pânico, e quase eliminou a frase "nos mínimos detalhes". Aquilo era loucura. E acho que ele percebeu. Mas não encontrou qualquer razão lógica para eliminar tais palavras. Além disso, não tinha mais tempo para ser covarde. Ignorando esse pressentimento, ele deixou a frase como estava. Depois, descansou o lápis e... sentiu que algo se rompera, como se alguma coisa lá dentro houvesse sofrido uma tensão forte demais e tivesse rebentado. Agora já era tarde.

Ele começou a ver que havia se distanciado da posição original. Não estava mais falando de uma trindade metafísica, mas de um monismo absoluto. A Qualidade era a origem e a essência de todas as coisas.

Então desencadeou-se na sua cabeça uma nova seqüência de analogias filosóficas. Hegel havia se referido a isso com seu conceito de Espírito Absoluto. O Espírito Absoluto era independente também, tanto da objetividade quanto da subjetividade.

Contudo Hegel dizia que o Espírito Absoluto era a origem de tudo, mas excluiu a experiência romântica desse "tudo". O Absoluto de Hegel era completamente clássico, completamente racional e completamente ordenado.

A Qualidade não era assim.

Fedro lembrou-se de que o pensamento de Hegel era considerado uma ponte entre a filosofia ocidental e a oriental. O Vedanta dos hindus, o Caminho dos taoístas, e até o Buda já tinham sido considerados monismos absolutos, semelhantes ao que Hegel idealizara. Na época, porém, Fedro duvidava da correspondência entre o Um místico e os monismos ocidentais, porque o Um místico não obedecia a nenhuma regra, ao contrário dos monismos metafísicos. A Qualidade concebida por ele era uma entidade metafísica, e não mística. Ou não? Qual era a diferença?

Ele disse com seus botões que a diferença estava na definição. As entidades metafísicas são definíveis, e as místicas, não. Portanto, a Qualidade era mística. Não; na verdade, era mística e metafísica ao mesmo tempo. Embora ele a concebesse até aquele momento, em termos puramente filosóficos, como uma entidade metafísica, recusava-se a defini-la. A Qualidade era mesmo mística. Essa impossibilidade de definição liberava-a das regras metafísicas.

Então, sem pensar, Fedro foi até a estante e retirou um livrinho encadernado em cartolina azul. Era um manuscrito que ele mesmo copiara e encadernara havia vários anos, por não ser mais encontrado nas livrarias. Era o Tao-te-ching, de Lao Tsé, uma obra com 2.400 anos de idade. Começou então a reler aquelas linhas já tão conhecidas, mas estudando-as, desta vez, para ver se conseguiria estabelecer uma certa correspondência. Lia e interpretava ao mesmo tempo.

Leu a seguinte frase:

A Qualidade que pode ser definida não é a Qualidade Absoluta.

Ele dissera exatamente isso.

Os nomes que lhe podem ser dados não são Absolutos.

Ela é a origem do céu e da terra.

Ao ser designada, transforma-se na mãe de todas as coisas...

Mas era aquilo mesmo!

A Qualidade (a qualidade romântica) e suas manifestações (a qualidade clássica) compartilham da mesma natureza. Ela recebe nomes diferentes (sujeitos e objetos) ao se manifestar em termos clássicos.

Em conjunto, a qualidade romântica e a clássica podem ser chamadas "o místico".

Deslocando-se de alguns mistérios para outros mais profun-

dos, ela constitui o portal que leva ao segredo de toda a vida.

A Qualidade tudo penetra.
E não cessa de manifestar-se!
De modo insondável e inexaurível.
Como a nascente de todas as coisas.
E, no entanto, permanece clara e cristalina como a água.
Não se sabe de quem ela descende.
E uma imagem daquilo que existia antes de Deus...
Aproxima-te e ela no mesmo instante te servirá...

Quando olhada, não pode ser vista... Quando escutada, não pode ser ouvida... Quando agarrada, não pode ser tocada... Estas três virtudes escapam às nossas buscas, fundindo-se numa unidade.

A luz não surge quando ela se eleva.
Nem provém a escuridão do seu ocaso.
Perene e eterna,
Ela não pode ser definida,
Retornando ao mundo do nada.
Por isso é chamada a forma do amorfo,
A imagem do nulo.
Por isso é chamada esquiva.
Ao encontrá-la, não lhe verás a face.
Ao segui-la, não lhe verás as costas.
Aquele que se apega à Qualidade ancestral
É capaz de conhecer os inícios primevos
Que são a continuidade da Qualidade.

Ao ler aquilo, Fedro viu que as linhas e os versos se encaixavam, todos no lugar certo. Era exatamente aquilo. Era aquilo que ele vinha dizendo embora de modo menos rico, mais mecânico. Naquele livro não havia coisas vagas nem imprecisas. Mais preciso e definido, impossível. Era bem o que ele tinha dito, só que numa língua diferente, com outras raízes e origens. Vinha de outro vale, ver o que havia naquele vale, sem encará-lo como uma história contada por estranhos, mas sim como parte do vale natal. Agora, ele compreendia tudo.

Conseguira decifrar o enigma.

Continuou a ler. Verso por verso, página por página. Não havia sequer uma discrepância. Aquilo a que ele se referira o tempo todo como Qualidade, era aqui o Tao, a grande força central, geradora de todas as religiões, tanto orientais como ocidentais, passadas e presentes, de todo o conhecimento, de tudo.

Então, ele deu por si, viu onde estava, o que descobrira, e... Eu não sei bem o que aconteceu... Mas aquele "deslizamento" mental que ele já havia experimentado, aquele rompimento, de repente se acelerou, como as pedras que despencam do cume das montanhas. Antes que ele pudesse fazer alguma coisa, aquela massa de consciência subitamente acumulada começou a crescer cada vez mais, transformando-se numa avalancha incontrolável de pensamento e consciência. A medida que despencava, a massa aumentava em centenas de vezes o seu volume, e depois absorvia mais outras tantas toneladas, e depois mais ainda; o bolo rolou e cresceu cada vez mais rápido, até que não restou mais nada.

Mais nada mesmo.

A terra tinha fugido de sob os seus pés.

Capítulo 21

— Você não é muito corajoso, não é? — resmunga Chris.

— Não — respondo, retirando a pele de uma fatia de salame com os dentes. — Em compensação, você ia ficar bobo de ver como eu sou esperto.

Já nos distanciamos bastante do cume, e agora os pinheiros misturados aos arbustos repolhudos estão muito mais altos e mais cerrados do que estavam naquela altitude, do outro lado do desfiladeiro. É claro que aqui a chuva penetra mais. Tomo largos goles de água de uma panela que Chris foi encher no regato, e depois olho para ele. Está agora com uma cara mais conformada e já não há mais necessidade de sermões nem de discussão. Mastigamos como sobremesa algumas balas, tomamos outra panela de água para empurrar a comida e nos deitamos para descansar. Esta água de nascente das montanhas é a mais gostosa do mundo.

Logo Chris informa:

— Agora eu posso carregar mais peso.

— Tem certeza?

— Claro! — responde ele, com desdém.

Transfiro de bom grado algumas das coisas pesadas para a mochila dele, depois colocamos as mochilas nas costas e enfiamos os braços nas alças ainda sentados, levantando-nos a seguir. A minha ficou bem mais leve. Até que ele é bem gentil quando lhe dá na telha.

Daqui por diante vamos fazer uma descida lenta. Os lenhadores andaram por aqui: os arbustos são mais altos do que nós, dificultando a passagem. Vamos ter que abrir caminho nesse mato.

Agora, nesta chautauqua, quero deixar de lado as abstrações intelectuais de natureza excessivamente geral e passar para dados concretos, práticos, cotidianos. Mas não sei bem como começar.

Geralmente não se sabe que os pioneiros são tipicamente atrapalhados. Vão tomando a dianteira, tendo em vista apenas aquele seu objetivo nobre e distante, sem se dar conta da sujeira e dos dejetos que vão deixando para trás. Alguém vai ter que limpar tudo, o que não é uma tarefa muito bonita, nem agradável. A gente tem que se deprimir um pouco para realizar o serviço. Logo que se consegue baixar bem o astral, a coisa já não parece tão ruim.

Descobrir uma relação metafísica entre a Qualidade e o Buda em algum cume da experiência individual é simplesmente espetacular. E, ao mesmo tempo, insignificante. Se fosse esse o único assunto da chautauqua, nem valeria a pena. O importante é ver o que essa descoberta significa para os vales do mundo e todos os serviços monótonos e anos fatigantes que ainda teremos que enfrentar.

Sylvia sabia o que estava dizendo no primeiro dia, ao notar o jeito das pessoas que desciam a estrada. Qual foi a expressão que ela usou? Um "cortejo fúnebre". Resta-nos agora retornar a esse cortejo, com um tipo de compreensão maior do que o que lá existe no momento.

Em primeiro lugar, devo dizer que não sei se é verdadeira aquela idéia de que a Qualidade corresponde ao Tao. Não conheço nenhum modo de provar esta hipótese: tudo o que ele fez foi comparar sua concepção de uma entidade mística com outra entidade mística. Certamente, pensou que as duas eram uma coisa só, mas ele talvez não tivesse compreendido bem o que era Qualidade. Ou, mais provavelmente, pode ser que não tenha entendido o que era o Tao. Certamente ele não era nenhum sábio. E aquele livro está repleto de conselhos para os sábios, que ele teria feito bem em seguir.

Além disso, creio que essa tremenda escalada metafísica não contribuiu em nada para aprimorar o nosso conhecimento sobre a Qualidade, nem sobre o Tao. Em nada mesmo.

Parece que eu estou rejeitando tudo o que ele pensou e disse, mas não estou. Acho que ele até teria concordado comigo nesse ponto, uma vez que tentar descrever a Qualidade já constitui uma tentativa de defini-la, o que não corresponde ao seu objetivo. Creio que ele devia ter dito que declarações como aquelas, que se desviavam da linha de raciocínio, são até piores do que o silêncio, porque podem passar por verdadeiras e atrasar o conhecimento da Qualidade.

Não, ele não fez nada pela Qualidade, nem pelo Tao. Só pela

razão. Ele indicou um caminho pelo qual a razão poderia expandir-se, incluindo elementos antes impossíveis de serem assimilados, sendo assim considerados irracionais. Creio que foi a presença esmagadora desses elementos irracionais clamando pela assimilação que criou o sentimento atual de má qualidade, o espírito caótico e fragmentado do nosso século. Quero agora falar sobre isso com mais detalhes, do modo mais organizado possível.

Estamos pisando em solo lamacento, onde é difícil firmar os pés. Ficamos nos agarrando em galhos e arbustos, para manter o equilíbrio. Dou primeiro um passo, depois procuro um lugar mais seguro dou outro passo, depois procuro outra vez.

O arvoredo logo fica tão denso que vamos ter que abrir caminho a faca. Sento-me, enquanto Chris retira o facão da minha mochila. Depois ele o entrega a mim, e saio desferindo golpes mato adentro. A cada passo é necessário cortar uns dois ou três galhos. Vamos levar um bom tempo fazendo isso.

O primeiro passo, a partir da declaração de que “Qualidade é o mesmo que Buda”, feita por Fedro, é a idéia de que, caso seja correta, tal afirmação fornece uma base racional para uma unificação de três áreas da cultura humana que ora se acham desvinculadas. São elas: a religião, as artes e a ciência. Se pudermos demonstrar que todas se originam na Qualidade, que não é diferenciada, mas única, teremos estabelecido um ponto de comunhão entre as três áreas.

A relação entre Qualidade e o campo das Artes foi demonstrada de maneira exaustiva através da reconstrução do entendimento da Qualidade na Arte da retórica. Acho que não há mais muita coisa a ser feita a esse nível, em termos de análise. A Arte é uma realização de alta qualidade, e só. Ou então, para a coisa parecer mais organizada, pode-se dizer: A Arte é a Divindade revelada nas obras humanas. A relação estabelecida por Fedro deixa claro que esses dois enunciados completamente diferentes são, no fundo, idênticos um ao outro.

No campo da Religião, a relação racional entre a Qualidade e a Divindade precisa ser estabelecida com mais vagar, o que pretendo fazer bem mais tarde. Por enquanto, pode-se refletir sobre o fato de que as velhas raízes inglesas good (bem) e God (Deus), que designam respectivamente a Qualidade e o Buda, parecem ser idênticas.

É na área da ciência que eu pretendo concentrar a atenção nas palestras seguintes, pois é o campo que mais demanda o estabelecimento dessa relação. O ditado corrente segundo o qual a ciência e sua filha, a tecnologia, são “neutras”, isto é, “não têm qualidade”, precisa ser desmistificado. É essa “neutralidade” que está por trás daquela impressão de “força mortal” para a qual chamei a atenção outro dia. Amanhã pretendo começar a abordar este tópico.

Passamos o resto da tarde saltando troncos acinzentados de árvores caídas e ziguezagueando pela encosta íngreme.

Atingimos um penhasco cuja beirada contornamos à procura de um caminho de descida, e finalmente descobrimos uma ravina por onde se pode descer, e que se prolonga através de uma fissura nas rochas, onde corre um fio de água. Na fissura vêem-se arbustos, pedras, lama, raízes de imensas árvores alimentadas pelo arroio. Aí ouvimos a distância o rumorejar de um regato bem maior.

Atravessamos o regato com o auxílio de uma corda, que abandonamos por lá mesmo, e na estrada, do outro lado, encontramos uns turistas, que nos dão uma carona até a cidade.

Ao chegarmos a Bozeman, já é tarde da noite. Em vez de acordar os DeWeeses e pedir que venham nos buscar, resolvemos ficar no hotel principal do centro. No saguão, alguns turistas nos olham, admirados. Assim com esse uniforme velho do Exército, de vara na mão, barba por fazer e boina preta, devo estar parecendo um revolucionário cubano, pronto para a guerrilha.

No quarto do hotel, largamos tudo ali pelo chão mesmo. Despejo numa cesta de lixo os seixos que a correnteza introduziu nas minhas botas, colocando-as em seguida ao lado da estufa para secar. Depois jogamo-nos na cama, sem dizer palavra.

Capítulo 22

Na manhã seguinte, saímos do hotel revigorados, despedimo-nos dos DeWeeses e rumamos para o norte, pegando a via expressa que sai de Bozeman. Os DeWeeses queriam que nos demorássemos mais um pouco, mas eu me deixei dominar por uma curiosa ânsia de ir para o oeste, e prosseguir com o meu raciocínio. Hoje quero discorrer sobre uma pessoa da qual Fedro jamais ouviu falar, cujas obras estudei bastante para preparar esta chautauqua. Ao contrário de Fedro, esse homem, já aos 35 anos, era conhecido internacionalmente, e aos 58 era um verdadeiro monstro sagrado, a que Bertrand Russell se referia como "por unanimidade, o homem de ciência mais importante da sua geração". Ele era, ao mesmo tempo, astrônomo, físico, matemático e filósofo. Seu nome: Jules Henri Poincaré.

Sempre me pareceu inacreditável a idéia de que Fedro tivesse enveredado por mares nunca dantes navegados. Alguém, em algum lugar, devia ter tido todas aquelas idéias antes, e a mediocridade acadêmica de Fedro era tamanha, que fazia bem o estilo dele reproduzir os conceitos elementares de algum famoso sistema filosófico que ele não se dera ao trabalho de examinar.

Por isso, levei mais de um ano lendo a longuíssima e, por vezes, chatíssima história da filosofia, em busca de idéias repetidas. No entanto, foi fascinante ler a história da filosofia dessa maneira, e me ocorreu um pensamento do qual ainda não sei bem o que fazer. Os sistemas filosóficos que supostamente deveriam diferir bastante uns dos outros, em geral dizem coisas muito semelhantes ao que Fedro pensava, com variações mínimas. Muitas vezes pensei ter encontrado o homem que ele havia plagiado, mas sempre surgiam certas diferenças sutis que mostravam que ele seguia um caminho completamente oposto. Hegel, por exemplo, a quem já me referi, rejeitava os sistemas filosóficos hindus, considerando-os an-

tifilosóficos. Fedro, ao, contrário, aparentemente os assimilou, ou deixou-se assimilar por eles. Não sentia nisso nenhuma contradição.

Até que cheguei a Poincaré. Aqui, não havia quase nada em comum, mas aconteceu uma coisa diferente. Fedro sobe com a maior dificuldade, seguindo por trilhas tortuosas, para atingir as mais altas abstrações, depois prepara-se para descer e, de repente, estanca. Poincaré parte das verdades científicas mais básicas, sobe até as mesmas abstrações e depois pára. As extremidades das duas trilhas se encaixam perfeitamente! Há entre elas uma total continuidade. Quando se vive nas trevas da loucura, o surgimento de outro alguém que pensa e fala como nós é quase uma graça divina. Sentimo-nos como Robinson Crusoé ao encontrar na areia as pegadas do índio Sexta-Feira.

Poincaré viveu de 1854 a 1912. Lecionava na Universidade de Paris. Pela barba e pelo pincenê fazia lembrar Henri Toulouse-Lautrec, que era seu contemporâneo, morava em Paris e era apenas dez anos mais jovem do que ele.

Na época de Poincaré, surgiu uma profunda crise que abalou os alicerces das ciências exatas. Durante anos a verdade científica fora colocada acima de qualquer dúvida, a lógica da ciência era infalível, e se às vezes os cientistas se enganavam, era apenas porque não compreendiam as leis da ciência. Todas as grandes perguntas já haviam sido respondidas. Agora tudo que a ciência tinha a fazer era aperfeiçoar as respostas, para chegar a uma maior exatidão. É verdade que havia ainda fenômenos inexplicados, como a radioatividade, a transmissão da luz através do "éter" e a curiosa relação entre as forças magnéticas e a eletricidade. Mas no final, de acordo com os rumos da ciência no passado, tais enigmas acabariam sendo resolvidos. Quase ninguém previa que dentro de apenas algumas décadas não haveria mais espaço absoluto, tempo absoluto, substância absoluta, nem grandezas absolutas; que aquela física clássica, refúgio milenar da ciência, se tornaria apenas "aproximativa"; que os astrônomos mais sérios e respeitáveis diriam que se a humanidade olhasse durante bastante tempo através de um telescópio bastante poderoso, só conseguiria enxergar sua própria nuca!

O fundamento daquela revolucionária Teoria da Relatividade ainda era conhecido por poucas pessoas, dentre as quais se incluía Poincaré, um dos mais eminentes matemáticos da época.

Em sua obra Os fundamentos da ciência Poincaré explica

que os antecedentes da crise da ciência remontavam a eras esquecidas. Há muito tempo se tentava em vão demonstrar o axioma conhecido como o quinto postulado de Euclides. Foi essa tentativa de demonstração que deu início à crise. O postulado euclidiano das paralelas, segundo o qual através de um dado ponto passa apenas uma linha paralela a uma reta dada, é aquele que aprendemos na geometria do ginásio. É uma das pedras fundamentais, a partir da qual se construiu todo o cálculo geométrico.

Todos os outros axiomas pareciam tão óbvios que chegavam a ser inquestionáveis: mas este, não. Entretanto, não se poderia destruí-lo sem destruir também grande parte da matemática, e não aparecia ninguém que fosse capaz de reduzi-lo a formas mais elementares. Diz Poincaré que nem se pode imaginar quanta energia se desperdiçou em busca dessa quimera.

Mas finalmente, no primeiro quartel do século XIX, e quase simultaneamente, um húngaro e um russo — Bolyiai e Lobachevski — conseguiram estabelecer de forma irrefutável que é impossível provar o quinto postulado euclidiano. Partiram do seguinte raciocínio: caso houvesse alguma maneira de reduzir o postulado a axiomas menores e mais definidos, ocorreria um outro fenômeno — a inversão do postulado de Euclides geraria contradições lógicas na geometria. Resolveram, então, invertê-lo, para ver no que dava.

Lobachevski parte do pressuposto de que através de um ponto podem passar duas linhas paralelas a uma reta dada. E põe de lado todos os outros axiomas. A partir destas hipóteses, ele deduz uma série de teoremas, nos quais não se encontra nenhuma contradição, e acaba construindo uma geometria de lógica tão impecável quanto a da geometria euclidiana.

Assim, por não haver encontrado contradições, ele provou que o quinto postulado não podia ser reduzido a axiomas mais simples.

Não foi essa prova que assustou a todos. Foi o seu conseqüente lógico, que logo a eclipsou, assim como a quase todo o resto do campo da matemática. A matemática, pedra angular da certeza científica, de repente deixara de ser absoluta.

Havia agora duas visões contraditórias cuja autenticidade científica era inabalável. Eram verdadeiras para homens de todas as épocas, independentemente de preferências individuais.

Foi esta a origem da profunda crise que abalou a acomodação científica da Idade de Ouro. Como saber qual das duas geometrias era a verdadeira? Não havendo base para distingui-las uma

da outra, haveria uma única matemática, que admitia contradições lógicas. Mas uma matemática que admite contradições lógicas internas não é mais matemática. O efeito final das geometrias não-euclidianas passa a ser uma simples pantomima de mágico, em que as idéias são sustentadas apenas pela fé.

E naturalmente, uma vez aberta esta porta, o número de sistemas contraditórios de verdades científicas inabaláveis fatalmente aumentaria. Um alemão chamado Riemann apresentou outro sistema impecável de geometria, que elimina não só o postulado de Euclides, como também o primeiro axioma, segundo o qual apenas uma reta pode passar por dois pontos. Este sistema não apresentava qualquer contradição lógica interna; era apenas incompatível com as geometrias de Euclides e Lobachevski.

Segundo a Teoria da Relatividade, a geometria de Riemann é a que melhor descreve o nosso mundo.

Em Three Forks, a estrada passa através de um estreito desfiladeiro revestido de rochas castanho-esbranquiçadas, onde existem algumas grutas descobertas por Lewis e Clark.

A leste de Butte, subimos uma rampa bem íngreme, cruzamos o Divisor de Águas e descemos para um vale. Depois passamos perto da enorme chaminé da fundição de Anaconda, entramos na cidade de Anaconda e comemos bife com café num restaurante. Subimos então outra rampa comprida, que leva até um lago cercado de pinhais: nessa altura, pelo comprimento das sombras, vejo que já é quase meio-dia.

Após passarmos por Phillipsburg, começamos a atravessar as campinas do vale. Aqui o vento frontal chega em rajadas, e eu resolvo baixar a velocidade para oitenta por hora, com o objetivo de diminuir o impacto. Atravessamos Maxville e, ao chegarmos a Hall, estamos simplesmente esgotados.

Paramos no adro de uma igreja à beira da estrada. Agora o vento está forte e frio, mas o sol está quente. Depositamos os blusões e os capacetes na relva a sotavento do prédio da igreja, para descansar. Este é um lugar muito solitário e descampado, porém belo. Quando há montanhas, ou até mesmo colinas a distância, há também bastante espaço. Chris encosta o rosto no blusão e se acomoda para dormir.

Agora, sem os Sutherlands, está tudo tão diferente — tão solitário. Com a devida licença, vou retomar o assuntos da chautauqua para espantar a solidão.

Para resolver o problema do que seja a verdade matemática, segundo Poincaré, era necessário primeiro determinar a natureza dos axiomas geométricos. Seriam eles julgamentos sintéticos e apriorísticos, conforme dizia Kant? Ou seja, fariam parte da consciência humana, sem se relacionarem com a experiência, nem terem sido criados a partir dela? Poincaré achava que não. Se assim fosse, eles se imporiam a nós com uma força tal, que não conseguiríamos conceber a proposição contrária, nem construir uma estrutura teórica. Não existiriam geometrias não-euclidianas.

Deveríamos, portanto, concluir que os axiomas da geometria são verdades experimentais? Poincaré também não acreditava nisso. Se tal fosse o caso, eles estariam sujeitos a contínuas mudanças e revisões, à medida que fossem surgindo novos dados experimentais. Tal idéia parece opor-se à própria natureza da geometria.

Poincaré concluiu que os axiomas da geometria são convenções; uma escolha feita entre todas as convenções possíveis é orientada pelos dados experimentais, mas permanece livre, sendo limitada apenas pela necessidade de evitar qualquer contradição. Eis por que os postulados podem conservar toda a sua carga de veracidade, mesmo que as leis experimentais que determinaram sua adoção sejam apenas aproximativas. Em outras palavras, os axiomas geométricos são apenas definições disfarçadas.

Tendo identificado a natureza dos axiomas geométricos, ele passou a considerar outra questão: qual é a geometria verdadeira, a de Riemann ou a de Euclides?

A resposta foi que tal pergunta não tinha cabimento. Era o mesmo que perguntar se o sistema métrico era verdadeiro, e o sistema avoir-dupois, falso; se as coordenadas cartesianas eram verdadeiras, e as polares, falsas. Uma geometria não pode ser mais verdadeira do que a outra; pode ser mais conveniente. A geometria não é verdadeira; é vantajosa.

Poincaré procurou então demonstrar a natureza convencional de outros conceitos científicos, tais como espaço e tempo, fazendo ver que não há maneira mais, ou menos, verdadeira de determinar essas entidades. A maneira geralmente adotada é apenas a mais conveniente.

Nossos conceitos de espaço e tempo também são definições, escolhidas com base na sua conveniência, em termos da manipulação dos fatos.

Entretanto, essa concepção radical dos nossos mais básicos

conceitos científicos ainda não está completa; o mistério em torno do que sejam espaço e tempo poderá ser melhor compreendido através dessa explicação, mas agora são os "fatos" que sustentam a ordem do universo. Que são os fatos?

Poincaré dispôs-se a fazer um exame crítico do assunto. Quais os fatos a serem observados? Uma infinidade. A observação indiscriminada dos fatos tem tanta probabilidade de produzir ciência quanto tem um macaco de, sentado a uma máquina, datilografar o Pai-nosso.

O mesmo ocorre com as hipóteses. Que hipóteses? Poincaré dizia: "Um fenômeno que admita uma explicação mecânica exaustiva, admitirá também uma infinidade de outras explicações, que serão igualmente perfeitas para todas as peculiaridades descobertas experimentalmente." Foi isso o que Fedro descobriu no laboratório; foi isso que levantou a questão que causou sua reprovação na universidade.

Dispondo o cientista de um tempo infinito, segundo Poincaré, seria necessário apenas dizer a ele: "Observe com toda a cautela"; mas como o cientista não tem tempo para observar tudo, e é melhor não observar do que observar da maneira errada, é necessário que ele faça uma escolha.

Poincaré criou algumas regras: existe uma hierarquia dos fatos.

Quanto mais geral for um fato, mais valor terá. Aqueles que acontecem com maior freqüência são melhores do que os que raramente acontecem. Por exemplo, os biólogos jamais conseguiriam construir uma ciência se só existissem indivíduos, e não espécies, e se a hereditariedade não fizesse com que os filhos se parecessem com os pais.

Quais são os fatos que têm mais probabilidade de tornarem a acontecer? Os fatos simples. Como reconhecê-los? Escolha-se aqueles que pareçam simples. Das duas, uma: ou a simplicidade deles é genuína, ou os elementos complexos não são distinguíveis. No primeiro caso, certamente encontraremos esse fato simples outra vez, isolado ou funcionando como elemento de um fato complexo. O segundo caso também tem grande possibilidade de se repetir, porque a natureza não dá origem a esses casos assim à toa.

Onde está o fato simples? Os cientistas o procuraram nos dois extremos, no infinitamente grande e no infinitamente pequeno. Por exemplo, os biólogos instintivamente foram levados a considerar a célula mais interessante do que o animal inteiro; e, desde a época

de Poincaré, a molécula protéica é mais interessante do que a célula. Os resultados comprovam a eficácia de tal procedimento, uma vez que as células e moléculas de organismos diferentes provaram ser mais semelhantes entre si do que os próprios organismos.

Como, pois, escolher o fato interessante, aquele que está incessantemente acontecendo? O método consiste precisamente nessa escolha dos fatos; portanto, o primeiro passo deve ser a criação de um método. E muitos já foram idealizados, porque nenhum é absoluto. É mais prudente começar com fatos corriqueiros, mas após o estabelecimento de uma regra comprovada, os fatos que se adequarem a ela ficarão sem sentido, porque já não transmitirão nenhum conhecimento novo. Aí a exceção é que se torna importante. Nós não buscamos as semelhanças, mas sim as diferenças mais acentuadas, por serem as mais gritantes, e também as mais instrutivas.

Primeiro, buscamos os casos em que esta regra tem mais probabilidade de falhar. Distanciando-nos bastante no espaço e no tempo, poderemos descobrir que nossas regras normais foram completamente subvertidas. E essas grandes reviravoltas nos permitem enxergar as pequenas mudanças que podem ocorrer mais perto de nós. Aquilo a que deveríamos visar, porém, não é tanto a determinação de semelhanças e diferenças, mas sim a detecção de semelhanças ocultas sob aparentes divergências. A primeira vista, as regras individuais parecem ser discordantes, mas se as examinarmos com atenção, constataremos que em geral elas se parecem; são diferentes na substância, mas semelhantes na forma, na ordenação de suas partes. Ao encará-las sob esse prisma, teremos a surpresa de vê-las aumentarem e abrangerem o todo. E é nisto que consiste o valor de certos fatos que vêm completar a montagem de uma estrutura e mostrar que ela é a imagem fiel de outras estruturas conhecidas.

Não, concluiu Poincaré, o cientista não escolhe ao acaso os fatos a observar. Procura condensar bastante experiência e bastante reflexão num volume fino, e é por isso que qualquer livrinho de física contém tantas experiências passadas e mil vezes mais experiências possíveis, com resultados previstos.

Depois, Poincaré exemplificou o processo de descoberta do fato. Ele havia feito uma descrição geral do processo de descoberta do fato e das teorias, mas agora ia proceder a uma pequena incursão no universo de suas experiências pessoais, falando sobre as funções matemáticas que o haviam tornado famoso.

Ele tinha passado quinze dias tentando provar que tais funções não poderiam existir. Todos os dias sentava-se à secretária, passando uma hora ou duas a experimentar um grande número de combinações, sem obter qualquer resultado.

Certa noite, porém, contrariando seus hábitos, tomou uma xícara de café puro, e teve insônia. As idéias acorreram aos borbotões. Poincaré sentiu que elas se encontravam e se combinavam aos pares estabelecendo, por assim dizer, uma configuração estável.

Na manhã seguinte, ele só teve que anotar os resultados. O acontecido fora uma verdadeira onda de cristalização.

Uma onda posterior, gerada pelas analogias com a matemática tradicional, produziu o que ele mais tarde denominou "Séries Teta-Fuchsianas". Ele ia tomar parte numa excursão geológica que partiria de Caen, cidade onde morava. As viagens sempre o faziam esquecer da matemática. No momento em que ia pôr o pé no degrau do ônibus, ocorreu-lhe a idéia, de maneira nenhuma preparada pelo que andara pensando anteriormente, de que as transformações por ele utilizadas para definir as funções fuchsianas eram idênticas às da geometria não-euclidiana. Sem investigar essa hipótese, ele continuou tranqüilamente conversando enquanto viajava; sentia, porém, uma convicção esmagadora. Mais tarde, com calma, verificou os resultados.

Noutra ocasião, passava perto de um penhasco à beira-mar, quando fez nova descoberta, a qual se introduziu com a mesma brevidade, brusquidão e certeza imediata que a primeira. Outra ainda ocorreu enquanto ele passeava pelas ruas. Tal sistema foi elogiado; dizia-se que eram as misteriosas elaborações do gênio. Mas Poincaré não se contentou com essa explicação tão superficial. Tentou investigar mais a fundo o que havia acontecido.

A matemática para ele não era apenas uma questão de aplicar regras, não se restringia à ciência. Não buscava só estabelecer o maior número possível de combinações de acordo com certas leis fixas. As combinações daí resultantes seriam excessivamente numerosas, inúteis e incômodas. O verdadeiro trabalho do inventor consiste em selecionar essas combinações, de modo a eliminar as que são inúteis, ou melhor, evitar a preocupação de elaborá-las, e as regras que orientam tal seleção são extremamente sutis e delicadas. E quase impossível formulá-las com precisão; elas devem ser pressentidas, não formuladas.

Poincaré, pois, levantou a hipótese de que essa seleção é feita

através do que ele denominou “consciência subliminar”, uma entidade que corresponde exatamente ao que Fedro chamava consciência pré-intelectual. A consciência subliminar, para Poincaré, observa uma ampla gama de soluções para um certo problema, mas só permite que cheguem ao consciente as soluções interessantes. As soluções matemáticas são selecionadas pela consciência subliminar com base na “beleza matemática”, na harmonia dos números e formas, na elegância geométrica. “Este é um genuíno sentimento estético, conhecido de todos os matemáticos”, dizia Poincaré, “que, porém, os leigos nunca experimentaram, e que muitas vezes são tentados a ridicularizar.” E, no entanto, é essa harmonia, essa beleza, que está no centro de tudo.

Poincaré fez questão de esclarecer que não se estava referindo à beleza romântica, à beleza das aparências que ferem os sentidos. Ele se referia à beleza clássica, que provém da harmonia na organização das partes, e que pode ser captada por uma inteligência pura, dando corpo à beleza romântica, sem a qual a vida seria obscura e efêmera, um sonho do qual não se poderia distinguir os sonhos de cada um, por que não haveria base para estabelecer tal diferença. É a busca dessa beleza clássica especial, o sentido da harmonia do cosmos que nos faz escolher os fatos que melhor contribuam para essa harmonia. Não são os fatos que geram a harmonia universal, a única realidade objetiva, mas a relação entre as coisas.

O que garante a objetividade do mundo em que vivemos é o fato de que este mundo é comum a nós e aos outros seres pensantes. Ao nos comunicarmos com os outros homens, recebemos deles raciocínios harmoniosos já consagrados. Sabemos que tais raciocínios não partem de nós, e, ao mesmo tempo, reconhecemos neles, por causa da harmonia, o trabalho de seres racionais como nós. E na medida em que tais raciocínios pareçam adequar-se ao mundo conforme o percebemos, poderemos inferir que tais seres racionais viram o mesmo que nós; eis por que sabemos que não estivemos sonhando. É exclusivamente essa harmonia, essa Qualidade, se preferirem, que constitui a base da única realidade que poderemos conhecer.

Os contemporâneos de Poincaré recusavam-se a admitir que os fatos são pré-selecionados porque acreditavam que tal seleção destruiria a validade do método científico. Presumiam que os “fatos pré-selecionados” significavam que a verdade era uma questão de “gosto”, e tacharam as idéias de Poincaré de convencionalistas. Rejeitavam energicamente o fato de que o seu próprio “princípio de

objetividade" não era em si um fato observável — e, portanto, segundo os seus próprios padrões, deveria ser inutilizado.

Eles achavam que deviam reagir assim porque senão todo o fundamento filosófico da ciência iria por água abaixo. Poincaré não forneceu quaisquer soluções para esse dilema. Não penetrou o suficiente nas implicações metafísicas daquilo que estava dizendo, para obter uma solução. Deixou de dizer que a seleção dos fatos, antes de serem "observados", é uma questão de gosto apenas num sistema metafísico dualista, envolvendo só sujeito e objeto! Quando a Qualidade entra em cena, como uma terceira entidade metafísica, a pré-seleção dos fatos deixa de ser arbitrária. Ela não se baseia em opiniões subjetivas e caprichosas, mas na Qualidade, na realidade em si. Isso dá cabo do dilema.

Era como se Fedro tentasse montar um quebra-cabeça e, por falta de tempo, houvesse deixado um lado inteiro por terminar.

Poincaré procurou montar o quebra-cabeça dele, também: sua idéia de que o cientista seleciona os fatos, hipóteses e axiomas com base na harmonia também deixava um lado do quebra-cabeça por completar. Deixar no mundo científico a impressão de que a fonte de toda a realidade científica é apenas uma harmonia subjetiva e caprichosa é resolver problemas epistemológicos deixando uma bainha desfeita na fronteira com a metafísica, que torna a epistemologia inaceitável.

Mas sabemos, a partir da metafísica de Fedro, que a harmonia a que Poincaré se referia não é subjetiva. É a fonte dos sujeitos e objetos, e existe numa relação anterior a eles. Não é caprichosa, é a força que se opõe à inconstância; o princípio organizador de todo o pensamento científico e matemático, que destrói a inconstância e sem o qual nenhum pensamento científico pode avançar. Emocionou-se muito ao descobrir que essas bordas inacabadas se encaixavam perfeitamente uma na outra, numa harmonia a que tanto Fedro quanto Poincaré se referiam, produzindo uma estrutura de pensamento completa, capaz de unir as linguagens isoladas da Arte e da Ciência numa única linguagem.

As montanhas entre as quais viajamos tornaram-se mais altas, formando um longo e estreito vale, que coleia em direção a Missoula. Esse vento frontal me cansou; estou exausto. Chris me cutuca e aponta para um morro alto, no qual está pintando um grande M. Eu balanço a cabeça. De manhã, ao sair de Bozeman, vimos um igual. Lembro-me de que são os calouros das universida-

des que sobem ali todo ano para pintar aquele M.

Num posto de gasolina, um homem que está levando dois cavalos apaloosa num caminhão puxa conversa conosco. Parece que a maioria dos criadores de cavalos detesta motociclistas, mas este cara, não; ele me faz um monte de perguntas. Chris fica pedindo para subirmos até o M, mas vejo daqui que a estrada é íngreme, toda sulcada e difícil de subir. Não quero arriscar. Minha máquina não é de cross, e a carga está muito pesada. Passamos algum tempo esticando as pernas, passeando, e, depois de enjoarmos daquilo, saímos de Missoula, em direção a Lolo Pass.

Pelo que me lembro, há apenas alguns anos esta era uma estrada de terra, coleante, que contornava todas as saliências e reentrâncias da montanha. Ela agora está pavimentada, e as curvas são bem abertas. O tráfego que nos cercava certamente seguia para o norte, em direção a Kalispell ou Coeur D'Alene, pois agora a estrada está praticamente deserta. Vamos para o sudoeste, com vento de ré, e isso nos faz sentir melhor. A estrada começa a serpear, entrando no desfiladeiro.

Agora não há mais qualquer resquício do Leste, pelo menos na minha imaginação. A chuva que cai por aqui é trazida pelos ventos do Pacífico, e todos os rios e córregos que daqui partem vão dar no Pacífico. Dentro de dois ou três dias chegaremos à orla marítima.

Em Lolo Pass, paramos em frente a um restaurante, ao lado de uma velha Harley. Sobre ela há um cesto feito em casa; o odômetro registra 57.600km. Esse cara já deve ter rodado o país inteiro.

Lá dentro, nos empanturramos de pizza com leite, saindo logo depois. A luz do sol já está fraca, e procurar um acampamento no escuro é difícil e desagradável.

Ao sairmos, vemos o nosso homem ao lado das motocicletas; está com a esposa, e cumprimentamos o casal. Ele vem do estado de Missouri, e a expressão tranqüila da mulher denota que a viagem está sendo excelente.

O homem pergunta:

— Vocês também pegaram aquele vento, no caminho para Missoula?

Confirmo, com um gesto de cabeça:

— Devia ser de uns cinqüenta ou sessenta por hora.

— No mínimo — responde ele.

Conversamos um pouco sobre acampamentos, e eles comentam o frio que está fazendo. Em Missouri não previam encontrar

um frio tão acentuado no verão, mesmo nas montanhas. Tiveram que comprar roupas de lã e cobertores.

— Hoje não vai fazer muito frio — opino eu. — Estamos só a 1.500 metros de altitude.

— Nós vamos acampar na beira da estrada — acrescenta Chris.

— Num dos acampamentos?

— Não, em algum lugar perto da estrada — informo.

Como eles não mostram qualquer intenção de ficar conosco, aciono o botão de arranque e vamos embora.

Agora as árvores projetam sombras compridas sobre a estrada. Passados uns oito ou dez quilômetros, vemos alguns desvios para estradas feitas por madeireiros, e enveredamos por um deles.

O caminho é coberto de areia, e avanço em marcha lenta, com os pés fora das pedaleiras, para evitar derrapagem. Vemos outras estradinhas que partem da estrada principal, mas continuo nesta última, até que, passados uns dois quilômetros, encontramos alguns buldôzeres. Isto significa que ainda estão trabalhando por aqui. Damos meia-volta e subimos por uma das vias laterais; depois de uns 800 metros encontramos uma árvore tombada sobre a pista. Isto esclarece que a estrada está fora de uso.

— Muito bem — digo eu, e Chris salta da motocicleta. A encosta em que estamos nos permite divisar quilômetros de floresta cerrada.

Chris dispõe-se a fazer explorações, mas eu estou tão esgotado que só quero descansar.

— Vá sozinho — sugiro eu.

— Não, vem comigo.

— Chris, estou que não me agüento. De manhã a gente sai por aí, tá?

Enquanto desamarro os pacotes e estendo os sacos de dormir no chão, Chris desaparece. Eu me estico, o cansaço toma conta dos meus membros. Que floresta linda e silenciosa...

Logo Chris retorna, dizendo que está desarranjado.

— Ih! — exclamo, levantando-me. — Você vai precisar trocar de roupa?

— Vou — responde ele, envergonhado.

— Bom, procure na mochila da frente, se troque e pegue um pedaço de sabão no alforje, que a gente vai descer até o rio e lavar a roupa de baixo.

Ele, que estava embaraçado por causa da situação, fica satisfeito por estar cumprindo ordens.

A inclinação da estrada nos obriga a caminhar batendo os pés, desengonçadamente, em direção ao rio. Chris mostra-me umas pedras que andou catando enquanto eu dormia. Aqui se sente um forte perfume de pinho. Está esfriando, o sol já está bem baixo. O silêncio, o cansaço, o pôr-do-sol me tornam meio deprimido, mas eu não deixo transparecer esse sentimento.

Depois de Chris ter lavado e torcido a sua roupa íntima, voltamos, subindo a estrada de terra. Enquanto caminhamos, sinto a súbita e desagradável sensação de ter escalado essa rampa durante toda a minha vida.

— Papai!

— Que é? — Um passarinho levanta vôo de uma árvore à nossa frente.

— Que é que eu devo ser quando crescer?

O pássaro desaparece por trás de uma serra distante. Fico sem saber o que dizer.

— Honesto — digo, finalmente.

— Não, quero dizer, que profissão devo seguir?

— Qualquer uma.

— Por que é que você fica zangado quando eu pergunto isso?

— Eu não estou zangado... É que eu acho... que não sei... Estou cansado demais para pensar... Você pode fazer o que quiser.

Estas estradas vão se estreitando cada vez mais, até desaparecerem.

Mais tarde, percebo que ele não está acompanhando o meu passo.

O sol agora já se pôs, a penumbra nos rodeia. Caminhamos separados pela estrada dos madeireiros e, ao chegarmos perto da moto, nos metemos nos sacos de dormir e adormecemos sem trocar palavra.

Capítulo 23

Lá está ela, no fundo do corredor: aquela porta de vidro. Do outro lado está Chris, ladeado do irmão caçula e da mãe. A mão de Chris está apoiada no vidro. Ele me reconhece e acena para mim. Eu também aceno e me aproximo da porta.

Tudo se passa em silêncio. E como assistir a um filme mudo.

Chris olha para a mãe, sorrindo. Ela devolve o sorriso, mas percebo que está apenas escondendo a tristeza. Está muito angustiada com alguma coisa, mas não quer que eles percebam.

E agora eu entendo o que significa aquela porta. É um caixão — o meu caixão.

Um caixão, não. Um sarcófago. Estou morto, dentro de uma cripta, e eles vieram me prestar as derradeiras homenagens.

Faz bem o gênero deles, terem vindo. Não precisavam. Sinto-me agradecido.

Agora, Chris vem na minha direção, para abrir a porta envidraçada da cripta. Parece que ele quer falar comigo. Talvez queira que eu lhe diga como é a morte. Sinto vontade de lhe contar. Foi tão bom que ele viesse e acenasse. Vou dizer que a morte não é tão má assim. É apenas solitária.

Ergo a mão para empurrar a porta, mas um vulto escuro, oculto nas sombras, próximo a ela, com um gesto me impede de alcançá-la. E um único dedo, levado a lábios invisíveis. Os mortos não têm permissão para falar.

Mas os três querem que eu fale. Minha presença ainda é necessária! Será que ele não percebe? Deve estar havendo algum engano. Será que ele não vê que precisam de mim? Eu imploro à silhueta que me deixe falar com eles. Ainda não está tudo acabado. Tenho coisas a lhes dizer. Mas aquele vulto nas trevas não dá sinal de ter escutado.

— CHRIS! — grito eu, através da porta. — Eu vou me encontrar

com você! — O vulto escuro avança perigosamente para mim, e ouço a voz de Chris perguntar, fraca e distante:

— Onde?

Ele me ouviu! E o vulto escuro, enfurecido, fecha as cortinas da porta. Na montanha não, resolvo eu. A montanha pertence ao passado.

— NO FUNDO DO OCEANO. — grito eu, em resposta.

E agora estou de pé, cercado pelas ruínas desertas de uma cidade solitária. As ruínas ao meu redor se perdem na distância, e vou ter de caminhar sozinho entre elas.

Capítulo 24

O sol já se levantou.

Por um momento, não tenho certeza de onde estou.

Estamos numa estrada, em alguma floresta, mas não sei onde.

Que pesadelo. Aquela porta de vidro, outra vez.

Os cromados da motocicleta fulgem ao meu lado, e aí vejo os pinhais e me lembro de Idaho.

A porta e o vulto indistinto ao lado dela foram apenas um sonho.

Estamos numa estrada de madeireiros, tudo bem... É um dia claro... ar cintilante.

Que beleza! Nós vamos indo para o mar.

Lembro-me novamente do sonho e das palavras: “Eu vou me encontrar com você no fundo do oceano.” Fico imaginando qual seria o seu significado. Mas os pinheiros e a luz do sol são mais fortes do que qualquer sonho, e eu paro de dar tratos à bola. Nada como a velha realidade.

Saio do saco de dormir. Está frio, e visto-me rapidamente. Chris ainda está dormindo. Contorno o saco de dormir dele, pulo sobre um tronco caído e subo a estrada. Para me aquecer, acelero o passo até um ritmo de corrida, e continuo, todo animado. Bom, bom, bom, bom. A palavra sai no mesmo ritmo que a corrida. Alguns pássaros levantam vôo do morro sombrio em direção à luz do sol. Eu os acompanho até eles se perderem de vista. Bom, bom, bom. A areia amarelada faiscando ao sol. Bom, bom, bom. Às vezes, essas estradas se estendem por quilômetros. Bom, bom, bom.

Finalmente, chego a uma altura em que já estou sem fôlego. Estou num ponto mais elevado da estrada, e daqui se podem avistar quilômetros de floresta.

Bom.

Ainda resfolegando, desço num ritmo vivo, pisando mais suavemente, observando as plantinhas e os arbustos que cresceram nas clareiras abertas pelos lenhadores no pinhal.

Ao chegar junto à moto, arrumo minhas coisas com cuidado e rapidez. Estou tão acostumado com os lugares onde ponho as coisas, que faço tudo sem pensar. Finalmente, chega a hora de guardar o saco de dormir do Chris. Eu o sacudo um pouco, sem usar muita força, e digo:

— O dia está uma beleza!

Ele olha em volta, todo zonzo. A seguir sai do saco e, enquanto eu o guardo, veste-se, sem saber bem o que está fazendo.

— Ponha o suéter e o blusão — recomendo. — A corrida vai ser bem fria.

Ele obedece, monta na moto e, engrenados, descemos a estradinha até o asfalto. Bonito. Que lugar bonito. Daqui em diante, o asfalto desce cada vez mais, coleando.

A chautauqua hoje vai ser comprida. Estava esperando por ela desde que comecei esta viagem.

Engreno a segunda, depois a terceira. Não entro acelerado nas curvas. Como é belo ver o sol batendo nestas florestas!

Até agora, nesta chautauqua, um certo problema esteve oculto, envolto em uma espécie de véu. No primeiro dia, falei sobre o cuidado com as coisas, e aí percebi que não podia dizer nada de significativo sobre esse cuidado sem que a sua essência, a Qualidade, fosse compreendida. Acho que agora é importante, relacionar o cuidado com a Qualidade, esclarecendo que o cuidado e a Qualidade são os aspectos interno e externo de uma mesma coisa. Aquele que enxerga a Qualidade e a percebe enquanto trabalha é alguém que tem cuidado. A pessoa que tem cuidado com o que vê e faz é alguém que fatalmente possui algumas características da Qualidade.

Assim, se o problema do impasse tecnológico é causado pela falta de cuidado por parte dos tecnólogos e dos antitecnólogos, e se o cuidado e a Qualidade são os aspectos externo e interno da mesma coisa, então, logicamente, aquilo que realmente dá origem ao impasse tecnológico é a ausência de percepção da Qualidade na tecnologia, tanto por parte dos tecnólogos como dos antitecnólogos. Aquela busca desesperada do sentido racional, analítico e, portanto, tecnológico da palavra Qualidade era, no fundo, uma busca da resposta para todo este problema do impasse tecnológico. Pelo me-

nos, é o que me parece.

Por isso, tive que voltar atrás e falar da separação entre clássico e romântico, que, segundo penso, está na raiz de toda essa questão do humanismo versus tecnologia. Isto, porém, também exigiu uma regressão, para que se esclarecesse o significado da Qualidade.

Contudo, para compreender o significado da Qualidade em termos clássicos, foi necessário voltar para a metafísica e para a sua relação com a vida cotidiana. Para fazermos isso, foi preciso recuar mais ainda, penetrando na área que estabelece a relação entre a metafísica e a vida cotidiana, ou seja, o raciocínio formal. Então eu, partindo da razão formal, cheguei à metafísica, depois à Qualidade e, a partir da Qualidade, voltei à metafísica e à ciência.

Agora iremos da ciência até a tecnologia, e, segundo creio, ao final estaremos no lugar de onde eu queria começar.

Mas agora já podemos lançar mão de alguns conceitos que alteram bastante a compreensão total das coisas. A Qualidade é a realidade científica. A Qualidade é o objetivo da Arte. Resta-nos trabalhar com esses conceitos num contexto prático e concreto, e, para tanto, nada melhor do que aquilo de que venho falando a viagem inteira — a manutenção de uma motocicleta velha.

Esta estrada continua descendo, coleante, através do desfiladeiro. O sol matinal matiza a paisagem ao nosso redor. A motocicleta zune, através do ar frio e dos pinheiros da montanha; passamos por uma plaqueta que informa a existência de uma lanchonete a um quilômetro e meio daqui.

— Você está com fome? — grito eu.

— Estou! — responde Chris.

Logo avistamos um segundo cartaz, onde se lê CABANAS, sob o qual há uma seta, indicando a esquerda. Diminuímos a velocidade, fazemos a conversão e seguimos uma estrada de terra até chegarmos a algumas cabanas de tronco envernizado, à sombra de umas árvores. Estacionamos a moto sob uma das árvores, desligamos o motor, fechamos a gasolina e entramos na casa principal. As botas de motociclista produzem um som agradável ao baterem contra o assoalho de madeira. Sentamo-nos a uma mesa coberta por uma toalha e pedimos ovos, bolinhos quentes, xarope de bordo, leite, lingüiça e suco de laranja. Aquele vento nos deu um senhor apetite.

— Estou com vontade de escrever para a mamãe — informa

Chris.

Fico satisfeito ao ouvir isso. Acercando-me da escrivaninha, peço algumas folhas do papel da hospedaria, entregando-as ao Chris juntamente com a minha caneta. Tendo o papel na sua frente, agarra a caneta com força e concentra-se por um instante, fitando a folha em branco.

Depois, levanta os olhos.

— Que dia é hoje?

Eu respondo, ele assente, escreve a data e depois continua: "Querida mamãe."

Aí fica olhando um pouco para o papel. Depois, torna a olhar para mim.

— Que é que eu escrevo?

Esboço um sorriso. Poderia fazê-lo escrever durante uma hora discorrendo sobre uma das faces de uma moeda. As vezes imagino-o como meu aluno, mas não de redação.

A chegada dos bolinhos interrompe a conversação; recomendo que ele deixe a carta de lado, por enquanto, que depois eu o ajudo.

Ao terminarmos, fico fumando um cigarro, sentindo o estômago pesado por causa dos ovos, dos bolinhos quentes e tudo mais, e, pela janela, vejo que a luz desenha formas negras e claras no solo, à sombra dos pinheiros.

Chris pega de novo no papel.

— Agora, me ajuda — pede ele.

— Está bem — concordo. Digo-lhe que ficar empacado é o problema mais comum do mundo. Geralmente a cabeça da gente empaca quando está tentando fazer coisas demais ao mesmo tempo. O que se deve fazer é não forçar as palavras a surgirem. Isso só faz emperrar mais a gente. Agora, ele deve separar as coisas, dizendo uma de cada vez. Está tentando, ao mesmo tempo, pensar no que vai dizer e no que deve dizer primeiro, e isso torna as coisas difíceis. Portanto, ele precisa separar essas duas coisas. Aconselho-o a fazer uma lista dos assuntos que quer abordar, sem qualquer ordem estabelecida. Depois, tentaremos organizar as idéias na ordem correta.

— Que coisas? — pergunta ele.

— Bom, o que é que você quer contar a ela?

— Quero falar da viagem.

— O quê, da viagem?

Ele reflete por uns instantes.

— Da montanha que a gente subiu.

— Certo. Então escreva isso. Ele obedece.

Depois, ele acrescenta outro item, depois mais outro, enquanto eu termino o cigarro e a xícara de café. Ele enche três folhas só com a lista do que pretende dizer.

— Guarda isso — recomendo a ele. — Mais tarde a gente continua.

— Eu não vou conseguir falar disso tudo numa carta só! — reclama ele.

Dou uma risada, e ele franze a testa.

— Fale só das coisas melhores — sugiro. Depois saímos e montamos de novo na moto.

Na descida do desfiladeiro, pequenos estalos nos nossos ouvidos nos fazem lembrar que estamos a uma altitude cada vez mais baixa. Agora vai ficando mais quente, e o ar é mais pesado. Estamos nos despedindo da região serrana, na qual estivemos mais ou menos desde Miles City.

Empacamento. É disso que eu quero falar hoje.

Vocês se lembram de que quando nós estávamos saindo de Miles City, eu falei sobre a aplicação do método científico formal à manutenção das motocicletas, através dos estudos das cadeias de causa e efeito, e da aplicação do método experimental para determinar essas cadeias. Meu objetivo era explicar como funciona a lógica clássica.

Agora, quero mostrar que aquele modelo clássico de raciocínio pode ser incrivelmente aperfeiçoado, ampliado e tornado mais eficiente através do reconhecimento formal da Qualidade em operação. Entretanto, antes de fazê-lo convém apresentar alguns aspectos negativos da manutenção tradicional, só para dar um exemplo da localização dos problemas.

O primeiro é o empacamento, um empacamento mental que acompanha um empacamento físico naquilo que se está fazendo. Foi o que aconteceu com Chris. Suponhamos que um parafuso de uma tampa lateral emperre. Você verifica no manual se existe algum motivo especial para que esse parafuso esteja tão difícil de sair, mas tudo que encontra é: “Remova a tampa lateral.” Naquele lindo e sucinto estilo técnico que nunca lhe diz o que você quer saber. Nada que você tenha deixado de fazer pode ter causado o emperramento dos parafusos.

Se você tiver experiência, certamente usará um óleo para lu-

brificar o parafuso e uma chave de impacto para retirá-lo. Mas suponha que você não tem experiência, e adapta um alicate de pressão à haste da sua chave de fenda, e torce o parafuso com toda a força, coisa que já deu certo anteriormente, mas desta vez só consegue desbeiçar a fenda do parafuso.

Como você já estava pensando no que ia fazer quando retirasse a tampa, leva um certo tempo para perceber que esse pequeno contratempo irritante, uma fenda de parafuso desbeiçada, não é apenas aborrecido e desprezível. Fez você empacar. Você parou. Está tudo acabado. Você não pode mais consertar a motocicleta.

Isso acontece com freqüência na ciência e na tecnologia. É a coisa mais comum de ser encontrada. Tudo fica simplesmente empacado. É o pior momento da manutenção das motocicletas. É tão ruim que você até evita pensar nele antes que aconteça.

O livro agora não serve para nada. Nem a lógica científica. Não é preciso ter experiência para descobrir o defeito. O problema está na cara. Você precisa é de uma idéia para resolver como vai tirar aquele parafuso desbeiçado dali. E o método científico não fornece esse tipo de idéias. Opera apenas depois que elas surgem.

Este é o tempo zero da consciência. Tudo empaca. Não há resposta. Você está encurralado. Liquidado. Num péssimo estado emocional. Está perdendo tempo, é um incompetente, um sujeito que não sabe o que faz. Você devia se envergonhar. Devia pôr a máquina nas mãos de um mecânico competente que entende dessas coisas.

A essa altura, é normal a gente ter um acesso de raiva misturada com medo, e sentir vontade de sapecar uma talhadeira naquela tampa, até de arrancá-la a marretadas, se for possível. Quanto mais você pensa nisso, mais vontade sente de levar a moto para uma ponte bem alta e jogá-la lá de cima. É ultrajante ser derrotado assim, pela fenda de um parafuso.

Você está enfrentando o tão decantado desconhecido, o vácuo do pensamento ocidental. Precisa de idéias, de hipóteses. O método científico tradicional, infelizmente, nunca chegou a especificar onde se podem conseguir mais hipóteses. O método científico tradicional sempre teve uma visão 20 por 20. É bom para mostrar o caminho que a gente tomou e para testar a autenticidade daquilo que a gente pensa que sabe, mas não indica a direção a tomar, a menos que seja a continuação daquela em que a gente estava indo antes. A criatividade, originalidade, inventividade, intuição, imaginação — em outras palavras, o "desempacamento" — estão comple-

tamente fora da alçada do método científico.

Continuamos a descer pela garganta, passando por fendas das encostas íngremes, por onde penetram vários córregos. Notamos que agora o rio está engrossando rápido, devido à quantidade de água que recebe dos tributários. Aqui as curvas da estrada são menos fechadas, as retas são mais longas. Engreno a última marcha.

Logo as árvores começam a escassear e a tornar-se esguias, e entre elas surgem grandes áreas cobertas de capim e plantas rasteiras. Está quente demais para continuarmos de blusão e suéter. Paro no acostamento, para tirar os agasalhos.

Chris quer subir por uma trilha e eu lhe dou permissão, sentando-me numa sombrinha para descansar. Fico em silêncio, refletindo.

Perto de onde estou há um painel que descreve um incêndio acontecido aqui anos atrás. Segundo as informações, a floresta está se recuperando, mas vai levar anos para voltar a ser como era antes.

Mais tarde, o barulhinho do cascalho indica que Chris está voltando. Não chegou a ir muito longe. Ao chegar, vai dizendo:

— Vamos embora.

Voltamos a amarrar a bagagem, que estava escorregando um pouco, e depois retomamos a estrada. O suor do movimento logo seca sob a ação do vento.

Estamos ainda empacados naquele parafuso; a única maneira de desemperrá-lo é abandonar definitivamente o método científico tradicional. Insistir em utilizá-lo não vai adiantar nada. Temos é que examinar o método científico, mas à luz deste parafuso empacado.

Até agora, encaramos o parafuso de uma forma "objetiva"; de acordo com a doutrina da "objetividade", inerente ao método científico tradicional, nosso gosto pessoal a respeito do parafuso nada tem com o curso correto dos nossos pensamentos. Não devemos julgar o que vemos. Vamos fazer da nossa cabeça uma tabula rasa, que a natureza preencherá para nós, e depois raciocinar desinteressadamente sobre os fatos observados...

Mas, se pararmos para pensar sobre o caso desinteressadamente, em termos deste parafuso emperrado, começaremos a perceber como é ridícula essa história de raciocínio desinteressado.

Onde estão os tais fatos? O que é que vamos observar desinteressadamente? A fenda desbeiçada? A tampa presa? A cor da pintura? O velocímetro? O guidom? Certamente, Poincaré teria dito que há numa motocicleta um número infinito de fatos, e os fatos certos, aqueles dos quais realmente precisamos, são não só passivos, como também diabolicamente esquivos, e não podem ser assim calmamente "observados". Ou a gente vai lá procurar por eles, ou vamos ficar parados aqui uma porção de tempo. Para sempre. Conforme disse Poincaré, precisa haver uma escolha subliminar dos fatos a serem observados.

A diferença entre um bom e um mau mecânico, assim como a diferença entre um bom e um mau matemático, reside justamente nessa capacidade de distinguir os fatos bons dos maus com base na qualidade. Ele tem que ter cuidado! Uma capacidade sobre a qual o método científico tradicional nada pode dizer. Já é mais do que tempo de examinar melhor esta pré-seleção qualitativa dos fatos, que parece ter sido escrupulosamente ignorada por aqueles que dão tanta importância aos fatos já "observados". Creio na descoberta de que um reconhecimento formal do papel da Qualidade no processo científico não destrói a visão empírica, de jeito nenhum. Ao contrário, amplia-a e aproxima-a muito mais da genuína prática científica.

Para mim, o erro básico que permeia o problema do empacamento é a insistência da racionalidade tradicional sobre a "objetividade", doutrina segundo a qual a realidade se divide em sujeitos e objetos. Para que surja a verdadeira ciência, estas duas instâncias devem estar perfeitamente separadas. "Você é o mecânico. Aquela é a motocicleta. Vocês estão irremediavelmente separados um do outro. Você pode fazer isto e aquilo com ela. Os resultados vão ser tais e tais."

Esta eterna maneira dualista de abordar a motocicleta nos parece correta porque nos acostumamos a ela. Mas ela está errada. É apenas uma interpretação artificial, superposta à realidade. Não é a realidade em si. Quando se aceita integralmente tal dualidade, destrói-se uma certa integração entre mecânico e motocicleta, um sentido artesanal do trabalho. Quando a lógica tradicional divide o mundo em sujeitos e objetos, está expulsando dele a Qualidade; mas quando a gente empaca, é a Qualidade, não qualquer objeto ou sujeito, que nos indica o caminho.

Se voltarmos nossa atenção para a Qualidade, certamente poderemos salvar o trabalho tecnológico, retirando-o desse dualis-

mo sujeito-objeto desinteressado e devolvendo-lhe o caráter artesanal, de envolvimento entre produtor e produto, que nos revelará os fatos necessários quando empacamos.

Estou imaginando agora um trem comprido, imenso, um daqueles monstros de 120 vagões que cruzam as pradarias carregados de madeira e produtos agrícolas em direção ao Leste, de lá voltando carregados de automóveis. Quero dar a esse trem o nome de "saber" e dividi-lo em duas partes: saber clássico e saber romântico.

Metaforicamente, o saber clássico, ensinado pela Igreja da Razão, é a locomotiva e os vagões do trem. Todos eles, e tudo que eles contêm. Se subdividirmos o trem, não vamos conseguir encontrar o saber romântico em parte alguma. E a gente pode acabar tirando a conclusão precipitada de que o trem é só saber clássico. Não porque o saber romântico não exista, ou não seja importante. O caso é que até agora a definição do trem foi estática e destituída de objetivo. Era isso que eu estava tentando explicar lá em Dakota do Sul, quando falei sobre duas dimensões diferentes de existência. Há duas maneiras de encarar o trem.

A Qualidade romântica não está em "parte" alguma do trem. É o limpa-trilhos da locomotiva, uma superfície bidimensional aparentemente desprezível, a menos que se entenda que o trem não é, de modo nenhum, uma entidade estática. Um trem que não anda não é trem. Ao examinarmos o trem e seccioná-lo, sem querer nós o paramos, de modo que na verdade não estamos analisando um trem. É por isso que a gente empaca.

O verdadeiro trem do saber não é uma entidade estática que pode ser freada e subdividida. Está sempre correndo em direção a algum destino, nos trilhos da Qualidade. E aquela locomotiva e os 120 vagões só vão aonde os leva a ferrovia da Qualidade. A Qualidade romântica, o limpa-trilhos da locomotiva, é que os guia pela via afora.

A realidade romântica é o gume da experiência. É o limpa-trilhos do trem do saber que mantém o trem inteiro nos trilhos. O saber tradicional é apenas a lembrança coletiva de onde esteve aquela lâmina. Na lâmina não há sujeitos, nem objetos; ela só tem os trilhos da Qualidade pela frente, e se não possuímos nenhum método formal para avaliar, para reconhecer esta Qualidade, o trem inteiro não terá como saber para onde vai. Deixa de haver razão pura, que dá lugar à confusão pura. O limpa-trilhos está onde acontece toda e qualquer ação. Ele contém todas as infinitas

possibilidades futuras. Contém toda a história passada. Onde mais poderiam elas estar?

O passado não pode lembrar o passado. O futuro não pode gerar o futuro. O limpa-trilhos deste instante, aqui e agora, é, nada mais, nada menos, que a totalidade daquilo que existe.

O valor, o limpa-trilhos da realidade, não é mais um elemento excluído da estrutura. O valor é o antecessor da estrutura. É a consciência pré-intelectual que origina a estrutura. Nossa realidade estruturada é pré-selecionada, com base no valor, e para compreendermos amplamente esta realidade estruturada, precisamos compreender de que valores ela se origina.

Nossa compreensão racional a respeito da motocicleta será então modificada de minuto em minuto, enquanto trabalhamos nela, percebendo que uma compreensão racional nova e diferente tem mais Qualidade. A gente não se pode agarrar nos velhos chavões, porque tem uma base racional imediata para rejeitá-los. A realidade deixa de ser estática. Ela não é um conjunto de idéias contra as quais é preciso lutar, ou às quais a gente se entrega. É construída, em parte, de idéias que se destinam a crescer junto com você e com todos nós pelos séculos dos séculos. Com a Qualidade como termo central indefinível, a realidade é, em essência, não estática, mas dinâmica. E quando entendemos mesmo a realidade dinâmica, nunca ficamos empacados. Ela tem formas, mas formas capazes de se transformarem.

Em termos mais concretos, se você quiser construir uma fábrica, ou consertar uma motocicleta, ou organizar um país inteiro sem empacar, então não basta recorrer ao saber dualista, clássico e estruturado. É preciso identificar-se com o trabalho, é preciso ser capaz de distinguir o que é bom. E isso que faz a gente progredir. Essa percepção não é apenas algo inato, embora seja também inata. É algo que se pode desenvolver. Não é apenas “intuição”, ou seja, uma “queda” ou “talento” inexplicável. É o resultado direto do que a razão dualista tentou esconder no passado.

Tudo isso soa tão esotérico e distante ao ser dito desta maneira, que causa espanto descobrir que é uma das visões de realidade mais toscas e terra-a-terra que pode haver. Entre muitos outros, recordo-me de Harry Truman que, em relação a seus planos de administração, disse: “Vamos apenas experimentá-los... Se eles não funcionarem... aí a gente pensa em outra coisa.” Não é uma citação muito exata, mas é fiel.

Segundo ele, a realidade do jovem americano não é estática,

mas dinâmica. Se não gostamos dessa arranjamos outra. Os jovens norte-americanos não vão empacar em nenhum punhado de idéias doutrinárias extravagantes.

A palavra-chave é melhor. Qualidade. Há quem diga que até a essência do jovem americano está empacada, incapaz de reagir ao estímulo da Qualidade, mas tal idéia não vem ao caso. O que interessa é que o presidente, e todos os outros, do pior radical ao pior reacionário, concordam que o governo deve mudar de acordo com a Qualidade, mesmo que ele não mude. O conceito de Fedro, a realidade da Qualidade transformadora, uma realidade tão onipotente que até os governos precisam mudar para acompanhá-la, é algo com que tacitamente vimos concordando todos, o tempo todo.

As palavras de Truman, no fundo, não diferem da atitude prática e pragmática de qualquer cientista experimental, engenheiro ou mecânico, quando ele deixa de pensar "objetivamente" durante o trabalho.

Continuo expondo uma teoria meio maluca, mas, de alguma forma, estou também falando de coisas que todo mundo sabe, de folclore. Esta Qualidade, este envolvimento com o trabalho, é de algum modo conhecido em todas as oficinas.

Agora, voltemos finalmente àquele parafuso.

Vamos reavaliar a situação, partindo da premissa de que o empacamento que está ocorrendo agora, o momento zero da consciência, não é a situação pior, mas a melhor situação possível. Afinal, é exatamente esse bloqueio que os Zen-budistas tanto buscam alcançar, através da reflexão sobre paradoxos, os koans, e da respiração profunda, da postura sentada e imóvel, e coisas do gênero. Sua cabeça está vazia, você está numa disposição "oca" e "flexível" de quem está começando. Você está na frente do trem do saber, nos próprios trilhos da realidade. Pense, para variar, que este momento deve ser aproveitado, e não temido. Se a sua cabeça tiver mesmo empacado para valer, então você poderá até sentir-se melhor do que quando ela estava sobrecarregada de idéias.

A solução para o problema, muitas vezes, parece à primeira vista insignificante ou indesejável, mas o estado de empacamento logo faz com que ela assuma a verdadeira importância. Ela só parecia pequena devido à avaliação rígida que você tinha feito antes.

Agora, pense no fato de que, mesmo que você queira lutar contra esse empacamento, ele fatalmente vai desaparecer, e a sua mente encontrará uma solução de forma livre e natural. Você não poderá evitar isso, a menos que seja um mestre na arte do empaca-

mento. É inútil temer o empacamento, porque toda vez que a gente fica empacada, a Qualidade-realidade vem em nosso auxílio e nos libera. O que está prolongando o empacamento é que você estava tentando encontrar a solução nos vagões do seu trem do saber, quando ela se achava na frente do trem.

Não se deve evitar o empacamento. Ele é o antecessor físico de todo o conhecimento real. Sua aceitação humilde é a chave para a compreensão da Qualidade integral, tanto na mecânica quanto em outros empreendimentos. É essa compreensão da Qualidade, revelada pelo empacamento, que freqüentemente faz com que os mecânicos autodidatas sejam tão melhores do que os caras que têm diploma, que aprenderam a lidar com tudo, menos com uma situação diferente.

Normalmente, os parafusos são tão baratos, pequenos e simples, que você não dá importância a eles. Mas agora, à medida que se fortalece o seu sentido de Qualidade, você vai percebendo que este parafusinho aqui, em particular, não é barato, nem pequeno, nem insignificante. Neste momento, o parafuso está valendo o mesmo que a motocicleta inteira, porque ela não vai valer nada até você tirar o parafuso. Após esta reavaliação do parafuso, você começa a sentir vontade de saber mais a respeito dele.

Com essa expansão do conhecimento, creio eu, virá também uma reavaliação do que o parafuso realmente significa. Se você se concentrar nele, pensar sobre ele, e se fixar nele horas seguidas, creio que logo deixará de encará-lo como um objeto típico de uma classe e passará a vê-lo como um objeto exclusivo. Depois de mais um pouco de concentração, começará a ver o parafuso não como um objeto, mas como um conjunto de funções. Seu empacamento está, aos poucos, eliminando os padrões de raciocínio tradicionais.

Antes, quando você separava o sujeito do objeto de modo permanente, pensava neles de um jeito rígido demais. Você formou uma classe denominada “parafuso”, que parecia inviolável e mais real do que a realidade para a qual você está olhando. E nem podia imaginar um jeito de desempacar, não conseguia criar nada de novo, porque não conseguia ver nada de novo.

Agora, você deixa de interessar-se no que o parafuso é. O que ele é deixou de ser uma categoria de pensamento, para ser uma experiência direta duradoura. Não está mais nos vagões, está lá na frente, e é capaz de mudar. Você está interessado no que o parafuso faz, e por que ele está fazendo isso. Você vai fazer perguntas de

natureza funcional. Junto com elas, haverá uma discriminação subliminar qualitativa, idêntica à discriminação qualitativa que levou Poincaré a deduzir as equações fuchsianas.

Não importa qual seja a solução encontrada, contanto que ela contenha Qualidade. Conceber o parafuso como uma combinação de rigidez e adesão, e pensar na rosca com que ele se prende, pode trazer naturalmente soluções tais como a retirada por golpes de ferramenta, ou o uso de solventes. Esta é uma das ferrovias da Qualidade. Uma outra seria ir à biblioteca e procurar um catálogo de ferramentas mecânicas, em que se pudesse encontrar um extrator de parafusos para resolver o problema. Ou então, chamar um amigo que entenda um pouco de mecânica. Ou então simplesmente destruir o parafuso com uma furadeira ou um maçarico. Ou então, graças à profunda reflexão em torno do parafuso, descobrir um jeito novo de retirá-lo que jamais foi concebido antes, muito melhor do que os outros métodos, do qual você pode tirar patente, e que vai fazer de você um milionário daqui a cinco anos. Não se pode prever o que vem nos trilhos da Qualidade. Todas as soluções são simples — depois que se chega a elas. Mas elas só são simples quando você já sabe quais são.

A rodovia 13 segue outro afluente do nosso rio, mas agora rio acima, passando por velhas cidades madeireiras e uma paisagem modorrenta. As vezes, ao passarmos de uma rodovia federal para uma estadual, parece que voltamos no tempo. Lindas montanhas, lindo rio, estrada asfaltada, gasta, mas agradável... Prédios antigos, velhinhos nas varandas... É engraçado como os prédios, usinas e fábricas antigos e obsoletos, a tecnologia de cinqüenta e cem anos atrás, sempre nos parecem melhores que os de hoje. Nas rachaduras do concreto crescem plantas daninhas, capim e flores silvestres. Linhas perfeitas, direitas e eretas adquirem uma curvatura aleatória. As massas uniformes de cor da pintura fresca adquirem uma suavidade matizada e gasta. A natureza tem uma geometria não-euclidiana própria, que parece suavizar a objetividade deliberada destes edifícios com uma espécie de espontaneidade fortuita que os arquitetos deviam estudar.

Logo deixamos para trás o rio e os velhos prédios sonolentos e subimos para uma chapada seca e coberta de pasto. A estrada, cheia de saliências e buracos, é coleante demais, de modo que sou obrigado a diminuir a velocidade para oitenta e cinco por hora. Fico prestando atenção às crateras que aparecem de vez em quando na

estrada.

Estamos mesmo nos acostumando a fazer longos percursos. Trechos que lá nas Dakotas nos teriam parecido longos agora nos parecem curtos e fáceis. Estar na moto parece mais natural do que estar fora dela. Eu nunca andei por aqui, nunca vi este lugar antes, mas não me sinto um estranho.

No alto da chapada, em Grangeville, Idaho, entramos num restaurante com ar refrigerado, deixando fora um calor dos infernos. Está muito frio aqui dentro. Enquanto esperamos pelos Ovomaltines, observo os olhares que um colegial sentado ao balcão está trocando com a garota ao lado dele. Ela é linda, e não fui só eu que notei isso. A moça que atende no balcão também está olhando, com uma raiva que pensa disfarçar muito bem. Uma espécie de triângulo. Vivemos participando, despercebidos, de alguns instantes das vidas dos outros.

Voltando ao calor, ainda perto de Grangeville, notamos que a chapada seca, que parecia até uma pradaria quando subimos, está se transformando numa gigantesca garganta. Percebo que a estrada vai descer cada vez mais, descrevendo centenas de curvas bem fechadas, até chegar a um deserto de solo rachado e cheio de rochedos. Batendo no joelho de Chris, aponto para a paisagem, e, ao entrarmos numa curva de onde se vê tudo, eu o escuto gritar:

— Caramba!

Ao chegar à ribanceira, reduzo para terceira e depois paro de acelerar. O motor faz força, explode um pouco, e nós descemos.

Quando nossa moto chega ao fundo dessa garganta estranha, nós já descemos centenas de metros. Olhando para trás, vejo carros do tamanho de formigas lá no alto. Agora precisamos atravessar este deserto abrasador para chegarmos ao destino a que nos levará a estrada.

Capítulo 25

Hoje de manhã discutimos a solução para o problema do empacamento, a imperfeição clássica, causada pela razão tradicional. Agora devemos falar do seu correspondente romântico, a feiúra da tecnologia, produzida pela razão.

A estrada retorceu-se e ondulou sobre as colinas do deserto até chegar a uma pequena e estreita faixa verde próxima à cidade de White Bird. Depois, seguiu um rio largo e rápido, o rio Salmon, que corre entre as altas paredes de uma garganta. Aqui o calor é insuportável, e o reflexo produzido pela rocha branca do paredão cega a gente. Continuamos ziguezagueando pela estrada, no fundo do desfiladeiro estreito, nervosos por causa da rapidez do trânsito e atormentados pelo calor impiedoso.

A feiúra da qual os Sutherlands' fugiam não é inerente à tecnologia. Eles pensavam assim porque é muito difícil separar a tecnologia da feiúra. Mas a tecnologia é apenas a produção das coisas, e essa produção, por si mesma, não pode ser feia. Do contrário não haveria beleza nas artes, que também incluem o aspecto produtivo. A propósito, uma das raízes da palavra tecnologia, techne, inicialmente queria dizer "arte". Os antigos gregos nunca separavam ideologicamente a arte da manufatura, e assim nunca houve necessidade de criarem palavras diferentes para elas.

A feiúra também não é inerente aos materiais utilizados pela moderna tecnologia — como se ouve dizer por aí. Os plásticos e materiais sintéticos produzidos em escala industrial não são maus em si. Só que originaram uma série de associações desagradáveis. Quem passa a vida inteira numa prisão de paredes de pedra, provavelmente vai encarar a pedra como um material essencialmente repulsivo, mesmo que ela seja a matéria-prima da escultura. Quem

vive numa repugnante prisão de tecnologia plástica, que teve início com os brinquedos da infância e continua pela vida afora, atravancando a existência com uma batelada de produtos de consumo que para nada servem, provavelmente verá o plástico como algo essencialmente feio. Mas a verdadeira feiúra da tecnologia moderna não se encontra em nenhum material, formato, ato ou produto. Estes são apenas os objetos nos quais parece residir a baixa Qualidade. É nosso costume atribuir Qualidade aos sujeitos e objetos que nos dão essa impressão.

A verdadeira feiúra não provém dos objetos, nem da tecnologia. Também não provém, segundo a metafísica de Fedro, de nenhum sujeito da tecnologia, das pessoas que a produzem, ou daqueles que a utilizam. A Qualidade, ou sua ausência, não está no sujeito, nem no objeto. A verdadeira feiúra localiza-se na relação entre as pessoas que produzem a tecnologia e as coisas produzidas, que gera uma relação semelhante entre as pessoas que usam a tecnologia e as coisas por elas utilizadas.

Fedro achava que no momento de percepção da Qualidade pura, não no da simples percepção, mas no da Qualidade pura, o sujeito e o objeto deixam de existir. Existe apenas uma sensação de Qualidade, que produz uma consciência posterior dos sujeitos e objetos. No momento da Qualidade pura, o sujeito passa a ser idêntico ao objeto. Esta é a doutrina do tat tvam asi, contida nos Upanixades, mas também encontrada na nossa fala cotidiana. "Estar por dentro", "sacar" e "curtir" são gírias que mostram essa identidade. Ela é a base do artesanato, em todas as artes técnicas. E foi essa identidade que a tecnologia moderna, concebida de maneira dualista, perdeu. O criador dessa tecnologia não se identifica com ela de jeito nenhum. Seus usuários não se identificam com ela. Daí, segundo Fedro, a ausência da Qualidade.

Aquela muralha coreana que Fedro viu era produto da tecnologia. Era bela, não por ter sido planejada com maestria, nem por ter sido cientificamente controlada ao ser construída, e tampouco devido aos gastos adicionais feitos para "sofisticá-la". Era bela porque aqueles que a produziram tinham uma visão de mundo que os fazia trabalharem sem qualquer resquício de individualização. Eles se entregavam ao trabalho de corpo e alma, de modo que não podiam cometer erros. Este é o cerne da solução.

A resposta para o conflito entre os valores humanos e as necessidades tecnológicas não está na fuga. Fugir da tecnologia é impossível. Para resolver o conflito, é preciso romper as barreiras

do pensamento dualista, que impedem uma compreensão integral do que seja a tecnologia — não uma exploração da natureza, mas uma fusão entre natureza e espírito humano, numa nova criação que transcende a ambos. Quando ocorre essa transcendência, em acontecimentos como a primeira travessia aérea do oceano, ou o primeiro passo na Lua, surge também um reconhecimento público da natureza transcendente da tecnologia. Essa transcendência deveria igualmente ocorrer a nível individual, em termos pessoais, na vida de cada um de nós, embora de modo menos espetacular.

Agora as paredes da garganta estão quase completamente verticais. Há vários pontos onde tiveram que ser dinamitadas para dar passagem à estrada. Não há vias alternativas. Só nos resta seguir o rio. Pode ser que eu esteja imaginando coisas, mas me parece que o rio está menor do que estava há uma hora atrás.

Essa transcendência pessoal dos conflitos com a tecnologia não envolve necessariamente as motocicletas, é claro. Pode ocorrer a um nível tão simples quanto amolar uma faca de cozinha, costurar um vestido, ou consertar uma cadeira quebrada. Os problemas subentendidos são os mesmos. Em todos os casos, existe uma maneira bonita e uma maneira feia de proceder, e para atingir uma maneira bela, de alta qualidade, é necessário ter capacidade para perceber o que "parece bom" e para compreender os métodos subliminares para alcançar tal qualidade. Deve-se combinar a compreensão clássica e romântica da Qualidade.

Nossa cultura é organizada de modo a fornecer instruções apenas da maneira clássica. Ela ensina como segurar a faca enquanto se amola, ou como utilizar uma máquina de costura, ou como misturar a cola de madeira e aplicá-la, pressupondo que, uma vez utilizados esses métodos subliminares, o resultado será necessariamente "bom". A capacidade de perceber diretamente o que "parece bom" não é levada em conta.

Em conseqüência disso, ocorre um fenômeno bem típico da tecnologia moderna, uma monotonia geral da aparência, tão deprimente que precisa ser coberta com o verniz da "sofisticação" para ser aceita. E isso só piora as coisas aos olhos de quem é sensível à Qualidade romântica. Aliás, isso não é apenas desgraçadamente monótono, mas também falso. Essas duas expressões resumem com bastante exatidão a moderna tecnologia americana: carros sofisticados, motores de popa sofisticados, máquinas de escrever

sofisticadas, roupas sofisticadas; geladeiras sofisticadas, cheias de comida sofisticada, nas cozinhas de casas sofisticadas. Brinquedos de plástico sofisticados para crianças sofisticadas, que nos natais e nos aniversários estão sempre na moda, assim como seus pais. A gente mesmo tem que ser profundamente sofisticado para não se encher disso tudo de vez em quando. É a sofisticação que nos satura: essa feiúra tecnológica coberta por uma calda de falsificação romântica, na tentativa de se converter em beleza e produzir lucro para pessoas que, embora sejam sofisticadas, não sabem por onde começar, porque ninguém jamais lhes disse que existe neste mundo uma coisa chamada Qualidade, que é genuína, não sofisticada. A Qualidade não pode ser colocada sobre os sujeitos e os objetos, como os ouropéis numa árvore de Natal. A verdadeira Qualidade deve dar origem aos sujeitos e objetos, deve ser o cone que gera a árvore.

Para alcançar este tipo de Qualidade é necessário agir de modo diferente do que nos transmitem os manuais de instrução — l.a etapa, 2.a etapa, 3.a etapa — da tecnologia dualista. E é isso que vou tentar explicar agora.

Depois de mil voltas e reviravoltas entre os padrões da garganta, resolvemos descansar num pequeno recanto, coberto de arvoredo e rochas. O capim à volta das árvores é castanho, está queimado e cheio do lixo de piqueniques.

Chris nem se aproxima do rio para observá-lo, e eu estranho essa falta de interesse. Está cansado, como eu, e satisfeito de poder sentar-se à sombra exígua do arvoredo.

Logo ele me diz que parece existir uma velha bomba d'água entre o rio e o lugar onde estamos. Aponta para o objeto, e eu entendo o que ele quer dizer. Chris vai até lá, puxa a água, apara-a na mão em concha e depois borrifa-a no rosto. Eu também me acerco e bombeio a água para ele, de modo que ele possa usar as duas mãos. Depois faço o mesmo que ele. A água refresca-me as mãos e o rosto. Ao terminarmos, voltamos para a motocicleta e entramos de novo na estrada.

Retornemos também à solução. Até agora, nesta chautauqua, encaramos o problema da feiúra tecnológica de maneira negativa. Dissemos que as atitudes românticas em relação à Qualidade, como as dos Sutherlands, são inúteis em si. Não se pode viver de emoções estéticas. É necessário levar também em conta a forma

subjacente do universo, as leis da natureza, que, quando compreendidas, podem tornar o trabalho mais fácil, diminuir a quantidade de doenças e, principalmente, acabar com o problema da fome. Por outro lado, a tecnologia baseada apenas na razão dualista também é prejudicial, porque obtém as vantagens materiais transformando o mundo num monte de lixo sofisticado. É hora de parar de criticar as coisas e de apresentar algumas respostas.

A resposta é a afirmação, feita por Fedro, de que a compreensão clássica não deve ser revestida de beleza romântica; deve unir-se à romântica de maneira básica. Antes, nosso universo intelectual comum entrou num processo de fuga, de rejeição do mundo romântico e irracional do homem pré-histórico. Desde antes de Sócrates foi necessário rejeitar as paixões, as emoções, para libertar o raciocínio, com o objetivo de compreender a ordem da natureza, até o momento desconhecido. Agora é tempo de aprofundar o conhecimento sobre a ordem natural, através da recuperação daquelas paixões, originalmente rejeitadas. As paixões, as emoções, e o universo afetivo da consciência humana também fazem parte da ordem natural. Aliás, são o cerne dessa ordem.

Estamos hoje em dia soterrados por uma expansão descontrolada da coleta de dados nas ciências, porque não há modelo racional que nos permita compreender a criatividade científica. Estamos também soterrados atualmente por uma sofisticação excessiva das artes — arte empobrecida — porque não há bastante assimilação nem penetração da forma subjacente. Nossos artistas não têm conhecimentos científicos, os cientistas não têm conhecimentos artísticos, e tanto uns como outros nem percebem como isso é grave, o que torna a situação não apenas ruim, mas até péssima. Há muito tempo a arte e a tecnologia já deveriam ter-se reunido.

Na casa de DeWeese comecei a falar sobre a ligação entre a paz de espírito e o trabalho técnico, mas todos riram de mim, porque eu introduzi o assunto fora do contexto em que ele me ocorreu. Agora creio que está na hora de retomar a idéia da paz de espírito, e de esclarecer aquilo de que eu estava falando.

A paz de espírito não está na superfície do trabalho técnico. A paz de espírito é tudo. O bom trabalho a produz, e o mau trabalho a destrói. As especulações, os instrumentos de medição, o controle de qualidade, a inspeção final, são meios de que se utilizam os responsáveis pelo trabalho para atingir a paz de espírito. No final, o que importa mesmo é a paz de espírito deles, mais nada. Isso porque a paz de espírito é o pré-requisito para” a percepção daquela

Qualidade que permeia a Qualidade clássica e romântica, que as une, e que deve estar presente ao longo do processo de produção. O modo de perceber o que parece bom, e compreender por que parece bom, e identificar-se com essa qualidade, à medida que o trabalho se desenrola, é cultivar uma paz interior, uma paz de espírito, para que a qualidade transpareça.

Eu disse paz interior. Ela não tem relação com as circunstâncias externas. Pode ser sentida pelo monge em meditação, pelo soldado em plena batalha, ou pelo mecânico que elimina até o último milésimo de milímetro de metal excedente. Essa paz implica numa entrega que produz uma identificação total com as circunstâncias do momento, e existem vários níveis de identificação, vários níveis de paz, tão profundos e difíceis de alcançar quanto mais familiares são os níveis de atividade. Subir à montanha é descobrir apenas um sentido da Qualidade, e é uma coisa relativamente sem propósito e, muitas vezes, impossível, a menos que seja realizada juntamente com a descida às fossas oceânicas da introspecção — tão diferente da introversão — realizada através da paz interior.

Esta paz ocorre em três níveis de conhecimento. O silêncio físico parece ser o mais fácil de ser atingido, embora haja também vários níveis de silêncio, conforme atesta a capacidade dos gurus indianos de passarem vários dias enterrados vivos. A quietude espiritual, na qual se mantém a mente livre de quaisquer pensamentos, parece mais difícil de ser alcançada, mas é possível. Porém, a quietude moral, na qual se anulam todos os valores, agindo-se sem qualquer desejo na vida, parece ser a mais difícil de alcançar.

Ocasionalmente penso que essa paz interior, essa quietude, se assemelha ou se identifica com a calma que a gente às vezes sente quando vai pescar, o que explica a grande popularidade desse esporte. Ficar sentado com a vara na mão, sem se mexer, sem pensar em nada, parece que extirpa as tensões e frustrações que nos impedem de resolver nossos problemas anteriores, que geraram pensamentos e ações desagradáveis e inadequados.

É claro que você não precisa ir pescar para poder consertar sua motocicleta. Basta tomar um cafezinho, dar um passeio pelo quarteirão, e, às vezes, suspender o trabalho e passar cinco minutos em silêncio. Quando você faz isso, quase consegue sentir o crescimento daquela paz interior que traz todas as soluções. A manutenção mal feita não dá importância a esta paz e à Qualidade. A boa manutenção, sim. As formas de dar ou não importância são infinitas, mas o objetivo é sempre o mesmo.

Acredito que, quando esta idéia da paz de espírito for introduzida e transformada no componente central do trabalho técnico, poderá ocorrer a fusão da qualidade romântica com a clássica num nível básico, dentro de um contexto prático de trabalho. Eu disse que se pode até ver essa fusão no trabalho de certos mecânicos habilidosos. Quem disser que eles não são artistas, não compreende a natureza da arte. Eles têm paciência, cuidado e atenção com o que estão fazendo, mas, acima de tudo, estabelecem uma espécie de harmonia com o trabalho, na qual não há líder nem seguidor. O material e os pensamentos do artesão transformam-se, ao mesmo tempo, numa sucessão de mudanças suaves e constantes, até que a mente se descontrai exatamente no momento em que o trabalho está terminado.

Nós todos já passamos por esses momentos, ao fazermos algo que realmente queremos fazer. Só que, de algum modo, introduzimos uma separação infeliz entre eles e o trabalho. O mecânico ao qual estou me referindo não faz essa separação. As pessoas dizem que ele 'se interessa" por aquilo que faz, que está "envolvido" no seu trabalho. Tal envolvimento se produz, no limpa-trilhos da consciência, por uma ausência de qualquer senso de separação entre sujeito e objeto. "Ter jeito", "ter queda", "se amarrar" são expressões idiomáticas que traduzem essa ausência de dualidade sujeito-objeto, porque o que eu estou explicando é tão conhecido como o folclore, o senso comum, a filosofia cotidiana de oficina. Mas no jargão científico, raras são as palavras que designam essa ausência de dualidade, porque as mentes científicas não se permitem tomar consciência deste tipo de entendimento, em virtude do pressuposto colocado pela perspectiva científica dualista formal.

Entre os Zen-budistas, existe o que se chama "ficar apenas sentado", uma prática de meditação em que a idéia de uma dualidade entre o eu e o objeto não domina a consciência do praticante. Com relação à manutenção de motocicletas, eu me refiro à prática denominada "ficar apenas consertando", na qual a idéia de dualidade não domina nossa consciência. Quando não nos deixamos dominar pela sensação de estarmos isolados daquilo em que estamos trabalhando, então pode-se dizer que temos "cuidado" com o que estamos fazendo. O cuidado, no fundo, é isso, uma sensação de identificação com aquilo que se faz. Ao sentirmos essa identificação, poderemos enxergar também a face inversa do cuidado, a Qualidade propriamente dita.

Portanto devemos, seja consertando uma moto, seja desem-

penhando qualquer outra tarefa, cultivar a paz de espírito que mantém o sujeito integrado ao seu ambiente. Quando se é bem sucedido, tudo se desenrola com tranqüilidade. A paz de espírito produz valores corretos, e estes produzem pensamentos corretos, que, por sua vez, produzem ações corretas, as quais produzem um trabalho que mostra concretamente aos outros a serenidade que existe no centro de tudo. Foi isso que me impressionou naquela muralha coreana. Ela era o reflexo material de uma realidade espiritual.

Creio que se quisermos reformar o mundo e transformá-lo num lugar melhor para viver, não podemos só ficar falando sobre relações de natureza política, que serão inevitavelmente dualistas, cheias de sujeitos e objetos, e de relações entre ambos; e nem podemos falar dos programas repletos de coisas a serem cumpridas por terceiros. Na minha opinião, essa abordagem começa pelo fim, e confunde o fim com o início. Os programas políticos são importantes produtos finais da qualidade social, que só poderão funcionar se a estrutura subjacente dos valores sociais estiver correta. Esses valores só estarão corretos se os valores individuais estiverem corretos. Para melhorar o mundo, devemos começar pelo nosso coração, nossa cabeça e nossas mãos, e depois partir para o exterior. Os outros poderão imaginar maneiras de expandir o destino da humanidade. Eu só quero falar sobre o conserto de motocicletas. Acho que o que tenho a dizer tem valor mais duradouro.

Surge uma cidade chamada Riggins, com muitos motéis ao seu redor, e depois a estrada se afasta da garganta, seguindo um rio menor. Parece que mais adiante ela sobe em direção a uma floresta.

E sobe mesmo. Logo se projetam sobre ela as sombras de pinheiros altos e frescos. Surgem letreiros de colônias de férias. Ziguezagueamos cada vez mais para o alto, penetrando em prados surpreendentemente agradáveis, frescos e verdejantes, cercados de pinhais. Numa cidade chamada New Meadows enchemos o tanque novamente e compramos duas latas de óleo, ainda surpresos com a mudança.

Mas, ao sairmos de New Meadows, percebo que o sol já está bem baixo, e a depressão vespertina começa a tomar conta de mim. Numa outra hora do dia, talvez essas campinas de montanha me refrescassem mais.

Agora, porém, é tarde. Depois de atravessarmos Tamarack,

a estrada passa novamente das pradarias verdes para o deserto árido.

Acho que isso era tudo que eu queria dizer na chautauqua de hoje. Foi uma palestra longa, talvez a mais importante de todas. Amanha eu quero falar sobre coisas que parecem aproximar-nos da Qualidade e coisas que parecem distanciar-nos dela, sobre as armadilhas e problemas que podem ocorrer.

Que sentimentos estranhos, vendo este sol alaranjado bater na areia seca, assim tão longe de casa. Será que Chris também sente isso? É apenas uma espécie de tristeza inexplicável, que chega toda tarde, quando o novo dia já terminou definitivamente, e não há nada pela frente a não ser a escuridão.

O alaranjado se transforma numa imprecisa luz acobreada e continua a mostrar o que mostrou o dia todo, só que com menos entusiasmo. Por trás dessas colinas secas, dentro daquelas casinhas a distância, estão pessoas que passaram lá o dia inteiro, ocupadas com o trabalho cotidiano, e que agora não vêem nada esquisito nem diferente nesta estranha paisagem escurecida, como nós estamos vendo. Se nós os encontrássemos de manhã cedo, eles ficariam curiosos em saber quem somos e o que viemos fazer aqui. Mas agora, à noite, eles só se ofenderiam com a nossa presença. Terminou o dia de trabalho. É hora do jantar, da reunião de família, da descontração e da volta à intimidade do lar. Viajamos despercebidos pela estrada vazia, através desta região estranha que eu nunca vi, e agora um sentimento forte de solidão e isolamento me domina. Meu ânimo vai minguando junto com o sol.

Paramos num pátio de escola abandonado e, à sombra de um imenso choupo, troco o óleo da motocicleta. Chris está ranheta, fica perguntando por que estamos parados há tanto tempo, talvez porque não saiba que é só esta hora do dia que o deixa irritado. Dou-lhe o mapa para que ele o consulte enquanto troco o óleo; depois, nós dois olhamos o mapa juntos e resolvemos jantar no primeiro restaurante honesto que encontrarmos, e acampar no primeiro acampamento decente que aparecer. Isso o reanima.

Jantamos na cidade de Cambridge, e ao terminarmos já está escuro. De farol aceso, percorremos uma estrada secundária em direção ao Oregon, até divisarmos uma placa onde se lê: ACAMPAMENTO BROWNLEE, que parece estar situado numa reentrância da montanha. Assim, no escuro, é difícil saber como é o lugar. Seguimos uma estrada de terra, passando por árvores e plantas rasteiras, até o estacionamento do acampamento. Parece que não

tem mais ninguém aqui. Depois de desligar a moto, escuto o ruído de um pequeno córrego. Só se ouve este som e o chilrear ocasional dos passarinhos.

— Eu gostei daqui — comenta Chris.

— É bem silencioso — concordo eu.

— Para onde a gente vai amanhã?

— Para o Oregon. — Eu lhe entrego a lanterna e peço que ele ilumine o local onde estou desembrulhando as coisas.

— Eu já estive aqui, antes?

— Pode ser que sim, não tenho certeza.

Desenrolo os sacos de dormir, colocando o de Chris sobre a mesa de piquenique. Ele gosta da novidade. Esta noite, ninguém vai ficar acordado. Logo eu o ouço ressonar profundamente, sinal de que já adormeceu.

Gostaria de saber o que dizer a ele. Ou o que lhe perguntar. As vezes, ele parece tão fechado, mas mesmo assim a timidez nada tem em comum com o que se pergunta, nem com o que se diz. Outras vezes, ele parece estar muito distante, me observando de alguma perspectiva que eu não entendo. E, de outras ainda, ele é simplesmente infantil, e não conseguimos nos relacionar.

As vezes, ao pensar nisso, acho que a idéia de que se pode conhecer os pensamentos de uma pessoa é apenas uma ilusão coloquial, uma figura de estilo, uma pressuposição que faz com que pareça plausível a comunicação entre criaturas basicamente estranhas uma à outra; no fundo, não se pode conhecer a relação entre duas pessoas. O esforço de imaginar o que o outro está pensando cria uma distorção do que realmente se observa. Estou me esforçando, creio, por gerar uma situação em que o problema, seja ele qual for, se manifeste sem distorções. Que é estranho o jeito com que ele me faz essas perguntas todas, lá isso é.

Capítulo 26

Acordo sentindo frio, e vejo, esticando a cabeça para fora do saco, que o céu está cinza-chumbo. Enfio a cabeça para dentro e fecho os olhos outra vez.

Mais tarde, noto que o cinza está mais claro, e que ainda faz frio. Dá até para ver o vapor se projetando quando eu respiro. O pensamento alarmante de que o cinza possa ser de nuvens de chuva me faz despertar, mas depois de examiná-lo com atenção, percebo que é só o cinzento da madrugada. Como agora está muito frio e é muito cedo para retomar a viagem, fico dentro do saco, porém não consigo mais dormir.

Através dos intervalos entre os raios da roda da motocicleta vejo que o saco de dormir do Chris, lá em cima da mesa de piquenique, está todo enrolado ao redor do corpo dele. Ele nem se mexe.

A motocicleta cresce silenciosa sobre mim, pronta para continuar, como se tivesse aguardado a noite inteira, uma espécie de guardiã muda.

Cinza-prata, cromada e preta — e empoeirada. Pó de Idaho, Montana, Dakotas e Minnesota. Olhando-se de baixo para cima, ela parece imponente. Não há coisas supérfluas. Nela, tudo tem uma razão de ser.

Acho que nunca vou me desfazer dela. Nem tenho motivo para isso. Elas não são como os carros, cuja carroçaria enferruja em poucos anos. Se a gente as ajustar e revisar periodicamente, elas duram tanto tempo quanto quisermos. Talvez até mais. Qualidade. Ela nos transportou até agora sem problemas.

A luz do sol acaba de atingir o cume do penhasco acima da reentrância onde nos encontramos. Um fiapo de neblina surge sobre o córrego. Isso significa que o tempo vai esquentar.

Saio do saco, me calço, guardo tudo que é possível sem acordar o Chris, e depois me aproximo da mesa de piquenique, sacu-

dindo-o.

Ele não responde. Olho em volta para ver se não há mais nada para fazer, além de acordá-lo, e hesito, mas, eufórico e entusiasmado pelo ar vivo da manhã, berro:

— ACORDA!

E ele senta-se de repente, de olhos arregalados.

Depois, na medida do possível, reproduzo a Quadra inicial dos Rubáiyát, de Omar Khayyám. Aquele penhasco acima de nós faz lembrar um rochedo solitário da Pérsia. Mas Chris não sabe de que diabo estou falando. Ele ergue os olhos para ver o cume do penhasco, e depois fica ali sentado, me espiando com os olhos apertados. A gente tem que estar disposto para agüentar declamação ruim de poesia. Principalmente esta.

Logo retomamos a estrada coleante e cheia de voltas. Descemos freando, até uma imensa garganta cujas paredes sustentam altos penhascos de rocha branca. O vento está gelado. Passamos por um trecho ensolarado, onde o calor parece atravessar meu suéter e o blusão, mas logo penetramos outra vez nas sombras da garganta, onde o vento continua a nos congelar. Este ar seco do deserto não conserva o calor. Meus lábios, expostos ao vento, ficam secos e gretados.

Mais adiante cruzamos uma represa e saímos da garganta, entrando numa chapada semidesértica. Agora estamos no estado de Oregon. A estrada serpeia através de uma paisagem que me lembra o norte de Rajasthan, na Índia, onde ainda não é deserto, cheia de pinhões, zimbros e capim, mas onde também não há agricultura, a não ser nos barrancos e vales onde se encontra alguma reserva de água.

Aquelas Quadras malucas do Rubáiyát ficam retumbando na minha cabeça:

...Algo, algo disperso ao longo das pastagens,
Limite exato entre os cultivos e o deserto,
Onde se igualam o escravo e o sultão
E o poderio de Mahmud é sempre incerto...

Aquilo evoca um vislumbre das ruínas de um antigo palácio mongol próximo ao deserto, onde ele, com o rabo do olho, viu uma roseira silvestre...

"*E este mês estival que traz a Rosa, agora...*" Como era mesmo? Não sei. Eu nem gosto desse poema. Percebo que desde o início desta viagem e, principalmente, desde que chegamos a Bozeman, essas lembranças se tornam cada vez menos parte da memória

dele, e cada vez mais parte da minha memória. Não sei bem o que isso significa... Eu acho... Eu simplesmente não sei.

Parece que existe um nome próprio para designar este tipo de região semidesértica, mas não consigo me lembrar qual é. Além de nós, não há mais ninguém na estrada.

Chris grita que está com diarréia de novo. Continuamos até descobrir um rio, saímos da estrada e paramos. Ele está todo sem jeito outra vez, mas eu lhe digo que não há pressa, e lhe entrego uma muda de roupa de baixo, um rolo de papel higiênico e um pedaço de sabão, recomendando que ele lave bem as mãos ao terminar.

Depois sento-me numa rocha, à la Omar Khayyám, contemplando aquela região semiárida, sem me sentir mal.

"*E este mês estival, que traz a Rosa, agora...*" Ah... Sim, eu me lembro...

Tu dizes que cada manhã traz rosas mil
Mas onde deixa a Rosa que ontem se abriu?
Este mês estival que traz a Rosa agora
Irá levar Djemchid e Kai-Kobao embora.

...E assim por diante...

Vamos esquecer o Omar e retomar a chautauqua. O solução de Omar é ficar sentado, empanturrando-se de vinho e se sentir muito mal porque o tempo está passando. Para mim, a chautauqua parece muito melhor do que isso. Especialmente a de hoje, que fala sobre o brio.

Chris vem subindo a colina, com uma expressão satisfeita.

Eu gosto da palavra brio porque é tão despretensiosa e desamparada e tão pouco sofisticada que até parece precisar de um amigo, e provavelmente não vai rejeitar ninguém que se aproxime. E uma velha palavra, muito utilizada pelos pioneiros, mas que, como "afim", parece estar fora de uso agora. Também gosto dela porque exprime exatamente o que acontece com aqueles que estabelecem laços com a Qualidade. Ficam repletos de brio.

Os gregos usavam o termo enthousiasmos para expressar a mesma idéia, palavra que deu origem ao nosso termo entusiasmo, literalmente "cheio do theos", de Deus, ou de Qualidade. Viram como tudo combina?

Uma pessoa briosa não fica sentada, dissipando-se e ruminando coisas. Está adiante do trem da sua própria consciência, espiando para ver o que vem pelos trilhos, e enfrentando o que vier.

É o brio.

Chris chega, dizendo:

— Agora estou melhor.

— Ótimo — respondo. Guardamos o sabão e o papel e colocamos a toalha e a roupa molhada num lugar em que não podem passar umidade para as outras coisas. Subimos na moto e seguimos viagem.

O processo pelo qual nos tornamos briosos ocorre quando ficamos silenciosos o suficiente para ver, ouvir e sentir o universo real, não as nossas superadas opiniões a respeito dele. Mas não é nada de exótico. É por isso que eu gosto dessa palavra.

A gente nota muito isso em pessoas que voltam de longas e tranqüilas pescarias. Muitas vezes, elas assumem uma atitude defensiva por terem "desperdiçado tanto tempo", porque não há justificativa racional para o que elas andaram fazendo. Mas o pescador que volta geralmente sente uma curiosa fartura de brio, via de regra em relação às mesmas coisas que ele não agüentava mais há uma semana. Ele não ficou perdendo tempo. Nosso ponto de vista cultural limitado é que faz com que as coisas pareçam ser assim.

Se você for consertar uma motocicleta, a primeira e a mais importante ferramenta de que vai precisar é o brio. Se você não a possuir, pode guardar todas as outras, que não vai adiantar nada.

O brio é a gasolina mental que alimenta tudo. Se você não sentir brio, não haverá como consertar a motocicleta. Mas se você sente brio e sabe como conservá-lo, nada nesse mundo vai impedi-lo de consertar a motocicleta. Isso é batata. Portanto, o brio deve ser observado a todo momento e preservado acima de tudo.

Essa importância suprema do brio resolve o problema da forma desta chautauqua. O problema era como deixar de lado as generalizações. Se a chautauqua enveredar pelos detalhes reais do conserto de uma máquina em particular, na certa ela não será da mesma marca e do mesmo modelo que a sua. E aí os dados serão não só inúteis, como também perigosos, pois o que serve para consertar um modelo pode arrasar outro. Para obter informações objetivas e detalhadas, deve-se utilizar um manual de manutenção específico para a marca e o modelo da máquina a ser conservada. Além disso, pode-se utilizar um manual geral, como o Guia automotivo Audel's, para preencher as possíveis lacunas.

Mas existem detalhes de outro tipo que nenhum manual ex-

plica, comuns a todas as máquinas, que podem ser apresentados aqui. É a relação de Qualidade, a relação de brio, entre a máquina e o mecânico, tão complexa quanto a máquina. Através de todo o processo de manutenção da máquina sempre surgem elementos de baixa qualidade, desde uma junta empoeirada até um sistema "insubstituível" acidentalmente destruído. Eles podem esgotar o brio, destruir o entusiasmo e deixar você tão desanimado que você vai querer mandar tudo para aquele lugar. Dei a esses incidentes o nome de "ciladas para o brio".

Existem centenas de tipos de ciladas para o brio, talvez milhares, talvez até milhões. Não tenho meios de saber quantos tipos eu não conheço. Eu sei que parece que já topei com todo tipo imaginável de cilada para o brio. O que me impede de pensar que me livrei de todos é que a cada trabalho eu descubro outras. A manutenção das motocicletas fica frustrante. Irritante. Enfurecedora. É isso que faz dela uma coisa interessante.

No mapa à minha frente, vejo que a cidade de Baker está logo adiante. Estamos agora atravessando uma área cultivada. Aqui já cai mais chuva.

O que tenho em mente agora é um catálogo de "Ciladas para o brio que eu conheço". Quero criar uma área acadêmica inteiramente nova, a Briologia, na qual essas ciladas são separadas, classificadas, estruturadas em hierarquias e inter-relacionadas para a edificação das futuras gerações e benefício de toda a humanidade.

Briologia 101 — investigação dos bloqueios afetivos, cognitivos e psicomotores na percepção das relações de Qualidade — 3 cr. VII, 2.as/4-as e 6.as. Eu gostaria de ver esta disciplina no catálogo de alguma faculdade.

Na manutenção tradicional, o brio é considerado algo com que você já nasce, ou que adquire através de uma boa educação. É um bem de raiz. Por causa da falta de informação sobre a maneira pela qual se adquire esse brio, pode-se imaginar que uma pessoa sem qualquer resquício de brio é um caso perdido.

Na manutenção não-dualista, o brio não é um bem de raiz. É variável, um reservatório de boa disposição que pode ser preenchido ou esvaziado. Como resulta da percepção da Qualidade, pode-se definir a cilada para o brio como qualquer coisa que faça com que se perca a Qualidade de vista, e assim, com que se perca o entusiasmo por aquilo que se faz. Como se poderá deduzir de uma defi-

nição assim geral, o campo é imenso, e aqui só poderemos tentar o esboço de um esquema inicial.

Ao que me consta, existem dois tipos principais de armadilhas para o brio. O primeiro tipo é aquele em que saímos dos trilhos da Qualidade devido a condições resultantes de circunstâncias externas, que denomino "contratempos". No segundo tipo, a gente é desviada dos trilhos por condições principalmente internas. Para estas, não tenho um nome genérico — quem sabe, seriam "grilos", penso eu. Primeiro, falarei dos contratempos externos.

Da primeira vez que você realiza qualquer serviço de mais importância, parece que a maior preocupação é o esquecimento de peças na remontagem. Isso geralmente acontece na hora em que você pensa que está quase acabando. Depois de dias de trabalho, você finalmente consegue montar tudo, menos... o que é isso? O casquilho da biela?! Mas como é que você foi esquecer logo isso? Ah, meu Deus, agora toca a desmontar tudo outra vez! Você quase pode sentir o seu brio escapulindo. Psssssssssl

Você não pode fazer mais nada a não ser voltar atrás e desmontar a moto toda outra vez... Isso, depois de um período de repouso de mais ou menos um mês, que lhe permita acostumar-se à idéia.

Existem duas técnicas por mim utilizadas para evitar esse tipo de contratempo. Eu as utilizo principalmente quando estou consertando um sistema complicado, sobre o qual não conheço absolutamente nada.

Aqui deveria ser incluído um parêntesis, dizendo que existe uma escola da mecânica segundo a qual eu não deveria me aventurar a mexer num sistema complexo sobre o qual não conheço nada. Eu deveria primeiro passar por um treinamento especial, ou então deixar o trabalho a cargo de um especialista. Esta é uma escola auto-suficiente, de um elitismo que eu gostaria que fosse exterminado. Foi um "especialista" que quebrou as aletas de resfriamento da minha moto. Já fiz revisão de manuais destinados ao treinamento de especialistas da IBM, e, ao cabo dos cursos, eles não ficam sabendo de tanta coisa assim. Da primeira vez, você estará em desvantagem, e vai ser mais difícil, porque pode ser que você danifique alguma peça sem querer; e também vai levar mais tempo, sem dúvida. Mas da próxima vez já estará dando banhos no especialista. Você, com seu brio, compreendeu o sistema da maneira mais difícil e adquiriu em relação a ele toda uma gama de bons sentimentos que o especialista provavelmente não tem.

De qualquer modo, a primeira técnica para impedir a cilada da remontagem é um bloco de anotações, no qual eu anoto a ordem de desmontagem e todos os pormenores extraordinários que, mais tarde, possam causar problemas na remontagem. Esse bloquinho fica horrível, todo lambuzado de graxa, mas já várias vezes umas palavrinhas anotadas nele, aparentemente insignificantes ao serem rabiscadas, impediram danos e economizaram várias horas de trabalho. As anotações devem dedicar atenção especial à localização das peças, ao código de cores e à posição dos fios. Se eventualmente houver peças que parecem gastas, quebradas ou soltas, isso também deve ser anotado, para que você compre todas as peças necessárias de uma só vez.

A segunda técnica para evitar esse tipo de cilada da remontagem é colocar folhas de jornal no chão da garagem, dispondo sobre elas as peças em ordem, da esquerda para a direita e de cima para baixo, no sentido da leitura. Assim, ao remontá-las, no sentido contrário, os parafusinhos, arruelas e pinos, facilmente esquecidos, serão lembrados quando necessário.

Entretanto, apesar de todas essas precauções, às vezes acontecem falhas na remontagem, e aí a gente tem que vigiar o brio. Cuidado com a ânsia de brio, na qual você procura desesperadamente lutar para restabelecer o brio através da rapidez, com o fim de recuperar o tempo perdido. Isso só leva você a cometer mais erros. Quando você finalmente percebe que tem que voltar atrás e desmontar tudo de novo, já estará fatalmente pronto para um bom descanso.

É importante fazer distinção entre estas e as remontagens que foram feitas fora de ordem porque você não dispunha de certas informações. Muitas vezes, o processo de remontagem como um todo transforma-se numa técnica empírica, na qual é necessário desmontar tudo para fazer uma modificação, e depois montar novamente para ver se a modificação surte efeito. Se não funcionar, o trabalho não terá sido em vão, porque as informações adquiridas constituem um progresso real.

Mas se você só cometeu um daqueles velhos e simples erros bobos na remontagem, ainda poderá recuperar um pouco do brio, lembrando-se de que a segunda desmontagem e remontagem provavelmente será muito menos vagarosa que a primeira. Você inconscientemente decorou muitas coisas, que não vai precisar reaprender.

De Baker, a moto, subindo, nos levou até as florestas. A estrada florestal passa por um desfiladeiro e desce, atravessando outras florestas depois.

À medida que descemos a encosta da montanha, notamos que as árvores vão mirrando cada vez mais, até que nos achamos novamente no deserto.

Depois, vem o contratempo do defeito intermitente. O problema se resolve de repente assim que você começa o conserto. Os curtos-circuitos geralmente se incluem nessa categoria. O curto ocorre apenas quando a moto está em funcionamento. Quando ela pára, fica tudo em ordem. Aí, o conserto torna-se quase impossível. Tudo que se pode fazer é tentar reproduzir o defeito, e se não der certo, é melhor desistir.

Tais defeitos intermitentes se tornam ciladas para o brio quando conseguem convencer você de que a máquina está mesmo consertada. No caso de qualquer serviço, é sempre bom esperar umas centenas de quilômetros antes de chegar a tal conclusão. Você fica desanimado ao ver os defeitos surgirem vezes seguidas, mas não estará pior do que quem recorre a um mecânico profissional. Na verdade, você estará em situação bem melhor. Esses probleminhas são uma cilada muito maior para o brio de uma pessoa que tenha que levar a máquina para a oficina toda hora, sem nunca ficar satisfeita. Quando é você que está consertando a moto, pode estudar os defeitos por muito tempo, coisa que o mecânico profissional não pode fazer, e pode também levar, ao sair com a máquina, as ferramentas que talvez sejam necessárias, a fim de que, quando o defeito aparecer, você possa parar e tentar consertá-lo.

Quando essas falhas forem recorrentes, tente relacioná-las a outras coisas que ocorrem com a moto. Os estouros no escapamento, por exemplo, ocorrem apenas nos choques, nas curvas ou no momento da aceleração? Só nos dias quentes? Tais correspondências são pistas que desembocam em hipóteses de causa e efeito. Para resolver alguns casos, talvez você tenha que se submeter a uma longa pescaria, mas isso nunca será tão tedioso quanto ter que levar a moto à oficina cinco vezes. Tenho vontade de fazer uma longa exposição sobre "defeitos intermitentes que eu conheço", descrevendo passo a passo o processo de resolução dos problemas. Mas, aí vou parecer um daqueles pescadores que contam histórias que só interessam a eles, sem conseguirem entender por que todos estão bocejando. Para ele, foi divertido.

Depois dos enganos na remontagem e dos defeitos intermitentes, creio que as ciladas externas do brio mais comuns são os contratempos com as peças. Quem conserta sua própria moto pode desanimar de várias maneiras. A gente nunca planeja comprar peças ao adquirir a máquina. Os revendedores gostam de manter estoques limitados, e os atacadistas são vagarosos na encomenda, tendo geralmente à sua disposição poucos funcionários no início do ano, quando todo mundo resolve comprar peças de motocicleta.

O preço das peças é a segunda parte desta cilada. As fábricas costumam estabelecer preços competitivos para o equipamento original, porque o freguês sempre tem outras alternativas a selecionar. Mas as peças geralmente são encarecidas para a obtenção de lucros maiores. O preço da peça não só é muito alto ao se comprá-la em separado, como é também mais elevado para quem não é mecânico profissional. Tais artimanhas enriquecem o mecânico profissional, que troca peças sem necessidade.

Um outro obstáculo. Pode ser que a peça não se adapte à máquina. As listas de peças sempre contêm erros. As mudanças de fabrico e de modelo confundem a gente. As vezes, lotes de peças fora de especificação passam pelo controle de qualidade porque a supervisão na fábrica é desleixada. Algumas das peças são feitas por fabricantes que não estão a par das especificações técnicas necessárias para uma produção perfeita. Ocasionalmente, são eles que se confundem com as mudanças de fabrico e de modelo. As vezes, o vendedor com quem você está negociando anota o número errado. Outras, você é que não fornece o número correto. Uma cilada terrível para o brio é descobrir, ao chegar em casa, que a peça nova não funciona.

As ciladas para o brio relacionadas às peças podem ser resolvidas por uma combinação de várias técnicas. Em primeiro lugar, se houver mais de um fornecedor na cidade, escolha aquele onde trabalha o vendedor mais diligente. Procure conhecê-lo, saber o nome dele. Muitas vezes ele até já foi mecânico e pode lhe dar muitas informações preciosas.

Fique de olho nos barateiros e experimente comprar peças deles. As vezes aparecem boas ofertas. As lojas de automóveis e as casas com serviço de reembolso postal geralmente vendem as peças mais comuns a preços bem mais baixos que os dos revendedores. Pode-se comprar uma corrente dos fabricantes, por exemplo, a preços bem inferiores aos das lojas.

Leve sempre consigo a peça usada, para não comprar uma

peça errada. Leve também paquímetros de mecânico para comparar as dimensões.

Finalmente, se você ficar tão irritado quanto eu com o problema das peças e tiver algum dinheiro à sua disposição, pode cultivar o fascinante passatempo de fabricar suas próprias peças. Para este tipo de trabalho, tenho um pequeno torno de 6 por 18 polegadas com acessórios de fresa, e conjuntos completos de equipamento para solda elétrica e a acetileno. Usando o equipamento de solda pode-se restaurar as superfícies gastas com um metal melhor do que o original, e depois trabalhá-las até atingirem a especificação recomendada, com ferramentas de carboneto. Você nem imagina como é útil essa combinação de torno-fresa-solda. Se não puder fazer o serviço todo diretamente, poderá pelo menos fazer algo que quebre o galho. O trabalho de preparação das peças é muito vagaroso, e algumas delas, como os rolamentos de esferas, nunca poderão ser produzidas, mas você vai ficar espantado de ver como pode modificar o desenho das peças de modo a poder fabricá-las com o seu equipamento. E fazer isso nunca será tão vagaroso ou frustrante quanto esperar que algum vendedor presunçoso mande as peças de volta à fábrica. Ademais, o trabalho produz brio, não o destrói. Andar numa moto com peças que você mesmo fez gera um sentimento especial, que nunca poderá ser obtido apenas com peças compradas nas lojas.

Estamos no meio das artemísias e da areia do deserto. O motor começa a estourar. Ligo o tanque de reserva e dou uma olhada no mapa. Enchemos o tanque numa cidade chamada Unity, e prosseguimos pelo asfalto quente, entre as artemísias.

Bom, estes foram os contratempos mais comuns de que me lembro: remontagem fora de ordem, defeitos intermitentes, e dificuldades com as peças. Mas embora os contratempos sejam as ciladas mais freqüentes para o brio, são apenas causas externas da perda de brio. Agora é hora de examinarmos algumas das ciladas internas, que operam ao mesmo tempo.

Conforme a descrição do curso de Briologia, esta parte interna do assunto pode ser dividida em três tipos principais de ciladas: aquelas que bloqueiam o entendimento afetivo, chamadas "ciladas morais"; as que bloqueiam o entendimento cognitivo, chamadas "ciladas factuais"; e as que bloqueiam o comportamento psicomotor, chamadas "ciladas físicas". As ciladas morais são as mais nu-

merosas e perigosas.

Das ciladas morais, a mais comum e perniciosa é o rigor, a falta de capacidade para avaliar o que se vê, por causa do comprometimento com valores anteriores. Na manutenção de motos, é preciso redescobrir o que se faz a cada momento. Os valores estáticos tornam tal processo impossível.

A situação típica é aquela em que a motocicleta não funciona. Os fatos estão na cara, mas você nem vê. Eles não têm valor suficiente. Era disso que Fedro falava. A Qualidade, o valor, cria os sujeitos e os objetos deste mundo. Se os seus valores forem rígidos, você não conseguirá aprender coisas novas.

Isto muitas vezes se manifesta sob a forma de diagnóstico prematuro, quando você está crente que sabe qual é o problema, e aí, ao ver que está errado, empaca. Nesse caso deve encontrar pistas novas, mas antes de fazê-lo tem de acabar com as velhas idéias. Se você se deixar contagiar pela rigidez nos valores, pode não ver a solução adequada, mesmo que ela esteja debaixo do seu nariz, por não dar a devida importância a essa resposta.

O nascimento de um novo fato é sempre uma coisa maravilhosa. Dualisticamente, é chamado de “descoberta”, porque se supõe que exista independentemente da consciência que dele se tem. Quando ele aparece, tem, a princípio, pouco valor. Depois, dependendo da flexibilidade moral do observador e da qualidade potencial do fato, o valor aumenta vagarosa ou rapidamente, ou se dissipa, fazendo o fato desaparecer.

A maioria esmagadora dos fatos, as imagens e sons que nos cercam a cada segundo, e as relações entre eles e tudo que guardamos na memória não têm Qualidade — sua qualidade, em outras palavras, é negativa. Se eles estivessem todos presentes ao mesmo tempo, nossa consciência ficaria tão atravancada por dados sem sentido, que não poderíamos mais pensar, nem fazer nada. Portanto, nós pré-selecionamos, com base na Qualidade, ou, segundo Fedro, o trilho da Qualidade pré-seleciona os dados de que vamos tomar consciência, sendo tal seleção feita de modo a harmonizar o que somos com aquilo em que nos estamos transformando.

Se você cair na cilada da rigidez moral, deve diminuir a velocidade — vai ter que diminuir de qualquer maneira, queira ou não — mas de propósito, e voltar sobre seus próprios passos, para ver se as coisas que você pensou que eram importantes eram mesmo importantes, e... bem... ficar só olhando para a máquina. Não há nada demais nisso. Conviva com ela por alguns momentos. Observe-a do

mesmo modo que você observa a linha enquanto pesca, e, dentro em pouco, sem dúvida vai sentir a linha puxar de leve, e descobrir um pequeno fato perguntando de um jeito tímido e humilde se você está interessado nele. E assim que as coisas acontecem neste mundo. Interesse-se por elas.

Em primeiro lugar, tente compreender este novo fato não tanto em termos do grande problema que você precisa resolver, mas em termos do fato em si. Talvez o problema não seja tão grande assim. E talvez o fato não seja tão insignificante quanto você pensa. Pode ser que não seja o fato que você queria, mas, pelo menos, você deverá ter certeza absoluta disso antes de descartá-lo. Muitas vezes, antes de colocá-lo de lado, você descobre que ao seu redor existem fatos parecidos, bem próximos a ele, assistindo a tudo, só para ver qual será a sua resposta E entre esses fatos poderá encontrar-se justamente aquele que você está procurando.

Logo você poderá descobrir que aquelas mordidinhas na sua isca são mais interessantes do que o seu objetivo inicial de consertar a motocicleta. Quando isso acontecer, você terá chegado ao ponto final. Deixará de ser um simples mecânico de motocicleta, e passará a ser um cientista das motocicletas. Terá então vencido o obstáculo da rigidez moral.

A estrada subiu novamente para os pinhais, mas, pelo mapa, não vamos levar muito tempo para atravessá-los. Alguns cartazes anunciam casas de diversões e, sob eles, parecendo até fazer parte dos anúncios, vários garotos apanham pinhas. Os garotos acenam para nós e o menorzinho, ao fazê-lo, deixa cair todas as pinhas no chão.

Continuo querendo voltar àquela analogia da pesca dos fatos. Quase vejo alguém perguntar, muito frustrado: “Muito bem, mas quais são os fatos que você quer pescar? Não deve ser tão simples assim.”

Entretanto, a resposta é: se você souber que fatos está pescando, não estará mais pescando. Já os apanhou. Estou procurando um exemplo mais específico...

Qualquer exemplo de conserto de motos serviria, mas o exemplo mais notável de rigidez moral de que me lembro é a velha armadilha para macacos da índia Meridional, que depende da rigidez moral para funcionar adequadamente. A armadilha consiste numa casca de coco acorrentada a uma estaca. Dentro do coco há

um pouco de arroz, que pode ser alcançado através de um buraco grande o suficiente para permitir a passagem da mão do macaco, mas pequeno o bastante para impedir que o animal consiga retirar do coco o punho fechado que contém o arroz. O macaco enfia a mão e, de repente, fica preso — apenas pela sua rigidez de valores. Não consegue reavaliar o arroz. Não percebe que a liberdade sem arroz é mais valiosa do que o cativeiro com ele. Os aldeões se aproximam para levá-lo... Eles estão cada vez mais próximos... Chegaram! Que conselho geral — não específico, mas geral — você daria ao pobre macaco nessas circunstâncias?

Bem, creio que você talvez dissesse exatamente o que já citei sobre a rigidez de valores, mas provavelmente com um pouco mais de pressa. Esse macaco deveria estar a par do fato de que, se abrir a mão, ficará livre. Mas como é que vai descobrir isso? Eliminando a rigidez moral, que coloca o arroz acima da liberdade. E como fará isso? Tentando pensar com calma, deliberadamente, voltando sobre seus próprios passos e avaliando se as coisas que ele considerou importantes eram realmente importantes; deve afrouxar a mão e olhar para o coco por alguns instantes. Logo ele vai vislumbrar um pequeno fato, querendo entrar em cena. Deve tentar compreender esse fato não em termos do grande problema, mas em termos do fato em si. Pode ser que o problema não seja tão grande assim, e que o fato também não seja tão pequeno. São essas as informações gerais que você poderia dar ao animal.

Prairie City já fica fora das florestas da montanha. É uma cidade do deserto, com uma ampla via principal que atravessa o centro da cidade e se perde na pradaria além dele. Íamos entrar num restaurante, mas vimos que está fechado. Atravessamos a rua larga e entramos em outro. A mesa, pedimos Ovomaltine. Enquanto espero, dou a Chris o esquema da carta que ele queria mandar para a mãe. Surpreso, vejo que ele escreve a carta sem fazer muitas perguntas. Eu me recosto no assento da cabina e evito incomodá-lo.

Continuo sentindo que os fatos que venho tentando pescar sobre o Chris estão exatamente na minha frente, mas que alguma espécie de rigidez moral da minha parte me impede de vê-los. As vezes parece que estamos em mundos paralelos, em vez de nos comunicarmos, e nos encontrarmos por acaso, de vez em quando.

Em casa, os problemas dele começam quando ele tenta me imitar, dando ordens aos outros do modo como eu lhe dou ordens.

Faz isso principalmente com o irmão caçula. Naturalmente, os outros não querem saber das ordens dele, e ele não consegue entender por quê, e aí começa a barafunda.

Parece que ele não se importa se os outros o acham simpático ou não. Quer ser simpático apenas comigo. No geral, acho que isso não é lá muito saudável. Está na hora de ele começar a submeter-se ao longo processo de separação, que deve ser o mais suave possível, mas que precisa ser feito. É hora de ele caminhar com seus próprios pés. Quanto mais cedo, melhor.

Mas agora, depois de pensar tudo isso, já não acredito mais nestas idéias. Eu não sei qual é o problema. Aquele sonho que eu vivo tendo me assombra, porque não consigo escapar ao seu significado: para ele, estou sempre do outro lado de uma porta de vidro, que nunca abro. Ele quer que eu abra, mas eu sempre me afasto. Agora, porém, há aquele vulto, que me impede de abrir a porta. Coisa mais esquisita.

Dentro de alguns minutos, Chris diz que já cansou de escrever. Nós levantamos, eu pago a conta no balcão, e depois saímos.

Voltamos à estrada e às ciladas outra vez.

A próxima mais importante é a cilada do egocentrismo. O egocentrismo não se distingue inteiramente da rigidez de valores; aliás, é uma de suas muitas causas.

Se você se tem em alta conta, sua capacidade de reconhecer fatos novos se enfraquece. Seu ego isola-o da realidade. Mesmo que os fatos lhe mostrem que está errado, você provavelmente não vai admitir isso. Quando dados falsos o fizerem sentir-se bem, provavelmente você vai acreditar neles. Em qualquer serviço de manutenção de motocicletas, o ego sofre golpes terríveis. A gente está sempre se enganando e cometendo erros; um mecânico egocêntrico sofrerá horrores. Se você conhece bastante mecânicos para fazer um julgamento global, e suas observações coincidirem com as minhas, creio que você achará que os mecânicos tendem a ser bem modestos e tranqüilos. Existem exceções, mas, em geral, se eles não forem modestos e tranqüilos desde o início, o trabalho se encarregará de transformar o seu caráter. Eles também se tornarão céticos. Atenciosos, mas céticos. Contudo, nunca egocêntricos. Não há maneira de embromar e se dar bem num serviço de conserto de motocicleta, a não ser com alguém que não saiba o que você está fazendo...

...Eu ia dizer que a máquina não reage à sua personalidade,

mas acontece que ela reage. Só que à sua verdadeira personalidade, aquela que realmente sente, raciocina e age, apesar de qualquer imagem falsa e inchada que possa ser projetada pelo seu ego. Tais falsas imagens são esvaziadas tão rápida e completamente que na certa você logo vai desanimar se o seu brio provém do ego, e não da Qualidade.

Caso você não consiga cultivar a modéstia com facilidade ou singeleza, a saída é fingir que se é modesto do mesmo jeito. Se você simplesmente fingir que não é muito bom, então seu brio aumentará quando os fatos provarem que essa suposição é correta. Desse modo, você poderá prosseguir até que os fatos provem que a suposição é incorreta.

A ansiedade, a outra cilada para o brio, corresponde aproximadamente ao oposto do egocentrismo. Você tem tanta certeza de que vai fazer tudo errado que fica com medo até de começar. Muitas vezes é esta, e não a "preguiça", a razão pela qual você acha difícil pegar no trabalho. A cilada da ansiedade, proveniente do excesso de motivação, pode causar toda espécie de erros por preocupação exagerada. Você conserta coisas que não precisam ser consertadas e procura aborrecimentos imaginários. Tira conclusões incríveis e faz todo tipo de besteira com a máquina, por causa do seu nervosismo. Estes erros, quando feitos, tendem a confirmar sua depreciação de si mesmo. Isto o leva á cometer mais erros, que levam ao aumento da depreciação, gerando um círculo vicioso.

A melhor maneira de romper esse círculo, na minha opinião, é colocar todas as idéias no papel. Leia todos os livros e revistas que puder sobre o assunto. Sua ansiedade torna isso mais fácil, e quanto mais você ler, mais se acalmará. Você deve lembrar que está querendo obter paz de espírito, e não apenas consertar uma máquina.

No começo de um conserto, você pode listar tudo em pequenas tiras de papel que serão colocadas numa seqüência adequada. Você verá que vai organizar e reorganizar essa seqüência muitas vezes, à medida que mais idéias lhe forem ocorrendo. O tempo, utilizado desta forma, geralmente compensa de sobra o tempo que você ia perder com a máquina, e evita que você faça coisas apressadas que criarão problemas mais tarde.

Você pode reduzir um pouco sua ansiedade enfrentando o fato de que não existe mecânico no mundo que não estrague um serviço de vez em quando. A principal diferença entre você e os mecânicos profissionais é que quando eles erram, você não fica sa-

bendo — só paga, inclusive os custos adicionais, distribuídos proporcionalmente pelas contas que lhe entregam. Quando é você que comete os erros, pelo menos aprende alguma coisa.

O tédio é a outra armadilha de que me lembro. Ele é o oposto da ansiedade, e geralmente acompanha os problemas de egocentrismo. O tédio significa que você saiu dos trilhos da Qualidade, não está conseguindo ver as coisas com entusiasmo, perdeu aquela atitude de "cuca fresca", e sua motocicleta está correndo grande perigo. O tédio significa que suas reservas de brio estão baixas e devem ser restabelecidas antes de qualquer outra coisa.

Quando você se entediar, pare! Vá a um teatro, ligue a televisão. Encerre o expediente. Faça qualquer coisa, menos trabalhar com a máquina. Se você não parar, vai acontecer o Grande Erro, e aí aquele tédio todo combinado com o Grande Erro se transforma num tremendo grilo, que vai acabar com todo o seu brio. Aí você vai parar mesmo.

Meu remédio preferido para o tédio é o sono. É muito fácil cair no sono quando a gente se entedia, e muito difícil se entediar depois de uma boa soneca. Outro bom remédio é o café; tenho sempre uma cafeteira ligada enquanto trabalho na moto. Se nenhum dos dois remédios funciona, pode ser que você esteja sendo atormentado por problemas mais profundos de Qualidade, que estão desviando sua atenção daquilo que está na sua frente. O tédio é sinal de que você deve prestar atenção a esses problemas — que é o que você, de certo modo, já está fazendo — e controlá-los, antes de prosseguir com o serviço.

Para mim, o serviço mais chato é limpar a máquina. Parece uma tremenda, perda de tempo. Ela vai se sujar mesmo, da primeira vez que eu sair com ela. John sempre mantém sua BMW numa linha incrível. Ela realmente fica ótima, em comparação com a minha, sempre meio maltrapilha. É o meu espírito clássico, que funciona bem por dentro, mas tem uma aparência encardida.

Uma das soluções para o tédio em certos tipos de serviço, como a lubrificação, a troca de óleo e os ajustes, é transformá-los numa espécie de ritual. Existe uma estética própria para fazer coisas não familiares, e outra para fazer coisas familiares. Ouvi dizer que há dois tipos de soldadores: os da linha de produção, que não gostam de arranjos complicados e apreciam fazer a mesma coisa vezes seguidas, e os de manutenção, que odeiam ter de fazer o mesmo serviço duas vezes. Se você precisar de um soldador, aconselho-o a certificar-se da categoria a que ele pertence, porque

as categorias não são permutáveis. Pertenço ao segundo grupo, e talvez seja por isso que eu gosto muito mais de consertar defeitos do que de fazer limpeza. Entretanto, posso fazer as duas coisas quando é necessário, assim como todo mundo. Enquanto eu limpo a moto, ajo da mesma maneira que as pessoas que vão à igreja — não procuro descobrir nada de novo, embora esteja atento às novidades, mas sim refamiliarizar-me com o que já me é familiar. Às vezes, é agradável percorrer veredas conhecidas.

O Zen tem algumas idéias interessantes sobre o tédio. A sua prática principal, a de "ficar apenas sentado", deve ser a atividade mais tediosa do mundo — com exceção da prática hindu de enterrar-se vivo. A gente não faz mais nada; não se mexe, não pensa, nem se preocupa. Existe coisa mais maçante? Porém, no cerne de todo esse tédio está exatamente aquilo que o Zen-budismo procura ensinar. E o que é? O que haverá no próprio âmago do tédio, que não estamos enxergando?

A impaciência parece-se com o tédio, mas sempre provém de uma causa: uma depreciação do tempo que o trabalho vai durar. Você nunca sabe o que pode aparecer, e muito poucos são os serviços feitos dentro do prazo estabelecido. A impaciência é a primeira reação contra os contratempos, e pode logo transformar-se em raiva, se você não se cuidar.

A impaciência se cura evitando-se criar cronogramas definidos para a realização do trabalho, principalmente para trabalhos novos, que envolvem técnicas desconhecidas. Também se pode dobrar o tempo, estabelecido quando as circunstâncias requerem um certo cronograma; ou então, pode-se reduzir proporcionalmente o âmbito de serviço. Os objetivos gerais devem ser postos em segundo plano, e os objetivos imediatos, em primeiro. Isto exige uma flexibilidade moral, e a mudança de valores é geralmente acompanhada por uma certa perda de brio. Mas é um sacrifício que precisa ser feito. Não é nada, comparado à perda de brio que ocorrerá se acontecer um Grande Erro por causa da impaciência.

Meu exercício preferido de redução proporcional é a limpeza de porcas, parafusos, pinos e roscas internas. Tenho verdadeira aversão a roscas espanadas, gastas, cheias de ferrugem ou de sujeira, que fazem as porcas girarem devagar ou com dificuldade; e quando encontro uma rosca assim, meço suas dimensões com um calibrador e com os paquímetros, apanho as tarraxas, recupero a rosca, depois a examino, lubrifico e aí fico com uma perspectiva inteiramente nova sobre a paciência. Outro bom exercício é limpar as

ferramentas utilizadas e não guardadas, que continuam atravancando o local. Este é um ótimo exercício, porque um dos primeiros indícios de impaciência é a frustração de não ser capaz de encontrar a ferramenta de que se está precisando num dado momento. Se você parar na mesma hora e colocar todas as ferramentas no lugar, ao mesmo tempo que encontra a ferramenta, você vai também reduzir proporcionalmente sua impaciência, sem perder tempo nem pôr o trabalho em perigo.

Paramos em Dayville. O meu traseiro parece até que virou cimento.

Isso é tudo o que eu tinha a dizer sobre as ciladas morais. É claro que existe uma porção de outras; na verdade, eu só mencionei o assunto para mostrar do que se trata. Quase qualquer mecânico poderia completar o que eu disse, contando os montes de ciladas morais que já descobriu, sobre as quais eu nada sei. Decerto você descobrirá muitas delas sozinho, em quase todos os serviços. Talvez a melhor coisa que se possa aprender seja reconhecer uma cilada dessas quando se cai nela, e procurar livrar-se dela antes de prosseguir no trabalho.

Em Dayville há imensas árvores frondosas ao lado do posto onde estamos esperando ser atendidos. Mas não aparece ninguém e nós, muito rígidos, sem condições de montar de novo na motocicleta, esticamos as pernas à sombra das árvores. As grandes copas quase chegam ao outro lado da estrada. Estranho isso, neste lugar tão árido.

Não aparece nenhum empregado do posto, mas o concorrente do posto que fica do outro lado do estreito cruzamento nos vê e logo vem encher o tanque.

— Não sei onde o John se meteu — desculpa-se ele.

Quando o John aparece, agradece ao outro empregado e fala, com orgulho:

— Nós sempre ajudamos assim um ao outro.

Pergunto-lhe se sabe de algum lugar onde possamos descansar, e ele responde:

— Podem deitar no meu gramado — e aponta para o outro lado da rua principal, onde fica a casa dele, por detrás de alguns choupos que devem ter de uns noventa centímetros a um metro e vinte de diâmetro.

Aceitamos a sugestão, deitando-nos na grama verde e comprida, e eu noto que a grama e as árvores são irrigadas por uma vala à beira da estrada, que contém água corrente e límpida.

Depois de um sono de meia hora, vemos John sentado numa cadeira de balanço, sobre o gramado ao nosso lado, conversando com um guarda-florestal que está acomodado em outra cadeira. Fico escutando a conversa, cujo ritmo me intriga. Ela não tem finalidade alguma a não ser a de passar tempo. Não ouço uma conversa assim tranqüila e pacata desde a década de trinta, quando meu avô e meu bisavó, tios e tios-avôs, palestravam dessa maneira: prosseguindo sem objetivo senão o de se distrair, uma conversa parecida com o balanço das cadeiras.

Ao perceber que estou acordado, John conversa um pouco comigo. Diz que a água da irrigação vem da “Vala do Chinês”.

— Um homem branco nunca iria cavar uma vala dessas — comenta ele. — Foi aberta há uns oitenta anos, quando pensaram que havia ouro por aqui. Hoje em dia, a gente já não encontra nenhuma vala parecida com essa. — Acrescenta que é por isso que as árvores são tão desenvolvidas.

Falamos um pouco sobre o lugar de onde viemos e para onde vamos, e, ao nos despedirmos, John diz que teve prazer em conhecer-nos, e que espera que tenhamos descansado bastante. Quando passamos de moto sob as copas frondosas, Chris acena para ele, que, com um sorriso, retribui o gesto.

A estrada do deserto serpeia por desfiladeiros e colinas rochosas. É o lugar mais seco pelo qual já passamos.

Agora quero falar das ciladas factuais e físicas, e depois encerrar a palestra de hoje.

As ciladas factuais dizem respeito aos dados captados, que estão dentro dos vagões do trem. Na maioria das vezes, tais informações são devidamente manipuladas pela lógica dualista e pelo método científico a que já nos referimos logo depois de sairmos de Miles City. Mas existe uma cilada que escapa a essa lógica: a cilada factual da lógica do sim ou do não.

Sim e não... Isto ou aquilo... Um ou zero. Com base nessa discriminação elementar, constrói-se. todo o conhecimento humano. A prova é a memória do computador, que armazena todo o conhecimento sob a forma de dados binários. Contém apenas uns e zeros, e ponto final.

Como não estamos acostumados com isso, geralmente não

percebemos que existe um terceiro termo lógico possível, igual ao sim e ao não, capaz de expandir nossa compreensão num sentido diferente. Nós nem temos uma expressão própria para designá-lo, e por isso terei de recorrer à palavra japonesa mu.

Mu significa “nenhum”. Assim como a Qualidade, indica uma saída para a discriminação dualista. Mu significa simplesmente: “nenhuma classe: nem um, nem zero, nem sim, nem não”. Quer dizer que o contexto da questão é tal, que tanto uma resposta afirmativa quanto negativa estarão erradas, não podendo ser utilizadas. Significa exatamente: “Desfaça a pergunta.”

O mu vem ao caso quando o contexto da pergunta se torna pequeno demais para o fato da resposta. Quando perguntaram ao monge Zen Joshu se os cães tinham a natureza do Buda, ele respondeu “mu”, querendo dizer que estaria incorreto dizer que sim ou que não. A natureza do Buda não pode ser captada pelas perguntas do tipo sim ou não.

É claro que o mu existe no mundo estudado pela ciência. Só que, como sempre, fomos acostumados a não percebê-lo, pela nossa herança cultural. Por exemplo, já se afirmou milhares de vezes que os circuitos de um computador só possuem dois estados, uma tensão correspondente ao “um” e outra, ao “zero”. Que bobagem!

Qualquer técnico em eletrônica de computadores sabe que não é assim. Experimente encontrar uma tensão para o um ou para o zero quando acaba a energia! Os circuitos passam para o estado de mu. Não estão em um, nem em zero, estão num estado indefinido, que nada significa em termos de uns ou zeros. Se consultarmos o voltímetro, observaremos, em muitos casos, sinais de “terra variável”, nos quais o técnico não encontrará características dos circuitos do computador, mas dos do próprio voltímetro. O que ocorre é que o quadro da falta de energia faz parte de um contexto mais amplo do que o contexto no qual se consideram universais os estados de zero e um. A pergunta da opção entre zero e um foi “desfeita”. E há muitas outras situações com computadores, além da falta de energia, nas quais se encontram respostas mu, devido a contextos maiores que os da universalidade do zero e do um.

A mente dualista tende a encarar as ocorrências do mu na natureza como uma espécie de brincadeira do contexto, ou de irrelevância, mas o mu permeia toda e qualquer pesquisa científica, e a natureza não tapeia. As respostas da natureza jamais são irrelevantes. É um grande erro, uma espécie de desonestidade, varrer as respostas mu para debaixo do tapete. O reconhecimento e a

apreciação destas respostas contribuiriam muito para que a teoria lógica se aproximasse da prática experimental. Todo cientista prático sabe que os resultados de suas experiências com freqüência lhe fornecem respostas mu às perguntas de sim ou não para as quais foram feitas as experiências. Nesses casos, ele considera que a experiência foi mal planejada, censura-se por ter sido tão estúpido e, no máximo, considera o teste "desperdiçado" que forneceu a resposta mu uma espécie de escorregadela que poderá ajudar a evitar erros no planejamento de futuras experiências iguais.

Esta baixa cotação da experiência que fornece resposta mu não se justifica. O mu é importante. Informa ao cientista que o contexto de sua pergunta é pequeno demais para a resposta da natureza, e que ele deve ampliar o contexto. Tal resposta é muito importante! A sua compreensão da natureza seria tremendamente aperfeiçoada através dela, o que, afinal de contas, era a intenção original da experiência. Deve-se defender energicamente a afirmação de que a ciência se desenvolve mais através dos mu do que dos sim ou não. O sim e o não confirmam ou negam uma hipótese. O mu é, antes de mais nada, o fenômeno que estimula a pesquisa científica! Não há nada de misterioso ou esotérico nisso. O problema é que nossa cultura nos convenceu a desvalorizar o mu.

Na manutenção das motocicletas, o mu dado pela máquina a muitas das perguntas com fins diagnósticos a ela dirigidas é uma das causas principais da perda de brio. Mas não deveria ser! Quando você obtém uma resposta indefinida a um teste, das duas, uma: ou o seu teste não está testando aquilo que você queria, ou você precisa ampliar sua compreensão sobre o contexto da pergunta. Verifique os testes e examine a pergunta. Não jogue fora as respostas mu! Elas são tão valiosas quanto um sim ou um não. Aliás, são até mais valiosas. São elas que fazem você crescer!

...Esta motocicleta parece que está um pouco quente... Mas eu acho que é só esse lugar quente e seco em que estamos... Vou deixar a resposta a essa pergunta no estado mu... até que a moto piore ou melhore...

Paramos para tomar um farto Ovomaltine na cidade de Mitchell, que se aninha entre uns morros secos que podemos ver pela janela de vidro laminado. Chegam uns garotos num caminhão, param e apinham-se do lado de fora, entrando todos no restaurante e dominando o local. Eles até que se comportam bem, embora façam muito barulho e sejam muito agitados, mas nota-se que a moça do

balcão está meio preocupada.

Deserto árido, terra arenosa outra vez. Estamos penetrando nele. Já é noitinha, e percorremos uma boa distância. Sinto-me dolorido de estar sentado esse tempo todo na moto. Estou me sentindo mesmo esgotado. Chris também demonstrava cansaço, no restaurante. Tinha um ar meio abatido. Creio que talvez ele... Bom... Deixa pra lá.

A esta altura, a ampliação mu é a única coisa que quero lembrar sobre as ciladas factuais. É hora de falar sobre as ciladas psicomotoras. Este é o universo intelectual mais diretamente relacionado ao que acontece com a máquina.

Aqui, a cilada mais frustrante é o problema das ferramentas inadequadas. Nada é tão desmoralizante quanto suspender um conserto por falta de ferramentas. Compre boas ferramentas, na medida do possível, que você nunca vai se arrepender. Se quiser economizar, consulte sempre os anúncios de jornal. As boas ferramentas geralmente não se desgastam, e as boas ferramentas usadas costumam ser muito melhores do que ferramentas novas mas medíocres. Examine os catálogos de ferramentas. Você pode aprender muito com eles.

Além das ferramentas ruins, outra grande cilada para o brio são os problemas ambientais. Procure trabalhar sob iluminação adequada. O número de erros que uma boa iluminação pode evitar é impressionante.

Não se pode prevenir todo e qualquer tipo de desconforto físico, mas pode-se eliminá-los em grande parte, assim como os problemas de ambiente muito quente ou muito frio, capazes de fazer com que suas conclusões vão por água abaixo, se você não tomar cuidado. Se estiver com muito frio, por exemplo, vai querer se apressar, e provavelmente cometerá erros. Se estiver com excesso de calor, tenderá a se irritar com muito mais facilidade. Evite também trabalhar numa posição forçada. Colocar uma ferramenta de cada lado da motocicleta aumentará bastante o seu grau de paciência, e você correrá menos risco de avariar os sistemas em que estiver trabalhando.

Existe uma cilada psicomotora, a insensibilidade muscular, que realmente produz danos de alguma gravidade. Ela é, em parte, conseqüência da cinestesia, uma incapacidade de perceber que, embora as partes externas de uma moto estejam gastas, dentro do motor existem peças delicadas, de precisão, que podem ser fa-

cilmente avariadas pela falta de sensibilidade muscular. Isso é o que se chama o "toque do mecânico", bastante óbvio para aqueles que sabem do que se trata, mas difícil de descrever para aqueles que não sabem. Quando você vê alguém que não possui tal "toque" trabalhando numa máquina, tende a compartilhar do sofrimento dela.

O toque de mecânico provém de uma sensibilidade cinestésica profunda e íntima em relação à elasticidade dos materiais. Alguns materiais, como a cerâmica, têm muito pouca maleabilidade, de modo que, quando você estiver enroscando uma conexão de porcelana, deve tomar o máximo cuidado para não fazer muita força. Outros materiais, como o aço, possuem uma incrível elasticidade, maior do que a da borracha, mas numa escala que não é aparente, a menos que se trabalhe com forças mecânicas de grande intensidade.

Ao trabalhar com porcas e parafusos, você estará no âmbito das grandes forças mecânicas, e deve entender que no limite de tais forças os metais são elásticos. Quando você coloca uma porca, existe um ponto chamado "aperto manual", onde há contato sem haver eliminação de elasticidade. Depois vem o "ajuste sem folga", no qual se elimina a elasticidade superficial. Depois vem uma faixa denominada "aperto", na qual desaparece toda a elasticidade. A força necessária para atingir cada um desses pontos varia segundo as dimensões do conjunto de porca e parafuso, e é diferente para os parafusos lubrificados e para as porcas de segurança. Para o aço, o ferro fundido, o latão e a cerâmica a força a ser aplicada é diferente. Mas uma pessoa com toque de mecânico sente quando a peça já está firme, e então pára de apertar. Quem não tem essa sensibilidade, continua apertando, e acaba espanando a rosca ou quebrando o sistema.

O toque de mecânico subentende não só uma compressão da elasticidade do metal, mas também da sua maciez. As partes internas da moto contêm superfícies que chegam à precisão de um décimo milésimo de polegada. Se você deixar cair, ou sujar, ou arranhar, ou acertar essas peças com um martelo, elas perderão essa precisão. É importante compreender que o metal sob a superfície geralmente agüenta grandes choques e pressões, mas as superfícies propriamente ditas, não. Ao lidar com peças de precisão que estejam presas ou difíceis de manipular, uma pessoa com toque de mecânico evitará afetar essa precisão aplicando as ferramentas, sempre que possível, nas superfícies não rigorosamente precisas

dessa peça. Se ele tiver que trabalhar nas superfícies de precisão, deve usar ferramentas de materiais mais macios que os da peça; para isso, martelo de bronze, de plástico, de madeira, de borracha e de chumbo podem ser facilmente encontrados. Lance mão deles. A mordaça do torno pode igualmente ser guarnecida de cobertura de plástico, alumínio ou chumbo. Use-as também. Manipule as peças de precisão com delicadeza. Você nunca vai se arrepender. Se você tem propensão a sair martelando a torto e a direito, perca um pouco mais de tempo e tente adquirir um pouco mais de respeito pela perfeição que as peças de precisão representam.

As sombras compridas nesta terra árida onde estamos passando trazem uma sensação de melancolia e tristeza...

Talvez seja apenas aquela minha velha depressão vespertina, mas mesmo depois de tudo que disse hoje, tenho a impressão de que, de algum modo, não fui direto ao ponto. Alguém poderia perguntar: "Bom, quer dizer que se eu escapar de todas essas armadilhas para o brio, vou ficar por cima?"

A resposta, naturalmente, é negativa. Você não vai ficar por cima coisa nenhuma. Você, além disso, precisa levar uma vida ordenada. É sua maneira de viver que o predispõe a evitar as ciladas e a observar os fatos certos. Você quer saber como se pinta um quadro perfeito? É fácil. Seja perfeito, e depois pinte, naturalmente. É assim que fazem os especialistas. Pintar um quadro ou consertar uma motocicleta não são atividades isoladas do resto da sua vida. Se você for um cabeça de vento, e passar seis dias por semana sem trabalhar na sua máquina, qual é o truque que vai transformar você num sujeito alerta no sétimo dia? Tudo se relaciona.

Mas se você for um cabeça de vento seis dias por semana e realmente tentar ficar alerta no sétimo, talvez os próximos seis dias não sejam tão vazios como os anteriores. No fundo, acho que falei sobre essas ciladas para o brio com o fim de mostrar alguns atalhos para uma vida correta.

Na verdade, a motocicleta a ser ajustada é você mesmo. A máquina que parece ser externa, e a pessoa, que parece ser interna, não são coisas separadas. Aproximam-se ou se afastam juntas da Qualidade.

Chegamos a Prineville Junction pouco antes do anoitecer. Estamos no cruzamento da rodovia 97, onde vamos virar para o

sul, e eu mando encher o tanque na esquina. Depois, exausto, sento-me no meio-fio amarelo, os pés pousados no cascalho, vendo os últimos raios do sol fulgurarem através dos ramos das árvores. Chris aproxima-se e senta-se também. Ficamos em silêncio. Esta é a pior depressão que eu já tive. Toda essa conversa sobre ciladas, e eu mesmo acabo caindo em uma. Talvez seja o cansaço. Nós precisamos dormir um pouco.

Vejo os carros passarem por alguns instantes. Eles têm um quê de solitário. Solitário, não, coisa pior. De nulo. Como a expressão do empregado do posto de gasolina ao encher o tanque. Nada. Estamos num meio-fio nulo, junto a um cascalho nulo, num cruzamento nulo, sem ter para onde ir.

Também sinto alguma coisa em relação aos motoristas. Eles são iguaiszinhos ao empregado do posto, têm olhos fixos à sua frente, embevecidos por algum delírio particular. Eu não vejo isso desde que... desde que Sylvia percebeu essas expressões no primeiro dia. Parece que eles estão seguindo um cortejo fúnebre.

De vez em quando, alguém nos lança um rápido olhar, e depois desvia a vista, como se pensasse na sua própria vida, como se se envergonhasse de que tivéssemos notado que ele estava nos olhando. Agora eu entendo por que nos afastamos tanto disso, por tanto tempo. Também é diferente dirigir por aqui. Os carros parecem deslocar-se a uma velocidade máxima constante própria para circular no perímetro urbano, como se quisessem chegar a algum lugar, como se o que estivesse aqui agora fosse apenas algo a ser ultrapassado. Os motoristas parecem estar pensando mais no lugar para onde querem ir do que no lugar onde estão.

Eu sei por quê! É que chegamos à Costa Oeste! Somos estranhos outra vez! Puxa, eu me esqueci da pior de todas as ciladas para o brio. O cortejo fúnebre! Aquele em que todos entram, esse estilo de vida que pensa ter dominado o mundo, tenso, supermoderno, individualista e egoísta. Nós estivemos afastados dele durante tanto tempo, que eu havia até esquecido de como era.

Entramos na corrente de tráfego rumo ao sul e eu sinto o perigo da agressividade que me rodeia. Pelo espelho vejo que há um cretino colado na minha traseira, que não resolve me ultrapassar. Aumento a velocidade para cem por hora, e ele grudado em mim. Para me livrar, acelero até os cento e cinqüenta. Eu, hein? Que é isso?

Paramos em Bent para jantar, num restaurante moderno, onde as pessoas também chegam e saem sem olhar umas para as

outras. O serviço é excelente, mas impessoal.

Mais ao sul, encontramos uma floresta de árvores raquíticas, toda dividida em terrenos minúsculos. Ao que parece, idéia de algum urbanista. Num dos lotes mais distantes da estrada, estendemos os sacos de dormir e descobrimos que as agulhas de pinheiro mal cobrem uma camada espessa e fofa de poeira. Nunca vi uma coisa dessas. Temos de ter cuidado para não chutar as agulhas, senão a poeira vai cobrir tudo.

Estendemos as lonas e colocamos os sacos sobre elas. Agora, sim. Chris e eu conversamos um pouco sobre o lugar onde estamos e o lugar para onde vamos. Consulto o mapa na penumbra do crepúsculo e depois acendo a lanterna. Hoje percorremos 518km. Uma senhora viagem. Chris parece estar tão esgotado quanto eu, e igualmente ansioso para tirar um bom sono.

Capítulo 27

Por que você não sai das sombras? Como é você? Você tem medo de alguma coisa, não é? Do que é que você tem medo?

Atrás daquele vulto está a porta de vidro. Chris, do outro lado, acena para que eu a abra. Está mais crescido, mas seu rosto tem a mesma expressão suplicante. "E agora, o que faço?", ele parece perguntar. "Que é que eu vou fazer?"

Está aguardando minhas instruções.

É hora de entrar em ação.

Olho atentamente para o vulto escondido nas sombras. Não parece mais tão onipotente como antes.

— Quem é você? — pergunto.

Não há resposta.

— Por que é que aquela porta está fechada?

Ele continua silencioso, mas noto que vai se encolhendo. Está com medo! De mim.

— Existem coisas piores do que se esconder nas trevas. É isso? É por isso que você não me responde?

Ele parece estar tremendo, fugindo, como se percebesse o que pretendo fazer.

Espero um pouco, depois me aproximo mais dele. Coisa nojenta, escura, ruim. Chego mais perto, olhando não para ele, mas para a porta de vidro, procurando não alarmá-lo. Parando novamente, preparo-me e... dou o bote!

Enterro as mãos em alguma coisa macia, na altura do pescoço dele. Ele se contorce, e eu aperto mais, como se estivesse esganando uma serpente. E agora, segurando-o cada vez com mais força, arrasto-o para a luz. Aqui vai ele! AGORA VAMOS VER O ROSTO DELE!

— Papai!

— Papai?! — Será a voz de Chris do outro lado da porta?

É! Pela primeira vez!

— *Papai! Papai!*

— Papai! Papai! — grita Chris, puxando-me a camisa. — Acorda! Papai!

Ele está aos soluços.

— Pára, papai! Acorda!

— Está tudo bem, Chris.

— Papai! Acorda!

— Estou acordado. — Mal posso distinguir as feições dele à luz do ocaso. Estamos num lugar no meio de umas árvores. Há uma motocicleta por perto. Acho que estamos em algum lugar do Oregon.

— Estou bem, foi só um pesadelo.

Ele continua chorando, e eu permaneço quieto, sentado a seu lado, por alguns instantes.

— Tudo bem! — digo eu, mas ele não pára de chorar. Está apavorado.

Eu também.

— Com o que você estava sonhando?

— Eu estava tentando ver o rosto de alguém.

— Você gritou que ia me matar.

— Não, você não.

— Quem?

— A pessoa do sonho.

— Quem era?

— Não sei bem.

Chris pára de chorar, mas fica tremendo de frio.

— Você viu o rosto dela?

— Vi.

— E como era?

— Era o meu próprio rosto, Chris, foi por isso que eu gritei... Foi só um pesadelo. — Digo-lhe que está tremendo e que devia voltar para o saco.

Ele obedece.

— Que frio! — comenta ele.

— É — concordo. A luz do crepúsculo, vejo a condensação da nossa respiração. Ele se mete sob a coberta do saco de dormir e agora eu só vejo o meu saco.

Não consigo dormir.

Não era eu quem estava sonhando.

Era o Fedro.

Ele está acordando.

Uma mente dividida contra si mesma... Eu... Sou eu aquela figura diabólica oculta nas trevas. Sou eu aquela coisa abominável...

Eu sempre soube que ele ia voltar...

Agora é apenas uma questão de tempo...

O céu, por trás dos ramos das árvores, parece muito cinzento e desesperado.

Coitadinho do Chris.

Capítulo 28

Agora o desespero está aumentando.

Parece uma daquelas dissolvências de filme, em que a gente sabe que não está no mundo real, mas, de qualquer maneira, parece que está.

Estamos num dia de novembro, faz frio mas não neva. O vento sopra a poeira pelas frestas das janelas sujas de um velho carro. Chris, com seis anos de idade, está sentado ao lado dele, de suéter, porque o aquecedor do carro não funciona. Pelas janelas lambuzadas do carro fustigado pelo vento, eles vêem que avançam em direção a um céu gris e sem neve, entre muros alvadios e edifícios pardos com fachadas de tijolos, à frente dos quais se vêem cacos de vidro estilhaçado e entulhos.

— Onde a gente está? — pergunta Chris.

— Não sei — responde Fedro.

E não sabe mesmo. Sua cabeça está praticamente vazia. Perdido, ele vagueia pelas ruas cinzentas.

— Para onde a gente vai? — pergunta Fedro.

— Ver as lojas de beliches — responde Chris.

— E onde ficam elas?

— Sei lá! — diz Chris. — Vamos continuar, a gente acaba encontrando.

E os dois seguem pelas ruas intermináveis, procurando as lojas. Fedro sente vontade de parar, encostar a cabeça no volante e descansar um pouco. A imundície e o cinza penetraram-lhe pelos olhos e praticamente embotaram-lhe os sentidos. Todas as placas de sinalização são iguais. Eles continuam seguindo em frente, em busca dos beliches. Fedro sabe, porém, que nunca os encontrará.

Chris começa a notar, pouco a pouco, que há algo errado, que a pessoa que está dirigindo o carro não está mais dirigindo, que o capitão está morto e o carro está sem piloto. Embora não

saiba disso, ele sente, isso, e manda Fedro parar. Fedro pára.

O carro de trás buzina, mas Fedro nem toma conhecimento. Outros carros começam a buzinar também, e depois mais outros, e Chris, apavorado, ordena:

— ANDA!

E Fedro, devagar, com sacrifício, enfia o pé na embreagem e engrena o carro. Vagarosamente, como num sonho, o carro se desloca em primeira pelas ruas.

— Onde é que a gente mora? — pergunta Fedro a Chris, que agora está amedrontado.

Chris se lembra do endereço, mas não sabe o caminho. Porém afirma que, perguntando às pessoas, ele vai descobrir. Ordenando a Fedro que pare o carro, ele desce, pede informações e guia o pai alucinado pelos muros intermináveis de tijolos, em meio aos cacos de vidro.

Horas depois, eles chegam, e a mãe está furiosa por causa do atraso. Ela não entende por que eles não encontraram os beliches.

— A gente procurou em tudo que foi lugar — desculpa-se Chris, lançando depois a Fedro um rápido olhar assustado, como se temesse algo estranho. Para Chris, foi naquele dia que tudo começou.

Aquilo não vai acontecer mais...

Acho que vou descer para São Francisco, mandar o Chris de volta para casa de ônibus, vender a motocicleta e me internar numa casa de saúde... Mas também esta última idéia me parece tão inútil... Eu não sei o que fazer.

Afinal, a viagem não terá sido inteiramente perdida. Pelo menos, ele guardará algumas boas lembranças de mim quando for adulto. Isto alivia um pouco a minha angústia. É uma boa coisa para pensar. Vou me agarrar a essa idéia!

Enquanto isso, vou continuar a viagem normalmente, e esperar que as coisas melhorem. Não desperdice nada nesta vida. Nunca, jamais desperdice nada.

Mas que frio! Parece inverno! Que lugar é este, tão frio? Devemos estar a uma grande altitude. Espio para fora do saco de dormir e desta vez vejo que a moto está coberta de geada. Os cristais de gelo cintilam ao sol da manhã sobre os cromados do tanque de gasolina, mas transformam-se parcialmente em gotas d'água sobre o negro do quadro, onde o sol bate em cheio, e logo escorrerão para as rodas. Está frio demais para ficar deitado aqui.

Lembrando-me da poeira sob as agulhas de pinheiro, calço as botas com cuidado, para não levantar o pó. Desfaço toda a bagagem, tiro a roupa de baixo longa e visto-a. Depois pego outras roupas, o suéter e o blusão. Mas ainda estou sentindo frio.

Caminho sobre aquela poeira fofa até a estrada de terra que nos trouxe até aqui e dou uma rápida corrida de trinta metros, mais ou menos, entre os pinheiros. Depois diminuo o passo, correndo num ritmo regular, parando a seguir. Agora estou me sentindo melhor. Não se ouve nenhum ruído. Há pequenas manchas de geada na estrada também, mas entre elas os cristais estão se derretendo, a umidade tingindo a terra de castanho-escuro, sob o calor do sol. Que geada branca, rendilhada e imaculada! Ela cobre também as árvores. Volto pisando macio estrada acima, como que para não perturbar o nascer do sol. Parece até o início do outono.

Chris ainda está dormindo. Mas nós não vamos mesmo poder sair daqui enquanto o ar não se aquecer. É uma boa hora para ajustar a motocicleta. Abro o fecho da tampa lateral sobre o filtro de ar, e de sob o filtro retiro um rolo gasto e sujo de ferramentas de campo. Minhas mãos estão duras de frio. Suas costas estão engelhadas. Só que estas rugas não foram produzidas pelo frio. Estou na casa dos quarenta, a velhice vem aí. Coloco o rolo sobre o banco e o desenrolo... Aqui estão elas... É como reencontrar velhos amigos.

Ouço Chris mexer-se e olho para ele, por cima do banco, mas ele não está se levantando. Com certeza, apenas muda de posição enquanto dorme. Logo o sol fica mais forte, e minhas mãos, menos entorpecidas.

Eu ia falar sobre generalidades da manutenção das motocicletas, centenas de coisas que se vai aprendendo pela vida afora, que contribuem para o que a gente faz, não só sob o aspecto prático como também o estético. Porém, isso agora parece muito banal, embora eu não devesse dizê-lo.

É que resolvi mudar de assunto, terminar de contar a história dele. Eu não terminei antes porque não achei que fosse necessário. Entretanto, agora acho que seria divertido usar assim o tempo que me resta.

O metal destas chaves está tão frio que chega a ferir-me as mãos. Só que a dor é agradável. É real, não imaginária, e está aqui, absoluta, em minhas mãos.

...Quando a gente está trilhando um caminho e percebe que

há outro caminho partindo dele num ângulo de, por exemplo, 30 graus, e depois outro caminho, seguindo na mesma direção que o primeiro, que faz com a trilha original um ângulo maior, como de 45 graus, e depois outro a 90 graus, começa-se a compreender que existe daquele lado algum ponto em que todos os caminhos convergem, e que muitas pessoas já arriscaram seguir até lá, e aí a gente começa a especular se não deveria seguir pelo mesmo caminho.

Na busca do conceito de Qualidade, Fedro descobriu vários caminhos que partiam da vereda principal, levando a um mesmo ponto. Pensou que já conhecesse o lugar onde eles desembocavam, a Grécia Antiga, mas depois ficou imaginando se não teria deixado de perceber algum pormenor.

Havia perguntado a Sarah, que há tempos passados, transitando com o regador na mão, lhe havia colocado a idéia da Qualidade na cabeça, onde se ensinava a Qualidade como matéria na literatura inglesa.

— Meu Deus do céu, eu não sei, não sou professora de inglês — respondeu ela. — Leciono letras clássicas, grego.

— A Qualidade faz parte do pensamento grego? — perguntou ele

— A Qualidade é tudo no pensamento grego — respondeu ela, e ele ficou refletindo sobre a resposta. Às vezes enxergava, por trás daquele jeito empertigado com que ela falava, uma sagacidade oculta, como se, à maneira do Oráculo de Delfos, ela dissesse coisas de significado dúbio; mas ele nunca sabia se estava certo.

A Grécia Antiga. É estranho que a Qualidade fosse tudo para eles, e que até hoje seja esquisito dizer-se que a Qualidade existe. Que transformações despercebidas teriam ocorrido?

A maneira súbita pela qual a pergunta "o que é Qualidade?" havia sido lançada na filosofia sistemática apontava um segundo caminho rumo à Grécia Antiga. Ele pensou que havia esgotado aquele campo. Mas a Qualidade o reabrira.

A filosofia sistemática é grega. Foram os gregos que a inventaram, e, ao fazê-lo, selaram-na para todo o sempre. A afirmativa feita por Whitehead de que toda a filosofia se reduz a "notas de rodapé das obras platônicas" é perfeitamente defensável. As origens da dúvida sobre a autenticidade da Qualidade tinham que estar localizadas em algum ponto da Antigüidade grega.

Quando ele resolveu sair de Bozeman para obter o Ph.D. de que necessitava para continuar a ser professor universitário, surgiu ainda um terceiro caminho. Ele queria prosseguir na pesquisa so-

bre o significado da Qualidade, iniciada pela sua experiência como professor de língua inglesa; mas, onde? E em que disciplina?

Estava claro que o termo "Qualidade" não se incluía em nenhuma disciplina, com exceção da filosofia. E ele sabia, pela experiência que tinha no campo da filosofia, que não adiantava insistir nessa área, porque provavelmente ele não descobriria nada relativo a um termo aparentemente místico de redação de inglês.

Cada vez mais ele se convencia de que talvez não pudesse estudar a Qualidade, em termos semelhantes àqueles em que ele a entendia, dentro de um programa acadêmico existente. A Qualidade não estava apenas fora do alcance dos métodos de toda a Igreja da Razão. Estava para nascer a universidade que aceitasse uma tese de doutoramento cujo tema o candidato se recusasse a definir.

Ele examinou os catálogos durante muito tempo, até encontrar algo parecido com o que estava procurando. Existia na universidade de Chicago um programa interdisciplinar sobre Análise de Idéias e Estudo de Métodos. A banca examinadora incluía um professor de inglês, um de filosofia, um de chinês e o presidente era um professor de grego antigo! Aquilo vinha mesmo a calhar.

Já fiz tudo que tinha a fazer na máquina, menos a troca de óleo. Acordo Chris, arrumamos tudo e saímos. Ele ainda está sonolento, mas o ar frio da estrada o desperta.

A estrada margeada pelos pinhais vai subindo, e esta manhã o tráfego até que está leve. As rochas entre os pinheiros são escuras e vulcânicas. Será que nós dormimos sobre poeira vulcânica? E existe isso? Chris diz que está com fome, e eu também estou.

Paramos em La Pine. Digo ao Chris que peça presunto com ovos para mim, enquanto vou trocando o óleo.

Compro um litro de óleo no posto próximo ao restaurante e, num terreno coberto de cascalho, nos fundos do restaurante, retiro o bujão do cárter, deixo o óleo escorrer, recoloco o bujão e ponho o óleo novo, que, depois, brilha ao sol sobre a vareta, quase tão transparente e incolor quanto água. Ahhhh!

Guardo a chave, entro no restaurante e vejo Chris me aguardando e a comida já servida. Vou ao lavatório, lavo as mãos e volto.

— Que fome! — diz ele.

— Foi uma noite fria — comento. — Nós queimamos um bocado de carboidratos só para nos mantermos vivos.

Os ovos estão gostosos, e o presunto também. Chris fala do sonho, do susto que levou, e depois não comenta mais nada. Parece que quer fazer uma pergunta, mas não faz; olha para o pinhal pela janela e depois torna a hesitar.

— Papai!

— Que é?

— Por que é que a gente está fazendo isso?

— O quê?

— Viajando o tempo todo de moto, assim.

— A gente está passeando... Estamos de férias.

A resposta não parece satisfazê-lo. Mas ele não consegue definir onde está o problema.

De repente, sinto uma onda de desespero como aquela que me assaltou ao amanhecer. Eu fico mentindo a ele. Esse é que é o problema.

— A gente fica só andando de moto o tempo todo — reclama Chris.

— Claro. O que é que você queria estar fazendo?

Ele não responde.

E nem eu.

Na estrada, me ocorre uma resposta: nós estamos fazendo a coisa de mais alta Qualidade que eu posso imaginar. Mas também não ia adiantar dizer isso a ele. Eu não sei o que mais poderia ter dito. Mais cedo ou mais tarde, antes de nos despedirmos, se as coisas chegarem a tal ponto, vamos ter que conversar. Protegê-lo assim do passado talvez lhe esteja fazendo mais mal do que bem. Ele terá que saber o que aconteceu a Fedro, embora nunca deva conhecer parte da história. Principalmente o fim.

Fedro chegou à universidade de Chicago já num contexto intelectual tão diferente daquele que entendemos, que seria difícil descrevê-lo mesmo que eu me lembrasse de todos os detalhes. Sei que o presidente em exercício o admitiu na ausência do presidente, devido à sua experiência letiva e óbvia capacidade de sustentar uma conversação com inteligência. Não me lembro do que ele realmente disse. Depois, esperou, por algumas semanas, que o presidente voltasse, na esperança de obter uma bolsa de estudos, mas quando o presidente finalmente apareceu, a entrevista se resumiu a uma pergunta e uma resposta:

— Qual o seu campo substantivo? perguntou o presidente.

— Composição em inglês — respondeu Fedro.

— Mas esse é um campo metodológico! — berrou o presidente. E este foi o fim da entrevista, para todos os efeitos. Depois de uma conversa sem importância, Fedro gaguejou, hesitou, pediu licença e voltou para as montanhas. Fora esta a característica que o havia reprovado na universidade. Engasgou-se com uma pergunta e não foi capaz de pensar em mais nada, enquanto as aulas prosseguiam sem ele. Desta vez, porém, tinha o verão inteiro para descobrir a razão pela qual o seu campo devia ser substantivo ou metodológico, e passou o verão inteiro a refletir sobre o caso.

Ficou na orla das florestas, comendo queijo suíço, dormindo em colchões feitos de galhos de pinheiro, bebendo água de nascente e pensando sobre a Qualidade e sobre os campos substantivos e metodológicos.

A substância não muda. O método não permanece. A substância diz respeito à forma do átomo. O método, à sua função. Em redação técnica, existe uma distinção semelhante entre a descrição física e a funcional. Um sistema complexo pode ser descrito de forma adequada primeiro em termos de suas substâncias: seus subsistemas e peças que o compõem. Depois, ele é descrito em termos dos métodos: das funções que desempenha, em ordem. Se misturar a descrição física com a funcional, a substância com o método, a gente se enrola todo, e o leitor também.

Mas aplicar essas classificações a todo um campo de conhecimento, como a redação em língua inglesa, parecia arbitrário e anti-funcional. Não há disciplina acadêmica que transcenda tanto o aspecto metodológico quanto o substantivo. E a Qualidade não possuía nenhuma ligação visível com nenhum desses aspectos. A Qualidade não é uma substância. Tampouco um método. Transcende tanto um como a outra. Constrói-se uma casa usando os métodos do fio de prumo e do nível porque as paredes verticais têm menos probabilidade de desmoronarem e, portanto, mais Qualidade que as paredes inclinadas. A Qualidade não é o método. É o objetivo que o método visa alcançar.

"Substância" e"substantivo" correspondiam, na verdade, ao "objeto" e à "objetividade", que ele deixara de lado para atingir um conceito não dualista de Qualidade. Quando tudo se divide em substância e método, assim como em sujeito e objeto, já não há mais lugar para a Qualidade. A tese dele não poderia incluir-se num campo substantivo, porque, para aceitar uma cisão entre o substantivo e o metodológico seria preciso negar a existência da Qualidade. Se a Qualidade devia ficar, os conceitos de substância e

método tinham que sair. Isto levaria a uma discussão com a banca, coisa que ele não tinha a mínima vontade de fazer. Mas irritava-se com a idéia de que pudessem ter destruído tudo o que ele queria dizer, apenas com a primeira pergunta. Campo substantivo? Que leito de Procusto era esse que estavam tentando lhe impingir?

Resolvido a examinar com mais vagar a base acadêmica da banca, foi a algumas bibliotecas fazer pesquisas com esse fim. Sentia que aquela banca estava seguindo uma linha de pensamento completamente diferente, e não conseguia descobrir o ponto de contato entre essa linha e a linha ampla por ele adotada.

O que o preocupava acima de tudo era a qualidade das explicações sobre o objetivo da banca. Elas pareciam extremamente confusas. Aquela descrição do trabalho da banca era um conjunto de palavras perfeitamente comuns, arranjadas de uma maneira completamente incomum, de modo que a explicação parecia muito mais complexa do que a coisa que pretendia explicar. Isso não vinha a calhar, de jeito nenhum.

Ele estudou todos os escritos do presidente que conseguiu encontrar, e detectou o mesmo tipo estranho de linguagem que tinha encontrado naquela descrição confusa da banca. O estilo era intrigante, porque era totalmente diferente da impressão que ele mesmo havia tido do presidente. Numa curta entrevista, o presidente lhe dera a impressão de ser uma pessoa de raciocínio rápido e temperamento agitado. E, entretanto, tinha um dos estilos mais ambíguos e inescrutáveis que Fedro já havia visto. Eram sentenças enciclopédicas, onde o sujeito ficava a quilômetros de distância do predicado. Havia parêntesis inseridos sem qualquer motivo dentro de parêntesis maiores, que por sua vez também se inseriam em orações cuja relação com as anteriores o leitor já perdera de vista muito antes de chegar ao ponto final.

Porém, o mais impressionante era a proliferação fantástica e inexplicável de categorias abstratas, aparentemente carregadas de significados especiais jamais explicitados, e cujo conteúdo podia ser apenas intuído. Essas categorias se amontoavam com tamanha rapidez e freqüência que Fedro percebeu que não conseguiria entender aqueles textos, quanto mais discuti-los.

A princípio, Fedro supôs que sentia tal dificuldade porque os textos eram adiantados demais para ele. Pressupunham conhecimentos básicos que ele não possuía. Depois, porém, notou que alguns artigos tinham sido escritos para leitores que não poderiam possuir tal embasamento, e assim a hipótese inicial foi descarta-

da.

A segunda hipótese foi que o presidente era um "técnico", expressão pela qual ele chamava os escritores tão absorvidos pelo assunto que perdiam a capacidade de se comunicarem com as pessoas leigas. Mas, nesse caso, por que a banca recebera um título tão geral e antitécnico como Análise de Idéias e Estudo de Métodos? Além disso, o presidente não tinha temperamento para técnico. Esta hipótese também não servia.

Fedro acabou suspendendo aquele trabalho de quebrar a cabeça com a retórica do presidente, e tentando descobrir mais acerca das bases da banca, na esperança de que isso explicasse o que significavam aquelas coisas todas. Foi uma decisão acertada. Ele começou a perceber qual era o problema.

Os enunciados do presidente eram protegidos — protegidos por imensas fortificações labirínticas, amontoadas numa complexidade e volume tais que era quase impossível descobrir que diabo ele estava guardando ali dentro. A impenetrabilidade dessa estrutura era o tipo da impenetrabilidade que se encontra ao entrar numa sala onde acabou de ter lugar uma violenta discussão. Ninguém fala nada.

Numa de minhas curtas lembranças, Fedro está no corredor de pedra de um edifício, creio que na universidade de Chicago, falando com o vice-presidente da banca. Ele diz, como um detetive no fim de um filme:

— Na sua descrição da banca, vocês omitiram um nome importante.

— É mesmo? — pergunta o vice-presidente.

— É — responde Fedro, com um ar de onisciência. — Aristóteles.

O vice-presidente fica surpreso por uns instantes; depois, como o assassino que foi descoberto, mas não se arrepende do crime, solta uma risada forte e prolongada.

— Ah, já entendi — fala. —Você não sabia... de nada sobre... — Depois, pensando melhor no que ia dizer, resolve parar por ali mesmo.

Chegamos à entrada do lago Crater, e subimos uma linda estrada, que leva ao Parque Nacional — uma estrada limpa, bem cuidada e preservada. Não havia como ser mais diferente, mas também não devia ganhar nenhum prêmio de Qualidade por isso. Ela parece um museu. Era assim que este lugar estava antes que

o homem branco chegasse — com lindos derrames vulcânicos, árvores raquíticas, nenhuma lata de cerveja. Mas agora que o homem branco está por aqui, tudo parece irreal. Talvez fosse melhor o serviço de conservação do parque colocar um monte de latas de cerveja no meio dessa lava toda, para torná-la mais convincente. Essa ausência de latas confunde a gente.

Paramos à beira do lago para esticar as pernas, e misturamo-nos cordialmente ao grupo de turistas presentes, que, segurando câmaras e crianças, gritam: "Não chegue muito perto!" Vemos carros e reboques com placas das mais diversas localidades, e olhamos para o lago Crater com uma sensação de "aqui está ele", exatamente como nas fotografias. Fico observando os outros turistas, e noto que estão se sentindo tão deslocados quanto nós. Não é que eu me irrite com isso, mas sinto que é tudo falso, e que a qualidade do lago é encoberta, de tanto apontarem para ele. Quando a gente fica insistindo que uma determinada coisa tem Qualidade, a Qualidade tende a desaparecer. A Qualidade é o que a gente percebe pelo canto do olho, e eu, enquanto olho o lago lá embaixo, sinto a qualidade curiosa da luz solar fresca, quase gélida, às minhas costas, e da brisa quase parada.

— Para que é que a gente veio aqui? — pergunta Chris.

— Para ver o lago.

Ele não gosta da resposta. Fareja a falsidade, e franze a testa com força, tentando encontrar uma pergunta que me obrigue a confessar a verdade.

— Estou detestando isto aqui — diz ele.

Uma das turistas olha-o surpresa, e depois, indigna-se.

— Bom, Chris, o que podemos fazer? Temos de continuar até descobrir qual é o problema, ou até descobrir por que a gente não sabe qual é o problema. Entende?

Ele não responde. A turista finge que não está ouvindo, mas se trai pela imobilidade. Voltamos à motocicleta, e eu tento encontrar algo para dizer, mas não consigo. Ele está chorando um pouco, e vira o rosto para que eu não veja as lágrimas.

Coleamos estrada abaixo, afastando-nos do parque, rumo ao sul.

Eu disse que o vice-presidente da banca de Análise de Idéias e Estudo de Métodos ficou surpreso. Foi porque Fedro não sabia que estava pisando o palco da controvérsia acadêmica talvez mais famosa do século — na opinião de um reitor universitário da Cali-

fórnia, a última tentativa histórica de mudar o curso de uma universidade inteira.

Em suas leituras, Fedro encontrou um breve resumo da famosa rebelião contra a educação empírica ocorrida no início da década de trinta. A banca de Análise de Idéias e Estudo de Métodos era um resquício dessa rebelião. Os líderes da rebelião foram Robert Maynard Hutchins, que se tornara reitor da universidade de Chicago; Mortimer Adler, cujo trabalho sobre as bases psicológicas da lei de comprovação dos fatos assemelhava-se ao trabalho de Hutchins, em andamento em Yale; Scott Buchanan, filósofo e matemático; e, principalmente, para Fedro, o atual presidente da banca, que naquela época era um especialista em Spinoza e cultura medieval na universidade de Columbia.

De seus estudos sobre a comprovação dos fatos, enxertados por leituras de clássicos ocidentais, Adler concluiu que a sabedoria humana havia progredido relativamente pouco nos últimos tempos. Retornou, coerentemente, ao pensamento de São Tomás de Aquino, que reunira Platão e Aristóteles na síntese medieval da filosofia grega com a fé cristã. Segundo Adler, a obra de São Tomás e a dos gregos, de acordo com a interpretação de São Tomás, era o arremate do patrimônio intelectual do Ocidente. Assim sendo, tais autores constituíram um parâmetro para todos os que desejassem ilustrar-se.

Na tradição aristotélica, interpretada pela escolástica medieval, o homem é considerado um animal racional, capaz de buscar e definir uma vida adequada, e também de vivê-la. Sendo este "primeiro princípio" sobre a natureza do homem aceito pelo reitor da universidade de Chicago, inevitavelmente haveria repercussão no meio educacional. Os resultados, dentre outros, foram o famoso programa de Grandes Livros da universidade de Chicago, a reorganização da estrutura universitária segundo linhas aristotélicas, e o estabelecimento do "Colégio", no qual os estudantes de quinze anos eram iniciados na leitura dos clássicos.

Hutchins opunha-se à idéia de que a educação científica empírica produziria automaticamente uma "boa" educação. A ciência é "neutra". A incapacidade que ela tem de detectar a Qualidade, como objeto de pesquisa, impede-a de fornecer qualquer escala de valores.

Adler e Hutchins preocupavam-se principalmente com os "deveres" da vida, com os valores, com a Qualidade e com as bases da Qualidade na filosofia teórica. Assim eles, ao que parece, ti-

nham seguido na mesma direção que Fedro, mas haviam, de algum modo, parado em Aristóteles.

Houve o conflito.

Mesmo os que tendiam a admitir a preocupação de Hutchins com a Qualidade não estavam dispostos a conferir a autoridade suprema à tradição aristotélica para fins da definição de valores. Insistiam em afirmar que não se poderia fixar os valores, e que uma filosofia moderna válida não precisava compactuar com idéias expressas nas obras da Antigüidade e da Idade Média. Aquela história toda parecia, para muitos, apenas um linguajar novo e pretensioso, feito de conceitos vazios e enganosos.

Fedro não sabia bem que posição tomar face a esse conflito. Mas uma coisa era certa: aquele debate era contíguo ao campo em que ele desejava trabalhar. Embora concordasse que os valores não podem ser fixos, em compensação acreditava que nem por isso eles deveriam ser desprezados, ou dados como inexistentes. Opunha-se também à tradição aristotélica como definidora de valores, mas não concordava que ela não devesse ser tomada em consideração. A resposta para esse problema estava profundamente emaranhada, e ele queria conhecer mais sobre o assunto.

Dos quatro homens que haviam gerado todo esse debate, o único que ainda vivia era o presidente da banca. Talvez por causa da sua posição hierárquica mais baixa em relação aos demais, ou por outras razões quaisquer, tinha fama de ser bastante indelicado, segundo a opinião de pessoas com que Fedro conversava. Ninguém confirmou que ele fosse gentil, e duas pessoas o negaram peremptoriamente: uma delas era o diretor de um departamento importante da universidade, que chamou o presidente de “endiabrado”; a outra, um bacharel em filosofia pela universidade de Chicago, segundo o qual o presidente só diplomava quem pensasse exatamente como ele. Nenhum dos dois entrevistados tinha tendências vingativas, e Fedro intuiu que estavam dizendo a verdade. Mais tarde, confirmou tais opiniões ao descobrir certas coisas, na secretaria do departamento. Ele queria conversar com duas pessoas que tivessem sido graduadas pela banca, para descobrir mais detalhes, e soube que a banca só havia aprovado duas pessoas desde que fora criada. Ao que tudo indicava, para encontrar um lugar ao sol para a realidade da Qualidade, ele teria de enfrentar e vencer o presidente da banca que o examinaria, cuja perspectiva aristotélica sufocava as iniciativas e cujo temperamento parecia combater ferozmente as idéias opostas às dele. O quadro geral era

extremamente desanimador.

Fedro então sentou-se, empunhou a caneta, e escreveu ao presidente da banca sobre a Análise de Idéias e Estudo de Métodos da universidade de Chicago uma carta que só se poderia definir como um estímulo à expulsão, em que ele, Fedro, se recusava a escapar sorrateiramente pela porta dos fundos, criando, porém, uma situação tão incrível que o seu antagonista é forçado a atirá-lo pela porta da frente, dando assim à provocação uma importância que ela de outro modo não teria. Depois ele mesmo se levanta na rua e, após certificar-se de que a porta está bem fechada, fica ali sacudindo o punho; limpa a poeira e diz: “Pelo menos, tentei”, só para ficar de consciência tranqüila.

Tal provocação indicou ao presidente que o campo substantivo de Fedro agora era a filosofia, não a redação. No entanto, segundo ele, a divisão do estudo nos campos substantivo e metodológico provinha da dicotomia aristotélica da forma e da substância, inútil para os não dualistas, uma vez que as duas eram idênticas entre si.

Ele disse que não tinha certeza, mas que a tese sobre a Qualidade parecia ser uma tese antiaristotélica. Se isso fosse verdade, ele havia escolhido o local apropriado para apresentá-la. As grandes universidades comportam-se à moda hegeliana, e qualquer escola que não pudesse aceitar uma tese contrária aos seus princípios fundamentais estaria estagnada. Fedro alegava que aquela era a tese pela qual a universidade de Chicago estava esperando.

Ele concordava que era uma tese bombástica, que não podia, na verdade, fazer quaisquer julgamentos de valor sobre ela, uma vez que ninguém consegue julgar imparcialmente sua própria causa. Mas se alguém apresentasse uma tese que se revelasse uma importante ligação entre as filosofias ocidentais e orientais, entre o misticismo religioso e o positivismo científico, ele a consideraria uma tese realmente histórica, capaz de trazer um incrível progresso para os estudos universitários. Em todo caso, completava ele, ninguém era realmente aceito na universidade de Chicago sem antes ter eliminado outra pessoa. Chegara a hora de acabar com Aristóteles.

Simplesmente ultrajante.

Não chegava a ser bem um simples estímulo à expulsão. Parecia mais um caso de megalomania, delírio de grandeza, uma incapacidade total de entender as conseqüências daquilo que estava dizendo. Ele havia se fechado de tal maneira no seu mundo da

metafísica da Qualidade, que não conseguia mais perceber o que se passava lá fora. E como mais ninguém compreendia o mundo dele, ele estava condenado.

Creio que ele, na época, acreditava estar dizendo a verdade, e não se importava se a maneira pela qual estava se expressando era insultuosa ou não. Havia tantas coisas a dizer, que ele não tinha tempo para ficar enfeitando as idéias. Se a universidade de Chicago estivesse mais interessada na estética do que ele estava dizendo do que no conteúdo racional, estaria deixando de cumprir sua principal função como universidade.

Era isso. Ele realmente acreditava. Não era apenas outra idéia interessante a ser testada pelos métodos racionais existentes. Era uma alteração nesses próprios métodos racionais. Normalmente, quando se vai apresentar uma idéia nova num ambiente acadêmico, age-se objetivamente, sem se envolver com ela. Mas a idéia de Qualidade questionava justamente essa objetividade e esse desinteresse, maneirismos apropriados apenas à razão dualista. Alcança-se a qualidade dualista através da objetividade; mas com a qualidade criativa, é diferente.

Ele acreditava ter resolvido um enorme quebra-cabeça universal, ter cortado o nó górdio do pensamento dualista, com apenas uma palavra: Qualidade. E não estava disposto a deixar que ninguém restringisse de novo o sentido da expressão. Nessa crença, ele parecia não perceber que suas palavras soavam para os outros inominavelmente megalomaníacas. Se ele percebia isso, não se importava. Suas idéias eram megalomaníacas, contudo, e se fosse verdade? Se ele estivesse errado, ninguém se importaria. Mas, e se ele estivesse certo? Monstruoso seria estar certo e desistir daquelas idéias apenas para agradar aos professores.

Assim, ele simplesmente não se importava com as conseqüências. Comportava-se de um modo fanático. Naquele tempo, viveu num universo de discurso solitário. Ninguém o compreendia. E quanto mais os outros lhe manifestavam tal incompreensão e reprovavam o que compreendiam, mais fanático e desagradável ele se tornava.

Aquela provocação à expulsão foi recebida conforme ele esperava. Já que o seu campo substantivo era a filosofia, ele devia candidatar-se ao departamento de filosofia, não à banca.

Foi o que Fedro fez. Ele e a família puseram no carro e no reboque tudo que possuíam, despediram-se dos amigos e, quando estavam para sair, enquanto ele trancava as portas da casa pela

última vez, chegou o carteiro com uma carta da universidade de Chicago, informando laconicamente que ele não fora aceito.

Na certa, o presidente da banca de Análise de Idéias e Estudo de Métodos havia influenciado naquela decisão.

Fedro pediu emprestado aos vizinhos umas folhas de papel e respondeu ao presidente, dizendo que já que ele havia sido aceito pela banca, teria que ficar lá mesmo. Foi uma manobra um tanto legalista, mas a essa altura Fedro já havia adquirido uma certa sagacidade combativa. Essa guinada, a súbita manobra evasiva do departamento de filosofia, parecia indicar que o presidente, por alguma razão, não fora capaz de atirá-lo pela porta da frente da banca, mesmo de posse daquela carta insultuosa. Com isso, Fedro sentiu-se mais confiante. Pelas portas laterais, não, por favor. Eles iram ter que chutá-lo pela porta da frente, ou então, que aceitá-lo. Talvez não conseguissem. Tanto melhor. Ele não queria que a tese ficasse devendo nada a ninguém.

Estamos contornando a margem oriental do lago Klamath numa rodovia de três pistas, bem ao gosto dos anos vinte, que foi quando essas vias triplas foram construídas. Paramos para almoçar num estabelecimento de beira de estrada também da mesma época. Esquadrias de madeira precisando urgentemente de pintura, luminosos anunciando marcas de cerveja na janela, cascalho manchado de óleo à guisa de jardim.

O vaso da privada está rachado, o lavatório coberto de estrias de graxa. Ao voltar para a minha mesa, lanço um segundo olhar ao proprietário, que está no balcão. Uma cara da década de vinte. Simples, emotivo e decidido. Este é o castelo dele. Nós somos os hóspedes. Se não gostarmos dos seus hambúrgueres, é melhor não reclamar.

Chegam os hambúrgueres, saborosos, com pedaços enormes de cebola crua, e boa cerveja engarrafada. Uma refeição completa por muito menos do que a gente pagaria num desses restaurantes administrados por velhinhas, com flores de plástico na janela. Enquanto almoçamos, vejo pelo mapa que pegamos um retorno errado lá atrás e que poderíamos chegar ao litoral muito mais rápido por outro caminho. Agora está quente, um calor pegajoso da costa oeste, que, depois do calor do deserto ocidental, é muito desagradável. No fundo, tudo isso é só uma reprodução do Leste; eu gostaria de chegar logo ao mar, onde é mais fresco.

Fico pensando nisso enquanto contornamos a margem meri-

dional do lago Klamath. Calor grudento e o pânico dos anos vinte... Era esse o clima de Chicago, naquele verão.

Quando Fedro e a família chegaram a Chicago, foram morar perto da universidade, e como ele não tinha bolsa de estudos, começou a lecionar redação em tempo integral na universidade de Illinois, que na época ficava no centro da cidade, em Navy Pier, adentrando o lago, num ambiente malcheiroso e quente.

As aulas eram diferentes das de Montana. Os diplomados de segundo grau mais brilhantes haviam sido transferidos para os campi de Champaign e Urbana, de modo que quase todos os alunos de Fedro tiravam sempre um eterno C. Nas votações de qualidade, era difícil fazer o desempate entre as composições. Em outras circunstâncias, Fedro teria inventado alguma coisa para contornar o problema, mas agora ele fazia esse trabalho apenas como ganha-pão e não podia desperdiçar nele sua energia criativa. Sua atenção estava voltada para o sul, para a universidade de Chicago.

Entrou na fila de matrícula da universidade de Chicago e apresentou seu nome ao professor de filosofia encarregado, que, endurecendo o olhar, informou que, claro, o presidente havia pedido que ele se matriculasse no curso de Idéias e Métodos que o próprio presidente estava dando, e lhe entregou o horário do curso. Fedro, vendo que a hora da aula coincidia com o seu horário de Navy Pier, escolheu outra matéria: Idéias e Métodos 251, Retórica. Como a retórica era o seu campo, ele se sentiria mais à vontade cursando aquela disciplina. E, além disso, o mestre não era o presidente da banca. Era o professor de filosofia que agora registrava sua matrícula. Os olhos do professor, antes severos, se arregalaram.

Fedro voltou para lecionar em Navy Pier e fazer a leitura pedida para a primeira aula. Agora ele precisava estudar com afinco, como jamais estudara antes, o pensamento da Grécia clássica em geral e de um grego em particular: Aristóteles.

Duvido que dentre milhares de estudantes da universidade de Chicago que haviam tido contato com os clássicos da Antigüidade houvesse um mais dedicado do que Fedro. O programa dos Grandes Livros, mantido pela universidade, procurava, acima de tudo, combater a idéia moderna de que os clássicos nada tinham de concreto a transmitir à sociedade contemporânea. Certamente, a maioria dos estudantes que freqüentavam os cursos mostravam-se comportadinhos perante os professores, aceitando, para fins de compreensão, o pressuposto de que os antigos tinham algo de

significativo a dizer. Mas Fedro, que não gostava de entrar nesse tipo de jogo, simplesmente não só rejeitou tal idéia, como defendeu fervorosa e fanaticamente a certeza de que os antigos já não valiam mais nada. Chegou a nutrir por eles um ódio intenso, e a atacá-los com todo tipo de invectivas que pôde imaginar, não porque eles fossem irrelevantes, mas exatamente porque não eram. Quanto mais estudava, mais se convencia de que até agora ninguém havia alertado o mundo para os perigos resultantes da aceitação da filosofia antiga.

Na margem sul do lago Klamath, encontramos um pouco de progresso do tipo suburbano, e aí nos afastamos do lago, rumo ao oeste, em direção à costa. Agora a estrada sobe, penetrando em florestas formadas por grandes árvores, completamente distintas das florestas desérticas que atravessamos. Enormes abetos margeiam a estrada. Como estamos de motocicleta, podemos seguir-lhes o comprimento dos troncos com os olhos, até os topos, que ficam a algumas dezenas de metros do solo. Chris pede para pararmos; quer passear entre as árvores, e eu atendo ao pedido.

Enquanto ele perambula um pouco, recosto-me com o máximo cuidado numa grande prancha de tronco de abeto, fico olhando para cima e tentando me lembrar...

Não lembro mais dos detalhes sobre o que ele aprendeu, mas pelos acontecimentos posteriores sei que ele absorveu quantidades incríveis de informações. Tinha uma inteligência quase fotográfica. Para entendermos como ele chegou a essa reprovação dos gregos clássicos, é preciso recapitular brevemente o argumento da “preponderância do mythos sobre o logos”, bem conhecido dos estudiosos de grego, que geralmente atrai muitos para esse campo de estudo.

O termo logos, raiz da palavra “lógica”, refere-se ao somatório de nossa compreensão racional do mundo. O mythos é o somatório dos mitos primitivos históricos e pré-históricos, anteriores ao logos. O mythos inclui não só os mitos gregos, mas também os do Velho Testamento, dos Hinos Védicos e as lendas primitivas de todas as culturas que contribuíram para nossa compreensão atual do mundo. O argumento da preponderância do mythos sobre o logos afirma que a nossa racionalidade é moldada por tais lendas, que o conhecimento atual está para essas lendas assim como uma árvore está para o pequeno broto que ela já foi. Pode-se entender

muito melhor a complexa estrutura geral da árvore estudando-se a forma bem mais simples do broto. A diferença não está no tipo, nem na identidade; está apenas nas dimensões.

Assim, em culturas em cujos antecedentes se inclui a Grécia antiga, encontra-se uma forte diferenciação entre sujeito e objeto, porque a gramática do antigo mythos grego pressupunha uma separação nítida natural entre sujeito e predicado. Na cultura chinesa, por exemplo, onde as relações entre sujeito e predicado não são rigidamente definidas pela gramática, encontra-se a ausência correspondente de uma filosofia rigorosamente dualista. Na cultura judaico-cristã, na qual o "Verbo" do Antigo Testamento possuía um caráter sagrado, os homens estão prontos a se sacrificarem, viverem e morrerem pelas palavras. Nessa cultura, um tribunal pode solicitar que uma testemunha diga "a verdade, toda a verdade, nada mais que a verdade, com a bênção de Deus", e esperar que se diga a verdade. Mas não se pode transferir esse tribunal para a índia, como fizeram os ingleses, sem ter problemas com casos de perjúrio, porque o mythos indiano é diferente; a sacralidade das palavras não é percebida da mesma forma. Problemas semelhantes aconteceram nos Estados Unidos, entre as minorias de bases culturais diferentes, existe uma infinidade de exemplos, todos fascinantes, do modo como as diferenças no mythos originaram diferenças no comportamento.

O argumento da preponderância do mythos sobre o logos defende a idéia de que as crianças nascem tão ignorantes quanto os trogloditas. O que impede que o mundo volte ao tempo do homem de Neanderthal a cada nova geração é o mythos, que permanece e é transmitido, transformado em logos, mas que continua sendo mythos, o imenso conjunto de conhecimentos comuns que mantém nossas mentes tão unidas como as células no corpo de um homem. Achar que não se está tão preso assim, que se pode aceitar ou rejeitar o mythos à vontade, é compreender mal a natureza do mythos.

Existe apenas um tipo de pessoa neste mundo, segundo Fedro, que pode aceitar ou rejeitar o mythos em que vive. As pessoas que rejeitam o mythos são chamadas "loucas". Pôr o mythos de parte é o mesmo que enlouquecer.

Meu Deus do céu, só agora entendi. Eu nunca havia percebido isso antes.

Ele sabia! Ele devia saber o que estava para acontecer. Agora as coisas estão começando a ficar mais claras.

Esses pedaços todos, peças do quebra-cabeça, podem ser agrupados em grandes quantidades, mas os grupos não se combinam, por mais que a gente se esfalfe. De repente, descobre-se um pedaço que une dois grupos diferentes, e aí os dois grupos passam a ser um só. A relação entre o mythos e a loucura. É uma lembrança vital. Duvido que alguém tenha dito isso antes. A loucura é a terra incógnita que circunda o mythos. E ele sabia! Ele sabia que a Qualidade da qual estava falando se situava além dos limites do mythos.

Agora estou lembrando! E a Qualidade que gera o mythos. Foi por isso. Foi por isso que ele disse: “A Qualidade é o estímulo contínuo que nos faz criar o mundo em que vivemos, na sua integridade, nos mínimos detalhes.” A religião não foi inventada pelo homem. A religião inventou o homem. O homem inventa respostas à Qualidade, e entre essas respostas está a compreensão do que ele mesmo é. Sabe-se alguma coisa, vem o estímulo da Qualidade, a gente tenta definir o estímulo de Qualidade, mas, para fazê-lo, a gente só pode trabalhar com aquilo que já sabe. O estímulo é uma correspondência daquilo que já se sabe. Tem que ser. Não pode ser nenhuma outra coisa. E é assim que o mythos se desenvolve. Por analogia com o que se sabia antes. O mythos é uma estrutura composta de correspondências montadas sobre outras correspondências, que, por sua vez, são montadas sobre correspondências anteriores. Essas correspondências são o conteúdo dos vagões do trem da consciência. O mythos é o trem da consciência coletiva de todos os grupos humanos que se relacionam. Constitui o trem inteiro, até os últimos detalhes. Fora do trem, de ambos os lados, está a terra incógnita da loucura. Ele sabia que, para entender a Qualidade, teria que sair do mythos. E por isso sentiu uma certa vertigem. Sabia que algo estava para acontecer.

Vejo que Chris está voltando, com uma expressão calma e feliz. Mostrando um pedaço de casca de árvore, ele me pergunta se pode guardá-la como lembrança. Eu não gosto muito de acumular esses fragmentos de tudo que ele pega por aí, para não fazer peso na motocicleta, ainda mais que certamente ele vai jogar tudo fora assim que chegar em casa; mas dessa vez eu concordo.

Alguns minutos depois, a estrada chega a um cume e desce vertiginosamente até um vale, que se torna cada vez mais delicado à medida que vamos descendo. Nunca chamei um vale de delicado, mas esta região costeira é tão diferente de todas as outras áreas

montanhosas dos Estados Unidos, que a palavra me ocorre. Aqui, já um pouco mais ao sul, fica o lugar de onde vem todo o nosso vinho de qualidade. Os morros são como que pregueados, repletos de dobras — de um jeito delicado. A estrada coleia, se inclina, traça arabescos, desce, e nós e a moto a acompanhamos suavemente, com uma graça toda nossa, quase tocando as folhas lustrosas dos arbustos e dos ramos pendentes das árvores. Os abetos e rochas das montanhas já passaram, e à nossa volta espalham-se os morros suaves, as vinhas, flores roxas e vermelhas, e uma fragrância mesclada à névoa das florestas que sobe da neblina distante; cobrindo o vale, vindo de um ponto mais distante, ainda invisível, um vago sabor de maresia...

...Como é que eu posso amar tanto tudo isso e estar louco?...

...Eu não acredito!

O mythos. É o mythos que é louco. Ele acreditava nisso. O mythos segundo o qual as formas deste mundo são reais, mas a Qualidade é ilusão, é loucura!

E ele acreditava que Aristóteles e os gregos antigos eram os vilões que haviam criado o mythos, para que considerássemos essa loucura uma realidade.

Isso! É isso mesmo. Essa é a solução. Que alívio, quando se encontra uma resposta! Algumas vezes é tão difícil evocar todas essas coisas, que me sinto praticamente exausto. Outras, penso que estou fazendo tudo sozinho. Às vezes não tenho tanta certeza. E outras ainda, sei que não estou só. Mas o mythos e a loucura, a importância dessa relação — isso eu sei que é coisa dele.

Depois de passarmos pelos morros vincados, checamos a Medford e pegamos uma via expressa em direção a Grants Pass. Já está quase anoitecendo. O forte vento frontal nos obriga a subir as rampas junto com os outros carros, mesmo na aceleração máxima. Ao entrar em Grants Pass ouvimos um barulho assustador, alto, estrepitoso, e, ao pararmos, descubro que o protetor da corrente prendeu-se a ela e foi danificado. Não é coisa séria, mas nos obriga a parar para substituir o protetor. Aliás, é até ridículo fazer esse conserto, porque afinal de contas logo vou vender esta motocicleta.

Grants Pass parece uma cidade de bom tamanho, e certamente amanhã vamos encontrar alguma oficina aberta. Vou olhando em volta, à procura de um motel.

Não dormimos numa cama desde que saímos de Bozeman.

Encontramos um motel com televisão colorida, piscina aquecida, cafeteira para o café da manhã, sabonete, toalhas brancas, um box todo revestido de azulejos e camas limpas.

Deitamo-nos e Chris fica pulando na cama dele por uns instantes. Pular na cama, segundo me lembro, ajuda muito a combater a depressão. Eu também fazia isso quando pequeno.

Amanhã, talvez tudo possa ser esclarecido. Agora, não. Chris desce para dar um mergulho na piscina aquecida, enquanto eu fico deitado na cama limpa, tentando refrescar minha cabeça.

Capítulo 29

Por causa dessa história de ter que ficar tirando as coisas do alforje e socando tudo de novo dentro dele desde Bozeman, fazendo o mesmo com as mochilas, nossas roupas ficaram completamente amarrotadas. Assim, espalhadas pelo chão à luz da manhã, compõem uma verdadeira mixórdia. O saco plástico cheio de artigos oleosos rasgou-se, e o papel higiênico ficou todo engordurado. As roupas estão tão maltratadas que parece que já foram feitas assim, cheias de vincos. O tubo de metal do óleo de bronzear arrebentou, manchando de branco a bainha do facão de mato e impregnando a bagagem com sua fragrância. O tubo do lubrificante da ignição também estourou. Que bagunça! Escrevo no meu caderninho de bolso: "Comprar uma frasqueira para guardar os artigos avariados" e depois acrescento: "lavar as roupas". Em seguida, "comprar tesourinha de unhas, bronzeador, graxa para a ignição, protetor de corrente, papel higiênico". É muita coisa para fazer antes que se esgote a diária; portanto, acordo Chris e lhe digo para levantar-se. Temos que levar a roupa para a lavanderia.

Ao chegarmos à lavanderia automática, explico a Chris como lidar com o secador e as máquinas de lavar, e depois saio para fazer as compras.

Encontro tudo, menos o protetor da corrente. O vendedor diz que não tem, e que nem está esperando chegar. Talvez eu possa trafegar sem o protetor, já que falta tão pouco para chegarmos, mas assim a corrente vai espirrar graxa para todos os lados, o que pode ser perigoso. Além disso, não quero fazer as coisas baseado na idéia de que logo vou chegar ao fim da linha. Assim, sou obrigado a me comprometer.

Na estrada vejo uma placa de soldador e faço a conversão.

E a oficina de soldagem mais limpa que já vi. Árvores grandes e altas, e um relvado espesso delineiam um pátio nos fundos, dan-

do ao local um ar de ferraria de aldeia. Todas as ferramentas estão cuidadosamente penduradas, tudo é muito organizado, mas não há ninguém em casa. Eu resolvo retornar mais tarde.

Volto para encontrar Chris, examino a roupa que ele pôs no secador, e depois exploramos as ruas movimentadas, em busca de um restaurante. Por toda parte trafegam carros, em sua maioria ligeiros e bem conservados. Costa oeste. A nebulosa e clara luz de uma cidadezinha fora do alcance dos vendedores de carvão.

Nos subúrbios encontramos um restaurante, sentamo-nos a uma mesa com toalha xadrez vermelha e branca e esperamos. Chris folheia um exemplar da revista Motorcycle News que comprei na oficina, e lê em voz alta o nome dos vencedores de todas as corridas, e também um artigo sobre motocross. A garçonete olha para ele de maneira um pouco curiosa, depois para mim, depois para minhas botas de motociclista. Rabisca então nossos pedidos, volta para a cozinha e depois se aproxima de novo e fica a nos observar. Acho que ela está prestando atenção em nós porque somos os únicos fregueses aqui. Enquanto esperamos, ela coloca algumas moedas na vitrola automática, e quando chega o desjejum — waffles, calda e lingüiça, que bom! — nós comemos ao som da música. Chris e eu conversamos sobre o que ele está lendo na revista, num tom suficientemente alto para nos ouvirmos, por causa da vitrola, daquele jeito descontraído com que conversam as pessoas que estão viajando juntas há muito tempo. E com o rabo do olho vejo que estamos sendo observados com insistência. Logo Chris é obrigado a repetir certas perguntas, porque aquele olhar está me perturbando, e fica difícil concentrar-me no que ele está dizendo. O disco é uma canção country, que fala de um chofer de caminhão... Eu paro de conversar.

Quando saímos e damos a partida na motocicleta, ela vem até a porta para ver. Sente-se solitária. Mas provavelmente não compreende que olhando dessa maneira não vai ficar muito tempo sozinha. Aciono o kick com força demais, meio contrariado, de modo que, enquanto voltamos à oficina de soldagem, a alavanca demora um pouco para voltar ao lugar.

O soldador já chegou. É um senhor de 60 ou 70 anos, que me olha com desprezo — completamente diferente da garçonete. Eu explico o problema do protetor da corrente, e ele, depois de uma pausa, responde:

— Não vou tirar para você. Tire sozinho.

Eu obedeço e lhe mostro o protetor.

— Está todo sujo de graxa — reclama ele.

Pego um graveto nos fundos, sob o frondoso castanheiro, e raspo toda a graxa, por cima de um latão de lixo. De longe, ele grita:

— Ali naquela vasilha tem um pouco de solvente.

Molhando algumas folhas no solvente da vasilha rasa, removo o restante da graxa.

Dessa vez, quando eu lhe apresento o protetor, ele aprova com um gesto de cabeça e vagarosamente ajusta o bico do maçarico a gás. Depois, olhando para a extremidade do maçarico, escolhe outro bico, sem pressa nenhuma. A seguir pega um bastão de solda de aço. Será que ele vai mesmo tentar soldar esse metal tão delgado? Eu não soldo chapas de metal. Uso o bastão de latão. Quando tento soldar chapas metálicas, acabo perfurando-as e tenho de remendar tudo com grandes gotas de metal derretido.

— Você não vai usar o latão?

— Não — responde ele. Tagarela, esse sujeito.

Ele acende o maçarico, regula-o até obter uma chama azulada, e depois, de um modo que é difícil descrever, praticamente faz dançar o maçarico e o bastão, seguindo um ritmo rápido de vaivém, sobre a fina chapa de metal, dando ao local uma luminosidade uniforme e alaranjada, descendo a chama do maçarico e o bastão no momento exato, e depois afastando os dois. Nenhuma perfuração. Quase nem se nota o lugar da soldagem.

— Maravilha! — exclamo.

— Custa um dólar — cobra ele, sem sorrir. Capto um quê de zombeteiro no olhar que ele me lança. Será que ele pensa que cobrou muito caro? Não, é outra coisa... Ele é solitário, como a garçonete. Provavelmente pensa que estou troçando dele... Ninguém mais aprecia esse tipo de trabalho.

Em cima da hora de se esgotar a diária, já fizemos as malas e deixamos o motel. Logo entramos na floresta costeira de sequóias, saindo do Oregon e chegando à Califórnia. O tráfego está tão pesado que nem temos tempo de olhar para cima. O tempo está ficando frio e cinzento. Paramos para vestir os suéteres e os blusões. Continua frio, deve estar fazendo uns dez graus e nós nos sentimos como no inverno.

Quantas pessoas solitárias encontramos na cidade... Percebi essa solidão no supermercado, na lavanderia e ao sair do motel. Esses reboques no meio das sequóias, cheios de aposentados sozi-

nhos, que ficam admirando as árvores, enquanto viajam em direção ao oceano que também querem admirar. A gente percebe isso no primeiro instante em que alguém nos olha — com aquele olhar curioso — e, depois, não percebe mais.

Agora vemos muito mais essa solidão. Paradoxalmente, é onde existe maior quantidade de pessoas juntas, nas grandes cidades litorâneas do Leste e do Oeste, que existe maior solidão. No oeste do Oregon, em Idaho, em Montana e nas Dakotas, onde as pessoas estão mais espalhadas, era de esperar que elas se sentissem mais sozinhas, mas, na verdade, isso não acontece com tanta freqüência.

Creio que a explicação é que a distância física entre as pessoas nada tem a ver com a solidão; é a distância psíquica que importa. Em Montana e em Idaho as distâncias físicas são grandes, mas as distâncias psíquicas entre as pessoas são pequenas. Aqui é o contrário.

Entramos na América primária. Percebemos isso na noite retrasada, em Prineville Junction. Existe a América primária, feita de vias expressas, aviões a jato, televisão e superproduções cinematográficas. E as pessoas envolvidas por essa América primária parecem passar grande parte da vida sem tomar muita consciência daquilo que as rodeia. Os meios de comunicação as convencem de que o que as rodeia não é importante. É por isso que elas se sentem solitárias. A gente vê isso estampado nos rostos delas. Primeiro, a gente vê nos seus olhos aquele lampejo de curiosidade, e depois passam a olhar-nos como se fôssemos objetos. Não valemos nada. Não é a gente que elas estão procurando. A gente não aparece na televisão.

Mas a América secundária que atravessamos, das estradas intermediárias, das valas do Chinês, dos cavalos apaloosa, das serras imensas e das reflexões, dos garotos catando pinhas, das mamangavas e do céu aberto sobre nós, estendendo-se quilômetros após quilômetros sobre tudo isso, o real, o que nos cercava é que era importante. Portanto não sentíamos muita solidão. Talvez fosse assim há uns cem ou duzentos anos atrás. Quase ninguém, e quase nenhuma solidão. É claro que estou generalizando demais, mas com as devidas ressalvas, é a pura verdade.

A tecnologia leva a culpa em grande parte, uma vez que a solidão está sem dúvida associada aos mais novos inventos da tecnologia — televisão, aviões a jato, vias expressas, e assim por diante. Mas espero ter deixado bem claro que o mal não está nos objetos

da tecnologia, mas na tendência que a tecnologia tem de isolar as pessoas, fazendo-as assumir posições solitárias de objetividade. É a objetividade, a maneira dualista de olhar para as coisas, típica da tecnologia, que gera o problema. É por isso que eu me preocupei tanto em mostrar como a tecnologia pode ser usada para combater o mal. Quem sabe consertar motocicletas — com Qualidade — tem mais probabilidade de ter amigos do que quem não sabe. E esses amigos não vão encará-lo como uma espécie de objeto. A Qualidade sempre destrói a objetividade.

E, caso ele empaque em algum serviço chato — e todos os serviços se tornam chatos, mais cedo ou mais tarde — e, só para se distrair, comece a procurar alternativas de Qualidade e, no fundo, buscar essas opções apenas em si mesmas, transformando seu trabalho numa arte, provavelmente descobrirá que vai se tornar uma pessoa muito mais interessante e menos objetificada aos olhos daqueles que o rodeiam, porque as suas decisões de Qualidade também o transformam. E transformam não só ao trabalho e a ele, mas também aos outros, porque a Qualidade tende a irradiar-se, como as ondas. O trabalho de Qualidade que ele pensou que ninguém fosse notar é percebido, e a pessoa que o percebe sente-se melhor por causa dele, e certamente transmitirá tal sensação a outros. É dessa maneira que a Qualidade se propaga.

Na minha opinião, é assim que o mundo pode melhorar um pouco: as pessoas devem tomar decisões individuais de Qualidade, e pronto. Meu Deus, não adianta mais me entusiasmar por grandes programas de planejamento social que abranjam uma grande quantidade de pessoas, mas que deixem de lado a Qualidade individual. Tais programas poderiam ser adiados por um bom tempo. Eles têm uma função, mas devem ser estruturados sobre uma base de Qualidade, no interior das pessoas neles envolvidas. No passado, havia toda aquela Qualidade individual, que foi explorada como um recurso natural, sem conhecimento, até que ela praticamente se esgotou. Já não resta mais quase nenhum brio nas pessoas. E eu creio que é hora de voltar a recuperar esse recurso natural americano — o valor individual. Existem reacionários que já dizem coisa parecida há anos. Eu não sou conservador, mas concordo com eles, na medida em que se refiram ao genuíno valor individual, e não busquem uma desculpa para dar mais dinheiro aos ricos. Nós realmente precisamos reviver a integridade individual, a autoconfiança e o velho brio. Precisamos mesmo. Espero ter iniciado alguns meios de conseguir isso nesta chautauqua.

Fedro não adotou essa idéia das decisões de Qualidade individuais e pessoais. Creio que ele se equivocou, mas talvez, estando no lugar dele, eu tivesse feito a mesma coisa. Ele achava que a solução era criar uma nova filosofia, ou melhor, algo bem mais amplo, uma racionalidade espiritual, na qual a feiúra, a solidão e a aridez espiritual da lógica dualista da tecnologia não teriam qualquer sentido. A razão perderia sua "neutralidade". Devia subordinar-se em termos lógicos à Qualidade; e ele tinha certeza de que ia descobrir por que essa subordinação não ocorria, estudando os antigos gregos, cujo mythos havia legado à nossa cultura a tendência inerente a todos os males da nossa tecnologia, a tendência a fazer o que é "razoável", mesmo quando for prejudicial. É essa a raiz do problema. Há muito tempo eu disse que ele estava perseguindo o fantasma da razão. Era isso que eu queria dizer. A razão e a Qualidade haviam se separado uma da outra e entrado em conflito; em alguma época antiga a Qualidade levara a pior, e a razão fora exaltada.

Começou a chover um pouco. Mas não é o tipo de chuva que nos obrigue a parar. Só um chuvisquinho à toa.

A estrada agora sai das altas florestas e passa sob o céu aberto e cinzento. De ambos os lados vêem-se muitos anúncios. Os da Schenley, pintados em cores vivas, duram para sempre, mas os da Irma causam a impressão de que os permanentes dela são malfeitos e medíocres, porque a tinta dos anúncios está descascando.

Reli a obra de Aristóteles, procurando o terrível mal a que Fedro se referia, mas não encontrei nada disso. O que encontrei foi principalmente uma série bastante monótona de generalizações, das quais muitas parecem impossíveis de justificar à luz do conhecimento moderno, de organização extremamente frágil e tão primitiva quanto as antigas peças de cerâmica grega que se vêem nos museus. Tenho certeza de que se soubesse mais a respeito dela, eu veria muito mais e não a consideraria primitiva em hipótese alguma. Mas sem saber nada disso, não posso dizer se a obra de Aristóteles merece o entusiasmo dos integrantes do programa de Grandes Livros, ou o ódio de Fedro. Sem dúvida não encaro a obra de Aristóteles como uma fonte importante para a definição de valores positivos ou negativos. Entretanto, o entusiasmo do grupo dos Grandes Livros é bem conhecido e divulgado. O ódio de Fedro não, e por isso vejo-me obrigado a deter-me neste aspecto.

Aristóteles começa dizendo: "A Retórica é uma arte porque

pode ser reduzida a um sistema racional estruturado."

Tal declaração deixou Fedro estupefato. Paralisado. Preparara-se para decodificar mensagens profundamente sutis, sistemas extremamente complexos, para compreender o significado mais profundo das palavras de Aristóteles, segundo muitos, o maior filósofo de todos os tempos. No entanto, levava pela cara uma declaração imbecil como aquela! Ficou abalado.

Depois, continuou:

A Retórica pode ser subdividida em provas e tópicos particulares, por um lado, e em provas comuns, por outro. A provas particulares dividem-se em provas artificiais e naturais. As provas artificiais incluem provas éticas, emocionais e lógicas. As provas éticas incluem a sabedoria prática, a virtude e a boa vontade. Os métodos particulares que empregam provas artificiais do tipo ético e que dizem respeito à boa vontade exigem o conhecimento das emoções, das quais Aristóteles fornece uma lista para quem esqueceu quais são: raiva, desconsideração (que se divide em desprezo, despeito e insolência), brandura, amor ou amizade, temor, confiança, pudor, despudor, consideração, benevolência, pena, a justa indignação, a inveja, a rivalidade e o desprezo.

Lembram-se da descrição da motocicleta que fiz, ainda em Dakota do Sul? Aquela que enumerava cuidadosamente todas as peças e funções da moto? Perceberam a semelhança? Fedro convenceu-se de que as origens daquele tipo de discurso estavam ali. Aristóteles prosseguia nesse tom no curso de páginas e páginas. Parecia um instrutor técnico de terceira classe, dando nomes a tudo, mostrando as relações entre as coisas nomeadas, vez por outra inventando astutamente uma nova relação entre as coisas nomeadas e depois esperando o sinal tocar, para que ele pudesse levantar-se da cadeira e ir repetir a lição na turma seguinte.

Nas entrelinhas, Fedro não encontrou nenhuma dúvida, nenhuma sensação de pasmo, apenas a eterna presunção do acadêmico profissional. Será que Aristóteles achava mesmo que os seus discípulos seriam melhores retóricos se aprendessem todos esses nomes e relações intermináveis? E, se não achava, será que ele julgava mesmo estar ensinando retórica? Para Fedro, era isso que ele pensava. Nada no estilo dele indicava que adotasse qualquer tipo de autocrítica. Fedro viu que Aristóteles estava incrivelmente satisfeito com essa proeza de identificar e classificar tudo. O mundo aristotélico começava e terminava com tal proeza. A razão pela qual Fedro teria eliminado Aristóteles com todo o prazer, se já não

estivesse morto há mais de dois mil anos, era que ele era o protótipo dos vários milhões de professores, presunçosos e realmente ignorantes que, através da história, haviam destruído, com empáfia e insensibilidade, o espírito criativo de seus alunos com aquele ritual ridículo de análise, essa eterna rotulação cega e rotineira das coisas. Se você entrar em uma das centenas de milhares de salas de aula de hoje e ouvir os professores fazerem divisões, subdivisões, estabelecerem relações e princípios e estudarem "métodos", será o mesmo que escutar o fantasma de Aristóteles, que fala através dos séculos — a voz analítica da razão dualista.

As aulas sobre Aristóteles eram dadas numa enorme mesa redonda, de madeira, numa sala sombria que dava para um hospital; o sol da tarde, vindo do telhado do hospital, mal conseguia atravessar a sujeira da janela e o ar poluído da cidade lá fora. Um ambiente doentio, pálido e deprimente. Lá pelo meio da aula, ele notou que na mesa havia uma enorme rachadura, que a atravessava quase na metade. Parecia já estar ali há muitos anos, sem que ninguém pensasse em consertar a mesa. Na certa, eles estavam preocupados com coisas mais importantes. No fim da aula, ele perguntou, afinal:

— Posso fazer algumas perguntas sobre a retórica de Aristóteles?

— Se tiver lido os textos — foi a resposta. Ele percebeu que os olhos do professor de filosofia se endureceram da mesma maneira que no dia da matrícula. Deduziu que era melhor ler os textos com o maior cuidado, e foi o que fez.

A chuva está ficando mais forte, e paramos para adaptar o visor ao capacete. Depois prosseguimos, numa velocidade regular. Presto atenção às crateras, à areia e às manchas de óleo na estrada.

Na semana seguinte, Fedro veio à aula com os textos lidos, preparado para refutar a declaração de que a retórica é uma arte porque pode ser reduzida a um sistema racional estruturado. Por esse critério, a General Motors produz arte pura, e Picasso, não. Se existissem significados mais profundos e invisíveis para estas palavras de Aristóteles, este seria um lugar tão bom como qualquer outro para apresentá-los.

Mas a pergunta não foi feita. Fedro levantou o braço para fazê-la, notou um lampejo instantâneo de rancor nos olhos do pro-

fessor, mas aí outro aluno disse, praticamente interrompendo-o:

— Eu acho que aqui há algumas declarações bastante ambíguas.

Foi tudo que ele conseguiu dizer.

— Meu caro, nós não estamos aqui para saber o que o senhor acha! — silvou o professor. As palavras eram como ácido. — Estamos aqui para saber o que Aristóteles acha! — Disse isso assim, na cara de todo mundo. — Quando quisermos saber o que o senhor acha, criaremos um curso especial.

Silêncio. O aluno está aturdido. E nós também.

Mas o professor de filosofia não terminou ainda. Apontando para o rosto do aluno, ordena:

— Diga-me lá: de acordo com Aristóteles, quais são os três tipos de retórica particular, segundo o assunto em debate?

O silêncio continua. O aluno não sabe.

— Quer dizer que vocês não leram o texto, não é?

E então, com um sorriso que mostra que ele tinha tido essa intenção todo o tempo, o professor balança o dedo para lá e para cá, e acaba indicando Fedro.

— O senhor, diga-me quais são os três tipos de retórica particular de acordo com o assunto debatido.

Fedro, porém, está preparado.

— Forense, deliberativo e epidêitico — responde ele, tranqüilamente.

— Quais são as técnicas epidêiticas?

— A técnica da identificação das semelhanças, a técnica do louvor, a técnica do encômio e a técnica da ampliação.

— Ce-e-e-e-erto — torna o professor de filosofia, devagar. Depois, se cala.

Os outros ficam assustados, imaginando o que teria acontecido. Apenas Fedro e, talvez, o professor de filosofia sabem. O estudante inocente recebeu uma agressão que deveria ter sido dirigida a Fedro.

Agora todos assumem expressões mais calmas, para evitar que o interrogatório continue. O professor de filosofia cometeu o erro de desperdiçar sua autoridade com um estudante inocente, deixando Fedro, o culpado, ainda às soltas. E cada vez mais livre. Como ele não havia perguntado nada, não havia meio de trucidá-lo. E uma vez tendo percebido de que maneira serão dadas as respostas, ele sem dúvida não fará mais perguntas.

O aluno inocente fica olhando fixamente para a mesa, rubori-

zado, as mãos cobrindo os olhos. A vergonha que ele sente desperta rancor em Fedro, que nunca tinha falado dessa maneira com um aluno seu. Então é assim que eles ensinam letras clássicas na universidade de Chicago! Fedro agora conhece o professor de filosofia. Só que o professor de filosofia não conhece Fedro.

Os céus cinzentos e chuvosos e a estrada cheia de cartazes continuam até Crescem City, Califórnia, frios e molhados. Chris e eu finalmente vemos a água, o oceano, ao longe, além dos embarcadouros e dos edifícios cinzentos. Lembro-me de que chegar ao mar fora o nosso objetivo desde Bozeman. Entramos num restaurante com um tapete vermelho sofisticado, cardápios sofisticados, e preços também sofisticados. Comemos em silêncio, pagamos e voltamos à estrada, em direção ao sul frio e nevoento.

Nas aulas subseqüentes, não se viu mais o estudante envergonhado. Era natural. A turma está completamente estática, como é de esperar depois que acontece um incidente desses. Apenas o professor fala nas aulas; fica ali matraqueando diante de rostos transformados em máscaras de neutralidade.

O professor parece estar ciente do que aconteceu. Aquele lampejo de rancor que ele havia mostrado a Fedro é agora um lampejo de temor. Parece compreender que, na situação atual, ele não vai demorar a receber exatamente o mesmo tratamento que deu àquele aluno, e ninguém vai apoiá-lo. Ele abriu mão do direito de ser respeitado. Tudo que pode fazer para evitar represálias é disfarçar.

Mas, para disfarçar, precisa se esforçar bastante e dizer as coisas com muito cuidado. Fedro também sabe disso. Ficando em silêncio, ele pode agora aprender em circunstâncias realmente vantajosas.

Nessa época, Fedro estudou muito, aprendendo tudo com grande rapidez, e ficou calado o tempo todo; seria, porém, um erro dar a impressão de que ele fosse um ótimo estudante. Um bom aluno busca o conhecimento de um modo correto e imparcial. Fedro não fazia isso. Ele tinha que afiar um machado e só queria descobrir coisas que o ajudassem a afiá-lo, e também os meios de derrubar qualquer obstáculo que o impedisse de afiá-lo. Não tinha tempo, nem interesse para estudar as Grandes Obras de outras pessoas. Estava ali unicamente para escrever o Grande Livro dele. Sua posição em relação a Aristóteles era extremamente injusta, pela mesma razão pela qual Aristóteles fora injusto com seus ante-

cessores: eles atrapalhavam o que ele estava querendo dizer.

Aristóteles atrapalhava Fedro, colocando a retórica numa categoria escandalosamente secundária, na hierarquia que havia construído. Para ele, a retórica era um ramo da Ciência Prática, uma espécie de relação de somenos importância com outra categoria, a Ciência Teórica, pela qual Aristóteles nutria uma preferência especial. Como ramo da Ciência Prática, a retórica estava isenta de qualquer preocupação com a Verdade, o Bem, ou o Belo, que não utilizava a não ser como pretextos de debate. Assim, no sistema aristotélico, a Qualidade não tem nada a ver com a retórica. Tal desprezo pela retórica, junto com a péssima qualidade da retórica do próprio Aristóteles, irritava tanto Fedro que ele não conseguia ler nada escrito por Aristóteles sem procurar maneiras de menosprezá-lo e criticá-lo.

Quanto a isso, não há problema. Aristóteles sempre foi evidentemente criticável e criticado ao longo da história; refutar as contradições óbvias de Aristóteles era como pescar peixes num barril — não dava lá muito prazer. Se não fosse tão parcial, Fedro talvez pudesse ter aprendido algumas preciosas técnicas aristotélicas para penetrar em novas áreas de conhecimento, que era o que a banca pretendia. Mas se ele não fosse tão parcial ao procurar um lugar para lançar sua tese sobre a Qualidade, nem estaria ali, e assim não havia mesmo a menor possibilidade de aquilo dar certo.

Enquanto o professor de filosofia dava aula, Fedro ouvia tanto a forma clássica quanto a superfície romântica do que ele dizia. A parte em que o professor se sentia menos à vontade era a "dialética". Embora Fedro não conseguisse descobrir por que em termos de forma clássica, a sua sensibilidade romântica cada vez mais intensa lhe dizia que ele estava farejando algo — uma presa.

Dialética, hem?!

O livro de Aristóteles começava falando nela, de um jeito bastante confuso. A retórica era um correspondente da dialética, dizia ele, como se fosse coisa muito importante, embora nunca explicasse o porquê dessa importância toda. Depois, seguiam-se várias declarações avulsas, dando a impressão de que muita coisa fora omitida, ou que tinha havido algum erro na composição do texto, ou que o tipógrafo esquecera de alguma coisa, porque Fedro leu aquilo umas duzentas vezes sem encontrar o menor sentido. A única coisa óbvia era que Aristóteles se preocupava muito com a relação entre retórica e dialética. Fedro sentiu naquele texto a mesma artificialidade que havia notado no professor de filosofia.

O professor de filosofia definira a dialética, e Fedro tinha ouvido com toda a atenção, só que a definição entrou por um ouvido e saiu pelo outro, característica típica dos enunciados filosóficos que omitem alguma coisa. Numa outra aula outro aluno, que aparentemente tinha o mesmo tipo de problema, pediu que o professor repetisse a definição, e dessa vez o professor olhou para Fedro, com outro lampejo de medo, e ficou bastante nervoso. Fedro começou a imaginar se a "dialética" não teria algum significado especial que a transformasse numa palavra-fulcro — aquela que pode desequilibrar uma análise, dependendo do lugar onde é colocada. E acontece que ela era mesmo uma palavra assim.

Dialética significa, via de regra, "da natureza do diálogo", que é uma conversação entre duas pessoas. Hoje em dia, isso significa argumentação lógica; consiste numa técnica de avaliação mútua, através da qual se chega à verdade. É a espécie de discurso utilizada por Sócrates, nos Diálogos de Platão. Platão acreditava que a dialética era o único método pelo qual se poderia conhecer a verdade. O único.

Eis por que a dialética era uma palavra-fulcro. Aristóteles criticou essa idéia, dizendo que a dialética só servia a alguns fins — investigar as idéias humanas, chegar às verdades sobre as formas eternas das coisas, as chamadas Idéias, que eram fixas e imutáveis e constituíam a realidade platônica. Aristóteles dizia que existia também o método científico, ou físico, que pela observação dos fatos físicos chega às verdades sobre substâncias que são mutáveis. A dualidade forma-substância e o método científico de conhecer os fatos acerca das substâncias eram vitais na filosofia aristotélica. Daí a necessidade que Aristóteles tinha de negar à dialética a importância que lhe atribuíam Platão e Sócrates. Por isso, a "dialética" era e continua sendo uma palavra-fulcro.

Fedro acreditava que aquela história de Aristóteles rebaixar a dialética de único método platônico para alcançar a verdade para um simples "complemento da retórica" devia revoltar tanto os modernos platônicos quanto teria revoltado o próprio Platão. Como o professor de filosofia não sabia a que "corrente" Fedro estava filiado, ficava nervoso. Talvez tivesse medo que Fedro, o platônico, fosse atacá-lo. Mas nesse caso, certamente nada teria a temer. Fedro não se ofendeu ao ver que a dialética tinha sido igualada à retórica. Ao contrário, revoltou-se ao ver que a retórica fora rebaixada ao nível da dialética. Foi essa a confusão que se estabeleceu.

Naturalmente, só Platão poderia esclarecer tudo isso, e, feliz-

mente, ele foi o próximo a aparecer na mesa redonda rachada no meio, naquela sala sombria e obscura que dava para o hospital, no sul de Chicago.

Agora estamos costeando o litoral, com frio, molhados e melancólicos. A chuva parou um pouco, mas o céu continua carregado. A certa altura, vejo uma praia, na qual passeiam algumas pessoas, caminhando pela areia molhada. Cansado, resolvo parar.

Ao descer, Chris pergunta:

— Por que é que a gente parou ?

— Eu estou cansado — respondo. O vento vindo do oceano é frio, e no lugar onde ele formou algumas dunas, molhadas e escuras por causa da chuva, que só agora deve ter estiado por aqui, eu me deito e me sinto um pouco mais aquecido.

Mas não durmo. No topo de uma duna surge uma menininha, olha-me como se me convidasse para brincar, depois desaparece...

Chris volta dentro em pouco e pede para ir embora. Diz que encolhiam ao serem tocados. Eu o sigo e vejo, entre o arrebentar das ondas na rocha, que são anêmonas do mar: não são plantas, são animais. Informo a ele que os tentáculos podem paralisar peixes miúdos. A maré deve estar bem baixa, para a gente poder enxergar as anêmonas. Pelo canto do olho, vejo que a menininha, do outro lado das rochas, tem nas mãos uma estrela do mar. Os pais dela também pegaram algumas.

Subimos na moto e continuamos para o sul. As vezes, a chuva engrossa um pouco, e eu fecho o visor, para que ela não me atinja o rosto. Mas como não gosto de ficar assim confinado, levanto o visor logo que a chuva diminui. Devemos estar chegando a Arcata antes do anoitecer, mas não quero correr muito nessa pista molhada.

Se não me engano, foi Coleridge quem disse que as pessoas podem ser platônicas ou aristotélicas. As pessoas que não suportam as infindáveis especificações de detalhes de Aristóteles naturalmente adoram as generalizações sublimes de Platão. Quem não agüenta o eterno idealismo esotérico de Platão acolhe com prazer os fatos concretos de Aristóteles. Platão é aquele que busca o Buda, que surge de tempos em tempos, através das gerações, aquele que prossegue escalando as alturas rumo ao “Um”. Aristóteles é o eterno mecânico de motocicletas, que prefere o “múltiplo”. Neste sentido, eu mesmo sou bastante aristotélico; prefiro encontrar o Buda

na qualidade dos fatos que me rodeiam; mas Fedro era obviamente um platônico por temperamento, e quando as aulas começaram a tratar de Platão, ele ficou bastante aliviado. A Qualidade dele e o Bem de Platão eram tão parecidos que, se não fosse por certas anotações deixadas por Fedro, eu pensaria que ambos eram a mesma coisa. Mas ele não concordava, e mais tarde eu descobri como era importante essa discordância.

O curso sobre Análise de Idéias e Estudo de Métodos, porém, não pretendia estudar a idéia platônica do Bem; estava empenhado em analisar a idéia platônica de retórica. A retórica, conforme Platão mostra de forma bastante clara, não está ligada ao Bem sob nenhum aspecto; a retórica é "o Mal". Os retóricos são as pessoas que Platão mais odeia, depois dos tiranos.

O primeiro dos Diálogos de Platão a ser lido é o Górgias; Fedro sente-se como se tivesse atingido seu objetivo. Finalmente, ele está onde queria.

Até agora, ele sentia que vinha sendo impelido por forças que não compreendia — forças messiânicas. Os dias tornaram-se fantasmagóricos e incoerentes, exceto no tocante à Qualidade. Nada importa a não ser a verdade nova, impressionante e abaladora que ele vai apresentar, e que o mundo, goste ou não, tem a obrigação de aceitar.

No diálogo, Górgias é um sofista com quem Sócrates dialoga. Sócrates sabe muito bem qual é a profissão de Górgias, e de que maneira ele a exerce, mas começa sua dialética das Vinte Perguntas inquirindo em que consiste a retórica. Górgias responde que ela diz respeito ao discurso. Em resposta a outra pergunta, afirma que ela visa à persuasão. Depois, a nova pergunta, responde que o seu lugar natural são os tribunais e outras assembléias. E, em resposta a ainda outra pergunta, diz que versa sobre a justiça e a injustiça. Tudo isso, simplesmente a versão de Górgias sobre o que geralmente faziam os chamados sofistas, transforma-se então sutilmente, através da dialética socrática em coisa muito diferente. A retórica tornou-se um objeto, e todo objeto tem partes que se relacionam umas com as outras de maneira imutável. Sente-se claramente neste diálogo como o bisturi analítico de Sócrates retalha a arte de Górgias, reduzindo-a a pedaços. Acima de tudo, percebe-se que esses pedaços formam a base da arte da retórica aristotélica.

Sócrates fora um dos ídolos da infância de Fedro, e ele ficou muito espantado e irritado de vê-lo participar de tal diálogo. Encheu as margens do texto de respostas suas, e deve ter ficado

bastante frustrado porque não havia modo de saber como prosseguiria o diálogo se Górgias tivesse respondido como ele. A certa altura, Sócrates pergunta a que tipo de coisas se referem as palavras usadas pela retórica. Górgias responde: "Às maiores e melhores." Fedro, sem dúvida percebendo a Qualidade desta resposta, rabiscou: "É isso mesmo!" na margem. Mas Sócrates replica que a resposta de Górgias é ambígua; que ele ainda não compreendeu. "Mentira!" escreve Fedro na margem, e indica ao lado a página de outro diálogo, onde Sócrates dá a entender que não poderia deixar de ter compreendido.

Sócrates não está usando a dialética para compreender a retórica, e sim para destruí-la, ou no mínimo para trazer o assunto a debate; portanto, suas perguntas não são verdadeiras perguntas — são apenas ciladas verbais, nas quais Górgias e seus companheiros sofistas vivem caindo. Fedro encoleriza-se com isso, e sente vontade de estar no lugar deles.

Na aula, o professor de filosofia, percebendo o aparente bom comportamento e a aplicação de Fedro, passa a crer que ele talvez não seja tão mau aluno. Comete o segundo erro. Resolve jogar um pouquinho com Fedro, perguntando-lhe o que acha da culinária. Sócrates demonstrou a Górgias que tanto a retórica quanto a culinária são ramos do lenocínio — ou alcovitice — porque excitam mais as paixões do que o verdadeiro conhecimento.

Em resposta à pergunta do professor, Fedro apresenta a declaração socrática de que a culinária é um ramo da alcovitice.

Uma das alunas solta uma risadinha contida, que desagrada a Fedro, porque ele sabe que o professor está tentando abordá-lo à moda dialética, como Sócrates fazia com seus interlocutores; e assim sendo, ele não pretendia ser engraçadinho, mas apenas refutar a abordagem dialética que o professor tenta impor. Fedro está pronto a apresentar detalhadamente os argumentos usados por Sócrates para justificar a idéia.

Mas o professor não quer nada disso. Quer começar um debate dialético em sala de aula, no qual ele, Fedro, é o retórico, derrubado pela força da dialética. Franzindo o cenho, ele volta à carga:

— Não. Eu estou perguntando se você realmente acha que uma refeição bem feita, servida no melhor dos restaurantes, é algo que se deva rejeitar.

— Você quer saber qual é a minha opinião? — estranha Fedro. Há meses, desde que o aluno inocente abandonou o curso, que

ninguém se arrisca a apresentar uma opinião pessoal na sala.

— É-é-é-é — responde o professor.

Fedro, calado, tenta encontrar uma resposta. Todos estão esperando. Os pensamentos dele correm à velocidade da luz, joeirando as opções dialéticas, experimentando uma jogada de abertura após outra, naquele jogo de xadrez dialético, percebendo que todos falham, procurando outras alternativas, cada vez mais rápido — mas tudo o que a turma observa é o seu silêncio. Afinal, meio sem jeito, o professor desiste da pergunta e começa a aula.

Fedro, porém, não presta atenção. Sua cabeça está a mil por hora, percorrendo as combinações dialéticas, uma após outra, descobrindo coisas, novos ramos e sub-ramos, explodindo de raiva a cada descoberta que constata a corrupção, a sordidez e a baixeza daquela "arte" chamada dialética. O professor, notando a expressão de Fedro, fica bastante assustado, e continua a aula com uma espécie de pavor. Os pensamentos de Fedro prosseguem, avançando cada vez mais, e constatando, afinal, a presença de uma coisa maligna, um mal profundamente arraigado dentro dele mesmo, que fingia tentar compreender o amor, a beleza, a verdade e a sabedoria, mas que tinha como objetivo real jamais compreendê-los, que visava apenas usurpar-lhes o lugar e sentar-se ela mesma no trono. Era a dialética — a usurpadora. Foi isso que ele compreendeu. Um parvenu, acotovelando tudo que diz respeito ao Bem e procurando contê-lo e controlá-lo. O Mal. O professor termina a aula mais cedo e abandona a sala às pressas.

Depois que os alunos saem, em silêncio, um por um, Fedro fica sozinho à enorme mesa redonda, até o sol desaparecer, deixando de iluminar o ar poluído que se vê pela janela, tornando a sala primeiro cinzenta, depois escura.

No dia seguinte ele espera a biblioteca abrir e depois começa a estudar furiosamente tudo o que havia antes de Platão, pela primeira vez. Lê o pouco que se conhece dos retóricos, que Platão tanto desprezava. E o que descobre começa a confirmar o que já intuíra a partir dos pensamentos que teve na noite anterior.

Muitos estudiosos já encararam com bastante reserva a condenação platônica em relação aos sofistas. O próprio presidente da banca insinua que os críticos que não têm certeza das intenções de Platão também não poderiam ter certeza das intenções dos interlocutores de Sócrates nos diálogos. Uma vez que Platão colocou suas palavras na boca de Sócrates (segundo Aristóteles), não havia razão para duvidar que ele também poderia ter colocado suas pa-

lavras em outras bocas.

Ao que parece, fragmentos dos escritos de outros pensadores antigos apresentavam juízos diferentes sobre os sofistas. Muitos dos sofistas mais velhos eram escolhidos como "embaixadores" de suas cidades, o que não era cargo para desprezar. Os próprios Platão e Sócrates eram também chamados sofistas, sem qualquer intenção de descrédito. Alguns historiadores mais recentes levantaram a hipótese de que Platão detestava os sofistas porque eles não podiam comparar-se a seu mestre, Sócrates, o maior de todos os sofistas. A Fedro, essa explicação pareceu deveras interessante, porém insatisfatória A gente não costuma abominar a escola de que nosso próprio mestre faz parte. Qual seria a verdadeira intenção de Platão? Fedro leu ainda mais sobre os pré-socráticos, para descobrir, e finalmente chegou à conclusão de que o ódio que Platão votava aos retóricos fazia parte de um conflito muito mais amplo, no qual a realidade do Bem, representada pelos sofistas, e a realidade da Verdade, representada pelos dialéticos, lutavam sem tréguas pela posse da mente humana. Como a Verdade venceu o Bem, hoje podemos facilmente aceitar a realidade da Verdade e dificilmente aceitar a da Qualidade, embora não haja maior concordância numa área do que na outra.

Para compreendermos como Fedro deduziu isto, é necessário prestar alguns esclarecimentos.

Em primeiro lugar, deve-se superar a idéia de que foi curto o tempo decorrido entre o último homem das cavernas e os primeiros filósofos gregos. Como não há documentação correspondente a esse período, fica-se com essa impressão. Porém, antes que os filósofos gregos entrassem em cena, durante um período pelo menos cinco vezes maior do que o da história documentada, desde os filósofos gregos, existiam civilizações bastante avançadas; com povoados, cidades, veículos, cavalos, feiras, campos cercados, implementos agrícolas e animais domésticos, essas pessoas levavam uma vida tão rica e variada quanto a dos habitantes da maioria das zonas rurais contemporâneas. E, assim como esses habitantes, eles não viam por que documentar isso, ou, se viam, escreveram textos que jamais foram encontrados. Assim, nada sabemos sobre eles. A Idade Média apenas retomou um estilo de vida natural que fora momentaneamente interrompido pelos gregos.

A filosofia grega primitiva representou a primeira busca consciente do eterno nos domínios humanos. Até aquela época, o eterno residia no âmbito dos deuses e dos mitos. Agora, porém, os gregos

se tornavam cada vez mais neutros com relação ao mundo que os cercava; houve um crescimento do poder de abstração, que lhes permitiu encarar o velho mythos grego não mais como uma verdade revelada, mas como obras de arte criadas pela imaginação. Tal consciência, que jamais existira em nenhuma outra parte do mundo, constituiu todo um novo nível de transcendência para a civilização grega.

Mas o mythos continua; o que destrói o velho mythos torna-se o novo mythos; e este novo mythos, transformado em filosofia pelos primeiros pensadores jônicos, assegurou sua permanência de uma nova forma. A permanência não se situava mais apenas nas mãos dos deuses imortais. Encontrava-se também nos Princípios Imortais, dos quais a nossa atual lei da gravidade é um exemplo.

Inicialmente, segundo Tales de Mileto, o Princípio Imortal era a água. Segundo Anaxímenes, era o ar. Os pitagóricos achavam que era o número, sendo os primeiros a encararem o Princípio Imortal como algo abstrato. Heráclito acreditava que era o fogo, e nele introduziu o elemento da transformação. Afirmava Heráclito que o mundo é um eterno conflito, uma tensão entre forças contrárias. Ainda segundo ele, existem o Uno e o Múltiplo; o Uno é a lei universal, imanente a todas as coisas. Anaxágoras foi o primeiro a identificar o Uno como nous, ou seja, a mente.

Parmênides fez notar, pela primeira vez, que o Princípio Imortal, o Uno, a Verdade, Deus, nada tem a ver com a aparência e a opinião, e a importância dessa separação e seus efeitos sobre a história subseqüente é incalculável. Foi aqui que a racionalidade clássica, pela primeira vez, se separou de suas origens românticas, afirmou que o Bem e a Verdade não são necessariamente idênticos, e seguiu seu próprio caminho. Anaxágoras e Parmênides influenciaram Sócrates, que concretizou essas idéias.

É fundamental compreender que até aquela época não existia a divisão entre mente e matéria, sujeito e objeto, forma e substância. Tais divisões são apenas invenções dialéticas, adotadas posteriormente. O pensamento contemporâneo às vezes tende a recusar-se a crer que tais dicotomias sejam invenções, dizendo: “Bem, os gregos apenas descobriram essas divisões.” Aí a gente pergunta: “E onde é que elas estavam? Mostre!” E o pensamento contemporâneo, meio atrapalhado, resolve que afinal não vale a pena discutir o caso, e continua acreditando que as divisões existiam.

Mas o fato é que, como Fedro dizia, elas não existiam. Eram apenas fantasmas, deuses imortais do mythos moderno, que nos

parecem reais porque estamos inseridos nesse mythos. Na realidade, porém, são criações artísticas, exatamente como os deuses antropomórficos que vieram substituir.

Os filósofos pré-socráticos até aqui mencionados buscavam todos estabelecer um Princípio Imortal universal no mundo externo que conheciam. Essas intenções comuns fizeram com que eles fossem reunidos num só grupo, o dos cosmólogos. Todos concordavam que tal princípio existia, mas as discordâncias em torno da sua natureza pareciam irreconciliáveis. Os discípulos de Heráclito acreditavam que o Princípio Imortal fosse a transformação e o movimento. Mas Zenão, discípulo de Parmênides, provou, através de uma série de paradoxos, que toda percepção de movimento e de mudança é ilusória. A realidade devia ser imutável.

A solução para a disputa dos cosmólogos veio de uma direção completamente nova, de um grupo que Fedro considerou ser o dos primeiros humanistas. Eram professores, mas o que ensinavam não eram princípios, e sim idéias humanas. Não queriam encontrar uma verdade absoluta, mas sim aprimorar o homem. Segundo eles, todos os princípios, todas as verdades, são relativas. “O homem é a medida de todas as coisas.” Eram eles os famosos professores de “sabedoria”, os sofistas da Grécia antiga.

Para Fedro, esta perspectiva a partir do conflito entre os sofistas e cosmólogos empresta uma dimensão completamente nova aos Diálogos de Platão. Sócrates não está apenas expondo idéias nobres no vazio. Está em meio a uma guerra entre aqueles que crêem que a verdade é absoluta e aqueles que crêem que ela é relativa. Está lutando com todas as armas que tem contra os sofistas. Eles é que são os inimigos.

Agora o ódio de Platão contra os sofistas faz sentido. Ele e Sócrates estão defendendo o Princípio Imortal dos cosmólogos contra o que eles consideram a decadência dos sofistas. A Verdade. O Conhecimento. Aquilo que independe do que qualquer um pense a seu respeito. O ideal pelo qual Sócrates morreu. O ideal que apenas a Grécia possui, pela primeira vez na história da humanidade. É ainda algo muito frágil. Corre o risco de desaparecer por completo. Platão abomina e ataca os sofistas livremente, não porque eles sejam pessoas baixas e imorais — existem certamente pessoas muito mais imorais e baixas na Grécia, sobre as quais ele não faz sequer um comentário. Insulta os sofistas porque eles ameaçam eliminar o tênue início da compreensão humana da idéia de Verdade. Isso é tudo.

Como resultado do martírio de Sócrates e dos conseqüentes escritos inigualáveis de Platão, surgiu nada mais, nada menos que todo o mundo ocidental conhecido. Se a idéia da verdade tivesse sido abandonada à míngua, sem ser retomada pelo Renascimento, talvez hoje não estivéssemos num nível muito diferente daquele em que se encontravam os trogloditas. As idéias da ciência e da tecnologia e outras iniciativas humanas sistematicamente organizadas têm na idéia da verdade o seu centro vital. Ela é o núcleo de todo o sistema.

E, no entanto, Fedro entende que aquilo que ele diz sobre a Qualidade de algum modo se opõe a tudo isso. Parece relacionar-se muito mais intimamente com o pensamento dos sofistas.

"O homem é a medida de todas as coisas." Era exatamente isso que ele estava dizendo sobre a Qualidade. O homem não é a origem de todas as coisas, conforme dizem os idealistas objetivos e os materialistas. A Qualidade que cria o mundo manifesta-se como uma relação entre o homem e sua experiência. Ele participa na criação de todas as coisas. A medida de todas as coisas — esse substantivo cabe perfeitamente. E eles ensinavam retórica — o que também se encaixa perfeitamente.

A única coisa que não se encaixa no que ele dizia e no que Platão dizia sobre os sofistas era que eles ensinavam a virtude. Segundo todos os relatos, esta matéria era absolutamente essencial para eles, mas como se pode ensinar a virtude, se ao mesmo tempo se defende a relatividade de todas as idéias? A virtude implica num absoluto ético. Uma pessoa cuja concepção do que é correto varia de um dia para o outro pode ser admirada por sua tolerância, nunca por sua virtude. Pelo menos, não no sentido que Fedro atribuía a esta última palavra. Ademais, como é que se poderia obter a virtude através da retórica? Isso não se explica em nenhum texto. Está faltando alguma coisa.

Sua procura leva-o a ler várias histórias da antiga Grécia, de maneira um tanto detetivesca, buscando apenas os fatos que podem auxiliá-lo, e descartando aqueles que não servem. Ele agora está lendo o livro de H.D.F. Kitto, Os gregos, uma brochura azul e branca que adquiriu por 50 centavos. O trecho em que ele está descreve "a essência da alma do herói homérico", a figura legendária da Grécia pré-decadente e pré-socrática. A luz inspiradora que irradia dessas páginas é tão intensa, que os heróis jamais foram esquecidos, e eu consigo lembrar-me deles sem qualquer esforço.

A Ilíada é a história do cerco de Tróia, cidade que será reduzi-

da a pó, e dos seus defensores, que morrerão na batalha. A esposa de Heitor, o comandante, diz a ele: “Vossa força será a vossa destruição, não tereis piedade nem do vosso filho nem da vossa triste esposa, que logo se tornará uma viúva. Pois logo os aqueus cairão sobre vós e vos matarão; mas perder-vos será para mim um golpe fatal.”

O marido responde:

“Bem o sei, e tenho certeza disto: aproxima-se o dia em que a cidade santa de Tróia perecerá, e com ela o rico Príamo e os nobres que o cercam. Porém, não choro tanto pelos troianos, nem pela própria Hécuba, nem por Príamo, o rei, nem pelos meus nobres irmãos, que serão trucidados pelo inimigo e ficarão estendidos no pó, nem tampouco por ti, quando um dos aqueus, com sua armadura de bronze, te raptar apesar do teu pranto, e puser fim a teus dias de liberdade. Poderás morar em Argos, trabalhar no tear, na casa de outra mulher, ou talvez carregar água para alguma dama da Messânia ou da Hipéria, muito contrariada: no entanto, estarás sob um forte jugo. E quando chorares, os homens dirão: ‘Eis a esposa de Heitor, o mais nobre guerreiro da guerra com os troianos amansadores de cavalos, no tempo em que eles defendiam Ílion.’ Eis o que eles dirão; e tua dor se renovará, pois terás ainda de lutar contra a escravidão, assim, sem marido. Eu, contudo, provavelmente morrerei, certamente ter-me-ão lançado a terra na cova antes que eu possa ouvir teus gemidos e saber das ofensas que te fazem.

“Assim falou o brilhante Heitor, estendendo os braços em direção ao filho. Mas a criança gritou, e encolheu-se no seio da ama bem cingida, apavorada ao ver seu querido pai todo vestido de bronze, com um penacho de crina que ondulava, terrível, a cair-lhe do elmo. O pai deu altas risadas, e a mãe também. Imediatamente, o brilhante Heitor retirou o elmo da cabeça, depositando-o no chão e, tendo beijado e embalado nos braços o filho amado, suplicou a Zeus e aos outros deuses: Ó Zeus e vós, ó deuses, fazei deste meu filho um troiano dos mais valorosos, como eu, e um homem poderoso, que exerça grande domínio em Ílion. Que digam os outros, quando ele retornar da batalha: ‘É melhor que o pai.’ “

“O que impulsiona o herói grego a praticar atos de heroísmo”, diz Kitto, “não é o senso de dever que conhecemos — o dever em relação aos outros; ao contrário, é um dever com relação a si mesmo. Ele luta para conseguir aquilo que designaríamos ‘virtude’, mas que os gregos chamam aretê, ou seja, superioridade. Teríamos

muito a dizer dobre a aretê. Ela permeia toda a vida grega."

Aqui, segundo Fedro, está uma definição de Qualidade que já existia mil anos antes que os dialéticos pensassem em submetê-la a suas argumentações maldosas. Quem não conseguir compreender este significado sem o definiens, o definendum e a differentia da lógica ou está mentindo, ou está tão isolado do comum da humanidade que já nem é capaz de receber qualquer resposta. Fedro fascina-se também com a descrição do motivo do "dever para consigo mesmo", tradução perfeita da palavra sânscrita dharma, às vezes identificada como o Um dos hindus. Seria o dharma dos hindus idêntico à "virtude" dos gregos antigos?

Fedro sentiu uma urgente necessidade de ler o trecho novamente, e aí... Mas o que é isso? "Aquilo que designaríamos 'virtude' , mas que os gregos chamam aretê, ou seja, a superioridade."

Agora está tudo claro!

Qualidade! Virtude! Dharma! Era aquilo que os sofistas ensinavam! Não o relativismo ético. Não a "virtude" pristina. Mas a aretê. A superioridade. O dharma! Anterior à Igreja da Razão. Anterior à substância. Anterior até mesmo à dialética. A Qualidade era absoluta. Aqueles primeiros professores do Ocidente estavam ensinando Qualidade, e por meio justamente da retórica. Ele estava agindo certo, o tempo todo.

A chuva estiou um pouco, de modo que podemos ver o horizonte, uma nítida linha separando o cinza pálido do céu do cinza mais escuro do mar.

Kitto dizia mais a respeito da aretê. "Ao encontrarmos a palavra aretê nos escritos de Platão, traduzimo-la como 'virtude' e, por conseguinte, diluímos completamente seu significado. 'Virtude', pelo menos atualmente, é uma palavra de conotação quase inteiramente moral; aretê, por sua vez, é usada sem reservas em todas as categorias, significando apenas 'superioridade'."

"Assim, o herói da Odisséia é um grande lutador, um astuto planejador, um orador decidido, um homem de coração valente e grande sabedoria, que sabe que deve suportar sem reclamar muito aquilo que os deuses enviam; ele sabe construir e velejar um barco, arar a terra tão bem como qualquer um, vencer um jovem fanfarrão no arremesso do disco, desafiar os jovens feácios para o pugilismo, a luta romana ou para a corrida; tosquiar, esfolar, esquartejar e cozinhar um boi e, ao mesmo tempo, comover-se às lágrimas ao

ouvir uma canção. Ele é, de fato, um excelente homem-dos-sete-instrumentos; tem uma aretê excepcional.

"A aretê implica no respeito pela integridade e unicidade da vida, e, conseqüentemente, no desprezo pela especialização. Implica no desprezo pela eficiência — ou antes, numa idéia muito mais elevada de eficiência, que existe não só em um aspecto da vida, mas na vida em si mesma."

Fedro lembrou-se de um trecho de Thoreau: "Nunca se ganha nada sem perder alguma coisa." E então começou a compreender pela primeira vez a inacreditável magnitude daquilo que o homem, ao adquirir o poder de entender e governar o mundo em termos de verdades analíticas, havia perdido. Ele construíra impérios de capacitação científica para manipular os fenômenos da natureza, transformando-os em monstruosas manifestações de seus próprios sonhos de poder e de riqueza — no entanto, para conquistar isso, tivera que ceder um império de compreensão de igual magnitude: a compreensão do que seja fazer parte do mundo, e não ser um inimigo dele.

Pode-se adquirir um pouco de paz de espírito apenas contemplando aquele horizonte. É uma linha traçada por um geômetra... Completamente regular, firme e conhecida. Talvez seja a linha original que inspirou Euclides na compreensão do comportamento das retas; uma linha de referência, que originou os primeiros cálculos dos primeiros astrônomos que elaboraram mapas celestes.

Fedro sabia, com a mesma certeza matemática sentida por Poincaré ao resolver as equações fuschianas, que aquela aretê grega era a peça que estava faltando no quebra-cabeça. Mas, mesmo assim, continuou a leitura, a título de complementação.

Agora, a auréola que pairava sobre a cabeça de Platão e Sócrates se desvaneceu por completo. Fedro percebe que eles vivem fazendo o mesmo de que acusam os sofistas — usando uma linguagem emotiva, com fins de persuasão, para fazer com que o argumento mais fraco, a defesa da dialética, pareça ser o mais forte. Sempre condenamos nos outros aquilo que mais tememos em nós mesmos, pensa ele.

Mas por quê? Por que destruir a aretê? E imediatamente lhe ocorre uma resposta. Platão não havia tentado destruir a aretê. Havia-a simplesmente confinado, transformado em uma idéia permanente, fixa, convertido numa Verdade Imortal rígida e imóvel. Criou a aretê do "Bem", a forma mais sublime, a Idéia mais sublime de todas, subordinada apenas à própria Verdade, numa síntese de

tudo que viera antes.

Por isso, a Qualidade que Fedro descobrira na sala de aula parecia tão semelhante ao Bem de Platão. O Bem platônico tinha origem no pensamento dos retóricos. Embora procurasse, Fedro não encontrou cosmólogos anteriores que tivessem falado sobre o Bem. A idéia fora dos sofistas. A diferença era que o Bem de Platão era uma idéia fixa, eterna e imutável, enquanto, para os retóricos, a aretê não era uma Idéia. O Bem não era uma forma de realidade. Era a própria realidade, sempre em transformação, definitivamente desconhecida sob qualquer forma fixa ou rígida.

Por que teria Platão feito isso? Fedro achava que a filosofia de Platão provinha de duas sínteses.

A primeira tentava resolver diferenças entre os discípulos de Heráclito e os de Parmênides. Ambas as escolas cosmológicas defendiam a Verdade Imortal. Para vencer a batalha pela Verdade, na qual a aretê é subordinada, Platão precisa primeiro resolver o conflito interno entre os que acreditam nessa Verdade. Para fazê-lo, ele diz que a Verdade Imortal não é apenas mudança, como afirmam os discípulos de Heráclito. Nem é apenas um ser imóvel, como queriam os discípulos de Parmênides. Ambos os tipos de Verdades Imortais coexistem sob a forma de Idéias, que são imutáveis, e de Aparências, que se modificam. Por isso, Platão julga necessário separar, por exemplo, a "essência eqüina" do "cavalo", e dizer que a essência eqüina é real e fixa, verdadeira e imutável, enquanto o cavalo é um fenômeno insignificante e transitório. A essência eqüina é a Idéia pura. O cavalo visível é um conjunto de Aparências mutáveis, um cavalo que pode fluir levemente e mover-se para perto daquilo que quiser, e até morrer ali mesmo, sem causar qualquer dano à essência eqüina, que é o Princípio Imortal, e que pode trotar para sempre na trilha dos deuses antigos.

A segunda síntese platônica é a inclusão da aretê dos sofistas nessa dicotomia de Idéias e Aparências. Ele concede a ela a posição da mais alta honra, subordinando-a apenas à própria Verdade e ao método através do qual se conhece a Verdade, a dialética. Mas nessa tentativa de fundir o Bem e a Verdade, colocando o Bem como a Idéia suprema, Platão está usurpando o lugar da aretê, ao substituí-la pela verdade dialeticamente determinada. Uma vez transformada numa idéia dialética, torna-se mais fácil surgir outro filósofo que mostre através de métodos dialéticos que a aretê, o Bem, pode ser rebaixada com vantagem para uma posição inferior, dentro da "verdadeira" ordem das coisas, e mais compatível com o

funcionamento íntimo da dialética. Tal filósofo não tardaria a surgir. Foi Aristóteles.

Aristóteles achava que o cavalo mortal da Aparência, que comia capim e dava à luz potros, merecia muito mais atenção do que a que Platão lhe concedia. Segundo Aristóteles, o cavalo não era simples Aparência. As Aparências se ligam a algo que seja imutável. Esse "algo" a que as Aparências se ligam é a chamada "substância". E foi nesse momento, exatamente nesse momento, que nasceu nossa moderna compreensão científica da realidade.

Para Aristóteles, o "Leitor", cujo conhecimento da aretê troiana parece ser conspicuamente nulo, tudo são formas e substâncias. O Bem é um ramo relativamente secundário do conhecimento, denominado ética; ele visa principalmente a razão, a lógica, o conhecimento. A aretê morre, e são estabelecidos os princípios da ciência, da lógica e da universidade que hoje conhecemos: descobrir e criar uma infindável proliferação de formas com base nos elementos substantivos do mundo, denominar essas formas de conhecimento e transmitir o "sistema" assim formado para as futuras gerações.

E a retórica? Coitada da retórica, que, antes auto-suficiente, agora limita-se a ensinar maneirismos e formas, formas aristotélicas, para a escrita, como se isso tivesse alguma importância. Cinco erros de ortografia, lembrou Fedro, ou uma frase inacabada, ou três adjetivos fora do lugar, ou... e daí por diante. Qualquer desses "equívocos" era suficiente para informar a um aluno que ele não sabia retórica. Afinal de contas, a retórica é isso, não é? Naturalmente a "retórica vazia", isto é, a retórica que busca emocionar sem submeter-se adequadamente à verdade dialética, mas ninguém quer saber disso, não é? Porque senão, ficaríamos parecidos com aqueles mentirosos, mistificadores, da Grécia antiga, os sofistas — lembram-se deles? Aprenderemos a Verdade em nossos outros cursos acadêmicos e depois, um pouco de retórica, para escrever bonito sobre a Verdade e impressionar nossos patrões, para que eles nos promovam.

Formas e maneirismos — detestados pelos melhores, adorados pelos piores. Anos e anos, décadas e décadas de "leitores" de primeira fila, com sorrisos fingidos, brandindo canetas bonitas, tudo para conseguir o seu A aristotélico, enquanto aqueles que possuem a verdadeira aretê ficam em silêncio, sentados lá no fundo, imaginando o que há de errado com eles, que não conseguem gostar dessa matéria.

E hoje, numa das poucas universidades que ainda se dão ao trabalho de ensinar a ética clássica, os alunos, seguindo os trilhos de Platão e Aristóteles, ficam só enrolando, ao fazer aquela velha pergunta que na Grécia antiga nunca precisava ser feita: "O que é o Bem? Como defini-lo? Já que existem tantas definições, como saber se ele existe mesmo? Alguns dizem que ele está na felicidade, mas como definir felicidade? A felicidade e o Bem não são termos objetivos. Não podemos manipulá-los em bases científicas. Como eles não são objetivos, existem apenas nas nossas idéias. Portanto, se você quiser ser feliz, mude de idéia. Ha, ha, ha..."

A ética de Aristóteles, as definições de Aristóteles, a lógica de Aristóteles, as substâncias de Aristóteles, a retórica de Aristóteles, o riso de Aristóteles... ha, ha, ha, ha, ha.

E os ossos dos sofistas já transformados em pó há muito tempo, tudo o que disseram pulverizado junto com eles e sepultado sob as ruínas da Atenas decadente, antes da sua queda, e da Macedônia, antes da sua decadência e queda. Antes da decadência e queda do Império Romano, do Império Bizantino, do Império Otomano e dos Estados modernos — sepultado em tal profundidade, e com tamanha pompa, afetação e maldade, que apenas um louco, séculos mais tarde, poderia descobrir as pistas necessárias para desenterrar essas cinzas e constatar, com horror, o que havia acontecido.

A estrada agora está tão escura que eu sou obrigado a acender o farol para enxergá-la através da chuva e da neblina.

Capítulo 30

Em Arcata, entramos numa pequena lanchonete, fria e úmida, comemos chile com feijão e tomamos café.

Depois voltamos à estrada, agora uma expressa, rápida e molhada. Vamos às cercanias de São Francisco, e lá paramos.

A via assume estranhos reflexos sob a chuva, devido à aproximação das luzes através do alambrado do canteiro central. Os pingos batem como bolas de chumbo no visor, onde as luzes sofrem uma refração que forma estranhas ondas, a princípio circulares, e depois semicirculares, à medida que vão passando. Século XX. Ele está sempre presente à nossa volta. É hora de terminar esta odisséia contemporânea de Fedro, de uma vez por todas.

Na aula seguinte de Idéias e Métodos 251, Retórica, naquela ampla mesa redonda, na zona sul de Chicago, uma das secretárias do departamento veio avisar que o professor faltara por motivo de doença. Na semana seguinte, ele continuou doente. Os alunos remanescentes, meio desnorteados, reduzidos a um terço do número original, atravessaram a rua, por iniciativa própria, para tomar café.

A mesa do bar, um aluno que Fedro considerava brilhante mas meio metido a besta, disse:

— Para mim, este está sendo o curso mais desagradável que eu já fiz.

Com uma rabugice feminina, parecia estar fazendo pouco de Fedro, por considerá-lo culpado de estragar um curso que poderia ter sido tão interessante.

— Concordo inteiramente com você — respondeu Fedro. Depois ficou esperando algum tipo de agressão, mas nada aconteceu.

Os outros estudantes pareciam sentir que Fedro era o causa-

dor de tudo aquilo, mas não tinham como continuar. Aí uma aluna mais velha, sentada na extremidade oposta da mesa, perguntou-lhe por que estava fazendo o curso.

— É o que estou tentando descobrir — foi a resposta.

— Você estuda em regime integral?

— Não, eu leciono em período integral, em Navy Pier.

— Você ensina o quê?

— Retórica.

Ela se interrompeu e todos olharam para ele, em silêncio.

Passou o mês de novembro. As folhas, de um lindo laranja ensolarado em outubro, caíram das árvores, deixando os ramos nus expostos aos frios ventos do norte. Caíram as primeiras neves e, depois que derreteram, uma cidade triste aguardou a chegada do inverno.

Eles tinham outro diálogo platônico para ler, enquanto o professor de filosofia não voltava. Era o diálogo Fedro, que nada tinha a ver com o nosso Fedro, uma vez que o nome dele não era esse. O Fedro grego não é um sofista, mas um jovem orador que contrasta com Sócrates nesse diálogo sobre a natureza do amor e sobre a possibilidade da retórica filosófica. Fedro não parece lá muito inteligente, e não tem o mínimo senso de Qualidade retórica, pois reproduz de memória um discurso bastante ruim do orador Lísias. Mas logo se entende que esse discurso é apenas um artifício, um pretexto para Sócrates apresentar o seu discurso, que é muito melhor, e depois um outro, ainda melhor que esse, um dos discursos mais belos dos Diálogos de Platão.

Além disso, a única coisa notável em Fedro é a sua personalidade. Platão geralmente dá nomes aos interlocutores de Sócrates de acordo com as características de sua personalidade. O interlocutor jovem, prolixo, ingênuo e afável do Górgias chama-se Pólus, que em grego quer dizer “potro”. A personalidade de Fedro é diferente. Ele não faz parte de nenhum grupo determinado. Prefere a solidão do campo à cidade. É agressivo a ponto de tornar-se perigoso. A certa altura até ameaça agredir Sócrates. Fedro, em grego, significa “lobo”. Neste diálogo, ele se deixa arrebatar pelo discurso socrático sobre o amor, e é domesticado.

Nosso Fedro lê o diálogo e fica profundamente impressionado com as magníficas imagens poéticas. Mas não se deixa cativar por elas, porque fareja o cheiro da hipocrisia. O discurso não tem um fim em si mesmo, é utilizado para condenar aquele mesmo domínio afetivo do entendimento a que sua retórica atrai. As paixões são

tachadas de destruidoras do entendimento; Fedro fica a imaginar se não teria começado aqui a condenação das paixões, tão inerente ao pensamento ocidental. Provavelmente, não. A tensão entre o pensamento e a emoção dos antigos gregos é considerada em geral como inerente à cultura e aos costumes gregos. Interessante.

Na semana seguinte, o professor continua faltando, e Fedro aproveita o tempo para concentrar-se no trabalho, na universidade de Illinois.

Na outra semana, na livraria da universidade de Chicago, em frente ao local onde são dadas as aulas, Fedro vê dois olhos escuros fixos nele, através de uma estante. Ao ver o rosto inteiro, Fedro reconhece o estudante inocente que havia levado aquela tunda verbal no início do trimestre, e que depois desaparecera. Aquele rosto tem uma expressão de quem parece conhecer algo que Fedro não conhece. Fedro aproxima-se para falar-lhe, mas ele se afasta e sai, deixando Fedro intrigado. E nervoso. Talvez ele esteja apenas cansado e apreensivo. O esforço de ensinar em Navy Pier, mais o esforço para desbaratar toda a estrutura do pensamento acadêmico ocidental na universidade de Chicago, o estão obrigando a trabalhar e estudar vinte horas por dia, sem dar a devida atenção à alimentação e aos exercícios físicos. Talvez seja só o cansaço que o esteja fazendo pensar que havia algo de estranho naquele rosto.

Mas ao atravessar a rua para ir à sua sala, sente que o rosto o segue, uns vinte passos atrás. Há alguma coisa errada.

Fedro entra na sala e fica aguardando. Logo, chega o estudante, afinal de volta depois de tantas semanas. Naturalmente, ele não espera recuperar sua reputação agora. O estudante olha para Fedro com um meio sorriso. Tudo bem, ele tem o direito de achar graça em alguma coisa.

Ouvem-se alguns passos na entrada, e então Fedro subitamente descobre o que é — sentindo as pernas bambas e as mãos trêmulas. Sorrindo afavelmente na porta está nada mais, nada menos que o presidente da banca de Análise de Idéias e Estudo de Métodos da universidade de Chicago. Ele é que vai dar aula agora.

Então, era isso. Agora é que eles iam atirar Fedro pela porta da frente.

Digno, magnífico, com um ar de magnanimidade imperial, o presidente fica um momento parado à entrada e depois começa a conversar com um aluno que aparentemente o conhece. Ele sorri, enquanto, desviando o olhar, percorre a sala de aula, como se procurasse descobrir outro conhecido; balança a cabeça e depois solta

umas risadinhas, à espera de que soe o sinal.

É por isso que aquele estudante está aqui. Contaram-lhe por que tinha levado aquela cossa imerecida e, só para mostrar como são bonzinhos, reservaram-lhe um lugar na primeira fila para assistir à surra que vão dar no Fedro.

Mas como é que eles vão fazer? Fedro já está sabendo. Primeiro, vão destruir o status dele dialeticamente, na frente da sala, mostrando como ele sabe pouco sobre Platão e Aristóteles. Não vai haver nenhum problema. Naturalmente, sabem umas cem vezes mais sobre Platão e Aristóteles do que ele jamais saberá. Estudaram isso a vida inteira...

Depois, quando o tiverem retalhado na base da dialética, vão exigir que ele se adapte ou salte fora. Depois, vão fazer mais algumas perguntas, para as quais ele também não encontrará resposta. Aí, vão insinuar que, como o aproveitamento dele é tão ruim, será melhor ele se abster de comparecer às aulas, e se retirar imediatamente. Dentro das variações possíveis, é esse o modelo básico. É muito fácil.

Bem, ele aprendeu muita coisa, e foi para isso que veio. Agora pode elaborar essa tese de outra maneira. Assim pensando, a fraqueza passa e Fedro se acalma.

Fedro deixou crescer a barba, detalhe que o presidente desconhece, de maneira que ainda não o reconheceu. Mas isso não é vantagem. O presidente não tardará a localizá-lo.

O presidente tira o casaco com o maior cuidado, senta-se numa cadeira do outro lado da enorme mesa redonda, depois passa meio minuto recheando o velho cachimbo. Pode-se notar que ele tem o costume de fazer isso.

Ele dedica um minuto de atenção à turma, estudando os rostos dos alunos com um olhar sorridente e hipnótico, sondando o ambiente, mas sentindo que ainda não é hora. E recheia mais o cachimbo, sem pressa.

Logo chega o momento. Acende o cachimbo, e num instante o cheiro da fumaça invade a sala.

Finalmente, ele fala:

— Ao que sei, hoje iniciaremos o debate sobre o imortal Fedro. — Olha para um aluno de cada vez. — Não é isso?

Os alunos, timidamente, concordam. Ele tem uma personalidade incrível.

Passa, então, a desculpar-se pela ausência do outro professor, e esquematiza o que virá a seguir. Como já conhece o diálogo,

diz que vai dirigir à classe perguntas relativas à compreensão de texto.

Para Fedro, essa será a melhor maneira de fazê-lo. Desse modo pode-se conhecer os estudantes um por um. Felizmente, Fedro estudou o diálogo com tanto esmero que quase chegou a decorá-lo.

O presidente está certo. É um diálogo imortal, estranho e enigmático à primeira vista, mas que depois nos penetra com força cada vez maior, como a própria verdade. A Qualidade de Fedro parece corresponder à alma de Sócrates, que se movimenta a si mesma e dá origem a todas as coisas. Não existe contradição. Entre os termos nucleares das filosofias monistas ela jamais pode existir. O Um indiano revelou ser idêntico ao Um grego. Se não for, passam a existir dois. Os monistas só discordam quanto às características do Um, não quanto ao Um em si. Como ele é a origem de todas as coisas, não pode ser definido em termos das coisas por ele abrangidas, já que qualquer coisa usada para defini-lo descreverá sempre algo menor do que ele. O Um só pode ser descrito em termos alegóricos, através de analogias, de figuras de imaginação e de retórica. Sócrates escolhe uma analogia baseada na oposição céu-e-terra, demonstrando como os indivíduos são atraídos para o Um por um carro puxado por dois cavalos...

O presidente, entretanto, dirige uma pergunta ao aluno ao lado de Fedro. Está fornecendo a isca, provocando-o.

Mas o estudante, confundido com outra pessoa, não a morde, e o presidente, com grande desgosto e frustração finalmente o dispensa, censurando-o por não ter lido o texto direito.

É a vez de Fedro. Ele está incrivelmente tranqüilo. O presidente encarrega-o de explicar o diálogo.

— Gostaria de começar novamente, à minha maneira — diz ele, em parte para esconder o fato de que não ouviu o que o outro aluno dissera.

O presidente, interpretando isso como uma censura ao estudante anterior, sorri e diz, com desdém, que certamente será uma boa idéia.

Fedro prossegue.

— Creio que neste diálogo o personagem de Fedro é caracterizado como um lobo.

Fala numa voz bastante alta, com um quê de irritação, e o presidente sobressalta-se. Fedro marcou o primeiro ponto!

— Sim — concorda o presidente; e pelo brilho de seus olhos,

Fedro nota que foi reconhecido. — Fedro, em grego, quer dizer lobo. Muito perspicaz, essa sua observação. — Ele começa a recobrar a compostura. — Continue.

— Fedro encontra Sócrates, que conhece apenas os caminhos da cidade, e o leva para o campo, onde começa a declamar um discurso do orador Lísias, um ídolo seu. Sócrates lhe pede que leia o discurso e Fedro obedece.

— Chega — interrompe o presidente, já inteiramente recuperado. — Você está apresentando o enredo, não o diálogo. — E chama outro.

Nenhum dos alunos parece saber o que o presidente quer que eles saibam sobre o diálogo. E então, com uma tristeza fingida, ele diz que todos precisam fazer uma leitura mais cuidadosa; desta vez os ajudará, dando-se ao trabalho de explicar pessoalmente o diálogo. Isso alivia bastante a tensão que ele criou com tanto cuidado, e a turma inteira está agora em suas mãos.

O presidente passa então a revelar o significado do diálogo, numa intensa concentração. Fedro escuta-o, totalmente absorto.

Contudo, logo começa a se desinteressar. É que se insinuou um quê de hipocrisia na explicação. A princípio, Fedro não descobre o que é, mas logo percebe que o presidente omitiu completamente a descrição que Sócrates faz do Um, e saltou para a alegoria do carro e dos cavalos.

Nela, o carro do indivíduo que busca o Um é tirado por dois cavalos, um branco, nobre e comedido, o outro escuro, rude e teimoso. O primeiro sempre ajuda o asceta a subir aos portais do céu, mas o outro insiste em confundi-lo. O presidente, embora ainda não tenha chegado a esse ponto, está para dizer que o cavalo branco é a razão comedida e o preto, a paixão, a emoção obscura. Está para dizer isso, mas aquela nota de hipocrisia logo se transforma num concerto.

Ele volta atrás e reafirma:

— Agora, Sócrates jurou pelos deuses que está dizendo a verdade. Fez um juramento, e se o que disser a seguir for mentira, sua alma estará perdida.

É uma CILADA! Ele está usando o diálogo para provar a santidade da razão! Uma vez assentado isso, vai passar a questionar o que seja a razão, e daí a Aristóteles, é um pulo!

Fedro ergue o braço, mão espalmada, cotovelo apoiado na mesa. A mão, antes trêmula, está mortalmente tranqüila. Fedro sente que está assinando oficialmente a sua sentença de morte,

mas sabe que se não se manifestar terá de assinar um outro tipo de condenação.

O presidente vê a mão, surpreso, e fica perturbado, mas permite que Fedro fale. E ele declara:

— Tudo isso não passa de uma analogia.

Silêncio profundo. O presidente parece confuso.

— O quê? — pergunta. Quebrou-se o encanto da representação.

— Toda essa descrição do carro e dos cavalos não passa de uma analogia.

— O quê?! — repete ele; e depois, levantando a voz: — É a verdade! Sócrates jurou aos deuses que é a verdade!

— Mas o próprio Sócrates diz que é uma analogia — replica Fedro.

— Se você ler o diálogo, descobrirá que Sócrates afirma especificamente que é a Verdade.

— Sim, mas antes disso... creio que dois parágrafos... ele afirma que é uma analogia.

O texto está sobre a mesa, para ser consultado, mas o presidente tem a prudência de não fazê-lo, porque se o fizer e estiver errado, sua reputação perante a classe vai por água abaixo. Foi ele mesmo quem disse que ninguém leu o texto direito.

Retórica, 1; Dialética, 0.

É fantástico ter-se lembrado disso, pensa Fedro. Simplesmente arrasa toda a posição dialética. Talvez seja este o xis da questão. É claro que é uma analogia. Tudo é uma analogia. Só que os dialéticos não sabem disso. Eis por que o presidente omitiu a declaração de Sócrates. Fedro a havia captado e evocado porque, se Sócrates não a houvesse feito, não estaria dizendo a "Verdade".

Ninguém percebeu ainda, mas não tardarão a notar que o Presidente da banca de Análise de Idéias e Estudo de Métodos acabou de ser alvejado em plena sala de aula.

Ele perdeu a fala. Não consegue nem encontrar o quer dizer. O silêncio que favoreceu o enaltecimento da sua imagem no início da aula, agora o está destruindo. Ele não entende de onde veio o tiro. Nunca teve de enfrentar um sofista em carne e osso. Apenas sofistas mortos.

Agora, está tentando agarrar-se a alguma coisa, mas não encontra nada. Seu próprio impulso o empurrou para a beira de um abismo, e quando finalmente acha palavras, transforma-se em outro tipo de pessoa: num colegial que esqueceu a lição, fez o dever

errado, mas que, mesmo assim, gostaria de ser perdoado.

Tenta enganar a turma, fazendo o mesmo tipo de declaração que tinha feito antes: eles não tinham estudado direito. O estudante à direita de Fedro, porém, balança a cabeça, reprovando. É óbvio que pelo menos uma pessoa estudou direito.

O presidente gagueja e hesita, com medo da reação da turma, e, na verdade, não se entrosa com ela. Fedro fica a imaginar quais serão as conseqüências.

E então, vê acontecer uma coisa bastante negativa. Aquele estudante inocente, que antes o observava, deixou de ser tão ingênuo. Começa a zombar do presidente e a fazer-lhe perguntas sarcásticas e maldosas. O presidente, já mutilado, está sendo trucidado. Mas Fedro percebe que, no fundo, a vítima seria ele.

Não sente pena, apenas asco. Quando um pastor vai matar um lobo e leva o cachorro para assistir à cena, deve procurar evitar erros. O cachorro tem certas afinidades com o lobo que o pastor pode ter esquecido.

Uma das alunas vem em socorro do presidente, perguntando coisas fáceis. Ele, aliviado, responde minuciosamente e, aos poucos, vai se recuperando.

Então alguém lhe pergunta:

— O que é dialética?

Ele reflete, e depois, Nossa Senhora!, volta-se para Fedro e pede-lhe que responda, se não se importar.

— O senhor quer a minha opinião pessoal? — pergunta Fedro.

— Não... Digamos, a opinião de Aristóteles.

Acabaram-se os subterfúgios. Agora pretende trazer Fedro para o campo dele e arrasá-lo.

— Que eu saiba... — diz Fedro. interrompendo-se.

— Sim? — O presidente é todo sorrisos. A armadilha está pronta.

— Que eu saiba, segundo Aristóteles, a dialética vem antes de qualquer outra coisa.

A fisionomia do presidente muda, em questão de meio segundo, da afetação para o assombro, e depois para a raiva. O caçador caiu outra vez na sua própria armadilha. Ele não pode acabar com Fedro refutando uma citação de um artigo da Enciclopédia Britânica escrito por ele mesmo.

Retórica, 2; Dialética, 0.

— E da dialética provêm as formas — prossegue Fedro. — E

das... — Mas o presidente o interrompe. Vendo que não consegue controlar a situação, resolve desistir.

Ele não me devia ter interrompido, pensa Fedro. Se estivesse mesmo em busca da Verdade, e não defendendo um determinado ponto de vista, ele não teria feito isso. Precisa aprender que, uma vez estabelecido que “a dialética vem antes de qualquer outra coisa”, essa própria afirmação se transforma numa entidade dialética, sujeita a um questionamento dialético.

Fedro sentiu vontade de perguntar como se poderia provar que o método dialético, por perguntas e respostas, para atingir a verdade, vinha antes de mais nada. Não há nenhuma prova disso. E quando essa afirmação é isolada e submetida também a investigação, ela se torna nitidamente ridícula. Eis a dialética, como a lei da gravidade, flutuando sozinha no nada, dando origem a todo o universo. Que tal? Coisa mais estúpida!

A dialética, que é parente da lógica, veio da retórica. A retórica, por sua vez, é filha dos mitos e da poesia da Grécia antiga. Tal é a explicação histórica, e também lógica. A poesia e os mitos são a resposta de um povo pré-histórico ao universo que o cerca, feita com base na Qualidade. É a Qualidade, e não a dialética, que gera tudo o que conhecemos.

Ao fim da aula, o presidente posta-se ao lado da porta e fica respondendo a perguntas. Fedro quase se aproxima para dizer alguma coisa, mas se contém. Os golpes que se leva pela vida afora tendem a desestimular-nos a buscar qualquer relacionamento desnecessário que nos possa ferir mais. Não se disse, nem se insinuou qualquer coisa agradável, e houve muita agressividade.

Fedro, o lobo. Até que combina. Voltando a passos leves para seu apartamento, ele percebe que o epíteto se aplica cada vez mais. Não teria ficado satisfeito se eles se maravilhassem com a tese. A agressividade é o seu elemento. É, sim. Fedro, o lobo, sim, vindo das montanhas para atacar os pobres cidadãos desta comunidade intelectual. Combina perfeitamente.

A Igreja da Razão, como todas as instituições do sistema, não se baseia na força individual, mas na fraqueza de cada um. O que ela exige, no fundo, não é capacidade, mas incapacidade. Só então é que consideram a gente pessoas ensináveis. Uma pessoa realmente capaz representa sempre uma ameaça. Fedro entende que jogou fora a oportunidade de se integrar na organização, submetendo-se a qualquer idéia aristotélica que se supunha que ele fosse adotar. Mas essa espécie de oportunidade não vale as mesuras, os rapapés

e a prostração intelectual necessários para mantê-la. É uma forma de vida de baixa qualidade.

Para ele, a Qualidade se encontra antes no limite das florestas do que aqui, empanada pelas janelas enfumaçadas e por oceanos de palavras; ele sente que aquilo de que está falando jamais será realmente aceito aqui, porque para entender isso é preciso libertar-se do controle social, e esta é uma instituição de controle social. O pastor está anunciando Qualidade às ovelhas. E quando a gente leva uma ovelha para a orla da floresta, nas montanhas, à noite, em meio a um vento tempestuoso, ela quase morre de susto, e fica balindo, balindo, balindo até que venha o pastor ou o lobo.

Ele chega a fazer uma última tentativa de ser agradável na aula seguinte, mas o presidente não está com a mesma disposição. Fedro lhe pede que explique um determinado aspecto, dizendo que não foi capaz de entendê-lo. Ele bem que entendeu, mas acha que será gentil de sua parte ser um pouco condescendente.

A resposta é:

— Talvez seja porque você estava cansado!

O tom é bem causticante, mas não chega a queimar. O presidente está simplesmente condenando em Fedro aquilo que mais teme em si mesmo. Durante o resto da aula, Fedro fica olhando pela janela, com pena desse velho pastor e de suas ovelhas e cães estudantes. E com pena de si mesmo, porque jamais será como eles. Ao soar do sinal, levanta-se e deixa a sala, para nunca mais voltar.

As aulas de Navy Pier, porém, vão de vento em popa, os alunos escutando atentamente essa estranha e barbada criatura das montanhas que lhes conta que existe neste universo uma coisa chamada Qualidade, e que eles sabem o que é. Eles não sabem o que fazer disso, ficam inseguros, alguns sentem medo do homem. Sentem que ele é meio perigoso, mas estão todos fascinados e querem ouvir mais.

Fedro, contudo, também não é pastor, e o esforço de se comportar como um o está destroçando. Uma coisa esquisita, que sempre aconteceu nas aulas, passa a acontecer novamente; os alunos indisciplinados e desordeiros do fundo da sala simpatizam com ele e se tornam seus favoritos, enquanto os mais mansos e obedientes das primeiras filas se apavoram com ele, que por isso os despreza, mesmo que no fim os cordeirinhos passem de ano e os desordeiros seus amigos sejam reprovados. E Fedro, embora mesmo agora não queira admitir isso a si próprio, tem a impressão de que seus dias

de pastor estão contados. Cada vez mais, ele se pergunta o que estará para acontecer.

Ele sempre temeu o silêncio na sala de aula, do tipo que destruiu o presidente. Não possui o dom de falar, falar, falar, durante horas a fio, e fica exausto ao fazê-lo; agora, não tendo mais em que se concentrar, entrega-se a esse medo.

Fedro chega à sala de aula, a campainha toca, e ele se senta, mudo. E assim fica a aula inteira. Alguns estudantes o provocam um pouco, para estimulá-lo, mas logo se aquietam. Outros ficam fora de si, apavorados. Ao esgotar-se o tempo, a turma em peso se levanta e corre para a porta. Depois ele vai para a sala seguinte, onde acontece a mesma coisa. O mesmo na outra. Na outra, também. Depois, Fedro finalmente volta para casa. E fica imaginando só o que sucederá.

Chega o Dia de Ação de Graças.

Ele, que antes dormia quatro horas, passa a dormir duas, e depois já não dorme mais. Está tudo acabado. Não voltará a estudar a retórica aristotélica. E nem a lecionar retórica. Tudo está consumado. Ele começa a vaguear pelas ruas, a cabeça num torvelinho.

A cidade agora se fecha sobre ele, e, nessa bizarra perspectiva, transforma-se na antítese daquilo em que ele acredita. Na cidadela, não da Qualidade, mas da forma e da substância. Substância na forma de vigas e placas de metal e aço, substância na forma de embarcadouros e estradas de concreto, na forma de tijolos, de asfalto, de peças de automóveis, de rádios antigos, de trilhos, de carcaças de animais mortos que antes pastavam nas pradarias. Forma e substância sem Qualidade. É o que constitui a essência deste lugar. Cego, imenso, sinistro e desumano: visto à luz das chamas que incendeiam a noite, vindas das chaminés dos altos fornos ao sul, através da grossa fumaça de carvão, cada vez mais espessa e densa à luminosidade dos letreiros a neon de bares, pizzarias e lavanderias, e de letreiros desconhecidos e sem sentido, espalhados por ruas retas e sem sentido, que levam a outras ruas que se alongam rumo ao infinito.

Se tudo fosse feito de tijolos, concreto, formas puras de substância, clara e abertamente, ele teria talvez alguma chance de sobrevivência. O pior são as débeis e patéticas tentativas de mostrar qualidade. Aquela lareira falsa de gesso no apartamento dele, muito bonitinha, à espera de uma chama que jamais poderá ser acesa. Aquela sebe em frente ao edifício, com um mísero canteiro

de grama atrás. Um gramadinho daqueles, perto de Montana, era o mesmo que nada. Se ao menos tirassem aquela sebe e aquela grama dali, tudo se tornaria mais aceitável. Agora elas servem apenas para lembrar algo que se perdeu.

Pelas ruas que o levam para longe do seu edifício, ele não consegue mais enxergar nada através do concreto, dos tijolos e do neon, mas sabe que ali soterradas estão almas grotescas e torturadas, tentando sempre imitar a Qualidade, para convencer-se de que a possuem, aprendendo atitudes esquisitas, sempre sofisticadas e charmosas, vendidas por revistas fantásticas e por outros meios de comunicação de massa, e pagas pelos vendedores de substância. Ele pensa nessas pessoas, sozinhas à noite, já sem seus sapatos, suas meias e suas roupas íntimas chiques e modernas, espreitando pelas janelas empoeiradas as grotescas cascas que se deixam entrever pelos vidros, quando os trejeitos desaparecem e a verdade surge, a única verdade que aqui existe, clamando aos céus: Oh, meu Deus, aqui não há nada senão estes tijolos, este cimento e este neon. Tudo está morto.

Ele começa a perder a noção do tempo. As vezes seus pensamentos voam a uma velocidade próxima à da luz. Mas, ao tentar tomar decisões imediatas e práticas, cada pensamento parece que leva vários minutos para brotar. Na sua mente começa a desenvolver-se uma única idéia, inspirada em algum trecho do diálogo Fedro:

"E o que está bem escrito e o que está mal escrito — será que precisamos pedir a Lísias ou a qualquer outro orador ou poeta que já tenha escrito ou que escreverá uma obra política ou de outro tipo, com métrica ou sem, seja ele poeta ou prosador, que nos ensine a diferença?"

O que é bom, Fedro, e o que não é bom — será preciso pedir a alguém que nos ensine isso?

Foi o que ele disse meses antes numa sala de aula em Montana, uma mensagem que Platão e todos os dialéticos posteriores omitiram, por procurarem apenas definir o Bem em termos de sua relação intelectual com as coisas. Agora ele mede o progresso que fez a partir desse ponto e constata que andou cometendo os mesmos erros. Seu objetivo original era manter a Qualidade indefinível, mas, ao bater-se contra os dialéticos, ele havia feito declarações, e cada uma dessas declarações era um tijolo no muro que ele estava construindo em torno da Qualidade. Qualquer tentativa de desenvolver um raciocínio sistemático em torno de uma Qualidade

indefinida está fadada ao fracasso. A própria organização racional rejeita a Qualidade. Tudo que ele vinha tentando fazer desde o início era uma grande tolice.

No terceiro dia, ao dobrar uma esquina num cruzamento desconhecido, sua vista escurece. Quando volta a clarear, ele vê que está caído na calçada, as pessoas passando ao seu redor, como se ele nem estivesse ali. Esgotado, ele se levanta e tenta implacavelmente lembrar-se do caminho de volta para casa. Seus pensamentos diminuem de velocidade. Cada vez mais. Foi nessa época que ele e Chris tentaram encontrar os beliches para crianças. Depois daquele dia, ele nunca mais sai do apartamento.

Com o olhar fixo na parede, as pernas cruzadas sobre um cobertor xadrez estendido no chão de um quarto sem cama, ele sente que todas as pontes foram queimadas, que não há como retornar. E nem como prosseguir.

Fedro passa três dias e três noites fitando a parede do quarto, os pensamentos estagnados, concentrados apenas no momento presente. A esposa pergunta-lhe se está sentindo alguma coisa, e ele não responde. Ela se zanga, mas Fedro escuta tudo em silêncio. Embora entenda o que ela diz, não consegue mais reagir. Agora, além dos pensamentos, seus desejos começam também a diminuir cada vez mais, como se adquirissem uma massa imponderável. Um peso, um cansaço, mas nada de sono. Ele se sente um gigante com um milhão de léguas de altura, a espraiar-se pelo universo, sem qualquer restrição.

Começa a descartar as coisas, os encargos que suportou a vida inteira. Pede à mulher que vá embora e leve as crianças, que se considere desquitada. O medo da repugnância e da vergonha desaparecem quando ele passa a urinar compulsivamente, mas naturalmente, no assoalho do quarto. O medo da dor, a dor dos mártires, é superado quando os cigarros queimam não deliberadamente, mas naturalmente, até o filtro, tostando-lhe os dedos até se apagarem com a água das bolhas formadas pelo próprio calor. Ao ver as feridas nas mãos do marido e a urina no chão, a esposa resolve pedir ajuda.

Mas antes que o auxílio chegue, toda a consciência de Fedro, a princípio num ritmo vagaroso e imperceptível, começa a desintegrar-se... a dissolver-se, a desvanecer-se. Depois, gradativamente, ele passa a não se importar mais com o que sucederá, porque já sabe, e derrama lágrimas pela família, por si mesmo e por este mundo. Vem agora a lembrança insistente de um velho hino cris-

tão: “Tens que atravessar o vale das sombras.” As palavras o alentam. “Tens que atravessá-lo sozinho.”

Ele cruza o vale das sombras, sai do mythos, emergindo como num sonho e percebendo que toda a sua consciência, o mythos, foi uma ilusão, um sonho dele mesmo, não de outro qualquer, um sonho que agora ele precisa alimentar com seus próprios esforços. Depois, até “ele” desaparece, e apenas o sonho de si mesmo permanece, contendo-o.

E a Qualidade, a aretê pela qual ele tanto lutara, tanto se sacrificara, que nunca havia traído, mas que também nunca havia compreendido, revela-se totalmente a ele, e dá descanso à sua alma.

Os carros agora são bem raros, e a estrada está tão preta que o farol não consegue iluminar o caminho através da chuva. Situaçãozinha mais perigosa. Pode aparecer qualquer coisa — uma vala, um derrame de óleo, um animal morto... Só que se a gente andar mais devagar, os sujeitos de trás matam a gente. Eu nem sei por que ainda estamos prosseguindo. Devíamos ter parado há muito tempo. Eu não sei mais o que estou fazendo. Estava procurando alguma placa de motel, creio eu, mas sem prestar a mínima atenção. Se ficarmos mais tempo na estrada, os motéis vão acabar fechando.

Entramos no primeiro desvio, esperando chegar a algum lugar, e logo topamos com um asfalto esburacado, cheio de valas e cascalho solto. Diminuo a marcha. As lâmpadas de sódio dos postes, acima de nós, projetam arcos oscilantes de luz alaranjada através da cortina de chuva. Passamos da luz para a sombra, da sombra para a luz, da luz para a sombra, sem encontrar abrigo em parte alguma. A esquerda, vemos um sinal de PARE, mas não há indicação do caminho a tomar.

Pode ser que a gente se perca por estas ruas sem achar droga nenhuma, nem a própria via expressa.

— Onde a gente está? — grita Chris.

— Não sei. — Minha cabeça está cansada e confusa. Não consigo encontrar a resposta certa... Nem sei o que fazer agora.

Mas de repente enxergo bem, mais adiante, uma luz branca e o letreiro luminoso de um posto de gasolina.

Está aberto. Nós estacionamos e entramos. O empregado, avaliando a idade de Chris, nos olha de um modo estranho. Ele não conhece nenhum motel por perto. Consulto a lista telefônica,

seleciono alguns nomes, digo a ele o nome das ruas e ele tenta me dar as coordenadas, mas de maneira insuficiente. Resolvo ligar para o motel que ele afirma ser o mais próximo. Faço uma reserva e confirmo as informações quanto à localização.

Naquela chuva e na escuridão das ruas, mesmo com todas as indicações quase passamos do lugar. Eles já haviam apagado as luzes e o recepcionista não diz uma palavra enquanto assino o livro de registro.

O quarto é um remanescente dos obscuros anos trinta, imundo, construído por alguém que não entendia de carpintaria, mas pelo menos é seco e tem aquecedor e camas. É tudo que nós queremos. Ligo o aquecedor, depois sentamos à frente dele, nos secamos e logo paramos de sentir calafrios e de tremer.

Chris está de olhos baixos, fitos na grade do aquecedor. Depois de um instante, pergunta:

— Quando é que a gente vai voltar pra casa?

Lá vem ele de novo.

— Quando a gente chegar a São Francisco. Por quê?

— Estou tão cansado de ficar só sentado e... — a voz dele se esvaece.

— E o quê?

— E... Sei lá. Ficar sentado... Como se no fim a gente não estivesse indo pra lugar nenhum.

— E para onde a gente devia ir?

— Sei lá. Como é que eu vou saber?

— Eu também não sei — admito.

— Mas por que é que você não sabe? — grita ele, começando a chorar.

— Que há, Chris?

Ele se cala, cobre o rosto com as mãos e fica balançando para a frente e para trás, de um modo que me assusta. Depois pára e declara:

— Quando eu era menor não era assim.

— E como era?

— Não sei. A gente sempre fazia coisas. Que eu gostava de fazer. Agora, não tenho vontade de fazer nada.

Ele se põe a balançar novamente daquele jeito esquisito, com as mãos no rosto, e eu fico sem saber o que fazer. É um balanço estranho e sobrenatural, uma introspecção fetal que parece me excluir, excluir tudo em torno. A volta para um lugar que eu não conheço... para o fundo do oceano.

Agora já sei onde vi esse balanço antes. Foi no chão do hospital.

Não sei o que fazer.

Minutos depois, deitamo-nos e tento conciliar o sono. Mas de repente pergunto ao Chris:

— Antes da gente sair de Chicago as coisas eram melhores?

— Eram.

— Como assim? Você se lembra?

— Era divertido.

— Divertido?

— É — responde ele, e depois faz uma pausa, prosseguindo a seguir: — Lembra do dia que a gente foi comprar os beliches?

— Aquilo foi divertido?

— Claro — responde ele. Fica calado um momento. Depois prossegue: — Você não lembra? Você me fez pedir informações para voltar pra casa... Você gostava de jogar com a gente. Você contava uma porção de histórias, a gente saía de moto pra fazer coisas, e agora você não faz mais nada.

— Faço, sim.

— Não, não faz! Você fica só sentado, olhando, sem fazer droga nenhuma! — Ouço o choro novamente.

Lá fora, as rajadas de chuva fustigam a janela, e sinto um peso descer sobre mim. Ele está chorando por Fedro. Está sentindo saudades dele. Era isso que aparecia no sonho. No sonho...

Por um tempo aparentemente interminável, fico a escutar os estalidos do aquecedor, o zunir do vento e o tamborilar da chuva batendo no telhado e na janela. A chuva vai diminuindo pouco a pouco, e logo só restam algumas gotas que pingam das árvores quando uma ocasional lufada de vento lhes agita os ramos.

Capítulo 31

De manhã, paro para observar uma lagarta verde que se arrasta sobre a terra. Mede cerca de 15 centímetros de comprimento, dois de espessura e tem uma consistência macia, quase elástica; é coberta por um muco, como um órgão interno de um animal qualquer.

Tudo ao redor está úmido, encharcado, enevoado, frio, mas nítido o suficiente para que eu veja que o motel onde pernoitamos se localiza numa ladeira margeada de macieiras, à sombra das quais se nota a relva e pequenas plantas silvestres, cobertas de orvalho ou apenas de chuva que não escoou. Descubro outra lagarta, depois mais outra... Nossa, aqui está "assim" de lagartas.

Quando Chris sai, mostro-lhe uma delas. Ela se move devagar, como uma lesma sobre uma folha. Ele não diz palavra.

Deixamos o motel e tomamos café numa cidade afastada da estrada, de nome Weott; Chris continua se isolando, calado, o olhar distante. Deixo-o em paz.

Mais adiante, em Leggett, encontramos um lago cheio de patos, transformado em atração turística. Compramos um pacote de cream crackers e atiramos migalhas às aves. Chris faz isso do jeito mais desanimado que eu já vi. Depois, pegamos um trecho da estrada coleante que margeia o litoral, e de repente damos com uma neblina espessa. A temperatura cai, e deduzo que voltamos ao mar.

Quando a neblina se dissipa, enxergamos o oceano, de cima de um penhasco elevado, bem distante, azul e longínquo. A medida que viajamos, vou me sentindo cada vez mais gelado.

Paramos para que eu vista o blusão. Chris se aproxima muito da beira do penhasco. Daqui até as rochas lá embaixo são pelo menos uns trinta metros. Ele está bem na beirinha do abismo!

— CHRIS! — berro eu. Ele não diz nada.

Eu me levanto, agarro-o rapidamente pela camisa e o puxo para trás, dizendo:

— Não faça isso.

Ele me olha apertando a vista, de um modo esquisito.

Apanho uns agasalhos para ele; Chris os aceita, mas, depois de hesitar um pouco, acaba não vestindo.

Não adianta apressá-lo. Quando ele está desse jeito, é melhor esperar que ele se decida.

Ele fica ali, fazendo hora. Passam-se dez, quinze minutos.

Vamos ver quem agüenta esperar mais.

Depois de trinta minutos naquele vento frio do oceano, ele pergunta:

— Para onde a gente vai?

— Para o sul, seguindo a costa.

— Vamos voltar.

— Para onde?

— Para um lugar mais quente.

Isso significa mais uns duzentos quilômetros.

— Agora a gente tem de ir para o sul — argumento eu.

— Por quê?

— Porque para voltar vamos demorar muito.

— Vamos voltar.

— Não; vista os agasalhos.

Ele não obedece, e fica sentado no chão. Depois de mais quinze minutos, repete:

— Vamos voltar!

— Chris, não é você que está pilotando a motocicleta. Sou eu. Nós vamos para o sul.

— Mas por quê?

— Porque voltar vai levar muito tempo, e porque eu já resolvi.

— Bom, mas por que é que a gente simplesmente não volta?

Aí eu me enfureço:

— Você não quer mesmo saber, não é?

— Eu quero é voltar. Mas diz só por que é que a gente não volta.

Estou fazendo o possível para me controlar.

— Você não quer voltar coisa nenhuma. Você quer é me tirar do sério, Chris. E se você insistir, vai acabar conseguindo!

Um lampejo de medo. Era o que ele queria. Quer me odiar porque eu não sou ele.

Amargurado, com o olhar baixo, Chris veste os agasalhos. Depois montamos na moto e continuamos descendo a estrada.

Eu poderia imitar o pai que ele quer ter, mas inconscientemente, ao nível da Qualidade, ele percebe que não é o seu verdadeiro pai que está ali. Em toda essa história de chautauqua há mais do que uma certa hipocrisia. Estou o tempo todo aconselhando que se evite a dualidade sujeito-objeto e, no entanto, a maior de todas as dualidades, a dualidade entre mim e ele, ainda não foi enfrentada. Uma mente dividida contra si mesma.

Mas quem terá feito isso? Eu é que não fui. E não há modo de desfazê-lo... Será que o fundo do oceano fica muito longe?

Sou um herege que se retratou e que, aos olhos dos outros, salvou a alma. Aos olhos de todos, menos de uma pessoa, que sabe que no fundo eu salvei apenas a pele.

Sobrevivo principalmente agradando aos outros. Fazemos isso para ficar em paz. Para nos livrarmos, sondamos o que os outros querem que a gente diga, dizemos aquilo com a maior habilidade e criatividade possíveis e, se eles se convencerem, deixam-nos sossegados. Se eu não tivesse falado nele, ainda estaria ali, mas ele foi fiel ao que acreditava até o fim. Essa é a diferença entre nós. Chris sabe disso. É por essa razão que às vezes acho que ele é real e eu sou o fantasma.

Estamos agora no litoral do condado de Mendocino, uma costa selvagem, bela e ampla. Os morros são quase inteiramente cobertos de capim, mas a sotavento das rochas e dobras crescem estranhos arbustos, modelados pelos ventos marítimos ascendentes. Passamos por algumas cercas de madeira, pardacentas devido às intempéries. Ao longe vê-se uma casa de fazenda, velha e desgastada. Como é possível cultivar aqui? A cerca está quebrada em vários pontos. Que tristeza.

Paramos para descansar num ponto onde a estrada despenca dos altos penhascos em direção à praia. Quando eu desligo a máquina, Chris pergunta:

— Por que estamos parando?

— Eu estou cansado.

— Pois eu, não. Vamos em frente. — Ele ainda está zangado, mas eu também estou.

— Então vai até a praia e fica lá correndo em círculos, enquanto eu durmo.

— Vamos continuar — insiste ele, mas eu me afasto, fingindo

não ouvir. Ele senta-se no meio-fio, ao lado da moto.

O cheiro da maresia aqui é muito forte, e o vento frio não convida ao repouso. Mas eu encontro um grande amontoado de rochas cinzentas, protegido do vento e ainda aquecido pelo sol. Concentro-me na quentura da luz solar, agradecido pela amenidade.

Entramos outra vez na estrada, e agora começo a perceber que ele é outro Fedro, que pensa como ele pensava e age da mesma maneira, procurando sarna para se cocar, impulsionado por forças de que mal tem consciência e que não compreende. As perguntas... As mesmas perguntas... Ele vive querendo saber de tudo.

E quando não encontra a resposta, simplesmente sai de moto por aí, até achar uma solução, que leva a outra pergunta, e aí ele anda à cata de nova resposta... Sempre procurando perguntas, sem observar, sem entender que as perguntas jamais se esgotarão. Falta alguma coisa, ele sabe disso, e é capaz de dar a vida para encontrá-la.

Fazemos uma curva fechada que nos leva a um penhasco saliente. O oceano estende-se até onde alcança a vista, frio e azul, produzindo uma estranha sensação de desespero. Os habitantes do litoral nunca compreenderão o que o oceano significa para as pessoas do interior — um sonho distante, presente mas invisível, nas camadas mais profundas do inconsciente. Quando a gente chega à beira do mar e compara as imagens conscientes ao sonho inconsciente, ocorre uma sensação de desapontamento, por termos vindo de tão longe e depararmos com um mistério que jamais poderá ser desvendado.

Bem mais tarde, chegamos a uma localidade onde uma bruma branca luminosa, que parecia tão natural sobre o oceano, agora envereda pelas ruas, emprestando-lhes uma certa aura, uma radiância nebulosa e solar que torna tudo nostálgico, como se fosse uma lembrança de anos passados.

Paramos num restaurante apinhado e nos sentamos na última mesa vazia, ao lado de uma janela que dá para a rua luminosa. Chris está calado e de olhos fixos. Talvez, de algum modo, ele sinta que já estamos no fim da jornada.

— Estou sem fome — informa ele.

— Você me espera enquanto almoço?

— Vamos embora. Eu não quero comer.

— Mas eu quero.

— Eu, não. Estou com dor de estômago. — O velho sintoma.

Eu almoço, imerso no murmúrio da conversa e no tinir dos

pratos e colheres, vindo das outras mesas. Pela janela vejo passar um ciclista. Sinto-me como se tivesse chegado ao fim do mundo.

Erguendo a vista, vejo que Chris está chorando.

— O que é, agora? — pergunto.

— Minha barriga está doendo muito.

— Só isso?

— Não. E que estou detestando esta viagem... Eu não devia ter vindo. Pensei que ia ser divertido, mas não foi... Eu preferiria ter ficado. — Ele é sincero, como Fedro. E como Fedro, ele me olha agora, cada vez com mais ódio. Chegou o momento.

— Sabe, Chris, eu andei pensando em mandar você de volta para casa, de ônibus.

Primeiro a fisionomia dele não deixa transparecer nada, mas depois denota surpresa mesclada com susto. Eu acrescento:

— Vou continuar de moto e encontro com você em casa, daqui a uma ou duas semanas. Não adianta ficar obrigando você a aproveitar suas férias de um jeito que você não gosta.

Dessa vez, eu é que fico surpreso. Ele não mostra o menor sinal de alívio. Ao contrário, fica muito mais assustado, baixa o olhar e se cala.

Parece que eu o peguei desprevenido. Ele está amedrontado. De repente, resolve olhar para mim.

— Onde é que eu ia ficar?

— Bom, você agora pode ficar na nossa casa, porque tem outras pessoas lá. Você pode ficar com a vovó e o vovô.

— Não quero ficar com eles.

— Então vá para a casa da sua tia.

— Ela não me topa. E eu também não vou com a cara dela.

— Fica com os seus outros avós, então.

— Também não quero ir para lá.

Continuo enumerando outros parentes, mas ele balança a cabeça.

— Bolas, então, com quem você quer ficar?

— Sei lá!

— Chris, acho que você pode entender o problema. Você não quer mais viajar comigo. Está detestando as férias. Mas também não quer ficar com mais ninguém, nem ir a nenhum outro lugar. Todas essas pessoas que eu mencionei, ou você não gosta delas ou elas não gostam de você.

Ele fica em silêncio, com os olhos cheios d’água.

Uma mulher da mesa vizinha está me olhando com uma cara

nada amigável. Ela abre a boca como se estivesse para dizer alguma coisa, mas eu lhe lanço um longo olhar agressivo e ela fecha a boca e torna a comer.

Chris agora resolve abrir o berreiro, e todos os outros fregueses do restaurante assistem à cena.

— Vamos dar uma volta lá fora — resolvo eu, e me levanto, sem esperar pela conta.

A garçonete da caixa comenta:

— Pena que o menino não esteja se sentindo bem...

Assentindo, pago a conta e saio com Chris.

Procuro um banco em meio à bruma luminosa, mas em vão. Subimos então na motocicleta e nos dirigimos vagarosamente para o sul, em busca de um lugar tranqüilo e solitário para estacionarmos.

A estrada nos leva novamente em direção ao oceano, subindo até uma elevação que, aparentemente, avança pelo mar, agora rodeada por densa camada de névoa. Por um instante, lá longe, vejo, num ponto onde a neblina se esgarça, algumas pessoas descansando na areia da praia. Mas logo a bruma se acentua, ocultando-as.

Ao voltar-me para Chris, noto que seu olhar é inexpressivo e intrigado, mas quando lhe peço que se sente, reaparecem um pouco da raiva e do ódio que vi nele de manhã.

— Por quê? — pergunta ele.

— A gente precisa ter uma conversa.

— Bom, então fale. — Voltou aquela velha agressividade. Ele não agüenta essa imagem do "pai bonzinho". Sabe que essa "bondade" é fingida.

— E o futuro? — pergunto eu. Que besteira.

— Que é que tem?

— Eu queria perguntar se você tem algum plano para o futuro.

— Não vou fazer nada, ora. — Ele começa a mostrar desprezo.

A neblina melhora um pouco, deixando ver o penhasco onde nos encontramos; mas depois se fecha novamente. Sinto que o que está para acontecer é inevitável. Estou sendo impelido em direção a alguma coisa, e os objetos no canto do olho agora me parecem tão nítidos quanto os que estão no foco da minha visão. Tudo está integrado, e eu continuo:

— Chris, acho que é hora da gente falar sobre umas coisas que você não sabe.

Ele começa a prestar atenção. Sente que vai acontecer alguma coisa.

— Chris, seu pai sofreu de loucura durante muito tempo. E agora está a ponto de ter outra crise.

E ela não está apenas prestes a chegar. Já chegou. O fundo do oceano.

— Não vou mandar você para casa porque estou zangado com você, mas porque tenho medo do que possa acontecer se eu continuar a cuidar de você.

Ele não muda de expressão, não consegue entender do que estou falando.

— A gente vai ter que se despedir, Chris, e não sei se a gente ainda vai tornar a se ver.

Pronto. Eu já disse o que queria. O resto vai prosseguir espontaneamente.

Ele me olha de um jeito muito esquisito. Creio que ainda não compreendeu... Esse olhar fixo... Eu já vi em algum lugar... Em algum lugar... Algum lugar....

Em meio à névoa de uma manhã, nos pântanos, certa vez apanhei um patinho, um marreco, que me fitou assim... Atirei nas asas dele, de modo que ele não pudesse mais voar, depois corri e o agarrei pelo pescoço. Antes de matá-lo, porém, detive-me e, sentindo a presença de um mistério do universo, olhei-o nos olhos, que me fitavam assim. Desse jeito tranqüilo, inexpressivo... E, no entanto, tão consciente. Aí, tapei os olhinhos dele com as mãos e torci-lhe o pescoço até senti-lo estalar entre os dedos...

Depois, abri a mão. Os olhos ainda me fixavam, mas sem ver mais nada, sem acompanhar mais meus movimentos.

— Chris, eles dizem que você está enlouquecendo também.

Ele continua me fitando.

— Que você está com a cabeça cheia de problemas.

Ele abana a cabeça.

— Esses problemas parecem reais, mas não são.

Os olhos dele se arregalam, enquanto ele nega com a cabeça, apesar de já ter compreendido.

— As coisas foram de mal a pior. Problemas na escola, problemas com os vizinhos, problemas com a família, problemas com os amigos... Problemas por todos os lados. Chris, eu era o único que ignorava esses problemas, eu dizia que você estava bem. Agora você não vai ter mais ninguém para fazer isso. Está entendendo?

Ele me fita, completamente aturdido, os olhos ainda em mo-

vimento, mas já começando a parar. Eu não o estou incentivando. Eu nunca o estimulei. Eu o estou matando.

— Não é culpa sua, Chris. Nunca foi. Entenda isso, por favor. O olhar dele de repente se volta para dentro. Ele fecha os olhos e deixa escapar um grito estranho, um lamento que parece vir de muito longe. Voltando-se, cambaleia, ajoelha-se, dobra-se, e fica balançando para a frente e para trás, até encostar a cabeça no chão. Uma brisa nevoenta toca o capim ao seu redor. Uma gaivota pousa nas proximidades.

Através da neblina, ouço o ranger das engrenagens do motor de um caminhão e fico apavorado.

— Anda, Chris, levanta daí.

O lamento é agudo e desumano, como uma sirene longínqua.

— Chris, você tem de levantar!

Ele continua se balançando e gritando ali no chão.

O que fazer agora? Não sei. Tudo está consumado. Sinto vontade de correr até a beira do penhasco, mas me contenho. Tenho primeiro que colocá-lo no ônibus; depois, posso pensar no penhasco.

Agora está tudo bem, Chris.

Essa não é a minha voz.

Eu não me esqueci de você.

Chris pára de se balançar.

Como poderia me esquecer?

Chris levanta a cabeça e me olha. Por um instante, desaparece a barreira através da qual ele sempre me olhou. Mas depois ela volta.

Agora vamos ficar juntos.

O clamor do caminhão já está bem próximo.

Agora, levante-se!

Chris endireita-se e fica me fitando. O caminhão chega, pára, o motorista olha para ver se precisamos de carona. Nego com um gesto de cabeça e faço um sinal para que ele prossiga. Ele assente e engrena o veículo, que segue, gemendo, neblina adentro. Agora estamos sós, Chris e eu.

Coloco meu blusão em torno dos ombros dele. Ele escondeu novamente a cabeça entre os joelhos e começou a chorar, só que desta vez é um choro baixo e humano, diferente daquele lamento estranho. Minhas mãos estão molhadas, minha testa também.

Depois de um instante, ele geme:

— Por que você foi embora?

Quando?

— No hospital!

Não tinha outra alternativa. A polícia não me deixou sair.

— Não?

Não.

— Bom, então por que é que você não abriu a porta?

Que porta?

— A porta de vidro!

Sinto uma espécie de choque elétrico me percorrer o corpo, vagarosamente. Que porta de vidro é essa?

— Você não lembra? — continua ele. — A gente estava de um lado e você do outro. A mamãe estava chorando.

Eu nunca lhe contei esse sonho. Como é que ele pode saber? Ah, não!

Tudo isto também é um sonho. É por isso que a minha voz está soando tão estranha.

Eu não conseguia abrir a porta. Eles me disseram para não abrir. Eu tinha de obedecer a eles.

— Pensei, que você não queria falar com a gente — diz Chris, baixando a vista.

Os olhares aterrorizados que ele me lançou estes anos todos. Agora eu me lembro da porta. Ficava dentro do hospital. É a última vez que a vejo. Eu sou Fedro, eu mesmo, e eles vão me destruir porque eu disse a Verdade.

Agora o quebra-cabeça está completo.

O choro de Chris está mais calmo, mas ele continua soluçando. A brisa marítima sopra os talos do capim à nossa volta, e a neblina começa a dissipar-se.

— Não chore, Chris. Só as crianças choram.

Depois de bastante tempo, dou-lhe um lenço para enxugar as lágrimas. Reunindo nossas coisas, carregamos a motocicleta. A neblina subitamente se desmancha, e vejo que o sol, batendo no rosto dele, alegra-lhe a fisionomia como nunca. Depois de colocar o capacete e ajustar a presilha, ele ergue os olhos.

— Você estava mesmo louco?

Por que pergunta isso?

Não!

Fico atônito, mas os olhos de Chris estão brilhando.

— Eu sabia — exulta ele.

Depois monta na moto, e voltamos à estrada.

Capítulo 32

Enquanto viajamos entre uvas-ursinas e arbustos de folhas lustrosas, evoco a expressão de Chris. “Eu sabia”, foi o que ele disse.

A motocicleta entra nas curvas sem esforço, inclinando-se de modo que nosso peso sempre exerça força sobre a máquina, seja qual for o ângulo da inclinação. O caminho está todo florido, cheio de panoramas surpreendentes, curvas e mais curvas e mais curvas fechadas, fazendo com que o mundo inteiro gire, dê piruetas, se eleve e caia em seguida.

“Eu sabia”. Agora me lembro disso, como se fosse um daqueles fatos humildes que ficam puxando a linha, e dizendo que não são tão pequenos quanto eu penso. Aquilo ficou na cabeça dele por muito tempo, anos a fio. Todos os problemas por ele causados se tornaram compreensíveis. “Eu sabia”.

Ele deve ter ouvido alguma coisa há muito tempo atrás, e, daquele seu jeito infantil, entendeu mal, misturou as bolas. Fedro vivia dizendo aquilo — eu vivia dizendo aquilo — há anos atrás, e o Chris deve ter acreditado em mim e ficou escondendo isso até agora.

Nunca entendemos totalmente a ligação que existe entre nós, talvez nem mesmo a compreendamos. Ele sempre foi a verdadeira razão pela qual eu queria sair do hospital. Deixá-lo crescer assim, sem mim, teria sido um erro terrível. Até no sonho era ele que estava sempre tentando abrir a porta.

Não sou eu que o conduzo. É ele que me conduz!

“Eu sabia”, disse ele. Isso continua puxando a linha, dizendo que o meu problema tão grande pode não ser tão grave assim, porque a resposta está debaixo do meu nariz. Pelo amor de Deus! Alivie o sofrimento dele! Ressuscite, seja gente outra vez!

O ar puro e os perfumes exóticos das flores das árvores e dos

arbustos nos envolvem. Agora que nos afastamos da costa, o frescor desapareceu, e começa a esquentar; o calor penetra-me pelo blusão e pelas roupas, secando a umidade interna. As luvas, antes escuras de tão molhadas, começam a clarear outra vez. É como se há tanto tempo eu estivesse enregelado pela umidade do oceano que tivesse esquecido como era o calor. Começo a sentir sonolência e, vendo numa ravina estreita, à frente, uma entrada e uma mesa de piquenique, resolvo desligar o motor e parar ali.

— Estou com sono — informo a Chris. — Vou puxar um ronco.

— Eu também — diz ele.

Dormimos, e, ao acordarmos, sinto que descansei como há muito não descansava. Enfio os dois blusões, meu e do Chris, sob os elásticos que prendem a bagagem à motocicleta.

Está tão quente que estou até com vontade de tirar o capacete. Aqui na Califórnia não há lei que proíba o motociclista de andar sem capacete. Eu retiro o meu e o prendo a um dos elásticos.

— Pendura o meu aí também — pede Chris.

— É mais seguro você ficar com ele.

— Mas você tirou o seu.

— Está bem — concordo, e penduro também o dele.

A estrada continua a torcer-se e a serpear por entre as árvores, subindo oscilante, descrevendo curvas fechadas e fazendo deslizar novas paisagens, uma após a outra, contornando e adentrando o arvoredo, atravessando clareiras de onde se vêem as gargantas que se estendem lá embaixo.

— Que beleza, hem!? — grito para Chris.

— Você não precisa gritar — diz ele.

— Ah, é — respondo, rindo. Sem os capacetes, pode-se conversar num tom normal. Depois de tantos dias!

— Bom, de qualquer modo, é muito bonito — digo eu.

Mais árvores, arbustos e arvoredos. O calor está aumentando. Chris agora se agarra aos meus ombros. Volto-me um pouco e vejo que ele ficou de pé nas pedaleiras.

— Isso é meio perigoso — aviso.

— Não é, não. Eu garanto.

Não há dúvida que ele garante.

— De qualquer modo, tome cuidado — recomendo eu.

Alguns momentos depois, ao entrarmos bruscamente num cotovelo sob algumas árvores pendentes, ouço-o exclamar “Epa!”, depois “Ufa!”, depois “Puxa!” Alguns desses galhos pendentes estão

tão baixos que ele vai acabar levando uma pancada na cabeça, se não tomar cuidado.

— Que é que há? — pergunto.

— Está tão diferente!

— O quê?

— Tudo! Eu antes nunca tinha espiado por cima dos seus ombros.

O sol que atravessa as copas das árvores desenha formas estranhas e belas na estrada, e vejo perpassarem luzes e sombras. Entramos numa curva, depois emergimos no sol direto.

É verdade! Eu nunca pensei nisso. Durante esse tempo todo, ele ficou olhando para as minhas costas.

— O que é que você está vendo? — pergunto.

— Tudo está diferente!

Entramos em outro arvoredo. Ele pergunta:

— Você não tem medo?

— Não, a gente se acostuma.

Depois de uns instantes, ele torna:

— Quando eu tiver idade, posso ter a minha motocicleta?

— Só se você cuidar dela direitinho.

— O que é que a gente tem de fazer?

— Um mundo de coisas. Observe como eu faço.

— Você me ensina?

— Claro.

— É difícil?

— Não, se você se portar corretamente. O difícil é comportar-se de maneira adequada.

— Ah.

Depois ele senta novamente e volta à carga:

— Papai?

— Que é?

— Será que eu vou me portar direito?

— Acho que sim — respondo. — Acho que isso para você não vai ser problema.

E assim seguimos, atravessando Ukiah, Hopland, Cloverdale, até chegarmos aos vinhedos. Agora é fácil vencer os quilômetros da via expressa. O motor que nos ajudou a cruzar metade de um continente continua zunindo, alheio a tudo, menos a suas forças internas. Passamos por Asti, Santa Rosa, Petaluma, Novato, seguindo a rodovia que agora está mais larga e movimentada, regurgitando de carros, caminhões e ônibus apinhados; logo se vêem ao longo da

estrada casas, barcos e as águas da baía.

Naturalmente, os problemas jamais deixarão de existir. A infelicidade e o infortúnio fatalmente ocorrerão em nossas vidas, mas agora sinto algo que antes não sentia, que não se localiza apenas na superfície das coisas, mas as permeia até a medula: nós vencemos. Agora tudo vai melhorar. A gente pode até garantir.